OS SUMÉRIOS

SUA HISTÓRIA, CULTURA E CARÁTER



SAMUEL NOAH KRAMER

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

OS SUMÉRIOS

SUA HISTÓRIA, CULTURA E CARÁTER



SAMUEL NOAH KRAMER

A presente obra é disponibilizada com o objetivo de oferecer conteúdo livre e gratuito para pesquisas, estudos acadêmicos e para o público em geral.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer usos comerciais do presente conteúdo.

OS SUMÉRIOS

OS SUMÉRIOS

SUA HISTÓRIA, CULTURA E CARÁTER

SAMUEL NOAH KRAMER

Tradução Anônima

Edição Original em Inglês, 1963
Edição do Tradutor, 2025

Tradução não-oficial para o português a partir do texto original:

Kramer, Samuel Noah - *The Sumerians: Their History, Culture, and Character*, The University of Chicago Press, Ltd., London, 1963.
ISBN: 0-226-45237-9 (clothbound); 0-226-45238-7 (paperbound)
Library of Congress Catalog Card Number: 63-11398

Disponibilizado em: https://isac.uchicago.edu/research/publications/misc/sumerians-their-history-culture-and-character, acesso em 21/05/2023.

Ilustração da Capa: Baixo relevo em calcário de Ur-Nanshe, Rei de Lagash. (Fonte: https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Mesopotamian-Mesopotamian/970401/Mesopotâmia:-baixo-relevo-em-calcá1rio-de-Ur-Nanshe-(Nossa-nanshe),-Rei-de-Lagash.-Período-Sumério.-De-Tello-Paris,-musee-du-Louvre---Relevo-comemorativo-para-a-construção-de-um-edifício-religioso-por-Ur-Nanshe,-Rei-de-Lagash-(Ur-Nanshe)-(Nossa-nanshe)-de.html, acesso em: 21/02/25).

Para a
UNIVERSIADE DA PENSILVANIA
E seu
MUSEU UNIVERSITÁRIO

Sumário

PREFÁCIO
I. ARQUEOLOGIA E DECIFRAMENTO
II. HISTÓRIA: Heróis, Reis e *Ensis*
III. SOCIEDADE: A Cidade Suméria
IV. RELIGIÃO: Teologia, Rito e Mito
V. LITERATURA: As *Belles-Lettres* Sumérias
VI. EDUCAÇÃO: A Escola Suméria
VII. CARÁTER: Impulsos, Motivos e Valores
VIII. O LEGADO DA SUMÉRIA
APÊNDICES
A. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA CUNEIFORME DE ESCRITA
B. A LÍNGUA SUMÉRIA
C. INSCRIÇÕES VOTIVAS
D. AMOSTRA DE FORMULAS DE DATA
E. LISTA DOS REIS SUMÉRIOS
F. CARTAS
G. *DITILLAS* (Decisões Judiciais)
H. CÓDIGO DE LEIS DE LIPIT-ISHTAR
I. ALMANAQUE DO AGRICULTOR
BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

Ilustrações

FIGURAS (*)

Mapa 1 — Mapa do Antigo Oriente Próximo

Mapa 2 — Mapa das principais cidades da Suméria

Fig. 1 — Sinais Numéricos Sumérios

Fig. 2 — Texto matemático de Fara

Fig. 3 — Ferramentas, implementos e embarcações conforme representados nos primeiros pictogramas.

Fig. 4 — Medidas sumérias e seus equivalentes

Fig. 5 — Extrato de um vocabulário sumério-acadiano

Fig. 6 — Origem e desenvolvimento do sistema cuneiforme de escrita.

(*) Observações: (1) Para melhor compreensão do leitor o mapa da versão original em inglês foi substituído por dois mapas, mais recentes e de melhor visualização, disponíveis na internet. (2) As figuras foram deixadas como no original em inglês, pois a qualidade da cópia do texto original conforme disponibilizado não permite uma visualização adequada e também uma tradução por sobre o texto original. (N.T.)

FOTOGRAFIAS (**)

Foto 1 — O zigurate de Eridu
Foto 2 — Ur-Nanshe, rei de Lagash
Foto 3 — Estela dos Abutres
Foto 4 — Estátua de Ur-Nammu
Foto 5 — Gudea, ensi de Lagash
Foto 6 — Mapa da cidade de Nippur
Foto 7 — Cópia manuscrita do mapa da cidade de Nippur
Foto 8 — Estela de Ur-Nammu
Foto 9 — Tabuleta médica
Foto 10 — Estátua feminina
Foto 11 — Estatueta barbada de Khafaje
Foto 12 — Cabeça de touro
Foto 13 — Diadema da rainha Shubad
Foto 14 — Taça canelada e vaso de ouro com bico
Foto 15 — Condutor e carruagem puxada por quatro jumentos
Foto 16 — Almanaque do agricultor
Foto 17 — Baixo-relevo de várias atividades de laticínios
Foto 18 — Cena mitológica em selo cilíndrico
Foto 19 — Catálogo literário
Foto 20 — A criação do homem
Foto 21 — Texto gramatical de Nippur
Foto 22 — Casal sentado
Foto 23 — Lista dos reis sumérios

(**) Observação: devido a qualidade da cópia do texto original conforme disponibilizado a maioria das fotos do original em inglês foram substituídas por outras encontradas na internet, de melhor qualidade e em muitas vezes em cores, e as descrições das respectivas fotos foram atualizadas conforme as fontes consultadas. (N.T.)

Nota do Tradutor

O tradutor gostaria, antes de mais nada, se desculpar ao leitor por quaisquer erros de tradução ou equívocos de interpretação do material aqui traduzido, pois não é um erudito com formação em língua estrangeira, em particular o inglês, nem acadêmico com conhecimento formal em história. Todavia, é um leigo aficionado por mitologias em geral e por história antiga e que teve interesse em entender o conteúdo da presente obra. Na falta deste material em português, pois a única fonte é um livro publicado em Portugal, cuja edição se encontra esgotada e disponível apenas em poucas bibliotecas as quais o tradutor não teve acesso, este teve a iniciativa de traduzir ele próprio a presente obra com os recursos hoje disponíveis na internet, como tradutores e dicionários *on-line*. As fontes de consulta para auxílio da tradução foram:

Tradutores:

1. Google Tradutor: https://translate.google.com/
2. DeepL: https://www.deepl.com/translator/

Dicionários inglês-Português:

1. Linguee: https://www.linguee.com.br/
2. WordReference: https://www.wordreference.com/enpt/

Dicionários de inglês:

1. Merriam-Webster: https://www.merriam-webster.com/
2. Collins Dictionary: https://www.collinsdictionary.com/pt/

Além das fontes citadas, outras fontes de consulta foram usadas para esclarecimento do texto e são apresentadas nas notas de rodapé.

PREFÁCIO

O ano de 1956 viu a publicação do meu livro *From the Tablets of Sumer*, revisado, reimpresso e traduzido para vários idiomas sob o título *History Begins at Sumer*[1](A História Começa na Suméria). Consistia em vinte e tantos ensaios díspares unidos por um tema comum — os "primeiros" registros da história e da cultura do homem. O livro não tratava da história política do povo sumério ou da natureza de suas instituições sociais e econômicas, nem dava ao leitor qualquer ideia da maneira e método pelos quais os sumérios e sua língua foram descobertos e "ressuscitados". É principalmente para preencher essas lacunas que o presente livro foi concebido e composto.

O primeiro capítulo tem caráter introdutório; ele esboça brevemente os esforços arqueológicos e acadêmicos que levaram à decifração da escrita cuneiforme, com referência especial aos sumérios e sua língua, e o faz de uma forma que, espera-se, o leigo interessado possa seguir com compreensão e discernimento.

O segundo capítulo trata da história da Suméria desde os dias pré-históricos do quinto milênio até o início do segundo milênio a.C., quando os sumérios deixaram de existir como uma entidade política. Até onde sei, ele apresenta o tratamento mais completo e detalhado da história política da Suméria disponível até o momento. Devido ao caráter fragmentário, evasivo e, às vezes, longe de ser confiável das fontes, muitas das declarações neste capítulo são baseadas em conjecturas e suposições, e podem acabar sendo verdadeiras apenas em parte ou mesmo totalmente falsas. Para ajudar o leitor a fazer seus próprios julgamentos e decisões nos casos mais cruciais e duvidosos, os vários tipos de material de origem à disposição do estudioso são delineados e

avaliados no início do capítulo e suas deficiências, desvantagens e armadilhas apontadas.

O terceiro capítulo trata dos aspectos sociais, econômicos, legais e tecnológicos da vida urbana suméria. Por mais superficial que seja, devido à relativa escassez e obscuridade das fontes pertinentes, dificilmente poderia ter sido escrito se não fosse pelas contribuições muito recentes de Diakonoff, Falkenstein e Civil, os três acadêmicos que tanto fizeram para iluminar um aspecto ou outro desta área de pesquisa.

Os capítulos IV e V tratam da religião e literatura sumérias, as duas áreas da cultura suméria às quais dediquei quase toda a minha carreira acadêmica. Embora incluam, portanto, muito do que é encontrado em minhas publicações anteriores, esses capítulos fornecem uma pesquisa mais completa e abrangente do material disponível do que até agora foi possível, sem mencionar as inúmeras adições e correções que são introduzidas nas traduções citadas.

Os capítulos VI e VII, relacionados à educação e ao caráter sumérios, são meus próprios "favoritos", se é que um autor pode ter favoritos. Aqui estão dois aspectos da cultura suméria dos quais praticamente nada era conhecido até bem recentemente, mas que, como os dois capítulos mostram, agora podem ser esboçados e tratados em detalhes consideráveis. No capítulo sobre educação, por exemplo, serão encontrados quatro ensaios sumérios que tratam da vida escolar, que eram quase totalmente desconhecidos há apenas quinze anos. O capítulo VII tenta uma abordagem comparativamente nova nos estudos orientais: ele tenta isolar, analisar e avaliar os motivos e impulsos internos que ajudaram a criar — e destruir — a civilização suméria.

O Capítulo VIII esboça o que pode ser chamado de "legado" da Suméria para o mundo e sua cultura. Começando com uma revisão do dar-e-receber entre os sumérios e os outros povos do antigo Oriente Próximo, ele continua com um resumo de algumas das facetas mais óbvias da vida moderna que podem remontar às raízes sumérias. Ele conclui com um esboço de uma série de ideias teológicas, éticas e literárias dos sumérios que parecem ter seus paralelos na Bíblia — o livro que desempenhou um papel tão importante na cultura ocidental —

e que apontam para uma conexão muito mais íntima entre os antigos hebreus e sumérios que se suspeitava.

Finalmente, há os Apêndices, especialmente preparados para aqueles leitores que preferem ir às fontes originais sempre que possível; eles incluem traduções de vários dos documentos mais importantes utilizados no capítulo sobre história, bem como vários itens diversos que são de interesse especial para um livro sobre Suméria e os sumérios.

A obra é dedicada à Universidade da Pensilvânia e seu Museu Universitário. Isso pode parecer um tanto incomum e pouco ortodoxo, mas o fato é que, se não fosse por essas duas instituições, este livro nunca poderia ter sido escrito. Não apenas a administração e o corpo docente da universidade encorajaram minhas pesquisas de todas as maneiras, apesar de seu caráter bastante remoto e esotérico, mas o Museu Universitário[2] e sua Coleção Babilônica me forneceram muito do material de fonte original no qual este livro se baseia. A dedicatória a essas duas instituições é, portanto, apenas um símbolo de minha profunda e sincera gratidão a todos os indivíduos conectados a elas que, de uma forma ou de outra, foram úteis para mim e minha pesquisa sumerológica ao longo dos anos.

Também desejo expressar meus agradecimentos ao Departamento de Antiguidades da República da Turquia e ao Diretor do Museu Arqueológico de Istambul por generosamente tornar possível para mim utilizar as tabuletas literárias sumérias no Museu do Antigo Oriente de Istambul. Às duas curadoras da coleção de tabuletas deste museu, Muazzez Çığ e Hatice Kizilyay, sou particularmente grato por sua cooperação implacável e desinteressada, que tem sido tão frutífera para a pesquisa sumerológica. Também sou profundamente grato à Diretoria de Antiguidades da República do Iraque por sua generosa cooperação em inúmeras ocasiões. Tenho uma dívida de gratidão muito especial com a Universidade Friedrich-Schiller de Jena, na Alemanha Oriental, que tornou possível para mim estudar as tabuletas literárias sumérias na Coleção Hilprecht, em cooperação com sua curadora assistente Inez Bernhardt. A Cyril J. Gadd, ex-membro do Museu Britânico, agora professor emérito da Escola de Estudos Orientais e Africanos, desejo

expressar meus agradecimentos por generosamente colocar à minha disposição suas cópias dos documentos literários sumérios de Ur, aos quais ele dedicou tanto tempo e esforço. Finalmente, agradecimentos à Academia de Ciências da U.R.S.S. e ao Museu Pushkin por tornarem possível o estudo e a publicação de uma tabuleta inscrita com duas elegias sumérias.

Ao *American Council of Learned Societies*, agradeço de coração pela minha primeira bolsa, que me permitiu ir ao Iraque em 1929-30. À *John Simon Guggenheim Memorial Foundation* e à *American Philosophical Society*, desejo enfatizar, como fiz em outros escritos, a dívida muito especial que tenho; eles foram "amigos em necessidade" durante um período crucial da minha carreira acadêmica. E esta é uma oportunidade adequada para mencionar minha dívida com William Foxwell Albright, que falou calorosamente de minhas pesquisas — ainda em seus estágios iniciais — à *American Philosophical Society*, embora ele e eu nunca tivéssemos nos conhecido pessoalmente. Nos últimos anos, a *Bollingen Foundation* tem sido muito generosa com uma série de bolsas que me permitiram obter pelo menos um mínimo de assistência científica e clerical. A *Barth Foundation* também foi de alguma ajuda a esse respeito; forneceu uma bolsa que me permitiu trabalhar por um tempo na Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller.

Deixe-me encerrar expressando meus agradecimentos ao meu antigo assistente, Edmund Gordon, cujas excelentes pesquisas em literatura de sabedoria suméria estavam disponíveis antes e durante sua publicação, e a Miguel Civil, meu antigo assistente, que disponibilizou suas pesquisas em lexicografia, medicina e tecnologia sumérias. Jane Heimerdinger, uma assistente de pesquisa no Museu da Universidade, que ajudou de várias maneiras na preparação do manuscrito e seu arranjo. E meus agradecimentos muito especiais a Gertrude Silver, uma digitadora ágil e experiente que exemplifica o provérbio sumério: "Um escriba cuja mão se move tão rápido quanto a boca, esse é um escriba para você."



Mapa 1 — Mapa do Antigo Oriente Próximo[3]



Mapa 2 — Mapa das principais cidades da Suméria[4]
(As cidades em vermelho são as da "Lista dos Reis Sumérios")

CAPÍTULO I

I. ARQUEOLOGIA E DECIFRAMENTO

A Suméria, a terra que veio a ser conhecida nos tempos clássicos como Babilônia, consiste na metade inferior da Mesopotâmia, aproximadamente idêntica ao Iraque moderno, do norte de Bagdá ao Golfo Pérsico. Tem uma área de aproximadamente 10.000 milhas quadradas (equivalente a 25.900 km^2), um pouco maior que o estado de Massachusetts (ou o estado de Alagoas no Brasil)[5]. Seu clima é extremamente quente e seco, e seu solo, deixado por si só, é árido, varrido pelo vento e improdutivo. A terra é plana e formada por rios e, portanto, não tem minerais e quase nenhuma pedra. Exceto pelos enormes juncos nos pântanos, não havia árvores para madeira. Aqui, então, estava uma região com "a mão de Deus contra ela", uma terra pouco promissora aparentemente condenada à pobreza e à desolação. Mas o povo que a habitava, os sumérios, como passaram a ser conhecidos por volta do terceiro milênio a.C., eram dotados de um intelecto extraordinariamente criativo e um espírito aventureiro e resoluto. Apesar das desvantagens naturais da terra, eles transformaram a Suméria em um verdadeiro Jardim do Éden e desenvolveram o que provavelmente foi a primeira grande civilização na história do homem.

O povo da Suméria tinha um talento incomum para invenções tecnológicas. Até mesmo os primeiros colonos tiveram a ideia da irrigação, o que lhes possibilitou coletar e canalizar o rico transbordamento carregado de lodo dos rios Tigre e Eufrates e usá-lo para regar e frutificar seus campos e jardins. Para compensar a escassez de minerais e pedras, eles aprenderam a assar a argila e a lama do rio, cujo suprimento era praticamente inesgotável, e transformá-las em

foices, potes, pratos e jarros. Em vez da escassa madeira de construção, eles cortavam e secavam os enormes e abundantes juncos do pântano, amarravam-nos em feixes ou trançavam-nos em esteiras e, com a ajuda de reboco de lama, os transformavam em cabanas e estábulos. Mais tarde, os sumérios inventaram o molde de tijolos para moldar e assar a onipresente argila do rio e, assim, não tiveram mais problemas com materiais de construção. Eles criaram ferramentas, habilidades e técnicas úteis como a roda de oleiro, a roda de carroça, o arado, o veleiro, o arco, a abóbada, a cúpula, a fundição em cobre e bronze, a rebitagem, a brasagem e a soldagem, a escultura em pedra, a gravura e a incrustação. Eles originaram um sistema de escrita em argila, que foi emprestado e usado em todo o Oriente Próximo por cerca de dois mil anos. Quase tudo o que sabemos sobre a história inicial da Ásia Ocidental vem dos milhares de documentos de argila inscritos na escrita cuneiforme desenvolvida pelos sumérios e escavados por arqueólogos nos últimos cento e vinte e cinco anos.

Os sumérios eram notáveis não apenas por seu progresso material e engenhosidade tecnológica, mas também por suas ideias, ideais e valores. Clarividentes, equilibrados, eles tinham uma visão pragmática da vida e, dentro dos limites de seus recursos intelectuais, raramente confundiam fato com fantasia, desejo com realização ou mistério com mistificação. No decorrer dos séculos, os sábios sumérios desenvolveram uma fé e um credo que, em certo sentido, “davam aos deuses o que era dos deuses” e reconheciam e aceitavam como inevitáveis limitações mortais, especialmente o desamparo diante da morte e da ira divina. No lado material, eles valorizavam muito a riqueza e as posses, as colheitas ricas, os celeiros bem abastecidos, os currais e estábulos cheios de gado, a caça bem-sucedida na planície e a boa pesca no mar. Espiritual e psicologicamente, eles davam grande ênfase à ambição e ao sucesso, à proeminência e ao prestígio, à honra e ao reconhecimento. O sumério era profundamente consciente de seus direitos pessoais e se ressentia de qualquer invasão deles, fosse por seu rei, seu superior ou seu igual. Não é de se admirar que os sumérios tenham sido os primeiros a compilar leis e códigos de leis, a colocar tudo em “preto e branco” para evitar mal-entendidos, deturpações e arbitrariedades.

Embora os sumérios tenham dado um alto valor ao indivíduo e suas realizações, havia um fator primordial que fomentava um forte espírito de cooperação entre indivíduos e comunidades: a dependência completa da Suméria da irrigação para seu bem-estar — na verdade, para sua própria existência. A irrigação é um processo complicado que requer esforço e organização comunitários.

Canais tinham que ser cavados e mantidos em constante reparo. A água tinha que ser dividida equitativamente entre todos os envolvidos. Para garantir isso, um poder mais forte do que o proprietário individual ou mesmo a comunidade era obrigatório: daí o crescimento das instituições governamentais e a ascensão do estado sumério. E como a Suméria, por causa da fertilidade do solo irrigado, produzia um vasto excedente de grãos, mas praticamente não tinha metais e muito pouca pedra e madeira, o estado foi forçado a obter o material essencial para sua economia por meio do comércio ou da força militar. Assim, no terceiro milênio a.C., há boas razões para acreditar que a cultura e a civilização sumérias haviam penetrado, pelo menos até certo ponto, tão a leste quanto a Índia e tão a oeste quanto o Mediterrâneo, tão ao sul quanto a antiga Etiópia e tão ao norte quanto o mar Cáspio.

Com certeza, tudo isso foi há cinco mil anos e pode parecer de pouca relevância para o estudo do homem e da cultura modernos. Mas o fato é que a terra da Suméria testemunhou a origem de mais de uma característica significativa da civilização atual. Seja ele filósofo ou professor, historiador ou poeta, advogado ou reformador, estadista ou político, arquiteto ou escultor, é provável que o homem moderno encontre seu protótipo e contraparte na antiga Suméria. É certo que a origem suméria do descendente moderno não pode mais ser rastreada com objetividade ou certeza: os caminhos da difusão cultural são múltiplos, intrincados e complexos, e seu toque mágico é sutil e evanescente. Mesmo assim, ainda é aparente em uma lei mosaica e um provérbio salomônico, nas lágrimas de Jó e um lamento de Jerusalém, no triste conto do homem-deus moribundo, em uma cosmogonia hesiódica e um mito hindu, em uma fábula esópica e um teorema euclidiano, em um signo zodiacal e um desenho heráldico, no peso de uma *mina*, no grau de um ângulo, na escrita de um número. É a história,

a estrutura social, as ideias religiosas, as práticas educacionais, as criações literárias e as motivações de valor da civilização criada na antiga Suméria que serão brevemente esboçadas nas páginas seguintes. Primeiro, no entanto, uma breve revisão introdutória da "ressurreição" arqueológica dos sumérios e sua cultura e da decifração de sua escrita e linguagem.

Notavelmente, menos de um século atrás não só não se sabia nada sobre a cultura suméria; a própria existência de um povo e língua sumérios era insuspeita. Os estudiosos e arqueólogos que há algumas centenas de anos começaram a escavar na Mesopotâmia não estavam procurando por sumérios, mas por assírios; essas eram as pessoas sobre as quais eles tinham informações consideráveis, embora longe de serem precisas, de fontes gregas e hebraicas. No caso dos sumérios, no entanto, não havia nenhum traço reconhecível da terra, ou de seu povo e língua, em toda a literatura bíblica, clássica e pós-clássica disponível (ou pelo menos assim se pensava; ver o Capítulo VIII sobre a possibilidade de que Suméria seja mencionada na Bíblia sob uma forma ligeiramente diferente). O próprio nome Suméria foi apagado da mente e da memória do homem por mais de dois mil anos. A descoberta dos sumérios e de sua língua foi completamente imprevista e veio de forma bastante inesperada, e esse detalhe irrelevante levou a controvérsias que foram responsáveis, até certo ponto, pelo progresso lento e problemático da pesquisa sumerológica.

A decifração do sumério na verdade ocorreu por meio da decifração do acadiano semítico, conhecido antigamente como assírio ou babilônico, que, como o sumério, é escrito em escrita cuneiforme. E para o acadiano, por sua vez, a chave foi encontrada no persa antigo, uma língua indo-europeia falada pelos persas e medos que governaram o Irã durante grande parte do primeiro milênio a.C.; pois alguns dos governantes da dinastia persa Aquemênida — o nome remonta a Aquemênides, o fundador da dinastia que viveu por volta de 700 a.C. — acharam político ter suas inscrições cuneiformes escritas em três línguas: persa, sua própria língua materna; elamita, uma língua aglutinante falada pelos nativos do oeste do Irã, que eles conquistaram e subjugaram; e acadiano, a língua semítica falada pelos babilônios e

assírios. Este grupo de inscrições cuneiformes trilíngues, que era aproximadamente a contrapartida da pedra de Roseta egípcia, não veio do Iraque, mas do Irã, embora seja o Iraque o lar da escrita cuneiforme. E isso nos leva à história das explorações e escavações que levaram à decifração da escrita cuneiforme e à redescoberta das civilizações mesopotâmicas. Aqui será esboçado apenas brevemente — foi contado repetidamente e em detalhes durante as últimas décadas (veja Bibliografia para obras específicas) — a fim de dar ao leitor pelo menos um vislumbre do quadro como um todo e, ao mesmo tempo, fazer um respeitoso e grato agradecimento àqueles exploradores, escavadores e sábios de poltrona há muito mortos que, sem saber e sem querer, e cada um à sua maneira, ajudaram a tornar possível a escrita de um livro sobre os sumérios.

A ressurreição dos povos assírios, babilônicos e sumérios, há muito enterrados sob seus montes desolados, ou Tells, é uma conquista eloquente e magnífica da erudição e do humanismo do século XIX. Na verdade, houve relatos isolados de antigas ruínas mesopotâmicas nos séculos anteriores. De fato, já no século XII, um rabino de Tudela, no reino de Navarra, chamado Benjamin, filho de Jonas, visitou os judeus de Mosul e identificou corretamente as ruínas nas proximidades daquela cidade como as da antiga Nínive, embora seu relato não tenha sido publicado até o século XVI. Por outro lado, a identificação da Babilônia não foi feita até 1616, quando o romano Pietro della Valle visitou os montes nas proximidades da moderna Hilla. Este viajante de olhos afiados não só fez uma descrição notável das ruínas da Babilônia, mas também trouxe de volta para a Europa tijolos inscritos que ele havia encontrado lá e no monte agora chamado pelos árabes de Tal al Muqayyar, “o monte de piche” que cobre as ruínas da antiga Ur; e foi assim que os primeiros exemplos de escrita cuneiforme chegaram à Europa.

Ao longo do resto do século XVII e da maior parte do século XVIII, vários viajantes, cada um com uma ideia diferente quanto à identificação das várias localidades e ruínas, viajaram para a Mesopotâmia, todos tentando encaixar o que viam no quadro de referência bíblico. Entre 1761 e 1767, ocorreu uma das mais valiosas

dessas expedições, a de Carsten Niebuhr, um matemático dinamarquês que, além de copiar em Persépolis as inscrições que levaram à decifração da escrita cuneiforme, foi o primeiro a dar a seus contemporâneos uma ideia concreta das ruínas de Nínive com a ajuda de esboços e desenhos. Poucos anos depois, o botânico francês A. Michaux vendeu à *Bibliothèque Nationale em Paris* uma pedra de fronteira encontrada perto de Ctesiphon, ao sul de Bagdá, que provou ser a primeira inscrição realmente valiosa a chegar à Europa. Algumas traduções absurdas foram feitas dessa inscrição simples, que na verdade contém a maldição usual contra qualquer um que perturbasse o marcador de fronteira; uma delas, por exemplo, dizia o seguinte: "O exército do céu nos regará com vinagre para nos dar os remédios certos para efetuar nossa cura".

Mais ou menos na mesma época, Abbé Beauchamp, vigário-geral em Bagdá e correspondente da Academia de Ciências, fazia observações cuidadosas e precisas do que via ao seu redor, particularmente nas ruínas da Babilônia; na verdade, ele fez a primeira escavação arqueológica conhecida na Mesopotâmia, empregando alguns trabalhadores nativos sob a liderança de um mestre pedreiro, relacionada a uma escultura agora geralmente conhecida como o "Leão da Babilônia", que ainda pode ser vista lá pelos turistas de hoje. Ele foi o primeiro a descrever partes do Portão de Ishtar, uma bela réplica da qual agora pode ser vista na Seção do Oriente Próximo do Museu de Berlim; ele também menciona ter encontrado cilindros sólidos cobertos com escritos minuciosos que ele achava que se assemelhavam às inscrições de Persépolis. As memórias de suas viagens, publicadas em 1790, foram traduzidas quase imediatamente para o inglês e o alemão e criaram uma grande sensação no mundo acadêmico.

Uma das consequências da faísca acesa por Abbé Beauchamp foi que a Companhia das Índias Orientais em Londres autorizou seus agentes em Bagdá a fazer alguma prospecção e reconhecimento arqueológico. E assim, em 1811, encontramos Claudius James Rich, um residente da Companhia das Índias Orientais em Bagdá, examinando e mapeando as ruínas da Babilônia e até mesmo escavando brevemente partes delas. Cerca de nove anos depois, Rich apareceu em Mosul, onde

esboçou e investigou os grandes montes da antiga Nínive. Ele coletou muitas tabuletas inscritas, tijolos, pedras de fronteira e cilindros, entre eles os famosos cilindros de Nabucodonosor e Senaqueribe, cuidadosamente copiados por seu secretário Carl Bellino e enviados ao epigrafista Grotefend para decifração. A coleção de Rich formou o núcleo para a vasta coleção de antiguidades mesopotâmicas agora no Museu Britânico.

Rich morreu em 1821 aos trinta e quatro anos, mas suas duas memórias sobre as ruínas da Babilônia com seu material tipográfico e inscricional sobreviveram e podem ser consideradas como o marco do nascimento da assiriologia e dos estudos cuneiformes relacionados. Ele foi seguido por Robert Ker Porter, que fez reproduções artísticas precisas de várias ruínas da Mesopotâmia, bem como um plano de toda a área das ruínas da Babilônia. Em 1828, Robert Mignan escavou brevemente nas ruínas da Babilônia, onde Rich havia escavado em 1811; ele empregou até trinta homens e limpou uma área de doze pés quadrados (1,1 m^2) a uma profundidade de vinte pés (6,1 metros); ele foi o primeiro a escavar um cilindro inscrito. Finalmente, na década de 1830, dois ingleses, J. Baillie Fraser e William F. Ainsworth, visitaram vários locais no sul da Mesopotâmia; no entanto, eles não tinham a mínima ideia de que eram parte da antiga Suméria.

Agora chegamos às grandes e mais ou menos sistemáticas escavações no Iraque que começaram em 1842 com a de Paul Emile Botta, o cônsul francês em Mosul, e continuaram, com inúmeras interrupções, até hoje. As primeiras dessas escavações foram conduzidas no norte da Mesopotâmia, na terra comumente conhecida como Assíria, e os milhares de documentos desenterrados lá foram escritos na língua acadiana. Mas isso não era conhecido na época em que foram escavados pela primeira vez; tudo o que se podia dizer era que a escrita se assemelhava à da terceira "classe" das inscrições trilíngues que foram encontradas no Irã, principalmente em Persépolis e seus arredores. Em Persépolis, as ruínas de um magnífico palácio ainda estavam de pé, com um grande número de colunas altas e bonitas ainda no lugar e monumentos esculpidos de vários tipos espalhados. Ao redor da cidade havia tumbas magnificamente decoradas, escavadas nas rochas. Muitos

dos monumentos persepolitanos eram cobertos com uma escrita que, no final do século XVIII, foi reconhecida como semelhante às inscrições nos tijolos da Babilônia. Além disso, em meados do século XIX, uma das inscrições nos trilíngues foi decifrada e forneceu um conjunto de nomes próprios que poderiam ser usados para decifrar a terceira das inscrições, o que por sua vez tornou possível ler as tabuletas "assírias" escavadas no Iraque. Para acompanhar esse processo de decifração do acadiano, portanto, devemos primeiro ter alguma ideia da decifração da primeira classe de inscrições no trilíngue persepolitano e da natureza das informações que ela forneceu.

As ruínas de Persépolis se tornaram conhecidas no mundo europeu no século XVI, quando o itinerário do embaixador veneziano na Pérsia, Geosofat Barbaros — no qual ele fala delas com admiração — foi publicado em Veneza em 1543. A escrita nos monumentos foi mencionada pela primeira vez por Antonio de Goueca, o primeiro embaixador da Espanha e Portugal na Pérsia, em seu livro publicado em Lisboa em 1611, e descrito por ele como sendo diferente daquela dos persas, árabes, armênios e judeus. Seu sucessor, Don Garcia Silva Figueroa, em um livro publicado em Antuérpia em 1620, foi o primeiro a identificar as ruínas de Persépolis, usando uma descrição de Diodorus Siculus, como o palácio do governante aquemênida Dario. Ele também menciona a escrita nos monumentos, dizendo que ela é diferente da caldeia, hebraica, árabe e grega, e descrevendo-a como longa e triangular, em forma de pirâmide, e os caracteres como não diferindo uns dos outros, exceto em sua posição.

Em uma carta datada de 21 de outubro de 1621, Pietro della Valle declarou que havia pesquisado as ruínas de Persépolis e até mesmo feito uma cópia — embora incorreta — de cinco dos caracteres nas inscrições, e sugeriu que as inscrições fossem lidas da esquerda para a direita. Em 1673, o jovem artista francês André Daulier Deslandes publicou a primeira gravura precisa do palácio de Persépolis, mas copiou apenas três dos caracteres nas inscrições e os colocou em sua gravura de uma maneira que tendia a dar a impressão de que a escrita era meramente decorativa, uma teoria amplamente mantida durante o século XVIII. Em 1677, Sir Thomas Herbert, um inglês que havia

servido o embaixador britânico na Pérsia cerca de cinquenta anos antes, publicou uma cópia bastante ruim do que era aparentemente uma passagem de três linhas, que acabou sendo uma composição de linhas de inscrições totalmente diferentes. Sua caracterização da escrita não é desprovida de interesse histórico: “Os caracteres são de uma forma estranha e incomum; nem como letras nem hieróglifos; sim, tão longe de decifrá-los que não conseguimos fazer nenhum julgamento positivo se eram palavras ou caracteres; embora eu prefira a primeira opção, e que eles correspondam a palavras ou sílabas, como na braquigrafia ou na escrita curta que praticamos familiarmente.”

Em 1693, foi publicada uma cópia de uma inscrição de duas linhas de Persépolis consistindo de vinte caracteres, que havia sido feita por Samuel Flower, um agente da Companhia das Índias Orientais. Isso foi considerado uma inscrição genuína, embora na verdade consistisse em vinte e três sinais separados selecionados de várias inscrições, um erro que causou muita confusão e frustração para aqueles que tentavam decifrar a escrita. Em 1700, a escrita recebeu pela primeira vez sua denominação de “cuneiforme”, que se manteve desde então, de Thomas Hyde, que escreveu um livro sobre a história da religião dos antigos persas no qual reproduziu a inscrição de Flower e descreveu os caracteres como “cuneiformes”; infelizmente, ele não acreditava que os sinais tinham a intenção de transmitir uma fala significativa, mas sim de servir como decorações e ornamentos.

A primeira inscrição completa de Persépolis não foi publicada até 1711, sendo o autor Jean Chardin, um cidadão inglês naturalizado que visitou Persépolis três vezes durante sua juventude. Três anos depois, cópias bastante precisas de três inscrições trilíngues foram publicadas por Carneille Lebrun. Mas foi o dinamarquês Carsten Niebuhr que abriu caminho para a decifração das inscrições persas. Em 1778, ele publicou cópias cuidadosas e precisas de três inscrições trilíngues de Persépolis; ele mostrou que elas foram escritas da esquerda para a direita, que cada uma das três inscrições continha três tipos diferentes de escrita cuneiforme, que ele rotulou de “Classe I”, “Classe II” e “Classe III” e, finalmente, que “Classe I” representava um método alfabético de escrita, uma vez que continha apenas quarenta e dois sinais de acordo com sua

tabulação. Infelizmente, ele era da opinião de que as três classes de escrita não representavam três línguas diferentes, mas eram usadas para escrever a mesma língua em três formas diferentes. Em 1798, Friedrich Munter, outro dinamarquês, fez a observação importantíssima de que a Classe I de Niebuhr era uma escrita alfabética, enquanto as Classes II e III eram respectivamente silábicas e ideográficas; e que cada classe representava uma língua diferente, bem como uma forma diferente de escrita.

Assim, a base para a decifração estava agora à mão: havia cópias precisas de uma série de inscrições, cada uma das quais continha três tipos diferentes de escrita cuneiforme representando três línguas diferentes; além disso, a primeira das três classes em cada inscrição foi corretamente reconhecida como sendo de caráter alfabético. Mas a decifração em si levou quase meio século, e provavelmente teria sido completamente impossível se não fosse por dois estudiosos que fizeram contribuições significativas, embora involuntárias, ao processo ao publicar estudos que, embora não se preocupassem de forma alguma com as inscrições cuneiformes de Persépolis, provaram ser uma ajuda fundamental para os decifradores. Um dos estudiosos foi o francês A. H. Anquetil-Duperron, que passou muito tempo na Índia coletando manuscritos do Avesta, o livro sagrado do zoroastrismo, e aprendendo a ler e interpretar o persa antigo, a língua em que foi escrito. Suas publicações relevantes apareceram em 1768 e 1771, e deram àqueles que tentavam decifrar as inscrições cuneiformes de Persépolis alguma ideia do persa antigo, que provou ser muito útil para a decifração da Classe I dos trilíngues uma vez que foi postulado — por causa de sua posição proeminente nas inscrições — que era persa antigo. O outro estudioso foi A. I. Silvestre de Sacy, que em 1793 publicou uma tradução das inscrições Pahlavi encontradas nos arredores de Persépolis, que embora datando séculos depois das inscrições cuneiformes de Persépolis, revelou um padrão mais ou menos convencional que pode ser assumido também como subentendido nos monumentos anteriores; esse padrão era: X, grande rei, rei dos reis, rei de . . . , filho de Y, grande rei, rei dos reis . . . .

Voltando agora para a decifração real das inscrições de Persépolis, a primeira tentativa séria foi feita por Oluf Gerhard Tychsen, que ao estudar a primeira classe identificou corretamente quatro dos caracteres, reconheceu um dos sinais que ocorriam com frequência como um divisor de palavras — o que tornou possível estabelecer o início e o fim de cada palavra — e fez várias outras observações perspicazes. Mas ele erroneamente assumiu que as inscrições datavam da dinastia parta, mais de meio milênio depois de sua data verdadeira, e suas traduções eram pura suposição e estavam completamente erradas.

Tychsen publicou seus resultados em 1798. No mesmo ano, Friedrich Munter de Copenhague submeteu dois artigos à Sociedade Real Dinamarquesa de Ciências provando que os documentos de Persépolis pertencem à dinastia aquemênida, um fato que foi de fundamental importância para a decifração das inscrições. Mas o próprio Munter não fez mais nenhum progresso em seus esforços de decifração. Foi Georg Friedrich Grotefend, um professor de grego no Ginásio de Göttingen, que teve sucesso onde os outros falharam, e alcançou fama como o decifrador das inscrições cuneiformes persas, ou seja, a primeira das três classes de Niebuhr. Ele começou escolhendo os caracteres que ocorriam com maior frequência e postulou que eram vogais. Ele pegou o padrão de inscrição Pahlavi de De Sacy e com ele encontrou os pontos onde parecia mais provável que os nomes do rei que mandou erguer o monumento e de seu pai ocorressem, bem como palavras como “rei” e “filho”. Ele então manipulou os nomes conhecidos dos reis da dinastia aquemênida, principalmente de acordo com seu comprimento, nos pontos apropriados, e usou as palavras relevantes nos estudos de Anquetil-Duperron sobre o persa antigo para obter as leituras de algumas das outras palavras nas inscrições; ele então chegou à identificação correta de dez dos sinais e três nomes próprios, e com uma tradução que continha vários erros, mas, no entanto, dava uma ideia adequada de seu conteúdo.

Um trecho da tentativa de decifração de Grotefend apareceu em 1802, e três anos depois um relato mais completo foi publicado. Seus esforços foram elogiados e aprovados por Tychsen, Munter e especialmente por Rich, que continuou enviando a ele cópias dos

documentos cuneiformes que ele havia obtido nas ruínas da Babilônia e de Nínive. Mas Grotefend exagerou suas realizações, alegando que havia decifrado muito mais sinais do que era o caso, e dando transliterações e traduções completas, mas injustificáveis, que só poderiam evocar o ridículo entre alguns de seus colegas. No entanto, Grotefend estava no caminho certo com sua decifração, como foi corroborado direta e indiretamente no curso das próximas décadas pelos esforços de vários estudiosos que continuaram adicionando, subtraindo, modificando: A. J. Saint-Martin, Rasmus Rask, Eugene Burnouf e seu amigo próximo e colaborador, Christian Lassen, para citar apenas as figuras notáveis. Mas para uma visão real da língua persa antiga e para a decifração conclusiva de todos os caracteres, as inscrições de Persépolis eram simplesmente muito curtas e não forneciam um vocabulário grande o suficiente e significativo o suficiente para verificação e controle. Isso nos leva à figura dominante nos primeiros estudos cuneiformes, o inglês brilhante, intuitivo e perseverante, Henry Creswicke Rawlinson, e o fato notável de que um grupo de inscrições foi decifrado independentemente por dois homens usando critérios praticamente idênticos.

H. C. Rawlinson se interessou pelas inscrições cuneiformes espalhadas pela Pérsia enquanto estava a serviço do exército britânico na Pérsia. Ele começou a copiar alguns dos trilíngues, especialmente a inscrição do Monte Alvand perto de Hamadan e a inscrição na rocha de Behistun a cerca de vinte milhas (32 Km) de Kermanshah. O primeiro consiste em dois trilíngues curtos, que ele começou a copiar no ano de 1835; e sem saber nada sobre o trabalho de Grotefend, De Sacy, Saint-Martin, Rask, Burnouf e Lassen, ele conseguiu lê-los seguindo praticamente o mesmo método que Grotefend e seus seguidores usaram. Mas ele percebeu que, para identificar todos os sinais nessas inscrições e lê-los adequadamente, seria necessário ter um grande número de nomes próprios em mãos. E estes ele encontrou na inscrição na rocha de Behistun, gravada em uma superfície especialmente preparada de mais de mil e duzentos pés quadrados (111 m^2) que foi preenchida em parte por um baixo-relevo esculpido e consistindo de um trilíngue com centenas de linhas. Infelizmente, este monumento estava situado na rocha a mais de trezentos pés (91 metros) acima do solo, e não havia

meios de subir até ele. Rawlinson, portanto, teve que construir um andaime para chegar à inscrição e, às vezes, para obter uma cópia o mais completa possível, teve que ser suspenso por uma corda pendurada na frente da rocha.

Em 1835, Rawlinson começou a copiar as colunas persas dos trilíngues Behistun, que eram cinco em número e continham 414 linhas de texto. Ele continuou copiando a inscrição de vez em quando ao longo dos anos até que em 1837 ele terminou cerca de 200 linhas, ou aproximadamente a metade, e com a ajuda de escritores clássicos e geógrafos medievais conseguiu ler uma série de várias centenas de nomes de lugares que esta inscrição continha. Em 1839, ele se familiarizou com o trabalho de seus colegas na Europa e, auxiliado pelas novas informações que eles forneceram, ele conseguiu traduzir as primeiras duzentas linhas da inscrição em persa antigo do trilíngue Behistun. Sua ambição era copiar cada pedaço da escrita na rocha de Behistun; mas seus deveres militares interromperam seus esforços, e foi somente em 1844 que ele conseguiu retomar seu adorado trabalho. Naquele ano, ele retornou a Behistun, terminou toda a inscrição em persa antigo de 414 linhas e copiou, também, todas as 263 linhas da segunda versão, ou elamita, como agora é conhecida. Em 1848, ele enviou seu manuscrito, consistindo de suas cópias, transliterações, traduções, comentários e notas, de Bagdá para a *Royal Asiatic Society*, e assim colocou a decifração das inscrições em persa antigo em uma base absolutamente confiável, um fato que foi confirmado ainda mais quando, no mesmo ano, o brilhante linguista irlandês, Edward Hincks, publicou um artigo que ele havia lido dois anos antes, no qual ele antecipava um grande número de observações significativas feitas por Rawlinson de forma independente. Dali em diante, apenas pequenas alterações, adições e correções puderam ser feitas; especialmente notáveis foram os de Jules Oppert, um aluno de Lassen, em 1851. Hincks, Rawlinson e Oppert — a "tríade sagrada" da escrita cuneiforme — não apenas colocaram o persa antigo em terreno firme, mas também lançaram o acadiano e o sumério no curso da decifração, e assim revelaram as páginas empoeiradas dos "livros" de argila enterrados por todo o antigo Oriente Próximo.

E assim voltamos às grandes escavações sistemáticas na Mesopotâmia e à decifração das línguas acadiana e suméria às quais elas levaram. Em 1842, Paul Emile Botta foi nomeado cônsul francês em Mosul. Assim que chegou lá, ele começou as escavações em Kuyunjik e Nebi Yunus, dois montes cobrindo as ruínas de Nínive. Elas se mostraram infrutíferas, e ele voltou sua atenção para Khorsabad, a uma curta distância ao norte de Kuyunjik, onde ele "ficou rico", arqueologicamente falando; pois as ruínas de Khorsabad cobriam o palácio do poderoso Sargão II, que governou a Assíria no primeiro quarto do século VIII a.C. — embora isso fosse desconhecido dos escavadores, é claro — e continham acres de esculturas, frisos e relevos assírios, muitos dos quais estavam cobertos com inscrições cuneiformes. Apenas três anos depois, o inglês Austen Henry Layard começou a escavar primeiro em Nimrud, depois em Nínive e novamente em Nimrud. Além dos palácios reais cobertos com baixos-relevos, ele encontrou em Nínive a biblioteca do rei Assurbanipal, o bisneto de Sargão II, que consistia em milhares de tabuletas e fragmentos inscritos com as obras lexicais, religiosas e literárias dos antigos. Assim, em meados do século XIX, a Europa tinha centenas de inscrições cuneiformes, vindas em grande parte de sítios assírios, que clamavam por decifração, por assim dizer, mas que apresentavam dificuldades e obstáculos que pareciam intransponíveis na época. E, no entanto, principalmente como resultado do gênio e da perseverança de Hincks, Rawlinson e Oppert, não demorou mais do que uma década ou mais para que a decifração se tornasse um fato consumado.

Com certeza, os aspirantes a decifradores tinham uma vantagem. Muito antes de Botta e Layard terem começado suas escavações, um número limitado de inscrições de um tipo ou outro havia chegado à Europa, especialmente de ruínas babilônicas, e a escrita nelas havia sido reconhecida como semelhante à terceira classe de Niebuhr sobre os trilíngues de Persépolis. Mas infelizmente essa terceira classe, que poderia ser razoavelmente assumida como uma tradução da primeira classe, desafiou todos os esforços de decifração. Em primeiro lugar, as inscrições de Persépolis eram muito breves para qualquer percepção da língua. Além disso, mesmo uma análise superficial das inscrições

babilônicas então existentes revelou que elas consistiam em centenas de sinais, enquanto a primeira classe dos trilíngues tinha apenas quarenta e dois caracteres, o que tornava impossível marcar os nomes ou palavras que poderiam ser esperados como idênticos. Finalmente, dentro dos próprios documentos babilônicos, os mesmos sinais pareciam mostrar considerável variação em forma e formato. Não é de se admirar, então, que as primeiras tentativas de decifração da escrita babilônica tenham se mostrado inúteis.

Em 1847 veio a primeira contribuição significativa; seu autor não inesperadamente foi Edward Hincks. Com a ajuda de uma cópia da versão relativamente mais longa em persa antigo da inscrição de Behistun, que continha um bom número de nomes próprios, ele conseguiu ler corretamente uma série de vogais, sílabas e ideogramas, bem como a primeira palavra babilônica que não era um nome próprio, o pronome *a-na-ku* — "eu" — praticamente idêntico ao seu equivalente hebraico. No entanto, sua principal descoberta, aquela que se mostrou crucial para a decifração, não veio até 1850, e foi baseada até certo ponto na percepção de Botta, que, não contente apenas em escavar, publicou em 1848 um estudo sobre os sinais cuneiformes que era extremamente detalhado. Botta não tentou ler uma única palavra, embora tenha conseguido chegar ao significado de vários ideogramas; sua contribuição mais frutífera dizia respeito às variantes. Após estudo cuidadoso e documentação detalhada, ele mostrou que havia um grande número de palavras que, embora evidentemente idênticas em leitura e significado, eram escritas de maneiras diferentes. Foi esse estudo minucioso de escritas variantes que abriu caminho para o artigo de Hincks de 1850, no qual, de uma só vez, ele foi capaz de explicar o fato aparentemente incrível de que a escrita babilônica continha centenas de sinais, bem como dar a razão para a existência de tantas variantes. A escrita babilônica-assíria (ou como é chamada agora, acadiana), afirmou Hincks, não era alfabética, mas silábica e ideográfica, ou seja, os sinais podiam representar sílabas (de consoante mais vogal, vogal mais consoante ou consoante mais vogal mais consoante) que eram combinadas de várias maneiras para formar uma palavra, ou cada sinal podia expressar uma palavra inteira.

Com essa nova visão da escrita babilônica, a decifração pôde prosseguir rapidamente. Mas dois grandes auxílios linguísticos ainda estavam por vir, ambos resultados dos esforços e pesquisas do segundo da nossa tríade, Rawlinson. No ano de 1847, Rawlinson viajou mais uma vez de Bagdá para Behistun e, correndo risco de vida e integridade física, conseguiu fazer cópias em papel da versão babilônica, o que lhe deu um longo texto de 112 linhas que poderia ser decifrado e traduzido com a ajuda do texto persa antigo já decifrado no mesmo monumento. No curso deste trabalho, além disso, ele descobriu a outra característica importantíssima da escrita babilônica, a "polifonia", isto é, que um mesmo sinal poderia representar mais de um som ou "valor". Como resultado, Rawlinson agora podia ler cerca de 150 sinais corretamente; ele sabia a leitura e o significado de cerca de duzentas palavras da língua, que agora era definitivamente mostrada como uma língua semítica, e ele foi até capaz de dar um esboço gramatical dela.

Os estudos notáveis de Rawlinson foram publicados em 1850 e 1851. Em 1853, Hincks, com a ajuda dos estudos de Rawlinson, conseguiu adicionar mais de cem novos valores aos sinais babilônicos, de modo que agora ele podia identificar perto de 350 valores ou registros. Mas o princípio da polifonia, que essa identificação envolvia, despertou dúvidas, suspeitas e antagonismo entre os estudiosos, alguns dos quais atacaram as traduções de Hincks-Rawlinson como preconceituosas e sem valor; era difícil acreditar que os povos antigos inventariam um sistema de escrita no qual um único e mesmo sinal pudesse ter vários valores, uma vez que isso, presumivelmente, confundiria tanto o leitor a ponto de torná-lo inútil. Nesse momento crucial, Jules Oppert, o terceiro do triunvirato, veio ao resgate. Em 1855, ele fez um levantamento do estágio de decifração alcançado até aquele momento, mostrou a correção das leituras de Hincks-Rawlinson e adicionou uma série de novos sinais que tinham mais de um valor. Ele foi o primeiro a fazer um estudo completo dos silabários preparados pelos próprios escribas antigos, que estavam entre as tabuletas escavadas na chamada biblioteca de Assurbanipal em Nínive, e a utilizá-los extensivamente em sua tradução. Seus numerosos tratados, edições de texto e polêmicas ajudaram a consolidar a nova ciência, agora

geralmente conhecida como assiriologia — com base no fato de que as primeiras escavações foram conduzidas no norte do Iraque, o lar do povo assírio — e a investi-la de respeito e alta estima.

O ano de 1857 foi fatídico para a assiriologia, e ela passou pela provação com louvor. Foi um matemático e inventor, e não um assiriologista profissional, que levou as coisas a um ponto crítico. W. F. Fox Talbot, que fez pesquisas sobre cálculo integral e ajudou a estabelecer as bases para a fotografia atual, também era um orientalista amador; ele estudou as publicações de Rawlinson e Hincks e até publicou traduções de vários textos assírios. Tendo obtido uma cópia ainda não publicada de uma inscrição do rei assírio Tiglate-Pileser I (1116-1076), ele fez uma tradução dela e a despachou selada para a *Royal Asiatic Society* em 17 de março de 1857, sugerindo que a sociedade convidasse Hincks e Rawlinson para preparar traduções independentes do mesmo texto e enviá-las seladas, para que as três traduções independentes pudessem ser comparadas. A sociedade fez isso e também enviou um convite para Jules Oppert, que estava em Londres. Todos os três aceitaram o convite e, dois meses depois, os selos dos quatro envelopes contendo as traduções foram quebrados por um comitê especialmente nomeado de cinco membros da *Royal Asiatic Society*. Um relatório foi emitido afirmando, entre outras coisas, que as traduções de Rawlinson e Hincks eram as mais parecidas entre si, que as traduções de Talbot eram um tanto vagas e inexatas, e que Oppert anotava suas traduções extensivamente e frequentemente diferia de seus colegas ingleses. No geral, o veredito foi favorável à assiriologia como era praticada na época; as similaridades entre as quatro traduções eram razoavelmente próximas e a validade da decifração justificada.

Dois anos depois, em 1859, Oppert publicou uma de suas obras acadêmicas mais importantes, *Déchiffrement des inscriptions cunéiformes*; era uma declaração tão lúcida, abrangente e autoritária da assiriologia e suas realizações até o momento que toda a oposição cessou. Nas décadas que se seguiram, acadêmicos às dezenas, especialmente na França, Inglaterra e Alemanha, escreveram artigos, monografias e livros sobre todos os ramos da nova disciplina: língua, história, religião, cultura e assim por diante. Textos foram copiados e

publicados aos milhares. Listas de sinais, glossários, dicionários e gramáticas foram compilados, e inúmeros artigos altamente especializados sobre gramática, sintaxe e etimologia foram escritos. E assim o estudo do assírio, que foi primeiro chamado de babilônico e agora está gradualmente se tornando conhecido como acadiano — um termo derivado de um usado pelos próprios antigos mesopotâmicos — se desenvolveu e amadureceu, de modo que agora em 1963, dois dicionários separados e de muitos volumes estão em processo de publicação — um em inglês pelo Instituto Oriental da Universidade de Chicago, e o outro em alemão sob os auspícios internacionais — uma conquista coroada de mais de cem anos de estudos acumulados.

Babilônico! Assírio! Acadiano! Mas nenhuma palavra ainda sobre Suméria e sumérios, e afinal este é um livro sobre os sumérios. Infelizmente, até meados do século passado ninguém sabia que um povo e uma língua sumérios já tinham existido. E então devemos refazer nosso caminho um pouco para seguir os desenvolvimentos passo a passo que levaram à surpreendente e inesperada constatação de que um povo chamado sumério já havia habitado a Mesopotâmia. Em 1850, Hincks leu um artigo perante a Associação Britânica para o Avanço da Ciência no qual ele expressou algumas dúvidas sobre a suposição geral de que foram os habitantes semitas da Assíria e da Babilônia que inventaram o sistema cuneiforme de escrita, que eles utilizaram. Nas línguas semíticas, o elemento estável é a consoante, enquanto a vogal é extremamente variável. Parecia antinatural, portanto, que os semitas inventassem um sistema silábico de ortografia no qual a vogal parecia ser tão imutável quanto a consoante. A distinção entre palatais e dentais suaves e duros é uma característica significativa das línguas semíticas, mas o silabário cuneiforme não parecia expressar essa distinção adequadamente. Então, também, se os semitas tivessem inventado a escrita cuneiforme, deveria ser possível rastrear os valores silábicos dos sinais para palavras semíticas. Mas esse raramente era o caso; a grande maioria dos valores silábicos para os sinais cuneiformes pareciam remontar a palavras ou elementos para os quais nenhum equivalente semítico poderia ser encontrado. Hincks então começou a suspeitar que

o sistema cuneiforme de escrita foi inventado por algum povo não semítico que precedeu os semitas na Babilônia.

Nada mais precisa ser dito sobre Hincks e suas suspeitas. Dois anos depois, em 1852, de acordo com uma nota publicada por Hincks, ficamos sabendo que Rawlinson, após estudar os silabários escavados em Kuyunjik, chegou à conclusão de que eles eram bilíngues e que as palavras semíticas babilônicas neles explicavam palavras correspondentes em uma língua inteiramente nova e até então desconhecida, que ele designou como "acadiana" e que ele considerou ser "cita ou turaniana". Aqui, então, ficamos sabendo pela primeira vez da possibilidade de ter existido um povo não semita e uma língua não semita na Mesopotâmia. Em 1853, o próprio Rawlinson deu uma palestra perante a *Royal Asiatic Society* na qual afirmou que havia inscrições cuneiformes unilíngues em tijolos e tabuletas de sítios no sul da Babilônia que foram escritas na língua "cita". E em uma palestra diante da mesma sociedade dois anos depois, ele discutiu em alguns detalhes os silabários bilíngues de Kuyunjik, que "eram nada mais nada menos que alfabetos comparativos, gramáticas e vocabulários dos dialetos assírios e citas. Os citas babilônicos, cujo nome étnico é acádio, podem ser assumidos como tendo inventado a escrita cuneiforme." Foram esses acadianos, Rawlinson continuou, que "construíram os templos e capitais primitivos da Babilônia, adorando os mesmos deuses e habitando os mesmos assentos que os sucessores semitas; mas eles parecem ter uma nomenclatura diferente, tanto mitológica quanto geográfica." Quanto à linguagem desses citas babilônicos, as tabuletas de Kuyunjik, disse Rawlinson, "fornecem volumes de exemplos comparativos e traduções interlineares." Como resultado de seu estudo dessa nova língua "primitiva" dos bilíngues, ele conclui que "é duvidoso que alguma afinidade linguística próxima possa ser traçada entre a língua primitiva e qualquer dialeto disponível dos tempos modernos. O sistema pronominal se aproxima mais do tipo mongol e manchu do que de qualquer outro ramo da família turaniana, mas há pouca ou nenhuma semelhança de vocabulário". Em suma, Rawlinson definitivamente descobriu os sumérios e sua língua, exceto que ele os designou

erroneamente primeiro como citas babilônicos e depois como acadianos, o próprio termo agora usado para os semitas da região.

A nomeação correta do povo não semita que inventou a escrita cuneiforme devemos ao gênio de Jules Oppert, cujas contribuições para todas as facetas da assiriologia, e especialmente para o estudo dos silabários, foram tão notáveis. Em 17 de janeiro de 1869, Oppert deu uma palestra diante da seção etnográfica e histórica da Sociedade Francesa de Numismática e Arqueologia, na qual declarou que essas pessoas e sua língua deveriam ser chamadas de sumérios, baseando suas conclusões no título "Rei da Suméria e Acádia" encontrado nas inscrições de alguns dos primeiros governantes; pois, ele argumentou corretamente, era o nome Acádia que se aplicava ao povo semita da Assíria e da Babilônia, enquanto o nome Suméria se referia aos habitantes não semitas. Oppert chegou a dizer nesta palestra que uma análise da estrutura da língua suméria o levou a concluir que ela tinha afinidades próximas com o turco, o finlandês e o húngaro — uma visão brilhante da estrutura de uma língua que apenas vinte anos antes era inexistente no que diz respeito ao conhecimento mundial.

A designação "sumério" não foi seguida imediatamente pela maioria dos estudiosos cuneiformistas, e o termo "acadiano" continuou a ser usado por várias décadas. Na verdade, houve um famoso orientalista, Joseph Halévy, que, apesar de todas as evidências em contrário, negou a própria existência do povo e da língua suméria. Começando na década de 1870 e por mais de três décadas depois, ele publicou artigo após artigo insistindo que nenhum outro povo além dos semitas jamais esteve na posse a Babilônia, e que a chamada língua suméria era meramente uma invenção artificial dos próprios semitas, concebida para propósitos hieráticos e esotéricos. Por um período muito breve, ele foi até apoiado por vários assiriólogos eminentes. Mas tudo isso agora é apenas uma questão de curiosidade histórica; não muito tempo depois das conclusões perspicazes de Opper sobre o povo não semita da Babilônia e sua língua, duas escavações foram iniciadas no sul da Babilônia que colocaram os sumérios no mapa, por assim dizer, com a descoberta de estátuas e estelas que revelaram suas características

físicas, e inúmeras tabuletas e inscrições significativas para sua história política, religião, economia e literatura.

A primeira escavação significativa em um sítio sumério foi iniciada em 1877 em Telloh, as ruínas da antiga Lagash, pelos franceses sob a direção de Ernest de Sarzec. Entre os anos de 1877 e 1900, De Sarzec conduziu onze campanhas e teve sucesso em escavar inúmeras estátuas, principalmente de Gudea, estelas — a Estela dos Abutres é uma das mais importantes delas — os cilindros de Gudea e milhares de tabuletas, muitas das quais datavam da dinastia de Ur-Nanshe. Em 1884, a publicação do magnífico volume de Leon Heuzey, *Découvertes en Chaldée par Ernest de Sarzec*, foi iniciada, com a colaboração de dois epigrafistas de destaque, Arthur Amiaud e Francois Thureau-Dangin. Os franceses continuaram a escavar intermitentemente em Lagash; de 1903 a 1909 sob a direção de Gaston Cros, de 1929 a 1931 sob Henri de Genouillac e de 1931 a 1933 sob André Parrot. No total, os franceses conduziram vinte campanhas em Lagash; e os resultados são resumidos brevemente no livro de referência mais valioso de André Parrot, *Tello* (1948), que também fornece uma bibliografia completa e detalhada de todas as publicações relacionadas de uma forma ou de outra a essas escavações.

A segunda grande escavação em um sítio sumério foi conduzida pela Universidade da Pensilvânia, a primeira expedição americana a escavar na Mesopotâmia. Durante toda a década de oitenta do século XIX, discussões estavam acontecendo nos círculos universitários americanos sobre a viabilidade de enviar uma expedição americana ao Iraque, onde tanto os britânicos quanto os franceses estavam fazendo descobertas arqueológicas extraordinárias. Foi somente em 1887, no entanto, que John P. Peters, professor de hebraico na Universidade da Pensilvânia, conseguiu obter apoio moral e financeiro de vários indivíduos dentro e ao redor da universidade com o propósito de equipar e manter uma expedição de escavação no Iraque. Nippur, um dos maiores e mais importantes montes do Iraque, foi escolhido, e quatro campanhas, longas e extenuantes, foram conduzidas lá entre os anos de 1889 e 1900, primeiro sob a direção de Peters, depois sob J. H. Haynes (originalmente o fotógrafo da expedição) e, finalmente, sob a direção do

renomado assiriologista H. V. Hilprecht, que também foi epigrafista na primeira campanha.

As dificuldades e desvantagens foram severas e desanimadoras. Um jovem arqueólogo morreu no campo, e dificilmente houve um ano em que um ou outro membro das expedições não sofresse de doenças graves. Apesar dos obstáculos, no entanto, a escavação continuou, e a expedição alcançou resultados magníficos e, em alguns aspectos, inigualáveis, pelo menos no campo das inscrições. A expedição de Nippur conseguiu escavar cerca de trinta mil tabuletas e fragmentos no curso de suas quatro campanhas, a maior parte dos quais está inscrita na língua suméria e abrange mais de dois milênios, da segunda metade do terceiro ao último século do primeiro milênio a.C. A publicação de parte desse material começou já em 1893, de acordo com um plano visionário e de longo alcance concebido por Hilprecht, no qual vários estudiosos deveriam participar, além dele. Nem todos os volumes que foram planejados viram a luz do dia; como a maioria dos planos grandiosos, obstáculos e dificuldades imprevistos surgiram, o que impediu sua execução completa. Mas um grande número de volumes apareceu, e estes provaram ser do maior valor para os estudiosos cuneiforme. Isso nos traz de volta à sumerologia e seu progresso no período que se seguiu aos dias de seus três grandes pioneiros, Hincks, Rawlinson e Oppert.

Até a época das escavações em Lagash e Nippur, praticamente todo o material de origem para o estudo dos sumérios e sua língua consistia em silabários e interlineares bilíngues escavados na biblioteca de Assurbanipal nas ruínas de Nínive, que estavam sendo publicados em várias seções dos cinco excelentes volumes de fólio intitulados *Cuneiform Inscriptions of Western Asia*, editados por Rawlinson. Mas esse material data do século VII a.C., mais de um milênio após o desaparecimento do povo sumério como entidade política e da língua suméria como língua viva. Certamente, havia algumas inscrições de sítios sumérios disponíveis na Europa, mas elas consistiam principalmente de um pequeno grupo de tijolos, tabuletas e cilindros dos períodos sumério e pós-sumério que haviam chegado ao Museu Britânico e dos quais poucos dados significativos puderam ser coletados. A escavação em Lagash e Nippur colocou à disposição dos estudiosos

milhares de inscrições sumérias unilíngues, que eles agora poderiam tentar traduzir e interpretar com a ajuda de quaisquer regras gramaticais e dados lexicais obtidos dos silabários e interlineares bilíngues de Kuyunjik. A grande maioria das inscrições de Lagash e Nippur eram de caráter administrativo, econômico e legal, consistindo em inventários de todos os tipos e tamanhos, notas promissórias e recibos, escrituras de vendas, contratos de casamento, testamentos e decisões judiciais; e, assim, a partir delas, alguma ideia poderia finalmente ser obtida da estrutura social e econômica suméria. Esses documentos também continham centenas de nomes de pessoas, divindades e lugares que eram de algum valor para o aprendizado sobre a religião suméria. Ainda mais importantes eram as centenas de inscrições votivas em estátuas, estelas, cones e tabuletas que eram de valor fundamental para o estudo da história política suméria. Especialmente de Nippur vieram numerosos textos lexicais e gramaticais, os precursores sumérios dos bilíngues de Kuyunjik posteriores, e estes provaram ser inestimáveis para o estudo da língua suméria. Finalmente, em Nippur foram encontradas milhares de tabuletas e fragmentos inscritos com obras literárias sumérias; e embora estes tenham permanecido um tanto ininteligíveis por muitas décadas após sua descoberta, Hilprecht, que manipulou e catalogou muitos deles, percebeu sua importância para a história da religião e da literatura. Não é demais afirmar que foi como um resultado direto das escavações de Lagash e Nippur que François Thureau-Dangin pôde publicar em 1905 seu marcante *Les Inscriptions de Sumer et Akkad* e Arno Poebel seu igualmente marcante *Grundzüge der sumerischen Grammatik* em 1923.

É certo que ambos os estudiosos se basearam nos esforços e contribuições de seus predecessores e contemporâneos; não há outro caminho para o progresso do conhecimento acadêmico. Para citar apenas algumas das figuras mais notáveis: o inglês A. H. Sayce, que em 1871 editou o primeiro documento sumério unilíngue, uma inscrição de Shulgi de doze linhas, e esboçou em um comentário filológico detalhado uma série de características importantes da língua suméria; François Lenormant e seus monumentais *Etudes accadiennes* (iniciados em 1873); Paul Haupt, que copiou um grande número de bilíngues e unilíngues sumérios no Museu Britânico e que fez algumas

contribuições notáveis à gramática e lexicografia sumérias; R. E. Brunnow, que compilou uma lista de sinais e registros sumérios e um glossário exaustivo de palavras sumérias dos bilíngues conhecidos em sua época, que provou ser de fundamental importância para todos os lexicógrafos desde a época em que foi publicado pela primeira vez, 1905-7, até o presente, embora tenha sido necessário uma série de glossários suplementares preparados por outros estudiosos para mantê-lo atualizado; J. D. Prince, que publicou o primeiro léxico sumério importante em 1905; e Friedrich Delitzsch, que compilou uma gramática suméria e um glossário sumério com base em raízes de palavras em vez de sinais e seus registros.

Mas foi *Les Inscriptions de Sumer et Akkad* de Thureau-Dangin de 1905 — aparecendo apenas dois anos depois em uma tradução alemã sob o título *Die sumerischen und akkadischen Königsinschriften* — que provou ser um marco no progresso dos estudos sumérios. É um compêndio soberbo de tradução direta e notas concisas revelando uma destilação magistral do conhecimento sumerológico acumulado daquela época, muito do qual poderia ser rastreado até as próprias contribuições originais de Thureau-Dangin; após cerca de cinco décadas de estudos cuneiforme, ainda está longe de ser substituído e, em alguns aspectos, nunca será. E *Grundzüge der sumerischen Grammatik* de Poebel fez pela gramática suméria o que o livro de Thureau-Dangin fez pela história política e religião. Baseado em estudos meticulosamente completos e minuciosamente detalhados das inscrições sumérias — tanto bilíngues quanto unilíngues e de todos os períodos, desde a língua "clássica" do terceiro milênio a.C. até o "registro" sumério tardio do primeiro milênio a.C. (as traduções das inscrições votivas no Apêndice C são baseadas principalmente em vários desses estudos) — Os *Grundzüge* de Poebel estabeleceram com lógica convincente os princípios e regras fundamentais da gramática suméria, ilustrando-os pertinentemente e, sempre que possível, profusamente. Estudos gramaticais subsequentes preparados pelo próprio Poebel, bem como por outros estudiosos, especialmente Adam Falkenstein e Thorkild Jacobsen, resultaram em uma série de adições e correções, e estudos futuros sem dúvida resultarão em mais modificações de alguns dos detalhes gramaticais

esboçados nos *Grundzüge*; mas, em geral, o trabalho de Poebel resistiu ao teste do tempo e, apesar da atual paixão por mudanças na terminologia e nomenclatura, profundas ou não, permanecerá por muito tempo a pedra angular de todos os esforços construtivos da gramatica suméria.

A gramática de Poebel, no entanto, não é organizada pedagogicamente, mas logicamente, e não pode ser usada prontamente por novatos que gostariam de aprender sumério por conta própria. Um pequeno livro que é bastante útil a esse respeito é *A Sumerian Reading Book*, de C. J. Gadd; foi publicado pela primeira vez em 1924, mas uma versão revisada e atualizada é urgentemente necessária. Outra gramática útil, pedagogicamente falando, é a *Shumerische Grammatik* de Anton Deimel (segunda edição, 1939), embora sofra muito com um tratamento bastante superficial dos problemas envolvidos na tradução de textos sumérios. No campo da lexicografia, o *Shumerisches Lexikon* do mesmo autor, baseado amplamente nas compilações de Brunnow e outros, é indispensável ao acadêmico, embora tenha que ser usado com considerável cautela crítica e discriminação. As obras lexicográficas mais abrangentes e fundamentais atualmente em processo de preparação são o *Materialien zum sumerischen Lexikon: Vokabulare und Formularbücher* de Benno Landsberger, o decano dos assiriólogos. Oito volumes consistindo das compilações mais atualizadas dos silabários, vocabulários e bilíngues lexicais posteriores, bem como seus precursores sumérios anteriores, já apareceram sob os auspícios do Pontifício Instituto Bíblico em Roma, uma instituição à qual todos os cuneiformistas têm uma dívida de profunda gratidão pelos estudos sumerológicos que ela promoveu nos últimos cinquenta anos.

Vamos agora deixar a pesquisa linguística suméria e retornar à arqueologia para esboçar brevemente os resultados de algumas das escavações mais importantes em sítios sumérios, que começaram tão auspiciosamente com Lagash e Nippur. Em 1902-3, uma expedição alemã sob a direção de Robert Koldewey trabalhou em Fara, antiga Shuruppak, a cidade natal do herói do dilúvio Ziusudra, e desenterrou um grande número de textos administrativos, econômicos e lexicais datados do século XXV a.C. — mais antigos, portanto, do que as

inscrições da dinastia de Ur-Nanshe encontradas em Lagash. Os textos econômicos incluíam vendas de casas e campos, o que indicava que a propriedade privada existia na Suméria, uma característica da vida suméria que há muito tempo é motivo de controvérsia entre os orientalistas. Os textos lexicais de Fara também foram de extraordinária importância para a história da civilização, uma vez que apontavam para a existência de escolas sumérias já no século XXV a.C. e talvez até antes. Os escavadores também desenterraram uma série de edifícios e tumbas privadas e públicas, vários vasos de pedra, metal e terracota, e muitos selos cilíndricos. Em 1930, uma expedição da Universidade da Pensilvânia sob a direção de Erik Schmidt retornou a Fara, mas as novas descobertas não diferiam materialmente daquelas feitas quase trinta anos antes. Foi minha sorte — jovem e inexperiente como eu era — ser o epigrafista desta expedição. A maioria das tabuletas de Fara foi estudada e publicada por Anton Deimel e o sumerologista francês R. Jestin.

Em 1903, uma expedição da Universidade de Chicago conduzida por E. J. Banks escavou em Bismaya, o local da capital de Lugalannemundu, Adab. Aqui, também, foi descoberto um grande número de tabuletas arcaicas que se assemelham às de Fara em forma e conteúdo. Banks também desenterrou os restos de vários templos e palácios, inúmeras inscrições votivas e uma estátua com o nome de Lugaldalu que data de cerca de 2400 a.C. A principal publicação resultante desta expedição é um volume de textos do Instituto Oriental copiado por D. D. Luckenbill, que é de particular valor para a história da Suméria Sargônica e pré-Sargônica.

De 1912 a 1914, uma expedição francesa sob a direção do eminente cuneiformista Henri de Genouillac realizou escavações em Kish, a primeira cidade na qual a realeza se instalou após o Dilúvio. A Primeira Guerra Mundial pôs fim a essas escavações, mas em 1923, uma expedição anglo-americana retornou a Kish sob a direção de outro eminente cuneiformista, Stephen Langdon, e trabalhou lá por dez temporadas consecutivas. Eles desenterraram vários edifícios monumentais, zigurates e cemitérios e um grande número de tabuletas. Várias publicações foram emitidas tanto pelo *Field Museum* sobre o

material arqueológico quanto pela Universidade de Oxford sobre o material epigráfico. Um pequeno contingente dessa expedição a Kish também trabalhou brevemente na vizinha Jemdet Nasr, um monte que cobre as ruínas de uma cidade cujo nome antigo ainda é desconhecido. Essa escavação relativamente pequena em um local bastante pequeno teve a sorte de descobrir várias centenas de tabuletas e fragmentos inscritos com sinais semipictográficos que datavam de cerca de 2800 a.C. e eram, portanto, as primeiras inscrições sumérias de qualquer quantidade considerável conhecida na época[6]. Essas tabuletas, copiadas e publicadas por Stephen Langdon, constituíram um marco nos estudos epigráficos sumérios.

Agora chegamos a um lugar chamado Warka pelos árabes modernos, Uruk pelos antigos sumérios e acadianos, e Erech na Bíblia, onde neste exato momento uma escavação mais sistemática e científica está sendo conduzida, uma que provou ser fundamental para o que pode ser chamado de estudo "estratigráfico" da história e cultura sumérias. Escavações sistemáticas foram iniciadas lá por uma expedição alemã sob a direção de Julius Jordan. Após a interrupção inevitável causada pela Primeira Guerra Mundial, a expedição retornou em 1928 e continuou suas escavações até ser interrompida pela Segunda Guerra Mundial em 1939. Ao longo dos anos, a expedição teve em sua equipe vários epigrafistas notáveis, incluindo Adam Falkenstein, que tem sido um contribuidor prolífico e notável para os estudos sumérios nas últimas três décadas. Foi a expedição Erech que criou uma espécie de datação relativa para todas as descobertas sumérias, cavando um grande poço de teste através de cerca de vinte metros de ocupação estratificada até solo virgem e estudando e classificando cuidadosamente as descobertas dos vários níveis e períodos, começando com os primeiros colonizadores e terminando em meados do terceiro milênio a.C. Ela revelou os primeiros edifícios monumentais da Suméria conhecidos na época, datados de cerca de 3000 a.C. Entre seus inúmeros achados menores, havia um vaso de alabastro, com quase um metro de altura, decorado com cenas de culto altamente reveladoras do rito e ritual sumérios primitivos; havia também uma cabeça de mármore em tamanho real de uma mulher datada de cerca de 2800 a.C., o que indica que a escultura suméria

primitiva em forma redonda havia alcançado alturas criativas insuspeitas. Em um dos primeiros templos monumentais, mais de mil tabuletas pictográficas foram desenterradas, o que tornou possível rastrear o sistema cuneiforme de escrita até seus estágios iniciais; muitas dessas tabuletas foram publicadas em um volume soberbo preparado com muito cuidado e após muito estudo por Adam Falkenstein. Em 1954, a expedição alemã retornou a Erech sob um novo diretor, H. Lenzen, e está realizando suas escavações cuidadosas e metódicas, que sem dúvida farão de Erech — a cidade dos grandes heróis da Suméria — a pedra angular da arqueologia mesopotâmica em todos os seus aspectos: arquitetura, arte, história, religião e epigrafia.

Da Erech bíblica, nos voltamos para a Ur bíblica, ou Urim, como era conhecida pelos sumérios, a cidade que foi escavada de 1922 a 1934 com habilidade, cuidado e imaginação pelo falecido Sir Leonard Woolley. Woolley descreveu suas descobertas em Ur várias vezes, tanto para os estudiosos quanto para os leigos — precisamos mencionar aqui apenas seu último trabalho, *Excavations at Ur* (1954). Por meio de seus escritos, seus túmulos reais, zigurate e "poço de inundação" quase se tornaram palavras familiares. Contribuições menos conhecidas, mas igualmente significativas, foram feitas pelos epigrafistas da expedição, C. J. Gadd, Leon Legrain e E. Burrows, que copiaram, estudaram e publicaram grande parte dos documentos escritos descobertos em Ur — documentos que lançaram nova luz sobre a história, economia e cultura não apenas de Ur, mas da Suméria como um todo.

Perto de Ur, a cerca de quatro milhas ao norte (6,4 Km), fica um pequeno monte baixo conhecido como al-Ubaid que, apesar de seu tamanho, desempenhou um grande papel na arqueologia mesopotâmica. Primeiramente explorado por H. R. Hall do Museu Britânico em 1919, e depois escavado metodicamente por Leonard Woolley, descobriu-se que era em parte um monte pré-histórico contendo evidências dos primeiros imigrantes da região. Essas pessoas, que passaram a ser conhecidas como ubaidianos, produziam e usavam um tipo especial de utensílios e ferramentas de sílex e obsidiana monocromáticas pintadas, que mais tarde foram encontrados nas camadas mais baixas de vários sítios mesopotâmicos. Woolley também expôs neste sítio um pequeno templo

à deusa Ninhursag que, além de fornecer uma imagem vívida de como era um dos templos provinciais menores em meados do terceiro milênio, provou, sem sombra de dúvida, que a chamada Primeira Dinastia de Ur, que os estudiosos tendiam a considerar lendária, realmente existiu; essa descoberta ajudou a reorientar a atitude predominantemente cética em relação à importantíssima Lista de Reis, que por sua vez deu uma visão mais clara da história política suméria.

No extremo nordeste da Suméria, a leste do Tigre e um pouco fora do caminho comum, sumerologicamente falando, havia uma série de montes que atraíram a atenção de Henri Frankfort, um dos maiores arqueólogos do mundo, um historiador de arte perspicaz e estudioso filosoficamente orientado cuja morte prematura foi uma perda irrecuperável para os estudos orientais. Entre os anos de 1930 e 1936, ele conduziu escavações cuidadosas e metódicas em Tell Asmar, Tell Khafaje e Tell Agrab e desenterrou templos, palácios e casas particulares, tabuletas, selos cilíndricos e uma série emocionante de esculturas redondas, algumas das quais remontam a cerca de 2700 a.C. — apenas um século ou mais depois da famosa cabeça de Erech. Entre os colegas de trabalho de Frankfort estavam Pinhas Delougaz, um arqueólogo de longa experiência que agora é diretor do Museu do Instituto Oriental; Seton Lloyd, que se tornou conselheiro da Diretoria Iraquiana de Antiguidades e que provavelmente participou da escavação de mais sítios sumérios do que qualquer outro arqueólogo vivo; e Thorkild Jacobsen, o raro estudioso que se sente em casa tanto na arqueologia quanto na epigrafia. Os resultados dessas escavações estão aparecendo em uma série de magníficas publicações do Instituto Oriental que são excelentes por seu tratamento detalhado e profusamente ilustrado da arquitetura, bem como de artefatos e inscrições.

De 1933 a 1956, interrompida apenas pela Segunda Guerra Mundial, uma expedição do Louvre sob a direção de André Parrot, o arqueólogo que de certa forma fechou o livro sobre Lagash, escavou em Mari, uma cidade situada no médio Eufrates consideravelmente a oeste do que é geralmente considerado Suméria propriamente dita; e os resultados foram extraordinários e inesperados. Aqui está uma cidade

cujos habitantes eram provavelmente semitas desde tempos muito antigos — até hoje praticamente todas as inscrições descobertas em Mari foram em acadiano — e ainda assim, culturalmente falando, dificilmente pode ser diferenciada de uma cidade suméria — os mesmos tipos de templos, um zigurate, escultura, incrustação e até mesmo uma estatueta de um cantor inscrita com o bom nome sumério Ur-Nanshe, o próprio nome usado pelo fundador da mais antiga dinastia de Lagash conhecida. O principal epigrafista da expedição do Louvre foi o cuneiformista belga Georges Dossin, que, com Parrot, está editando em conjunto uma série importantíssima de volumes sobre o material inscricional de Mari, da qual participam vários acadêmicos franceses e belgas. Com Lagash e Mari em seu crédito, os franceses estão novamente assumindo o primeiro lugar na arqueologia e conhecimento da Mesopotâmia.

Durante os anos de guerra, quando expedições estrangeiras não eram nem práticas nem possíveis, a Diretoria de Antiguidades do Iraque, que cresceu de pequenos começos para um excelente departamento de arqueólogos, epigrafistas, registradores e restauradores, e que está mantendo a arqueologia da Mesopotâmia em um patamar científico, se ramificou por conta própria e fez três escavações que são de particular relevância e importância para os estudos sumérios. Em um Tell chamado Uqair, as ruínas de uma cidade cujo nome antigo ainda é desconhecido, uma expedição sob a direção de Fuad Safar desenterrou nos anos de 1940 e 1941 o primeiro templo sumério pintado conhecido, com afrescos coloridos cobrindo as paredes internas e o altar. Também expôs algumas casas de Ubaid, bem como uma série de tabuletas arcaicas. Em Tell Harmal, um pequeno monte a cerca de seis milhas (9,7 Km) a leste de Bagdá, Taha Baqir, então diretor do Museu do Iraque, conduziu escavações de 1945 a 1949 e, para a surpresa de estudiosos do mundo todo, descobriu mais de duas mil tabuletas, entre as quais estavam alguns “livros didáticos” lexicais e matemáticos excelentemente preservados, e um templo. E na ponta sul da Suméria, na antiga Eridu (a sede de Enki, o deus sumério da sabedoria), Fuad Safar conduziu escavações nos anos de 1946 a 1949, descobrindo a mais antiga cerâmica de Ubaid, um cemitério de Ubaid e dois palácios de meados do

terceiro milênio a.C. O templo de Enki foi escavado até sua primeira fase de construção, por volta de 4000 a.C. É triste dizer, mas nem uma única tabuleta foi descoberta em Eridu; uma situação estranha, de fato, para uma cidade cuja divindade tutelar é o deus da sabedoria.

Após os anos de guerra, houve apenas duas grandes expedições estrangeiras escavando na Suméria: os alemães retornaram a Erech; e os americanos, principalmente como resultado dos esforços de Thorkild Jacobsen, retornaram a Nippur e em temporadas alternadas limparam o templo de Enlil, desenterraram mais de mil tabuletas e fragmentos (cerca de quinhentos dos quais são literários) e começaram a expor um templo para a deusa Inanna. Mas o futuro das escavações sumérias no Iraque está nas mãos dos próprios iraquianos, e há todos os motivos para esperar que os estudiosos e arqueólogos iraquianos não abandonem ou negligenciem seus antepassados do passado distante que fizeram tanto não apenas pelo Iraque, mas pelo homem em todo o mundo.

Nada mais precisa ser dito sobre esta visão panorâmica da decifração e arqueologia relevantes para a Suméria e os sumérios. Antes de se voltar para a história da Suméria, o assunto do nosso próximo capítulo, no entanto, o leitor deve ter pelo menos uma ideia de um dos problemas mais incômodos que afligem o arqueólogo e historiador do Oriente Próximo — o problema da cronologia. Este problema também não foi resolvido pelo método de datação por carbono-14; devido a fatores puramente físicos e mecânicos, os resultados deste método muitas vezes se mostraram ser ambíguos e enganosos, sem mencionar o fato de que, no caso da Baixa Mesopotâmia, a margem de erro permitida é grande demais para ser confortável.

Em geral, as datas atribuídas no passado aos governantes e monumentos sumérios eram excessivamente antigas. Até certo ponto, isso se deveu à inclinação muito compreensível por parte dos arqueólogos de reivindicar grande antiguidade para suas descobertas particulares. Mas, no geral, foi devido ao material de origem disponível e, em particular, às várias listas dinásticas compiladas pelos próprios escribas sumérios e babilônicos antigos[7]; pois estas frequentemente tratavam as dinastias de governantes como consecutivas, que agora são

conhecidos por outros documentos como tendo sido contemporâneos no todo ou em parte. Embora ainda não haja unanimidade de opinião, as datas sumérias agora foram reduzidas consideravelmente daquelas encontradas em histórias e manuais anteriores, em alguns casos em até meio milênio.

As duas datas-chaves para a cronologia suméria são o fim da Terceira Dinastia de Ur, quando os sumérios perderam sua posição política predominante na Mesopotâmia, e o início do reinado de Hamurabi da Babilônia, quando para todos os efeitos os sumérios deixaram de existir como uma entidade política, étnica e linguística. A última data, que agora é geralmente aceita, é aproximadamente 1750 a.C., mais ou menos cinquenta anos. Para o intervalo de tempo entre esta data e o fim da Terceira Dinastia de Ur, há material de inscrição suficiente disponível para mostrar por estimativa que teve aproximadamente 195 anos de duração; o fim da Terceira Dinastia de Ur pode, portanto, ser colocado em 1945 a.C., mais ou menos cinquenta anos. Desta data para trás, há inscrições históricas, fórmulas de data e sincronismos de vários tipos suficientes para nos levar de volta a aproximadamente 2500 a.C. e um governante chamado Mesilim. Além disso, toda datação depende inteiramente de inferências e suposições arqueológicas, estratigráficas e epigráficas de um tipo ou outro e dos resultados de testes de carbono-14, que, como já foi dito, não se mostraram tão decisivos e conclusivos quanto se esperava.

CAPÍTULO II

II. HISTÓRIA: Heróis, Reis e *Ensis*

Agora que esclarecemos, pelo menos até certo ponto, o método e os procedimentos pelos quais o arqueólogo e estudioso moderno ressuscitou os sumérios mortos há muito tempo e reconstruiu sua cultura há muito esquecida, estamos prontos para nos voltar para a história da Suméria, para aqueles eventos políticos, militares e sociológicos que causaram a ascensão e queda da Suméria. Mas não estamos totalmente prontos! Há um aspecto perturbador do problema de reconstruir a história suméria do qual o leitor deve ser avisado: o caráter tênue, evasivo, escasso e parcial do material de origem pertinente. De cerca de 4500 a.C., quando os primeiros assentamentos foram estabelecidos na Suméria, até cerca de 1750 a.C., quando os sumérios deixaram de existir como povo, é um período de quase três mil anos, e o leitor pode muito bem perguntar onde obtemos nossas informações históricas e quão confiáveis elas são.

Vamos começar com o lado sombrio, negativo e pouco promissor do quadro — o fato de que os próprios sumérios não escreveram nenhuma história no sentido geralmente aceito da palavra, isto é, em termos de processos de desdobramento e princípios subjacentes. Os acadêmicos e homens de letras sumérios não possuíam nem as ferramentas intelectuais essenciais de definição e generalização nem a abordagem evolucionária fundamental para avaliação e interpretação histórica. Limitados pela visão de mundo vigente em seus dias e aceita como verdade axiomática — que fenômenos culturais e eventos históricos vinham prontos, “totalmente crescidos ... totalmente desenvolvidos” no cenário mundial, uma vez que foram planejados e

trazidos pelos deuses todo-poderosos — provavelmente nunca ocorreu nem mesmo ao mais pensativo e erudito dos sábios sumérios que a Suméria já havia sido um pântano desolado com apenas alguns assentamentos dispersos e só gradualmente se tornou uma comunidade movimentada, próspera e complexa após muitas gerações de luta e trabalho árduo em que a vontade e determinação humanas, planos e experimentos elaborados pelo homem e descobertas e invenções feitas pelo homem desempenharam um papel predominante. Imobilizado intelectualmente por essa atitude estéril e estática em relação à história do homem, o homem de letras sumério poderia, na melhor das hipóteses, tornar-se um arquivista em vez de um historiador, um cronista e analista em vez de um intérprete e expositor de verdades históricas.

Mesmo o tipo de história de arquivo-crônica, no entanto, teve que ser inventado primeiro por alguém, em algum lugar, para preencher alguma necessidade considerada significativa por uma razão ou outra. No caso dos sumérios, ele surgiu não como resultado de um interesse intrínseco em registrar incidentes e eventos por si só, mas por causa da convicção religiosa de que os reis e governantes das cidades-estados, geralmente conhecidos como *ensi*, poderiam garantir vida longa para si mesmos, bem como o bem-estar e a prosperidade de seus súditos, construindo, consertando e mobiliando os templos que eram presumivelmente as moradas de seus deuses. Antes da invenção da escrita, essas atividades de construção real e principesca, embora acompanhadas sem dúvida por ritos impressionantes e rituais simbólicos, permaneceram sem registro para a posteridade. Uma vez que o sistema cuneiforme de escrita foi desenvolvido a partir de seu estado pictográfico anterior, no entanto, deve ter ocorrido a um ou outro dos sacerdotes e escribas do templo colocar por escrito as atividades de construção e ofertas votivas do governante e, assim, registrá-las para que todos vissem e se lembrassem até dias distantes. Ali e então — e a julgar por nossos dados atuais, esse pensamento criou raízes pela primeira vez no segundo quarto do terceiro milênio a.C. — pode-se dizer que a história escrita se originou.

Com certeza, as primeiras inscrições de construção e votivas consistiam em dedicatórias muito breves de pouco valor histórico. Mas,

gradualmente, os escribas se tornaram mais confiantes, originais e comunicativos; e por volta do século vinte e quatro a.C., encontramos relatos históricos relativamente intrincados e diversificados como o tratado entre Lagash e Umma inscrito na Estela dos Abutres, os resumos militares de Eannatum, o relato de Entemena sobre a guerra civil perene entre Lagash e Umma, os preciosos registros de Urukagina das primeiras reformas sociais do homem baseadas em um senso de liberdade, igualdade e justiça, a glorificação lírica de Lugalzaggesi e a exaltação da paz e prosperidade, da felicidade e segurança, que prevaleceram durante seu reinado na Suméria. O material de escrita utilizado por nossos antigos "historiadores" era bastante variado e diversificado: tabuletas de pedra e argila, tijolos, pedras e encaixes de portas, tigelas e vasos, pregos e cones de argila, almofariz e pontas de maças, estelas e placas, estátuas e estatuetas de pedra e metal. No total, essas inscrições votivas e dedicatórias somam quase mil, embora, infelizmente, o conteúdo da grande maioria delas seja muito breve e lacônico. Em todo caso, é esse grupo de inscrições, mais ou menos contemporâneo dos eventos que registram, que provou ser uma fonte primordial para a história política da Suméria, parcial e problemática como é. Na verdade, é provável que os próprios historiadores sumérios antigos fizessem uso frequente dessas fontes para ajudá-los na preparação de seus próprios documentos literários e históricos.

Outra fonte histórica contemporânea básica e importante deriva, de forma bastante inesperada, de documentos econômicos e administrativos e consiste no que geralmente é conhecido como fórmulas de data. As negociações e transações registradas nesses documentos tiveram que ser fixadas no tempo para fins práticos e, já por volta de 2500 a.C., os escribas mais inventivos começaram a elaborar esquemas de datação utilizáveis. Felizmente para nós, eles não escolheram datá-los simplesmente por números de anos a partir de algum ponto de partida geralmente aceito, como o início de um novo reinado ou dinastia, mas, em vez disso, após alguma experimentação, estabeleceram o procedimento de nomear os anos por eventos religiosos e políticos notáveis. Esse método de datação nos fornece informações históricas de valor primário. Para identificar os anos que datam seus

arquivos com mais precisão, os escribas também compilaram listas de todos os nomes de anos existentes em um determinado reinado ou sucessão de reinados, e essas listas antigas permitem que o estudioso moderno organize os eventos registrados nas fórmulas de data em sua ordem cronológica adequada.

Baseado, sem dúvida, em grande parte nessas fórmulas de datas e listas de datas, está um dos documentos históricos sumérios mais valiosos, a chamada Lista de Reis, que registra os nomes da maioria dos reis da Suméria e a duração de seus reinados desde o que, para os sumérios, foi o início da história — o tempo no passado distante quando "a realeza (primeiramente) desceu do céu" — até e incluindo parte da dinastia de Isin, que começou seu governo por volta de 1950 a.C. Certamente, este documento único é na verdade uma mistura de fato e fantasia, e muitas vezes é difícil decidir quando um começa e o outro termina. Seu autor parecia trabalhar sob a ilusão de que todas as dinastias que ele lista se seguiram em estrita sucessão, quando na verdade a maioria delas, se não todas, foram contemporâneas em maior ou menor grau. Além disso, ele atribui reinados de duração lendária e incrível a muitos dos governantes das dinastias anteriores, e assim chega a um total de quase um quarto de milhão de anos para os oito reis antes do Dilúvio e um total de mais de vinte e cinco mil anos para as duas primeiras dinastias após o Dilúvio. Apesar de todos os seus defeitos e deficiências, no entanto, a Lista de Reis, se usada com discriminação e compreensão, nos fornece uma estrutura histórica de valor inestimável[8].

Outra fonte histórica altamente reveladora consiste no que pode ser chamado de "correspondência real", as cartas que iam e vinham entre os governantes e seus oficiais. Elas aparecem pela primeira vez já no século XXIV a.C., mas o grupo de cartas que tem significado histórico especial é o dos governantes da Terceira Dinastia de Ur. Essas cartas revelam os motivos, tentações, rivalidades e intrigas que aconteciam nos bastidores e dão um toque humano animado, embora às vezes longe de encantador, às inscrições votivas e fórmulas de data um tanto curtas e sem vida. Curiosamente, essas cartas reais não chegaram até nós em sua forma original, mas em cópias preparadas pelos professores e alunos das academias sumérias, ou *edubbas*, vários séculos

depois — uma indicação clara do valor e importância atribuídos a elas mesmo nos tempos antigos[9].

Um documento historiográfico prosaico, semelhante a um inventário, que pode revelar-se de extraordinária significância para a história e cronologia sumérias primitivas é a chamada inscrição de Tummal, uma compilação única preocupada principalmente com a restauração do Tummal, o santuário da deusa Ninlil em Nippur, e secundariamente com a construção das várias seções do templo de Enlil na mesma cidade. Parte deste texto é conhecida há quase meio século, mas suas linhas iniciais ausentes só se tornaram disponíveis recentemente, e é o conteúdo desta parte até então desconhecida do texto que se revelou de valor histórico surpreendente e inesperado[10].

Há também duas composições altamente poéticas que podem ser chamadas de historiografia, pelo menos até certo ponto. Ambas se centram em um dos eventos mais catastróficos da história da Suméria: a invasão humilhante e desastrosa do país pelas hordas nômades implacáveis e bárbaras das montanhas ao leste. Na primeira, e mais longa das duas, que pode ser intitulada "A Maldição de Agade", um poeta e sábio sumério explica a catástrofe como resultado dos atos ímpios e sacrílegos de Naram-Sin, o quarto governante da Dinastia da Acádia. O segundo poema registra a gloriosa vitória de Utuhegal, um rei de Erech, sobre Tirigan, o último dos reis dos gutianos[11], e o feliz retorno da realeza à Suméria[12].

Nove contos épicos sumérios, variando em extensão de pouco mais de cem a mais de seiscentas linhas, são agora conhecidos total ou parcialmente, e cinco deles são de grande importância, especialmente para os períodos muito antigos da história suméria, para os quais praticamente não há documentos escritos contemporâneos existentes. Quatro dos cinco dizem respeito às figuras heroicas Enmerkar e Lugalbanda, e seus conteúdos são notáveis pela luz que lançam sobre a estreita inter-relação entre a Suméria e uma cidade-estado desconhecida e ainda não localizada no norte do Irã chamada Aratta. O quinto dos contos épicos historiográficos, "Gilgamesh e Agga de Kish", é de significado muito especial para a história das instituições políticas; não

só ajuda a iluminar o período obscuro da história suméria em que ocorreu a luta inicial entre as cidades-estados sumérias, mas também registra a convocação da primeira assembleia política do homem, um "congresso bicameral" que se reuniu há mais de quatro mil e quinhentos anos para decidir sobre a agonizante questão da guerra ou da paz[13].

Um gênero literário um tanto decepcionante, do ponto de vista da história política, é a "lamentação", um tipo de composição poética que lamentava a triste situação da Suméria e suas cidades em tempos de infortúnio e derrota. O protótipo mais antigo conhecido da lamentação, que nos fornece um pouco de informação histórica importante, é encontrado inscrito em uma tabuleta de argila de Lagash; descreve em alguns detalhes a terrível destruição que Lagash sofreu nas mãos de seu implacável inimigo Umma[14]. Mas as composições posteriores e muito mais longas, como "A Lamentação sobre Ur" e "A Lamentação sobre Nippur", restringem-se principalmente à descrição angustiante da destruição das cidades sumérias e do sofrimento de seus habitantes e prestam pouca atenção aos eventos históricos que causaram esse estado melancólico de eventos.

Finalmente, um mínimo de informação histórica pode ser colhido até mesmo de gêneros literários como mitos, hinos e literatura de "sabedoria". Nenhum deles é historicamente orientado, mas aqui e ali eles podem revelar, involuntariamente e incidentalmente, um pouco de informação histórica não conhecida de outra forma. Assim, por exemplo, é dos hinos reais que aprendemos que o inimigo mais temido da Suméria, os gutianos, ainda eram problemáticos e formidáveis nos dias da Terceira Dinastia de Ur, apesar da alardeada vitória de Utuhega. Ou podemos aprender de um mito algo sobre as relações da Suméria com o resto do mundo; ou um provérbio pode mencionar o nome de um governante por uma razão ou outra.

Mas inscrições votivas e fórmulas de data, epístolas reais e listas de governantes e dinastias, canções épicas de vitória e lamentos amargos de derrota — tudo isso dificilmente se soma à história como gostamos de pensar. Além disso, durante aproximadamente os dois primeiros milênios da existência da Suméria, praticamente não temos documentos

históricos escritos, e as inscrições votivas que temos dos períodos posteriores vêm de apenas alguns sítios sumérios e, portanto, tendem a dar uma imagem unilateral dos eventos que registram. Quanto às composições poéticas, e especialmente os contos épicos, estes contêm, na melhor das hipóteses, apenas um núcleo de verdade histórica, e o estudioso moderno geralmente se encontra irremediavelmente frustrado em seus esforços para separar o joio do trigo, o real do imaginado e, assim, isolar o resíduo historicamente significativo. Tudo o que o sumerologista atual pode fazer é analisar e interpretar seus dados fragmentários, obscuros e imprecisos, e tentar reconstruir pelo menos alguns dos eventos políticos e desenvolvimentos históricos notáveis de acordo com sua própria razão, compreensão, percepção e discernimento — tudo o que necessariamente leva a um tratamento mais subjetivo e tendencioso do que o desejável ou talvez até mesmo permitido. Nessas circunstâncias, é provável que haja uma diferença considerável de pontos de vista, mesmo entre os especialistas no campo. O esboço da história suméria aqui apresentado sofre sem dúvida dos preconceitos, conceitos e deficiências particulares do autor; mas isso é o melhor que ele pode fazer com os dados disponíveis no ano de 1963, e se seus erros de comissão, bem como omissão, são muitos e terríveis, que as gerações futuras e os deuses sumérios levem em conta as circunstâncias atenuantes e o julguem com misericórdia e compaixão. Ao contar o pouco que ele sabe, ou pensa que sabe, sobre a história suméria, ele está apenas seguindo o ditado do antigo provérbio sumério: “Aquele que sabe, por que deveria mantê-lo escondido?”

Suméria, ou melhor, a terra que veio a ser conhecida como Suméria durante o terceiro milênio a.C., foi provavelmente colonizada pela primeira vez em algum momento entre 4500 e 4000 a.C. — pelo menos esse era o consenso dos arqueólogos do Oriente Próximo até bem recentemente. Esse número foi obtido começando com 2500 a.C., uma data aproximada e razoavelmente segura obtida por estimativa com a ajuda de documentos escritos. A isso foram adicionados de mil e quinhentos a dois mil anos, um período de tempo grande o suficiente para explicar o acúmulo estratigráfico de todos os vestígios culturais anteriores até o solo virgem, ou seja, até o início da habitação humana

na Suméria. Naquela época, era geralmente assumido que a Suméria era um vasto pântano quebrado aqui e ali por ilhas baixas de terra aluvial construídas pelo depósito gradual de lodo carregado pelos rios Tigre, Eufrates e Karun. Antes disso, a maior parte da Suméria era presumivelmente coberta pelas águas do Golfo Pérsico, que se estendiam muito mais do que hoje, e a habitação humana era, portanto, impossível.

Tudo isso era teoria aceita nos círculos arqueológicos até 1952, quando os dois geólogos, Lees e Falcon, publicaram um artigo que trazia implicações revolucionárias para a data do primeiro assentamento da Suméria. Neste estudo, intitulado "A História Geográfica das Planícies Mesopotâmicas"[15], eles apresentaram evidências geológicas para mostrar que a Suméria estava acima da água muito antes de 4500-4000 a.C., e era possível, portanto, que o homem tivesse se estabelecido lá consideravelmente antes do que geralmente se supunha. A razão pela qual os vestígios desses primeiros assentamentos na Suméria ainda não foram descobertos, argumentou-se, pode ser porque a terra estava afundando lentamente ao mesmo tempo em que o lençol freático estava subindo. O nível mais baixo de vestígios culturais na Suméria pode, portanto, estar agora submerso e nunca ter sido alcançado por arqueólogos, uma vez que eles teriam sido enganados pelo nível mais alto da água, fazendo-os acreditar que haviam tocado em solo virgem. Se isso for verdade, os vestígios culturais mais antigos da Suméria ainda estão enterrados e inexplorados, e a data dos primeiros assentamentos da Suméria pode ter que ser adiada um milênio ou mais.

Seja como for, é razoavelmente certo que os primeiros colonos da Suméria não foram os sumérios. A evidência pertinente não deriva de fontes arqueológicas ou antropológicas, que são bastante ambíguas e inconclusivas sobre o assunto, mas da linguística. O nome dos dois rios vivificantes da Suméria, o Tigre e o Eufrates, ou *idiglat* e *buranun* como são lidos em cuneiforme, não são palavras sumérias. Nem os nomes dos centros urbanos mais importantes da Suméria — Eridu, Ur, Larsa, Isin, Adab, Kullab, Lagash, Nippur, Kish — são palavras que têm uma etimologia suméria satisfatória. Tanto os rios quanto as cidades, ou melhor, as vilas que mais tarde se tornaram cidades, devem ter sido nomeadas por um povo que não falava a língua suméria, assim como,

por exemplo, nomes como Mississippi, Connecticut, Massachusetts e Dakota indicam que os primeiros habitantes dos Estados Unidos não falavam a língua inglesa.

O nome desses colonos pré-sumérios da Suméria é, obviamente, desconhecido. Eles viveram muito antes da escrita ser inventada e não deixaram registros reveladores. Também não podemos identificá-los a partir dos documentos sumérios de uma época posterior, embora seja pouco provável que pelo menos alguns deles fossem conhecidos no terceiro milênio como subarianos. Mas isso sabemos com um grau razoável de certeza: eles foram a primeira força civilizadora importante na antiga Suméria, seus primeiros agricultores, cultivadores, criadores de gado e pescadores; seus primeiros tecelões, artesãos de couro, carpinteiros, ferreiros, oleiros e pedreiros. Mais uma vez, foi a análise linguística que forneceu a prova. Em um artigo publicado em 1944 em um periódico patrocinado pela Universidade de Ancara[16], Benno Landsberger, uma das mentes mais perspicazes na pesquisa cuneiforme, analisou uma série de palavras "sumérias" culturalmente significativas — isto é, palavras conhecidas de documentos sumérios do terceiro milênio a.C. e, portanto, geralmente assumido como sumério — e mostrou que há boas razões para acreditar que não são sumérios de forma alguma. Todas essas palavras consistiam em duas ou mais sílabas — em sumério, a maioria das raízes são monossilábicas — e, em geral, mostravam o mesmo padrão das palavras para Tigre, Eufrates e os nomes de cidades não sumérias; Landsberger concluiu que elas devem, portanto, pertencer à língua falada pelo mesmo povo pré-sumério que havia nomeado os dois rios da Suméria e a maioria de suas cidades. Entre essas palavras estavam aquelas para agricultor (*engar*), pastor (*udul*) e pescador (*shuhadak*), arado (*apin*) e sulco (*apsin*), palmeira (*nimbar*) e tâmara (*sulumb*), metalúrgico (*tibira*) e ferreiro (*simug*), carpinteiro (*nangar*) e cesteiro (*addub*), tecelão (*ishbar*) e curtidor (*ashgab*), oleiro (*pahar*), pedreiro (*shidim*) e talvez até comerciante (*damgar*), uma palavra que foi quase universalmente considerada uma marca registrada semítica. Portanto, segue-se que as técnicas agrícolas básicas e as habilidades industriais foram introduzidas pela primeira vez na Suméria não pelos sumérios, mas por seus predecessores sem nome.

Landsberger chamou esse povo de proto-eufrateus, um nome um tanto estranho que, no entanto, é apropriado e útil do ponto de vista linguístico.

Em arqueologia, os proto-eufrateus são conhecidos como o povo Ubaid, ou seja, o povo responsável pelos restos culturais primeiramente desenterrados no Tell conhecido como al-Ubaid, não muito longe de Ur, e mais tarde nos níveis mais baixos de uma série de Tells por toda a antiga Suméria. Esses restos consistiam em implementos de pedra, como enxadas, enxós, moinhos, pilões e facas, e de artefatos de argila, como foices, tijolos, pesos de tear, espirais de fuso, estatuetas, bem como um tipo distinto e característico de cerâmica pintada. Como já foi coletado a partir da evidência linguística, portanto, os proto-eufrateus, ou ubaidianos, eram agricultores empreendedores que fundaram uma série de vilas e cidades por toda a terra e desenvolveram uma economia rural de considerável riqueza e estabilidade.

Os ubaidianos, no entanto, não permaneceram por muito tempo como o único e dominante poder na antiga Suméria. Imediatamente a oeste da Suméria fica o deserto sírio e a península Arábica, o lar dos nômades semitas desde tempos imemoriais. À medida que os colonos ubaidianos se desenvolviam e prosperavam, algumas dessas hordas semitas começaram a se infiltrar em seus assentamentos tanto como imigrantes pacíficos quanto como conquistadores guerreiros. Na Verdade, ainda não temos nenhuma evidência direta e conclusiva para essa inferência crucial. Em primeiro lugar, no entanto, pode ser postulado a priori a partir do que se sabe da história posterior da Suméria. Repetidamente ao longo dos milênios, os nômades semitas bárbaros se infiltraram e conquistaram os centros estabelecidos da Suméria, e não há razão para supor que isso não tenha acontecido também no quarto milênio a.C. Por outro lado, mesmo as inscrições sumérias mais antigas contêm uma série de palavras emprestadas semíticas, e o panteão sumério contém muitas divindades que são de origem semítica — alguns desses empréstimos podem remontar a tempos muito antigos. Finalmente, a primeira dinastia da Suméria cuja existência pode ser historicamente atestada pelo menos até certo ponto, a chamada Primeira Dinastia de Kish, que de acordo com os próprios

antigos ocorreu imediatamente após o fim do Dilúvio, começa com um grupo inteiro de governantes com nomes semíticos. Nenhuma dessas evidências é realmente conclusiva, mas, no geral, parece razoável conjeturar que os semitas seguiram os proto-eufrateus até a Suméria e que, como resultado da fertilização cruzada de suas duas culturas, surgiu a primeira civilização relativamente elevada na Suméria, uma na qual o elemento semítico era provavelmente predominante.

Seja como for, é altamente provável que os próprios sumérios não tenham chegado à Suméria até algum momento na segunda metade do quarto milênio a.C. Ainda é bastante incerto onde ficava seu lar original. A julgar por um ciclo de contos épicos girando em torno de Enmerkar e Lugalbanda, os primeiros governantes sumérios parecem ter tido um relacionamento incomumente próximo e íntimo com uma cidade-estado conhecida como Aratta, provavelmente situada em algum lugar na região do Mar Cáspio. A língua suméria é uma língua aglutinante, que lembra até certo ponto as línguas ural-altaicas, e esse fato também pode apontar para a mesma área geral de Aratta. Mas de onde quer que os sumérios tenham vindo, e qualquer tipo de cultura que trouxeram com eles, isso é certo: sua chegada levou a uma fusão extraordinariamente frutífera, tanto étnica quanto cultural, com a população nativa e trouxe um surto criativo repleto de muita importância para a história da civilização. No curso dos séculos que se seguiram, a Suméria atingiu novos patamares de poder político e riqueza econômica, e testemunhou algumas de suas realizações mais significativas nas artes e ofícios, na arquitetura monumental, no pensamento religioso e ético, e no mito oral, épico e nos hinos. Acima de tudo, os sumérios, cuja língua gradualmente se tornou a fala predominante da região, criaram um sistema de escrita, desenvolveram-no em uma ferramenta eficaz de comunicação e deram os primeiros passos em direção à introdução da educação formal.

O primeiro governante da Suméria cujos feitos são registrados, mesmo que apenas no tipo mais breve de declaração, é um rei chamado Etana de Kish, que pode ter chegado ao trono bem no início do terceiro milênio a.C. Na Lista de Reis, ele é descrito como “aquele que estabilizou todas as terras”. Partindo do pressuposto de que essa declaração, encontrada em um documento datado de um milênio ou

mais depois do reinado de Etana, incorpora uma tradição confiável, pode-se inferir que ele dominou não apenas a Suméria, mas também algumas das terras vizinhas — em suma, que ele pode ter sido o primeiro construtor de impérios conhecido pelo homem. Que Etana foi uma figura notável e destacada na história inicial da Suméria é demonstrado pela nota puramente lendária na mesma Lista de Reis de que ele era "um homem que ascendeu ao céu" e por um poema semítico acadiano, vigente no início do segundo milênio a.C., que se concentra neste mesmo motivo mítico. De acordo com essa lenda, para a qual um arquétipo sumério pode muito bem aparecer em algum dia futuro, Etana era um rei piedoso e temente a Deus que praticava o culto divino fiel e assiduamente, mas foi amaldiçoado com a falta de filhos e, portanto, não tinha ninguém para continuar seu nome. Seu desejo fervoroso, portanto, era obter "a planta do nascimento", que, no entanto, estava localizada no céu, longe do alcance mortal. Para chegar ao céu, Etana obteve a ajuda de uma águia que ele havia resgatado de um poço onde havia sido lançada por uma serpente, cuja amizade havia traído e cujos filhotes havia devorado. Essa lenda era bastante popular entre os cortadores de selos, a julgar por uma série de selos representando um mortal subindo em direção ao céu nas asas de uma águia. É certo que Etana não ficou no céu, pois de acordo com um canto fúnebre recentemente traduzido em uma tabuleta no Museu Pushkin, bem como a sétima tabuleta há muito conhecida do Épico Acádio de Gilgamesh, encontramos Etana residindo no mundo inferior para onde todos os mortais, não importa quão grandes sejam suas realizações — exceto, é claro, o herói do Dilúvio Ziusudra — devem finalmente descer. Mas todas essas tradições lendárias apenas ajudam a demonstrar que Etana foi uma figura poderosa e impressionante cuja vida e feitos capturaram a imaginação dos antigos bardos e poetas.

Etana, de acordo com a Lista de Reis, é seguido por sete governantes, vários dos quais, a julgar por seus nomes, eram semitas em vez de sumérios. O oitavo foi o rei Enmebaraggesi, sobre quem temos algumas informações históricas, ou pelo menos semelhantes a sagas, tanto da Lista de Reis quanto de outras obras literárias sumérias tardias. Além disso, apenas muito recentemente, uma preciosa inscrição

contemporânea de três palavras foi descoberta em um pequeno fragmento de um vaso de alabastro por um jovem sumerologista que trabalhava em Bagdá, o que prova, sem sombra de dúvida, que ele não era um rei mítico, mas um rei de carne e osso[17]. Na época em que Enmebaraggesi chegou ao trono de Kish, outra cidade-estado suméria, bem ao sul de Kish, havia se destacado e estava desafiando a supremacia de Kish; pois não muito tempo depois do reinado de Etana, parece que um rei chamado Meskiaggasher, descrito na Lista de Reis como "o filho de Utu (o deus-sol sumério)", fundou uma dinastia ambiciosa e poderosa na cidade de Erech, que em sua época ainda era conhecida pelo nome mais antigo Eanna, "Casa de An (o deus-céu)". A julgar por uma nota um tanto ambígua e obscura anexada ao seu nome na Lista de Reis, que diz: "Ele entrou nos mares (e) ascendeu às montanhas", ele pode ter tentado estender seu domínio sobre as terras ao redor de Suméria e muito além. Seja como for, seu filho Enmerkar, que, de acordo com a Lista de Reis, o seguiu no trono, mas que nos poemas épicos recebe o epíteto de "filho de Utu" — o mesmo dado a seu pai na Lista de Reis — foi certamente uma das figuras notáveis nos primórdios da Suméria. De acordo com a Lista de Reis, ele construiu a cidade de Erech; e de acordo com os contos épicos, ele liderou uma campanha contra Aratta, em algum lugar nas proximidades do Mar Cáspio, e a subjugou a Erech.

Um dos arautos heroicos e companheiros de armas de Enmerkar em sua luta com Aratta foi Lugalbanda, que sucedeu Enmerkar no trono de Erech. Como ele é o principal protagonista de pelo menos dois contos épicos, ele também deve ter sido um governante venerável e impressionante; e não é surpreendente descobrir que por volta de 2400 a.C., e talvez até antes, ele foi deificado pelos teólogos sumérios e recebeu um lugar no panteão sumério. Infelizmente, nem a Lista de Reis nem os contos épicos dão qualquer informação sobre suas realizações políticas e militares, exceto que ele acompanhou Enmerkar em sua campanha de Aratta.

Lugalbanda, de acordo com a Lista de Reis, é seguido por Dumuzi, um governante que se tornou a figura principal em um "ritual de casamento sagrado" sumério e no mito do "deus moribundo" que

deixou uma profunda impressão no mundo antigo. De fato, as mulheres de Jerusalém, para o horror do profeta Ezequiel, ainda lamentavam sua morte no século VI a.C. (Ezequiel 8:14). Um dos meses do calendário judaico leva seu nome até hoje, e o jejum e a lamentação que marcam seu décimo sétimo dia sem dúvida remontam aos dias sumérios do passado distante. Ainda não se sabe por que Dumuzi foi destacado pelos teólogos sumérios posteriores como o protagonista desse ritual e mito em particular. Deve ter sido devido, pelo menos em grande parte, à profunda impressão que Dumuzi deixou durante sua vida como homem e governante, mas ainda não há dados históricos que corroborem essa visão.

Dumuzi é seguido, de acordo com a Lista de Reis, por Gilgamesh, um governante cujos feitos lhe renderam tão grande renome que ele se tornou o herói supremo do mito e lenda sumérios. Poemas exaltando Gilgamesh e seus feitos foram escritos e reescritos ao longo dos séculos, não apenas em sumério, mas na maioria das outras línguas mais importantes da Ásia Ocidental. Gilgamesh se tornou o herói por excelência do mundo antigo — uma figura aventureira, corajosa, mas trágica, simbolizando o impulso vão, mas infinito do homem por fama, glória e imortalidade — a tal ponto que às vezes ele foi considerado por estudiosos modernos como uma figura lendária em vez de um homem e governante real. Ainda não temos registros contemporâneos dele, embora haja alguma esperança de que as escavações agora conduzidas em Erech possam descobrir alguns, mais cedo ou mais tarde. Em 1955, no entanto, vieram à tona as dez linhas iniciais de uma inscrição de Tummal há muito conhecida que lançou uma luz inteiramente nova sobre Gilgamesh e sua época. De fato, esta passagem, por mais breve que seja, ajuda a esclarecer a situação política naqueles primeiros dias da história suméria de uma forma tão significativa e inesperada que é aconselhável abordar o assunto com alguns detalhes.

De acordo com a Lista de Reis, as três primeiras dinastias sumérias após o Dilúvio foram as de Kish, Erech e Ur, nessa ordem. Mas, a partir da tradição épica e hinária suméria, sabia-se há algum tempo que os dois últimos reis da dinastia de Kish, Enmebaraggesi (de quem, como foi observado anteriormente, agora temos uma inscrição

contemporânea) e seu filho Agga, eram contemporâneos de Gilgamesh, o quinto governante de Erech, com quem travaram uma luta amarga pela supremacia sobre a Suméria[18]. Portanto, era geralmente aceito entre os cuneiformistas que a Primeira Dinastia de Kish e a Primeira Dinastia de Erech se sobrepunham em grande medida. Quanto à Primeira Dinastia de Ur, da qual agora temos várias inscrições contemporâneas, seu fundador, Mesannepadda, foi considerado por praticamente todos os estudiosos como tendo vivido consideravelmente depois de Gilgamesh de Erech, o intervalo de tempo sugerido entre esses dois governantes variando de tão pouco quanto quarenta a tantos quanto quatrocentos anos. Portanto, foi um choque perceber, como resultado das novas evidências baseadas em uma passagem até então desconhecida de não mais do que dez linhas, que Mesannepadda era na verdade um contemporâneo mais velho de Gilgamesh — que até mesmo o filho de Mesannepadda, Meskiagnunna, era contemporâneo de Gilgamesh — e que foi Mesannepadda de Ur quem pôs fim à Primeira Dinastia de Kish, não Gilgamesh ou qualquer outro governante da Primeira Dinastia de Erech, apesar da declaração na Lista de Reis dizendo: “Kish foi ferido com armas; sua realeza foi levada para Eanna”.

O documento no qual essa nova evidência se baseia é o texto historiográfico de trinta e quatro linhas mencionado anteriormente, conhecido como Inscrição de Tummal, sendo Tummal o nome de um distrito em Nippur consagrado à deusa Ninlil, que sem dúvida continha seu santuário mais importante. Exceto pelas primeiras dez linhas, o texto de Tummal é conhecido quase em sua totalidade desde 1914, quando Arno Poebel publicou duas tabuletas inscritas com a composição em seu livro *Historical Texts*[19]. Começando com a linha 11, este texto é executado da seguinte forma:

11. Pela segunda vez, o Tummal caiu em ruínas[20],
12. Gilgamesh construiu o Numunburra da Casa de Enlil.
13. Ur-lugal, filho de Gilgamesh,
14. Tornou o Tummal proeminente,
15. Trouxe Ninlil para o Tummal.
16. Pela terceira vez, o Tummal caiu em ruínas,
17. Nanna construiu o “Parque Elevado” da Casa de Enlil.
18. Meskiag-Nanna, filho de Nanna,

19. Tornou o Tummal proeminente,
20. Trouxe Ninlil para o Tummal.
21. Pela quarta vez, o Tummal caiu em ruínas,
22. Ur-Nammu construiu o Ekur.
23. Shulgi, filho de Ur-Nammu,
24. Tornou o Tummal proeminente,
25. Trouxe Ninlil para o Tummal.
26. Pela quinta vez, o Tummal caiu em ruínas,
27. Do ano de Amar-Sin
28. Até (o ano de) Ibbi-Sin, o rei,
29. Enamgalanna como o *en* de Inanna de Erech
30. Selecionado,
31. Ninlil foi trazido para o Tummal.
32. De acordo com a palavra de Lu-Inanna, o *ashgab-gal* de Enlil,
33. Ishbi-Erra construiu o Ekurraigigalla,
34. O armazém de Enlil.

Deste texto, mesmo com a passagem inicial faltando, ficou claro que seu autor, que viveu na época de Ishbi-Erra, o fundador da Primeira Dinastia de Isin, pretendia dar um breve resumo histórico dos vários edifícios no complexo do templo de Enlil em Nippur e, em particular, das restaurações do Tummal de Ninlil. Além disso, o padrão estilístico bastante marcante utilizado pelo autor tornou possível deduzir o caráter geral do conteúdo das cinco linhas faltantes imediatamente anteriores, embora não os nomes dos indivíduos envolvidos. Assim, uma vez que o texto disponível começava com a passagem de cinco linhas:

Pela segunda vez, o Tummal caiu em ruínas,
Gilgamesh construiu o Numunburra da Casa de Enlil.
Ur-lugal, o filho de Gilgamesh,
Tornou o Tummal proeminente,
Trouxe Ninlil para o Tummal.

parecia razoável concluir que a passagem de cinco linhas anterior dizia:

Pela primeira vez, o Tummal caiu em ruínas,
X construiu o edifício Y da Casa de Enlil.
Z, o filho de X,
Tornou o Tummal proeminente,
Trouxe Ninlil para o Tummal.

Quanto à passagem no início do documento, não havia como inferir seu conteúdo, embora parecesse senso comum supor que ela deveria declarar quem foi que construiu a Casa de Enlil e o Tummal em primeiro lugar.

Felizmente, agora não há mais necessidade de palpites, inferências ou restaurações; toda a passagem de dez linhas perdidas é encontrada em duas tabuletas na Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller, que estudei pela primeira vez durante uma estadia de dez semanas em Jena no outono de 1955 e que Inez Bernhardt, a curadora assistente da Coleção Hilprecht, copiou para um volume de textos literários que apareceu em 1961. Ambos são fragmentários, mas felizmente se complementam de tal forma que nenhum sinal está faltando na passagem inicial de dez linhas do documento. Aqui está o que essas linhas dizem:

1. Enmebaraggesi, o rei,
2. Nesta mesma cidade (isto é, Nippur) construiu a Casa de Enlil.
3. Agga, o filho de Enmebaraggesi,
4. Tornou o Tummal proeminente,
5. Trouxe Ninlil para o Tummal.
6. Pela primeira vez, o Tummal caiu em ruínas,
7. Mesannepadda construiu o Burshushua da Casa de Enlil.
8. Meskiagnunna, o filho de Mesannepadda,
9. Tornou o Tummal proeminente,
10. Trouxe Ninlil para o Tummal.

O texto então continua:

11. Pela segunda vez, o Tummal caiu em ruínas,
12. Gilgamesh, etc.

Aqui, então, a menos que assumamos que o documento de Tummal não é historicamente confiável, é uma prova positiva de que Mesannepadda e até mesmo seu filho Meskiagnunna precederam Gilgamesh no controle da cidade de Nippur. Uma vez que, no entanto, eles seguiram Agga, que era ele próprio um contemporâneo de Gilgamesh, de acordo com o sincronismo Gilgamesh-Agga mencionado acima, é óbvio que eles também foram contemporâneos de Gilgamesh.

Os eventos históricos declarados e implícitos na passagem de Tummal recentemente recuperada devem, portanto, provavelmente ser reconstruídos da seguinte forma.

Na luta pelo poder sobre a Suméria como um todo, Mesannepadda, o fundador da Primeira Dinastia de Ur, arrancou o controle de Nippur de Agga, o último governante da Primeira Dinastia de Kish. Na verdade, ele provavelmente atacou a própria Kish e foi diretamente responsável pela queda de Agga, o que explicaria por que Mesannepadda foi chamado de "rei de Kish" em vez de "rei de Ur" em sua própria inscrição de selo, já que o título "rei de Kish" carregava prestígio consagrado pelo tempo. Mas Mesannepadda deve ter sido um homem velho na época em que Nippur caiu em suas mãos e, portanto, ele só teve tempo de construir um novo edifício no complexo do templo de Enlil, o Burshushua. Coube a seu filho, Meskiagnunna, restaurar o Tummal para Ninlil. Mas então o controle de Nippur por Meskiagnunna foi encerrado por Gilgamesh, que, quando jovem, evidentemente teve suas próprias dificuldades com Agga de Kish, bem como com seu pai Enmebaraggesi. Nessa época, porém, Gilgamesh também devia estar bem avançado em anos; de qualquer forma, não foi ele, mas seu filho, Ur-lugal, quem restaurou o Tummal.

Como Mesannepadda, o fundador da Primeira Dinastia de Ur, era um contemporâneo mais velho de Gilgamesh, que provavelmente reinou por volta de 2600 a.C. — ele já havia sido deificado por volta de 2500 a.C. — a data de seu reinado é cerca de um século ou mais antes do que os estudiosos geralmente atribuíam com base nas evidências epigráficas disponíveis, mas longe de serem conclusivas. Isso levanta, no entanto, outro problema cronológico que não pode ser resolvido no momento, mas deve pelo menos ser levado em consideração. No curso da escavação do renomado Cemitério Real de Ur, foi descoberto um selo cilíndrico de concha branca inscrito com as palavras "Meskalamdug, rei" e outro selo cilíndrico inscrito com as palavras "Akalamdug, rei de Ur". Nenhum desses governantes é mencionado na Lista de Reis e, portanto, não há como saber se eles precederam ou seguiram Mesannepadda. O escavador, Sir Leonard Woolley, alega que, uma vez que várias impressões de selos com o nome de Mesannepadda foram

recuperadas de uma massa de lixo espalhada sobre a parte do Cemitério Real em que os selos Meskalamdug e Akalamdug foram encontrados, esses dois reis devem ser anteriores em data a Mesannepadda. Isso pode acabar sendo verdade; mas há considerável margem para erro quando se trata de interpretar evidências arqueológicas e estratigráficas, e não deve ser excluída a possibilidade de que Mesannepadda tenha precedido os outros dois governantes.

A amarga luta de três pontas pela supremacia dos governantes de Kish, Erech e Ur deve ter enfraquecido seriamente a Suméria e prejudicado seu poderio militar. Em todo caso, imediatamente após a Primeira Dinastia de Ur, de acordo com a Lista de Reis, a realeza da Suméria foi levada para partes estrangeiras, para o reino de Awan, uma cidade-estado elamítica não muito distante de Susa. Como e quando a Suméria se recuperou desse golpe é bastante incerto. A Lista de Reis registra que "Awan foi ferido por armas" e que sua realeza "foi levada para Kish". Mas nenhuma inscrição dos governantes desta dinastia, a Segunda Dinastia de Kish, foi recuperada até o momento; e isso, junto com o fato de que a Segunda Dinastia de Kish foi seguida por outra dinastia elamítica, a do reino de Hamazi, parece indicar que os sumérios ainda não haviam recuperado seu antigo poder. A dinastia de Hamazi, de acordo com a Lista de Reis, foi seguida por uma Segunda Dinastia de Erech, para a qual nenhum material de inscrição foi descoberto até agora. É seguindo essa dinastia que nos deparamos com um governante que pode muito bem ter sido o salvador da Suméria. Seu nome é Lugalannemundu, um rei de Adab, a quem a Lista de Reis atribui o reinado incrivelmente longo de noventa anos. Ele deixou para trás um documento que indica que ele foi um grande conquistador e líder militar que estava no controle de todo o Crescente Fértil, do Mediterrâneo às Montanhas Zagros. Na verdade, essa inscrição chegou até nós apenas na forma de uma cópia datada de quase um milênio depois dos eventos que ela registra. Mas seu conteúdo é cuidadoso, minucioso e convincentemente detalhado, e soa bastante genuíno e confiável.

Lugalannemundu, de acordo com este documento, é "rei dos quatro quadrantes (do universo)", um governante "que fez todas as terras estrangeiras pagarem tributo constante a ele, que trouxe paz

(literalmente, ‘fez repousar nos pastos’) aos povos de todas as terras, que construiu os templos de todos os grandes deuses, que restaurou a Suméria (à sua antiga glória), que exerceu a realeza sobre o mundo inteiro”. O texto então prossegue nomeando treze *ensis*, junto com as cidades-estados sobre as quais eles exerciam poder, que se uniram em rebelião contra ele e que ele derrotou. É interessante notar que a maioria desses *ensis*, mesmo aqueles que governavam reinos elamitas, têm nomes semíticos. Lugalannemundu em seguida tomou Gutium, cujo povo é conhecido por inscrições posteriores por ter sido o inimigo mais temido da Suméria, e uma série de outras terras — mas infelizmente o texto é muito fragmentário neste ponto.

A parte principal do documento é dedicada à construção em Adab de um templo chamado Enamzu, dedicado à divindade principal da cidade, a deusa-mãe Nintu; o templo era particularmente notável por seus sete portões e sete portas, cada um dos quais tinha um nome especial, como “Portão Elevado”, “Grande Portão”, “Portão dos Decretos (divinos)”, “Porta Elevada”, “Porta da Sombra Refrescante” e assim por diante. Quando o templo foi concluído, nosso documento continua, Lugalannemundu o dedicou à deusa com sacrifícios de “sete vezes sete” bois cevados e ovelhas cevadas; e os vizires, ou *sukkalmahs*, da terra da “Montanha do Cedro”, Elam, Marhashi, Gutium, Subur[21], Martu, Sutium e Eanna (o antigo nome do reino de Erech) vieram com sacrifícios ao templo de Adab para participar da celebração. Esta inscrição dedicatória bastante extraordinária então se encerra com a exortação de que a deusa Nintu deve conceder vida longa aos *ensis* dessas sete terras se eles continuarem a trazer oferendas e sacrifícios ao Enamzu de Adab.

Lugalannemundu, fica claro por esta inscrição, foi, portanto, um dos governantes mais poderosos e dinâmicos da Suméria; a julgar pela lista e localização das terras que ele controlava — Terra da “Montanha do Cedro”, Elam, Marhashi e Gutium no leste, Subur no norte, Martu no oeste e Sutium e Eanna no centro e sul — ele poderia muito bem se autodenominar um governante dos “quatro quadrantes” do universo. Quanto à data de seu governo, pode remontar ao século vinte e seis a.C., ou seja, pelo menos meio século ou mais antes dos governantes da

Suméria, cujas datas podem ser calculadas de perto por estimativa com a ajuda dos documentos de Lagash, pois esses governantes seguem uns aos outros em sucessão próxima e não deixam espaço para uma figura tão poderosa e dominante como Lugalannemundu.

Começando por volta de 2500 a.C. e terminando por volta de 2350 a.C., temos uma série inteira de inscrições dedicatórias que nos permitem reconstruir uma história mais ou menos contínua e ininterrupta da Suméria — pelo menos no que diz respeito às principais figuras e eventos. Elas derivam principalmente de Lagash, uma cidade-estado na parte sudeste da Suméria, que, por alguma razão ainda desconhecida, não é mencionada na Lista de Reis, mas que desempenhou um papel muito importante na história política da Suméria entre cerca de 2450 e 2300 a.C. Com certeza, Lagash foi apenas um dos reinos que constituíram a terra da Suméria ao longo desse período de cento e cinquenta anos; havia mais de meia dúzia de outros existindo lado a lado, por exemplo, Mari, Adab, Erech, Ur, Kish e Akshak. Mas, infelizmente, sabemos pouco sobre o que realmente aconteceu neles, já que praticamente nada além dos nomes dos governantes chegou até nós; raramente é encontrado um documento que registre um evento político e militar significativo. De Lagash, por outro lado, temos várias centenas de inscrições dedicatórias e, embora a grande maioria seja lacônica e repetitiva, há várias que são de valor excepcional para a história deste período. Isso significa, é claro, que vemos os eventos pelos olhos de Lagash; mas a julgar pelos casos que podem ser verificados por outras fontes, os historiadores de Lagash parecem ter respeitado a verdade e registrado os fatos como eles realmente ocorreram, embora o caráter piedoso e religioso do estilo histórico que eles desenvolveram seja às vezes obscuro e confuso. É, então, principalmente a partir dessas inscrições de Lagash que o curso dos eventos históricos prestes a ser esboçado pode ser reconstruído.

Não muito depois de cerca de 2500 a.C., surgiu na cena suméria um governante chamado Mesilim, que assumiu o título de Rei de Kish e parecia estar no controle de toda a terra — sua cabeça de maça inscrita foi encontrada em Lagash; vários de seus objetos inscritos foram encontrados em Adab; e o mais importante de tudo, ele foi o árbitro

responsável em uma amarga disputa de fronteira entre os reinos de Lagash e Umma. Uma geração ou mais após o reinado de Mesilim, 2450 a.C. ou por aí, um homem chamado Ur-Nanshe se estabeleceu como rei de Lagash e fundou uma dinastia que duraria cinco gerações. Não sabemos de onde Ur-Nanshe veio ou como ele chegou ao poder — há até uma mera possibilidade de que ele não fosse originalmente um sumério, mas um semita de uma terra conhecida como Tidnum, a oeste da Suméria. Seja como for, ele deixou para trás cerca de cinquenta inscrições em tabuletas, placas, batentes de portas, tijolos e pregos, que registram principalmente a construção de templos, a escavação de canais e a modelagem de estátuas divinas[22]. Uma das frases que ocorrem repetidamente nessas inscrições, no entanto, carrega implicações políticas e econômicas de um caráter bastante surpreendente, embora deva ser notado que a tradução aqui oferecida ainda não está totalmente garantida. A declaração diz: "Os navios de Dilmun trouxeram a ele (Ur-Nanshe) madeira como um tributo de terras estrangeiras", o que implica que Ur-Nanshe era poderoso o suficiente para controlar uma série de terras estrangeiras além do Golfo Pérsico[23]. Até o momento, no entanto, não há nenhuma outra evidência para verificar uma reivindicação tão abrangente, e pode ser aconselhável deixar o assunto como incerto por enquanto.

Um dos filhos de Ur-Nanshe, Akurgal, o sucedeu no trono de Lagash. No início de seu reinado, ele aparentemente teve dificuldades com os ummaítas, e seu governo foi de curta duração. Ele foi sucedido por seu filho Eannatum, cujas conquistas militares o tornaram a figura mais poderosa de sua época, tanto que ele ousou assumir, pelo menos por alguns breves anos, o título de Rei de Kish, que carregava consigo a reivindicação de supremacia sobre toda a Suméria. Ele começou seu reinado pacificamente o suficiente com a construção e reconstrução daquelas partes de seu reino que devem ter sido destruídas pelos ummaítas nos dias de Akurgal. Mas mais tarde ele embarcou em uma série de empreendimentos militares vitoriosos conduzidos contra Elam a leste, Umma ao norte, Erech e Ur a oeste, sem mencionar várias cidades cuja localização ainda é desconhecida. As causas imediatas para essas guerras são desconhecidas, exceto no caso de Umma. Para um relato

dessa luta, temos o documento bastante detalhado preparado por um dos arquivistas do sobrinho de Eannatum, Entemena, e a partir dele podemos reconstruir o pano de fundo e o drama do conflito entre Lagash e Umma e o papel temporariamente bem-sucedido de Eannatum nele, como segue.

Nos dias em que Mesilim era rei de Kish e pelo menos o suserano nominal da Suméria, uma disputa de fronteira surgiu entre as cidades de Lagash e Umma, ambas as quais evidentemente reconheciam Mesilim como seu suserano. Este último procedeu para arbitrar a controvérsia medindo uma linha de fronteira entre as duas cidades de acordo com o que foi dado como um oráculo de Sataran, uma divindade encarregada de resolver reclamações. Além disso, ele ergueu uma estela inscrita para marcar o local e evitar disputas futuras.

No entanto, a decisão, que foi presumivelmente aceita por ambas as partes, pareceu favorecer Lagash em vez de Umma. Em todo caso, não muito tempo depois, Ush, um *ensi* de Umma, violou os termos da decisão — o tempo não é declarado, mas há indícios de que essa violação ocorreu não muito antes de Ur-Nanshe fundar sua dinastia em Lagash. Ush arrancou a estela de Mesilim para indicar que ele não estava vinculado aos seus termos e então cruzou a fronteira e tomou o território mais ao norte pertencente a Lagash, conhecido como Guedinna.

Esta terra permaneceu nas mãos dos ummaítas até os dias de Eannatum, o neto de Ur-Nanshe, que atacou e derrotou os ummaítas e fez um novo tratado de fronteira com Enakalle (então o *ensi* de Umma). Ele cavou uma vala em linha com a nova fronteira que ajudaria a garantir a fertilidade do Guedinna, ergueu ali para fins de registro futuro a antiga estela Mesilim, bem como várias estelas de sua autoria, e construiu uma série de edifícios e santuários para várias das divindades sumérias mais importantes. Além disso, para ajudar a minimizar a possível fonte de conflito futuro entre Umma e Lagash, ele reservou uma faixa de terra em pousio no lado Umma da vala da fronteira como uma espécie de terra de ninguém. Finalmente, Eannatum, provavelmente em um esforço para aliviar os sentimentos dos ummaítas até certo ponto, já que ele estava ansioso para expandir suas conquistas em outras direções,

concordou em deixá-los cultivar os campos que ficavam no Guedinna e ainda mais ao sul. Mas ele concedeu isso apenas sob a condição de que pagassem aos governantes de Lagash uma parte das colheitas pelo uso da terra, garantindo assim a si mesmo e a seus sucessores uma receita considerável.

Eannatum seguiu suas vitórias sobre Elam e as cidades mais ao sul da Suméria, como Umma, Erech e Ur, com triunfos militares sobre o norte da Suméria, que estava sob o controle da cidade de Kish e da vizinha Akshak. Kish, com certeza, parecia ter sido enfraquecida por uma derrota nas mãos de Enshakushanna, que se descreveu como "*en* da Suméria" e "rei da 'Terra'"; e foi Zuzu, o rei de Akshak, que liderou uma invasão das forças do norte em Lagash. Eannatum derrotou as forças invasoras e as perseguiu "desde Antasurra" (a fronteira norte de Lagash) até a própria Akshak, infligindo pesadas perdas a elas.

Eannatum estava agora no auge de seu poder; ele até se sentia poderoso o suficiente para assumir o título de "Rei de Kish" com sua reivindicação implícita de suserania sobre a Suméria como um todo; ou como o antigo autor coloca, "Para Eannatum, o *ensi* de Lagash . . . Inanna (a divindade tutelar de Kish), porque ela o amava, deu a realeza de Kish, além da *ensi*-dade de Lagash." Foi nessa época, também, que ele deve ter erguido e dedicado a Estela dos Abutres comemorando suas vitórias bem merecidas. Parece que um breve período de paz se seguiu para a Suméria, e encontramos Eannatum tirando um tempo para cavar um novo canal, que ele chamou exultantemente de Lummagimdug, "Bom(?)-como-Lumma", Lumma sendo o nome Tidnum de Eannatum, isto é, presumivelmente o nome dado a ele pelo povo semita Martu a oeste da Suméria, onde se sabe que se localizava Tidnum.

Mas antes que o canal fosse concluído, antes que ele tivesse tempo de revestir suas paredes com tijolos, Eannatum estava novamente em guerra. Desta vez, era ele quem estava na defensiva, mal conseguindo manter seus inimigos afastados e evitar a derrota. Primeiro, os elamitas o atacaram do leste, e embora ele os tenha jogado de volta para sua terra natal, ele foi incapaz de dar continuidade ao seu sucesso e invadir a própria Elam. Pois a essa altura seus antigos inimigos do norte, Kish e Akshak, haviam invadido Lagash. Assim que ele os expulsou do

território de Lagash, os elamitas retornaram com novos aliados, para serem seguidos mais uma vez pelas tropas de Kish e Akshak, apoiadas desta vez por um novo inimigo, o reino de Mari, bem a oeste. Em batalhas campais travadas em Asuhur, a fronteira oriental de Lagash, e Antasurra, sua fronteira norte, Eannatum obteve uma vitória decisiva sobre seus inimigos. Mais uma vez houve um breve descanso das guerras, e Eannatum estava em posição de renovar suas atividades de construção, reforçando as paredes do canal Lummagimdug e construindo um enorme reservatório para suas águas. Mas, apesar de suas vitórias e seu orgulhoso epíteto "Prostrador de todas as Terras por Ningirsu", Eannatum parece ter chegado a um fim infeliz, pois seu sucessor não foi um de seus filhos, mas seu irmão Enannatum. Isso aponta para a probabilidade de que ele não tenha morrido de morte natural, mas caiu em uma batalha que deve ter sido catastrófica para Lagash, uma batalha da qual nunca se recuperou totalmente.

Enannatum, ao suceder seu irmão no governo de Lagash, logo se viu em sérias dificuldades com os ummaítas, pois, apesar de sua derrota nas mãos de Eannatum, levou menos de uma geração para recuperar sua confiança, se não sua antiga força. Em qualquer caso, Ur-Lumma, o filho do infeliz Enakalle, repudiou o acordo amargamente irritante com Lagash e se recusou a pagar a Enannatum a receita imposta a Umma. Além disso, ele procedeu a drenar as valas de fronteira, arrancar e incendiar as estelas de Mesilim e Eannatum com suas inscrições irritantes e destruir os edifícios e santuários que Eannatum havia construído ao longo da vala de fronteira para avisar os ummaítas de que eles não deveriam invadir o território de Lagash. Ele agora estava pronto para cruzar a fronteira e entrar na Guedinna. Para garantir ainda mais a vitória, ele buscou e obteve a ajuda militar dos "estrangeiros" ao norte da Suméria.

As duas forças se encontraram no Gana-ugigga de Guedinna, não muito ao sul da fronteira. Os ummaítas e seus aliados estavam sob o comando do próprio Ur-Lumma, enquanto os lagashitas eram liderados por Entemena, já que seu pai Enannatum devia ser um homem bem velho na época. Os lagashitas foram vitoriosos; Ur-Lumma fugiu,

perseguido ferozmente por Entemena, e muitos de seus soldados foram emboscados e mortos.

Mas a vitória de Entemena provou ser efêmera. Após a derrota e provável morte de Ur-Lumma, um novo inimigo apareceu em cena: Il, o chefe do templo de uma cidade chamada Hallab, situada não muito longe de Umma ao norte. Il evidentemente foi astuto o suficiente para esperar enquanto Entemena e Ur-Lumma lutavam por um acordo. Mas assim que a batalha acabou, ele atacou o vitorioso Entemena, obteve sucesso inicial e penetrou profundamente no território Lagash. É verdade que ele não conseguiu manter seus ganhos ao sul da fronteira de Umma-Lagash; mas conseguiu se tornar *ensi* de Umma.

Il agora procedeu a mostrar seu desprezo pelas reivindicações de Lagash quase da mesma maneira que seu predecessor, Ush. Ele privou as valas de fronteira da água tão essencial para a irrigação dos campos e fazendas próximas e se recusou a pagar tudo, exceto uma fração da receita imposta a Umma pelo antigo tratado de Eannatum. E quando Entemena enviou emissários a ele exigindo uma explicação por seus atos hostis, ele respondeu arrogantemente reivindicando toda a Guedinna como seu território e domínio.

A questão entre Il e Entemena, no entanto, não foi decidida pela guerra. Em vez disso, um acordo parece ter sido forçado sobre eles por uma terceira parte, provavelmente mais uma vez o governante não sumério do norte que reivindicou a soberania sobre a Suméria como um todo. Em geral, a decisão parece ter favorecido Lagash, já que a antiga linha Mesilim-Eannatum foi mantida como a fronteira fixa entre Umma e Lagash. Por outro lado, nada foi dito sobre a compensação dos ummaítas pela receita que eles haviam retido; nem eles parecem ter sido responsabilizados por mais tempo por garantir o suprimento de água do Guedinna — essa tarefa agora foi deixada para os próprios lagashitas[24].

Entemena foi o último dos grandes *ensis* da dinastia de Ur-Nanshe; seu filho Enannatum II reinou apenas brevemente e alcançou pouco, a julgar pelo fato de que apenas uma de suas inscrições foi recuperada até hoje — uma tomada de porta dedicada à restauração da cervejaria de Ningirsu. Ele foi seguido como *ensi* de Lagash por

Enetarzi, que provavelmente era um usurpador; dos dias de seu governo, temos um grande número de documentos administrativos, mas nenhuma inscrição dedicatória. No entanto, foi recuperada uma carta endereçada a Enetarzi por Luenna, o *sanga* (chefe do templo) de Ninmar, relatando a derrota de um bando de seiscentos elamitas que invadiram e saquearam Lagash[25].

Enetarzi é seguido como *ensi* de Lagash por Lugalanda, que, como seu antecessor, nos deixou apenas documentos administrativos e nenhuma inscrição dedicatória; portanto, não sabemos praticamente nada sobre seu reinado. Lugalanda é seguido por Urukagina, que se tornou famoso não por suas façanhas militares — na verdade, ele pode ter sido o primeiro pacifista — mas por suas reformas sociais e éticas, as primeiras na história registrada do homem. Infelizmente, seu reinado foi breve e chegou a um triste fim quando Lugalzaggesi, um *ensi* ambicioso e de mentalidade militar da vizinha Umma, queimou, saqueou e destruiu praticamente todos os lugares sagrados de Lagash. Esses atos cruéis de Lugalzaggesi são cuidadosamente registrados em um documento bastante notável escrito por um escriba e teólogo lagashita, sem dúvida a mando de Urukagina, que — há razões para acreditar — sobreviveu à catástrofe. A passagem final deste documento revela uma fé na justiça dos deuses por parte de Urukagina que, embora bastante tocante, pode muito bem ter causado sua ruína; diz: "Porque o ummaíta destruiu os tijolos (?) de Lagash, ele cometeu um pecado contra o deus Ningirsu; ele (Ningirsu) cortará as mãos levantadas (?) contra ele. Não é o pecado de Urukagina, o rei de Girsu. Que Nidaba, a deusa (pessoal) de Lugalzaggesi, o *ensi* de Umma, faça com que ele (Lugalzaggesi) suporte todos (esses) pecados"[26]. Tudo isso deixa a impressão de que Urukagina de fato não ofereceu resistência aos seus agressivos companheiros sumérios de Umma, tão confiante estava ele na justiça dos deuses e na retribuição que eles causariam ao malfeitor — embora não esteja claro qual bem isso faria à vítima. Em qualquer caso, a carreira de Lugalzaggesi, que começou com a conquista de Lagash e foi por um tempo coroada com sucesso fenomenal, chegou a um fim ignominioso.

Lugalzaggesi nos deixou uma inscrição importante, cujo texto foi reunido por Hermann Hilprecht há mais de meio século a partir de

centenas de fragmentos de vasos[27]. Nela, Lugalzaggesi se descreve orgulhosamente como "rei de Erech (e) rei da Terra", como alguém que tornou todas as terras estrangeiras subservientes a ele, de modo que não havia nada além de paz, felicidade e prosperidade em todo o seu reino, que se estendia "do Mar Inferior ao longo dos rios Tigre e Eufrates até o Mar Superior". Mas, como foi dito antes, tudo isso não durou muito; após cerca de duas décadas de sucessos e triunfos militares, ele foi levado num tronco amarrado ao pescoço até o portão de Nippur para ser insultado e cuspido por todos que passavam. Seu conquistador foi um semita chamado Sargão, o fundador da poderosa dinastia de Acádia, que iniciou, consciente ou inconscientemente, a semitização da Suméria, que finalmente trouxe o fim do povo sumério, pelo menos como uma entidade política e étnica identificável.

Sargão, o Grande, como ele veio a ser conhecido pelo historiador moderno, foi uma das figuras políticas mais notáveis do antigo Oriente Próximo — um líder militar genial, bem como um administrador e construtor imaginativo com um senso do significado histórico de seus feitos e realizações. Sua influência se fez sentir de uma forma ou de outra em todo o mundo antigo, do Egito à Índia. Nos séculos posteriores, Sargão se tornou uma figura lendária em torno da qual os poetas e bardos teciam sagas e contos maravilhosos — que eram, em geral, baseados em um fundo de verdade. Felizmente, no caso de Sargão, não precisamos recorrer a essas crônicas e contos posteriores para nossos fatos históricos, pois temos suas próprias inscrições registrando suas conquistas e realizações militares mais importantes; pois Sargão, bem como seus dois filhos, Rimush e Manishtushu, que o sucederam, comemoraram suas vitórias erguendo no templo de Enlil em Nippur estátuas inscritas de si mesmos e também estelas representando a si mesmos e seus inimigos prostrados. Na Verdade, exceto por um fragmento ocasional de diorito de um original, nenhuma dessas estátuas e estelas foi recuperada até o momento; mesmo as novas escavações de Nippur provaram ser decepcionantes a esse respeito, e pode ser, é claro, que tenham sido destruídas em tempos antigos. Mas, felizmente para o historiador moderno, vários séculos depois de terem sido dedicadas no templo de Enlil, um estudioso e pesquisador anônimo copiou todas as

inscrições nas estátuas e estelas com o cuidado e a fidelidade que honrariam qualquer arqueólogo e epigrafista moderno, até mesmo observando se as inscrições copiadas vieram da própria estátua ou do pedestal com frases como "(esta é) a inscrição na estátua" ou "(esta é) a inscrição no pedestal" ou "o pedestal não está inscrito". O motivo pelo qual ele preparou essas cópias é completamente desconhecido; talvez o templo e seus monumentos estivessem em perigo de serem destruídos, e seu propósito era salvá-los para a posteridade. Se assim foi, ele teve sucesso quase melhor do que poderia ter previsto; pois sua preciosa tabuleta foi recuperada quase na íntegra pela antiga expedição de Nippur, e seu conteúdo foi disponibilizado à posteridade pelos dois estudiosos Arno Poebel e Leon Legrain.

Sargão, embora um semita, começou sua carreira como um alto oficial — o copeiro, na verdade — de um rei sumério de Kish chamado Ur-Zababa. Foi esse governante que o ambicioso Lugalzaggesi deve ter destronado e talvez matado quando embarcou em seu caminho de conquista após sua destruição de Lagash. O primeiro objetivo de Sargão era eliminar Lugalzaggesi da cena política. Para esse fim, ele fez um ataque surpresa contra a capital de Lugalzaggesi, Erech, "a feriu" e destruiu suas muralhas. Os defensores de Erech parecem ter fugido da cidade e, após obterem fortes reforços — cinquenta *ensis* das províncias vieram em seu auxílio, de acordo com a inscrição — tomaram posição contra Sargão, que os perseguia. Em uma batalha campal, este último derrotou as forças de Erech. Foi só então, ao que parece, que Lugalzaggesi, que deve ter estado longe de Erech em uma campanha distante, entrou em cena com seu exército. Desta vez, também, Sargão foi vitorioso, de forma tão esmagadora que conseguiu levar Lugalzaggesi acorrentado, ou melhor, num tronco amarrado ao pescoço, até os portões de Nippur.

Após a captura de Lugalzaggesi, Sargão retornou para a parte mais ao sul da Suméria, onde os *ensis* de Lugalzaggesi ainda tinham esperanças de conter seu progresso. Ele primeiro atacou Ur no extremo sudoeste, depois a região de Eninmar, que se estendia da cidade de Lagash até as margens do Golfo Pérsico, onde lavou suas armas, sem dúvida em uma cerimônia ritual comemorando suas vitórias. No

caminho de volta do mar, ele atacou Umma, uma fortaleza de Lugalzaggesi, e destruiu suas muralhas, completando assim sua conquista do sul da Suméria. Ele agora virou para o oeste e norte e subjugou as terras de Mari, Jarmuti e Ibla até a "Floresta de Cedros" e a "Montanha de Prata", ou seja, as cordilheiras de Amanus e Taurus. Em seguida, o encontramos fazendo campanha a leste da Suméria, atacando Elam e a vizinha Barahshi, e levando embora suas posses.

Isso nos leva ao fim das cópias de Nippur das inscrições nas estátuas e estelas de Sargão, que, no entanto, cobrem apenas uma parte de seu reinado. A julgar pelas lendas e crônicas muito posteriores, as conquistas de Sargão continuaram a se estender por toda parte; ele pode até ter enviado seus exércitos para o Egito, Etiópia e Índia. Para controlar um império tão vasto, ele estacionou guarnições militares em vários postos avançados importantes. Na própria Suméria, onde a rebelião era crônica, ele nomeou companheiros semitas para os postos administrativos mais importantes e guarneceu as cidades com todas as tropas acadianas. Para si mesmo e sua enorme corte de oficiais e soldados — ele se gaba de que "5400 homens comiam pão diariamente diante dele" — ele construiu a cidade de Agade, não muito longe de Kish, a cidade onde ele havia começado sua carreira fenomenal como copeiro do reinante Ur-Zababa. Em um breve período de tempo, Agade se tornou a mais próspera e mais resplandecente das cidades do mundo antigo; para ela, presentes e tributos eram trazidos dos quatro cantos do reino de Sargão, e em seus cais navios atracavam de distantes Dilmun, Magan e Meluhha (isto é, talvez, Índia, Egito e Etiópia)[28]. A maioria dos cidadãos de Agade eram sem dúvida semitas relacionados a Sargão por laços de sangue e língua, e é do nome Agade, ou melhor, de sua contraparte bíblica, Acádia (Gênesis 10:10), que a palavra acadiano passou a designar hoje os semitas mesopotâmicos em geral.

Sargão foi seguido por seu filho Rimush, que encontrou seu império dilacerado por revoltas e rebeliões. Em batalhas amargas envolvendo dezenas de milhares de tropas, ele conquistou, ou melhor, reconquistou, as cidades de Ur, Umma, Adab, Lagash, Der e Kazallu, bem como os países de Elam e Barahshi. Ele reinou, no entanto, apenas nove anos, e foi seguido por seu "irmão mais velho" — talvez seu gêmeo

— Manishtushu, que continuou no mesmo padrão militar e político. Além disso, como seu pai Sargão, ele levou seus exércitos vitoriosos para terras distantes, ou pelo menos assim pode parecer a partir de uma passagem em uma de suas inscrições que diz: “Quando ele (Manishtushu) cruzou o Mar Inferior (isto é, o Golfo Pérsico) em navios, trinta e dois reis se reuniram contra ele, mas ele os derrotou e feriu suas cidades e prostrou seus senhores e destruiu [todo (?) o campo (?)] até as minas de prata”.

Manishtushu reinou quinze anos e foi seguido por seu filho Naram-Sin, que elevou Agade a novos patamares de poder e glória, apenas para vê-la chegar a um fim amargo e trágico. Seus sucessos militares foram numerosos e prodigiosos: ele derrotou uma poderosa coalizão de reis rebeldes da Suméria e das terras vizinhas; ele conquistou a região a oeste até o Mar Mediterrâneo e as cordilheiras Taurus e Amanus; ele estendeu seu domínio para a Armênia e ergueu sua estátua de vitória perto da moderna Dierbakir; ele lutou contra Lullubi nas cordilheiras do norte de Zagros e comemorou sua vitória com uma estela magnífica; ele transformou Elam em um estado vassalo parcialmente semitizado e construiu vários edifícios em Susa; ele trouxe o butim de Magan após derrotar seu rei Manium, que alguns estudiosos identificaram com o renomado Menes do Egito. Não é de se admirar que ele se sentisse poderoso o suficiente para adicionar o epíteto “rei dos quatro quadrantes” ao seu título e que fosse presunçoso o suficiente para se deificar como “o deus de Agade”.

Mas então veio a calamidade fatal que esmagou Naram-Sin e a cidade de Agade e ameaçou engolir toda a Suméria — a invasão desmoralizante e destrutiva dos gutianos, uma horda bárbara implacável das montanhas ao leste. Isso aprendemos principalmente de um poema historiográfico que pode ser intitulado “A Maldição de Agade: O Ekur Vingado”. Foi composto por um poeta sumério que viveu vários séculos após a catástrofe gutiana, quando Agade havia sido abandonada à ruína e desolação. O documento é memorável não apenas por sua descrição vívida de Agade antes e depois de sua queda, mas como uma das primeiras tentativas registradas de interpretar um evento histórico na estrutura de uma visão de mundo que se tem atualmente. Ao procurar as

causas por trás da humilhante e desastrosa invasão gutiana, o autor chega ao que ele pensa ser, sem dúvida, a verdadeira resposta e nos informa sobre um ultraje cometido por Naram-Sin, desconhecido até agora de qualquer outra fonte. De acordo com nosso autor, Naram-Sin havia saqueado Nippur e cometido todos os tipos de atos de profanação e perversão contra o santuário de Enlil, e Enlil, portanto, se voltou para os gutianos e os trouxe de sua morada na montanha para destruir Agade e vingar seu amado templo. Além disso, oito das divindades mais importantes do panteão sumério, a fim de acalmar o espírito de seu governante Enlil, lançaram uma maldição sobre Agade de que ela permaneceria para sempre desolada e desabitada. E isso, acrescentou o autor no final de sua obra, era de fato o caso: Agade havia permanecido desolada e desabitada.

Nosso historiógrafo começa seu trabalho com uma introdução contrastando a glória e o poder de Agade que marcaram sua ascensão e a ruína e desolação que a engolfaram após sua queda. As primeiras linhas da composição dizem: “Depois que, com a testa franzida, Enlil matou o povo de Kish como o Touro do Céu, e como um boi altivo reduziu a pó a casa de Erech; depois que, no devido tempo, Enlil deu a Sargão, o rei de Agade, a soberania e a realeza das terras de cima até a as terras de baixo”, então (parafraseando algumas das passagens mais inteligíveis) a cidade de Agade se tornou próspera e poderosa sob a orientação terna e constante de sua divindade tutelar, Inanna. Seus edifícios estavam cheios de ouro, prata, cobre, estanho e lápis-lazúli; seus velhos e velhas davam conselhos sábios; suas crianças estavam cheias de alegria; música e canto ressoavam em todos os lugares; todas as terras ao redor viviam em paz e segurança. Naram-Sin, além disso, tornou seus santuários gloriosos e elevou suas muralhas até a altura de uma montanha enquanto seus portões permaneceram abertos. A ela vieram os nômades Martu, o povo que “não conhece grãos” do oeste, trazendo bois e ovelhas escolhidos; a ela vieram os meluhhaitas, “o povo da terra negra”, trazendo suas mercadorias exóticas; a ela vieram os elamitas e subarianos do leste e norte carregando cargas como “jumentos carregadores de carga”; a ela vieram todos os príncipes, chefes e xeiques da planície trazendo presentes mensalmente e no Ano Novo.

Mas então veio a catástrofe; ou como o autor coloca: “Os portões de Agade, como eles estavam prostrados; . . . . a sagrada Inanna deixa intocadas suas dádivas; o Ulmash (templo de Inanna) está tomado pelo medo (desde que) ela se foi da cidade, a deixou; como uma donzela que abandona seu quarto, a sagrada Inanna abandonou seu santuário de Agade; como um guerreiro com armas erguidas, ela atacou a cidade em batalha feroz, fez com que ela virasse o peito para o inimigo.” E assim, em um tempo muito curto, ‘em não cinco dias, nem em dez dias’, a soberania e a realeza partiram de Agade; os deuses se voltaram contra ela, e Agade ficou desolada; Naram-Sin ficou sozinho, vestido de saco; suas carruagens e barcos ficaram abandonados e negligenciados.

Como isso aconteceu? A versão do nosso autor é que Naram-Sin, durante os sete anos em que seu governo foi firmemente estabelecido, agiu de forma contrária à palavra de Enlil: ele permitiu que seus soldados atacassem e devastassem o Ekur e seus bosques; ele demoliu os edifícios do Ekur com machados e machadinhas de cobre, de modo que “a casa ficou prostrada como um jovem morto” — de fato, “todas as terras ficaram prostradas”. Além disso, no portão chamado “Portão do Não Corte de Grãos”, ele cortou grãos; “o ‘Portão da Paz’ ele demoliu com uma picareta”; ele profanou os vasos sagrados e cortou os bosques do Ekur; ele moeu seus vasos de ouro, prata e cobre até virarem pó; e ele carregou todas as posses da destruída Nippur em barcos atracados bem perto do santuário de Enlil e os levou para Agade.

Mas assim que ele fez essas coisas, “o conselho deixou Agade” e “o bom senso de Agade se transformou em loucura”. Então “Enlil, a inundação furiosa que não tem rival, por causa de sua amada casa que foi atacada, que destruição causou”; ele levantou os olhos para as montanhas e trouxe os gutianos, “um povo que não tolera controles”; “cobriu a terra como o gafanhoto”, de modo que ninguém conseguiu escapar de seu poder. A comunicação, seja por terra ou mar, tornou-se impossível em toda a Suméria. “O arauto não pôde prosseguir em sua jornada; o cavaleiro do mar não pôde navegar em seu barco . . . . ; bandidos moravam nas estradas; as portas dos portões da terra se transformaram em argila; todas as terras vizinhas estavam planejando o mal nas muralhas da sua cidade”. Como resultado, uma fome terrível

atingiu a Suméria. “Os grandes campos e prados não produziram grãos; as pescarias não produziram peixes; e os jardins irrigados não produziram mel nem vinho”. Devido à fome, os preços foram inflacionados a tal ponto que um cordeiro rendia apenas meia *sila* de óleo, ou meia *sila* de grãos, ou meia mina de lã (ver a figura 4, para todas as medidas).

Com miséria, carência, morte e desolação ameaçando sobrepujar praticamente toda a “humanidade moldada por Enlil”, oito das divindades mais importantes do panteão sumério — a saber, Sin, Enki, Inanna, Ninurta, Ishkur, Utu, Nusku e Nidaba — decidiram que já era hora de acalmar a raiva de Enlil. Em uma prece a Enlil, eles juraram que Agade, a cidade que destruiu Nippur, seria ela mesma destruída como Nippur. E então essas oito divindades “viraram seus rostos para a cidade, pronunciando (uma maldição de) destruição sobre Agade”:

> “Cidade, você que ousou atacar o Ekur, que [desafiou] Enlil,
> Agade, você que ousou atacar o Ekur, que [desafiou] Enlil,
> Que seus bosques sejam amontoados como poeira, ...
> Que sua argila (tijolos) volte ao seu abismo,
> Que se torne argila (tijolos) amaldiçoada por Enki,
> Que suas árvores retornem às suas florestas,
> Que se tornem árvores amaldiçoadas por Ninildu.
> Seus bois abatidos – que você abata suas esposas no lugar,
> Suas ovelhas mortas – que você mate seus filhos no lugar,
> Seus pobres – que eles sejam forçados
> a afogar seus preciosos (?) filhos, ... ,
> Agade, que seu palácio construído com coração alegre,
> seja transformado em uma ruína deprimente . . . . ,
> Sobre os locais onde seus ritos e rituais foram conduzidos,
> Que a raposa (que assombra) os montes arruinados,
> deslize sua cauda . . . . ,
> Que em seus canais de reboque de barcos
> não cresça nada além de ervas daninhas,
> Que em suas estradas de carruagem
> não cresça nada além da ‘planta que lamenta’,
> Além disso, em seus canais de reboque e atracagem de barcos,
> Que nenhum ser humano ande por causa das cabras selvagens,
> pragas (?), cobras e escorpiões da montanha,
> Que em suas planícies onde cresciam as plantas
> que acalmam o coração,
> Não cresça nada além de ‘junco de lágrimas’,
> Agade, em vez de escoar sua água doce, que escoe água amarga,

Quem diz ‘eu viveria naquela cidade’
    não encontrará um bom lugar para morar,
Quem diz ‘eu me deitaria em Agade’
    não encontrará um bom lugar para dormir.”

E, conclui nosso historiador, foi exatamente isso que aconteceu:

> Em seus canais de reboque de barcos
> não cresceu nada além de ervas daninhas,
> Em suas estradas de carruagem
> não cresceu nada além da 'planta que lamenta',
> Além disso, em seus canais de reboque e atracagem de barcos
> Nenhum ser humano anda por causa das cabras selvagens,
> pragas (?), cobras e escorpiões da montanha,
> Nas planícies onde cresciam as plantas que acalmam o coração,
> não cresceu nada além de 'junco de lágrimas',
> Agade, em vez de escoar sua água doce, escoou água amarga,
> Quem disse 'eu viveria naquela cidade'
> não encontrou um bom lugar para morar,
> Quem disse 'eu me deitaria em Agade'
> não encontrou um bom lugar para dormir.

A derrota de Naram-Sin nas mãos dos gutianos trouxe confusão política e anarquia à Suméria, embora o filho de Naram-Sin, Sharkalisharri, pareça ter tentado desfazer parte do mal causado por seu pai, a julgar por várias de suas inscrições dedicatórias nas quais ele se descreve como "o construtor do Ekur, a casa de Enlil". Mas se assim foi, ele chegou tarde demais; ele viu seu domínio reduzido à cidade de Agade e seus arredores imediatos. Ele carrega apenas o título de "rei de Agade" e não ousa mais usar o epíteto orgulhoso de seu pai, "rei dos quatro quadrantes". Na verdade, em suas fórmulas de data, ele reivindica vitórias sobre os gutianos, elamitas e amoritas, mas essas foram provavelmente batalhas defensivas travadas para afastar o inimigo dos portões de Agade. Todas as indicações são de que foram os governantes gutianos o elemento político dominante ao longo das sete ou oito décadas após a morte de Naram-Sin; eles parecem ter estado em posição de nomear e remover os governantes das cidades sumérias quase à vontade. E por uma razão ou outra — provavelmente porque acharam os *ensis* de Lagash dóceis e cooperativos — os gutianos pareciam favorecer Lagash, que por quase meio século se tornou a cidade dominante no sul da Suméria, controlando às vezes Ur, Umma e talvez até Erech. De qualquer forma, perto do fim do "período gutiano" encontramos uma dinastia de *ensis* em Lagash que continuou as políticas e diplomacias

religiosas do grande reformador Urukagina, dando “a César o que é de César” para melhor servir aos deuses.

O fundador desta nova dinastia de *ensis* de Lagash foi Ur-Bau, que nos deixou várias inscrições dedicatórias registrando a construção de vários templos em Lagash. Ele também estava no controle de Ur; pelo menos ele era influente o suficiente para ter sua filha instalada como alta sacerdotisa de Nanna, a divindade tutelar de Ur. Ur-Bau teve três genros, Gudea, Urgar e Namhani (também escrito como Nammahni), cada um dos quais se tornou *ensi* de Lagash. O rosto um tanto imóvel de Gudea e suas características inexpressivas se tornaram familiares ao estudante moderno a partir das inúmeras estátuas dele que foram recuperadas. Algumas delas carregam longas inscrições registrando suas atividades religiosas em conexão com a construção e reconstrução dos templos mais importantes de Lagash. Delas aprendemos que, apesar da dominação gutiana, Gudea tinha contatos comerciais com praticamente todo o mundo “civilizado” daqueles tempos. Ele obteve ouro da Anatólia e do Egito, prata da cordilheira de Taurus, cedros do Amanus, cobre do Zagros, diorito do Egito, cornalina da Etiópia e madeira de Dilmun. Ele também não pareceu encontrar qualquer dificuldade em obter artesãos de Susa e Elam para a decoração de seu templo. Os dois cilindros de argila de Gudea, desenterrados em Lagash há mais de setenta e cinco anos, estão inscritos com a mais longa obra literária suméria conhecida, perto de mil e quatrocentos versos de uma composição narrativa, ritualística e hinária, comemorando sua reconstrução do principal templo de Lagash, o Eninnu. Gudea até relata uma importante vitória militar — aquela sobre o estado de Anshan, vizinho de Elam ao sul. Ele também fala sobre a criação de uma série de armas cúlticas e simbólicas, como o *sharur* e maças com cinquenta cabeças. Isso pode indicar considerável atividade militar de sua parte, embora talvez apenas como vassalo dos gutianos. Gudea, assim como seu sogro Ur-Bau, também controlava a cidade de Ur, onde três de suas inscrições foram desenterradas.

Gudea foi seguido por seu filho, Ur-Ningirsu, e seu neto, Ugme, que juntos governaram por menos de uma década. Eles foram sucedidos, talvez, por Urgar, outro genro de Ur-Bau, cujo governo, no entanto, foi

efêmero. Seguiu-se então o terceiro genro de Ur-Bau, Namhani, que provavelmente era *ensi* de Umma, bem como de Lagash. Que Namhani cooperou com os gutianos, e pode assim ser chamado de traidor da Suméria, é bastante certo, pois ele data uma de suas inscrições nos dias em que "Yarlagan era rei de Gutium". Mas a essa altura um salvador havia surgido na Suméria, Utuhegal de Erech, que conseguiu quebrar o jugo gutiano e trazer de volta a realeza à Suméria. Isso é contado em um tipo de poema narrativo historiográfico composto na época de Utuhegal ou não muito tempo depois. Começando com uma denúncia amarga dos gutianos, "a serpente (e) o escorpião da montanha", por seus ataques cruéis à Suméria, descreve vividamente a campanha vitoriosa de Utuhegal contra o rei gutiano Tirigan, que foi feito prisioneiro e trazido acorrentado e vendado diante de Utuhegal para "colocar o pé em seu pescoço"[29].

Mas, apesar de sua vitória retumbante, Utuhegal não manteve o poder sobre a Súmeria por muito tempo; as indicações são de que, após cerca de sete anos de governo, o trono foi usurpado por Ur-Nammu, um de seus governadores mais ambiciosos, que conseguiu fundar a última dinastia suméria importante, comumente conhecida como a Terceira Dinastia de Ur. Ur-Nammu, que reinou por dezesseis anos, provou ser um líder militar capaz, um grande construtor e um administrador notável; ele promulgou o primeiro código de leis na história registrada do homem.

Ur-Nammu começou seu reinado atacando e matando Namhani, um genro de Ur-Bau de Lagash, que evidentemente estava invadindo o território de Ur, sem dúvida com a ajuda de seus senhores gutianos. Tendo se tornado mestre de Ur e Lagash, ele então procedeu a estabelecer sua autoridade por toda a Suméria; suas inscrições foram encontradas em Erech, Nippur, Adab e Larsa, bem como em Ur. Ele pode até ter conseguido estender seu controle sobre algumas das terras que fazem fronteira com a Suméria, a julgar por uma de suas fórmulas de data na qual ele se gaba de que "ele fez as estradas retas de (as terras) abaixo até (as terras) acima".

Ur-Nammu, a julgar pela declaração de que "ele havia sido abandonado no campo de batalha como um navio esmagado"[30], provavelmente morreu em batalha com os gutianos, que, apesar da alardeada vitória de Utuhega, continuaram a perturbar a Suméria durante todo o período da Terceira Dinastia de Ur. Ele foi sucedido por seu filho, Shulgi, que governou quarenta e oito anos e inaugurou um período de relativa paz e prosperidade para a Suméria. Shulgi estendeu seu governo sobre Elam e Anshan para o leste e também sobre os povos nômades das cordilheiras de Zagros. Ele estava até mesmo no controle de Ashur e Irbil no território Subariano ao extremo norte da Suméria. Que ele teve problemas consideráveis em pacificar e subjugar os subarianos, no entanto, é demonstrado por uma carta que um de seus altos oficiais, de nome Aradmu, despachou para ele de algum lugar em Subur. Aradmu havia sido encarregado por Shulgi "para manter em boas condições as estradas de expedição para a terra de Subur", para estabilizar as fronteiras do país, "para tornar conhecidos os caminhos do país" e "aconselhar os sábios da assembleia contra (?) a semente (?) suja (?)", o último termo provavelmente sendo um epíteto depreciativo para algum líder subariano não identificado que se recusou a se submeter à autoridade de Shulgi. Mas Aradmu achou a situação bastante desesperadora; a "semente suja" parecia ser rica e poderosa, e ele aterrorizou e desmoralizou Aradmu tanto que este último só pôde clamar por ajuda de Shulgi. Também temos a resposta de Shulgi a esta carta, na qual Shulgi suspeita da traição de Aradmu e faz uso de ameaças e bajulação em um esforço para impedir que Aradmu se junte aos rebeldes subarianos.

Shulgi, como foi apontado recentemente[31], pode ter tentado seguir conscientemente os passos de Naram-Sin, o quarto governante da dinastia semítica da Acádia. Como este último, ele assumiu o título de "rei dos quatro quadrantes" e se fez deificar durante sua vida. Sua rainha era uma enérgica e ativa dama semítica chamada Abisimti, que sobreviveu a Shulgi e continuou como rainha viúva sob os três sucessores de Shulgi, dois dos quais pelo menos — Shu-Sin e Ibbi-Sin — tinham nomes semíticos. Mas embora Shulgi pareça ter tido uma orientação semítica, ele era um grande amante da literatura e cultura

sumérias e um dos principais patronos da escola suméria, a *edubba* (ver capítulo VI). Em seus hinos, ele se gaba do aprendizado e da erudição que ele próprio obteve na *edubba* nos dias de sua juventude, e ele afirma ter dominado seu currículo e se tornado um escriba habilidoso.

Shulgi foi seguido por seu filho Amar-Sin, que governou apenas nove anos, mas conseguiu manter o controle sobre a Suméria e suas províncias, incluindo a distante Ashur ao norte. Seu irmão Shu-Sin, que o sucedeu, também governou nove anos. É no curso de seu reinado que ouvimos pela primeira vez sobre uma incursão séria na Suméria por um povo semita conhecido como amoritas do deserto sírio e árabe. Shu-Sin achou necessário construir uma enorme muralha fortificada para manter esses nômades bárbaros afastados, embora com pouco sucesso. Nos primeiros anos do reinado de Ibbi-Sin, o quinto e último da dinastia de Ur-Nammu, os amoritas fizeram grandes incursões, e seus ataques, juntamente com os dos elamitas ao leste, obrigaram Ibbi-Sin a construir grandes muralhas e fortificações em torno de sua capital, Ur, bem como do centro religioso da Suméria, Nippur.

Ibbi-Sin conseguiu manter-se como governante da Suméria por vinte e quatro anos. Mas durante todo o seu reinado sua situação era insegura e até patética; grande parte do tempo ele estava confinado à própria cidade de Ur, que frequentemente sofria de fome e inanição. Como resultado das incursões dos amoritas e dos ataques dos elamitas, seu império cambaleou e ruiu, e os governadores de todas as cidades mais importantes da Suméria acharam aconselhável abandonar seu rei e se defenderem sozinhos. Aprendemos sobre esse lamentável estado de coisas principalmente pela correspondência de Ibbi-Sin com seus governadores provinciais, que fornece um retrato de Ibbi-Sin um tanto confuso e patético e de seus funcionários ardilosos, ambiciosos e traiçoeiros.

O texto de três cartas pertencentes a esta correspondência real está agora disponível. A primeira contém um relatório enviado a Ibbi-Sin por Ishbi-Erra sobre os resultados de uma expedição de compra de grãos da qual Ibbi-Sin o havia encarregado; a carta lança luz considerável sobre as incursões dos amoritas na Suméria ocidental, bem como sobre as dificuldades que os elamitas estavam causando a Ibbi-Sin. Ishbi-Erra

começa seu relatório com a declaração de que ele conseguiu comprar setenta e dois mil *gur* de grãos ao preço normal de um shekel por *gur*; mas tendo ouvido que os amoritas hostis haviam entrado na Suméria e "tomado as grandes fortalezas uma após a outra", ele havia levado os grãos não para Ur, a capital, mas para Isin. Se o rei agora lhe enviasse seiscentos barcos de cento e vinte *gur* cada, ele continua, ele entregará os grãos às várias cidades da Suméria; no entanto, ele deve ser encarregado "dos lugares onde os barcos devem ser atracados". A carta termina com um apelo a Ibbi-Sin para não ceder aos elamitas — presumivelmente, eles estavam realmente sitiando Ur e seus arredores — pois ele tinha grãos suficientes para satisfazer a fome do "palácio e suas cidades" por quinze anos. Em qualquer caso, ele implora, o rei deve colocá-lo no comando de Nippur e Isin.

Que Ibbi-Sin tinha grande confiança em Ishbi-Erra e realmente confiou Nippur e Isin a ele, aprendemos com sua carta de resposta, que embora ainda não publicada foi recentemente resumida por Thorkild Jacobsen[32]. Infelizmente para Ibbi-Sin, Ishbi-Erra acabou sendo tão desleal quanto capaz e competente; ele foi bem-sucedido não apenas em defender Isin e Nippur, mas também em usurpar o trono de seu mestre. Isso aprendemos, é claro, não com a correspondência de Ishbi-Erra com Ibbi-Sin, mas com uma carta escrita a este último por Puzur-Numushda, um governador da cidade de Kazallu, e a resposta de Ibbi-Sin.

De acordo com a carta de Puzur-Numushda, Ishbi-Erra havia se estabelecido firmemente como o governante de Isin, que ele havia transformado em sua residência real; ele havia, além disso, subjugado Nippur e estendido seu domínio ao longo do Tigre e do Eufrates, de Hamazi no norte e leste até o Golfo Pérsico. Ele havia feito prisioneiros aqueles governadores de Ibbi-Sin que permaneceram leais e devolvido ao cargo aqueles que presumivelmente haviam sido demitidos por Ibbi-Sin por causa de sua deslealdade. A impotência patética e a vacilação lamentável de Ibbi-Sin são reveladas em sua resposta a Puzur-Numushda. Embora ele percebesse muito bem que este último estava prestes a traí-lo — ele realmente falhou em marchar para ajudar os governadores leais de Ibbi-Sin, embora um corpo seleto de tropas tivesse sido colocado à sua disposição para esse propósito — ele não pôde fazer

nada mais do que implorar para que ele permanecesse leal, com as garantias duvidosas de que de alguma forma Ishbi-Erra, "que não é de semente suméria" falharia em sua ambição de se tornar mestre da Suméria e que os elamitas seriam derrotados, pois "Enlil incitou os amoritas para fora de sua terra, e eles derrotarão os elamitas e capturarão Ishbi-Erra" — os mesmos amoritas que, por incrível que pareça, estavam atormentando a Suméria desde os dias de Shu-Sin, o predecessor de Ibbi-Sin.

Com o crescimento da independência e do poder de Ishbi-Erra, a Suméria se viu sob o governo de dois reis — Ibbi-Sin, cujo domínio era limitado à sua capital, Ur, e Ishbi-Erra, que controlava a maioria das outras cidades da Suméria a partir de sua capital, Isin. No vigésimo quinto ano do reinado de Ibbi-Sin, no entanto, os elamitas finalmente capturaram Ur e levaram Ibbi-Sin como prisioneiro, deixando uma guarnição no controle da cidade. Vários anos depois, Ishbi-Erra atacou essa guarnição e a expulsou de Ur, tornando-se rei de toda a Suméria, com Isin como sua capital.

Ishbi-Erra fundou uma dinastia em Isin que durou mais de dois séculos, embora seus governantes posteriores não fossem seus descendentes diretos. Teoricamente, Isin reivindicou a soberania de toda a Suméria e Acádia. Na verdade, no entanto, a terra estava se dividindo em várias cidades-estados sob governantes separados, e não havia mais um império centralizado. Por quase um século, é verdade, Isin permaneceu o mais poderoso desses estados; controlou Ur, a antiga capital imperial, e Nippur, que continuou como o centro espiritual e intelectual da Suméria durante todo esse período. O quarto governante da dinastia de Isin, Ishme-Dagan, se gaba nos hinos de restaurar Nippur à sua antiga glória; antes de seu reinado, parece ter sofrido um ataque severo nas mãos de um inimigo, talvez os assírios do norte. Seu filho e sucessor, Lipit-Ishtar, reivindicou o controle sobre as principais divindades da Suméria e assumiu o orgulhoso título de "rei da Suméria e da Acádia". No início de seu reinado, ele promulgou um novo código de leis sumério, que foi o modelo do renomado código de Hamurabi, embora este último esteja escrito na língua acadiana, e não na língua suméria.

Mas no terceiro ano do reinado de Lipit-Ishtar, um governante ambicioso e dinâmico chamado Gungunum chegou ao trono de Larsa, uma cidade a sudeste de Isin, e começou a construir a força política da cidade com uma série de sucessos militares na região de Elam e Anshan. Apenas alguns anos depois, encontramos esse mesmo Gungunum no controle de Ur, a antiga capital imperial que significou muito para o prestígio e poder de Isin. Na verdade, foi uma ocupação "amigável" — Ur foi ameaçada por uma nova invasão dos amoritas — mas a partir de então Isin deixou de ser uma força política significativa, embora tenha mantido algumas de suas reivindicações anteriores por mais um século ou mais. Foi finalmente atacada e tomada por Rim-Sin, o último governante de Larsa, que atribuiu tanta importância a essa conquista que datou todos os documentos ao longo dos últimos trinta anos de seu reinado por esse evento.

Mas Rim-Sin, ele mesmo, foi incapaz de explorar sua vitória. Ao norte, na cidade antes sem importância da Babilônia, um notável governante semita chamado Hamurabi ganhou destaque. Após cerca de três décadas de um governo bastante problemático, ele atacou e derrotou Rim-Sin de Larsa, bem como os reis de Elam, Mari e Eshnunna, e assim, por volta de 1750 a.C., tornou-se o governante de um reino unido que se estendia do Golfo Pérsico ao Rio Habur. Com Hamurabi, a história da Suméria chega ao fim, e a história da Babilônia, um estado semita construído sobre uma fundação suméria, começa.

CAPÍTULO III

III. SOCIEDADE: A Cidade Suméria

A civilização suméria era essencialmente urbana em caráter, embora se apoiasse em uma base mais agrícola do que industrial. A terra Suméria, no terceiro milênio a.C., consistia em uma dúzia de cidades-estados, cada uma com uma cidade grande e geralmente murada, cercada por vilas e aldeias suburbanas. A característica marcante de cada cidade era o templo principal situado em um terraço alto, que gradualmente se desenvolveu em uma enorme torre em estágios, um zigurate, a contribuição mais característica da Suméria para a arquitetura religiosa. O templo geralmente consistia em um santuário central retangular, ou *cella*, cercado em seus lados longos por uma série de salas para uso dos sacerdotes. Na *cella* havia um nicho para a estátua do deus, em frente a uma mesa de oferendas feita de tijolos de barro. O templo era construído em grande parte com tijolos de barro e, como esse material não é atraente em textura e cor, os arquitetos sumérios embelezavam as paredes por meio de contrafortes e reentrâncias regularmente espaçadas. Eles também introduziram a coluna e a meia coluna de tijolos de barro, que cobriram com padrões de ziguezagues, losangos e triângulos, inserindo milhares de cones de argila pintada no espesso gesso de barro. Às vezes, as paredes internas do santuário eram pintadas com afrescos de figuras humanas e animais, bem como uma variedade de motivos geométricos[33].

O templo era o maior, mais alto e mais importante edifício da cidade, de acordo com a teoria aceita pelos líderes religiosos sumérios e que remonta, sem dúvida, a tempos muito antigos, de que a cidade inteira pertencia ao seu deus principal, a quem havia sido designada no

dia em que o mundo foi criado. Na prática, no entanto, a corporação do templo possuía apenas parte da terra, que alugava para meeiros; o restante era propriedade privada de cidadãos individuais. Nos primórdios, o poder político estava nas mãos desses cidadãos livres e de um governador da cidade conhecido como *ensi*, que não era mais do que um igual entre iguais. Em caso de decisões vitais para a cidade como um todo, esses cidadãos livres se reuniam em uma assembleia bicameral composta por uma câmara alta de "anciãos" e uma câmara baixa de "homens". À medida que a disputa entre as cidades-estados se tornava mais violenta e amarga, e à medida que as pressões dos povos bárbaros a leste e oeste da Suméria aumentavam, a liderança militar se tornou uma necessidade premente, e o rei, ou como ele é conhecido em sumério, o "grande homem", passou a ocupar um lugar superior. A princípio, ele provavelmente foi selecionado e nomeado pela assembleia em um momento crítico para uma tarefa militar específica. Mas gradualmente a realeza com todos os seus privilégios e prerrogativas se tornou uma instituição hereditária e foi considerada a própria marca registrada da civilização. Os reis estabeleceram um exército regular, com a carruagem — o antigo "tanque" — como a principal arma ofensiva e uma infantaria fortemente blindada que atacava em formação de falange. As vitórias e conquistas da Suméria foram devidas em grande parte a essa superioridade em armas militares, táticas, organização e liderança. Com o passar do tempo, portanto, o palácio começou a rivalizar com o templo em riqueza e influência.

Mas sacerdotes, príncipes e soldados constituíam, afinal, apenas uma pequena fração da população da cidade. A grande maioria era de agricultores e criadores de gado, barqueiros e pescadores, comerciantes e escribas, médicos e arquitetos, pedreiros e carpinteiros, ferreiros, joalheiros e oleiros. Havia, é claro, várias famílias ricas e poderosas que possuíam grandes propriedades; mas até mesmo os pobres conseguiam possuir fazendas e jardins, casas e gado. Os artesãos e artífices mais industriosos vendiam seus produtos artesanais no mercado livre da cidade, recebendo pagamento em espécie ou em "dinheiro", que normalmente era um disco ou anel de prata de peso padrão. Os mercadores viajantes realizavam um comércio próspero de cidade em

cidade e com estados vizinhos por terra e mar, e muitos desses comerciantes eram provavelmente indivíduos independentes em vez de representantes de templos ou palácios.

A visão de que a economia suméria era relativamente livre e que a propriedade privada era a regra e não a exceção vai contra a alegação de vários estudiosos orientais de que a cidade-estado suméria era uma teocracia totalitária dominada pelo templo, que possuía todas as terras e estava em controle absoluto de toda a economia. O fato de que a esmagadora maioria das tabuletas da Suméria pré-sargônica, ou seja, a Suméria de cerca de 2400 a.C., são documentos de inventário dos templos de Lagash, que lidam apenas com terras e pessoal do templo, levou os estudiosos à conclusão injustificada de que toda a terra de Lagash — e presumivelmente, das outras cidades-estados — era propriedade do templo. Também é verdade, no entanto, que há um grande número de documentos de Lagash, bem como de outros locais que indicam claramente que os cidadãos das cidades-estados podiam comprar e vender seus campos e casas, sem mencionar todos os tipos de propriedade móvel. Assim, por exemplo, vários documentos de cerca de 2500 a.C. foram desenterrados em Fara e Bismaya que registram vendas de imóveis por indivíduos privados, e eles são sem dúvida apenas uma pequena fração daqueles ainda sob o solo. De Lagash vem uma tabuleta de pedra registrando uma venda de terras para Enhegal, um rei de Lagash e um predecessor de Ur-Nanshe, o que mostra que mesmo um rei não poderia simplesmente confiscar propriedade sempre que quisesse, mas tinha que pagar por isso. Outro documento de pedra foi encontrado no qual Lummatur, um filho de Enannatum I, compra terras de vários indivíduos e famílias. No texto da reforma de Urukagina, descobrimos que até mesmo os pobres e humildes possuem casas, jardins e lagoas de pesca. Mas a ideia de uma teocracia do templo em controle absoluto da cidade havia se apoderado das mentes de vários estudiosos importantes e, para erradicá-la, um novo estudo completo das centenas de documentos econômicos disponíveis, especialmente aqueles de Lagash, era uma necessidade urgente. Isto foi agora alcançado por I. M. Diakanoff, um estudioso russo que dedicou muito tempo e trabalho à tarefa e cujo estudo detalhado[34] apareceu em 1959. A seguir, então, está

um esboço da estrutura econômica da cidade-estado suméria com base principalmente na análise esclarecedora de Diakanoff.

O erro fundamental que levou à suposição de que o templo de cada cidade-estado possuía todas as suas terras foi cometido pelo falecido Anton Deimel, um estudioso altamente produtivo que dedicou muitos anos ao estudo dos documentos de Lagash e contribuiu significativamente para os estudos cuneiformes como um todo. Ao somar todas as parcelas de terra mencionadas neles, ele estimou que a área total das propriedades do templo em Lagash estava entre duzentos e trezentos quilômetros quadrados, um número bastante justificável, que, no mínimo, é muito baixo. Mas ele então passa a fazer a suposição de que esta era a área total da cidade-estado de Lagash, uma afirmação que é bastante injustificada pelos dados. Ao estudar mais cuidadosamente todos os documentos de Lagash disponíveis, Diakanoff estima que o território de Lagash provavelmente compreendia cerca de três mil quilômetros quadrados, dos quais cerca de dois mil consistiam em terras naturalmente irrigadas. A área total das propriedades do templo, mesmo que a estimativa de Deimel fosse dobrada — como há alguma razão para acreditar que deveria ser — compreenderia uma fração considerável do território da cidade-estado, mas apenas uma fração. Esta terra do templo, que não podia ser comprada, vendida ou alienada de forma alguma, era dividida em três categorias: (1) *nigenna* — terra que era reservada para a manutenção do templo; (2) *kurra* — terra atribuída aos agricultores que trabalhavam na terra *nigenna* e também aos artesãos e parte do pessoal administrativo do templo em pagamento por seus serviços (esta terra não podia ser herdada e podia ser trocada ou tomada completamente pela administração do templo sempre que decidisse fazê-lo por uma razão ou outra); e (3) *urulal* — terra atribuída em troca de uma parte da colheita a diferentes indivíduos, mas especialmente ao pessoal do templo para complementar sua renda.

Quanto à terra que não pertencia ao templo e que compreendia de longe a maior parte do território da cidade-estado, os documentos mostram que grande parte dela era de propriedade da “nobreza”, isto é, os príncipes governantes e suas famílias e administradores do palácio, bem como os sacerdotes mais importantes. Essas famílias nobres

frequentemente possuíam enormes propriedades medindo centenas de acres, muitas das quais obtinham por compra de cidadãos menos afortunados. O trabalho nessas propriedades era realizado por empregados ou dependentes, cujo status se assemelhava ao dos dependentes do templo, que eram empregados dos funcionários e administradores mais prósperos do templo. O restante da terra — isto é, a terra não pertencente ao templo ou à nobreza — pertencia aos cidadãos comuns da comunidade, provavelmente mais da metade da população. Esses cidadãos livres ou plebeus eram organizados em grandes famílias patriarcais e também em clãs patriarcais e comunidades urbanas. A terra hereditária na posse das famílias patriarcais desde os primeiros tempos podia ser alienada e vendida, mas apenas por algum membro ou membros da família — não necessariamente o chefe — que agiam como o representante escolhido da comunidade familiar. Normalmente, outros membros da família participavam da transação como testemunhas, indicando assim sua concordância e consentimento; essas testemunhas recebiam um pagamento, assim como os próprios vendedores, embora geralmente fosse mais ou menos nominal. Em muitos casos, testemunhas não pagas do lado do comprador também eram registradas e, às vezes, representantes do governo participavam das transações.

No geral, como resultado das investigações detalhadas e imaginativas de Diakanoff, temos uma imagem da estrutura socioeconômica da cidade-estado suméria que é bem diferente daquela atualmente em voga entre os estudiosos orientais. Vemos que a população consistia em quatro categorias: nobres, plebeus, empregados e escravos. A nobreza possuía grandes propriedades, em parte como indivíduos privados, em parte na forma de posses familiares, que eram trabalhadas por empregados livres ou dependentes, bem como escravos. Era a nobreza também que controlava a terra do templo, embora essa terra gradualmente tenha ficado sob o domínio do governante e mais tarde até se tornado sua propriedade. A câmara alta da assembleia, ou "reunião da cidade", provavelmente consistia de membros da nobreza.

O plebeu possuía seu próprio lote de terra na cidade-estado, mas como membro de uma família e não como indivíduo; eram os plebeus

que provavelmente constituíam a câmara baixa da assembleia.

Os empregados consistiam em três categorias: (1) os dependentes abastados do templo, como os administradores do templo e artesãos mais importantes; (2) a grande massa do pessoal do templo; e (3) os dependentes da nobreza. A maioria dos empregados nas duas primeiras categorias obtinha pequenos lotes de terra do templo (mas apenas como posses temporárias), embora alguns recebessem rações de comida e lã. Os empregados dos nobres, que trabalhavam em suas propriedades, sem dúvida também eram pagos de acordo com arranjos semelhantes.

A escravidão era uma instituição reconhecida, e templos, palácios e propriedades ricas possuíam escravos e os exploravam para seu próprio benefício. Muitos escravos eram prisioneiros de guerra, embora não necessariamente estrangeiros, pois podiam ser companheiros sumérios de uma cidade vizinha derrotada em batalha. Os escravos sumérios eram recrutados de outras maneiras. Homens livres podiam ser reduzidos à escravidão como punição por certas ofensas. Os pais podiam vender seus filhos como escravos em momentos de necessidade, ou um homem podia entregar toda a sua família aos credores em pagamento de uma dívida, embora por não mais do que três anos. O escravo era propriedade de seu mestre como qualquer outro bem móvel. Ele podia ser marcado e açoitado e era severamente punido se tentasse escapar. Por outro lado, era vantajoso para seu mestre que seu escravo permanecesse forte e saudável, e os escravos eram, portanto, geralmente bem tratados. Eles até tinham certos direitos legais: podiam se envolver em negócios, pedir dinheiro emprestado e comprar sua liberdade. Se um escravo, homem ou mulher, se casasse com uma pessoa livre, os filhos eram livres. O preço de venda de um escravo variava de acordo com o mercado e o indivíduo envolvido; o preço médio de um homem adulto era de vinte shekels, o que às vezes era menor que o preço de um jumento.

A unidade básica da sociedade suméria era, como entre nós, a família, cujos membros estavam intimamente unidos pelo amor, respeito e obrigações mútuas. O casamento era arranjado pelos pais, e o noivado era legalmente reconhecido assim que o noivo apresentava um presente de casamento ao pai. O noivado era frequentemente consumado com um

contrato inscrito em uma tabuleta. Embora o casamento fosse assim reduzido a um arranjo prático, há algumas evidências que mostram que o ato sexual pré-marital clandestino não era totalmente desconhecido. Uma mulher na Suméria tinha certos direitos legais importantes: ela podia possuir propriedades, se envolver em negócios e se qualificar como testemunha. Mas seu marido podia se divorciar dela por motivos relativamente leves, e se ela não tivesse filhos, ele poderia se casar com uma segunda esposa. Os filhos estavam sob a autoridade absoluta de seus pais, que podiam deserda-los ou até mesmo vendê-los como escravos. Mas no curso normal dos eventos, eles eram muito amados e estimados e, com a morte dos pais, herdavam todas as suas propriedades. Filhos adotivos não eram incomuns, e eles também eram tratados com o máximo cuidado e consideração.

Como pode ser deduzido do que já foi dito sobre organização social e econômica, a lei escrita desempenhou um papel importante na cidade suméria. Começando por volta de 2700 a.C., encontramos escrituras reais de vendas, incluindo vendas de campos, casas e escravos. Por volta de 2350 a.C., durante o reinado de Urukagina de Lagash, temos um dos documentos mais preciosos e reveladores da história do homem e sua luta perene e implacável pela liberdade da tirania e da opressão. Este documento registra uma reforma abrangente de toda uma série de abusos prevalentes, a maioria dos quais pode ser rastreada até uma burocracia onipresente e desagradável, consistindo do governante e seu círculo palaciano; ao mesmo tempo, fornece uma imagem sombria e ameaçadora da crueldade do homem para com o homem em todos os níveis — social, econômico, político e psicológico. Lendo entrelinhas, também temos um vislumbre de uma amarga luta pelo poder entre o templo e o palácio — a "igreja" e o "estado" — com os cidadãos de Lagash tomando o lado do templo. Finalmente, é neste documento que encontramos a palavra "liberdade" usada pela primeira vez na história registrada do homem; a palavra é *amargi*, que, como foi recentemente apontado por Adam Falkenstein, significa literalmente "retorno à mãe". No entanto, ainda não sabemos por que essa figura de linguagem veio a ser usada para "liberdade".

Dos eventos que levaram à situação corrupta, sem lei e opressiva em Lagash, conforme descrito no documento de reforma de Urukagina, não há um traço no texto em si. Mas podemos supor que eles foram o resultado direto das forças políticas e econômicas liberadas pela busca pelo poder que caracterizou a dinastia governante fundada por Ur-Nanshe por volta de 2500 a.C. Atingidos por ambições grandiosas para si e seu estado, alguns dos governantes recorreram a guerras imperialistas e conquistas sangrentas. Em alguns casos, eles encontraram sucesso considerável e, por um breve período, um deles, Eannatum, estendeu o domínio de Lagash sobre a Suméria como um todo e até mesmo sobre vários estados vizinhos. As vitórias anteriores provaram ser efêmeras, no entanto, e em menos de um século Lagash foi reduzida a suas fronteiras anteriores e antigo status. Quando Urukagina chegou ao poder, Lagash estava tão enfraquecida que era uma presa fácil para seu implacável inimigo ao norte, a cidade-estado de Umma.

Foi no decurso dessas guerras cruéis e suas trágicas consequências que os cidadãos de Lagash se viram privados de sua liberdade política e econômica; pois, para formar exércitos e fornecer-lhes armas e equipamentos, os governantes acharam necessário violar os direitos pessoais do cidadão individual, taxar sua riqueza e propriedade até o limite e se apropriar, também, de propriedades pertencentes ao templo. Sob o impacto da guerra, eles encontraram pouca oposição. E uma vez introduzidos, o círculo palaciano mostrou-se muito relutante em abrir mão dos controles domésticos, mesmo em tempos de paz, pois eles se mostraram altamente lucrativos. De fato, nossos antigos burocratas criaram uma variedade de fontes de receita e renda, impostos e taxas, que de certa forma podem muito bem causar inveja a seus equivalentes modernos. Os cidadãos eram jogados na prisão ao menor pretexto: por dívida, não pagamento de impostos ou acusações forjadas de roubo e assassinato.

Mas deixemos que o historiador que viveu em Lagash há mais de quatro mil e duzentos anos, e que foi, portanto, contemporâneo dos eventos que ele relata, conte mais ou menos com suas próprias palavras. Três versões duplicadas de seu texto, e pode muito bem ter havido mais, foram desenterradas em Lagash, indicando que Urukagina e seus

companheiros reformadores estavam orgulhosos, e não sem razão, da revolução social e moral que eles haviam provocado[35].

Nos dias que antecederam Urukagina, ou como o autor coloca de forma bastante pomposa, "antigamente, desde os dias de outrora, desde (o dia) que a semente (do homem) surgiu", os nomeados do palácio praticavam abusos como apreender, presumivelmente sem direito ou garantia, propriedades pertencentes aos cidadãos de Lagash — seus jumentos, ovelhas e pescarias. Outros cidadãos eram multados mais ou menos indiretamente de seus bens e posses ao serem compelidos a ter suas rações medidas no palácio, para sua desvantagem, ou a trazer suas ovelhas ao palácio para tosquia e pagar em "dinheiro vivo" pelo serviço, pelo menos em certos casos específicos.

Se um homem se divorciasse de sua esposa, o *ensi* recebia cinco shekels, e seu vizir recebia um shekel. Se um perfumista fizesse uma preparação de óleo, o *ensi* recebia cinco shekels, o vizir recebia um shekel, e o *abgal* (administrador do palácio) recebia outro shekel. Quanto ao templo e sua propriedade, o *ensi* o tomava como seu. Para citar nosso antigo narrador literalmente: "Os bois dos deuses aravam os canteiros de cebola do *ensi*; os canteiros de cebola e pepino do *ensi* estavam localizados nos melhores campos dos deuses". Além disso, os oficiais mais importantes do templo, particularmente os *sangas*, eram privados de uma forma ou de outra de muitos de seus burros e bois, bem como de grande parte de seus grãos e vestimentas.

Nem mesmo a morte trazia alívio de impostos e taxas. Quando um homem morto era levado ao cemitério para sepultamento (havia dois tipos de cemitérios — um comum e outro chamado "os juncos de Enki"), um bom número de oficiais e parasitas faziam questão de estar presentes para aliviar a família enlutada de quantidades de cevada, pão e vinho de tâmaras, e vários móveis. De uma ponta a outra do estado, nosso venerável repórter observa amargamente, "havia os cobradores de impostos". Não é de se admirar, então, que o palácio tenha engordado e prosperado. Suas terras e propriedades formavam uma vasta propriedade contínua. Nas palavras literais de nosso comentarista sumério: "As casas do *ensi* e os campos do *ensi*, as casas do harém do palácio e os campos

do harém do palácio, as casas do berçário do palácio e os campos do berçário do palácio se aglomeravam lado a lado".

Também prevaleceram outros abusos aparentemente não diretamente atribuíveis à burocracia do palácio, mas resultantes, sem dúvida, do estado geral de injustiça, cinismo e auto engrandecimento induzido por suas ações corruptas e opressivas: artesãos e aprendizes foram reduzidos à pobreza abjeta e tiveram que implorar por sua comida. Homens cegos — presumivelmente, prisioneiros de guerra e escravos que tinham sido cegados para impedi-los de tentar escapar — foram apreendidos e colocados para regar os campos como animais e recebiam apenas comida suficiente para mantê-los vivos. Os ricos, "os grandes homens" e os supervisores, estavam ficando cada vez mais ricos às custas dos cidadãos menos afortunados, como os *shub-lugals* (talvez originalmente, "servos do rei"), forçando-os a vender seus burros e casas a preços baixos e contra sua vontade. Os indigentes, os pobres, os órfãos e as viúvas eram maltratados e privados de uma forma ou de outra do pouco que tinham por homens de poder e influência.

Neste momento de infortúnio nos assuntos políticos e sociais de Lagash, nosso historiador sumério nos conta, um novo governante temente a Deus, Urukagina, foi escolhido por Ningirsu, a divindade tutelar da cidade, dentre toda a multidão de cidadãos de Lagash e ordenado a restabelecer as "leis divinas" que haviam sido abandonadas e negligenciadas por seus predecessores. Urukagina manteve-se fiel às palavras de Ningirsu e executou os comandos do deus ao máximo. Ele proibiu práticas como a apreensão de burros, ovelhas e pescarias pertencentes aos cidadãos, e a cobrança de pagamento ao palácio de uma forma ou de outra para medir suas rações e tosquiar suas ovelhas. Quando um homem se divorciava de sua esposa, o *ensi* e seu vizir não recebiam nada. Quando um perfumista fazia uma preparação de óleo, o *ensi,* o vizir e o *abgal* não recebiam nada. Quando um homem morto era levado ao cemitério para sepultamento, os vários funcionários recebiam consideravelmente menos dos bens do homem morto do que antes, em alguns casos bem menos da metade. Quanto à propriedade do templo que o *ensi* havia se apropriado para si, ele, Urukagina, a devolveu aos donos apropriados, os deuses; de fato, agora parece que os

administradores do templo foram colocados no comando do palácio do *ensi*, bem como dos palácios de sua esposa e filhos. De uma ponta a outra da terra, observa nosso historiador contemporâneo, "não havia cobradores de impostos".

Mas remover os onipresentes oficiais de justiça, cobradores de impostos e outros funcionários parasitas não foi a única conquista de Urukagina. Ele também pôs fim à injustiça e exploração sofridas pelos pobres nas mãos dos ricos e poderosos. Rações permanentes de comida e bebida foram distribuídas às guildas de artesãos, certos trabalhadores cegos e outros trabalhadores, e também vários sacerdotes *gala* (provavelmente cantores de templo). Artesãos e aprendizes não precisavam mais implorar por sua comida. Para impedir que os supervisores e os "homens grandes" tirassem vantagem de cidadãos menos afortunados, como os *shub-lugals*, ele promulgou duas portarias proibindo-os de forçar seus irmãos mais humildes a vender seus burros ou suas casas contra sua vontade. Ele anistiou e libertou os cidadãos de Lagash que haviam sido presos por dívidas ou falta de pagamento de impostos ou por acusações forjadas (presumivelmente) de roubo ou assassinato. Quanto ao órfão e à viúva, vítimas prontas e indefesas dos ricos e poderosos, "Urukagina fez um pacto com o deus Ningirsu de que um homem poderoso não deveria cometer uma injustiça contra eles".

Finalmente, em uma das versões do documento de Urukagina (ver o Apêndice C), encontramos uma série de regulamentos que, se corretamente traduzidos e interpretados, devem ser de alguma importância para a história do direito; eles indicam que grande ênfase foi colocada pelos tribunais sumérios na necessidade de tornar manifesto a todos, por meio da palavra escrita, a culpa pela qual o acusado era punido. Assim, o ladrão e a mulher que se casa com dois maridos devem ser apedrejados com pedras nas quais sua má intenção foi inscrita; e a mulher que pecou ao dizer algo a um homem que ela não deveria ter dito (o texto que contém suas palavras é infelizmente ininteligível) deve ter seus dentes esmagados com tijolos queimados nos quais, presumivelmente, seu ato culpado foi inscrito.

Como é aparente no texto da reforma de Urukagina, a promulgação de leis e regulamentos legais pelos governantes dos estados

sumérios era um fenômeno comum por volta de 2400 a.C. e provavelmente até consideravelmente antes. É racional inferir, portanto, que nos três séculos que se seguiram, mais de um juiz oficial, ou arquivista do palácio, ou professor da *edubba* deve ter tido a ideia de escrever as leis ou precedentes atuais e passados para fins de referência ou ensino. Mas, até hoje, nenhuma compilação desse tipo foi recuperada para o período entre os dias de Urukagina e os de Ur-Nammu, o fundador da Terceira Dinastia de Ur, que começou seu reinado por volta de 2050 a.C.

O código de leis de Ur-Nammu foi originalmente inscrito, sem dúvida, em uma estela de pedra, não muito diferente daquela em que o código de leis acadianas de Hamurabi foi inscrito cerca de três séculos depois. Mas o que foi descoberto até hoje não é esta estela original, nem mesmo uma cópia contemporânea dela, mas uma tabuleta de argila mal preservada, preparada várias centenas de anos depois. Esta tabuleta foi dividida pelo antigo escriba em oito colunas, quatro no anverso e quatro no reverso. Cada uma das colunas continha cerca de quarenta e cinco pequenos espaços pautados; menos da metade deles são legíveis agora. O anverso contém um longo prólogo que é apenas parcialmente inteligível devido às numerosas quebras no texto. Resumidamente, seu conteúdo pode ser reconstruído em parte como segue.

Depois que o mundo foi criado e depois que o destino da terra da Suméria e da cidade de Ur foi decidido, An e Enlil, as duas principais divindades do panteão sumério, nomearam o deus-lua, Nanna, como o rei de Ur. Então, um dia, Ur-Nammu foi selecionado pelo deus como seu representante terreno para governar a Suméria e Ur. Os primeiros atos do novo rei estavam relacionados à segurança política e militar de Ur e da Suméria. Em particular, ele achou necessário lutar contra a cidade-estado vizinha de Lagash, que estava se expandindo às custas de Ur. Ele derrotou e matou seu governante, Namhani, e então "com o poder de Nanna, o rei da cidade", ele restabeleceu as antigas fronteiras de Ur.

Agora chegou a hora de se voltar para os assuntos internos e instituir reformas sociais e morais. Ele removeu os "cinzeladores" e trapaceiros, ou como o próprio código os descreve, os "agarradores" dos bois, ovelhas e burros dos cidadãos. Ele então estabeleceu e

regulamentou pesos e medidas honestos e imutáveis. Ele cuidou para que "o órfão não fosse vítima dos ricos", "a viúva não fosse vítima dos poderosos" e "o homem de um shekel não fosse vítima do homem de uma mina (sessenta shekels)". E, embora a passagem relevante esteja destruída, este lado da tabuleta sem dúvida continha uma declaração no sentido de que Ur-Nammu promulgou as leis que se seguiram para garantir a justiça na terra e promover o bem-estar de seus cidadãos.

As próprias leis provavelmente começaram no verso da tabuleta e estão tão danificadas que apenas o conteúdo de cinco delas pode ser restaurado com algum grau de certeza. Uma delas lida com uma acusação de bruxaria e envolve um julgamento pela provação da água; outra trata do retorno de um escravo ao seu mestre. Mas são as outras três leis, por mais fragmentárias e difíceis que sejam seus conteúdos, que são de importância muito especial para a história do crescimento social e espiritual do homem; pois elas mostram que mesmo antes de 2000 a.C., a lei de "olho por olho" e "dente por dente" já havia dado lugar à abordagem muito mais humana na qual uma multa em dinheiro foi substituída como punição. Essas três leis são lidas da seguinte forma:

> Se um homem tiver cortado com um instrumento . . o pé de outro homem cujo . . . . , ele deverá pagar 10 shekels de prata.
> Se um homem tiver quebrado com uma arma os ossos de outro homem cujo . . . . , ele deverá pagar 1 mina de prata.
> Se um homem tiver cortado com um instrumento *geshpu*, o nariz de outro homem, ele deverá pagar $^{2}/_{3}$ de uma mina de prata.

Até hoje, nenhum código de lei foi descoberto de nenhum dos outros governantes da Terceira Dinastia de Ur, a dinastia fundada por Ur-Nammu. Mas para o período de trinta e oito anos começando com o trigésimo segundo ano de Shulgi, filho e sucessor de Ur-Nammu, e terminando com o terceiro ano do trágico e patético Ibbi-Sin, temos um grupo de mais de trezentos registros judiciais que são altamente reveladores para as práticas legais e procedimentos judiciais das cidades-estados sumérias, bem como para sua organização social e econômica. Com certeza, todos esses registros derivam de uma época em que os sumérios estavam se aproximando do fim de sua história, mas há pouca

dúvida de que eles refletem até certo ponto os costumes e modos de épocas anteriores.

A grande maioria desses arquivos da corte foi escavada em Lagash e foi copiada, publicada e parcialmente traduzida por acadêmicos franceses, especialmente Charles Virolleaud e Henri de Genouillac. Em 1956, novas transliterações e traduções de todos esses documentos de tribunal foram publicadas por Adam Falkenstein, juntamente com um comentário e discussão detalhados — adicionando assim mais uma à sua série significativa de contribuições à sumerologia. O esboço a seguir dos procedimentos legais em vigor na cidade-estado suméria é baseado quase inteiramente na publicação de Falkenstein.

Os registros de tribunal são designados pelos próprios escribas antigos como *ditillas*, uma palavra que significa literalmente "processos concluídos". Pelo menos treze deles, no entanto, não são processos, mas apenas autenticações judiciais de acordos ou contratos envolvendo casamento, divórcio, sustento de uma esposa, presentes, vendas e a nomeação de vários indivíduos para cargos no templo. O restante, que são todos registros de processos reais, diz respeito a contratos de casamento, divórcios, herança, escravos, aluguel de barcos, reivindicações de todos os tipos, promessas e itens diversos como investigações pré-julgamento, intimações, roubo, danos à propriedade e má conduta no cargo.

Teoricamente — pelo menos na época da Terceira Dinastia de Ur — era o rei de toda a Suméria que era responsável pela lei e pela justiça, mas na prática a administração da lei estava nas mãos dos *ensis*, os governantes locais das várias cidades-estados. Nos documentos judiciais anteriores, apenas o nome do *ensi* aparece como uma espécie de assinatura oficial; mais tarde, o nome do *ensi* aparece junto com os nomes dos juízes que decidiram o caso; e ainda mais tarde, os nomes dos juízes aparecem sem o nome do *ensi*. No entanto, na inscrição nos recipientes de tabuletas, onde esses documentos eram armazenados e arquivados em ordem cronológica, o nome do *ensi* geralmente é dado junto com os dos juízes.

O templo, a julgar pelo material disponível, praticamente não desempenhava nenhum papel na administração da justiça, exceto como o lugar onde os juramentos eram administrados. Há uma instância, no entanto, em que um indivíduo é descrito como "o juiz da casa de Nanna" (isto é, o templo principal em Ur), e isso pode indicar que havia juízes especiais nomeados pelo templo por uma razão ou outra.

Os tribunais geralmente consistiam de três ou quatro juízes, embora em alguns casos apenas de um ou dois. Não havia juízes de profissão; dos trinta e seis homens listados como juízes nos documentos, a maioria eram importantes administradores de templos, mercadores marítimos, mensageiros, escribas, condestáveis, inspetores, áugures, prefeitos, arquivistas, anciãos da cidade e até mesmo *ensis*. Há, no entanto, vários indivíduos designados como "juízes reais", e um dos documentos termina com as palavras "a *ditilla* dos sete juízes reais de Nippur", o que aponta para a existência de um tribunal especial em Nippur, talvez uma espécie de tribunal de última apelação. Nada se sabe sobre os métodos ou critérios que governam a nomeação dos juízes, a duração de seu serviço ou quanto, se havia, de remuneração que eles recebiam.

Imediatamente antes dos nomes dos juízes nos arquivos do tribunal, geralmente aparece o nome do *mashkim*, que parece ter sido uma espécie de escrivão do tribunal e oficial de justiça que era encarregado da preparação do caso para o tribunal e de cuidar dos detalhes do procedimento judicial. Mais de cem *mashkims* estão listados nos *ditillas*, e todos eles vêm do mesmo estrato social dos juízes; o papel do *mashkim*, portanto, também não era uma profissão regular e permanente. Há alguma indicação de que o *mashkim* era pago por seus serviços; portanto, há uma declaração em um dos documentos que diz: "1 shekel de prata e 1 cordeiro foram (pagos) pelo que o *mashkim* fez".

Em algumas das *ditillas*, os nomes dos juízes e *mashkim* são seguidos por uma lista de indivíduos descritos como testemunhas de um tipo ou outro, que parecem representar não os litigantes, mas o público nos julgamentos.

Em um processo judicial, o procedimento do tribunal sumério era o seguinte: um processo era iniciado por uma das partes ou — se os interesses do estado estivessem envolvidos — pela administração do estado. O testemunho trazido perante o tribunal poderia consistir em declarações feitas por testemunhas, geralmente sob juramento, ou por uma das partes sob juramento; ou poderia ser na forma de documentos escritos ou declarações feitas por "especialistas" ou autoridades importantes. O veredito era condicional e se tornava efetivo somente após um juramento ter sido administrado no templo à parte da qual o tribunal o exigia como prova de sua reivindicação. Esse juramento geralmente era dado às testemunhas — uma ou duas em número — em vez dos litigantes, exceto em casos em que o depoimento das testemunhas era negado pelo litigante. Não era necessário juramento se uma das partes dispusesse de um documento escrito. Às vezes, o *mashkim* que havia participado de uma ação judicial anterior relevante para a questão em causa fazia o juramento. O veredito era geralmente expresso de forma bastante concisa com frases como "ele (isto é, o objeto ou escravo envolvido no litígio) foi confirmado como pertencente a X (a parte vencedora)", ou "X (a parte vencedora) tomou-o (o objeto ou escravo) como seu devido" ou mesmo "Y (a parte perdedora) deve pagar". Às vezes, mas nem sempre, a razão para o veredito era declarada. Após o veredito, o documento ocasionalmente continha uma cláusula de renúncia e abjuração.

Cerca de duzentos anos depois de Ur-Nammu, um governante da dinastia de Isin chamado Lipit-Ishtar promulgou um código de leis, que foi descoberto na forma de fragmentos de uma grande tabuleta de vinte colunas contendo originalmente o texto inteiro e quatro tabuletas de "trechos" usadas para prática escolar. Como o código acadiano de Hamurabi, ele consiste em três seções: um prólogo, as próprias leis e um epílogo. O prólogo começa com uma declaração colocada na boca do rei, Lipit-Ishtar, de que depois que An e Enlil deram a Nininsinna, a deusa que era a divindade tutelar de Isin, a realeza da Suméria e Acádia, e depois que eles o chamaram (Lipit-Ishtar), "para o principado da terra" a fim de trazer "bem-estar aos sumérios e acadianos", ele promulgou um código de justiça na Suméria e Acádia. Ele então cita algumas de suas

realizações em relação ao bem-estar de seus súditos: ele libertou "os filhos e filhas da Suméria e da Acádia" da escravidão que lhes fora imposta e restabeleceu uma série de práticas familiares equitativas. O final do prólogo está infelizmente destruído.

Quanto às próprias leis, o texto disponível permite a restauração total ou parcial de cerca de trinta e oito, praticamente todas pertencentes à segunda metade do código, sendo a primeira metade quase totalmente destruída. O assunto tratado nessas leis inclui a contratação de barcos; imóveis, pomares particulares; escravos e talvez servos; inadimplência de impostos; herança e casamento; aluguel de bois. Imediatamente após a última das leis vem o epílogo, que é apenas parcialmente inteligível por causa das numerosas quebras no texto. Ele começa com uma reiteração de Lipit-Ishtar de que ele estabeleceu a justiça na terra e que trouxe bem-estar ao seu povo. Ele então afirma que ele estabeleceu "esta estela" — o código foi, portanto, como era de se esperar, inscrito em uma estela da qual as tabuletas eram cópias — e prossegue pronunciando uma bênção sobre aqueles que não a danificarão de forma alguma e uma maldição contra aqueles que o farão[36].

Passando da estrutura socioeconômica da cidade suméria para seus aspectos mais materiais, podemos começar tentando estimar o tamanho de sua população. Isso dificilmente pode ser feito, no entanto, com qualquer grau razoável de exatidão, uma vez que não houve censo oficial; pelo menos nenhum vestígio de qualquer um foi encontrado até agora. Para Lagash, Diakanoff, após estudar os dados um tanto incompletos e indiretos fornecidos pelos textos econômicos, estima uma população livre de cerca de 100.000 pessoas. E para Ur, por volta de 2000 a.C., quando foi a capital da Suméria pela terceira vez, C. L. Woolley, em seu artigo recente, "A Urbanização da Sociedade"[37], estima uma população de cerca de 360.000 almas. Seu número é baseado em comparações tênues e suposições duvidosas, e pode ser sensato cortá-lo pela metade, o que ainda daria a Ur uma população de cerca de 200.000 pessoas.

Exceto pelo *temenos*, a área sagrada da cidade com seus principais templos e zigurate, a cidade suméria dificilmente era um local atraente.

Para citar Woolley: “Se os bairros residenciais escavados em Ur dão, como presumivelmente dão, uma amostra justa da cidade como um todo, vemos algo que cresceu a partir das condições da vila primitiva, não disposto em nenhum sistema de planejamento urbano. As ruas não pavimentadas eram estreitas e sinuosas, às vezes meros becos sem saída que levavam a casas escondidas no meio de um grande bloco de edifícios aleatórios; casas grandes e pequenas estão amontoadas, algumas delas cortiços de telhado plano de um andar de altura, a maioria delas de dois andares, e algumas, aparentemente de três. As vielas protegidas por toldos e alinhadas com barracas abertas correspondem aos bazares de uma cidade moderna do Oriente Médio.”

No entanto, a julgar pelas passagens em “Lamentação sobre a Destruição de Ur” (ver o Capítulo IV), ela tinha suas atrações: “portões elevados” e avenidas para passeios, bem como bulevares onde festas eram celebradas. E de “Um Escriba e Seu Filho Perverso” e “O Amor Encontra um Caminho” (ver os Capítulos VI e VII), aprendemos que a cidade tinha uma praça pública que não era desprovida de apelo aos jovens e aos que buscavam prazer.

A casa suméria média era uma pequena estrutura térrea de tijolos de barro, consistindo de vários cômodos geralmente agrupados em torno de um pátio aberto. O sumério abastado, por outro lado, provavelmente vivia em uma casa de dois andares com cerca de uma dúzia de cômodos, construída de tijolos e rebocada e caiada por dentro e por fora. O andar térreo da casa de dois andares consistia em uma sala de recepção, cozinha, lavatório, aposentos dos empregados e, às vezes, até mesmo uma capela particular. Para móveis, havia mesas baixas, cadeiras de espaldar alto e camas com armações de madeira. Os utensílios domésticos eram feitos de argila, pedra, cobre e bronze; havia também cestos e baús feitos de junco e madeira. Pisos e paredes eram cobertos com esteiras de junco, tapetes de pele e cortinas de lã. Abaixo da casa, muitas vezes havia um mausoléu familiar onde os mortos da família eram enterrados, embora também pareça ter havido cemitérios especiais para os mortos fora das cidades.

A vida econômica da cidade suméria dependia principalmente das habilidades altamente desenvolvidas de agricultores e lavradores,

artesãos e artífices. Os sumérios não desenvolveram nenhuma "ciência" teórica; não conhecemos nenhuma lei geral de caráter científico formulada por seus homens sábios. Os pensadores sumérios classificaram o mundo natural nas seguintes categorias: animais domésticos, animais selvagens (de elefantes a insetos), pássaros (incluindo alguns insetos voadores), peixes, árvores, plantas, vegetais e pedras. Listas, de todos os itens possíveis nessas categorias, foram compiladas como livros didáticos para uso na *edubba*; essas listas consistem, no entanto, em nada além de nomes, embora os professores sem dúvida tenham adicionado explicações-palestras, por assim dizer — para o benefício dos alunos. Isso é aparente até certo ponto nos textos literários nos quais o "pássaro-pastor", por exemplo, é descrito nestas palavras:

> O "pássaro-pastor" diz ri-di-ik, ri-di-ik,
> O "pássaro-pastor" (tem) um pescoço variegado como o pássaro-*dar*,
> Ele tem uma crista na cabeça.

Ou o peixe-*mur* — provavelmente a raia ou arraia — é descrito como:

> A cabeça, uma enxada, os dentes, um pente,
> Seus ossos, um abeto alto,
> Seu estômago, o odre de água de Dumuzi,
> Sua cauda fina, o chicote dos pescadores,
> Sua pele sem escamas não precisa de processamento . . . . ,
> O ferrão serve como um prego.

Ou o contraste entre a paciência do gato e a franqueza do mangusto é notado nestas palavras:

> Um gato — por seus pensamentos,
> Um mangusto — por suas ações.

A astronomia, que na última metade do primeiro milênio a.C. se tornou uma das maiores realizações científicas dos herdeiros culturais dos sumérios, os babilônios, era praticamente desconhecida na antiga Suméria; pelo menos até hoje temos apenas uma lista de cerca de vinte e cinco estrelas e nada mais da Suméria. A observação dos corpos celestes

deve ter sido praticada na Suméria para fins de calendário, se não por outras razões, mas se os resultados dessas observações foram registrados, eles não foram preservados. A astrologia, no entanto, deve ter tido considerável popularidade a julgar pelo sonho de Gudea (ver mais adiante neste Capítulo) no qual a deusa Nidaba apareceu, estudando uma tabuleta de argila na qual o céu estrelado estava representado, indicando a maneira que Gudea deveria construir o templo de Eninnu de acordo com as "estrelas sagradas".

Os sumérios dividiam o ano em duas estações: *emesh*, "verão", começando em fevereiro-março, e *enten*, "inverno", começando em setembro-outubro. O ano novo provavelmente deveria cair em algum momento de abril-maio. Os meses eram estritamente lunares; eles começavam com a noite da lua nova e tinham 29 ou 30 dias de duração. Os nomes dos meses, que muitas vezes eram derivados de atividades agrícolas ou de festas em homenagem a certas divindades, variavam de cidade para cidade. Para cuidar da diferença de duração entre os anos lunar e solar, um mês intercalar era introduzido em intervalos regulares. O dia começava com o pôr do sol e tinha doze horas duplas de duração. A noite era dividida em três vigílias de quatro horas cada. O tempo era medido por um relógio de água, ou clepsidra, em forma de cilindro ou prisma; o relógio de sombra ou relógio de haste também era provavelmente conhecido.

O sistema sumério de numeração era sexagesimal em caráter, mas não estritamente, pois faz uso do fator 10, bem como 6, assim: 1, 10, 60, 600, 3600, 36.000, etc. Do ponto de vista da escrita, havia na verdade dois sistemas de numeração; o usado normalmente, que tem sinais especiais para cada ordem de unidades (ver figura 1), e o sistema "aprendido", o único usado nos textos matemáticos, que é puramente sexagesimal e posicional, como nosso sistema decimal. Assim, enquanto de acordo com o sistema decimal, o número escrito 439, por exemplo, representa $(4 \times 10^2) + (3 \times 10) + 9$, no sistema sexagesimal, o mesmo número representaria $(4 \times 60^2) + (3 \times 60) + 9$, ou 14.589. O zero era desconhecido para os sumérios, e o valor absoluto das unidades não era indicado na escrita, de modo que um número escrito



que podemos transcrever como 4, 23, 36, pode ser lido como (4 x 60^2) + (23 x 60) + 36 = 15.816, ou como (4 x 60^3) + (23 x 60^2) + (36 x 60) = 948.960, etc.; ou pode ser lido como (4 x 60) + 23 + (36/60) = 263 $^3/_5$, ou como 4 + (23/60) + (36/3600) = (659/150), etc. Como nosso sistema decimal, portanto, o sistema sexagesimal permite uma flexibilidade na escrita numérica que é altamente favorável ao desenvolvimento da matemática.

Os textos escolares matemáticos que chegaram até nós são de dois tipos: tabelas e problemas. Os primeiros incluem tabulações de recíprocos, multiplicações, quadrados e raízes quadradas, cubos e raízes cúbicas, as somas de quadrados e cubos necessárias para a solução numérica de certos tipos de equações, funções exponenciais, coeficientes que fornecem números para computação prática (como o valor aproximado de $\sqrt{2}$) e vários cálculos metrológicos que fornecem áreas de retângulos, círculos, etc. Os textos de problemas lidam com números pitagóricos, raízes cúbicas, equações e questões práticas como escavação ou ampliação de canais, contagem de tijolos e assim por diante. Até hoje, quase todos os textos de problemas são acadianos, embora devam remontar em grande parte aos protótipos sumérios, já que quase todos os termos técnicos usados são sumérios. (a figura 2 reproduz uma tabuleta suméria de cerca de 2500 a.C., escavada em Fara, que contém uma tabela para calcular a superfície de campos em forma de quadrado).

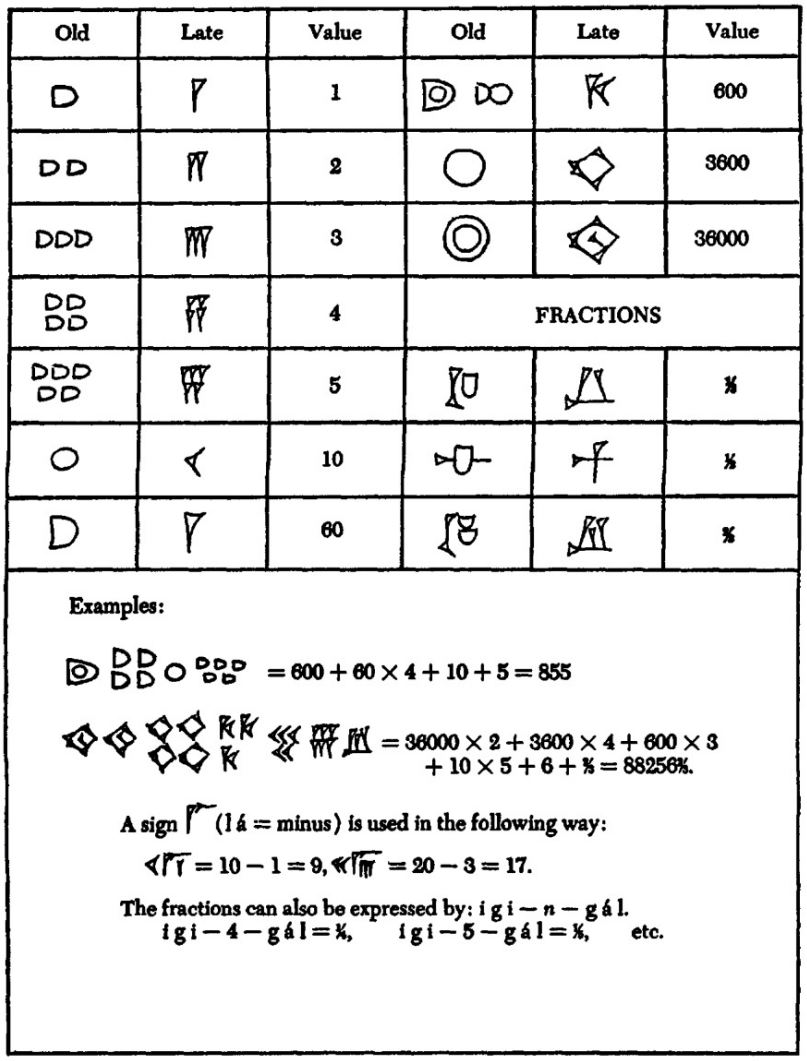
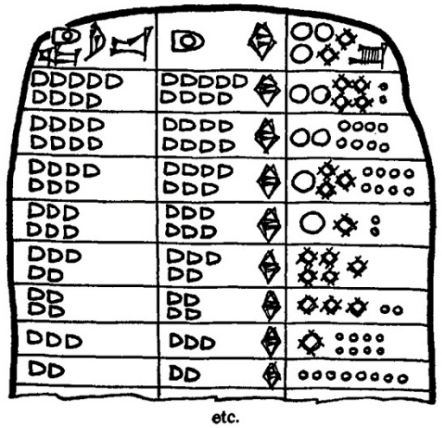

Old
Late
Value
Old
Late
Value
1
600
2
3600
3
36000
4
FRACTIONS
5
10
60
Examples:
= 600 + 60 × 4 + 10 + 5 = 855
= 36000 × 2 + 3600 × 4 + 600 × 3
+ 10 × 5 + 6 + ⅚ = 88256⅚.
A sign (1 á = minus) is used in the following way:
= 10 − 1 = 9, = 20 − 3 = 17.
The fractions can also be expressed by: i g i − n − g á l.
i g i − 4 − g á l = ¼, i g i − 5 − g á l = ⅓, etc.

Fig. 1 — Sinais Numéricos Sumérios



etc.

600 sag gar-du × 600 sá = 1080 × 3 + 180 × 2 =

(60 × 9)(60 × 9) = 1080 × 2 + 180 × 4 + 18 × 2 =

(60 × 8)(60 × 8) = 1080 × 2 + 180 × 8 =

(60 × 7)(60 × 7) = 1080 + 180 × 3 + 18 × 8 =

(60 × 6)(60 × 6) = 1080 + 180 + 18 × 2 =

(60 × 5)(60 × 5) = 180 × 5 =

(60 × 4)(60 × 4) = 180 × 3 + 18 × 2 =

(60 × 3)(60 × 3) = 180 + 18 × 8 =

(60 × 2)(60 × 2) = 18 × 8 =

etc.

This table is intended to help in the computation of the area of square fields. The first column (left) gives the length of the side (s a g) measured in g a r - d u (1 g a r - d u = 6 yards approx.). The second column (middle) gives the length of the other side, stating that *it is* equal (s á) to the first side. The third column (right) gives the area measured in iku (1 i k u = 100 g a r - d u²). Thus to obtain the area in g a r - d u², multiply the results given in the third column by 100.

Note that a special set of number signs is used in surface measurements:

○ = 1080 i k u ✡ = 180 i k u o = 18 i k u

Até bem recentemente, praticamente nada se sabia sobre a medicina suméria, embora houvesse centenas de textos médicos acadianos do primeiro milênio a.C. utilizando todos os tipos de palavras e frases médicas sumérias. Ainda hoje temos apenas duas tabuletas médicas sumérias, e uma delas é uma pequena peça contendo apenas uma prescrição. A outra, no entanto, é uma tabuleta de tamanho de 3 $^{3}/_{4}$ x 6 $^{1}/_{4}$ polegadas (cerca de 9,5 por 16 cm), inscrita com quinze prescrições, que é de alguma importância para a história da medicina. A julgar pela escrita cuidadosa, grande e elegante, a tabuleta foi inscrita em algum momento no último quarto do terceiro milênio a.C. e contém, com toda a probabilidade, a mais antiga farmacopeia conhecida pelo homem. Embora a tabuleta tenha sido escavada há cerca de sessenta a setenta anos, ela só se tornou conhecida pelo mundo acadêmico em 1940. Desde então, várias traduções do texto, que está repleto de dificuldades linguísticas devido à fraseologia técnica, foram publicadas, sendo a última e mais confiável a preparada por Miguel Civil, então pesquisador associado do Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia[38].

O documento contém 145 linhas, ou melhor, casos. As primeiras 21 linhas estão tão danificadas que é impossível ter uma ideia clara do conteúdo. A priori, e em analogia com os documentos médicos cuneiformes do primeiro milênio a.C., esperava-se que eles pudessem conter uma declaração como “se um homem sofre de”, seguida pelo nome desta ou daquela doença. Mas os relativamente poucos sinais e frases que são preservados, como “raiz de uma planta . . . .” (casos 1 e 2), “cabeça de . . . .” (casos 3 e 5), “lã” (casos 9 e 10) e “sal” (caso 15), não apontam nessa direção.

As prescrições em si, quinze no total, começam com a linha 22 (perto do final da primeira coluna da tabuleta). Elas podem ser divididas em três classes de acordo com a maneira como os remédios foram aplicados. A primeira classe consiste em oito prescrições nas quais a aplicação é na forma de um cataplasma. Em geral, seu conteúdo é o seguinte: primeiro, uma lista dos ingredientes a serem utilizados em

cada prescrição; então, a orientação para pulverizá-los e misturá-los com um líquido para formar uma pasta que deve ser fixada como um cataplasma na parte doente do corpo após esta ter sido esfregada com óleo, uma ação realizada por seu valor terapêutico intrínseco ou para evitar que a pasta grude na pele. Aqui estão as traduções literais das últimas cinco dessas prescrições de cataplasma (as três primeiras estão demasiado fragmentárias para tradução).

Prescrição nº 4. Pulverize a planta *anadishsha*, os galhos da planta "espinho" (provavelmente a *Prosopis stephaniana*), as sementes do *duashbur* (talvez o *Atriplex halimus* L.), (e) . . . . (nomes de pelo menos dois ingredientes destruídos); . . . . despeje cerveja diluída em água sobre ela (a massa de ingredientes pulverizada); esfregue (o ponto doente) com óleo vegetal, (e) prenda (a pasta formada ao despejar o líquido sobre os ingredientes pulverizados) como um cataplasma.

Prescrição nº 5. Pulverize lama de rio (e) . . . . ; amasse com água; esfregue com óleo bruto, (e) prenda como um cataplasma.

Prescrição nº 6. Pulverize peras (?) (e) "*manna*", despeje as borras de cerveja sobre ela; esfregue com óleo vegetal, (e) prenda como um cataplasma.

Prescrição nº 7. Pulverize as borras da videira seca, do pinheiro e da ameixeira; despeje cerveja sobre elas, esfregue com óleo, (e) prenda como um cataplasma.

Prescrição nº 8. Pulverize as raízes da árvore . . . , ... , e betume de rio seco; despeje cerveja sobre elas; esfregue com óleo, (e) prenda como um cataplasma.

O segundo grupo de prescrições, três em número, consiste em remédios que devem ser ingeridos. O primeiro é um tanto complicado e envolve o uso de cerveja e óleo de betume de rio:

Prescrição nº 9. Despeje cerveja forte sobre a resina da planta . . . . ; aqueça no fogo; coloque este líquido em óleo de betume de rio, (e) deixe o homem (doente) beber.

Nas duas restantes, o processo é idêntico; as instruções são para pulverizar dois ou três ingredientes e dissolvê-los em cerveja para o

homem doente beber:

Prescrição nº 10. Pulverize peras (?) (e) as raízes da planta "*manna*"; coloque (os ingredientes pulverizados) em cerveja, (e) deixe o homem (doente) beber.

Prescrição nº 11. Pulverize as sementes do vegetal *nignagar*, mirra (?), (e) tomilho; coloque em cerveja, (e) deixe o homem (doente) beber.

O terceiro conjunto de prescrições é introduzido por uma passagem difícil e enigmática que diz: "Arrume (?) os juncos sobre as mãos e os pés do homem (doente)." Não está claro no momento a que essa operação se refere e por que foi colocada neste ponto em particular. Apesar de sua obscuridade, a linha é de suma importância, pois dá pelo menos uma ideia das partes doentes do corpo a serem tratadas.

As próprias prescrições seguem esta declaração introdutória. Elas são quatro em número, e seus componentes são mais complexos e menos homogêneos do que os das onze anteriores. Nas três primeiras, as operações prescritas consistem principalmente em lavar o órgão doente com uma solução especialmente preparada e então imediatamente cobri-lo (?) com uma substância que, em dois casos, parece ser cinzas queimadas. A quarta e última prescrição, cujas linhas iniciais são destruídas, parece conter apenas os nomes de uma série de ingredientes seguidos imediatamente pela operação de cobertura (?), e é possível, portanto, que o escritor tenha inadvertidamente omitido pelo menos uma operação intermediária. A seguir está uma tradução das últimas quatro prescrições:

Prescrição nº 12. Peneire e amasse juntos — tudo em um — casco de tartaruga, a planta *naga* (uma planta usada para obter soda e outros álcalis) germinada (?), sal, (e) mostarda; lave (o ponto doente) com cerveja de qualidade (e) água quente; esfregue (o ponto doente) com tudo isso (a mistura amassada); depois de esfregar, esfregue com óleo vegetal (e) cubra (?) com abeto pulverizado.

Prescrição nº 13. Despeje água sobre uma cobra d'água seca e pulverizada, a planta *amamashumkaspal*, as raízes da planta "espinho", *naga* pulverizada, terebintina de abeto em pó, (e) as fezes do morcego *garib* (?); aqueça (a infusão), (e) lave (o ponto doente) com este líquido;

depois de lavar com o líquido, esfregue com óleo vegetal (e) cubra com *shaki*.

Prescrição nº 14. Despeje água sobre o cabelo seco (e) pulverizado do revestimento interno (?) de uma vaca, galhos da planta "espinho", a planta "estrela", as raízes da árvore "mar", figos secos, (e) sal *ib*; aqueça (e) lave com este líquido; após lavar com o líquido, cubra (?) com as cinzas (?) de juncos.

Prescrição nº 15. . . . . (vários sinais destruídos) que você extraiu do salgueiro, as borras (?) do vaso *girbi*, as borras de vinho, a planta *rigmi*, a planta *arina* — raízes e tronco — (e) cubra (?) com cinzas (?).

Como nosso documento mostra, o médico sumério, não muito diferente de sua contraparte moderna, recorria a fontes botânica, zoológica e mineralógica para seus medicamentos. Seus minerais favoritos eram cloreto de sódio (sal), betume de rio e petróleo bruto. Do reino animal, ele utilizava lã, leite, casco de tartaruga e cobra d'água. Mas a maioria de seus medicamentos vinha do mundo botânico, de plantas como tomilho, mostarda, ameixeira, peras, figos, salgueiro, *Atriplex halimus* L., *Prosopis stephaniana*, planta "manna", abeto e pinho, e de produtos processados como cerveja, vinho e óleo vegetal.

Nosso antigo documento, vale a pena notar, é totalmente livre de feitiços e encantamentos mágicos que são uma característica regular dos textos médicos cuneiformes de dias posteriores; nenhuma divindade ou demônio é mencionado no texto. O médico que escreveu este documento, portanto, parece ter praticado sua medicina ao longo de linhas empírico-racionais. Na verdade, é pouco provável que ele tenha recorrido a experimentação e verificação conscientemente planejadas. No entanto, parece razoável supor que os tratamentos que ele prescrevia tinham valor terapêutico considerável, uma vez que sua reputação profissional estava em jogo, e é concebível que eles possam ter algum valor prático para a pesquisa médica moderna.

É triste dizer, mas nossa antiga farmacopeia não nos fornece nenhuma ideia clara das doenças ou enfermidades para as quais as prescrições são destinadas. A introdução que precede as prescrições, que ocupa a maior parte da primeira coluna da tabuleta, está muito

danificada; em todo caso, a julgar pelos poucos sinais preservados, ela não continha nomes de doenças. Na primeira prescrição muito quebrada, encontramos as palavras sumérias para "costas" e "nádegas", mas em uma passagem fragmentária e ininteligível. A introdução do terceiro conjunto de prescrições é uma passagem que menciona mãos e pés, mas neste caso, também, o contexto é obscuro e enigmático. Nem sabemos se cada prescrição era destinada a uma enfermidade específica ou se várias eram destinadas à mesma enfermidade. É possível, no entanto, que esses detalhes, e muitos outros, tenham sido explicados oralmente ao leitor da tabuleta, o que nos leva ao propósito do documento e aos motivos que levaram à sua compilação e inscrição.

O antigo médico que preparou nossa farmacopeia, vale ressaltar, não era apenas um praticante restrito de sua profissão, mas um humanista educado e culto. Para aprender a escrever correta e elegantemente o complexo silabário cuneiforme, com suas centenas de sinais e milhares de registros, ele teve que passar grande parte de sua juventude na escola suméria, ou *edubba*, onde estudou e absorveu qualquer conhecimento científico e literário que fosse vigente em sua época. Os "livros didáticos" consistiam principalmente em compilações de palavras, frases, parágrafos, extratos e composições inteiras preparadas pelos *ummias*, ou professores, da academia, que o aluno tinha que copiar e recopiar até que as soubesse de cor. Essas compilações, que eram concisas, breves e sem adornos, eram sem dúvida acompanhadas de explicações orais ou palestras. Nossa antiga farmacopeia pode muito bem ter sido uma compilação desse tipo preparada por um médico praticante que era um "palestrante" de medicina na academia. Se essa suposição estiver correta, nosso documento sumério poderia ser descrito adequadamente como uma página do mais antigo livro didático conhecido na história da medicina.

O conteúdo da segunda tabuleta médica foi publicado já em 1935, mas foi tratado como um documento comercial e permaneceu não reconhecido até 1960, quando Michel Civil, como resultado de seu trabalho na tabuleta maior discutida acima, o identificou e traduziu da seguinte forma:

Tendo esmagado casco de tartaruga e . . . , e tendo ungido a abertura (do órgão doente, talvez) com óleo, você esfregará (com o casco esmagado) o homem deitado de bruços (?). Depois de esfregar com o casco esmagado, você esfregará (novamente) com cerveja fina; depois de esfregar com cerveja fina, você lavará com água; depois de lavar com água, você preencherá (o ponto doente) com madeira de abeto esmagada. É (uma prescrição) para alguém afligido por uma doença no *tun* e no *nu*.

O *tun* e o *nu* são provavelmente duas partes ainda não identificadas dos órgãos sexuais, e o tratamento pode, portanto, ter sido destinado a algum tipo de doença venérea. Como o leitor notará, o tratamento descrito nesta tabuleta é muito semelhante à Prescrição nº 12 no documento médico maior discutido anteriormente.

O médico é conhecido em sumério como *a-zu*, cuja tradução literal pode ser o "conhecedor da água". O primeiro médico registrado é um praticante chamado Lulu; as palavras "Lulu, o médico" são encontradas em uma tabuleta escavada em Ur pelo falecido Sir Leonard Woolley, que data de cerca de 2700 a.C. O médico deve ter tido um status social relativamente alto a julgar pelo fato de que um dos médicos de Lagash chamado Urlugaledinna, cujo selo cilíndrico e inscrição votiva em pedra foram preservados, ocupou uma posição importante durante o governo de Ur-Ningirsu, o filho de Gudea. Havia também veterinários conhecidos como "o médico dos bois" ou "o médico dos burros"; mas eles são mencionados apenas nos textos lexicais, e nada mais se sabe sobre eles desde os tempos sumérios até agora.

No campo da arte, os sumérios eram particularmente notáveis por sua habilidade em escultura. Os primeiros escultores tendiam a ser abstratos e impressionistas. Suas estátuas de templo mostram grande intensidade emocional e espiritual em vez de habilidade em modelagem. Isso veio gradualmente, no entanto, e os escultores posteriores eram tecnicamente superiores, embora suas imagens perdessem em inspiração e vigor. Os escultores sumérios eram bastante habilidosos em esculpir figuras em estelas e placas e até mesmo em vasos e tigelas. São dessas esculturas que aprendemos muito sobre a aparência e a vestimenta suméria.

Os homens eram barbeados ou usavam barbas longas e cabelos longos repartidos ao meio. A forma mais comum de vestimenta era uma espécie de saia com babados, sobre a qual às vezes eram usadas longas capas de feltro. Mais tarde, o quitão, ou saia longa, tomou o lugar da saia com babados. Cobrindo a saia havia um grande xale franjado, que era carregado sobre o ombro esquerdo, deixando o braço direito livre. As mulheres frequentemente usavam vestidos que pareciam longos xales tufados, cobrindo-as da cabeça aos pés e deixando apenas o ombro direito nu. Seus cabelos eram geralmente repartidos ao meio e trançados em um rabo de cavalo pesado, que era então enrolado ao redor da cabeça. Elas frequentemente usavam elaborados toucados consistindo de fitas de cabelo, contas e pingentes.

A música, tanto instrumental quanto vocal, desempenhou um papel importante na vida suméria, e alguns dos músicos eram figuras importantes nos templos e na corte. Harpas e liras lindamente construídas foram escavadas nas tumbas reais de Ur. Instrumentos de percussão, como o tambor e o pandeiro, também eram comuns, assim como flautas de junco e metal. Poesia e música floresceram nas escolas sumérias. A maioria das obras recuperadas são hinos a deuses e reis para uso no templo e no palácio; mas há todas as razões para acreditar que a música, o canto e dança eram uma grande fonte de entretenimento em casa e no mercado[39].

Uma das contribuições mais originais dos sumérios para as artes foi o selo cilíndrico, um pequeno cilindro de pedra gravado com um desenho que se tornava claro e significativo quando rolado sobre uma tabuleta de argila ou o selamento de argila de um jarro. O selo cilíndrico se tornou uma espécie de marca registrada da Mesopotâmia, embora seu uso tenha penetrado na Anatólia, Egito, Chipre e Grécia. Os artistas sumérios eram muito engenhosos em elaborar desenhos adequados, especialmente quando o selo foi inventado. Os primeiros selos cilíndricos são joias cuidadosamente entalhadas representando fileiras de animais ou criaturas e monstros de contos de fadas e cenas como o rei no campo de batalha e o pastor defendendo seu gado contra feras. Mais tarde, os desenhos se tornaram mais decorativos e formalizados. Finalmente, um desenho se tornou predominante, quase com a exclusão

de todos os outros: a cena de apresentação em que um adorador é apresentado a um deus por seu "anjo bom".

Apesar do fato de que a Suméria era destituída de metal e pedra e pobre em madeira, os artesãos da Suméria estavam entre os mais habilidosos do mundo antigo, embora seja provável que, pelo menos originalmente, muitos deles tenham vindo de partes estrangeiras para praticar suas habilidades em conexão com a construção de templos. Temos um vislumbre bastante vívido e esclarecedor dos artesãos e artífices sumérios trabalhando em uma grande tabuleta escavada em Ur por Leonard Woolley, na qual dois supervisores das oficinas do templo, ou ateliês, dão um resumo do trabalho concluído durante o décimo segundo ano do reinado de Ibbi-Sin, que governou por volta de 1975 a.C. Oito ateliês estão listados nesta tabuleta: as "casas" do "cinzelador" ou escultor, do joalheiro, do lapidário, do carpinteiro, do ferreiro, do artesão de couro, do lavador de tecidos e do cesteiro.

O primeiro da lista é o cinzelador, cujo trabalho era esculpir as estatuetas e outros pequenos objetos de marfim e madeira rara. No ano referido na tabuleta, vinte e uma libras (9,5 Kg) de marfim foram trabalhadas em objetos como estatuetas, tanto masculinas quanto femininas, pequenos pássaros, caixas e anéis.

O joalheiro trabalhava principalmente em ouro e prata, embora também engastasse pedras semipreciosas como lápis-lazúli, cornalina e topázio. Ele fazia um excelente trabalho de fundição com moldes de três e quatro peças e martelava chapas de metal sobre um núcleo de madeira, finalizando-as com *repoussé*[40] ou estampagem. Ele sabia como prender peças de ouro e prata com pinos ou rebites, bem como por soldagem, e era especialista em fazer uso de trabalho de filigrana e granulação. Os lapidários — em nossa tabuleta — trabalhavam apenas em pedras semipreciosas para o joalheiro, mas também podiam, sem dúvida, preparar pedras para construção.

Os carpinteiros sempre foram bastante numerosos na Suméria, pois, apesar da escassez de madeira, ela era utilizada em larga escala para fazer todos os tipos de móveis, bem como barcos, carroças e carruagens. No ateliê registrado em nossa tabuleta, os carpinteiros

construíram um estrado de marfim pesando não menos que quarenta libras (18 Kg), sem mencionar objetos feitos de carvalho, abeto, ébano e salgueiro. Outras madeiras usadas pelo carpinteiro, não mencionadas em nossa tabuleta, são cedro, amoreira, tamargueira e plátano. A árvore mais comum encontrada na Suméria, a palmeira, era pouco usada pelos carpinteiros, pois sua madeira é de baixa qualidade. Para compensar até certo ponto a dificuldade de obtenção de madeira, móveis antigos eram constantemente reutilizados. Assim, no ateliê descrito na tabuleta de Ibbi-Sin, três tampos de mesa antigos e quatro caixas de abeto foram reutilizados para fazer uma mesa, duas camas e uma pequena caixa. No ano registrado na tabuleta, os carpinteiros faziam principalmente cadeiras de vários tipos, mesas, camas e caixas. Entre as ferramentas usadas pelo carpinteiro sumério estavam a serra, o cinzel, o martelo e a broca.

A lista de metais usados na fundição do ferreiro registrada em nossa tabuleta inclui quase todos os conhecidos na época: ouro, prata, estanho, chumbo, cobre, bronze e um metal chamado *sugan* (talvez antimônio) utilizado em pequenas quantidades como uma liga. A fundição de cobre foi altamente desenvolvida já no início do terceiro milênio a.C.; não apenas a fundição de cobre era bem conhecida, mas também outras técnicas como martelagem, recozimento, filigrana e granulação. O ferreiro, ou metalúrgico, tinha à sua disposição um tipo especial de fole que podia ser trabalhado à mão ou com os pés para elevar a temperatura de sua fornalha a um grau de calor que derretia o cobre. Madeira e juncos eram usados como gravetos, e eram necessários dois quilos de madeira e três “feixes de junco” — ou seis feixes de junco se nenhuma madeira fosse usada — para derreter meio quilo de cobre. Os produtos mais comuns feitos de cobre e bronze eram ferramentas como enxadas, machados, formões, facas e serras; armas como pontas de lança e flechas, espadas, punhais e arpões; vasos e recipientes; pregos, alfinetes, anéis e espelhos.

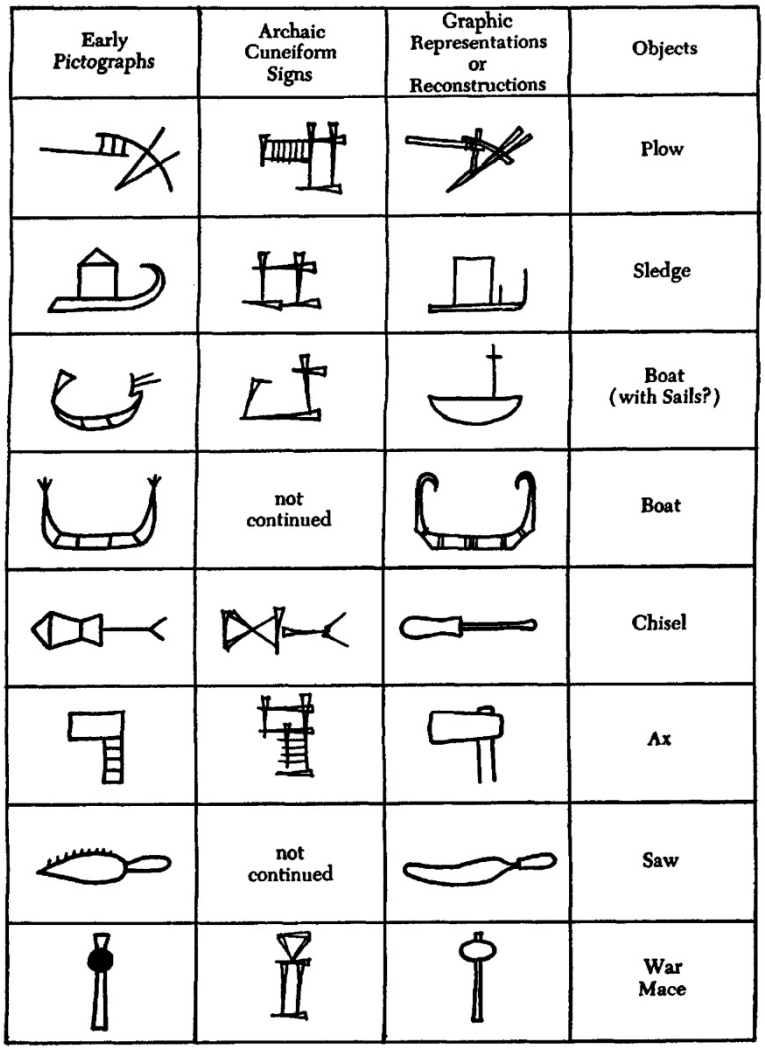


Fig. 3 — Ferramentas, implementos e embarcações conforme representados nos primeiros pictogramas.

O artesão de couro em nossa tabuleta recebia durante o ano um grande número de peles de touros, bezerros, porcos e especialmente ovelhas. Da pele e do couro, uma série de objetos eram fabricados: odres de água, bolsas, arreios e selas, pneus para rodas de carruagens, fundas e, acima de tudo, sapatos e sandálias. Para fins de curtimento, o artesão de couro utilizava álcalis, sumagre[41] e outras substâncias ainda não identificadas. A gordura era usada para tornar as peles flexíveis e impermeáveis. O artesão de couro mencionado em nossa tabuleta de Ur fazia uso de farinha para finalizar certas peles especiais e também "pó de ouro" para decorar algumas das peças fabricadas.

O lavador de tecidos de nossa tabuleta parece ter tido apenas uma pequena loja, e pouco se fala sobre ele. O último dos artesãos é o cesteiro. Ele recebia quantidades de junco, uma mercadoria muito importante na Suméria, e betume para fabricar cestos e barcos.

A indústria têxtil, não mencionada em nossa tabuleta de Ur, era provavelmente a maior da região e a mais importante do ponto de vista do comércio. Muitos milhares de toneladas de lã eram trabalhados anualmente somente em Ur. Enormes rebanhos de cabras, ovelhas e cordeiros eram criados para obter lã. A tosquia era feita por "depenagem". Um fuso era usado para fiar a lã, e a tecelagem era feita em teares horizontais e verticais; geralmente, essas duas operações eram realizadas por uma equipe de três mulheres, que levavam até oito dias para preparar um pedaço de material de 3 ½ x 4 metros. O pano tecido era então entregue aos lavadores, que o embebiam em uma solução alcalina em grandes cubas e então o pisoteavam, andando sobre ele com os pés. Embora a lã fosse, sem dúvida, o tecido mais comum usado para roupas, o linho também era cultivado, e as vestimentas de linho parecem ter sido usadas especialmente por certos sacerdotes e homens santos.

Materiais e bens eram transportados na Suméria por homens e animais ou com a ajuda de implementos como trenós, carroças, carruagens e barcos. Os trenós provavelmente eram usados especialmente para transportar cargas muito pesadas, como grandes blocos de pedras. As carroças tinham quatro ou duas rodas e geralmente

eram puxadas por bois. As carruagens eram bastante pesadas, pequenas em tamanho e puxadas por onagros[42]. O transporte por barco era bastante viável e econômico, e um barco de pouco mais de cinco toneladas registradas podia transportar uma carga tão pesada quanto cem minas. Havia também barcos muito grandes construídos de madeira em estaleiros especiais, e estes eram sem dúvida usados para longas viagens marítimas para terras como Meluhha e Dilmun. O barco mais comum em uso era o conhecido hoje no Iraque como *guffa* e nos tempos antigos como "o nabo"; era feito de junco, coberto com pele e em forma de cesta. O veleiro também era provavelmente conhecido na antiga Suméria, a julgar pelo modelo de um barco encontrado em Eridu. Remos e "varas de impulsionar" eram de uso comum desde os primeiros tempos. Ao longo das margens do rio, no entanto, os barcos eram frequentemente puxados por homens ou bois.

Algumas das conquistas tecnológicas de maior alcance dos sumérios estão relacionadas à irrigação e à agricultura. A construção de um intrincado sistema de canais, diques, barragens e reservatórios exigia muita habilidade e conhecimento de engenharia. Estudos e projetos tinham que ser preparados, o que envolvia o uso de instrumentos de nivelamento, varas de medição, desenhos e mapeamento. A agricultura também se tornou uma técnica metódica e complicada, exigindo previsão, diligência e habilidade. Não é surpreendente, portanto, descobrir que os pedagogos sumérios compilaram um "almanaque do agricultor" que consistia em uma série de instruções para orientar um agricultor ao longo de suas atividades agrícolas anuais, começando com a inundação dos campos em maio-junho e terminando com a peneiração e limpeza da safra recém-colhida em abril-maio seguinte. O texto deste documento, que consiste em 107 linhas de instruções precedidas por uma introdução de uma linha e seguidas por um colofão de três linhas, foi reunido a partir de mais de uma dúzia de tabuletas e fragmentos, dos quais um dos mais importantes é uma peça ainda não publicada escavada em Ur pelo falecido Leonard Woolley há mais de um quarto de século. Este fragmento foi agora copiado por C. J. Gadd, ex-guardião do Museu Britânico e agora professor emérito da Universidade de Londres, que generosamente o disponibilizou para a melhor restauração do texto

como um todo. A tradução do texto é bastante difícil e arriscada, em particular por causa de sua terminologia técnica, e o esforço atual (que é dado no Apêndice I) deve ser tomado como preliminar e provisório; foi preparado em colaboração com Thorkild Jacobsen e Benno Landsberger do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, e Miguel Civil, então do Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia. Uma extensa paráfrase do texto é apresentada a seguir.

Nosso manual de fazenda começa com a seguinte frase: "Antigamente, um agricultor instruía seu filho." As instruções que se seguem dizem respeito a todas as tarefas e trabalhos mais importantes que um agricultor deve realizar para garantir uma colheita bem-sucedida. Como a irrigação era essencial para o solo ressecado da Suméria, nosso antigo mentor começa aconselhando que se deve tomar cuidado para que as águas de inundação não subam muito alto sobre o campo. Quando as águas baixam, bois ferrados devem ser soltos para pisotear o solo úmido, eliminando assim as ervas daninhas e nivelando a superfície do campo, que deve então ser aplainado com machados pequenos e leves até que fique nivelado. Como os cascos dos bois deixaram sua marca no solo ainda úmido, homens com picaretas devem percorrer todo o campo e alisá-lo, e as fendas feitas pelos bois devem ser trabalhadas com um arrasto.

Enquanto o campo está secando, o agricultor é aconselhado a fazer com que sua família prepare as ferramentas essenciais; ênfase particular é colocada em chicotes, aguilhões e outros instrumentos "disciplinares" que servem para manter tanto os trabalhadores quanto os animais trabalhando arduamente e constantemente. Ele também é aconselhado a ter um boi extra para o arado, pois isso renderá bem a longo prazo — ele terá sucesso em plantar a quantidade bastante grande de três *gur* sobre um *bur* de solo.

Antes de realmente começar a lavrar o solo, o agricultor é instruído a ará-lo completamente duas vezes com dois arados de solo profundo diferentes (os arados *shukin* e *bardil*), depois gradeá-lo e rastelá-lo três vezes e, finalmente, pulverizá-lo com martelos (?). Durante a execução desses trabalhos, o agricultor é instigado a manter os trabalhadores sob vigilância constante para que eles não diminuam seus

esforços por um instante sequer. Por outro lado, ele próprio deve mostrar autodisciplina e não exigir deles a assistência habitual de sua pessoa.

A aração e a semeadura propriamente ditas podem agora começar; as duas operações são realizadas simultaneamente por meio de uma semeadora, ou seja, um arado com um acessório que carrega a semente de um recipiente através de um funil estreito até o sulco. O agricultor é instruído a arar oito sulcos em cada *garush* (uma faixa entre seis e sete metros de comprimento). Ele deve garantir que a semente seja colocada a uma profundidade uniforme de dois "dedos". Se a semente não penetrar corretamente, ele deve trocar a relha, "a língua do arado". Havia vários tipos de sulcos, de acordo com nosso antigo especialista, mas, exceto quando ele fala de sulcos retos e diagonais, o texto é bastante obscuro neste ponto. Após o plantio dos sulcos, o campo tinha que ser limpo de todos os torrões e as elevações e depressões do solo tinham que ser niveladas para que a germinação da cevada não fosse impedida de forma alguma.

"Depois que o broto rompeu a (superfície do) solo", continua o manual, o agricultor deve fazer uma prece a Ninkilim, a deusa dos ratos do campo e pragas, para que não danifiquem o grão em crescimento; ele também deve espantar os pássaros voadores. Quando a cevada tiver crescido o suficiente para encher o fundo estreito dos sulcos, é hora de regá-la; e quando ela "fica alta como (a palha de) uma esteira no meio de um barco", é hora de regá-la uma segunda vez. Ele deve regá-la uma terceira vez quando for cevada "real", ou seja, quando tiver atingido sua altura máxima. Se ele notar um avermelhamento do grão molhado, é a terrível doença *samana*, que põe em perigo as colheitas. Se a cevada estiver indo bem, no entanto, ele deve regá-la uma quarta vez e, assim, obter um rendimento extra de dez por cento.

Chegou a hora da colheita. O agricultor é avisado para não esperar até que a cevada se curve sob seu próprio peso, mas para cortá-la "no dia de sua força", isto é, no momento certo. Três homens devem trabalhar em equipe nos talos de cevada em pé: um ceifeiro, um amarrador e um homem que organiza os feixes. Segue-se então uma passagem que, se traduzida corretamente, é de importância ética e bíblica: ela exorta o agricultor a deixar no chão algumas das espigas caídas de cevada para os

“jovens” e os “respigadores” (ver Levítico 19:9-10 e Rute 2:2-3)[43], um ato de caridade pelo qual seu deus lhe mostrará favor duradouro.

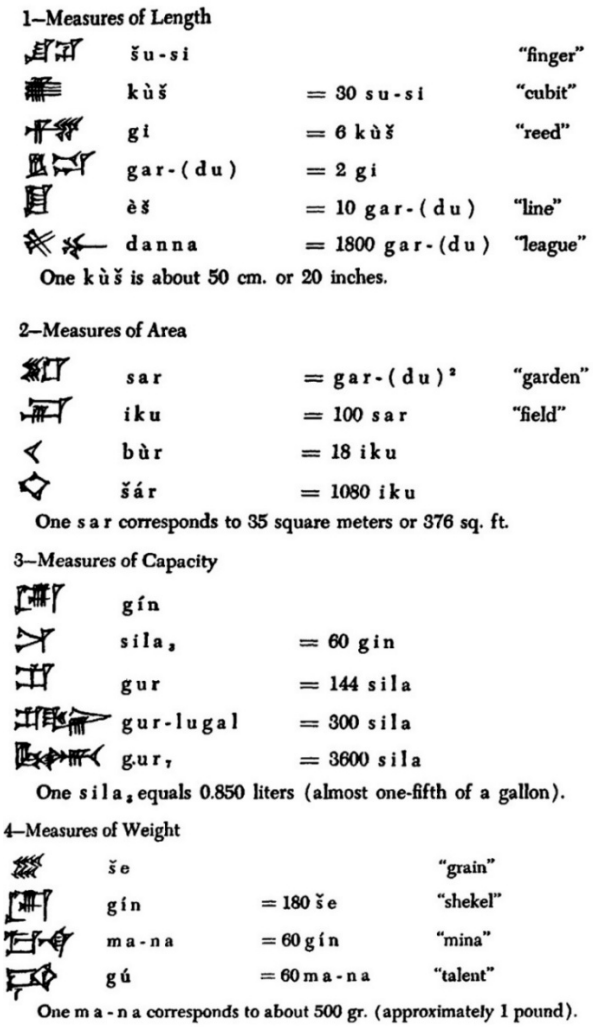


Fig. 4 — Medidas sumérias e seus equivalentes
(as traduções para o inglês são fornecidas quando conhecidas).

A debulha, que se segue imediatamente à colheita, é feita em duas etapas. Primeiro, os montes de cevada são pisoteados por carroças puxadas para frente e para trás sobre eles por cinco dias consecutivos. Então, um trenó debulhador, consistindo de vigas com dentes presos com tiras de couro e mantidos seguros por betume, é usado para "abrir a cevada". Aqui segue outro paralelo bíblico, uma exortação de que os bois devem ser alimentados até a saciedade durante a debulha, quando suas bocas estão salivando, por assim dizer, pela tentadora e fresca cevada (ver Deuteronômio 25:4)[44].

Chegou a hora da peneiração, que deve ser realizada por dois "levantadores de cevada". Daqui em diante, o texto não é totalmente claro, mas podemos concluir que o processo de peneiração consistia em levantar a mistura "suja" de cevada e palha conforme ela saía da eira com forcados ou pás, libertando assim a cevada da palha e das cascas que, de certa forma, a contaminavam. O documento termina com uma declaração de três linhas destinada a impressionar o leitor e o aluno com a alegação de que as instruções que o agricultor deu a seu filho são, na verdade, as do deus Ninurta, que, de acordo com os teólogos sumérios, era o "agricultor confiável de Enlil", a principal divindade do panteão sumério.

O autor deste documento agrícola único, apesar de suas linhas introdutórias, não era um agricultor; os agricultores provavelmente eram analfabetos e, em qualquer caso, dificilmente teriam tempo ou desejo de preparar um manual agrícola. Foi, sem dúvida, composto por um dos professores, ou *ummias*, da escola suméria, a *edubba* — seus maneirismos literários são evidentes em muitas de suas passagens. O propósito da composição era pedagógico; pretendia-se ensinar aos alunos da *edubba* — especialmente os mais avançados entre eles — tudo sobre a arte e a habilidade da agricultura bem-sucedida. Isso é provado pelo fato de que a composição foi encontrada inscrita em inúmeras duplicatas e extratos, e nem é preciso dizer que muitos outros provavelmente ainda estão enterrados nas ruínas da Suméria. Podemos concluir, portanto, que era bastante popular tanto entre professores quanto entre alunos, o que não é de se admirar, já que provavelmente

ajudava o graduado da *edubba* a conseguir um bom emprego e mantê-lo, como podemos ver em um ensaio até então praticamente desconhecido que pode ser intitulado "Colóquio entre um *ugula* e um escriba", que mostra o graduado da *edubba* no papel de um administrador bem-sucedido e articulado de uma grande propriedade.

Os cereais cultivados pelos sumérios eram cevada — com toda a probabilidade o mais importante — trigo, painço e farro[45]. Vários vegetais eram cultivados, incluindo grão-de-bico, lentilha, ervilhaca, cebola, alho, alface, nabo, agrião, alho-poró, mostarda e vários tipos de pepinos. O uso de um cinturão de árvores para proteger o jardim do sol escaldante e dos ventos dessecantes era conhecido pelos sumérios e até mesmo transformado em um tema mítico (ver o Capítulo IV). A ferramenta mais amplamente usada para jardinagem era a enxada, e havia um tipo especial de rastelo conhecido como "rastelo de jardim".

A árvore que desempenhou um papel predominante na vida econômica suméria foi a tamareira, da qual uma substância doce conhecida como *lal*, ou "mel", era extraída. A fertilização artificial da palmeira feminina era conhecida e praticada nos tempos sumérios. E desde o início do segundo milênio a.C., há listas lexicográficas sumérias contendo perto de cento e cinquenta palavras para os vários tipos de palmeiras e suas diferentes partes.

A criação de animais, assim como a agricultura, era fundamental para a economia suméria — era a fonte de transporte, comida e vestimenta. O animal comumente usado para transporte era o burro; o cavalo foi aparentemente conhecido no final do período sumério, mas nunca foi usado extensivamente. O mais útil dos animais domesticados era, sem dúvida, o boi, o único animal de tração que era mais ou menos bem aproveitado naqueles primeiros tempos. Era usado para arar, puxar carroças e trenós e carregar cargas pesadas. Touros, vacas e bezerros eram inestimáveis por sua carne e pele.

Cerca de duzentas palavras sumérias que designam os vários tipos e variedades de ovelhas chegaram até nós, embora a maioria delas ainda não possa ser identificada. Do ponto de vista econômico, as mais importantes — além das comuns — eram as ovelhas gordas, as ovelhas

de cauda gorda e as ovelhas da montanha, provavelmente o muflão[46]. Cabras e cabritos também eram abundantes, e o pelo de cabra era usado extensivamente para tecer tapetes e grandes recipientes semelhantes a caixotes. Os porcos eram usados por sua gordura e pele, bem como por sua carne — a carne de porco era vista com bons olhos pelos sumérios — e havia um pastor de porcos especial, bem como um açougueiro de porcos encarregado de abater e preparar a carne.

A criação de animais era complementada pela caça, e há textos registrando as entregas de veados, javalis e gazelas. Havia também o caçador de pássaros, que capturava pássaros com todo um arsenal de redes, e há entregas registradas de até cinquenta e quatro pássaros assados. A pesca também era uma indústria muito importante de produção de alimentos, embora em uma extensão muito maior em tempos sumérios anteriores do que posteriores, a julgar pelo fato de que mais de cinquenta tipos diferentes de peixes são mencionados em textos que datam de antes de 2300 a.C. e apenas meia dúzia ou mais depois disso. A rede era o implemento mais comumente usado para capturar peixes, embora armadilhas e linhas de pesca também sejam mencionados.

A bebida mais popular entre os sumérios era a cerveja, a bebida que alegrava os "corações" e as "vidas" de deuses e homens, sem mencionar seu valor medicinal. As técnicas de fermentação ainda são bastante obscuras, e o que se sabe foi admiravelmente tratado por Leo Oppenheim em sua monografia "Sobre cerveja e técnicas de fermentação na antiga Mesopotâmia"[47]. A preparação da cerveja estava intimamente relacionada à fabricação de bolos de cereais a partir de cevada germinada; era essa maltagem que dava um maior valor nutricional ao grão, que agora tinha um grande conteúdo de carboidratos e proteínas. Havia uma deusa especial encarregada da preparação da cerveja chamada Ninkasi, um nome que parece significar literalmente "a senhora que enche a boca". Embora ela fosse uma deusa "nascida em água fresca e cintilante", foi a cerveja seu primeiro amor; e ela é descrita em um hino de glorificação dirigido a ela por um dos devotos do culto de Inanna como a cervejeira dos deuses que "coze com a sublime pá a cevada germinada", que "mistura o malte *bappir* com aromáticos

doces", que "coze o malte *bappir* no sublime forno" e que "derrama a cerveja perfumada no vaso *lahtan* que é como o Tigre e o Eufrates unidos". É evidente então que até mesmo a cerveja tinha suas qualidades divinas e sublimes para os poetas e sábios sumérios.

CAPÍTULO IV

IV. RELIGIÃO: Teologia, Rito e Mito

No curso do terceiro milênio a.C., os sumérios desenvolveram ideias religiosas e conceitos espirituais que deixaram uma marca indelével no mundo moderno, especialmente por meio do judaísmo, cristianismo e islamismo. No nível intelectual, pensadores e sábios sumérios, como resultado de suas especulações sobre a origem e a natureza do universo e seu modus operandi, desenvolveram uma cosmologia e teologia que carregavam uma convicção tão elevada que se tornaram o credo e o dogma básicos de grande parte do antigo Oriente Próximo. No nível prático e funcional, os sacerdotes e homens santos sumérios desenvolveram um complexo colorido e variado de ritos, rituais e cerimônias que serviam para agradar e apaziguar os deuses, bem como fornecer uma válvula emocional para o amor do homem por pompa e espetáculo. No plano estético, os menestréis e bardos sumérios analfabetos, e seus herdeiros posteriores, os poetas e escribas da *edubba*, criaram o que é, sem dúvidas, a mitologia mais rica do antigo Oriente Próximo, que reduziu os deuses à dimensão humana, mas o fez com compreensão, reverência e, acima de tudo, originalidade e imaginação.

Vamos começar com cosmogonia e teologia. Cientificamente falando, os filósofos e pensadores sumérios tinham à disposição apenas as ideias mais rudimentares e superficiais sobre a natureza do universo e seu método de operação. Aos olhos dos professores e sábios sumérios, os principais componentes do universo (no sentido mais restrito da palavra) eram o céu e a terra; de fato, seu termo para universo era *an-ki*, uma palavra composta que significa “céu-terra”. A terra era um disco plano encimado por um vasto espaço oco, completamente fechado por uma superfície sólida em forma de abóbada. O que se pensava ser esse

sólido celestial ainda é incerto; a julgar pelo fato de que o termo sumério para estanho é "metal do céu", pode indicar ser feito deste metal. Entre o céu e a terra, eles reconheceram uma substância que chamaram de *lil*, uma palavra cujo significado aproximado é vento, ar, respiração, espírito; suas características mais significativas parecem ser movimento e expansão e, portanto, corresponde aproximadamente à nossa "atmosfera". O sol, a lua, os planetas e as estrelas eram considerados feitos do mesmo material que a atmosfera, mas dotados, além disso, da qualidade da luminosidade. Cercando o "céu-terra" por todos os lados, bem como em cima e abaixo, estava o mar sem limites no qual o universo de alguma forma permanecia fixo e imóvel.

A partir desses fatos básicos sobre a estrutura do universo — fatos que pareciam óbvios e indiscutíveis para os pensadores sumérios — eles desenvolveram uma cosmogonia adequada. Primeiro, eles concluíram, havia o mar primordial; as indicações são de que eles viam o mar como uma espécie de primeira causa e motor principal, e nunca se perguntaram o que precedeu o mar no tempo e no espaço. Nesse mar primordial foi de alguma forma engendrado o universo (isto é, "céu-terra"), consistindo de um céu abobadado sobreposto a uma terra plana e unido a ela. Entre eles, no entanto, surgiu a "atmosfera" em movimento e expansão que separava o céu da terra. Dessa atmosfera foram moldados os corpos luminosos, a lua, o sol, os planetas e as estrelas. Após a separação do céu e da terra e a criação dos corpos astrais emissores de luz, a vida vegetal, animal e humana passou a existir.

Operando, orientando e supervisionando este universo, o teólogo sumério assumiu, estava um panteão consistindo de um grupo de seres vivos, semelhantes ao homem em forma, mas sobre-humanos e imortais, que, embora invisíveis ao olho mortal, guiavam e controlavam o cosmos de acordo com planos bem elaborados e leis devidamente prescritas. Os grandes reinos do céu, terra, mar e ar; os principais corpos astrais, sol, lua e planetas; forças atmosféricas tais como vento, tormenta e tempestade; e finalmente, na terra, entidades naturais tais como rio, montanha e planície, entidades culturais tais como cidade e estado, dique e vala, campo e fazenda, e até mesmo implementos tais como a picareta, molde de tijolos e arado — cada um era considerado sob a

responsabilidade de um ou outro ser antropomórfico, mas sobre-humano, que guiava suas atividades de acordo com regras e regulamentos estabelecidos.

Por trás dessa suposição axiomática do teólogo sumério, havia, sem dúvida, uma inferência lógica, talvez desarticulada, já que ele dificilmente poderia ter visto qualquer um dos seres semelhantes aos humanos com seus próprios olhos. Nosso teólogo provavelmente se inspirou na sociedade humana como ele a conhecia e raciocinou do conhecido para o desconhecido. Ele observou que terras e cidades, palácios e templos, campos e fazendas — em suma, todas as instituições e empreendimentos imagináveis — são cuidados e supervisionados, guiados e controlados por seres humanos vivos; sem eles, terras e cidades se tornam desoladas, templos e palácios desmoronam, campos e fazendas se transformam em deserto e natureza selvagem. Certamente, portanto, o cosmos e todos os seus múltiplos fenômenos também devem ser cuidados e supervisionados, guiados e controlados por seres vivos em forma humana. Mas o cosmos sendo muito maior do que a soma total das habitações humanas, e sua organização sendo muito mais complexa, esses seres vivos devem obviamente ser muito mais fortes e muito mais eficazes do que os humanos comuns. Acima de tudo, eles devem ser imortais; caso contrário, o cosmos se transformaria em caos após sua morte, e o mundo chegaria ao fim, alternativas que, por razões óbvias, não se recomendavam ao metafísico sumério. Era cada um desses seres invisíveis, antropomórficos e, ao mesmo tempo, sobre-humanos e imortais que o sumério designava por sua palavra *dingir*, que traduzimos pela palavra “deus”.

Como esse panteão divino funcionava? Em primeiro lugar, parecia razoável para os sumérios supor que as divindades que constituíam o panteão não eram todas da mesma importância ou de igual posição. O deus encarregado da picareta ou do molde de tijolos dificilmente poderia ser comparado à divindade encarregada do sol. Nem se poderia esperar que a divindade encarregada de diques e valas fosse igual em hierarquia à divindade encarregada da Terra como um todo. Então, também, em analogia com a organização política do estado humano, era natural supor que à frente do panteão havia uma divindade reconhecida por todos os

outros como seu rei e governante. O panteão sumério foi, portanto, concebido como funcionando como uma assembleia com um rei à sua frente; os grupos mais importantes nesta assembleia consistiam em sete deuses que "decretam os destinos" e cinquenta divindades conhecidas como "os grandes deuses". Mas uma divisão mais significativa estabelecida pelos teólogos sumérios dentro de seu panteão é aquela entre divindades criativas e não criativas, uma noção obtida como resultado de suas visões cosmológicas. De acordo com essas visões, os componentes básicos do cosmos são céu e terra, mar e atmosfera; todos os outros fenômenos cósmicos existem apenas dentro de um ou outro desses reinos. Portanto, parecia razoável inferir que as divindades no controle do céu, terra, mar e ar eram os deuses criativos e que uma ou outra dessas quatro divindades criava todas as outras entidades cósmicas de acordo com os planos originados por elas.

Quanto à técnica de criação atribuída a essas divindades, nossos filósofos sumérios desenvolveram uma doutrina que se tornou dogma em todo o Oriente Próximo, a doutrina do poder criativo da palavra divina. Tudo o que a divindade criadora tinha que fazer, de acordo com essa doutrina, era estabelecer seus planos, proferir a palavra e pronunciar o nome. Essa noção do poder criativo da palavra divina provavelmente também era o resultado de uma inferência analógica baseada na observação da sociedade humana: se um rei humano podia alcançar quase tudo o que queria por comando, por não mais do que o que pareciam ser as palavras de sua boca, quanto mais era possível para as divindades imortais e sobre-humanas encarregadas dos quatro reinos do universo. Mas talvez essa solução "fácil" dos problemas cosmológicos, nos quais o pensamento e a palavra sozinhos são tão importantes, seja em grande parte um reflexo do impulso de escapar para a realização esperançosa de desejos, característica de praticamente todos os humanos em tempos de estresse e infortúnio.

Similarmente, os teólogos sumérios aduziram o que era para eles uma inferência metafísica satisfatória para explicar o que mantinha as entidades cósmicas e os fenômenos culturais, uma vez criados, operando contínua e harmoniosamente sem conflito e confusão; esse era o conceito designado pela palavra suméria *me*, cujo significado exato

ainda é incerto. Em geral, parece denotar um conjunto de regras e regulamentos atribuídos a cada entidade cósmica e fenômeno cultural com o propósito de mantê-lo operando para sempre de acordo com os planos estabelecidos pela divindade que o criou. Em suma, outra resposta superficial, mas evidentemente totalmente eficaz, a um problema cosmológico insolúvel que apenas escondia as dificuldades fundamentais da vista com a ajuda de uma camada de palavras em grande parte sem sentido.

Nossa principal fonte de informação sobre os *mes* é o mito "Inanna e Enki: A Transferência das Artes da Civilização de Eridu para Erech" (ver mais adiante neste Capítulo). O autor do poema dividiu a civilização como ele a conhecia em mais de cem elementos, cada um dos quais exigia um *me* para originá-lo e mantê-lo funcionando. Ele lista os cem e tantos *mes* quatro vezes no mito; mas, apesar dessas repetições, apenas cerca de sessenta e tantos são atualmente inteligíveis, e alguns deles são apenas palavras nuas que, por falta de contexto, dão apenas uma dica de seu real significado. No entanto, resta o suficiente para mostrar o caráter e a importância dessa primeira tentativa registrada de análise cultural, resultando em uma lista considerável do que agora é geralmente denominado traços e complexos culturais; como será visto, esses itens consistem em várias instituições, ofícios sacerdotais, parafernália ritualística, atitudes mentais e emocionais, bem como diversas crenças e dogmas.

Aqui estão as partes mais inteligíveis da lista na ordem exata dada pelo antigo escritor sumério:

(1) *en*-dade, (2) divindade, (3) a coroa exaltada e duradoura, (4) o trono da realeza, (5) o cetro exaltado, (6) a insígnia real, (7) o santuário exaltado, (8) pastoreio, (9) realeza, (10) senhoria duradoura, (11) (o ofício sacerdotal) "senhora divina", (12) (o ofício sacerdotal) *ishib*, (13) (o ofício sacerdotal) *lumah*, (14) (o ofício sacerdotal) *guda*, (15) verdade, (16) descida ao mundo inferior, (17) ascensão do mundo inferior, (18) (o eunuco) *kurgarra*, (19) (o eunuco) *girbadara*, (20) (o eunuco) *sagursag*, (21) o estandarte (de batalha), (22) o dilúvio, (23) armas (?), (24) relação sexual, (25) prostituição, (26) lei (?), (27) difamação (?), (28) arte, (29) a câmara de culto, (30) "hierodula do céu",

(31) (o instrumento musical) *gusilim*, (32) música, (33) presbítero, (34) heroísmo, (35) poder, (36) inimizade, (37) franqueza, (38) a destruição de cidades, (39) lamentação, (40) alegria do coração, (41) falsidade, (42) arte de trabalhar metais, (47) escriba, (48) ofício do ferreiro, (49) ofício do artesão de couro, (50) ofício do construtor, (51) ofício do tecelão de cestas, (52) sabedoria, (53) atenção, (54) purificação sagrada, (55) medo, (56) terror, (57) conflito, (58) paz, (59) cansaço, (60) vitória, (61) conselho, (62) o coração atribulado, (63) julgamento, (64) decisão, (65) (o instrumento musical) *lilis*, (66) (o instrumento musical) *ub*, (67) (o instrumento musical) *mesi*, (68) (o instrumento musical) *ala*.

Os deuses sumérios, como exemplificados pelos mitos sumérios, eram inteiramente antropomórficos; mesmo os mais poderosos e mais sábios entre eles eram concebidos como humanos em forma, pensamento e ação. Como o homem, eles planejam e agem, comem e bebem, casam e criam famílias, sustentam grandes lares e são viciados em paixões e fraquezas humanas. Em geral, eles preferem a verdade e a justiça à falsidade e opressão, mas seus motivos não são de forma alguma claros, e o homem muitas vezes fica perdido para entendê-los. Acreditava-se que eles viviam na "montanha do céu e da terra, o lugar onde o sol nasce", pelo menos, presumivelmente, quando sua presença não era necessária nas entidades cósmicas particulares sobre as quais tinham responsabilidade. Como eles viajavam não é de forma alguma certo a partir dos dados disponíveis, embora saibamos que o deus-lua viajava em um barco, o deus-sol em uma carruagem ou, de acordo com outra versão, a pé, e o deus-tempestade sobre as nuvens. Barcos eram usados com frequência. Mas os pensadores sumérios parecem não ter se incomodado muito com tais problemas práticos e realistas; e assim não somos informados sobre a maneira pela qual os deuses deveriam chegar a seus vários templos e santuários na Suméria e de que maneira eles realmente realizavam tais atividades humanas como comer e beber. Os sacerdotes presumivelmente viam apenas suas estátuas, que eles sem dúvida cuidavam e manuseavam com grande cuidado. Mas como os objetos de pedra, madeira e metal deveriam ser concebidos como tendo osso, músculo e o sopro da vida — esse tipo de questão — nunca ocorreu a eles. Nem os pensadores sumérios parecem ter sido

incomodados pela contradição inerente entre imortalidade e antropomorfismo. Embora se acreditasse que os deuses eram imortais, eles, no entanto, tinham que ter seu sustento; eles podiam ficar doentes a ponto de morrer; eles lutavam, feriam e matavam, e presumivelmente podiam ser feridos e mortos. Sem dúvida, nossos sábios sumérios desenvolveram inúmeras noções teológicas em uma tentativa inútil de resolver as inconsistências e contradições inerentes a um sistema politeísta de religião. Mas a julgar pelo material disponível, eles provavelmente nunca as escreveram de forma sistemática e, portanto, nunca aprenderemos muito sobre elas. De qualquer forma, é pouco provável que eles tenham resolvido muitas das inconsistências. O que os salvou da frustração espiritual e intelectual foi, sem dúvida, o fato de que muitas questões que, de acordo com nossa maneira de pensar, deveriam tê-los incomodado, nunca lhes vieram à mente.

Em meados do terceiro milênio a.C., no mais tardar, descobrimos que centenas de divindades, pelo menos com nome, existiam entre os sumérios. Sabemos os nomes de muitas delas, não apenas por listas compiladas nas escolas, mas também por listas de sacrifícios em tabuletas que foram desenterradas ao longo do século passado e por nomes próprios como “X é um pastor”, “X tem um grande coração”, “quem é como X”, “o servo de X”, “o homem de X”, “o amado X”, “X me deu”, e assim por diante, no qual X representa o nome de uma divindade. Muitas dessas divindades são secundárias, ou seja, são as esposas, filhos e servos pensados com base no padrão humano para as principais divindades. Outras são talvez nomes e epítetos de divindades bem conhecidas que não podemos identificar até o momento. No entanto, um número bastante grande de divindades era realmente venerado ao longo do ano com sacrifícios, adoração e oração. De todas essas centenas de divindades, as quatro mais importantes eram o deus-céu, An; o deus-ar, Enlil; o deus-água, Enki; e a grande deusa-mãe, Ninhursag. Eles geralmente encabeçam as listas de deuses e são frequentemente listados como realizando atos significativos juntos como um grupo; em reuniões divinas e banquetes, eles ocupavam os assentos de honra.

Há boas razões para acreditar que An, o deus-céu, foi concebido pelos sumérios como o governante supremo do panteão, embora em nossas fontes disponíveis que chegam a cerca de 2500 a.C. seja o deus do ar, Enlil, que parece ter tomado seu lugar como líder do panteão. A cidade-estado na qual An tinha sua principal sede de adoração era chamada Erech, uma cidade que desempenhou um papel político proeminente na história da Suméria e onde, não muito antes da Segunda Guerra Mundial, uma expedição alemã descobriu centenas de pequenas tabuletas de argila inscritas com sinais semipictográficos que datam de cerca de 3000 a.C., não muito depois que a escrita foi inventada. An continuou a ser adorado na Suméria ao longo dos milênios, mas gradualmente perdeu muito de sua proeminência. Ele se tornou uma figura um tanto obscura no panteão, e raramente é mencionado nos hinos e mitos dos tempos posteriores; naquela época, a maior parte de seus poderes já havia sido conferida ao deus Enlil.

De longe, a divindade mais importante no panteão sumério, alguém que desempenhou um papel dominante em toda a Suméria em ritos, mitos e orações, foi o deus-ar, Enlil. Os eventos que levaram à sua aceitação geral como uma divindade principal do panteão sumério são desconhecidos; mas desde os primeiros registros inteligíveis, Enlil é conhecido como “o pai dos deuses”, “o rei do céu e da terra”, “o rei de todas as terras”. Reis e governantes se gabam de que foi Enlil quem lhes deu a realeza da terra, que tornou a terra próspera para eles, que lhes deu todas as terras para conquistar com sua força. É Enlil quem pronuncia o nome do rei e lhe dá seu cetro e olha para ele com um olhar favorável.

De mitos e hinos posteriores, aprendemos que Enlil foi concebido para ser uma divindade muito benéfica, responsável pelo planejamento e criação das características mais produtivas do cosmos. Ele era o deus que fazia o dia nascer, que teve pena dos humanos, que estabeleceu os planos que trouxeram todas as sementes, plantas e árvores da terra; foi ele quem estabeleceu a fartura, a abundância e a prosperidade na terra. Foi Enlil quem moldou a picareta e o arado como protótipos dos implementos agrícolas a serem usados pelo homem. Enfatizo as características benéficas do caráter de Enlil para corrigir um equívoco que encontrou seu caminho em praticamente todos os manuais e

enciclopédias que tratam da religião e cultura sumérias, a crença de que Enlil era uma divindade violenta e destrutiva da tempestade, cuja palavra e ação praticamente sempre trazia nada além do mal. Como não é raro acontecer, esse mal-entendido se deve em grande parte a um acidente arqueológico; pois aconteceu que entre as primeiras composições sumérias publicadas, havia uma proporção excepcionalmente grande de tipos de lamentação nos quais, por necessidade, Enlil tinha o infeliz dever de executar a destruição e os infortúnios decretados pelos deuses por uma ou outra razão. Como resultado, ele foi estigmatizado como uma divindade feroz e destrutiva por estudiosos anteriores, e ele nunca superou isso. Na verdade, quando analisamos os hinos e mitos — alguns dos quais foram publicados apenas em tempos mais recentes — encontramos Enlil glorificado como uma divindade muito amigável e paternal que zela pela segurança e bem-estar de todos os humanos e, particularmente, é claro, pelos habitantes da Suméria.

A profunda veneração dos sumérios pelo deus Enlil e seu templo, o Ekur em Nippur, pode ser sentida em um hino (cujo texto só recentemente ficou disponível) que diz em parte o seguinte:

> Enlil, cujo comando é de longo alcance, cuja palavra é sagrada,
> O senhor cujo pronunciamento é imutável, que sempre decreta os destinos,
> Cujo olho erguido examina as terras,
> Cujo raio erguido procura o coração de todas as terras,
> Enlil que se senta amplamente no trono branco, no trono elevado,
> Que aperfeiçoa os decretos de poder, de soberania e realeza,
> Os deuses da terra se curvam de medo diante dele,
> Os deuses do céu se humilham diante dele . . . . .
>
> A cidade (Nippur), sua aparência é assustadora e impressionante,
> O injusto e maligno opressor,
> O . . . , o informante,
> O arrogante, o violador de acordos,
> Ele não tolera a maldade deles na cidade,
> A grande rede . . . . ,
> Ele não deixa o perverso e o malfeitor escaparem de suas malhas.
>
> Nippur — o santuário onde habita o pai, a “grande montanha”,
> O trono da abundância, o Ekur que se ergue . . . ,
> A montanha elevada, o lugar imaculado . . . ,
> Seu príncipe, a “grande montanha”. Pai Enlil,
> Estabeleceu seu assento no trono do Ekur, santuário sublime;

O templo — seus decretos como o céu não podem ser derrubados,
Seus ritos puros como a terra não podem ser quebrados,
Seus decretos são como os decretos do abismo, ninguém pode olhar para eles,
Seu "coração" é como um santuário distante, desconhecido como o zênite do céu . . . . ,
Suas palavras são orações,
Suas declarações são súplicas . . . . ,
Seu ritual é precioso,
Seus banquetes fluem com gordura e leite, são ricos em abundância,
Seus armazéns trazem felicidade e regozijo, ... ,
A casa de Enlil, é uma montanha de fartura . . . . ;
O Ekur, a casa de lápis-lazúli, a elevada morada, inspiradora de temor,
Sua admiração e temor estão próximos ao céu,
Sua sombra está espalhada por todas as terras,
Sua grandeza alcança o coração do céu,
Todos os senhores e príncipes conduzem para lá seus presentes sagrados, oferendas,
Lá proferem oração, súplica e petição.

Enlil, o pastor que olha por você (favoravelmente),
A quem você chamou e fez elevado na terra, ... ,
Que prostra as terras estrangeiras onde quer que ele avance,
Libações consoladoras de todos os lugares,
Sacrifícios de espólios carregados,
Trazidos; no armazém,
Nos pátios elevados, ele dirigiu suas oferendas;
Enlil, do digno pastor, ... ,
Do pastor líder de todos os que têm fôlego (o rei),
Trazendo à existência seu principado,
Colocou a coroa sagrada em sua cabeça . . . . .

Céu — ele é seu príncipe; terra — ele é sua fortaleza,
Os Anunnaki — ele é seu deus exaltado;
Quando, em sua grandiosidade, ele decreta os destinos,
Nenhum deus ousa olhar para ele.
Somente para seu exaltado vizir, o camareiro Nusku,
O comando, a palavra de seu coração,
Ele deu a conhecer, ele informou,
Ele encarregou a execução de suas ordens abrangentes,
Ele confiou todas as leis sagradas, todos os decretos sagrados.

Sem Enlil, a grande montanha,
Nenhuma cidade seria construída, nenhum assentamento fundado,
Nenhum estábulo seria construído, nenhum curral estabelecido,
Nenhum rei seria criado, nenhum sumo sacerdote nasceria,
Nenhum sacerdote *mah*, nenhuma alta sacerdotisa, seria escolhida pelo presságio das ovelhas,
Os trabalhadores não teriam controlador nem supervisor . . .
Os rios — suas águas de inundação não trariam transbordamento,
O peixe do mar não botaria ovos no canavial,

Os pássaros do céu não construiriam ninhos na vasta terra,
No céu, as nuvens flutuantes não produziriam sua umidade,
Plantas e ervas, a glória da planície, deixariam de crescer,
No campo e no prado, o rico grão deixaria de florescer,
As árvores plantadas na floresta da montanha não produziriam seus frutos . . . . .

A terceira das principais divindades sumérias era Enki, o deus encarregado do abismo, ou, em sumério, o *abzu*. Enki era o deus da sabedoria, e era principalmente ele quem organizava a terra de acordo com as decisões de Enlil, que apenas fazia os planos gerais. Os detalhes e as execuções eram deixados para Enki, o engenhoso, habilidoso, prático e sábio. Aprendemos muito sobre Enki no mito "Enki e a Ordem Mundial; A Organização da Terra e Seus Processos Culturais" (ver mais adiante neste Capítulo), que fornece um relato detalhado das atividades criativas de Enki na instituição dos fenômenos naturais e culturais essenciais à civilização. Este mito serve como um exemplo vívido das noções superficiais dos sumérios sobre a natureza e seus mistérios. Em nenhum lugar há uma tentativa de chegar às origens fundamentais dos processos naturais ou culturais; todos são atribuídos aos esforços criativos de Enki, geralmente apenas afirmando o que equivale a "Enki fez isso". Quando a técnica criativa é mencionada, ela consiste na palavra e no comando de Deus, nada mais.

A quarta entre as divindades criadoras era a deusa-mãe, Ninhursag, também conhecida como Ninmah, "a senhora exaltada". Em tempos anteriores, essa deusa provavelmente era de uma posição ainda mais elevada, e seu nome frequentemente precedia o de Enki quando os quatro deuses eram listados juntos por ou outra uma razão. Seu nome pode ter sido originalmente Ki, "(mãe) Terra", e ela provavelmente foi considerada a consorte de An, "Céu" — An e Ki, portanto, podem ter sido concebidos como os pais de todos os deuses. Ela também era conhecida como Nintu, "a senhora que deu à luz". Os primeiros governantes sumérios gostavam de se descrever como "constantemente nutridos por Ninhursag com leite". Ela era considerada a mãe de todos os seres vivos, a deusa-mãe proeminente. Em um de seus mitos, ela desempenha um papel importante na criação do homem, e em outro ela

inicia uma cadeia de nascimentos divinos em Dilmun, o paraíso dos deuses, que leva ao motivo do "fruto proibido".

Além dessas quatro divindades principais, havia três divindades astrais importantes: o deus-lua, Nanna, que também é conhecido pelo nome de Sin, que provavelmente é de origem semítica; o filho de Nanna, o deus-sol, Utu; e a filha de Nanna, a deusa Inanna, conhecida pelos semitas como Ishtar. Pode ser que seja esse grupo de sete divindades, An, Enlil, Enki, Ninhursag, Nanna-Sin, Utu e Inanna que seja referido como as sete divindades que "decretam os destinos". Os cinquenta "grandes deuses" nunca são nomeados, mas parecem ser idênticos aos Anunnaki, os filhos de An, pelo menos com aqueles que não estão confinados ao mundo inferior. Sem dúvida, alguns dos numerosos deuses mencionados ao longo deste livro pertencem aos Anunnaki, ou pelo menos aos cinquenta "grandes deuses". Havia também um grupo de deuses designados como Igigi, embora eles pareçam desempenhar um papel relativamente menor, a julgar pelo fato de que raramente são mencionados nas obras literárias existentes.

Passando de deus para o homem, descobrimos que os pensadores sumérios, de acordo com sua visão de mundo, não tinham nenhuma confiança exagerada no homem e seu destino. Eles estavam firmemente convencidos de que o homem foi moldado de barro e criado para um único propósito: servir aos deuses, fornecendo-lhes comida, bebida e abrigo para que pudessem ter tempo livre para suas atividades divinas. A vida do homem era cercada de incertezas e assombrada pela insegurança, pois ele não sabia de antemão o destino decretado a ele pelos deuses imprevisíveis. Quando ele morria, seu espírito emasculado descia para o escuro e sombrio mundo inferior, onde a vida era apenas um reflexo sombrio e miserável de sua contraparte terrena.

Um problema moral fundamental, um grande favorito dos filósofos ocidentais, nunca incomodou os pensadores sumérios, a saber, o delicado e um tanto escorregadio problema do livre-arbítrio. Convencidos além de toda a necessidade de argumento de que o homem foi criado pelos deuses somente para seu benefício e prazer, os sumérios aceitaram seu status de dependência assim como aceitaram a decisão divina de que a morte era o destino do homem e que somente os deuses

eram imortais. Todo o crédito pelas altas qualidades morais e virtudes éticas que os sumérios desenvolveram gradual e dolorosamente ao longo dos séculos a partir de suas experiências sociais e culturais foi atribuído aos deuses; foram os deuses que planejaram dessa forma, e o homem estava apenas seguindo ordens divinas.

Os sumérios, de acordo com seus próprios registros, estimavam a bondade e a verdade, a lei e a ordem, a justiça e a liberdade, a retidão e a franqueza, a misericórdia e a compaixão, e naturalmente abominavam seus opostos, a mal e a falsidade, a ilegalidade e a desordem, a injustiça e a opressão, o pecado e a perversidade, a crueldade e a impiedade. Reis e governantes, em particular, gabam-se constantemente do fato de terem estabelecido a lei e a ordem na terra, protegido os fracos dos fortes e os pobres dos ricos, e eliminado o mal e a violência. Urukagina, por exemplo, registra orgulhosamente que restaurou a justiça e a liberdade aos cidadãos sofredores de Lagash, acabou com os oficiais onipresentes e opressores, pôs fim à injustiça e à exploração, e protegeu a viúva e o órfão. Menos de quatro séculos depois, Ur-Nammu, o fundador da Terceira Dinastia de Ur, promulgou seu código de leis, que lista em seu prólogo algumas de suas realizações éticas: ele acabou com uma série de abusos burocráticos prevalentes, regulamentou pesos e medidas para garantir a honestidade no mercado e cuidou para que a viúva, o órfão e os pobres fossem protegidos de maus-tratos e abusos. Cerca de dois séculos depois, Lipit-Ishtar de Isin promulgou um novo código de leis no qual ele se gaba de ter sido especialmente selecionado pelos grandes deuses An e Enlil para "o principado da Terra" a fim de estabelecer a justiça na Terra, banir reclamações, repelir a inimizade e a rebelião pela força das armas e trazer bem-estar aos sumérios e acadianos. Os hinos de vários governantes sumérios abundam em reivindicações semelhantes de alta conduta ética e moral.

Os deuses, é claro, também preferiam o ético e moral ao antiético e imoral, de acordo com os sábios sumérios, e praticamente todas as principais divindades do panteão sumério são exaltadas em seus hinos como amantes do bem e do justo, da verdade e da retidão. De fato, havia várias divindades que tinham a supervisão da ordem moral como sua principal função: por exemplo, o deus-sol, Utu. Outra divindade, a deusa

lagashita chamada Nanshe, também desempenhou um papel significativo na esfera da conduta ética e moral do homem. Ela é descrita em um de seus hinos como a deusa

> Que conhece o órfão, que conhece a viúva,
> Conhece a opressão do homem sobre o homem, é a mãe do órfão,
> Nanshe, que cuida da viúva,
> Que busca (?) justiça (?) para os mais pobres (?).
> A rainha traz o refugiado para seu colo,
> Encontra abrigo para os fracos.

Em outra passagem deste hino, ela é retratada julgando a humanidade no dia de Ano Novo; ao seu lado estão Nidaba, a deusa da escrita e da contabilidade, e seu marido, Haia, bem como inúmeras testemunhas. Os tipos humanos malignos que sofrem seu desagrado são

> (Pessoas) que andando em transgressão estenderam a mão erguida, ... ,
> Que transgride as normas estabelecidas, viola contratos,
> Que olhou com favor para os lugares do mal, ... ,
> Que substituiu um peso pequeno por um peso grande,
> Que substituiu uma medida pequena por uma medida grande,
> Que tendo comido (algo que não lhe pertence) não disse “eu comi”,
> Que tendo bebido, não disse “eu bebi”, ... ,
> Que disse “Eu comeria o que é proibido”,
> Que disse “Eu beberia o que é proibido”.

A consciência social de Nanshe é revelada ainda mais em linhas que dizem:

> Para confortar o órfão, para fazer desaparecer a viúva,
> Para estabelecer um lugar de destruição para os poderosos,
> Para entregar os poderosos aos fracos . . . . ,
> Nanshe sonda o coração das pessoas.

Infelizmente, embora as principais divindades fossem consideradas éticas e morais em sua conduta, o fato era que, de acordo com a visão de mundo dos sumérios, elas também eram as que, no processo de estabelecer a civilização, planejaram o mal e a falsidade, a violência e a opressão — em suma, todos os modos imorais e antiéticos de conduta humana. Assim, por exemplo, entre a lista de *mes*, as regras e

regulamentos concebidos pelos deuses para fazer o cosmos funcionar de forma suave e eficaz, não há apenas aqueles que regulam a “verdade”, a “paz”, a “bondade” e a “justiça”, mas também aqueles que governam a “falsidade”, a “disputa”, a “lamentação” e o “medo”. Por que, então, alguém poderia perguntar, os deuses acharam necessário planejar e criar o pecado e o mal, o sofrimento e o infortúnio, que eram tão difundidos, que um pessimista sumério poderia dizer: “Nunca uma criança sem pecado nasceu de sua mãe”? A julgar pelo nosso material disponível, os sábios sumérios, se é que fizeram a pergunta, estavam preparados para admitir sua ignorância a esse respeito; a vontade dos deuses e seus motivos eram às vezes inescrutáveis. O curso apropriado para um Jó sumério seguir não era argumentar e reclamar diante de um infortúnio aparentemente injustificável, mas implorar e chorar, lamentar e confessar seus pecados e falhas inevitáveis.

Mas os deuses darão ouvidos a ele, um mortal solitário e não muito eficiente, mesmo que ele se prostre e se humilhe em oração sincera? Provavelmente não, teriam respondido os professores sumérios. Como eles viam, os deuses eram como governantes mortais e sem dúvida tinham coisas mais importantes a tratar; e assim, como no caso dos reis, o homem deve ter um intermediário para interceder em seu favor, alguém a quem os deuses estariam dispostos a ouvir e favorecer. Como resultado, os pensadores sumérios inventaram e desenvolveram a noção de um deus pessoal, uma espécie de anjo bom para cada indivíduo e chefe de família em particular, seu pai divino que o gerou, por assim dizer. Era a ele, à sua divindade pessoal, que o sofredor individual desnudava seu coração em oração e súplica, e era por meio dele que ele encontrava sua salvação.

Aprendemos tudo isso com um ensaio poético recentemente reunido que trata do sofrimento e da submissão, um tema que se tornou famoso na literatura mundial e no pensamento religioso pelo Livro Bíblico de Jó. O poema sumério não se compara de forma alguma com o último em amplitude de escopo, profundidade de compreensão ou beleza de expressão. Seu maior significado reside no fato de que ele representa a primeira tentativa registrada do homem de lidar com o antigo, e ainda

assim muito moderno, problema do sofrimento humano — mais de mil anos antes da composição do Livro de Jó.

A tese principal do nosso poeta é que em casos de sofrimento e adversidade, não importa quão aparentemente injustificados, a vítima tem apenas um recurso válido e eficaz, que é glorificar continuamente seu deus e continuar chorando e lamentando diante dele até que ele dê ouvidos favoráveis às suas orações. O deus em questão é o deus "pessoal" do sofredor, isto é, a divindade que, de acordo com o credo sumério aceito, atua como representante e intercessor do homem na assembleia dos deuses. Para provar seu ponto de vista, nosso autor não recorre à especulação filosófica, mas a uma aplicação prática; ele cita um caso: Aqui está um homem, na verdade sem nome, que tinha sido rico, sábio e justo, ou pelo menos aparentemente, e abençoado com amigos e parentes. Um dia, a doença e o sofrimento o dominaram. Ele desafiou a ordem divina e blasfemou? De forma alguma. Ele veio humildemente diante de seu deus com lágrimas e lamentação e derramou seu coração em oração e súplica. Como resultado, seu deus ficou muito satisfeito e movido pela compaixão; ele atendeu à sua prece, livrou-o de seu infortúnio e transformou seu sofrimento em alegria.

Estruturalmente falando, o poema pode ser dividido provisoriamente em quatro seções. Primeiro vem uma breve exortação introdutória, cujas primeiras cinco linhas dizem:

> Que o homem expresse constantemente a exaltação de seu deus,
> Que o jovem louve sem arte as palavras de seu deus,
> Que aquele que vive na terra íntegra faça queixa,
> Na casa da canção (?) que ele conforte (?) seu amigo e companheiro,
> Que ele acalme seu coração.

O poeta então apresenta o indivíduo sem nome que, ao ser atingido por doença e infortúnio, se dirige ao seu deus com lágrimas e orações. A petição do sofredor segue, constituindo a parte principal do poema. Começa com uma descrição dos maus-tratos infligidos a ele por seus semelhantes — amigos e inimigos; continua com um lamento contra seu amargo destino, incluindo um pedido retórico a seus parentes e aos

cantores profissionais para fazerem o mesmo; e conclui com uma confissão de culpa e um apelo direto por alívio e libertação.

Eu sou um homem perspicaz, mas quem me respeita não prospera,
Minha palavra justa foi transformada em mentira,
O homem fraudulento me cobriu com o Vento Sul, sou forçado a servi-lo,
Quem não me respeita me envergonhou diante de você.

Você me distribuiu sofrimento novamente,
Entrei em casa, pesado é o espírito,
Eu, o homem, saí para as ruas, oprimido está o coração,
Comigo, o valoroso, meu pastor justo ficou zangado, olhou para mim com hostilidade,
Meu pastor procurou forças malignas contra mim que não são seus inimigos,
Meu companheiro não me diz uma palavra verdadeira,
Meu amigo desmente minha palavra justa,
O homem fraudulento conspirou contra mim,
E você, meu deus, não o contrarie.
(Três linhas omitidas)

Eu, o sábio, por que estou preso aos jovens ignorantes?
Eu, o perspicaz, por que sou incluído entre os ignorantes?
A comida está por toda parte, mas minha comida é a fome,
No dia em que as cotas foram distribuídas a todos, a cota distribuída a mim foi o sofrimento.
(Dez linhas omitidas)

Meu deus, [eu ficaria] diante de você,
Falaria com você . . . . , minha palavra é um gemido,
Eu lhe contaria sobre isso, lamentaria a amargura do meu caminho,
[Lamentaria] a confusão . . . . .
(Três linhas omitidas)

Veja, não deixe minha mãe que me deu à luz cessar meu lamento diante de você,
Não deixe minha irmã proferir a canção e o canto felizes,
Deixe-a proferir em lágrimas meus infortúnios diante de você,
Deixe minha esposa expressar tristemente meu sofrimento,
Deixe o hábil cantor lamentar meu destino amargo.

Meu deus, o dia brilha forte sobre a terra, para mim o dia é negro,
O dia brilhante, o bom dia tem . . como o . . . ,
Lágrimas, lamento, angústia e depressão estão alojados dentro de mim,
O sofrimento me oprime como alguém escolhido para nada além de lágrimas,
O destino maligno me segura em suas mãos, tira meu sopro de vida,
A doença maligna banha meu corpo.
(Cerca de 22 linhas omitidas)

Meu deus, você que é meu pai que me gerou, levante meu rosto,
Como uma vaca inocente, com pena . . . o gemido,
Por quanto tempo você me negligenciará, me deixará desprotegido?
Como um boi . . . . ,
Me deixará sem orientação?

Eles dizem — sábios valorosos — uma palavra justa e direta:
"Nunca uma criança sem pecado nasceu de sua mãe,
. . . . um jovem sem pecado não existiu desde os tempos antigos."
(14 linhas omitidas)

Nada mais precisa ser dito sobre as orações e súplicas do homem; o "final feliz" segue:

[Homem] — seu [deus] ouviu [suas lágrimas amargas e choro],
[Jovem] — sua lamentação e pranto acalmaram o coração de seu deus,
As palavras justas, as palavras puras proferidas por ele, seu deus aceitou,
As palavras que o jovem confessou em oração,
Agradou (?) o . . . , a carne (?) de seu deus, (e) seu deus retirou sua mão da palavra maligna, . . que oprime o coração . . . . , ele abraça,
O envolvente demônio da doença, que havia aberto suas asas, ele varreu,
A [doença] que o atingiu como uma . . . . ele dissipou,
O destino maligno que havia sido decretado para ele de acordo com sua sentença, ele afastou,
Ele transformou o sofrimento do homem (?) em alegria.
Determinou para ele o . . espírito . . gentil como um vigia e guardião,
Deu a ele . . o gênio de semblante amigável,
(E assim) [o homem] expressa constantemente a exaltação de seu deus,
[O jovem] traz à tona . . . . , torna conhecido . . . . .

Mas anjo da guarda ou não, o fato é que o homem morria mais cedo ou mais tarde, e até onde os pensadores sumérios realistas e de olhos duros podiam ver, ele ia para o mundo abaixo para nunca mais retornar. Desnecessário dizer que isso era uma fonte de ansiedade e perplexidade; o problema da morte e do mundo inferior era cercado de enigmas, paradoxos e dilemas, e não é de se admirar que as ideias sumérias pertinentes a eles não fossem nem precisas nem consistentes, como será visto na análise a seguir do material relevante.

Do ponto de vista do comportamento cultural sumério, os túmulos reais de múltiplos sepultamentos escavados em Ur com tanto cuidado e habilidade pelo falecido Sir Leonard Woolley foram de importância

histórica; eles indicam com razoável certeza que os primeiros governantes da Suméria eram habitualmente acompanhados ao túmulo não apenas por alguns de seus bens pessoais mais preciosos, mas também por uma considerável comitiva humana. Desnecessário dizer que, imediatamente após essa descoberta um tanto surpreendente, os cuneiformistas — e particularmente os sumerologistas — começaram a pesquisar os documentos em busca de verificação de inscrição de um tipo ou de outro, mas sem sucesso. Além disso, nas últimas duas décadas, um grande número de mitos sumérios, contos épicos, hinos, lamentações e documentos historiográficos tornaram-se disponíveis, e parecia racional esperar que um ou outro deles pudesse lançar luz sobre os costumes funerários sumérios relacionados aos túmulos reais. Mas essa esperança também não se materializou de forma significativa, o que não é muito surpreendente tendo em vista o fato de que os túmulos reais datam de aproximadamente 2500 a.C., enquanto a maioria dos nossos documentos literários disponíveis provavelmente foram compostos pela primeira vez por volta de 2000 a.C.

Até hoje, o único documento literário sumério que parece confirmar a evidência arqueológica de que os antigos governantes eram acompanhados até seus túmulos por uma comitiva humana é uma pequena tabuleta no Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia inscrita com as últimas 42 linhas de um conto épico de Gilgamesh, provavelmente aquele provisoriamente intitulado “A Morte de Gilgamesh”, do qual apenas restos fragmentários estão disponíveis no momento. Este texto afirma em fraseologia poética que Gilgamesh apresentou presentes e oferendas às várias divindades do mundo inferior e aos mortos importantes que ali habitavam, para todos os que “deitavam com ele” em seu “palácio purificado” em Erech: sua esposa, filho, concubina, músico, artista, camareiro chefe e servos domésticos. É racional supor que o poeta retratou esses presentes como apresentados por Gilgamesh depois que ele e sua comitiva morreram e desceram para o mundo inferior. Se essa interpretação estiver correta, teremos corroboração literária para o tipo de túmulo real, com múltiplos sepultamentos, descoberto por Woolley, especialmente porque, como sabemos agora pela composição de Tummal (ver o Capítulo II),

Gilgamesh foi contemporâneo de Mesannepadda e, portanto, pertence aproximadamente ao período representado pelos túmulos.

Outro documento que lança bastante luz sobre as práticas funerárias relacionadas aos mortos reais é a tabuleta de seis colunas no Museu da Universidade inscrita com uma composição única de Ur-Nammu pertencente a um gênero literário ainda não classificável. A primeira coluna, que está totalmente quebrada, pode ter contido uma descrição poética das realizações notáveis de Ur-Nammu na guerra e na paz e dos incidentes infelizes que levaram à sua morte. O texto disponível, que começa com a segunda coluna, parece relatar como Ur-Nammu, "que havia sido abandonado no campo de batalha como um vaso esmagado", estava deitado em seu esquife em seu palácio, pranteado (provavelmente) por sua família e parentes e pelo povo de Ur. Em seguida, o encontramos no mundo inferior — como no caso de Gilgamesh — apresentando presentes aos seus "sete deuses", abatendo bois e ovelhas aos mortos importantes e apresentando armas, bolsas de couro, vasos, vestimentas, ornamentos, joias e outras parafernálias a Nergal, Gilgamesh, Ereshkigal (?), Dumuzi, Namtar, Hubishag e Ningishzida — cada um em seu próprio palácio; ele também apresentou presentes a Dimpimekug e ao "escriba do mundo inferior". Como Ur-Nammu chegou ao mundo inferior com todos esses ricos presentes e oferendas não é declarado por nosso poeta, a menos que se descubra que as "carruagens" mencionadas nas linhas muito obscuras imediatamente anteriores à "passagem do mundo inferior" foram utilizadas para esse propósito. Em qualquer caso, Ur-Nammu finalmente chegou ao local que (provavelmente) os sacerdotes do mundo inferior haviam designado a ele. Ali, alguns dos mortos foram entregues a ele, talvez para serem seus servos, e Gilgamesh, seu amado irmão, explicou-lhe as regras e regulamentos do mundo inferior.

Mas, nosso poema continua, "depois de sete dias, dez dias se passaram", "o lamento da Suméria" chegou a Ur-Nammu. As muralhas de Ur que ele havia deixado inacabados, seu palácio recém-construído que ele havia deixado sem purificação (?), sua esposa a quem ele não conseguia mais virar no colo, seu filho a quem ele não conseguia mais acariciar (?) no joelho — tudo isso trouxe lágrimas aos seus olhos, e ele

fez um longo e amargo lamento. O fardo de seu clamor parece ser que, embora ele tivesse servido bem aos deuses, eles falharam em apoiá-lo em tempos de necessidade; agora ele estava morto, e sua esposa, amigos e apoiadores estavam saciados com lágrimas e lamentação. A conclusão da composição é totalmente desconhecida, pois a última coluna está completamente destruída.

Como pode ser visto no esboço provisório apresentado de seu conteúdo, é difícil classificar o gênero literário ao qual o poema pertence; pode ser um tipo de composição historiográfica, semelhante em alguns aspectos à "Maldição de Agade" (ver o Capítulo II), na qual um poeta sumério dá vazão aos seus sentimentos sobre o triste estado de coisas existente na Suméria imediatamente após a morte de Ur-Nammu. Em qualquer caso, o documento de Ur-Nammu lança luz considerável sobre a vida dos mortos no mundo abaixo, conforme retratado pelos sábios sumérios. Encontramos mais uma vez os deuses que tiveram que ser aplacados, bem como os importantes sacerdotes mortos. A pessoa falecida recém-chegada tinha um lugar especial designado a ela e era instruída nas leis do mundo inferior, pelo menos se fosse um rei. Embora morto, o falecido poderia, de alguma maneira inexplicável, estar em contato simpático com o mundo acima, poderia sofrer angústia e humilhação e poderia clamar contra os deuses não confiáveis. Ao contrário do poema "A Morte de Gilgamesh", no entanto, nenhuma menção é feita a uma comitiva humana acompanhando o rei ao mundo inferior; de fato, a esposa e os filhos são descritos como vivendo no mundo acima. Portanto, parece seguro concluir que, pelo menos na época de Ur-Nammu, não era mais costume ter o rei acompanhado até seu túmulo por qualquer um de sua família ou servos.

Passando da realeza para os mortais mais comuns, aprendemos uma série de detalhes até então desconhecidos sobre o mundo inferior sumério a partir dos dois cantos fúnebres na tabuleta do Museu Pushkin. Nesta tabuleta, lemos pela primeira vez que os pensadores sumérios tinham a visão de que o sol, após o pôr-do-sol, continuava sua jornada pelo mundo inferior à noite, transformando sua noite em dia, e que a lua passava seu "dia de descanso", isto é, o último dia de cada mês, no mundo inferior. Aprendemos também que havia um julgamento dos

mortos pelo deus-sol, Utu, e que o deus-lua, Nanna, também "decretava o destino" dos mortos. No mundo inferior, de acordo com a tabuleta, eram encontrados "heróis comedores de pão (?)" e "bebedores . ." que saciam a sede dos mortos com água fresca. Aprendemos também que os deuses do mundo inferior podem ser chamados para proferir orações pelos mortos, que o deus pessoal do falecido e o deus de sua cidade eram invocados em seu favor e que o bem-estar da família do falecido não era de forma alguma esquecido nas orações funerárias.

O documento sumério que fornece as informações mais detalhadas sobre o mundo inferior e a vida que acontece dentro de seus limites é o poema "Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Inferior". De acordo com esta composição, que caracteriza o mundo inferior eufemisticamente como a "Grande Morada", havia uma abertura de algum tipo em Erech que levava ao mundo dos mortos, através da qual objetos de madeira como o *pukku* e o *mikku* podiam cair e no qual uma mão e um pé podiam ser colocados. Havia também um portão em Erech na frente do qual alguém podia sentar e através do qual um mortal — pelo menos se ele fosse um herói como Enkidu — poderia descer ao mundo inferior, embora não esteja claro como essa descida acontecia. Havia certos tabus, no entanto, que, de acordo com o autor do poema, qualquer um que desejasse descer ao mundo inferior deveria ter cuidado para não violar: ele não deveria usar roupas limpas, ungir-se com óleo "bom", carregar uma arma ou cajado, usar sandálias, fazer barulho ou se comportar normalmente com os membros de sua família. Se ele quebrasse qualquer um desses tabus, ele seria cercado pelos "administradores" e pelas sombras que habitavam as regiões inferiores e seria mantido preso pelo "clamor do mundo inferior". Uma vez tomado por esse "clamor", era impossível para um mortal ressurgir à terra, a menos que um ou outro dos deuses interviesse em seu favor. No caso de Enkidu, foi Enki quem veio em seu socorro; ele fez Utu abrir o *ablal* do mundo inferior, e Enkidu ressurgiu à terra, aparentemente "em carne e osso" e não como um fantasma. De acordo com o poema, ocorreu um colóquio comovente entre Gilgamesh e Enkidu, no qual este último supostamente descreveu o estado dos mortos, ou melhor, de algumas categorias selecionadas de mortos.

Passando dos mortais, ordinários e extraordinários, para os deuses imortais, parece que o mundo inferior seria o último lugar para procurar por sua presença "imortal". No entanto, encontramos um grande número de divindades lá, e enquanto algumas parecem pertencer a esse lugar, por assim dizer, outras eram originalmente deuses do céu condenados ao mundo inferior pelos mitógrafos sumérios como resultado de especulação e invenção teológica. Até hoje, no entanto, apenas alguns dos mitos relevantes foram recuperados e, exceto um, todos dizem respeito à ambiciosa Inanna e seu infeliz esposo, Dumuzi (ver mais adiante neste Capítulo). A única exceção é o mito "Enlil e Ninlil: Nascimento do Deus-Lua", que conta como o próprio Enlil, o mais poderoso dos deuses sumérios e o chefe do panteão sumério, foi banido para o mundo inferior e seguido para lá por sua esposa, Ninlil. Este mito também é significativo como a única fonte para a crença suméria de que havia um rio "devorador de homens" que tinha que ser atravessado pelos mortos, bem como um barqueiro que transportava os mortos até seu destino, uma crença predominante em todo o antigo mundo do Oriente Próximo e Mediterrâneo.

Um mito altamente revelador relacionado à morte e ao mundo inferior é "A Descida de Inanna ao Mundo Inferior", que agora está disponível quase na íntegra. De acordo com este poema, o mundo inferior é um lugar para o qual se desce e do qual se ascende — presumivelmente através de uma abertura ou um portão situado em Erech, embora isso não seja explicitamente declarado em nenhum lugar. No mundo inferior há um lugar descrito como uma "montanha de lápis-lazúli", cujos portões trancados e aferrolhados são guardados por porteiros sob a supervisão de Neti, seu chefe. O mundo inferior é governado por regulamentos e regras divinas, entre as quais uma das mais importantes parece ser que seus habitantes devem estar completamente nus. Outra regra, que se mostrou fatal para Dumuzi, era que ninguém uma vez no mundo inferior, nem mesmo uma divindade, poderia ressurgir ao mundo acima a menos que um substituto tivesse sido encontrado para tomar seu lugar. Assim, por exemplo, foi para garantir que Inanna, que havia sido revivida pelos esforços inteligentes

de Enki, forneceria um substituto adequado para tomar seu lugar que os sete *gallas* ficaram ao seu lado até que ela entregasse Dumuzi a eles.

No geral, portanto, descobrimos que a imagem suméria da morte e do mundo inferior era um tanto turva e contraditória. Em geral, acreditava-se que o mundo inferior era o enorme espaço cósmico abaixo da terra, correspondendo aproximadamente ao céu, o enorme espaço cósmico acima da terra. Os mortos, ou pelo menos as almas dos mortos, desciam para ele presumivelmente do túmulo, mas também parece ter havido aberturas e portões especiais em Erech, bem como, sem dúvida, em todos os centros importantes da cidade. Havia um rio que os mortos tinham que atravessar de balsa, mas onde ele estava situado em relação à terra ou ao mundo inferior não é declarado nos mitos disponíveis. O mundo inferior era governado por Ereshkigal e Nergal, que tinham uma comitiva especial de divindades, incluindo sete Anunnaki e vários deuses celestes infelizes, bem como vários oficiais semelhantes a condestáveis conhecidos como *gallas*. Todos eles, exceto os *gallas*, aparentemente precisavam de comida, roupas, armas, vasos de vários tipos, joias, etc., assim como os deuses no céu ou os mortais na terra. Havia um palácio com sete portões onde Ereshkigal mantinha a corte, mas não se sabe ao certo onde ele supostamente ficava.

Os mortos parecem ter sido organizados em uma hierarquia, como os vivos, e sem dúvida os assentos mais altos eram atribuídos aos reis mortos e aos altos oficiais sacerdotais que tinham que ser cuidados com sacrifícios especiais por alguns dos falecidos como Gilgamesh e Ur-Nammu. Havia todos os tipos de regras e regulamentos no mundo inferior, e era o deificado Gilgamesh que cuidava para que os habitantes do mundo inferior se conduzissem adequadamente. Embora em geral se tenha a sensação de que o mundo inferior era escuro e sombrio, isso parece ser verdade apenas durante o dia; à noite, o sol trazia luz a ele, e no vigésimo oitavo dia do mês, o sol era acompanhado pela lua. Os falecidos não eram tratados todos da mesma forma; havia um julgamento dos mortos pelo deus-sol, Utu, e até certo ponto pelo deus-lua, Nanna, e se o julgamento fosse favorável, a alma do morto presumivelmente viveria em felicidade e contentamento e teria tudo o que desejasse. No entanto, as indicações são de que os sumérios tinham

pouca confiança nas esperanças de uma vida feliz no mundo inferior, mesmo para os bons e merecedores. Em geral, os sumérios estavam convencidos de que a vida no mundo inferior era apenas um reflexo sombrio e miserável da vida na Terra.

Embora a devoção privada e a piedade pessoal não fossem sem importância, eram os ritos e rituais que, por causa da visão de mundo dos sumérios, desempenhavam o papel predominante em sua religião. Já que o homem foi criado sem nenhum outro propósito senão servir aos deuses, era obviamente seu dever principal executar e aperfeiçoar esse serviço de uma maneira agradável e satisfatória para seus mestres. Por que Ziusudra foi salvo da destruição do dilúvio? Porque ele havia humilde e piedosamente realizado os ritos diários para os deuses. Os governantes da Suméria não se cansavam de repetir que haviam realizado seus deveres de culto de acordo com as regras e regulamentos prescritos.

O centro do culto era, claro, o templo. Um dos primeiros templos foi escavado em Eridu, a cidade da qual Enki era a divindade tutelar, pelo menos em tempos posteriores. Embora fosse um santuário de formato muito simples, medindo apenas cerca de doze por quinze pés (3,7 por 4,6 metros), ele continha desde o início duas características que caracterizam o templo sumério ao longo dos milênios: um nicho para o emblema ou estátua do deus e uma mesa de oferendas de tijolos de barro na frente dele. No curso da reconstrução posterior, este santuário de Eridu foi ampliado e melhorado. Ele então tinha uma cela no centro cercada por uma série de salas subsidiárias, e o altar, voltado para uma mesa de oferendas, era colocado contra uma das paredes curtas; as paredes de tijolos de barro opacas do templo eram ornamentadas com contrafortes e reentrâncias regularmente colocadas, e toda a estrutura era construída em uma plataforma alcançada por um conjunto de escadas que levavam até sua entrada no lado longo do edifício.

Mais ao norte, em Erech, há um templo provavelmente dedicado ao deus An, e datado de cerca de 3000 a.C., que é construído em grande parte nas mesmas linhas do templo de Eridu, exceto que a plataforma é substituída por uma colina artificial que se eleva cerca de quarenta pés (12 metros) acima da planície. Uma escadaria construída contra sua face

nordeste levava ao cume onde ficava um pequeno santuário caiado. Um templo semelhante foi descoberto em Uqair; e embora a plataforma na qual foi construído tivesse apenas quinze pés (4,6 metros) de altura, ele se erguia em dois estágios e pode, portanto, ser considerado o protótipo do zigurate, a torre em estágios que se tornou a marca registrada da arquitetura do templo mesopotâmico e que pretendia servir como elo de conexão, real e simbólico, entre os deuses no céu e os mortais na terra. O templo de Uqair é notável por outra inovação arquitetônica, que não parece ter sido seguida nos outros templos sumérios: as paredes internas eram cobertas com afrescos consistindo de cal colorida e ornamentos pintados. O arranjo era o seguinte: Primeiro vinha uma faixa de cor lisa, geralmente algum tom de vermelho, formando uma banda de mais de três pés (90 cm) de altura por toda a sala. Acima disso, uma faixa de ornamento geométrico de mais de um pé (30 cm) de altura era pintada. As partes superiores das paredes eram então decoradas com cenas de figuras humanas e animais pintadas em um fundo branco simples.

Outra inovação arquitetônica foi feita em Erech quando os construtores do templo de Eanna desenvolveram um método único de ornamentar as paredes e colunas de tijolos de barro de aparência sombria do edifício, cobrindo-as com dezenas de milhares de pequenos cones de argila que foram mergulhados em cores diferentes para que seus topos fossem vermelho, preto ou bege. Esses cones coloridos foram inseridos lado a lado em gesso de barro espesso de tal forma que formavam triângulos policromados, losangos, ziguezagues e outros desenhos geométricos.

Os templos continuaram a seguir o mesmo padrão geral ao longo do terceiro milênio a.C., embora tendessem a se tornar maiores e mais complexos. O pátio se tornou uma característica permanente. A planta do edifício agora podia ser tanto oval quanto retangular. Um novo e aparentemente não muito apropriado material de construção foi introduzido — o tijolo plano-convexo, plano de um lado e curvo do outro. As fundações agora eram geralmente construídas com blocos brutos de calcário.

Na época da Terceira Dinastia de Ur, os templos nas cidades maiores haviam se tornado vastos complexos de edifícios. Assim, o

templo de Nanna da cidade de Ur, o Ekishnugal, consistia em um recinto medindo cerca de 400 x 200 jardas (366 x 183 metros) que continha o zigurate, bem como um grande número de santuários, armazéns, depósitos, pátios e moradias para o pessoal do templo. O zigurate, a característica marcante, era uma torre retangular cuja base tinha cerca de 200 pés de comprimento e 150 pés de largura (61 por 46 metros); sua altura original era de cerca de 70 pés (21 metros). O todo era uma massa sólida de alvenaria com uma cobertura de tijolos de barro bruto e uma camada externa de tijolos queimados fixados em betume. Ele se erguia em três estágios irregulares e era acessado por três escadas consistindo de cem degraus cada. Em seu topo, provavelmente havia um pequeno santuário construído inteiramente de tijolos esmaltados azuis. O zigurate ficava em um terraço alto cercado por uma parede dupla. Em parte, neste terraço e, em parte, a seus pés ficava um grande templo para o deus-lua, Nanna, com um amplo pátio externo cercado por inúmeras câmaras de armazenamento e escritórios. Não muito longe dele havia outro templo dedicado a Nanna e sua esposa, Ningal; em seguida, havia um edifício conhecido como *dublal*, que era usado como uma espécie de tribunal, e finalmente o templo sagrado para Ningal, conhecido como *giparku*.

A construção e reconstrução de um templo era acompanhada por numerosos ritos e rituais diversos, como é evidenciado por aquele longo e notável poema narrativo de hinos inscrito nos dois cilindros de Gudea escavados em Lagash, que contêm 54 colunas e perto de 1400 “espaços” de texto. Este documento, que é praticamente a única obra literária preservada deste período, foi provavelmente composto por um dos poetas do templo de Eninnu em Lagash para comemorar sua construção pelo piedoso Gudea. Seu estilo literário é bastante inflado, grandiloquente e difuso, e a imagem que ele pinta dos ritos e rituais que acompanharam a construção de Eninnu parece conter mais fantasia do que fato. Mesmo assim, é altamente significativo e informativo, como o esboço a seguir de seu conteúdo mostrará.

Como ouvimos o poeta contar, tudo começou logo depois que os destinos foram decretados e a cidade de Lagash foi abençoada com o rico transbordamento do Tigre. Foi então que Ningirsu, a divindade tutelar de Lagash, decidiu que Gudea construísse seu Eninnu para ele em

grande estilo. Ele, portanto, apareceu a Gudea em um sonho que parece uma pura invenção *ad hoc* por parte do poeta, embora ele narre os eventos como se tivessem realmente ocorrido.

No sonho, Gudea viu um homem de tremenda estatura com uma coroa divina na cabeça, as asas de um pássaro com cabeça de leão e uma "onda de inundação" como a parte inferior de seu corpo; leões agachados à sua direita e esquerda. Este homem enorme ordenou a Gudea que construísse seu templo, mas ele não conseguia entender o significado de suas palavras. O dia amanheceu — no sonho — e uma mulher apareceu segurando um estilete de ouro e estudando uma tabuleta de argila na qual o céu estrelado estava representado. Então um "herói" apareceu segurando uma tabuleta de lápis-lazúli na qual ele desenhou uma planta de uma casa; ele também colocou tijolos em um molde de tijolos que estava diante de Gudea junto com uma cesta de transporte. Ao mesmo tempo, um burro macho especialmente criado estava impacientemente escavando o chão.

Como o significado do sonho não estava claro para ele, Gudea decidiu consultar a deusa Nanshe, que interpretava sonhos para os deuses. Mas Nanshe vivia em um distrito de Lagash chamado Nina, que poderia ser melhor alcançado por canal. Gudea, portanto, viajou até ela de barco, certificando-se de parar em vários santuários importantes ao longo do caminho para oferecer sacrifícios e orações às suas divindades a fim de obter seu apoio. Finalmente, o barco chegou ao cais de Nina, e Gudea foi com a cabeça erguida para o pátio do templo, onde fez sacrifícios, derramou libações e ofereceu orações. Ele então contou a ela seu sonho e ela o interpretou para ele ponto por ponto, assim:

O homem de tremenda estatura com uma coroa divina na cabeça, as asas de um pássaro com cabeça de leão, uma onda de inundação como parte inferior do corpo e leões agachados à sua direita e esquerda — esse é seu irmão Ningirsu, que o ordenou a construir o templo Eninnu. O romper do dia no horizonte — esse é Ningishzida, o deus pessoal de Gudea, nascendo como o sol. A mulher segurando um estilete de ouro e estudando uma tabuleta de argila na qual o céu estrelado foi retratado — essa é Nidaba (a deusa da escrita e a divindade padroeira da *edubba*), que o orienta a construir a casa de acordo com as "estrelas

sagradas". O herói segurando uma tabuleta de lápis-lazúli — esse é o deus (arquiteto) Nindub desenhando a planta do templo. A cesta de transporte e o molde de tijolos nos quais "o tijolo do destino" foi colocado — esses indicam os tijolos para o templo Eninnu. O burro macho escavando o chão impacientemente é, claro, o próprio Gudea, que está impaciente para realizar sua tarefa.

Nanshe então procedeu a aconselhar Gudea a construir uma nova e lindamente decorada carruagem de guerra para Ningirsu e a presenteá-la a ele junto com sua junta de burros machos e o emblema e armas dos deuses, acompanhados pelo som de tambores. Feito isso, Ningirsu, em outro sonho, deu a ele instruções mais detalhadas, abençoou Lagash com abundância e transbordamento, e assegurou a Gudea que seu povo trabalharia mais diligentemente para construir o Eninnu com todos os tipos de madeira e pedra trazidos a ele de diferentes partes de todo o mundo.

Gudea levantou-se do sono e, após fazer um sacrifício e achar seu presságio favorável, procedeu humildemente a executar as instruções de Ningirsu. Ele emitiu instruções ao povo de sua cidade, que respondeu com entusiasmo e união. Ele primeiro purificou a cidade moral e eticamente: não deveria haver reclamações, acusações ou punições; a mãe não deveria repreender seu filho, nem o filho deveria levantar a voz contra a mãe; o escravo não deveria ser punido por transgressão; a escrava não deveria ser golpeada por sua senhora por desrespeito; todos os impuros foram banidos da cidade. Após outra série de presságios e oráculos, sacrifícios, cerimônias e orações, ele procedeu valentemente à tarefa de construir o Eninnu, que é então descrito pelo poeta em grandes, repetitivos e, infelizmente, em detalhes muitas vezes obscuros.

O poema inscrito no primeiro cilindro termina com a conclusão da construção do complexo de Eninnu. A narrativa do hinário continua no segundo cilindro, começando com uma prece de Gudea aos Anunnaki, seguida por seu anúncio a Ningirsu e sua esposa, Bau, de que o templo foi concluído e está pronto para habitação. Com a ajuda de várias divindades, Gudea então limpou o templo e preparou toda a comida, libações e incenso para serem usados na cerimônia que celebrava a entrada dos deuses em seu lar. Mais uma vez, Gudea limpou a cidade,

ética e moralmente. Em seguida, ele procedeu à nomeação de um grupo inteiro de divindades para cuidar das necessidades do templo: um porteiro, um mordomo, dois armeiros, um mensageiro, um camareiro, um cocheiro, um pastor de cabras, dois músicos, um inspetor de grãos, um inspetor de pesca, um guarda-caça e um oficial de justiça. Essas nomeações são descritas em um estilo que lembra a descrição da nomeação das várias divindades supervisoras por Enki no mito "Enki e a Ordem Mundial" (ver o Capítulo V). Depois que Ningirsu e Bau se uniram em felicidade conjugal, seguiu-se uma celebração de sete dias coroada por um banquete para os grandes deuses An, Enlil e Ninmah. Após uma bênção de Ningirsu, o poema fecha com um hino de louvor ao Eninnu e seu deus, Ningirsu.

Passando dessa imagem altamente idealizada de um templo e seu culto para os ritos e rituais cotidianos reais, podemos tomar como certo que no templo de cada cidade principal eram oferecidos sacrifícios diários, consistindo em alimentos animais e vegetais, libações de água, vinho e cerveja, e a queima de incenso. Sem dúvida, as cerimônias eram muito mais espetaculares e impressionantes em festas e feriados especiais. Havia vários festivais perenes, a julgar pelos nomes de meses como "O Mês da Alimentação da Cevada de Ningirsu", "O Mês da Alimentação das Gazelas" e "O Mês da Festa de Shulgi". Algumas dessas festas duravam vários dias e eram celebradas com sacrifícios e procissões especiais. Além disso, havia festas mensais regulares no dia da lua nova, bem como no sétimo, décimo quinto e último dia de cada mês.

O feriado mais importante de todos era o feriado de Ano Novo, que provavelmente era celebrado ao longo de vários dias com festas e celebrações especiais. O rito mais significativo do Ano Novo era o *hieros-gamos*, ou casamento sagrado, entre o rei, que representava o deus Dumuzi, e uma das sacerdotisas, que representava a deusa Inanna, para garantir efetivamente a fecundidade e a prosperidade da Suméria e seu povo. Como e quando esse rito se originou é incerto, embora possamos talvez reconstruir os eventos da seguinte forma.

No início do terceiro milênio a.C., Dumuzi era um governante proeminente da importante cidade-estado suméria de Erech, e sua vida e

feitos causaram uma profunda impressão em sua própria geração e nas futuras. A divindade tutelar de Erech era Inanna, uma deusa que ao longo da história suméria foi considerada a divindade principalmente responsável pelo amor sexual, fertilidade e procriação, e os nomes de Dumuzi e Inanna sem dúvida se tornaram intimamente interligados no mito e ritual primitivos de Erech. No entanto, em meados do terceiro milênio, quando os sumérios estavam se tornando cada vez mais nacionalistas e os teólogos estavam no processo de sistematizar e classificar o panteão sumério de acordo, surgiu uma ideia aparentemente bastante plausível e atraente de que o rei da Suméria, não importa quem ele fosse ou de qual cidade ele se originasse, deveria se tornar o marido da deusa do amor que dá vida, isto é, Inanna de Erech, se ele quisesse garantir efetivamente a fecundidade e prosperidade da terra e de seu povo. Depois que a ideia inicial se tornou um dogma aceito, ela foi realizada na prática ritual pela consumação de uma cerimônia de casamento, que provavelmente era repetida a cada Ano Novo, entre o rei e uma hierodula especialmente selecionada do templo de Inanna em Erech. Para dar importância e prestígio tanto ao credo quanto ao rito, no entanto, era aconselhável rastreá-los até tempos anteriores, e a honra de ser o primeiro governante mortal a se tornar marido de Inanna, a divindade mais reverenciada de Erech, naturalmente recaiu sobre Dumuzi, o governante de Erech que ao longo dos séculos se tornou uma figura memorável na lenda e no folclore sumérios.

Sobre os sacerdotes encarregados do culto, sabemos pouco mais do que os nomes de seus ofícios. O chefe administrativo do templo era o *sanga*, e seus deveres eram, sem dúvida, manter os edifícios e as finanças do templo em boa ordem e garantir que o pessoal do templo realizasse seus deveres com eficiência. O chefe espiritual do templo era o *en*, que vivia em uma parte do templo conhecida como *gipar*. Os *ens*, ao que parece, podiam ser mulheres e homens, dependendo do sexo da divindade a quem seus serviços eram dedicados. Assim, no templo principal de Erech, o Eanna, do qual a deusa Inanna se tornou a divindade principal, o *en* era um homem; os heróis Enmerkar e Gilgamesh foram originalmente designados *en*, embora também possam ter sido reis e certamente foram grandes líderes militares. O *en* do

Ekishnugal em Ur, cuja divindade principal era o deus-lua, Nanna, era uma mulher e geralmente filha do monarca reinante da Suméria. (Na verdade, temos os nomes de quase todos, se não todos, os *ens* do Ekishnugal da época de Sargão, o Grande).

Sob o *en* havia uma série de classes sacerdotais, incluindo *guda*, *mah*, *ishib*, *gala* e *nindingir*, de cujos deveres sabemos muito pouco, exceto que o *ishib* pode ter sido responsável por libações e lustrações, e o *gala* pode ter sido uma espécie de cantor e poeta do templo. Havia também um corpo inteiro de cantores e músicos e — especialmente nos templos dedicados a Inanna — um grande número de eunucos (castrados) e hierodulas. Além daqueles envolvidos de uma forma ou de outra nos serviços religiosos, o pessoal do templo incluía muitos funcionários seculares, trabalhadores e escravos que ajudavam a conduzir seus vários empreendimentos agrícolas e econômicos, como é evidenciado pelos inúmeros documentos administrativos escavados nos antigos templos sumérios.

A destruição de um templo sumério era a calamidade mais desastrosa que poderia acontecer a uma cidade e seu povo, como revelado pelos lamentos amargos compostos por poetas e bardos aflitos do templo. Para citar apenas um exemplo, aqui está uma estrofe da "Lamentação sobre a Destruição de Ur", que pinta um quadro da desolação total que se abateu sobre Ur e seu templo, o Ekishnugal, depois que os elamitas o atacaram e levaram Ibbi-Sin, o último governante da Terceira Dinastia de Ur:

> Ó rainha, como seu coração a guiou, como você pode permanecer viva?
> Ó Ningal, como seu coração a guiou, como você pode permanecer viva?
> Ó mulher justa cuja cidade foi destruída, como agora você pode existir?
> Ó Ningal, cuja terra pereceu, como seu coração a guiou?
> Depois que sua cidade foi destruída, como agora você pode existir?
> Depois que sua casa foi destruída, como seu coração a guiou?
> Sua cidade se tornou uma cidade estranha; como agora você pode existir?
> Sua casa se tornou uma casa de lágrimas, como seu coração a guiou?
> Sua cidade que foi transformada em ruínas — você não é mais sua senhora,
> Sua casa justa que foi entregue à picareta — você não a habita mais,
> Seu povo que foi levado ao massacre — você não é mais sua rainha,
> Suas lágrimas se tornaram lágrimas estranhas, sua terra não chora,
> Sem "lágrimas de súplica" ela habita terras estrangeiras,

Sua terra como alguém que multiplicou . . . fecha bem sua boca.
Sua cidade foi transformada em ruínas; como você pode existir?
Sua casa foi desnudada; como seu coração a guiou?
Ur, o santuário, foi entregue ao vento; como agora você pode existir?
Seu sacerdote *guda* não anda mais em bem-estar; como seu coração a guiou?
Seu *en* não habita no *gipar*; como agora você pode existir?
Seu . . . que aprecia purificações não faz purificações para você,
Pai Nanna, seu sacerdote *ishib* não aprimorou os vasos sagrados para você,
Seu *mah* no *giguna* sagrado não se vestiu de linho,
Seu justo *en* escolhido . . . , no Ekishnugal,
Não prossegue alegremente do santuário para o *gipar*,
No *ahu*, sua casa de festas, eles não celebraram as festas;
No *ub* e no *ala* eles não tocaram para você aquilo que traz alegria ao coração, a música *tigi*.
O povo de cabeça preta não se banha para sua festa,
Como sujeira de linho foi decretada para eles; sua aparência mudou.
Sua canção foi transformada em choro, ... ,
Sua música *tigi* foi transformada em lamentação . . . . .
Seu boi não foi levado ao estábulo, sua gordura não está preparada para você,
Sua ovelha não fica em seu curral, seu leite não é apresentado a você,
Quem costumava trazer sua gordura, não a traz mais do estábulo, ...
Quem costumava trazer seu leite, não o traz mais do curral, ...
O pescador que costumava trazer peixes para você é tomado pelo infortúnio,
Os caçadores de pássaros que costumavam trazer pássaros para você foram levados pelo . . . , agora você mal consegue existir,
Seu rio que foi feito para os barcos *magur* — em seu meio a planta . . . cresce,
Em sua estrada que foi preparada para as carruagens, o espinho da montanha cresce.
Ó minha rainha, sua cidade chora diante de você como sua mãe;
Ur, como a criança de uma rua que foi destruída, procura por você,
A casa, como um homem que perdeu tudo, estende as mãos para você,
Sua alvenaria da casa justa, como um ser humano, grita seu ‘‘Onde, por favor?’’

Ó minha rainha, você partiu da casa; você partiu da cidade.
Até quando, por favor, você ficará de lado na cidade como um inimigo?
Ó Mãe Ningal, (até quando) você lançará desafios na cidade como um inimigo?
Embora você seja uma rainha amada por sua cidade, sua cidade . . . você abandonou;
[Embora] você seja uma rainha amada por seu povo, seu povo . . . você abandonou.
Ó Mãe Ningal, como um boi em seu estábulo, como uma ovelha em seu curral!
Como um boi em seu estábulo em dias passados, como uma ovelha em seu curral!
Como uma criança pequena em seu quarto, ó donzela, em sua casa!
Que An, o rei dos deuses, diga seu “é o suficiente.”
Que Enlil, o rei de todas as terras, decrete seu destino (favorável).
Que ele retorne a cidade ao seu lugar para você; exerça sua realeza!
Que ele retorne Ur ao seu lugar para você; exerça sua realeza!

Ao voltarmos agora para a mitologia suméria, é importante notar, antes de tudo, que os mitos sumérios têm pouca ou nenhuma conexão com rito e ritual, apesar do fato de que este último desempenhava um papel tão importante na prática religiosa suméria. Praticamente todos os mitos sumérios existentes são literários e etiológicos em caráter; eles não são nem "ritos falados", como o mito tem sido frequentemente categorizado erroneamente, nem apêndices verbalizados de atos rituais. Eles giram principalmente sobre a criação e organização do universo, o nascimento dos deuses, seus amores e ódios, seus rancores e intrigas, suas bênçãos e maldições, seus atos de criação e destruição. Há muito pouco neles sobre a luta pelo poder entre os deuses, e mesmo quando isso ocorre, nunca é descrito como um conflito amargo, vingativo e sangrento.

Intelectualmente falando, os mitos sumérios revelam uma abordagem bastante madura e sofisticada dos deuses e suas atividades divinas; por trás deles pode ser reconhecida uma considerável reflexão cosmológica e teológica. Em geral, no entanto, os mitógrafos sumérios eram os herdeiros diretos dos menestréis e bardos analfabetos de tempos anteriores, e seu primeiro objetivo era compor poemas narrativos sobre os deuses que fossem atraentes, inspiradores e divertidos. Suas principais ferramentas literárias não eram a lógica e a razão, mas a imaginação e a fantasia. Ao contar suas histórias, eles não hesitaram em inventar motivos e incidentes moldados pela ação humana que não poderiam ter qualquer base no pensamento racional e especulativo. Nem hesitaram em adotar motivos lendários e folclóricos que não tinham nada a ver com investigação e inferência cosmológica.

Até agora, nenhum mito sumério foi recuperado tratando direta e explicitamente com a criação do universo; o pouco que se sabe sobre as ideias cosmogônicas sumérias foi inferido de declarações lacônicas espalhadas pelos documentos literários. Mas temos uma série de mitos preocupados com a organização do universo e seus processos culturais, a criação do homem e o estabelecimento da civilização. Os principais protagonistas envolvidos nesses mitos são relativamente poucos em número: o deus-ar, Enlil, o deus-água, Enki, a deusa-mãe, Ninhursag (também conhecida como Nintu e Ninmah), o deus do vento sul,

Ninurta, o deus-lua, Nanna-Sin, o deus beduíno, Martu, e mais frequentemente, a deusa Inanna, particularmente em relação ao seu infeliz esposo, Dumuzi.

Enlil, como já foi observado anteriormente neste capítulo, era a divindade mais importante do panteão sumério, "o pai dos deuses", "o rei do céu e da terra", "o rei de todas as terras". De acordo com o mito "Enlil e a Criação da Picareta", ele era o deus que separou o céu da terra, trouxe "a semente da terra" da Terra, fez surgir "tudo o que era necessário", moldou a picareta para fins agrícolas e de construção e a apresentou aos "cabeças pretas", isto é, os sumérios, ou talvez até mesmo a humanidade como um todo. De acordo com a disputa "Verão e Inverno", Enlil era o deus que fez surgir todas as árvores e grãos, produziu abundância e prosperidade "na terra" e designou "Inverno" como o "Agricultor dos Deuses", encarregado das águas que produzem de vida e de tudo o que cresce. Os deuses — até mesmo os mais importantes entre eles — estavam todos ansiosos por sua bênção. Um mito relata como o deus-água, Enki, após construir sua "casa do mar" em Eridu, viajou até o templo de Enlil em Nippur para obter sua aprovação e bênção. Quando o deus-lua, Nanna-Sin, a divindade tutelar de Ur, quis ter certeza do bem-estar e prosperidade de seu domínio, ele viajou até Nippur em um barco carregado de presentes e assim obteve a generosa bênção de Enlil.

Embora Enlil fosse o chefe do panteão sumério, seus poderes não eram de forma alguma ilimitados e absolutos. Um dos mitos sumérios mais humanos e ternos diz respeito ao banimento de Enlil para o mundo inferior como resultado dos seguintes eventos:

Quando o homem ainda não havia sido criado e a cidade de Nippur era habitada apenas por deuses, "seu jovem" era o deus Enlil; "sua jovem donzela" era a deusa Ninlil; e "sua velha" era a mãe de Ninlil, Nunbarshegunu. Um dia, esta última, evidentemente tendo colocado sua mente e coração no casamento de Ninlil com Enlil, instrui sua filha assim:

> No riacho imaculado, mulher, banhe-se no riacho imaculado,
> Ninlil, caminhe ao longo da margem do riacho Nunbirdu,

O de olhos brilhantes, o senhor, o de olhos brilhantes,
A “grande montanha”, pai Enlil, o de olhos brilhantes, verá você,
O pastor . . . que decreta os destinos, o de olhos brilhantes verá você,
Irá imediatamente abraçá-la (?) e beijá-la.

Ninlil segue alegremente as instruções de sua mãe:

No riacho imaculado, a mulher se banha, no riacho imaculado,
Ninlil caminha ao longo da margem do riacho Nunbirdu,
O de olhos brilhantes, o senhor, o de olhos brilhantes,
A “grande montanha”, pai Enlil, o de olhos brilhantes, a viu,
O pastor . . . que decreta os destinos, o de olhos brilhantes a viu.
O senhor fala com ela sobre coito (?), ela não está disposta,
Enlil fala com ela sobre coito (?), ela não está disposta;
“Minha vagina é muito pequena, ela não sabe copular,
Meus lábios são muito pequenos, eles não sabem beijar” . . . . .

Então Enlil chama seu vizir, Nusku, e lhe conta sobre seu desejo pela adorável Ninlil. Nusku traz um barco, e Enlil estupra Ninlil enquanto navega no riacho e a engravida com o deus-lua, Sin. Os deuses ficam consternados com esse ato imoral, e embora Enlil seja seu rei, eles o capturam e o banem da cidade para o mundo inferior. A passagem relevante, uma das poucas a lançar alguma luz indireta sobre a organização do panteão e seu método de operação, diz o seguinte:

Enlil anda pelo Kiur (santuário privado de Ninlil),
Enquanto Enlil anda pelo Kiur,
Os grandes deuses, os cinquenta deles,
Os deuses que decretam o destino, os sete deles,
Capturam Enlil no Kiur (dizendo):
“Enlil, imoral vá embora da cidade,
Nunamnir (um epíteto de Enlil), imoral, vá embora da cidade.”

E assim Enlil, de acordo com o destino decretado pelos deuses, parte na direção do Hades sumério. Ninlil, no entanto, agora grávida de uma criança, se recusa a ficar para trás e segue Enlil em sua jornada forçada para o mundo inferior. Isso perturba Enlil, pois significaria que seu filho Sin, originalmente destinado a ser responsável pelo maior corpo luminoso, a lua, teria que morar no escuro e sombrio mundo inferior em vez de no céu. Para contornar isso, ele parece ter elaborado o

seguinte esquema bastante complicado. No caminho para o mundo inferior de Nippur, o viajante encontra três indivíduos, divindades menores, sem dúvida: o guardião responsável pelos portões de Nippur, o "homem do rio do mundo inferior" e o barqueiro, o sumério "Caronte", que transporta os mortos para o Hades. Enlil assume a forma de cada um deles — o primeiro exemplo conhecido de metamorfose divina — e engravida Ninlil com três divindades do mundo inferior como substitutos de seu irmão mais velho, Sin, que fica assim livre para ascender ao céu.

Um dos mitos sumérios mais detalhados e reveladores diz respeito à organização do universo por Enki, o deus-água sumério e deus da sabedoria; uma nova tradução completa dele será encontrada no capítulo V ("Literatura: As *Belles-Lettres* Sumérias"). Outro mito de Enki conta uma história intrincada e ainda um tanto obscura envolvendo a terra paradisíaca Dilmun, talvez identificada em parte com a Índia antiga. Muito brevemente esboçado, o enredo deste mito sumério de "paraíso", que trata de deuses, não de seres humanos, é o seguinte:

Dilmun é uma terra que é "pura", "limpa" e "radiante", uma "terra dos vivos" que não conhece nem doença nem morte. O que falta, no entanto, é a água doce tão essencial para a vida animal e vegetal. O grande deus-água sumério, Enki, portanto, ordena Utu, o deus-sol, para enchê-la com água doce trazida da terra. Dilmun é então transformado em um jardim divino, verdejante, com campos e prados repletos de frutos.

Neste paraíso dos deuses, oito plantas são feitas brotar por Ninhursag, a grande deusa-mãe dos sumérios, talvez originalmente a Mãe Terra. Ela consegue fazer essas plantas surgirem somente após um processo intrincado envolvendo três gerações de deusas, todas concebidas pelo deus-água e nascidas — assim nosso poema repetidamente sublinha — sem a menor dor ou trabalho. Mas provavelmente porque Enki queria prová-las, seu mensageiro, o deus de duas faces Isimud, arranca essas preciosas plantas uma por uma e as dá a seu mestre, que passa a comê-las uma de cada vez. Então, a enfurecida Ninhursag pronuncia a maldição da morte sobre ele. Então,

evidentemente para ter certeza de que ela não mudaria de ideia e cederia, ela desaparece entre os deuses.

A saúde de Enki começa a falhar; oito de seus órgãos ficam doentes. Enquanto Enki afunda rapidamente, os grandes deuses sentam-se na poeira. Enlil, o deus-ar, o rei dos deuses sumérios, parece incapaz de lidar com a situação quando uma raposa se manifesta. Se for devidamente recompensada, ela diz a Enlil, ela, a raposa, trará Ninhursag de volta. Tão boa quanto sua palavra, a raposa consegue de alguma forma — a passagem relevante infelizmente está destruída — fazer a deusa-mãe retornar aos deuses e curar o deus-água moribundo. Ela o senta em seu colo e, após perguntar quais dos oito órgãos de seu corpo doem, ela traz à existência oito divindades curadoras correspondentes, e Enki é trazido de volta à vida e à saúde.

Embora nosso mito trate de um paraíso divino, em vez de humano, ele tem vários paralelos com a história bíblica do paraíso. Na verdade, há alguma razão para acreditar que a própria ideia de um paraíso, um jardim dos deuses, se originou com os sumérios. O paraíso sumério está localizado, de acordo com nosso poema, em Dilmun, uma terra em algum lugar a leste da Suméria. É neste mesmo Dilmun que os babilônios, o povo semita que conquistou os sumérios, mais tarde localizaram sua "terra dos vivos", o lar de seus imortais. E há uma boa indicação de que o paraíso bíblico também, que é descrito como um jardim plantado a leste no Éden, de cujas águas fluem os quatro rios do mundo, incluindo o Tigre e o Eufrates, pode ter sido originalmente idêntico a Dilmun, a terra-paraíso suméria.

Novamente, a passagem em nosso poema descrevendo a rega de Dilmun pelo deus-sol com água doce trazida da terra é uma reminiscência da passagem bíblica: "Mas subiu uma névoa (?) da terra, e regou toda a face do solo" (Gênesis 2:6). O nascimento das deusas sem dor ou trabalho de parto ilumina o pano de fundo da maldição contra Eva de que será seu destino conceber e dar à luz filhos com sofrimento. E, obviamente, o fato de Enki comer as oito plantas e a maldição proferida contra ele por esse delito lembram o fato de Adão e Eva comerem o fruto da árvore do conhecimento e as maldições pronunciadas contra cada um deles por essa ação pecaminosa.

Mas talvez o resultado mais interessante da nossa análise comparativa do poema sumério seja a explicação que ele fornece para um dos motivos mais intrigantes na história bíblica do paraíso, a famosa passagem que descreve a criação de Eva, "a mãe de todos os viventes", da costela de Adão — por que uma costela? Por que o contador de histórias hebreu achou mais adequado escolher uma costela em vez de qualquer outro órgão do corpo para a criação da mulher cujo nome, Eva, de acordo com a noção bíblica, significa aproximadamente "aquela que faz viver"? A razão se torna bem clara se assumirmos um pano de fundo literário sumério, como aquele representado pelo nosso poema de Dilmun, para fundamentar o conto bíblico do paraíso; pois em nosso poema sumério, um dos órgãos doentes de Enki é a costela. Agora, a palavra suméria para "costela" é *ti* (pronuncia-se tee); a deusa criada para a cura da costela de Enki foi, portanto, chamada em sumério de Nin-ti, "a Senhora da costela". Mas a palavra suméria *ti* também significa "fazer viver". O nome Nin-ti pode, portanto, significar "a Senhora que faz viver" assim como "a Senhora da costela". Na literatura suméria, portanto, "a Senhora da costela" veio a ser identificada com "a Senhora que faz viver" através do que pode ser chamado de um jogo de palavras. Foi este, um dos mais antigos trocadilhos literários, que foi transportado e perpetuado na história bíblica do paraíso, embora aí, é claro, o trocadilho perca sua validade, uma vez que as palavras hebraicas para "costela" e "que faz viver" não têm nada em comum.

Há outro mito Enki-Ninhursag preocupado com a criação do homem a partir da "argila que está sobre o abismo". A história começa com uma descrição das dificuldades dos deuses em obter seu pão, especialmente, como era de se esperar, depois que as divindades femininas passaram a existir. Os deuses reclamam, mas Enki, que, como o deus sumério da sabedoria, deveria vir em seu auxílio, está dormindo nas profundezas e não consegue ouvi-los. Então, sua mãe, o mar primordial, "a mãe que deu à luz todos os deuses", traz as lágrimas dos deuses diante de Enki, dizendo:

> Ó meu filho, levante-se de sua cama, de seu . . . trabalhe o que é sábio,
> Modele os servos dos deuses, que eles produzam seus duplos (?).

Enki pensa no assunto, conduz a multidão de “bons e principescos modeladores” e diz à sua mãe, Nammu, o mar primordial:

> Ó minha mãe, a criatura cujo nome você pronunciou, ela existe,
> Amarre nela a imagem (?) dos deuses;
> Misture o coração do barro que está sobre o abismo,
> Os bons e principescos modeladores engrossarão o barro,
> Você, você traz os membros à existência;
> Ninmah (outro nome para Ninhursag) trabalhará acima de você,
> As deusas (do nascimento) . . . . estarão ao seu lado em sua modelagem;
> Ó minha mãe, decrete o destino (do recém-nascido),
> Ninmah amarrará sobre ela o molde (?) dos deuses,
> É o homem . . . . .

O poema então se volta da criação do homem como um todo para a criação de certos tipos humanos imperfeitos em uma tentativa óbvia de explicar a existência desses seres anormais. Ele fala de uma festa organizada por Enki para os deuses, provavelmente para comemorar a criação do homem. Nesta festa, Enki e Ninmah bebem muito vinho e ficam um tanto exuberantes. Ninmah pega um pouco do barro que está sobre o abismo e molda seis variedades diferentes de indivíduos anormais, enquanto Enki decreta seus destinos e lhes dá pão para comer. Depois que Ninmah cria esses seis tipos de homem, Enki decide criar um dos seus. A maneira como ele faz isso não é clara, mas seja o que for, a criatura resultante é um fracasso; é fraca e débil de corpo e de espírito. Enki agora está ansioso para que Ninmah ajude esta criatura desamparada; ele, portanto, se dirige a ela da seguinte forma:

> Daquele que sua mão moldou, eu decretei o destino,
> Dei a ele pão para comer;
> Decrete o destino daquele que minha mão moldou,
> Dê-lhe pão para comer.

Ninmah tenta ser boa com a criatura, mas sem sucesso. Ela fala com ela, mas ela não responde. Ela lhe dá pão para comer, mas ela não estende a mão para pegá-lo. Ela não consegue nem sentar, nem ficar de pé, nem dobrar os joelhos. Após uma longa, mas ainda ininteligível conversa entre Enki e Ninmah, esta última profere uma maldição contra Enki por

causa da criatura doente e sem vida que ele produziu, uma maldição que Enki parece aceitar como algo merecido.

Sobre Ninurta, o deus do vento sul tempestuoso, há um mito com um motivo de matança de dragões. Após uma breve passagem de hino ao deus, o enredo começa com um discurso a Ninurta por Sharur, sua arma personificada. Por alguma razão não declarada, Sharur tinha colocado seu espírito contra Asag, o demônio da doença e enfermidade, cuja morada é no *kur*, ou mundo inferior. Em um discurso, que é cheio de frases exaltando as qualidades e feitos heroicos de Ninurta, ele o exorta a atacar e destruir o monstro. Ninurta se propõe a fazer o que lhe foi ordenado. No início, porém, ele parece ter encontrado mais do que seu rival, e ele "foge como um pássaro". Mais uma vez, Sharur se dirige a ele com palavras reconfortantes e encorajadoras. Ninurta agora ataca Asag ferozmente com todas as armas sob seu comando, e o demônio é destruído.

Com a destruição de Asag, no entanto, uma séria calamidade atingiu a Suméria. As águas primitivas do Kur subiram à superfície e, como resultado de sua violência, nenhuma água doce pode alcançar aos campos e jardins. Os deuses da Suméria que "carregavam a picareta e a cesta", isto é, que tinham a responsabilidade de irrigar a Suméria e prepará-la para o cultivo, ficaram desesperados. O Tigre não subia; não tinha água "boa" em seu canal.

> A fome foi severa, nada foi produzido,
> Nos riachos, não houve "lavagem das mãos",
> As águas não subiram muito,
> Os campos não foram regados,
> Não houve escavação de valas (de irrigação),
> Em todas as terras não havia vegetação,
> Apenas ervas daninhas cresceram.
> Então o senhor colocou sua mente elevada nisso,
> Ninurta, o filho de Enlil, trouxe grandes coisas à existência.

Ninurta ergueu uma pilha de pedras sobre o Kur e as amontoou como uma grande muralha em frente à Suméria. Essas pedras seguraram "as poderosas águas" e, como resultado, as águas do Kur não puderam mais subir à superfície da terra. Quanto às águas que já haviam

inundado a terra, Ninurta as reuniu e as conduziu para o Tigre, que agora era capaz de regar os campos com seu transbordamento.

> O que havia sido espalhado, ele reuniu,
> O que do Kur havia sido disperso,
> Ele guiou e lançou no Tigre,
> As águas altas derramaram-se sobre os campos.
> Contemple, agora, tudo na terra,
> Regozijava-se ao longe com Ninurta, o rei da terra,
> Os campos produziam grãos abundantes,
> A vinha e o pomar deram seus frutos,
> A colheita foi amontoada em celeiros e colinas,
> O senhor fez o luto desaparecer da terra,
> Ele fez feliz o espírito dos deuses.

Ao ouvir sobre os grandes e heroicos feitos de seu filho, sua mãe, Ninmah, fica com pena dele; ela fica tão inquieta que não consegue dormir em seu quarto. Ela, portanto, se dirige a Ninurta de longe com uma prece pedindo permissão para visitá-lo e contemplá-lo. Ninurta olha para ela com o "olho da vida", dizendo:

> Ó Senhora, porque você viria ao Kur,
> Ó Ninmah, porque por minha causa você entraria na terra inimiga,
> Porque você não tem medo do terror da batalha que me cerca,
> Portanto, da colina que eu, o herói, amontoei,
> Que seu nome seja Hursag (montanha) e você seja sua rainha.

Ninurta então abençoa o Hursag para que ele possa produzir todos os tipos de ervas, vinho e mel, vários tipos de árvores, ouro, prata e bronze, e gado, ovelhas e todas as "criaturas de quatro patas". Após essa bênção, ele se volta para as pedras, amaldiçoando aqueles que foram seus inimigos em sua batalha com o demônio Asag e abençoando aqueles que foram seus amigos.

Muitos dos mitos sumérios giram em torno da ambiciosa, agressiva e exigente deusa do amor, Inanna — a Ishtar acadiana — e seu marido, o deus-pastor, Dumuzi — o bíblico Tamuz. O cortejo da deusa por Dumuzi é contado em duas versões. Na primeira, ele disputa o favor dela com o deus-agricultor, Enkimdu, e só tem sucesso depois de uma boa dose de discussão briguenta que leva a ameaças de violência. Na

outra, Dumuzi parece encontrar aceitação pronta e imediata como amante e marido de Inanna. Mas ele mal sonha que seu casamento com Inanna terminará em sua perdição e que ele será literalmente arrastado para o Inferno. Esta história é contada em um dos mitos sumérios mais bem preservados, “A Descida de Inanna ao Mundo Inferior”, que foi publicado e revisado três vezes no curso dos últimos vinte e cinco anos, e está prestes a ser revisado uma quarta vez com a ajuda de várias tabuletas e fragmentos até então desconhecidos. Brevemente esboçado, este mito conta a seguinte história.

Inanna, “Rainha do Céu”, a ambiciosa deusa do amor e da guerra que o pastor Dumuzi cortejou e conquistou como esposa, decide descer ao mundo inferior para se tornar sua senhora e, assim, talvez ressuscitar os mortos. Ela coleta as leis divinas apropriadas e, tendo se adornado com suas vestes e joias de rainha, está pronta para entrar na “terra sem retorno”.

A rainha do mundo inferior é sua irmã mais velha e inimiga impiedosa, Ereshkigal, a deusa suméria da morte e da escuridão. Temendo, não sem razão, que sua irmã a matasse no domínio que governa, Inanna instrui seu vizir Ninshubur, que está sempre à sua disposição, que se depois de três dias ela não tiver retornado, ele deve fazer um lamento por ela nas ruínas do salão de assembleia dos deuses. Ele então deve ir para Nippur, a cidade de Enlil, o deus líder do panteão sumério, e implorar a ele para salvá-la e não a deixar ser condenada à morte no mundo inferior. Se Enlil se recusar, Ninshubur deve ir para Ur, a cidade do deus-lua, Nanna, e repetir seu apelo. Se Nanna também se recusar, ele deve ir para Eridu, a cidade de Enki, o deus da sabedoria, que “conhece o alimento da vida”, que “conhece a água da vida”, e ele certamente virá em seu socorro.

Inanna então desce para o mundo inferior e se aproxima do templo de lápis-lazúli de Ereshkigal. No portão, ela é recebida pelo guardião chefe, que exige saber quem ela é e por que ela veio. Inanna inventa uma desculpa falsa para sua visita, e o porteiro, seguindo instruções de sua senhora, a conduz pelos sete portões do mundo inferior. Conforme ela passa por um portão após o outro, suas vestes e joias são removidas peça por peça, apesar de seus protestos. Finalmente, depois de passar pelo

último portão, ela é trazida completamente nua e de joelhos diante de Ereshkigal e dos Anunnaki, os sete temidos juízes do mundo inferior. Eles fixam nela seus olhos de morte, e ela é transformada em um cadáver, que é então pendurado em uma estaca.

Três dias e três noites se passam. No quarto dia, Ninshubur, vendo que sua senhora não retornou, começa a fazer as rondas aos deuses de acordo com suas instruções. Como Inanna havia previsto, tanto Enlil quanto Nanna se recusam a prestar qualquer ajuda. Enki, no entanto, elabora um plano para trazê-la de volta à vida. Ele modela o *kurgarra* e o *kalaturra*, duas criaturas assexuadas, e confia a eles o "alimento da vida" e a "água da vida", com os quais eles devem prosseguir para o mundo inferior onde Ereshkigal, "a mãe que dá à luz", jaz doente "por causa de seus filhos"; nua e descoberta, ela continua gemendo, "ai do meu interior" e "ai do meu exterior". Eles, o *kurgarra* e o *kalaturra*, devem repetir seu clamor com simpatia e acrescentar, "Do meu 'interior' para o seu 'interior', do meu 'exterior' para o seu 'exterior'", "Então serão oferecidas a eles água dos rios e grãos dos campos como presentes, mas, Enki avisa, eles não devem aceitá-los. Em vez disso, eles devem dizer, "Dê-nos o cadáver pendurado em um prego," e borrifar sobre ele "o alimento da vida" e "a água da vida", que ele havia confiado a eles, e assim reviver a morta Inanna. O *kurgarra* e o *kalaturra* fazem exatamente como Enki lhes ordena, e Inanna revive.

Embora Inanna esteja viva novamente, seus problemas estão longe de terminar, pois era uma regra inviolável do mundo inferior que ninguém que tivesse entrado em seus portões poderia retornar ao mundo superior a menos que ele apresentasse um substituto para ocupar seu lugar. Inanna não poderia ser uma exceção à regra. Ela realmente foi autorizada a reascender à terra, mas foi acompanhada por uma série de demônios sem coração com instruções para trazê-la de volta às regiões inferiores se ela falhasse em fornecer outra divindade para tomar seu lugar. Cercada por esses policiais macabros, Inanna visita primeiro as duas cidades sumérias Umma e Bad-tibira. Os deuses protetores dessas cidades, Shara e Latarak, aterrorizados com a visão dos recém-chegados sobrenaturais, vestem-se de saco de juta e rastejam na poeira diante de Inanna. Inanna parece estar satisfeita com a humildade deles, e quando

os demônios ameaçam levá-los para o mundo inferior, ela os impede e, assim, salva as vidas dos dois deuses.

Inanna e os demônios, continuando sua jornada, chegam à Kullab, um distrito na cidade-estado suméria de Erech. O rei desta cidade é o deus-pastor, Dumuzi, que, em vez de lamentar o fato de sua esposa ter descido ao mundo inferior onde sofreu tortura e morte, "vestiu um manto nobre, sentou-se no alto de um trono", isto é, ele estava realmente celebrando seu infortúnio. Enfurecida, Inanna olha para ele com "o olho da morte" e o entrega aos demônios ansiosos e impiedosos para ser levado para o mundo inferior. Dumuzi empalidece e chora. Ele levanta as mãos para o céu e implora ao deus-sol, Utu, que é irmão de Inanna e, portanto, seu próprio cunhado. Dumuzi implora a Utu para ajudá-lo a escapar dos demônios, transformando sua mão na mão de um lagarto[48] e seu pé no pé de um lagarto.

Mas naquele ponto da história — no meio da súplica de Dumuzi — as tabuletas disponíveis chegam ao fim, e até recentemente o leitor ficava suspenso no ar. Agora, no entanto, temos o final melancólico: Dumuzi, apesar de três intervenções de Utu, é levado para morrer no mundo inferior como um substituto para sua esposa irritada e amargurada, Inanna. Isso aprendemos com um poema até então amplamente desconhecido que não é realmente uma parte da "Descida de Inanna ao Mundo Inferior", mas está intimamente relacionado a ele, e que, além disso, fala de Dumuzi se transformando em uma gazela em vez de um lagarto. Esta nova composição foi encontrada inscrita em vinte e oito tabuletas e fragmentos datados de cerca de 1750 a.C.; o texto completo só foi recentemente reunido e traduzido, pelo menos provisoriamente, embora algumas das peças tenham sido publicadas décadas atrás. Na verdade, a primeira das peças pertencentes ao mito foi publicada já em 1915 por Hugo Radau, mas continha apenas os últimos versos do poema. Em 1930, o estudioso francês Henri de Genouillac publicou duas peças adicionais que continham os cinquenta e cinco versos iniciais do poema. Mas como toda a parte do meio ainda era desconhecida, não havia como saber que as peças de Radau e De Genouillac pertenciam ao mesmo poema. Em 1953, seis peças adicionais do poema, publicadas e não publicadas, tornaram-se

disponíveis, e Thorkild Jacobsen, do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, foi o primeiro a dar uma ideia de seu enredo e a traduzir várias passagens[49]. Desde então, identifiquei dezenove tabuletas e fragmentos adicionais, dez dos quais estão no Museu do Antigo Oriente em Istambul (cópias dessas dez foram feitas por mim e pelas curadoras da coleção de tabuletas do museu, as senhoras Muazzez Çiğ e Hatice Kizilyay). Como resultado de todos esses novos documentos, foi possível, finalmente, restaurar o texto do poema quase na íntegra e preparar o seguinte esboço de tradução provisória baseado em seu conteúdo.

O mito, que pode ser intitulado "A Morte de Dumuzi", começa com uma passagem introdutória na qual o autor define o tom melancólico da lenda que ele vai contar. Dumuzi, o pastor de Erech, tem uma premonição de que sua morte é iminente e então vai para a planície com olhos lacrimejantes e um lamento amargo:

> Seu coração estava cheio de lágrimas,
> Ele foi para a planície,
> O pastor — seu coração estava cheio de lágrimas,
> Ele foi para a planície,
> Dumuzi — seu coração estava cheio de lágrimas,
> Ele foi para a planície,
> Ele prendeu sua flauta (?) em volta do pescoço,
> Deu voz a um lamento:
>
> Espalhe um lamento, espalhe um lamento,
> Ó planície, espalhe um lamento!
> Ó planície, espalhe um lamento, espalhe um gemido (?)!
> Entre os caranguejos do rio, espalhe um lamento!
> Entre os sapos do rio, espalhe um lamento!
> Que minha mãe pronuncie palavras de (lamento),
> Que minha mãe, Sirtur, pronuncie palavras de (lamento).
> Que minha mãe que não tem (?) cinco pães (?) pronuncie palavras de (lamento) (?),
> Que minha mãe que não tem (?) dez pães (?) pronuncie palavras de (lamento),
> No dia em que eu morrer ela não terá ninguém para cuidar (?) dela,
> Na planície, como minha mãe, que meus olhos derramem lágrimas (?),
> Na planície, como minha irmãzinha, que meus olhos derramem lágrimas.

Dumuzi, continua o poema, então se deita para dormir e tem um sonho sinistro e agourento:

Entre os brotos (?) ele se deitou, entre os brotos (?) ele se deitou,
O pastor — entre os brotos (?) ele se deitou,
Enquanto o pastor se deitava entre os brotos (?), ele teve um sonho,
Ele se levantou — era um sonho, ele tremeu (?) — era uma visão,
Ele esfregou os olhos com as mãos, ele estava atordoado.

O perplexo Dumuzi chama sua irmã, Geshtinanna, a poetisa divina, cantora e intérprete de sonhos, diante dele e conta a ela sua visão portentosa:

Meu sonho, ó minha irmã, meu sonho,
Este é o coração do meu sonho!
Juncos se erguem ao meu redor, juncos brotam ao meu redor,
Um junco em pé sozinho abaixa sua cabeça para mim,
Dos juncos em pé em pares, um é removido para mim,
No bosque arborizado, árvores altas (?) se erguem assustadoramente ao meu redor,
Sobre minha lareira sagrada, água é derramada,
Da minha batedeira sagrada — seu suporte (?) é removido,
A taça sagrada pendurada em um gancho, do gancho caiu,
Meu cajado de pastor desapareceu,
Uma coruja segura um . . . . ,
Um falcão segura um cordeiro em suas garras,
Minhas cabras jovens arrastam suas barbas de lápis-lazúli na poeira.
Minhas ovelhas do curral pisam o chão com seus membros dobrados,
A batedeira está (quebrada), nenhum leite é derramado,
A xícara está (quebrada), Dumuzi não vive mais,
O curral está entregue ao vento.

Geshtinanna também está profundamente perturbada pelo sonho de seu irmão:

Ó meu irmão, seu sonho, que você me contou, não é favorável!
Ó Dumuzi, seu sonho, que você me contou, não é favorável!
Juncos se erguem ao seu redor, juncos brotam ao seu redor.
(Significa que) bandidos se levantarão para atacá-lo.
Um junco em pé sozinho abaixa sua cabeça para você,
(Significa que) sua mãe que o deu à luz abaixará sua cabeça para você,
Dos juncos em pé em pares, um é removido,
(Significa que) eu e você — um de nós será removido . . . .

Geshtinanna prossegue interpretando, item por item, o sonho sombrio e agourento de seu irmão, terminando com um aviso de que os

demônios do mundo inferior, os *gallas*, estão se aproximando dele e que ele deve se esconder imediatamente. Dumuzi concorda e implora à irmã que não conte aos *gallas* sobre seu esconderijo:

Minha amiga, vou me esconder entre as plantas,
Não conte a ninguém sobre meu (esconderijo),
Eu vou me esconder entre as plantas pequenas,
Não conte a ninguém sobre meu (esconderijo),
Eu vou me esconder entre as plantas grandes,
Não conte a ninguém sobre meu (esconderijo).
Eu vou me esconder entre as valas de Arallu,
Não conte a ninguém sobre meu (esconderijo).

Ao que Geshtinanna responde:

Se eu contar seu (esconderijo), que seus cães me devorem,
Os cães pretos, seus cães de "pastoreio",
Os cães selvagens, seus cães de "senhorio",
Que seus cães me devorem.

E assim os *gallas*, as criaturas desumanas que

Não comem comida, não conhecem água,
Não comem farinha polvilhada,
Não bebem água libada,
Não aceitam presentes que apaziguam,
Não se saciam com prazer no seio da esposa,
Não beijam as crianças, o doce . . . . ,

vêm em busca do Dumuzi escondido, mas não conseguem encontra-lo. Eles capturam Geshtinanna e tentam suborná-la para contar-lhes o paradeiro de Dumuzi, mas ela permanece fiel à sua palavra.

Dumuzi, no entanto, retorna à cidade, provavelmente porque teme que os demônios matem sua irmã. Lá, os *gallas* o capturam, o espancam com golpes, socos e chicotadas, amarram suas mãos e braços firmemente e estão prontos para levá-lo para o mundo inferior. Então Dumuzi se volta para o deus-sol, Utu, o irmão de sua esposa, Inanna, com a prece para transformá-lo em uma gazela para que ele possa escapar dos *gallas* e levar sua alma para um lugar conhecido pelo nome de Shubirila (ainda não identificado), ou como o próprio Dumuzi coloca:

Utu, você é o irmão da minha esposa,

Eu sou o marido da sua irmã,
Eu sou aquele que carrega comida para Eanna (templo de Inanna),
Em Erech eu trouxe os presentes de casamento,
Eu beijei os lábios sagrados (?),
Acariciei (?) o colo sagrado, o colo de Inanna —
Transforme minhas mãos nas mãos de uma gazela,
Transforme meus pés nos pés de uma gazela,
Deixe-me escapar dos meus demônios *galla*,
Deixe-me levar minha alma para Shubirila . . . . .

O deus-sol atendeu à prece de Dumuzi; nas palavras do poeta:

Utu recebeu suas lágrimas como um presente,
Como um homem de misericórdia, ele lhe mostrou misericórdia,
Ele transformou suas mãos nas mãos de uma gazela,
Ele transformou seus pés nos pés de uma gazela,
Ele escapou de seus demônios *galla*,
Levou sua alma para Shubirila . . . . .

Infelizmente, os demônios perseguidores o alcançam mais uma vez e o espancam e torturam como antes. Uma segunda vez, portanto, Dumuzi se volta para Utu com a prece para transformá-lo em uma gazela; desta vez, ele deseja levar sua alma para a casa de uma deusa conhecida como "Belili, a velha sábia". Utu responde à sua prece, e Dumuzi chega à casa de Belili, implorando:

Sábia senhora, eu não sou um homem, eu sou o marido de uma deusa,
Da água libada, deixe-me beber um pouco (?),
Da farinha que foi polvilhada, deixe-me comer um pouco (?).

Ele mal teve tempo de comer e beber quando os *gallas* aparecem e o espancam e atormentam pela terceira vez. Novamente Utu o transforma em uma gazela, e ele escapa para o curral de sua irmã, Geshtinanna. Mas tudo em vão; cinco dos *gallas* entram no curral e golpeiam Dumuzi na bochecha com um prego e uma vara, e Dumuzi morre. Ou, para citar os versos melancólicos que encerram o poema:

O primeiro *galla* entra no curral,
Ele bate em Dumuzi na bochecha com um prego perfurante (?),
O segundo entra no curral,
Ele bate em Dumuzi na bochecha com o cajado do pastor,

O terceiro entra no curral,
Da batedeira sagrada, o suporte (?) é removido,
O quarto entra no curral,
A taça pendurada em um gancho, do gancho cai,
O quinto entra no curral,
A batedeira sagrada está (quebrada), nenhum leite é derramado,
A taça está (quebrada), Dumuzi não vive mais
O curral é entregue ao vento.

Assim, Dumuzi chega a um fim trágico, vítima do amor e ódio de Inanna.

Nem todos os mitos de Inanna, no entanto, dizem respeito a Dumuzi. Há um, por exemplo, que relata como a deusa, por meio de trapaça, obteve as leis divinas, os *mes* que governam a humanidade e suas instituições. Este mito é de considerável interesse antropológico porque seu autor achou desejável, em conexão com a história, dar uma lista completa dos *mes* e dividir a civilização como ele a concebeu em mais de cem traços e complexos culturais relacionados às instituições políticas, religiosas e sociais do homem, às artes e ofícios, à música e aos instrumentos musicais e a uma variedade de padrões de comportamento intelectual, emocional e social (ver o início deste Capítulo). Resumidamente esboçado, o enredo deste mito revelador é o seguinte.

Inanna, rainha do céu, a deusa tutelar de Erech, está ansiosa para aumentar o bem-estar e a prosperidade de sua cidade, para torná-la o centro da civilização suméria e, assim, exaltar seu nome e fama. Ela, portanto, decide ir para Eridu, a antiga sede da cultura suméria, onde Enki, o senhor da sabedoria, "que conhece o próprio coração dos deuses", habita em seu abismo aquático, o Abzu; pois Enki tem sob sua responsabilidade todos os decretos divinos que são fundamentais para a civilização. Se ela puder obtê-los, por meios justos ou desonestos, e trazê-los para Erech, sua glória e a dela serão realmente insuperáveis. Ao se aproximar do Abzu de Eridu, Enki — sem dúvida levado por seu charme — chama seu mensageiro Isimud, a quem ele se dirigiu da seguinte forma:

Venha, meu mensageiro Isimud, dê ouvidos às minhas instruções,

Uma palavra que eu direi a você, aceite minha palavra.
A donzela, sozinha, dirigiu seu passo para o Abzu,
Inanna, sozinha, dirigiu seu passo para o Abzu,
Faça a donzela entrar no Abzu de Eridu,
Dê a ela para comer bolo de cevada com manteiga,
Despeje para ela água fria que refresca o coração,
Dê a ela para beber cerveja na “cara do leão”
Na mesa sagrada, a “mesa do céu”,
Diga a Inanna palavras de saudação.

Isimud fez exatamente como ordenado por seu mestre, e Inanna e Enki se sentaram para festejar e banquetear. Depois que seus corações ficaram felizes com a bebida, Enki exclama:

Pelo nome do poder, pelo nome do meu poder,
À sagrada Inanna, minha filha, apresentarei os decretos divinos.

Ele então apresenta, vários de cada vez, os mais de cem decretos divinos que, de acordo com nosso autor, controlam o padrão cultural da civilização. Inanna fica muito feliz em aceitar os presentes oferecidos a ela pelo bêbado Enki. Ela os pega e os carrega em seu "barco do céu", e embarca para Erech com sua preciosa carga. Mas depois que os efeitos do banquete passam, Enki percebe que os *mes* desapareceram de seu lugar habitual. Ele se volta para Isimud, que o informa que ele, o próprio Enki, os apresentou à sua filha, Inanna. Muito chateado, Enki lamenta sua generosidade e decide impedir a todo custo que o "barco do céu" chegue a Erech. Ele, então, envia seu mensageiro junto com um grupo de monstros marinhos para seguir Inanna e seu barco até a primeira das sete estações de parada que estão situadas entre o Abzu de Eridu e Erech. Lá os monstros marinhos devem capturar o "barco do céu" de Inanna; A própria Inanna, entretanto, deve ter permissão para continuar sua jornada para Erech a pé.

Isimud faz o que lhe é ordenado. Ele alcança Inanna e o "barco do céu" e informa a ela que Enki mudou de ideia, e que enquanto ela está livre para ir para Erech, ele terá que pegar o barco e sua preciosa carga e trazê-lo de volta para Erech. Então Inanna repreende Enki severamente por quebrar sua palavra e juramento; ela se volta para seu vizir, o deus Ninshubur, em busca de ajuda, e este último a resgata e ao barco de Isimud e dos monstros marinhos. Enki é persistente; repetidamente ele envia Isimud acompanhado por vários monstros marinhos para capturar o "barco do céu". Mas em cada ocasião Ninshubur vem em socorro de sua senhora. Finalmente Inanna e seu barco chegam em segurança a Erech, onde, em meio ao júbilo e festejos por parte dos habitantes agradecidos, ela libera os preciosos *mes* divinos, um de cada vez.

Em outro mito de Inanna, um mortal desempenha um papel importante; seu enredo é o seguinte: Era uma vez um jardineiro chamado Shukalletuda, cujos esforços diligentes na jardinagem não tinham dado em nada além de fracasso. Embora ele tivesse regado cuidadosamente seus sulcos e canteiros do jardim, as plantas

murcharam; os ventos furiosos atingiram seu rosto com a "poeira das montanhas"; tudo o que ele havia cultivado cuidadosamente ficou desolado. Ele então ergueu seus olhos para o céu estrelado de leste a oeste, estudou os presságios, observou e aprendeu os decretos divinos. Como resultado dessa sabedoria recém-adquirida, ele plantou a árvore *sarbatu* (ainda não identificada) no jardim, uma árvore cuja ampla sombra dura do nascer ao pôr do sol. Como consequência deste antigo experimento de horticultura, o jardim de Shukalletuda floresceu com todos os tipos de vegetação.

Um dia, continua nosso mito, a deusa Inanna, depois de atravessar o céu e a terra, deitou-se para descansar seu corpo cansado não muito longe do jardim de Shukalletuda. Este último, que a espiou da borda de seu jardim, aproveitou o cansaço extremo de Inanna e teve relações sexuais com ela. Quando a manhã chegou e o sol nasceu, Inanna olhou ao redor consternada e determinada a descobrir a todo custo o mortal que havia abusado dela tão vergonhosamente. Ela, portanto, enviou três pragas contra a Suméria. Primeiro, ela encheu todos os poços da terra com sangue, de modo que todos os palmeirais e vinhedos ficaram saturados de sangue. Em seguida, ela enviou ventos destrutivos e tempestades contra a terra. A natureza da terceira praga é incerta, pois as linhas relevantes são muito fragmentadas. Mas, apesar de todas as três pragas, ela não conseguiu localizar seu profanador, pois depois de cada praga Shukalletuda ia até a casa de seu pai e o informava do perigo que corria. O pai aconselhou seu filho a dirigir seus passos para seus irmãos, o "povo de cabeça preta", isto é, o povo da Suméria, e a ficar perto dos centros urbanos. Shukalletuda seguiu esse conselho e, como resultado, Inanna não conseguiu encontrá-lo. Após seu terceiro fracasso, Inanna percebeu amargamente que não era capaz de vingar o ultraje cometido contra ela. Ela então decidiu ir para Eridu, para a casa de Enki, o deus sumério da sabedoria, e pedir seu conselho e ajuda. Aqui, infelizmente, a tabuleta está quebrada e o fim da história permanece desconhecido.

Exceto por referências à humanidade como um todo, os mortais desempenham um papel pequeno nos mitos sumérios. Além do mito de Inanna-Shukalletuda recém-relatado, há apenas um outro mito envolvendo um mortal. Esta é a história do Dilúvio há muito conhecida,

tão importante para estudos bíblicos comparativos. Infelizmente, apenas uma tabuleta inscrita com este mito foi escavada até o momento, e apenas um terço desta tabuleta foi preservada. O início do mito é quebrado, e as primeiras linhas inteligíveis dizem respeito à criação do homem, da vegetação e dos animais; a origem celestial da realeza; a fundação e nomeação de cinco cidades antediluvianas, que são apresentadas a cinco divindades tutelares. Em seguida, aprendemos que várias divindades estão amarguradas e infelizes por causa de uma decisão divina de trazer o dilúvio e destruir a humanidade. Ziusudra, a contraparte suméria do Noé bíblico, é então introduzido na história como um rei piedoso e temente a Deus, que está constantemente atento a revelações divinas em seus sonhos. Ele se posiciona perto de uma parede, onde ouve a voz de uma divindade, provavelmente Enki, informando-o da decisão tomada pela assembleia dos deuses de enviar um dilúvio e "destruir a semente da humanidade".

O mito deve ter continuado com instruções detalhadas para Ziusudra construir um barco gigante e assim se salvar da destruição. Mas tudo isso está faltando por causa de uma grande quebra na tabuleta. Quando o texto é retomado, descobrimos que o dilúvio em toda a sua violência já chegou à terra, onde se enfurece por sete dias e noites. No final desse tempo, o deus-sol, Utu, surge iluminando e aquecendo a terra, e Ziusudra se prostra diante dele e lhe oferece sacrifícios de bois e ovelhas. As últimas linhas existentes do mito descrevem a deificação de Ziusudra: depois que ele se ajoelhou diante de An e Enlil, ele recebeu "vida como um deus" e foi transportado para Dilmun, a terra-paraíso divina, "o lugar onde o sol nasce".

Finalmente, há um mito sumério que, embora preocupado apenas com deuses, fornece um pouco de informação antropológica interessante sobre o povo beduíno semita conhecido como Martu. A ação da história ocorre na cidade de Ninab, "a cidade das cidades, a terra do principado" (uma localidade ainda não identificada na Mesopotâmia). Sua divindade tutelar parece ter sido Martu, deus dos semitas nômades que viviam a oeste e sudoeste da Suméria. O tempo relativo em que os eventos ocorreram é descrito em frases enigmáticas, contraditórias e obscuras, assim:

Ninab existia, Aktab não existia,
A coroa sagrada existia, a tiara sagrada não existia,
As ervas sagradas existiam, o nitrum sagrado não existia . . . .

O deus Martu, a história começa, decide se casar. Ele pede à mãe que lhe arranje uma esposa, mas ela o aconselha a ir e encontrar uma esposa por si mesmo de acordo com seu próprio desejo. Um dia, a história continua, uma grande festa é preparada em Ninab, e para ela comparece Numushda, a divindade tutelar de Kazallu, uma cidade-estado localizada ao nordeste da Suméria, junto com sua esposa e filha. Durante esta festa, Martu realiza algum feito heróico que traz alegria ao coração de Numushda. Como recompensa, este último oferece a Martu prata e lápis-lazúli. Mas Martu se recusa; é a mão da filha de Numushda que ele reivindica como recompensa. Numushda consente de bom grado; assim também sua filha, embora suas amigas tentem dissuadi-la de se casar com Martu, já que ele não passa de um beduíno bárbaro que vive em tendas e come carne crua e "não é levado para sepultamento quando morre".

CAPÍTULO V

V. LITERATURA: As *Belles-Lettres* Sumérias

A arqueologia, e particularmente o estudo do passado mais antigo do homem, conforme revelado nas escavações de cidades e vilas há muito enterradas, é, por sua própria natureza, geralmente mais relacionada com sua cultura material; pois os achados arqueológicos consistem principalmente de tijolos e paredes, ferramentas e armas, potes e vasos, joias e ornamentos, estátuas e estatuetas, em suma, todos os produtos variados das artes e ofícios do homem. Sua vida social, sua organização econômica e administrativa, e particularmente sua visão de mundo, conforme revelada em suas crenças religiosas, ideais éticos e anseios espirituais — tudo isso geralmente tem que ser inferido e conjecturado a partir dos artefatos, arquitetura e costumes funerários e então apenas na forma de generalizações vagas e tênues.

A situação é bem diferente, no entanto, no caso da Suméria, pois aqui os escavadores desenterraram dezenas de milhares de tabuletas de argila inscritas — literalmente — e estas acrescentam o que pode ser chamado de uma dimensão em profundidade à nossa compreensão de sua cultura antiga. Com certeza, mais de 90 por cento do material inscrito consiste em documentos econômicos e administrativos, e estes, significativos como são em muitos aspectos, revelam relativamente pouco da vida espiritual dos antigos mesopotâmicos. Mas um grupo de cerca de cinco mil tabuletas e fragmentos inscritos com uma variedade de obras literárias também foram desenterrados, e estes nos permitem penetrar até certo ponto em seus próprios corações e almas.

Os documentos literários sumérios variam em tamanho, desde grandes tabuletas de doze colunas inscritas com centenas de linhas de

texto escritas de forma compacta até pequenos fragmentos contendo não mais do que algumas linhas quebradas. As composições literárias inscritas nessas tabuletas e fragmentos chegam a centenas e variam em extensão, de hinos de menos de cinquenta linhas a mitos de quase mil linhas. Como produtos literários, as belas-letras sumérias têm uma posição de destaque entre as criações estéticas do homem civilizado. Elas se comparam favoravelmente com as antigas obras-primas gregas e hebraicas e, como elas, refletem a vida espiritual e intelectual de uma cultura antiga que, de outra forma, teria permanecido amplamente desconhecida. Sua importância para uma avaliação adequada do desenvolvimento cultural e espiritual de todo o antigo Oriente Próximo dificilmente pode ser subestimado. Os acádios, isto é, os assírios e babilônios, tomaram essas obras quase em sua totalidade. Os hititas, hurritas e cananeus traduziram algumas delas para suas próprias línguas e, sem dúvida, as imitaram amplamente. A forma e o conteúdo das obras literárias hebraicas e, até certo ponto, até mesmo aquelas dos antigos gregos, foram profundamente influenciadas por elas. Como praticamente a mais antiga literatura escrita de qualquer quantidade significativa já descoberta — e há pouca probabilidade de que quaisquer documentos literários mais antigos sejam descobertos fora da Suméria — ela fornece material de fonte novo, rico e inesperado para todos os estudantes da história da civilização e particularmente em seus aspectos mais intelectuais e espirituais. Não é demais prever que a recuperação e restauração desta literatura antiga e há muito esquecida acabará sendo uma grande contribuição do nosso século para as ciências humanas.

A realização completa desta tarefa, no entanto, não é uma questão simples; ela envolverá os esforços devotados de mais de um estudioso cuneiforme nos próximos anos. Pois, embora a maioria dos documentos tenha sido escavada há mais de meio século, a junção e tradução das composições inscritas neles fizeram relativamente pouco progresso nas décadas seguintes. Em primeiro lugar, a grande maioria das tabuletas saiu do solo quebrada e fragmentada, de modo que apenas uma pequena parte de seu conteúdo original foi preservada em cada uma. Compensando esta desvantagem está o fato de que os antigos escribas comumente preparavam mais de uma cópia de qualquer composição. As

quebras e lacunas em uma tabuleta ou fragmento podem, portanto, frequentemente ser restauradas a partir de peças duplicadas que podem estar elas mesmas em uma condição fragmentária. Para aproveitar ao máximo essas duplicações e as restaurações resultantes, no entanto, é essencial ter disponível o máximo possível do material de origem em formato publicado. Isso frequentemente envolve copiar à mão centenas e centenas de tabuletas e fragmentos minuciosamente inscritos — uma tarefa tediosa e demorada. Não é de se admirar que até 1935 apenas uma porção relativamente pequena dos documentos literários sumérios tenha sido disponibilizada, apesar dos esforços dedicados de vários cuneiformistas: Hermann Hilprecht, Hugo Radau, Stephen Langdon, L. W. King, Heinrich Zimmern, Cyril Gadd, Henri de Genouillac, Arno Poebel e Edward Chiera.

Para ajudar a remediar essa situação, pelo menos até certo ponto, dediquei boa parte dos últimos vinte e cinco anos ao estudo e à cópia de textos literários sumérios não publicados espalhados por museus do mundo todo. Mas com o passar dos anos, tornou-se cada vez mais evidente que essa não era uma tarefa de uma só pessoa. Felizmente, nos últimos anos, vários outros acadêmicos demonstraram muito zelo e entusiasmo para colaborar no trabalho: Edmund Gordon, cujo trabalho sobre os provérbios e fábulas sumérios abriu novas perspectivas no estudo comparativo da literatura de sabedoria mundial; Muazzez Çiğ e Hatice Kizilyay, as duas curadoras dos arquivos de tabuletas do Museu do Antigo Oriente em Istambul; Inez Bernhardt, assistente de guarda da Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller em Jena; Eugen Bergmann do Pontifício Instituto Bíblico em Roma; e George Castellino, da Universidade de Roma. Ao mesmo tempo, J. A. Van Dijk, um antigo aluno de De Liagre Bohl e Adam Falkenstein, tem copiado e publicado textos literários sumérios do Museu do Iraque em Bagdá e da coleção Bohl em Leiden. E o mais importante, várias centenas de tabuletas literárias sumérias escavadas entre 1923 e 1934 em Ur, que foram copiados ao longo dos anos por Cyril Gadd, serão publicados em um futuro próximo. No geral, portanto, há todos os motivos para esperar que a próxima década testemunhe a publicação de uma parte muito

considerável das tabuletas e fragmentos literários sumérios que estão espalhados há anos nos armários do museu.

Mas como a experiência demonstrou — e como mais de um sumerologista testemunhará — mesmo tendo o texto completo de uma obra literária suméria, sua tradução e interpretação apresentam uma tarefa difícil e, às vezes, de cortar o coração. Com certeza, os problemas gramaticais sumérios não são mais tão agudos quanto antigamente. O progresso gratificante neste campo se deve em grande parte aos esforços passados de cuneiformistas eminentes como Delitzsch, Thureau-Dangin, Zimmern, Landsberger e, em especial, Poebel; é *Grundzüge der sumerischen Grammatik* de Poebel, publicado há cerca de quarenta anos, que colocou a gramática suméria em uma base científica. E mesmo na área difícil e complicada da lexicologia suméria, as contribuições de estudiosos como Falkenstein, Jacobsen e Landsberger — para citar apenas os gigantes — mostram a promessa de superar alguns dos obstáculos mais frustrantes. No geral, portanto, é provável que, como resultado das contribuições cumulativas e cooperativas dos cuneiformistas do mundo todo, a próxima década verá traduções relativamente confiáveis de um bom número das composições literárias mais significativas. Quaisquer que sejam os aprimoramentos, estamos atualmente em posição de lançar um novo olhar sobre a literatura suméria como um todo, e é isso que o inventário geral a seguir pretende fazer.

A literatura suméria, como o termo é usado neste capítulo, é restrita a mitos e contos épicos, hinos, lamentações e documentos historiográficos, ensaios longos e curtos, preceitos e provérbios; não incluirá as inscrições votivas, algumas das quais têm grande valor literário (ver, por exemplo, as inscrições históricas de Entemena no Apêndice C), os textos da reforma de Urukagina (ver também o Apêndice C) e as cartas políticas, algumas das quais têm um sabor literário distinto (ver o Apêndice F). Os sumérios provavelmente começaram a escrever suas obras literárias por volta de 2500 a.C., embora os primeiros documentos literários até agora recuperados datem de cerca de 2400 a.C. Assim, aproximadamente a partir deste século, temos um cilindro de argila sólida inscrito com vinte colunas de texto,

consistindo de um mito relacionado principalmente ao deus Enlil e sua irmã, Ninhursag, e mencionando uma série de outras divindades sumérias bem conhecidas, como Inanna, Enki e Ninurta. Seu enredo ainda é ininteligível, mas as palavras, frases e motivos individuais mostram um estilo e estrutura bastante semelhantes aos dos mitos de uma época muito posterior, indicando que houve um desenvolvimento literário contínuo e consistente ao longo dos séculos. Isso é corroborado por outro mito fragmentário que remonta ao século XXIV a.C., que diz respeito ao filho de Enlil, Ishkur, o deus da tempestade, que havia desaparecido no mundo inferior. O angustiado Enlil reuniu os Anunnaki para pedir ajuda, e provavelmente foi a raposa que se ofereceu para trazer Ishkur de volta do mundo inferior — um motivo que lembra até certo ponto aquele encontrado no mito do Paraíso (ver Capítulo IV).

Há todas as razões para acreditar que a produção literária dos sumérios aumentou com os séculos, e sem dúvida eles se tornaram bastante prolíficos no final do terceiro milênio, quando a escola suméria, a *edubba*, passou a ser um importante centro de educação e aprendizado. A atividade literária suméria continuou inabalável durante a primeira metade do segundo milênio, apesar do fato de que a língua acadiana semítica estava gradualmente substituindo o sumério como a língua falada da Suméria. Nas *edubbas* que funcionaram durante todo o período da dinastia de Isin e até mais tarde, as obras literárias anteriores foram estudadas, copiadas e redigidas com entusiasmo e zelo, com cuidado e compreensão; quase todas as obras literárias que chegaram até nós são conhecidas apenas por cópias e redações preparadas no que pode ser descrito como as *edubbas* pós-sumérias. Os professores, poetas e escritores, provavelmente de língua acadiana, que constituíam o quadro de funcionários da *edubba*, até criaram novas obras literárias sumérias, embora, naturalmente, estas seguissem de perto a forma e o conteúdo, o estilo e o padrão dos documentos anteriores.

Muitas vezes se supõe que as obras literárias sumérias eram todas de caráter religioso e que foram compostas e redigidas por sacerdotes para uso no culto do templo. Com a possível exceção dos hinos e lamentações, no entanto, essa visão dificilmente é sustentável. Para começar com os casos mais claros, é absurdo supor que os provérbios e

preceitos sumérios ou os ensaios que tratam da *edubba* foram escritos por sacerdotes ou para sacerdotes ou que tiveram qualquer conexão com o culto do templo. Nem há qualquer fundamento válido para supor que os contos épicos que giram em torno dos heróis Enmerkar, Lugalbanda e Gilgamesh foram compostos por sacerdotes e recitados no templo. Mesmo no caso dos mitos, não há indicação de que eles foram recitados em serviços do templo e festivais religiosos, pelo menos não durante os períodos sumério e pós-sumério inicial. Somente no caso dos hinos e lamentações parece razoável supor que eles foram compostos e redigidos para uso no culto do templo. Mas visto que — como sabemos pelas escavações recentes em Nippur — as tabuletas inscritas com os hinos e lamentações, assim como aquelas inscritas com outros tipos de obras literárias, não foram encontradas nos templos, mas no bairro dos escribas, elas também devem ter sido compostas na *edubba* pelos membros de sua equipe, e não pelos sacerdotes; na verdade, os sacerdotes não são mencionados em nenhum lugar como parte do pessoal da *edubba*.

Uma figura-chave no crescimento e desenvolvimento da literatura suméria foi o *nar*, ou menestrel, que é mencionado às vezes lado a lado com o *dubsar*, ou escriba, nos hinos, mas sua conexão com a *edubba* não é clara. Em qualquer caso, é provável que alguns dos graduados da *edubba* se especializaram em composições religiosas e foram para o serviço do templo para ensinar seus cantores e músicos e para supervisionar e conduzir as liturgias de culto, enquanto outros, especializados em mitos e contos épicos, foram para o serviço do palácio para treinar e instruir os cantores e artistas da corte. Até agora, no entanto, não temos praticamente nenhuma informação sobre esses e outros detalhes semelhantes. Nem sabemos nada sobre a audiência ou o "público leitor" para quem as obras literárias sumérias foram preparadas. Apenas o graduado da *edubba* sabia ler e escrever, e é pouco provável que até mesmo os "homens de letras" tivessem o hábito de colecionar bibliotecas particulares para seu próprio entretenimento e instrução pessoal. Com toda a probabilidade, era apenas a *edubba* que tinha uma biblioteca, embora o templo e o palácio também pudessem ter possuído cópias dessas composições que eram relevantes para suas

necessidades. É pouco provável que obras literárias sumérias tenham permanecido nas "prateleiras" da *edubba* apenas para fins de ensino; de uma forma ou de outra, elas devem ter sido usadas em reuniões públicas, quer ocorressem no templo, na corte ou no mercado.

A grande maioria das obras literárias sumérias é escrita em forma poética. O uso de métrica e rima era totalmente desconhecido, mas praticamente todos os outros recursos e técnicas poéticas eram utilizados com muita habilidade, imaginação e efeito: repetição e paralelismo, metáfora e símile, coro e refrão. A poesia narrativa suméria — os mitos e contos épicos, por exemplo — abunda em epítetos estáticos, repetições longas, fórmulas recorrentes, descrições detalhadas e vagarosas e discursos longos. Em geral, os escritores sumérios mostram pouco sentimento por uma estrutura de enredo intimamente unida; suas narrativas tendem a divagar de forma bastante desconectada e monótona, com pouca variação em ênfase e tom. Acima de tudo, os poetas sumérios parecem não ter um senso de clímax. Os mitos e contos épicos mostram pouca intensificação de emoção e suspense à medida que a história avança, e frequentemente o último episódio não é mais comovente ou estimulante do que o primeiro. Nem há qualquer tentativa de caracterização e delineamento psicológico; os deuses e heróis das narrativas sumérias tendem a ser tipos genéricos, em vez de indivíduos reconhecíveis de carne e osso.

Os mitos sumérios atualmente recuperados, total ou em grande parte, são os seguintes: dois nos quais o deus Enlil desempenha o papel principal ("Enlil e Ninlil: O Nascimento do Deus-Lua" e "A Criação da Picareta"); quatro nos quais o deus Enki é o protagonista ("Enki e a Ordem Mundial: A Organização da Terra e Seus Processos Culturais", "Enki e Ninhursag: Um Mito do Paraíso Sumério", "Enki e Nimmah: A Criação do Homem" e "Enki e Eridu"); um sobre o deus-lua, Nanna-Sin ("A Jornada de Nanna-Sin a Nippur"); dois sobre Ninurta ("Os Feitos e Façanhas de Ninurta" e "O Retorno de Ninurta a Nippur"); cinco em que a deusa Inanna desempenha o papel principal ("Inanna e Enki: A Transferência das Artes da Civilização de Eridu para Erech", "Inanna e a Subjugação do Monte Ebih", "Inanna e Shukalletuda: O Pecado Mortal do Jardineiro", "A Descida de Inanna ao Mundo Inferior" e "Inanna e

Bilulu"); quatro em que o deus Dumuzi desempenha o papel principal ("Dumuzi e Enkimdu: O Cortejo de Inanna", "O Casamento de Dumuzi e Inanna", "A Morte de Dumuzi" e "Dumuzi e os *Gallas*"); um mito relacionado com o deus dos Martu, os beduínos semíticos que viviam a oeste da Suméria ("O Casamento de Martu"); o mito do Dilúvio, no qual a identidade da divindade (ou divindades) que era o principal protagonista ainda é incerta. (Os enredos de quase todos esses mitos foram esboçados no capítulo IV.)

Um excelente exemplo da imaginação mitológica suméria é "Enki e a Ordem Mundial", um dos mais longos e mais bem preservados poemas narrativos sumérios existentes. Seu texto consiste em aproximadamente 466 linhas, das quais cerca de 375 são preservadas inteiramente ou em grande parte; as lacunas mais sérias estão no início e no fim e na passagem entre as linhas 146 e 181. O texto disponível, que é aqui apresentado (em inglês) pela primeira vez, foi reunido a partir de doze tabuletas e fragmentos. A mais importante delas — a peça que provou ser básica para a restauração do poema — é uma tabuleta de oito colunas originalmente inscrita com o texto inteiro do mito. Infelizmente, esta tabuleta foi encontrada quebrada em duas partes quando desenterrada nas antigas escavações de Nippur, tendo uma ido parar no Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia na Filadélfia e a outra na Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller em Jena. O texto desta última só ficou disponível recentemente, e a restauração atual foi possível graças à junção dos textos das duas peças há muito separadas e distantes.

O poeta começa com um hino de louvor dirigido a Enki; parte dele está destruída e ininteligível, mas, falando de modo geral, parece exaltar Enki como o deus que zela pelo universo e é responsável pela fertilidade do campo e da fazenda, do rebanho e da manada. Segue-se um hino de autoglorificação colocado na boca de Enki, que se refere principalmente ao seu relacionamento com as principais divindades do panteão — An, Enlil e Nintu — e com os deuses menores conhecidos coletivamente como Anunnaki. Após uma breve passagem de cinco linhas que fala da homenagem dos Anunnaki a Enki, Enki, pela segunda vez, profere um hino de autoglorificação. Ele começa exaltando o poder de sua palavra e

comando em prover a terra com prosperidade e abundância, continua com uma descrição do esplendor de seu santuário, o Abzu, e conclui com um relato de sua jornada alegre sobre o pântano em seu barco *magur*, "o íbex do Abzu", após o qual as terras de Magan, Dilmun e Meluhha enviaram seus barcos pesadamente carregados para Nippur com ricos presentes para Enlil. Na conclusão desta passagem, os Anunnaki mais uma vez prestam homenagem a Enki, particularmente como o deus que "cavalga" e controla os *mes*.

O poeta agora introduz uma descrição dos vários ritos e rituais realizados por alguns dos mais importantes sacerdotes e líderes espirituais da Suméria no santuário Abzu de Enki (infelizmente, a segunda metade da passagem está quase totalmente destruída). Seguindo outra passagem fragmentária cujo conteúdo é completamente incerto, encontramos Enki mais uma vez em seu barco. Com as criaturas marinhas prestando homenagem a ele e a abundância prevalecendo no universo, Enki está pronto para "decretar os destinos". Começando, como era de se esperar, com a própria Suméria, ele primeiro a exalta como uma terra escolhida e sagrada com *mes* "elevados" e "intocáveis" onde os deuses fizeram sua morada, então abençoa seus rebanhos e manadas, seus templos e santuários. Da Suméria, ele prossegue para Ur, que ele exalta em linguagem elevada e metafórica e abençoa com prosperidade e proeminência. De Ur ele vai para Meluhha e a abençoa generosamente com árvores e juncos, bois e pássaros, ouro, estanho e bronze. Ele então prossegue para suprir Dilmun com algumas de suas necessidades. Ele é muito desfavoravelmente disposto em relação a Elam e Marhashi, duas terras inimigas, e prossegue para destruí-las e levar todas as suas riquezas. Para os nômades Martu, por outro lado, ele "oferece gado como um presente".

Enki agora se afasta dos destinos das várias terras que compunham o mundo habitado pelos sumérios e realiza uma série de atos vitais para a fertilidade e produtividade da Terra. Voltando-se primeiro para suas características físicas, ele começa enchendo o Tigre com água fresca, brilhante e vivificante — na imagem metafórica concreta de nosso poeta, Enki é um touro desenfreado que acasala com o rio imaginado como uma vaca selvagem. Então, para garantir que o Tigre e o Eufrates

funcionem corretamente, ele nomeia o deus Enbilulu, o "inspetor do canal", para cuidar deles. Enki então "convoca" o pântano e o canavial, fornece peixes e juncos e nomeia uma divindade "que ama peixes" — o nome é ilegível — para cuidar deles. Ele então se volta para o mar, ergue ali seu santuário sagrado e coloca a deusa Nanshe, "a senhora de Sirara", no comando. Finalmente, Enki "convoca" a chuva vivificante, faz com que ela caia na terra e a confia ao deus da tempestade, Ishkur.

Enki agora se volta para a terra e suas necessidades. Ele cuida do arado, canga e sulco, e nomeia o agricultor de Enlil, Enkimdu, como sua divindade. Em seguida, ele "convoca" o campo cultivado, produz seus variados grãos e vegetais, e torna a deusa dos grãos, Ashnan, responsável por eles. Ele olha para a picareta e o molde de tijolos, e coloca o deus dos tijolos, Kulla, no comando deles. Ele estabelece as fundações, alinha os tijolos, constrói "a casa" e coloca Mushdamma, "o grande construtor de Enlil", no comando.

Deixando a fazenda, o campo e a casa, Enki se volta para a planície alta, com vegetação verde, multiplica seu gado e torna Sumugan, "o rei das montanhas", responsável por eles. Em seguida, ele ergue estábulos e currais, fornece a eles a melhor gordura e leite e nomeia o deus-pastor, Dumuzi, para cuidar deles. Enki então fixa as "fronteiras" — presumivelmente de cidades e estados — estabelece marcos fronteiriços e coloca o deus-sol, Utu, "encarregado de todo o universo". Finalmente, Enki cuida "daquilo que é tarefa da mulher", em particular a tecelagem de tecidos, e coloca Uttu, a deusa da vestimenta, no comando.

O mito agora toma um rumo bastante inesperado, quando o poeta apresenta a ambiciosa e agressiva Inanna, que sente que foi menosprezada e deixada sem quaisquer poderes e prerrogativas especiais. Ela reclama amargamente que a irmã de Enlil, Aruru (também conhecida como Nintu), e suas deusas-irmãs (de Inanna), Ninisinna, Ninmug, Nidaba e Nanshe, receberam seus respectivos poderes e insígnias, mas que ela, Inanna, foi escolhida para receber um tratamento negligente e sem consideração. Enki parece ser colocado na defensiva pela reclamação de Inanna, e ele tenta acalmá-la apontando que ela realmente tem um número considerável de insígnias e prerrogativas

especiais — “o cajado, o bastão e a vara do pastoreio”; respostas oraculares em relação à guerra e à batalha; a tecelagem e a modelagem de vestimentas; o poder de destruir o “indestrutível” e fazer o “imperecível” perecer — bem como dando a ela uma bênção especial. Após a resposta de Enki a Inanna, o poema provavelmente fecha com uma passagem de hinário de quatro linhas para Enki.

Aqui está a tradução do texto existente do poema (omitindo, no entanto, as primeiras cinquenta linhas, que são fragmentárias e obscuras).

Quando pai Enki surge na Terra semeada, ela produz semente fecunda,
Quando Nudimmud surge de minha ovelha fecunda, ela dá à luz o cordeiro,
Quando ele surge de minha vaca “semeada”, ela dá à luz o bezerro fecundo,
Quando ele surge de minha cabra fecunda, ela dá à luz o cabrito fecundo,
Quando você sai para o campo, para o campo cultivado,
Você empilha pilhas e montes na planície alta,
[Você] . . . . o . . . da terra ressequida (?).

Enki, o rei do Abzu, avassalador (?) em sua majestade, fala com autoridade:
“Meu pai, o rei do universo,
Me trouxe à existência no universo,
Meu ancestral, o rei de todas as terras,
Reuniu todos os *mes*, colocou os *mes* em minha mão.
Do Ekur, a casa de Enlil,
Eu trouxe as artes para meu Abzu de Eridu.
Eu sou a semente fecunda, gerada pelo grande boi selvagem, eu sou o filho primogênito de An,
Eu sou a ‘grande tempestade’ que sai do ‘grande abaixo’, eu sou o senhor da Terra,
Eu sou o *gugal* dos chefes, eu sou o pai de todas as terras,
Eu sou o ‘irmão mais velho’ dos deuses, eu sou aquele que traz prosperidade total,
Eu sou o guardião dos registros do céu e da terra,
Eu sou o ouvido e a mente (?) de todas as terras,
Eu sou aquele que dirige a justiça com o rei An no trono de An,
Eu sou aquele que decreta os destinos com Enlil na ‘montanha da sabedoria’
Ele colocou em minha mão o decreto dos destinos do ‘lugar onde o sol nasce’
Eu sou aquele a quem Nintu presta a devida homenagem,
Eu sou aquele que foi chamado de bom nome por Ninhursag,
Eu sou o líder dos Anunnaki,
Eu sou aquele que nasceu como o primeiro filho do sagrado An”

Depois que o senhor proferiu (?) (sua) exaltação,
Depois que o próprio grande príncipe pronunciou (seu) louvor,
Os Anunnaki vieram diante dele em oração e súplica:

“Senhor que dirige as artes,
Que toma decisões, o glorificado; Enki, louvado seja!”

Pela segunda vez, por causa de (sua) grande alegria,
Enki, o rei do Abzu, em sua majestade, fala com autoridade:
“Eu sou o senhor, sou aquele cujo comando é inquestionável, sou o primeiro em todas as coisas,
Ao meu comando, os estábulos foram construídos, os currais foram fechados,
Quando me aproximei do céu, uma chuva de prosperidade caiu do céu,
Quando me aproximei da terra, houve uma grande inundação,
Quando me aproximei de seus prados verdes,
Pilhas e montes foram [empilhados] à minha palavra.
Eu construí minha [casa], um santuário, em um lugar imaculado, eu a chamei com um bom nome,
Eu construí meu Abzu, um santuário, em um . . , eu decretei um bom destino para ele.
Minha casa — sua sombra se [estende] sobre o pântano da ‘cobra’,
Minha casa, sua . . usa uma barba entre (?) as plantas de ‘mel’ (?),
As [carpas] acenam o rabo para ele nos (?) pequenos [juncos *gizi*],
Os pardais gorjeiam em seus . . . . ,
Os portadores de armas . . . . ,
Entraram em meu, de Enki,
Os *abgals*,
. . [em meu] . . . . ,
O *enkum* (e) [*ninkum*] . . . ,
Canções e feitiços sagrados encheram meu Abzu.
Meu barco *magur*, a coroa, o ‘íbex do Abzu’ —
Em seu meio há uma grande alegria.
O pântano elevado, meu lugar favorito,
Estende seus braços para mim, dobra (?) seu pescoço para mim.
Os *karas* puxaram (?) nos (?) remos em uníssono,
Cantam doces canções, fazem o rio se alegrar,
Nimgirsig, o *ensi* do meu [barco *magur*],
[Segurou] o cetro de ouro [para mim],
Eu, Enki, [. . .] o barco ‘íbex do Abzu’,
Eu, o senhor . . . . ,
Eu, Enki, ...
(Aproximadamente cinco linhas faltando)
. . . . eu vigiaria seus cedros verdes (?).
As [terras] de Magan e Dilmun
Olharam para mim, [Enki],
Atracaram (?) o barco Dilmun ao chão (?),
Carregaram o barco Magan bem alto;
O barco *magilum* de Meluhha
Transporta ouro e prata,
Leva-os para Nippur para Enlil, o [rei] de todas as terras.”

Para aqueles que não tem cidade, para aqueles que não tem cavalo,
Os Martu — Enki [deu-lhes] gado como presente,

Para o [grande] príncipe que surgiu em sua [terra],
Os Anunnaki prestam a devida homenagem:
"Senhor que cavalga os grandes *mes*, os imaculados *mes*,
Que tem o comando do universo, o abrangente,
Que recebeu o elevado 'disco solar' em Eridu, o lugar imaculado, o lugar mais [precioso],
Enki, senhor do universo, louvado seja!"

Para o grande príncipe que surge em sua terra,
Todos os senhores, todos os chefes,
Os sacerdotes de encantamento de Eridu,
Os "portadores de linho" da Suméria,
Realizam os ritos de encantamento do Abzu,
Para (?) pai Enki no (?) lugar sagrado . . . eles dirigem (seus) passos,
Na câmara de dormir, a casa principesca, eles . . . . ,
Nas estações eles chamam [seu] nome,
No (?) santuário elevado, o Abzu [eles] . . . . ,
(Cerca de trinta e seis linhas destruídas em grande parte)
Nimgirsig, o *ensi* do barco *magur*,
[Segurou] o cetro sagrado para o senhor,
Os *lahamas* do mar, os cinquenta, fizeram [homenagem a ele],
Os *karas* . . como um pássaro . . do céu.
Para o rei que se ergue orgulhosamente, pai Enki — na Terra —
O grande príncipe que surgiu em sua Terra,
A prosperidade prevaleceu no universo.

Enki decreta (o) destino:
"Suméria, 'grande montanha', 'país do universo',
Cheio de luz duradoura, distribuindo do nascer ao pôr do sol os *mes* para (?) o povo,
Seus *mes* são *mes* elevados, inalcançáveis.
Seu coração é profundo, insondável.
O duradouro . . , seu lugar onde os deuses dão à luz, é intocável como o céu.
O rei nascido, que veste o diadema duradouro —
O senhor nascido, que coloca a coroa na cabeça —
Seu senhor (é) um senhor honrado, ele se senta com o rei An no trono de An,
Seu rei — a 'grande montanha', Pai Enlil,
Tem . . ele para você por (?) o . . . como um cedro — o pai de todas as terras.
Os Anunnaki, os grandes deuses,
Fizeram (sua) morada em seu meio,
Comem (sua) comida em sua árvore *giguna* plantada.
Casa, Suméria, que seus muitos estábulos sejam construídos, que suas vacas se multipliquem,
Que seus muitos currais sejam erguidos, que suas ovelhas sejam inúmeras,
Que sua *giguna* alcance o céu,
Que seu duradouro . . levante a mão para o céu.
Que os Anunnaki decretem os destinos em seu meio."

Ele seguiu para o santuário de Ur,

Enki, o rei do Abzu decreta (seu) destino:
“Cidade que possui tudo o que é apropriado, boi firme lavado pela água,
Trono de abundância das terras altas, joelhos abertos, verde como uma montanha,
Bosque de Hashur, amplo de sombra — ele que é nobre por causa de seu poder (?)
Direcionou seus perfeitos *mes*,
Enlil, a ‘grande montanha’, pronunciou seu nome elevado no universo.
Cidade cujo destino foi decretado por Enlil,
Santuário de Ur, que você suba alto no céu.”

Ele prosseguiu para a terra de Meluhha,
Enki, o rei do Abzu, [decreta] (seu) destino:
“Terra negra, que suas árvores sejam árvores grandes, [que sejam] árvores [das ‘terras altas’],
[Que] seus tronos [encham] o palácio real,
Que seus juncos sejam juncos grandes, [que sejam] juncos [das ‘terras altas’],
Que os heróis no local da batalha [empunhem suas] armas,
Que seus touros sejam touros grandes, [que sejam] touros das ‘terras altas’,
[Que] seu grito [seja] o grito de touros selvagens [das ‘terras altas’],
Que os grandes *mes* dos deuses sejam aperfeiçoados [para você],
[Que] todos os pássaros *dar* das terras altas [usem] barbas [de cornalina],
[Que] seu pássaro seja o pássaro *Haia*,
[Que] seus chamados encham o palácio real,
Que sua prata seja ouro,
Que o teu cobre seja estanho (e) bronze,
Terra, que tudo que você tem, [aumente],
Que seu povo [se multiplique],
Que seu . . avance como um touro para o seu . . . .”

. . . a cidade de . .
Ele tratou (?) como . . . . ,
Ele limpou, purificou a [terra de] Dilmun,
Colocou Ninsikilla no comando dela,
Ele deu . . como . . , ele come seu peixe . . ,
Ele deu . . como um campo cultivado (?), ele come suas [tâmaras].

. . . . Elam e Marhashi . . . .
Estavam (destinados) a serem devorados como peixe . . ;
O rei (presumivelmente Enki) a quem Enlil havia concedido poder,
Destruiu suas casas, destruiu suas muralhas.
Seu (precioso) metal (e) lápis-lazúli (e o conteúdo de) seus armazéns,
Ele trouxe a Nippur para Enlil — o rei de todas as terras.
Para aqueles que não constroem nenhuma cidade, não constroem nenhuma [casa] —
Os Martu — Enki ofereceu gado como um presente.

Depois que ele tirou o olhar daquele lugar,
Depois que pai Enki o ergueu sobre o Eufrates,
Ele se levantou orgulhosamente como um touro rampante,
Ele ergue o pênis, ejacula,

Encheu o Tigre com água cintilante.
A vaca selvagem mugindo por seus filhotes nos pastos, o estábulo (infestado) de escorpiões,
[O Tigre] está [rendido] a ele, como (a) um touro rampante.
Ele ergueu o pênis, trouxe o presente de núpcias,
Trouxe alegria ao Tigre, como um grande touro selvagem [se alegrou (?)] ao dar à luz.
A água que ele trouxe é água cintilante, seu "vinho" tem um sabor doce,
O grão que ele trouxe, seu grão de cores variadas, o povo o come,
Ele [encheu] o Ekur, a casa de Enlil, com posses,
Com Enki, Enlil se alegra, Nippur [está encantada].

O senhor [colocou] o diadema para o senhorio,
[Colocou] a tiara duradoura para a realeza,
Pisou o chão em seu lado esquerdo,
A prosperidade saiu da terra para ele.
Depois que ele colocou o cetro em sua mão direita,
Para fazer com que o Tigre e o Eufrates "comessem juntos",
Ele que pronuncia a palavra . . de acordo com seu . . ,
Que carrega como gordura (?) o "joelho principesco" do palácio,
O senhor que decreta o destino, Enki, o rei do Abzu,
Enbilulu, o inspetor de canais,
[Enki] colocou no comando deles.

Ele chamou [o pântano], colocou nele carpas (e) peixes . . ,
Ele chamou [o canavial], colocou nele juncos . . (e) juncos verdes,
(Duas linhas faltando)
[Ele lançou] um desafio . . . . .
Aquele que [cuja rede] nenhum peixe escapa,
Cuja armadilha nenhum . . escapa,
Cuja armadilha nenhum pássaro escapa,
. . . . o filho de . . . .
. . (um deus) que ama peixes, Enki colocou no comando deles.

O senhor ergueu um santuário (?), um santuário sagrado — seu coração é profundo,
Erigiu um santuário (?) no mar, um santuário sagrado — seu coração é profundo,
O santuário — seu meio é um . . . , conhecido por ninguém,
O [santuário] — sua estação é a . . constelação iku,
O elevado [santuário], acima (?) — sua estação fica ao lado (?) da constelação da "carruagem",
O . . . do trêmulo . . . . seus *melams* . . ,
Os Anunnaki vieram com [oração] e súplica,
Para Enki no [E-engurra eles montaram] um trono elevado.
Para o senhor . . . . ,
O grande príncipe . . , nascido . . . .
O pássaro *u* . . . . ,
(Aproximadamente três linhas faltando)
Ela que é a grande inundação das profundezas,
Que . . o pássaro *izi* e o peixe *lil*, que . . . . ,

Que sai do *zipag*, que . . . . ,
A Senhora de Sirara, Mãe [Nanshe],
Do mar, de seus . . . . lugares,
Enki colocou no comando.

Ele chamou as "duas" chuvas, a água do céu,
Alinhou-as como nuvens flutuantes,
Conduz (?) seu (?) sopro (de vida) em direção ao horizonte,
Transforma (?) o solo montanhoso em campos.
Aquele que cavalga a grande tempestade, que ataca com raios (?),
Que fecha o relâmpago sagrado no "coração" do céu,
O filho de An, o *gugal* do universo,
Ishkur . . , o filho de An,
Enki colocou no comando deles.

Ele dirigiu o arado e a . . canga,
O grande príncipe Enki colocou os "bois com chifres" no . . . ,
Abriu os sulcos sagrados,
Fez crescer o grão no campo cultivado.
O senhor que usa o diadema, o ornamento da planície alta,
O robusto, o agricultor de Enlil,
Enkimdu, o homem da vala e do dique,
Enki colocou no comando deles.

O senhor chamou o campo cultivado, colocou ali o grão de cores variadas,
Amontoou seu . . grão, o grão de cores variadas, o grão *innuba* em pilhas,
Enki multiplicou as pilhas e os montes,
Com Enlil ele espalhou amplamente a abundância na Terra,
Ela cuja cabeça e flanco são salpicados, cujo rosto é coberto de mel,
A Senhora, a procriadora, o vigor da Terra, a "vida" dos cabeças pretas,
Ashnan, o pão nutritivo, o pão de todos,
Enki colocou no comando deles.

O grande príncipe colocou a "malha" na picareta, então direcionou o molde,
Fertilizou o *agarin*, como boa manteiga,
Aquele cujo esmagador dente de picareta é uma cobra devorando os cadáveres, ... ,
Cujo ... molde direciona . . . . ,
Kulla, o fabricante de tijolos (?) da Terra,
Enki colocou no comando deles.

Ele construiu estábulos, conduziu os ritos de purificação,
Erigiu currais de ovelhas, colocou lá a melhor gordura e leite,
Trouxe alegria aos refeitórios dos deuses,
Na planície semelhante à vegetação, ele fez a prosperidade prevalecer.
O provedor confiável de Eanna, o "amigo de An",
O amado genro do valente Sin, o marido da sagrada Inanna,
A Senhora, a rainha de todos os grandes *mes*,
Que repetidamente comanda a procriação do . . . de Kullab,

Dumuzi, o divino "*ushumgal* do céu", o "amigo de An",
Enki colocou no [comando] deles.

Ele encheu o Ekur, a casa de Enlil, com posses,
Enlil se alegrou com Enki, Nippur ficou alegre,
Ele fixou as fronteiras, demarcou-as com marcos fronteiriços,
Enki, para os Anunnaki,
Erigiu moradias nas cidades,
Estabeleceu campos para eles no interior,
O herói, o touro que sai do *hashur* (floresta), que ruge como um leão,
O valente Utu, o touro que se mantém seguro, que orgulhosamente exibe (seu) poder,
O pai da grande cidade, o lugar onde o sol nasce, o [grande arauto] do sagrado An,
O juiz, o tomador de decisões dos deuses,
Que usa uma barba de lápis-lazúli, que sai do céu sagrado, o . . . . céu,
Utu, o filho nascido de [Ningal],
Enki colocou no comando de todo o universo.

Ele teceu o pano de *mug*, dirigiu os *temenos*,
Enki aperfeiçoou grandemente o que é tarefa da mulher,
Para Enki, o povo [. .] a vestimenta . . . ,
A tiara (?) do palácio, a joia do rei,
Uttu, a mulher confiável, a alegre (?),
Enki colocou no comando deles.

Então, sozinha, tendo abandonado o cetro real,
A mulher, ... , a donzela Inanna tendo abandonado o cetro real,
Inanna, para [seu pai] Enki,
[Entra] na casa, (e) [humildemente] chorando, profere uma queixa (?):
"Os Anunnaki, os grandes deuses — seu destino
Enlil colocou firmemente em suas [mãos],
Eu, a mulher, [por que] você tratou de forma diferente?
Eu, a sagrada Inanna, — onde estão [minhas prerrogativas]?
Aruru, [irmã de Enlil],
Nintu, a rainha da [montanha],
Tomou para si sua sagrada . . . . de senhorio,
Levou para si sua ... (e) alhos-porós,
Tomou para si seu vaso de *sila* incrustado (?) de lápis-lazúli,
Levou para si seu sagrado e imaculado vaso *ala*,
Ela se tornou a parteira da Terra,
Em suas mãos você colocou o rei nascido, o senhor nascido.
Aquela minha irmã, a sagrada Ninisinna,
Tomou para si o brilhante *unu*, tornou-se a hierodula de An.
Posicionou-se perto de (?) An, profere a palavra que preenche (?) o céu,
Aquela minha irmã, a sagrada Ninmug,
Tomou para si o cinzel de ouro (e) o martelo de prata (?),
Tornou-se a [metalúrgica] (?) da Terra,
O rei [nascido], que usa o diadema duradouro,
O senhor nascido que coloca a coroa na cabeça, você colocou [nas mãos dela].

Aquela minha irmã, a sagrada Nidaba,
Tomou para si a vara de medição,
Prendeu a linha (?) de lápis-lazúli em seu braço,
Proclama todos os grandes *mes*,
Fixa as fronteiras, marca os limites — tornou-se a escriba da Terra,
Em suas mãos você colocou o alimento dos deuses.
Nanshe, a senhora, o senhor — o sagrado . . . caiu a seus pés,
Ela se tornou a inspetora de pesca no [mar] (?),
Peixe, saboroso, (e) . . . . ,
Ela apresenta a seu [pai] Enlil.
Eu, a [mulher], por que você tratou de forma diferente?
Eu, a sagrada Inanna, onde estão minhas prerrogativas?"
(Aproximadamente três linhas faltando)
. . . . seu . . . . ,
"Enlil (?) . . . . ,
Adornou (?) para você . . . . ,
Você veste ali a vestimenta (?) 'poder do jovem rapaz',
Você estabeleceu as palavras ditas pelo 'jovem rapaz',
Você assumiu o comando do cajado, do bastão e da vara do pastoreio,
Donzela Inanna, o que, o que mais devemos acrescentar a você?
Batalhas (e) investidas — de seus oráculos (?) você dá (?) a resposta,
No meio deles, você que não é um pássaro *arabu*, dá (?) uma resposta (?) desfavorável,
Você torce o fio reto,
Donzela Inanna, você endireita o fio [torcido],
Você confeccionou trajes, você veste trajes,
Você teceu pano de *mug*, você enfiou a linha no fuso,
Em sua . . . você tingiu (?) o fio multicolorido . .
Inanna, você . . . . ,
Inanna, você destruiu o indestrutível, você fez perecer o imperecível,
Você silenciou (?) o . . com o 'tambor (?) de lamento,'
Donzela Inanna, você devolveu os hinos *tigi* e *adab* para sua casa.
Você cujos admiradores não se cansam de olhar,
Donzela Inanna, você que não conhece os poços distantes, as cordas de amarração (?);
Eis que a inundação chegou, a Terra foi restaurada,
A inundação de Enlil chegou, a Terra foi restaurada."
(Dezenove linhas restantes destruídas)

Para passar do mito ao épico, há pouca dúvida de que os sumérios foram os primeiros a criar e desenvolver uma literatura épica consistindo de contos narrativos heroicos em forma poética. Não diferente dos antigos gregos, hindus e teutões, os sumérios, no início de sua história, passaram por uma era heroica, cujo espírito e temperamento são revelados em sua tradição épica. Impulsionados pela sede de fama e glória tão característica da casta dominante durante uma era heroica, os

reis e príncipes tinham os bardos e menestréis ligados à corte improvisando poemas narrativos ou baladas celebrando suas aventuras e conquistas. Essas canções épicas, com o objetivo principal de proporcionar entretenimento nos frequentes banquetes e festas da corte, eram provavelmente recitadas com o acompanhamento da harpa ou lira.

Nenhuma das primeiras baladas heroicas chegou até nós em sua forma original, pois foram compostas quando a escrita era totalmente desconhecida ou, se conhecida, de pouca importância para o menestrel analfabeto. Os épicos escritos das eras heroicas grega, indiana e teutônica datam de épocas muito posteriores e consistem em redações literárias altamente complexas nas quais apenas um número selecionado das primeiras baladas são incorporadas e, então, apenas em uma forma altamente modificada e expandida. Na Suméria, há boas razões para acreditar, algumas das primeiras baladas heroicas foram inscritas pela primeira vez em argila quinhentos a seiscentos anos após o fim da era heroica, após considerável transformação nas mãos de sacerdotes e escribas.

Os épicos escritos das três eras heroicas indo-europeias mostram uma série de semelhanças impressionantes na forma e no conteúdo. Em primeiro lugar, todos os poemas tratam principalmente de indivíduos. São os feitos e façanhas do herói individual que são a principal preocupação do poeta, não o destino ou a glória do estado ou da comunidade. Embora haja pouca dúvida de que algumas das aventuras celebradas nos poemas têm uma base histórica, o poeta não hesita em introduzir motivos e convenções não históricos, como noções exageradas dos poderes do herói, sonhos sinistros e a presença de seres divinos. Estilisticamente, os poemas épicos são abundantes em epítetos estáticos, repetições longas, fórmulas recorrentes e descrições que tendem a ser excessivamente lúdicas e extraordinariamente detalhadas. Particularmente digno de nota é o fato de que todos os épicos dedicam espaço considerável aos discursos. Em todos esses aspectos, o padrão da poesia heroica suméria é semelhante ao padrão do material épico grego, indiano e teutônico.

Certamente, há uma série de diferenças marcantes entre o material épico sumério e o dos gregos, indianos e teutões. Por exemplo, os

poemas épicos sumérios consistem em contos individuais e desconexos de duração variável, cada um dos quais é restrito a um único episódio. Não há nenhuma tentativa de articular e integrar esses episódios em uma unidade maior. Há relativamente pouca caracterização e penetração psicológica no material sumério. Os heróis tendem a ser tipos genéricos, mais ou menos indiferenciados, ao invés de indivíduos altamente personalizados. Além disso, os incidentes e motivos da trama são relatados em um estilo bastante estático e convencional; há pouco daquele movimento plástico e expressivo que caracteriza poemas como a Ilíada e a Odisseia de Homero. As mulheres mortais dificilmente desempenham algum papel na literatura épica suméria, embora tenham um papel muito importante na literatura épica indo-europeia. Finalmente, em matéria de técnica, o poeta sumério obtém seus efeitos rítmicos principalmente de variações nos padrões de repetição. Ele não faz nenhum uso da métrica ou versos uniformes tão característicos dos épicos indo-europeus. Apesar de todas essas diferenças, é pouco provável que um gênero literário, tão individual em estilo e técnica como a poesia narrativa, tenha sido criado e desenvolvido independentemente e em diferentes intervalos de tempo na Suméria, Grécia, Índia e Norte da Europa. Como a poesia narrativa dos sumérios é, sem dúvida, a mais antiga das quatro, é possível que tenha sido na Suméria que o gênero épico tenha se originado e que se espalhou de lá para as terras vizinhas.

Até o momento, podemos identificar nove contos épicos sumérios, variando em extensão de pouco mais de cem a mais de seiscentas linhas. Dois deles giram em torno do herói Enmerkar e podem ser intitulados “Enmerkar e o Lorde de Aratta” e “Enmerkar e Ensukushsiranna” (ver o Capítulo VIII). Dois centram-se no herói Lugalbanda, embora Enmerkar desempenhe um papel em ambos; estes podem ser intitulados “Lugalbanda e Enmerkar” e “Lugalbanda e o Monte Hurrum” (ver também o Capítulo VIII). Os cinco restantes giram em torno do mais conhecido dos heróis sumérios, o herói sem igual de todo o antigo Oriente Próximo, Gilgamesh. Dois deles, “Gilgamesh e o Touro do Céu” e “A Morte de Gilgamesh”, são bastante fragmentários. Os três restantes estão quase completamente preservados. Estes são “Gilgamesh e Agga de Kish”, que celebra Gilgamesh como patriota e “defensor do reino”;

“Gilgamesh e a Terra dos Vivos”, no qual ele desempenha o papel do aventureiro matador de dragões, o primeiro São Jorge humano, por assim dizer; e “Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Inferior”, que o descreve como um indivíduo surpreendentemente complicado: cavalheiresco, ousado, tirânico, leal, queixoso, oracular e curioso.

O poema “Gilgamesh e Agga” é o mais curto de todos os contos épicos sumérios; consiste em não mais do que cento e quinze linhas. Breve como é, no entanto, é de interesse bastante incomum. Seu enredo lida apenas com seres humanos; diferentemente de todos os outros contos épicos sumérios, ele não introduz motivos mitológicos envolvendo nenhuma das divindades sumérias. O poema é historicamente significativo; ele lança uma nova luz considerável sobre a luta inicial das cidades-estados sumérias. Finalmente, ele registra a convocação da primeira assembleia política do homem, um “congresso bicameral”, que supostamente ocorreu há quase cinco mil anos.

Como fica claro na história da Suméria esboçada no capítulo II, a Suméria, como a Grécia de uma época muito posterior, consistia em várias cidades-estados competindo pela supremacia sobre a terra como um todo. Uma das mais importantes delas era Kish, uma cidade que, de acordo com a lenda suméria, recebeu a “realeza” do céu imediatamente após o Dilúvio. Mas com o tempo, outra cidade-estado, Erech, continuou ganhando influência e poder até ameaçar a supremacia de Kish na Suméria. Agga, o último governante da dinastia de Kish, percebeu o perigo e enviou um ultimato a Erech, onde Gilgamesh era seu “senhor”, para se submeter a Kish ou sofrer as consequências. Nosso poema começa com a chegada dos enviados de Agga levando seu ultimato a Gilgamesh e aos erechitas.

Gilgamesh está determinado a lutar em vez de se submeter a Agga, mas primeiro ele tem que obter a aprovação dos cidadãos de Erech. Ele, portanto, vai perante a “assembleia convocada dos anciãos de sua cidade” com o apelo urgente de não se submeter a Kish, mas pegar em armas e lutar pela vitória. Os “senadores” têm uma opinião diferente, no entanto; eles preferem se submeter a Kish e desfrutar da paz. Esta decisão é decepcionante para Gilgamesh. Ele, então, vai perante a “assembleia convocada dos homens (mais jovens) de sua cidade” e

repete seu apelo. Em uma longa declaração terminando com um elogio a Gilgamesh e palavras encorajadoras de vitória, a assembleia de "homens" declara guerra e independência. Gilgamesh agora está muito satisfeito e, em um discurso para seu fiel servo e companheiro constante, Enkidu, mostra-se altamente confiante em uma vitória sobre Agga.

Em um tempo muito curto, no entanto — ou como o poeta coloca, "os dias não foram cinco, os dias não foram dez" — Agga sitia Erech, e apesar de suas palavras corajosas, os erechitas ficam desconcertados. Gilgamesh então se volta para os "heróis" de Erech e pede um voluntário para ir diante de Agga. Um deles, de nome Birhurturre, prontamente se oferece; ele está confiante de que pode confundir o julgamento de Agga.

Mas assim que Birhurturre passa pelos portões da cidade, ele é capturado, espancado e levado diante de Agga. Ele começa a falar com Agga, mas antes de terminar, outro herói, Zabardibunugga, sobe a muralha. Ao vê-lo, Agga pergunta a Birhurturre se aquele é seu rei, Gilgamesh. Quando Birhurturre responde negativamente, Agga e seus homens não se impressionam e continuam a sitiar Erech e torturar Birhurturre.

Agora, no entanto, o próprio Gilgamesh sobe a muralha para encontrar Agga cara a cara, e os erechitas ficam aterrorizados. Ao saber de Birhurturre que este, finalmente, é seu rei, Agga, devidamente impressionado, abandona o cerco. Gilgamesh então profere calorosos agradecimentos a Agga por sua atitude generosa, e o poema termina com um hino de louvor a Gilgamesh como o salvador de Erech.

Aqui está uma tradução provisória do conto épico; grande parte dele ainda é incerto e obscuro, mas isso é o melhor que pode ser feito com ele no momento:

> O enviado de Agga, filho de Enmebaraggesi
> Seguiu de Kish para Gilgamesh em Erech,
> O senhor Gilgamesh perante os anciãos de sua cidade
> Expõe o assunto, procura a palavra para eles:
>
> "Para completar os poços, para completar todos os poços da terra,
> Para completar os poços, as pequenas tigelas da terra,

Para cavar os poços, para completar as cordas de fixação —
Não vamos nos submeter à casa de Kish, vamos golpeá-la com armas."

A assembleia convocada dos anciãos de sua cidade
Responde a Gilgamesh:
"Para completar os poços, para completar todos os poços da terra,
Para completar os poços, as pequenas tigelas da terra,
Para cavar os poços, para completar as cordas de fixação —
Vamos nos submeter à casa de Kish, não vamos golpeá-la com armas."

Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Que realiza feitos heroicos para Inanna,
Não levou a sério a palavra dos anciãos de sua cidade.

Uma segunda vez Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Diante dos "homens" de sua cidade, expõe o assunto, procura a palavra para eles:
"Para completar os poços, para completar todos os poços da terra,
Para completar os poços, as pequenas tigelas da terra,
Para cavar os poços, para completar as cordas de fixação,
Não se submetam à casa de Kish, vamos golpeá-la com armas."

A assembleia convocada dos "homens" de sua cidade responde a Gilgamesh:
"Daqueles que estão de pé, aqueles que se sentam,
Daqueles que foram criados com os filhos dos reis,
Daqueles que pressionam a coxa do jumento,
Quem tem seu espírito?
Não se submeta à casa de Kish, vamos golpeá-la com armas,
Erech, a obra dos deuses,
Eanna, a casa que ascende do céu —
São os grandes deuses que modelaram suas partes —
Suas grandes muralhas tocando as nuvens,
Sua elevada morada estabelecida por An,
Você cuidou — você, rei e herói.
Conquistador, príncipe amado de An,
Como você deve temer sua vinda!
Esse exército é pequeno, sua retaguarda cambaleia,
Seus homens não erguem os olhos."

Então, Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Com as palavras dos "homens" de sua cidade seu coração se alegrou, seu espírito se iluminou,
Ele disse ao seu servo Enkidu:
"Agora, então, que a ferramenta (pacífica) seja posta de lado pela violência da batalha,
Que as armas de batalha retornem ao seu lado,
Que elas tragam medo e terror,
Ele, quando vier — meu grande medo cairá sobre ele,
Seu julgamento será confundido, seu conselho será dissipado."

Os dias não foram cinco, os dias não foram dez,
Agga, o filho de Enmebaraggesi sitiou Erech,
Erech — seu julgamento foi confundido.

Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Diz aos seus heróis:
“Meus heróis com rostos escurecidos,
Quem tem coração, que se levante, eu o faria ir para Agga.”

Birhurturre, o chefe, ao seu rei,
Ao seu rei, profere louvores:
“Eu irei para Agga,
Seu julgamento será confundido, seu conselho será dissipado.”

Birhurturre saiu pelo portão da cidade —
Quando Birhurturre saiu pelo portão da cidade,
Eles o agarraram nas portas do portão da cidade,
Birhurturre — eles esmagaram sua carne,
Trouxeram-no diante de Agga,
Agga fala com ele.

Ele não havia terminado suas palavras, quando Zabardibunugga subiu a muralha.
Agga o viu,
Diz a Birhurturre:
“Escravo, aquele homem é seu rei?”

“Aquele homem não é meu rei,
Gostaria que aquele homem fosse meu rei,
Que fosse sua testa forte,
Que fosse seu rosto de bisão,
Que fosse sua barba de lápis-lazúli,
Que fossem seus dedos graciosos.”

A multidão não se levantou, a multidão não foi embora,
A multidão não rolou na poeira,
Os estrangeiros, todos eles, não se sentiram sobrecarregados,
Os nativos não morderam a poeira,
As proas dos barcos longos não foram cortadas,
Agga, o rei de Kish, não conteve suas tropas,
Eles o golpearam, eles o espancaram,
Birhurturre — eles esmagaram sua carne.

Seguindo Zabardibunugga, Gilgamesh sobe a muralha,
O terror caiu sobre os jovens e velhos de Kullab,
As portas do portão da cidade — eles se posicionaram nas proximidades,
Enkidu saiu pelo portão da cidade,
Gilgamesh espiou por cima da muralha,
Agga o viu:

“Escravo, aquele homem é seu rei?”
“Aquele homem é realmente meu rei.”

Mal ele disse isso,
A multidão se levantou, a multidão foi embora,
A multidão rolou na poeira.
Os estrangeiros, todos eles, se sentiram sobrecarregados,
Os nativos morderam a poeira,
As proas dos barcos longos foram cortadas,
Agga, o rei de Kish, conteve suas tropas.

Gilgamesh, o senhor de Kullab,
Diz a Agga:
“Agga, meu tenente, Agga, meu capitão,
Agga, meu general do exército,
Agga, você encheu de grãos o pássaro em fuga,
Agga, você me deu fôlego, você me deu vida,
Agga, você trouxe o fugitivo para seu colo.”

Erech, a obra do deus,
As grandes muralhas tocando o céu,
A morada elevada estabelecida por An,
Você cuidou, você, rei e herói,
Conquistador, príncipe amado de An,
Agga o libertou por causa de Kish,
Perante Utu, ele lhe devolveu o favor das épocas passados,
Gilgamesh, senhor de Kullab,
Seu louvor é bom.

O tema motivador do segundo dos nossos contos épicos de Gilgamesh, “Gilgamesh e a Terra dos Vivos”, é a ansiedade do homem perante a morte e sua exaltação na noção de um nome imortal. O enredo do conto é construído em torno de motivos e incidentes pertinentes ao seu humor predominantemente pungente. Estilisticamente, seu tom sombrio é sustentado e intensificado por uma seleção habilidosa dos padrões variados de repetição e paralelismo. Várias das passagens cruciais ainda são obscuras. Atualmente, a história pode ser reconstruída da seguinte forma.

O senhor Gilgamesh está sobrecarregado e oprimido com o pensamento da morte. Seu coração está dolorido e seu espírito pesado ao ver homens morrerem e perecerem em Erech; “cadáveres flutuando nas águas do rio”. Percebendo amargamente que, como todos os mortais, ele

também deve morrer mais cedo ou mais tarde, ele está determinado a pelo menos “levantar um nome” para si mesmo antes de chegar ao seu fim predestinado. Ele, portanto, decide viajar para a distante “Terra dos Vivos” para derrubar seus famosos cedros e trazê-los para Erech.

Tendo isto em mente, Gilgamesh informa Enkidu, seu servo leal, sobre seu empreendimento proposto. Este último o aconselha primeiro a informar ao deus-sol, Utu, de seu plano, pois é Utu quem está encarregado da “Terra dos Vivos”. Agindo de acordo com esse conselho, Gilgamesh traz oferendas a Utu e implora por seu apoio à jornada planejada.

A princípio, Utu é cético em relação às qualificações de Gilgamesh, mas Gilgamesh é insistente e repete seu apelo em uma linguagem mais persuasiva. Utu então tem pena dele e promete imobilizar os sete demônios dos fenômenos climáticos que poderiam ameaçar Gilgamesh em sua jornada. Muito feliz, Gilgamesh reúne cinquenta voluntários de Erech — homens solteiros que não têm nem “casa” nem “mãe” e que estão prontos para segui-lo aonde quer que ele vá. Depois de ter as armas de bronze e madeira preparadas para si e seus companheiros, ele e seus seguidores partem de Erech para a “Terra dos Vivos”.

No curso de sua jornada, eles cruzam sete montanhas, mas é somente quando cruzam a sétima que Gilgamesh encontra “o cedro de seu coração”. Ele o derruba com seu machado, e Enkidu corta seus galhos enquanto seus seguidores os amontoam em um monte. Mas esse ato despertou e perturbou Huwawa, o monstro que guarda a “Terra dos Vivos”, e ele consegue fazer Gilgamesh cair em um sono pesado ou coma do qual ele só é despertado após tempo e esforço consideráveis.

Completamente despertado deste atraso inesperado, Gilgamesh jura por sua mãe, a deusa Ninsun, e por seu pai, o herói divino Lugalbanda, que não retornará a Erech até que tenha vencido o monstro Huwawa, seja ele homem ou deus. Enkidu implora para que ele volte, pois ele viu esse monstro assustador e tem certeza de que ninguém pode resistir ao seu ataque. Mas Gilgamesh não terá nenhuma dessas cautelas. Convencido de que se eles apenas ficarem juntos nenhum mal poderá

acontecer a eles, ele ordena que Enkidu afaste o medo e siga em frente com ele.

O monstro, no entanto, está espionando de sua casa de cedro e faz esforços frenéticos para expulsar Gilgamesh. Mas este último se recusa a se assustar e parece tentar tranquilizar Huwawa com a declaração enganosa de que está lhe trazendo presentes. De qualquer forma, encontramos Gilgamesh derrubando as sete árvores que impedem o acesso à câmara interna de Huwawa, enquanto seus companheiros cortam seus galhos e os arrumam em feixes no sopé da montanha.

Gilgamesh agora está cara a cara com Huwawa. Ele lhe dá um tapa gentil na bochecha, joga um brinco de nariz sobre ele e amarra uma corda em sua volta. Então Huwawa implora em lágrimas ao deus-sol, Utu, e se humilha diante de Gilgamesh em um esforço para obter sua liberdade. Gilgamesh realmente tem pena dele e, em frases semelhantes a enigmas, sugere a Enkidu que Huwawa seja libertado. Mas Enkidu adverte contra tais ações generosas como insensatas e perigosas. Quando o indignado Huwawa faz uma réplica insultuosa contra Enkidu, este último corta seu pescoço.

Os dois heróis agora trazem a cabeça decepada de Huwawa diante de Enlil, o rei dos deuses, ansiosos, sem dúvida, por aprovação e recompensa divinas. Mas quando Enlil vê a cabeça decepada de Huwawa, ele profere uma maldição que parece condená-los a uma peregrinação eterna sobre montanhas e planícies, chamuscadas pelo sol escaldante. Então, talvez como uma proteção contra as montanhas e florestas e as feras selvagens que rondam nelas, Enlil presenteia Gilgamesh com o que talvez sejam sete raios divinos, conhecidos em sumério como *melam*. E com essa nota um tanto obscura e ambivalente, o poema chega ao fim. Uma tradução do poema diz o seguinte:

> O senhor voltou sua mente para a “Terra dos Vivos”,
> O senhor Gilgamesh voltou sua mente para a “Terra dos Vivos”,
> Ele diz ao seu servo Enkidu:
> “Enkidu, tijolo e selo ainda não trouxeram o fim predestinado,
> Eu entraria na ‘terra’, estabeleceria meu nome,
> Nos lugares onde os nomes foram levantados, eu levantaria meu nome,
> Nos lugares onde os nomes não foram levantados,

Eu levantaria os nomes dos deuses,”

Seu servo Enkidu responde a ele:
“Meu mestre, se você entrar na ‘terra’, informe Utu,
Informe Utu, o valente Utu,
A ‘terra’, é Utu encarregado dela,
A terra do cedro derrubado, é o valente Utu encarregado dela,
Informe Utu.”

Gilgamesh colocou as mãos em um cabrito todo branco,
Pressionou contra o peito um cabrito mosqueado como oferenda,
Colocou em sua mão o cetro de prata de seu comando,
Diz ao celestial Utu:
“Utu, eu entraria na ‘terra’, seja meu aliado,
Eu entraria na terra do cedro derrubado, seja meu aliado.”
O celestial Utu diz a ele:
“É verdade que você é um guerreiro principesco, mas o que você é para a ‘terra’?”

“Utu, uma palavra eu gostaria de falar a você, minha palavra a seu ouvido!
Eu gostaria que ela chegasse até você, dê ouvidos a ela!
Na minha cidade o homem morre, oprimido é o coração,
O homem perece, pesado é o coração,
Eu espreitei por cima da muralha,
Vi os cadáveres flutuando nas águas do rio,
Quanto a mim, eu também serei servido assim, realmente é assim?
O homem, o mais alto, não pode alcançar o céu,
O homem, o mais largo, não pode cobrir a terra.
Tijolo e selo ainda não trouxeram o fim predestinado,
Eu entraria na ‘terra’, estabeleceria meu nome,
Nos lugares onde os nomes foram levantados, eu levantaria meu nome,
Nos lugares onde os nomes não foram levantados, eu levantaria os nomes dos deuses.

Utu aceitou suas lágrimas como uma oferenda,
Como um homem de misericórdia, ele mostrou misericórdia a ele,
Os sete heróis dos fenômenos climáticos, os filhos de uma mãe,
Ele trouxe para as cavernas das montanhas.

Quem derrubou o cedro, ficou cheio de alegria,
O senhor Gilgamesh ficou cheio de alegria,
Mobilizou sua cidade como um homem,
Reuniu (seus homens) como companheiros gêmeos;
“Quem tem uma casa, para sua casa!
Quem tem uma mãe, para sua mãe!
Que os homens solteiros que fariam como eu, fiquem ao meu lado!”

Quem tinha uma casa, para sua casa!
Quem tinha uma mãe, para sua mãe!
Homens solteiros que fariam como ele, cinquenta, ficaram ao seu lado.

Ele dirigiu seu passo para a casa dos ferreiros,
Forjou a espada, o machado esmagador, seu "poder do céu",
Ele dirigiu seu passo para as florestas negras da planície,
Abateu o salgueiro, a macieira e a árvore de buxo,
Os filhos de sua cidade que o acompanhavam os tomaram em suas mãos,
Os sete demônios dos fenômenos climáticos foram levados para as cavernas das montanhas,
Eles atravessaram a primeira montanha,
Ele não encontrou o cedro de seu coração,
Depois que eles atravessaram a sétima montanha,
Ele encontrou o cedro de seu coração.

(Aqui, várias linhas estão destruídas, e não está claro o que aconteceu. Talvez Huwawa tenha se dado conta da derrubada do cedro e tenha enviado um sono profundo contra Gilgamesh. Em qualquer caso, quando o texto se torna inteligível novamente, encontramos alguém, provavelmente Enkidu, tentando despertar Gilgamesh de seu sono.)

Ele o toca, ele não se levanta,
Ele fala com ele, ele não responde,
"Quem está dormindo, quem está dormindo,
Gilgamesh, senhor, filho de Kullab,
Por quanto tempo você dormirá?
A terra ficou escura, está cheia de sombras,
O crepúsculo trouxe sua (fraca) luz,
Utu foi com a cabeça erguida para sua mãe, Ningal,
Ó Gilgamesh, por quanto tempo você dormirá?
Não deixe que os filhos de sua cidade que o acompanharam
Fiquem esperando por você no sopé da montanha,
Não deixe que sua mãe que lhe deu à luz
Seja expulsa para a praça da cidade.

Ele prestou muita atenção,
Cobriu-se com sua "palavra de heroísmo" como se fosse uma vestimenta,
Estendeu sobre seu peito a vestimenta de trinta shekels que carregava em sua mão,
Ergueu-se na "grande terra" como um touro,
Mordeu a poeira, sujou os dentes:
"Pela vida de Ninsun, minha mãe que me deu à luz,
Do sagrado Lugalbanda, meu pai,
Que eu me torne como alguém que se senta para ser admirado no joelho de Ninsun, minha mãe que me deu à luz."

Uma segunda vez, além disso, ele lhe diz:
"Pela vida de Ninsun, minha mãe que me deu à luz,

Do sagrado Lugalbanda, meu pai,
Até que eu tenha derrotado aquele ‘sujeito’, seja ele um homem,
Até que eu o tenha derrotado, seja ele um deus,
Não voltarei para a cidade meu passo voltado para a ‘terra’.

O servo fiel implorou, agarrou-se à vida,
Responde ao seu mestre:
“Meu mestre, você que não viu aquele ‘sujeito’ não está aterrorizado,
Eu que vi aquele ‘sujeito, estou aterrorizado,
O guerreiro, seus dentes são dentes de um dragão,
Seu rosto é o rosto de um leão,
Seu rugido é a água da enchente que avança com fúria,
De sua fronte devoradora de canaviais, ninguém escapa.
Meu mestre, viaje para a terra,
Eu viajarei para a cidade,
Contarei à sua mãe sobre sua glória,
Deixa-a gritar em gargalhadas,
Então contarei a ela sobre sua morte,
Deixa-a derramar lágrimas amargas.”

“Por mim, outro não morrerá,
O barco carregado não afundará,
O pano de três camadas não será cortado,
Na parede ninguém será subjugado,
Casa e cabana, o fogo não destruirá,
Você apenas me ajude, eu o ajudarei,
O que pode nos acontecer?
Depois que ele afundou, depois que ele afundou,
Depois que o barco Magan afundou,
Depois que o barco ‘Poder de Magilum’ afundou,
Todos os vivos habitam no ‘barco dos vivos’.
Venha, vamos em frente, vamos lançar os olhos sobre ele!
Se quando formos em frente,
Houver medo, houver medo, volte!
Houver terror, houver terror, volte!”

“Como seu coração deseja! Venha, vamos em frente!”

Quando eles ainda não tinham chegado a uma distância de um quarto de milha,
Huwawa ficou perto de sua casa de cedro,
Fixou seus olhos nele, os olhos da morte,
Lançou sua cabeça contra ele, a cabeça coberta de culpa,
Gritou contra ele um grito aterrorizante.
Gilgamesh — seus tendões, seus pés tremeram,
Ele ficou com medo,
Ele não voltou atrás no caminho trilhado.

Ele (Huwawa) se ergueu em seus enormes pés com garras,

Jogou-se para um lado e para o outro:
“De juba grossa, que veste a vestimenta *uluhha*,
Principesco, deleite dos deuses,
Touro irado, resoluto na batalha,
Que deixou orgulhosa a mãe que deu à luz a você,
Que deixou orgulhosa a ama que amamentou você, bebê no colo,
Não tenha medo, coloque a mão no chão.”

Gilgamesh não colocou a mão no chão e disse:
“Pela vida de Ninsun, minha mãe que me deu à luz,
Do sagrado Lugalbanda, meu pai,
Você sabe bem quem vive na ‘terra’,
Para seus pés pequenos, fiz pequenos sapatos,
Para seus pés grandes, fiz grandes sapatos.”

Ele mesmo (Gilgamesh) arrancou o primeiro,
Os filhos de sua cidade que o acompanharam,
Cortaram os galhos, juntaram-nos em feixes,
Colocaram-nos no sopé da montanha,
Depois que ele mesmo terminou o sétimo, ele se aproximou de sua câmara,
Pressionou-o contra sua parede como a cobra do “cais do vinho”,
Deu um tapa em sua bochecha como se estivesse forçando um beijo nele,
Amarrou uma argola no nariz nele, como um boi capturado,
Prendeu uma corda em seus braços como um guerreiro capturado.

Huwawa — seus dentes tremeram,
Ele apertou a mão do senhor Gilgamesh:
“Gostaria de dizer uma palavra a Utu.”
“Utu, não conheço a mãe que me deu à luz,
Não conheço o pai que me criou,
A ‘terra’ me deu à luz, você me criou.”

Ele rogou a Gilgamesh pelo Céu, Terra e Mundo Inferior,
Pegou-o pela mão, prostrou-se diante dele.

Então o principesco Gilgamesh — seu coração teve pena dele,
Ele disse a Enkidu, seu servo:
“Enkidu, deixe o pássaro capturado ir para sua casa,
Deixe o guerreiro capturado retornar ao seio de sua mãe.”

Enkidu responde a Gilgamesh:
“O mais alto que não tem julgamento,
O destino devorará — O destino que não conhece distinções.
Se o pássaro capturado for para sua casa,
O guerreiro capturado retornar ao seio de sua mãe,
Você não retornará à cidade de sua mãe que lhe deu à luz.”

Huwawa diz a Enkidu:

"Homem contratado, faminto, sedento e obsequioso,
Por que você falou mal de mim para ele?"

Quando ele assim falou,
Enkidu, em sua raiva, cortou seu pescoço,
Jogou-a em uma bolsa,
Eles a trouxeram diante de Enlil,
Abriram a bolsa, retiraram sua cabeça (decepada),
Depositaram-na diante de Enlil.

Enlil olhou para a cabeça de Huwawa,
Ficou furioso com as palavras de Gilgamesh:
"Por que vocês agiram assim?
Porque vocês colocaram as mãos nele,
Destruíram seu nome,
Que seus rostos sejam queimados,
Que a comida que vocês comem seja comida pelo fogo,
Que a água que vocês bebem seja bebida pelo fogo."

(Então segue a apresentação dos sete *melams* por Enlil para Gilgamesh e uma obscura passagem de três linhas que encerra o poema.)

No terceiro dos nossos contos épicos, "Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Inferior", o herói é retratado alternadamente como um cavaleiro distinto, um valentão opressivo, um chorão desesperado, um sábio conselheiro, um mestre leal e um mortal entristecido ansioso para aprender sobre a vida no mundo inferior. Seu servo Enkidu desempenha o papel de um amigo fiel e corajoso que, no entanto, falha em dar ouvidos à advertência de seu mestre em um momento crucial e, como consequência, perde sua vida. E, ao fundo, está Inanna, a Afrodite suméria, com suas lágrimas irresistíveis e seus presentes malfadados e contaminados pela morte.

O poema começa com um prólogo consistindo de duas breves passagens que não têm nada a ver com Gilgamesh e o enredo da história. A primeira passagem diz respeito a atos divinos de criação, incluindo a separação do céu e da terra, e é, portanto, de grande importância na cosmogonia e cosmologia sumérias. A segunda parte do prólogo descreve a luta entre Enki, o sumério Poseidon, e o mundo inferior encarnado em um dragão monstruoso. Parece ter ocorrido não muito depois da separação do céu e da terra, depois que a deusa Ereshkigal foi

abduzida para o mundo inferior à força — tudo isso nos lembra do mito grego do estupro de Perséfone. Quanto ao resultado dessa batalha, somos deixados no escuro pelo poeta, que estava ansioso para continuar com sua história de Gilgamesh, que, até onde pode ser entendida no momento, é a seguinte:

Certa vez, uma árvore *huluppu* (talvez um salgueiro), plantada na margem do Eufrates e nutrida por suas águas, foi arrancada pelo Vento Sul e levada pelas águas do Eufrates. Lá, ela foi vista pela deusa Inanna, que estava vagando pela vizinhança e aterrorizada — por alguma razão inexplicável — pela "palavra" de An e Enlil, as duas principais divindades do panteão sumério. Inanna pegou a árvore em sua mão e a levou para sua cidade Erech, onde a plantou em seu jardim frutífero. Lá, ela cuidou dela cuidadosamente na esperança de que, quando a árvore crescesse, ela pudesse fazer de sua madeira um trono e um sofá para si mesma.

Os anos se passaram. A árvore amadureceu e cresceu, mas seu tronco estava nu, sem galhos ou folhas. Pois em sua base, a serpente "que não conhece encantos" havia instalado seu ninho; em sua copa, o feroz pássaro *Imdugud* havia colocado seus filhotes; e em seu meio, a vampira Lilith havia construído sua casa. E então Inanna, a despreocupada e sempre alegre, derramou lágrimas amargas.

Quando amanheceu, e seu irmão Utu, o deus-sol, saiu de seu "campo principesco", Inanna contou a ele, em lágrimas, tudo o que havia acontecido com sua árvore *huluppu*. Mas Utu não podia fazer nada para ajudá-la.

Inanna então repetiu sua queixa para seu "irmão" Gilgamesh, e ele decidiu ficar ao lado dela. Ele vestiu sua armadura pesando cinquenta minas, pegou em sua mão o "machado da estrada" e matou a serpente "que não conhece encanto" na base da árvore. Vendo isso, *Imdugud* fugiu com seus filhotes para as montanhas distantes, e Lilith derrubou sua casa no meio da árvore e fugiu para seus lugares desolados. Gilgamesh e os homens de Erech que o acompanhavam então cortaram a árvore e a deram a Inanna para seu trono e sofá.

O que Inanna fez? Da base da árvore ela moldou um *pukku* (provavelmente um tambor); e de sua copa, ela moldou um *mikku* (provavelmente uma baqueta); e então ela presentou ambos a Gilgamesh. Mas Gilgamesh os usou para oprimir os cidadãos de Erech, particularmente, ao que parece, convocando os jovens para a guerra e, assim, tornando suas esposas viúvas. De qualquer forma, "por causa do clamor das jovens donzelas", para usar as palavras de nosso poeta, o *pukku* e o *mikku* caíram na "grande morada", isto é, o mundo inferior. Gilgamesh fez o melhor que pôde para recuperá-los, mas não teve sucesso. E então ele se sentou no *ganzir*, descrito como o "olho" do mundo inferior, e lamentou sua perda.

Então, quando Enkidu, o servo de Gilgamesh, viu a aflição de seu mestre, ele corajosamente se ofereceu para descer ao mundo inferior para trazer o *pukku* e o *mikku*. Então Gilgamesh o alertou sobre os tabus do mundo inferior contra os quais ele deveria se proteger "para que o clamor do mundo inferior" não o prendesse, particularmente o clamor pela mãe do deus da cura, Ninazu, que estava dormindo, completamente nua e descoberta, no mundo inferior. Mas Enkidu falhou em dar ouvidos à advertência de seu mestre e, assim, ficou preso pelo mundo inferior e não conseguiu ressurgir à terra.

Gilgamesh, perturbado por causa desse novo infortúnio, foi imediatamente para Nippur, a casa de Enlil, o rei dos deuses. Em lágrimas, ele contou a ele o que havia acontecido com Enkidu. Mas Enlil não se comoveu e se recusou a ajudá-lo.

Gilgamesh então seguiu para Eridu, a casa de Enki, o deus da sabedoria, e repetiu sua queixa. Enki decidiu ajudar Gilgamesh, pelo menos até onde fosse possível sob as circunstâncias. Por sua ordem, o deus-sol, Utu, abriu uma abertura no mundo inferior através da qual o fantasma de Enkidu — pois era tudo o que restava de Enkidu — ascendeu à terra. Mestre e servo — ou melhor, o fantasma do servo — se abraçaram, e Gilgamesh procedeu a questionar Enkidu sobre o que ele tinha visto nas regiões inferiores. E com esse colóquio deprimente, o poema que começou com os dias felizes da criação chega a um final nada feliz. Aqui está o texto do poema, de acordo com o que está disponível até o momento:

Em dias de outrora, nos dias distantes de outrora,
Em noites de outrora, nas noites longínquas de outrora,
Em dias de outrora, nos dias distantes de outrora,

Depois que em dias de outrora todas as coisas necessárias foram trazidas à existência,
Depois que em dias de outrora todas as coisas necessárias foram ordenadas,
Depois que o pão foi provado nos santuários da Terra,
Depois que o pão foi assado nos fornos da Terra,
Depois que o céu foi afastado da terra,
Depois que a terra foi separada do céu,
Depois que o nome do homem foi fixado,
Depois que An levou o céu,
Depois que Enlil levou a terra,
Depois que Ereshkigal foi levada para o mundo inferior como seu prêmio —

Depois que ele zarpou, depois que ele zarpou,
Depois que o pai zarpou para o mundo inferior,
Contra o rei, o pequeno foi arremessado,
Contra Enki, o grande foi arremessado,
Suas pequenas pedras da mão,
Suas grandes pedras dos juncos dançantes,
A quilha do barco de Enki,
Esmaga na batalha como uma tempestade que ataca,
Contra o rei, a água na proa do barco,
Devora como um lobo,
Contra Enki, a água na popa do barco,
Ataca como um leão.

Certa vez uma árvore, uma *huluppu*, uma árvore —
Ela havia sido plantada na margem do Eufrates,
Ela era regada pelo Eufrates —
A violência do Vento Sul arrancou suas raízes,
Arrancou sua copa,
O Eufrates a carregou em suas águas.

A mulher, vagando com medo pela palavra de An,
Vagando com medo pela palavra de Enlil,
Pegou a árvore em suas mãos, trouxe-a para Erech:
“Eu a trarei para o jardim frutífero da pura Inanna.”

A mulher cuidou da árvore com suas mãos, colocou-a ao pé,
Inanna cuidou da árvore com suas mãos, colocou-a ao pé,
“Quando será um trono frutífero para eu sentar”, ela disse,
“Quando será uma cama frutífera para eu deitar”, ela disse.

A árvore cresceu grande, seu tronco não tinha folhagem,
Em suas raízes a serpente que não conhece encanto instalou seu ninho,

Em sua copa o pássaro *Imdugud* colocou seus filhotes,
Em seu meio a donzela Lilith construiu sua casa —
A donzela sempre rindo, sempre alegre,
A donzela Inanna — como ela chora!

Quando a luz surgiu, quando o horizonte clareou,
Quando Utu saiu do "campo principesco",
Sua irmã, a sagrada Inanna,
Diz ao seu irmão Utu:
"Meu irmão, depois que em dias passados os destinos foram decretados,
Depois que a abundância saciou a terra,
Depois que An levou o céu,
Depois que Enlil levou a terra,
Depois que Ereshkigal foi levada para o mundo inferior como seu prêmio —
Depois que ele zarpou, depois que ele zarpou,
Depois que o pai zarpou para o mundo inferior . . .

(Inanna agora repete a passagem inteira, terminando com as seguintes linhas:)

A donzela sempre rindo, sempre alegre,
Eu, a donzela Inanna, como eu choro!"

Seu irmão, o herói, o valente Utu,
Não ficou ao lado dela neste assunto.

Quando a luz surgiu, quando o horizonte clareou,
Quando Utu saiu do "campo principesco",
Sua irmã, a sagrada Inanna,
Fala ao herói Gilgamesh:
"Meu irmão, depois que nos dias de outrora os destinos foram decretados,
Depois que a abundância saciou a terra,
Depois que An levou o céu,
Depois que Enlil levou a terra,
Depois que Ereshkigal foi levada para o mundo inferior como seu prêmio —
Depois que ele zarpou, depois que ele zarpou,
Depois que o pai zarpou para o mundo inferior . . .

(Inanna repete novamente a passagem inteira, terminando com os seguintes versos:)

A donzela sempre rindo, sempre alegre,
Eu, a donzela Inanna, como eu choro!"

Seu irmão, o herói Gilgamesh,
Ficou ao lado dela neste assunto,
Ele vestiu uma armadura pesando cinquenta minas em volta da cintura —
Cinquenta minas foram manuseadas por ele como trinta shekels —
Seu "machado da estrada" —
Sete talentos e sete minas — ele pegou em sua mão,
Em suas raízes ele derrubou a serpente que não conhece encanto,
Em sua copa o pássaro *Imdugud* levou seus filhotes, subiu até as montanhas,
Em seu meio a donzela Lilith derrubou sua casa, fugiu para os desertos.
A árvore — ele arrancou suas raízes, arrancou sua copa,
Os filhos da cidade que o acompanhavam cortaram seus galhos,
Ele a dá à sagrada Inanna como seu trono,
Dá a ela como sua cama,
Ela molda suas raízes em um *pukku* para ele,
Molda sua copa em um *mikku* para ele.

O *pukku* convocador — na rua e na viela ele fez o *pukku* ressoar,
O tambor alto — na rua e na viela ele fez o tambor ressoar,
Os jovens da cidade, convocados pelo *pukku* —
Amargura e aflição — ele é a aflição de suas viúvas,
"Ó meu companheiro, ó meu esposo," elas lamentam,
Quem tinha uma mãe — ela traz pão para seu filho,
Quem tinha uma irmã — ela traz água para seu irmão.

Depois que a estrela da tarde desapareceu,
E ele marcou os lugares onde seu *pukku* esteve,
Ele carregou o *pukku* diante de si, trouxe-o para sua casa,
Ao amanhecer nos lugares que ele marcou — amargura e aflição!
Cativos! Mortos! Viúvas!

Por causa do grito das jovens donzelas,
Seu *pukku* e *mikku* caíram na "grande morada",
Ele colocou suas mãos, não conseguiu alcançá-los,
Colocou seu pé, não conseguiu alcançá-los,
Ele sentou-se no grande portão *ganzir*, o "olho" do mundo inferior,
Gilgamesh chorou, seu rosto empalideceu:
"Ó meu *pukku*, meu *mikku*,
Meu *pukku* com vigor irresistível, com ritmo irreprimível —
Se ao menos meu *pukku* tivesse estado uma vez na casa do carpinteiro,
Se ao menos tivesse estado com a esposa do carpinteiro, como a mãe que me deu à luz,
Se ao menos tivesse estado com a filha do carpinteiro, como minha irmãzinha —
Meu *pukku*, quem irá trazê-lo do mundo inferior?
Meu *mikku*, quem irá trazê-lo do mundo inferior?"

Enkidu, seu servo, diz a ele:
"Meu mestre, por que você chora?
Por que seu coração está gravemente doente?
Eu trarei seu *pukku* do mundo inferior,

Eu trarei seu *mikku* do ‘olho’ do mundo inferior!”

Gilgamesh diz a Enkidu:
“Se agora você descer ao mundo inferior,
Uma palavra que eu falo a você, aceite minha palavra,
Instrução que eu ofereço a você, aceite minha instrução:

“Não use roupas limpas,
Para que os guardiões não venham contra você como um inimigo.
Não se unte com o óleo doce do vaso,
para que, ao sentir seu cheiro, não se aglomerem ao seu redor.
Não jogue o bastão de arremesso no mundo inferior,
Para que aqueles atingidos pelo bastão não o cerquem.
Não carregue um cajado em sua mão,
Para que as sombras não se agitem ao seu redor.
Não amarre sandálias em seus pés,
Não levante um grito no mundo inferior,
Não beije a esposa que você ama,
Não bata na esposa que você odeia,
Não beije a criança que você ama,
Não bata na criança que você odeia,
Para que o grito do mundo inferior não o aprisione —
O grito por ela que está dormindo, que está dormindo,
Pela mãe de Ninazu, que está dormindo,
Cujo corpo sagrado nenhuma vestimenta cobre,
Cujo peito sagrado nenhum pano cobre.”

Enkidu desceu ao mundo inferior,
Não deu ouvidos às palavras de seu mestre —
Ele vestia suas roupas limpas,
Os guardiões vieram contra ele como um inimigo.
Ele se untou com o óleo doce do vaso,
Ao sentir seu cheiro, se aglomeraram ao seu redor.
Ele jogou o bastão de arremesso no mundo inferior,
Aqueles atingidos pelo bastão o cercaram.
Ele carregou um cajado na mão,
As sombras se agitaram ao redor dele.
Ele colocou sandálias em seus pés,
Levantou um grito no mundo inferior,
Beijou a esposa que amava,
Bateu na esposa que odiava,
Beijou a criança que amava,
Bateu na criança que odiava,
O grito do mundo inferior o aprisionou —
O grito por ela que está dormindo, que está dormindo,
Pela mãe de Ninazu, que está dormindo,
Cujo corpo sagrado nenhuma vestimenta cobre,
Cujo peito sagrado nenhum pano cobre.

Enkidu não foi capaz de ascender do mundo inferior —
Não é o destino que o aprisiona,
Não é a doença que o aprisiona,
O mundo inferior o aprisiona.
Não é o demônio Nergal, o implacável, que o aprisiona,
O mundo inferior o aprisiona.
Na batalha, no "lugar da virilidade" ele não caiu,
O mundo inferior o aprisiona.

Então Gilgamesh foi para Nippur,
Foi sozinho até Enlil em Nippur, chorou:
"Pai Enlil, meu *pukku* caiu no mundo inferior,
Meu *mikku* caiu no *Ganzir*,
Eu enviei Enkidu para trazê-los para cima,
O mundo inferior o aprisiona.
Não é o destino que o aprisiona,
Não é a doença que o aprisiona,
O mundo inferior o aprisiona.
Não é o demônio Nergal, o implacável, que o aprisiona,
O mundo inferior o aprisiona.
Na batalha, no 'lugar da virilidade', ele não caiu,
O mundo inferior o aprisiona."

O Pai Enlil não o apoiou nessa questão,
Ele foi para Eridu,
Foi sozinho até Enki em Eridu, chorou;
"Pai Enki, meu pukku caiu no mundo inferior,
Meu mikku caiu no *ganzir*,
Eu enviei Enkidu para trazê-los para cima,
O mundo inferior o aprisiona.
Não é o destino que o aprisiona,
Não é a doença que o aprisiona,
O mundo inferior o aprisiona.
Não é o demônio Nergal, o implacável, que o aprisiona,
O mundo inferior o aprisiona.
Na batalha, no 'lugar da virilidade', ele não caiu,
O mundo inferior o aprisiona."

Pai Enki o apoiou nessa questão,
Disse ao herói, o valente Utu,
O filho nascido de Ningal:
"Abra agora a abertura do mundo inferior,
Levante o fantasma de Enkidu para fora do mundo inferior."

Ele abriu a abertura do mundo inferior,
Levantou o fantasma de Enkidu para fora do mundo inferior.
Eles se abraçam, eles se beijam,

Eles suspiram, eles se aconselham:
"Diga-me, o que você viu no mundo inferior?"
Eu lhe direi, meu amigo, eu lhe direi."

O poema termina com um colóquio de perguntas e respostas mal preservado entre os dois amigos preocupados com o tratamento dos mortos no mundo inferior.

A hinografia — passando do épico ao hino — era uma arte cuidadosamente cultivada e altamente sofisticada na Suméria. Dezenas de hinos, variando em extensão de menos de cinquenta a quase quatrocentos linhas, chegaram até nós, e há todas os motivos para acreditar que esta é apenas uma fração dos hinos compostos na Suméria ao longo dos séculos. A julgar por seu conteúdo, os hinos sumérios existentes podem ser divididos em quatro categorias principais: (1) hinos exaltando os deuses; (2) hinos exaltando os reis; (3) orações hinárias nas quais hinos de louvor aos deuses são intercalados com bênçãos e orações para os reis; e (4) hinos glorificando os templos sumérios.

Os hinos divinos estão na forma de um discurso do poeta à divindade ou de uma glorificação da divindade e suas realizações na terceira pessoa. Entre os mais longos e mais importantes estão os seguintes: (1) um hino a Enlil notável por seu resumo poético da dívida da civilização para com sua beneficência; (2) um hino ao deus Ninurta dirigido a ele não apenas sob esse nome, mas também sob os nomes Pagibilsag e Ningirsu; (3) um hino à deusa Inanna por Enheduanna, conhecida há muito tempo como a filha de Sargão, o Grande; (4) um hino a Inanna como a estrela Vênus, notável por sua descrição da cerimônia *hieros-gamos* celebrando a união da deusa e do rei Iddin-Dagan de Isin no dia de Ano Novo; (5) um hino a Inanna como a deusa da guerra e da ira; (6) um hino a Utu como o deus da justiça que regula e supervisiona a ordem mundial; (7) um hino à deusa Nanshe como a guardiã da ética e da moral do homem; (8) um hino a Hendursag, o vizir especialmente escolhido por Nanshe, encarregado de julgar os atos e delitos do homem; (9) um hino à deusa Ninisinna como a "grande médica dos cabeças pretas", a divindade padroeira da arte da medicina e da cura; (10) um hino a Ninkasi como a deusa da bebida inebriante; (11)

um hino a Nidaba como a deusa da escrita, da contabilidade e da sabedoria; e (12) um hino à deusa Nungal, filha de Ereshkigal, como juíza e protetora dos "cabeças pretas".

Dos hinos que exaltam reis, o grupo mais importante pertence a Shulgi, o segundo governante da Terceira Dinastia de Ur; cinco deles são agora restauráveis total ou parcialmente. Dois hinos cantam louvores ao pai de Shulgi, Ur-Nammu. Há um bom número de hinos celebrando os governantes da dinastia de Isin que sucederam aos governantes da Terceira Dinastia, particularmente Iddin-Dagan, Ishme-Dagan e Lipit-Ishtar. A maioria dos hinos reais é extravagantemente autoelogiosa; os próprios reis supostamente proferiram, sem hesitação ou inibição, hinos de autoglorificação grandiloquentes, inflados e vaidosos. Esse comportamento real incomum e, do nosso ponto de vista, bastante indigno, não é desprovido de significado psicológico; ele se encaixa no impulso por prestígio e superioridade característicos do comportamento sumério em geral (ver capítulo VII).

Um grande favorito dos hinógrafos sumérios era o tipo de composição em que os hinos aos deuses eram intercalados com bênçãos e orações para os reis. Exceto, inesperadamente, pela deusa-mãe, Ninhursag, praticamente todas as principais divindades são representadas nesta categoria de hinos: An, Enlil, Enki, Nanna, Utu, Ninurta, Nergal, Inanna, Bau e Ninisinna. Quanto aos reis abençoados e pelos quais se reza, todos os governantes da Terceira Dinastia de Ur, bem como os primeiros governantes da Primeira Dinastia de Isin, estão representados. Um desses hinos é dirigido à deusa Bau como amiga e apoiadora de Eannatum de Lagash, o que indica de forma bastante conclusiva que esse tipo de hino já era corrente na Suméria no período pré-sargônico.

Finalmente, os hinos ao templo são representados por uma canção de louvor ao Ekur, o templo de Enlil em Nippur; por um hino ao templo da deusa Ninhursag em Kesh; e o melhor de tudo, por uma composição de mais de quatrocentas linhas contendo breves hinos a todos os templos mais importantes da Suméria e da Acádia. Um dos mais notáveis de todos os hinos do templo existentes é aquele inscrito nos cilindros de

Gudea há muito conhecidos, que consiste em cerca de mil e quatrocentas linhas de texto e celebra a reconstrução do templo de Eninnu em Lagash.

Voltando-se para os aspectos formais da hinografia suméria, vale a pena notar que a escrita de hinos se tornou uma arte literária tão sofisticada na Suméria que foi subdividida em várias categorias pelos próprios poetas antigos, e muitos dos hinos existentes são atribuídos às suas categorias apropriadas por uma assinatura especial no final da composição. A palavra suméria comum para hinos é *sir*, que pode ou não ter algo a ver com o hebraico *shir*. Algumas das categorias de *sir* são *sir-hamun*, talvez "hinos de harmonia"; *sir-namnar*, "hinos musicais"; *sir-namgala*, "hinos de *gala*-dade"; *sir-namursagga*, "hinos de heroísmo"; e *sir-namsipad-inanna-ka*, "hinos de pastoreio de (a deusa) Inanna", o pastor neste caso sendo, sem dúvida, o deus Dumuzi. Categorias de hinários que parecem ser nomeadas a partir dos instrumentos musicais que os acompanham são *tigi*, provavelmente um hino acompanhado por lira; *irshemma*, talvez um hino acompanhado por tambor; e *adab*, um hino acompanhado por algum instrumento de cordas ainda não identificado. Os hinos *tigi* e *adab* são divididos pelos poetas antigos em seções com as notações *sagarra* e *sagidda*, que parecem significar literalmente "as cordas definidas (?)" e "as cordas longas", respectivamente — mais uma prova de que esses hinos eram acompanhados por instrumentos musicais. Os hinos *adab* também incluem seções especiais com as notações *barsud* e *shabatuku*, cujo significado ainda é desconhecido; eles geralmente terminam com uma oração de três linhas para o rei, designada como *urunbim*, uma rubrica de significado incerto. Ambas as categorias *adab* e *tigi* também fazem uso de uma antífona consistindo de uma a quatro linhas, algo como um refrão coral, com a notação ainda obscura que pode ser lida provisoriamente *izkig*. Finalmente, há uma série de hinos que são divididos em estrofes com a notação *kirugu*, "genuflexão" (?), que é frequentemente seguida pela passagem semelhante a um refrão designada como *izkig*.

As lamentações sumérias são principalmente de dois tipos: aquelas lamentando a destruição de cidades e cidades-estados sumérias e aquelas lamentando a morte do deus Dumuzi ou um de seus

equivalentes. Do primeiro tipo, duas das mais bem preservadas dizem respeito à destruição de Ur. Uma terceira diz respeito à destruição de Nippur; começa como um lamento, mas termina com uma nota de alegria com a restauração da cidade por Ishme-Dagan de Isin. Quanto aos lamentos de Dumuzi, eles variam em tamanho de longas composições de mais de duzentas linhas a breves lamentos de menos de cinquenta linhas. Vários desses textos de Dumuzi foram publicados até o momento. Mas ainda não há uma tradução confiável disponível para muitos deles, especialmente aqueles escritos em uma ortografia fonética em vez da histórica, o que torna até mesmo a divisão de palavras incerta, quanto mais o significado e a interpretação.

Relacionada à lamentação está a elegia ou canção fúnebre. Este gênero literário sumério era inteiramente desconhecido até 1957 quando, no curso de uma visita à União Soviética, me deparei com uma tabuleta no Museu Pushkin inscrita com duas dessas elegias. Uma edição detalhada do texto foi preparada com a cooperação do Museu Pushkin e apareceu em 1960. O esboço do conteúdo dos dois poemas e a tradução apresentada aqui são baseados neste estudo.

A tabuleta, que foi sem dúvida inscrita na antiga cidade de Nippur por volta de 1700 a.C. — pode, é claro, ter sido composta muito antes — foi dividida pelo antigo escriba em quatro colunas. Ela contém duas composições de tamanhos desiguais separadas por uma linha pautada. A primeira e mais longa das duas consiste em 112 linhas de texto, enquanto a segunda tem apenas 66 linhas. Seguindo o texto das duas composições, e separado dele por uma linha dupla, há um colofão de três linhas dando o título de cada uma das composições, bem como o número de linhas que elas contêm individualmente e juntas. Ambas as composições consistem em grande parte de cantos fúnebres proferidos por um único indivíduo chamado Ludingirra. Na primeira, Ludingirra lamenta a morte de seu pai, Nanna, que, se entendi corretamente a passagem relevante, morreu de ferimentos recebidos em algum tipo de luta corporal. No segundo canto fúnebre, o mesmo Ludingirra lamenta a morte de sua boa e amada esposa, Nawirtum, que parece ter morrido de causas naturais.

Em ambas as composições, os cantos fúnebres são precedidos por prólogos que servem para definir o cenário. O prólogo do primeiro canto fúnebre consiste em 20 linhas e, portanto, é relativamente breve em comparação com o resto da composição. O prólogo do segundo canto fúnebre, no entanto, consiste em 47 linhas e, portanto, é cerca de duas vezes e meia mais longo que o restante do poema. Estilisticamente, ambas as composições fazem uso de dicção altamente poética caracterizada por vários tipos de repetição, paralelismo, refrões corais, símiles e metáforas. Os feitos e virtudes do falecido, bem como a tristeza e o sofrimento daqueles que ficaram para trás, são cantados em frases infladas e grandiloquentes; mas esta é uma característica compreensível de canções e orações fúnebres em todo o mundo e em todos os tempos.

O prólogo da primeira composição começa com uma declaração bastante prosaica de duas linhas que parece relatar que um filho que tinha ido embora para uma terra distante foi chamado de volta a Nippur, onde seu pai estava mortalmente doente. Seis linhas seguem, cada uma das quais descreve o pai com algumas frases altamente lisonjeiras e termina com o refrão "(ele) tinha ficado doente". Essas linhas são seguidas por uma passagem que descreve a intensidade da doença e do sofrimento do pai e sua eventual morte. Notícias da catástrofe chegam ao filho "em uma jornada distante"; então, podemos supor, ele retorna a Nippur e, dominado pela tristeza, ele escreve o lamento que se segue.

O canto fúnebre em si começa descrevendo a dor desesperada da esposa do falecido, que era presumivelmente a mãe de Ludingirra, de uma sacerdotisa *lukur* não identificada do deus Ninurta, de uma sacerdotisa *en* não identificada do deus Nusku, e dos filhos do falecido e suas noivas. Seguindo o que parece ser uma breve oração pelo bem-estar de Nanna, o canto fúnebre continua com uma descrição do luto pelo falecido por suas filhas, pelos anciãos e matronas de Nippur, e por seus escravos. Neste ponto, surpreendentemente, o que parece ser uma oração de uma linha envolvendo o filho mais velho do falecido é interposto. Seguindo esta oração vem uma passagem contendo uma série de maldições contra o assassino de Nanna e os descendentes deste último. O canto fúnebre conclui com uma série de orações: pelo bem-estar do

falecido no mundo inferior, por seu tratamento favorável nas mãos de seu deus pessoal e do deus de sua cidade, e pelo bem-estar de sua esposa, filhos e parentes.

Na segunda elegia, é o prólogo do canto fúnebre que, como mencionado anteriormente, ocupa a maior parte do poema. Ele começa com o anúncio da morte de Nawirtum em uma série de símiles e metáforas em frases paralelas e continua com uma descrição da dor resultante por parte dos habitantes de Nippur. Após duas passagens muito obscuras — a primeira das quais parece descrever a interrupção de importantes ritos religiosos em Nippur como resultado da morte de Nawirtum — o marido de Nawirtum, Ludingirra, entra em cena para proferir seu lamento triste. O canto fúnebre em si pode ser dividido em duas partes: um lamento amargo de Ludingirra pelo luto, consistindo em uma sucessão de orações paralelas, cada uma seguida por um refrão idêntico; e uma série de orações pela falecida e por seu marido, filhos e família.

Quanto à importância e significância das duas elegias, não é preciso dizer que elas têm considerável mérito intrínseco como esforços literários; elas tentam transmitir em forma poética imaginativa as profundas paixões e emoções humanas geradas pela perda trágica, por morte inevitável, dos parentes mais próximos e mais queridos. Do ponto de vista da história da literatura, elas são nossos primeiros exemplos preciosos do gênero elegíaco — elas precedem em muitos séculos os cantos fúnebres davídicos para Saul e Jônatas e os lamentos homéricos para Heitor que fecham a Ilíada com uma nota tão triste — e devem, portanto, ser inestimáveis para propósitos de estudo comparativo. O primeiro dos dois poemas também é de alguma importância para nossa compreensão da cosmologia suméria; pois dele aprendemos que os sábios sumérios — ou pelo menos alguns deles — acreditavam que o sol, após se pôr, continuava sua jornada pelo mundo inferior à noite e que o deus-lua, Nanna, passava seu "dia de sono", isto é, o último dia de cada mês, no mundo inferior. Mais importante de tudo, os dois poemas, e particularmente o primeiro, lançam uma considerável nova luz sobre as ideias sumérias sobre a vida no mundo inferior. Assim, por exemplo, agora aprendemos pela primeira vez sobre o "julgamento dos mortos" e

que, como era de se esperar, era o deus-sol, Utu — o juiz por excelência da humanidade — que tomava as decisões; também aprendemos que o deus-lua, Nanna, de alguma forma "decretava o destino" dos mortos no dia em que visitava o mundo inferior.

Quanto à autoria das duas elegias e à motivação para sua composição, há pouca dúvida de que o escritor dos poemas foi um dos *ummias* que trabalhou e ensinou na *edubha* suméria e que as próprias composições foram usadas como textos a serem estudados e copiados pelos estudantes da *edubha*. De fato, uma das linhas da primeira elegia foi encontrada inscrita em uma pequena tabuleta de prática escavada em Nippur na caligrafia do professor e do aluno. Aparentemente, o autor escreve como se ele próprio estivesse apenas compondo os prólogos dos dois poemas, enquanto os próprios cantos fúnebres estão presumivelmente sendo dados como as próprias palavras de Ludingirra. Além disso, pelo menos na primeira elegia, o autor afirma que Ludingirra havia escrito seu lamento, o que pode levar à pressuposição de que o autor tinha, de fato, uma cópia dos cantos fúnebres de Ludingirra diante dele. Mas tudo isso parece bastante improvável, especialmente em vista da uniformidade de estilo que caracteriza os prólogos e os cantos fúnebres. No geral, fica-se com a impressão de que as duas elegias são esforços criativos puramente imaginativos por parte de um poeta movido pelo desejo estético de compor um canto fúnebre eloquente e comovente, assim como ele poderia ter sido inspirado, por exemplo, a compor um poema mitológico ou épico.

Aqui está uma tradução literal das duas elegias, com todos os pontos de interrogação e quebras, por mais estranhos que sejam; partes do texto são infelizmente muito difíceis e obscuras:

Primeira Elegia

[Um pai] mandou buscar seu filho em um lugar remoto,
O filho que tinha ido para o lugar distante não [negligenciou] as instruções "daqueles dias".
O pai morador da cidade ficou doente,
O precioso brilhante, encontrado (apenas) em montanhas remotas, ficou doente,
Quem era belo (e) atraente (?) de fala, que . . . . , ficou doente,
Quem tinha uma figura atraente (?) bem como (?) uma cabeça (atraente), ficou doente,

Quem era sábio em planejar, altamente qualificado para a assembleia, ficou doente,
Quem era um homem de verdade, temente a Deus, ficou doente,
Ficou doente — e não comeu — estava definhando (?),
Com a boca (?) bem fechada (?) ele não provou comida, ficou faminto,
Como uma tabuleta (?), como uma criança (?), ele . . . . ,
O herói, o líder (?), não [move (?)] um pé (?),
De (?) sua doença . . . ele foi consumido com [lamento (?)] por (?) seus filhos (?),
Coração angustiado, [abalado (?)] com lamento,
O estudioso morreu em Nippur (devido aos ferimentos recebidos) em um ataque (?).

Este assunto chegou ao seu filho em uma jornada distante,
Como um filho que não foi separado (?) de seu pai,
Ele não devolveu (?) a vestimenta (?) que havia sido enviada (?) a ele,
O filho derramou lágrimas, jogou-se na poeira, proferiu para ele um "hino de canção",
Ludingirra de seu coração ardente (?) escreve um lamento:
"Ó pai, que morreu em um ataque (?),
Ó Nanna, que através do mal planejado contra ele, foi levado para o mundo inferior,
Sua esposa — veja, antigamente (?) ela era sua esposa, (mas) agora ela é uma viúva —
Gira (?) ao seu redor como um redemoinho, . . . de alegria . . . ,
Como uma . . . ela age por você, (sim) você — foi-se sua razão,
Ela levantou [um grito (de dor)] como se estivesse prestes a dar à luz,
Vira o . . . , [geme (?)] como uma vaca,
. . emitiu um grito (de dor), derrama lágrimas,
Cobriu seu (?) . . . , e (?) tomou (?) o que é justo (?), . . . na escuridão (?) . . . ,
Quem reúne (?) . . . ,
Toca em você, o (?) coração . . . está (?) pesado (?).

"Quem (?) . . . se levanta (?) . . . ao amanhecer (?),
Dentre os . . . que habitam em . . . , a sacerdotisa *lukur* de Ninurta (?) do . . . se jogou [na poeira (?)],
Como um deus (?) de luto (?), ela . . . ,
Seus gritos (?) (de angústia) . . . mal,
No (?) meio (?) do claustro (?) ela (?) . . . , ... ,
Fez (?) o amplo (espalhado) [povo] (?) . . . grãos, água (?).

"A confusão (?) das (?) batalhas (?) a sacerdotisa *en* de Nusku (?) . . . ,
. . . rasga (?) por você (?), por você ela (?) . . . , ... ,
. . . . ,
. . . do seu colo . . . ,
. . . . ,
. . . . .

"Seus filhos [que (?)] foram tratados (?) como filhos do rei,
O que quer que eles (?) comam . . . ,
O que quer que eles (?) bebam . . . ,
Mel (e) ghee eles (?) . . . ,
A mesa eles (?) carregam (?) com (?) óleo (para) você,
As lágrimas que eles derramam por ele são lágrimas piedosas (?)

Seu luto (?) por ele é (o) de amorosos (e) de coração puro,
Como grãos murchos eles . . .
Os passarinhos retornam (?) . . . , levantam (?) . . . ,
As noivas de (?) seus filhos, que disseram: 'Onde, (ó) onde ele está agora?' —
Sobre eles caiu (?) seu . . . ,
Em seu ... foi silenciado (?) para você —
No colo dos (membros da) família (?) . . . para você,
Seus ... doces sons . . . , sono . . . ,
Como . . . . foi . . . ,
O . . . lamento por você (?) . . . não (?) cessa.

"Ó meu pai, [que] seu coração [esteja em repouso],
Ó Nanna, [que] seu espírito [esteja satisfeito],
Os *ens* (e) *ensis* . . . ,
[Que (?)] aqueles que escaparam da mão da morte . . . —
A mão da morte esteve . . . em (?) seus (?) . . . . , ninguém . . . ,
A morte é o favor (?) dos deuses, o lugar onde o destino é decretado . . . —
Que sua prole . . . seu joelho (?).
Suas filhas têm . . . . por você em suas (?) . . . ,
Os anciãos de sua cidade [prepararam (?)] luto (?) [por você],
As matronas de sua cidade têm . . . . por você,
O escravo [pela (?)] pedra de moer . . . [derramou (?)] lágrimas por você,
A família onde (?) ele (?) está colocado (?) . . . ,
Ele tem . . . prata (?), ele adquiriu (?) grãos, ele [multiplicou (?)] com posses.

"Que o filho mais velho [estabeleça (?)] para você seus . . . firmes alicerces.
"O homem que te matou, [que (?)] como aquele que . . . o coração
Que atacou (?) você, (sim) você, com força cruel —
A verdadeira (?) vingança pertence ao rei (?), o pastor, seu deus (pessoal),
O verdadeiro (?) conselho pertence a Utu —
Aquele homem, [que] ele seja um homem amaldiçoado, a morte [será seu destino],
Seus ossos [que] ninguém [enterre (?)],
Sua descendência . . . . [que] seu nome [seja erradicado (?)],
Que suas posses sejam como voadores (?) . . . pardais (?) . . . .

"Que o . . . . da Terra (?) . . .
Traga (?) suas palavras favoráveis . . . , que elas o deixem contente,
Ó Nanna, que seu espírito (?) esteja satisfeito, que seu coração esteja em repouso,
Utu, o grande senhor (?) do Hades,
Depois de transformar os lugares escuros em luz, julgará seu caso (favoravelmente),
Que Nanna decrete seu destino (favoravelmente) no "dia do sono",
[Que] Nergal, o Enlil do mundo inferior, diante (?) dele (?),
Que os heróis comedores de pão (?) pronunciem seu nome, . . . comida,
[Que] o ... do mundo inferior . . . tenha pena . . . . ,
Que (?) os bebedores de . . . [satisfaçam (?)] sua sede com água fresca,
[Que (?)] . . . . ,
Com força [que (?)] Gilgamesh . . . seu (?) coração (?),
[Que] Nedu e Etana [sejam] seus aliados,

Os deuses do mundo inferior [proferirão (?)] orações para você,
Que seu deus (pessoal) diga ‘Basta!’ Que ele [decrete (?)] (favoravelmente) seu destino,
Que o deus de sua cidade . . . para você um . . . coração,
Que ele [anule] para você (suas) promessas (?) (e) dívidas,
Que ele [apague] a culpa da família (pelas) contas (?),
[Que ele faça fracassar] o mal planejado contra você . . . ,
Que aqueles que você deixar para trás sejam felizes, [que] . . . ,
Que o . . . leve (?) . . . ,
Que os (bons) espíritos (e) gênios [protejam (?)] seu . . . ,
Que os filhos que você gerou sejam escritos (?) para liderança (?),
Que (todas) suas filhas se casem,
Que sua esposa fique bem, que seus parentes se multipliquem,
Que a prosperidade (e) bem-estar (?) os envolvam dia após dia,
Em seu ... que a cerveja, o vinho, (e todas as) coisas boas nunca acabem,
Que a invocação (?) de sua (?) família seja para sempre a invocação (?) de seu deus (pessoal) (?)!”

Segunda Elegia

Um dia mau [veio (?)] sobre a matrona em (?) seu (?) . . . ,
Sobre a bela dama, a matrona bem favorecida, o mau-olhado [veio (?)],
Sobre o passarinho ultrapassando (?) seu ninho a rede [caiu] (?),
A mãe fecunda, a mãe de (muitos) filhos é [segurada (?) firmemente (?)] pela armadilha (?),
A vaca castanha amarelada, a fértil (?) vaca selvagem [jaz (?) esmagada (?)] como um vaso *gakkul*,
Nawirtum, a fértil (?) vaca selvagem [jaz (?) esmagada (?)] como um vaso *gakkul*,
Aquela que (nunca) disse "estou doente!" não foi cuidada,
Que (nunca) . . . não . . . o lugar divino (?),
Como seu (?) lugar de descanso, seu (?) lançamento . . . não foi . . .

Nippur está enfeitada de nuvens (?), na cidade . . . ,
Sobre as multidões caiu um grito (?) de aflição (?) . . . ,
. . . . ,
. . . . ,
A piedade por ela cuja vida chegou ao fim os domina (?),
Por ela ter sido (?) colocada (?) como uma estátua de ouro, eles (?) estão angustiados (?) —
Aquele que olha para ela, (como) não lamentará (?)?
As mulheres chorando . . . . ,
As melhores (?) canções dos bardos (?) de palavras doces
Em todo lugar são transformados em lamentos (e) gemidos (?).

Porque (?) . . . foi devolvido (?), [eles (?) proferem (?)] isso (?) como uma canção para ela,
Porque (?) de seu pequeno . . .
A pedra . . . . ,

Porque (?) no colo de seu marido (seus) dias não foram prolongados, (e assim) o choro não cessou,
Porque (?) de seu . . . Ninurta não retornou (?) o grito alegre,
Porque (?) sua amada sacerdotisa *en* não entrou no *gipar*,
A égua jumenta que havia sido escolhida (?) como (?) uma esposa (?) não é aceita (?) como um sacrifício (?).

Porque (?) . . . foi levado ao fim (?) ao seu lado,
Ele (?) se levanta (?) em (?) grandeza (e (?)) favor, profere um lamento por ela,
Para sua (?) mãe que a deu à luz (?), ele . . . , ele . . . . por ela,
Suas (?) ações (?), suas (?), ele faz para ela em (?) um . . . . ,
Suas almas (?) surgiram diante (?) dela, seus corpos malignos (?) (estão (?)) rasgados (?) em pedaços (?),
Seus (?) . . , trabalhadores (?), (e (?)) parentes são, seus (?) . . . [são (?)] . . . .

Porque (?) . . . do joelho (?) . . . . ,
Eles não (?) se levantaram . . . ,
(Todas) as suas amas estavam . . . . ,
. . . . ,
Como homens enfurecidos, pedras doentes (?),
De sua (?) cidade a luz do alto . . . não aumentou (?).

Então [seu] amado marido sozinho . . . . ,
Em sua cidade, em Nippur, a cidade (?) . . . . ,
Ludingirra, seu [amado] marido, [sozinho] . . . . ,
Em sua cidade, em Nippur, a cidade (?) . . . . ,
Aproximou-se dela com (?) coração (?) sofredor (?) [em (?)] . . . , a grande morada,
Eles (?) pegaram (?) sua (?) mão, seus (?) corações estavam sobrecarregados (?),
Seu . . . foi privado (?) de alimento, sua respiração foi sufocada (?),
[Gemidos (?)] como uma vaca ele proferiu, ele que não tinha vestimentas . . . . (?),
Seus (?) . . . . ele veste, ele chora diante dela:

“Ó, onde está agora . . . ? Eu clamaria a você,
Onde estão agora (a deusa) Meme (e) os gênios, os sedutores (?)? Eu clamaria a você,
Onde está agora a boca (?) [graciosa (?)], a boca (?) atraente (?), a boca agradável (?)? Eu clamaria a você,
Onde está agora minha arma (?) atraente (?), a aljava gloriosamente (?) moldada (?)? Eu clamaria a você,
Onde está agora aquilo que ilumina o rosto (?), meu conselho principesco? Eu clamaria a você,
Onde está agora meu . . . . , meu precioso brilhante? Eu clamaria a você,
Onde estão agora minhas doces canções que alegram o coração? Eu clamaria a você,
Onde está agora minha arma (?) atraente (?), a aljava dourada que ilumina o espírito? Eu clamaria a você,
Onde estão agora minhas danças, ‘levantar as mãos’ (e) divertimento (?)? Eu clamaria a você.

"Que seu caminho (de vida) não pereça (da memória), que seu nome seja pronunciado (nos dias que virão),
Que a culpa de sua família seja apagada, que suas dívidas sejam anuladas,
Que seu marido fique bem, que ele seja bom (tanto) como homem de valor (quanto) ancião (?),
Que o destino de seus filhos seja propício, que o bem-estar esteja reservado para eles,
Que sua família se destaque, que seu futuro seja amplo,
Que Utu traga para você luz do mundo inferior — ele que . . . ,
Que Ninkurra . . . por (?) você, que ela o eleve bem alto,
Porque a tempestade amarga se virou (?) contra você, que o horizonte a vire (?) de volta (?),
O demônio que levantou sua mão contra você — que uma maldição cruel seja proferida (?) contra ele,
Porque a gentil matrona jaz como um boi em seu esplendor (?) — [amargo] é o lamento por você!"

A historiografia, como já foi observado anteriormente neste livro, dificilmente era uma forma literária favorita entre os homens de letras sumérios, e as composições que estão prestes a serem listadas podem ser designadas como "historiográficas" somente se o significado aceito da palavra for generosamente ampliado. A mais longa e melhor preservada das composições "historiográficas" sumérias é "A Maldição de Agade: O Ekur Vingado", que tenta explicar a destruição catastrófica da cidade pelas hordas bárbaras gutianas (ver o Capítulo II). Outro documento historiográfico bem preservado gira em torno da derrota desses mesmos gutianos pelo "salvador" da Suméria, Utuhegal. Um terceiro e bastante breve, mas historicamente bastante significativo, documento diz respeito principalmente às restaurações sucessivas do Tummal, o santuário de Ninlil na cidade de Nippur (ver também o Capítulo II). Há também tabuletas e fragmentos que indicam que uma série de contos lendários existiram agrupados sobre Sargão, o Grande, e seus feitos, particularmente aqueles relacionados a seus contemporâneos Ur-Zababa e Lugalzaggesi; mas até o momento não foi recuperado material suficiente para nos dar uma visão clara de seu conteúdo. Finalmente, há a composição relacionada à vida de Ur-Nammu no mundo inferior, que pode ter sido motivada historiograficamente (ver o Capítulo IV).

O último grupo de documentos literários sumérios a ser considerado neste capítulo são as composições de "sabedoria", consistindo em disputas, ensaios longos e curtos, e coleções de preceitos

e provérbios. A disputa, uma grande favorita entre os homens de letras sumérios, é o protótipo e predecessor do gênero literário conhecido como "tenson", que era popular na Europa na antiguidade tardia e na Idade Média. Seu principal componente é um debate, uma batalha de palavras, entre dois protagonistas opostos, geralmente personificando um par contrastante de animais, plantas, minerais, ocupações, estações ou até mesmo ferramentas e implementos feitos pelo homem. O argumento, que vai e volta várias vezes entre os dois rivais, consiste principalmente em "falar alto" nos termos mais lisonjeiros sobre o próprio valor e importância e "falar baixo" sobre os do oponente. No entanto, tudo isso é escrito em forma poética, uma vez que os homens de letras sumérios eram os herdeiros diretos dos menestréis analfabetos de épocas muito anteriores, e a poesia veio a eles mais naturalmente do que a prosa. A composição da disputa era frequentemente completada formalmente com uma introdução mitológica apropriada que contava sobre a criação dos protagonistas e com um final adequado no qual a disputa era resolvida em favor de um ou outro dos rivais por decisão divina.

Até hoje, sete dessas disputas são conhecidas: (1) "A Disputa entre o Verão e o Inverno", (2) "A Disputa entre o Gado e o Grão", (3) "A Disputa entre o Pássaro e o Peixe", (4) "A Disputa entre a Árvore e o Junco", (5) "A Disputa entre a Prata e o Poderoso Cobre", (6) "A Disputa entre a Picareta e o Arado" e (7) "A Disputa entre a Pedra de Moinho e a Pedra de *gulgul*". Exceto pela última mencionada, essas composições variam em tamanho de perto de duzentas a pouco mais de trezentas linhas. As duas maiores e mais bem preservadas são "A Disputa entre o Verão e o Inverno" e "A Disputa entre o Gado e o Grão"; o esboço a seguir de seus conteúdos ilustrará o estilo e a estrutura, o tom e o sabor do gênero como um todo.

"A Disputa entre Verão e Inverno" começa com uma introdução mitológica que nos informa que Enlil, a divindade líder do panteão sumério, decidiu criar todos os tipos de árvores e grãos e estabelecer abundância e prosperidade na terra. Para esse propósito, dois seres semidivinos, os irmãos Emesh, "Verão", e Enten, "Inverno", são

criados, e Enlil atribui a cada um deles deveres específicos, que eles executam assim:

> Enten fez a ovelha dar à luz o cordeiro, a cabra dar à luz o cabrito,
> Vaca e bezerro se multiplicarem, a gordura e leite aumentarem,
> Na planície ele fez alegrar o coração da cabra selvagem, da ovelha e do jumento,
> Os pássaros do céu — na vasta terra ele os fez construir seus ninhos,
> Os peixes do mar — no canavial ele os fez botar seus ovos,
> No palmeiral e no vinhedo ele fez mel e vinho abundarem,
> As árvores, onde quer que fossem plantadas, ele fez dar frutos,
> Os jardins ele enfeitou de verde, fez suas plantas luxuriantes,
> Fez o grão aumentar nos sulcos,
> Como Ashnan (a deusa do grão), a gentil donzela, ele o fez brotar vigorosamente.
> Emesh fez surgir as árvores e os campos, ampliou os estábulos e os currais,
> Nas fazendas ele multiplicou a produção, enfeitou a terra . . . . ,
> Fez com que a colheita abundante fosse trazida para as casas, os celeiros ficassem abarrotados,
> Cidades e habitações fossem fundadas, casas fossem construídas na terra,
> Templos fossem erguidos no alto das montanhas.

Com a missão cumprida, os dois irmãos decidem ir a Nippur para a "casa da vida" e levar oferendas de agradecimento ao pai Enlil. Emesh traz diversos animais selvagens e domésticos, pássaros e plantas como presente, enquanto Enten escolhe metais e pedras preciosas, árvores e peixes como oferenda. Mas logo na porta da "casa da vida", o ciumento Enten começa uma briga com seu irmão. Os argumentos vão e voltam entre eles, e finalmente Emesh desafia a reivindicação de Enten à posição de "fazendeiro dos deuses". E então eles se dirigem ao grande templo de Enlil, o Ekur, e cada um expõe seu caso. Assim, Enten queixa-se com Enlil:

> Pai Enlil, você me deu o comando dos canais,
> Eu trouxe a água da abundância,
> A fazenda eu fiz cultivar, abarrotei os celeiros,
> Eu fiz o grão crescer nos sulcos,
> Como Ashnan, a gentil donzela, eu o fiz surgir com firmeza,
> Agora Emesh, o . . . . , que não tem entendimento dos campos,
> Empurrou por . . . braço e . . . ombro,
> No palácio do rei . . . . .

A versão de Emesh da discussão, que começa com várias frases lisonjeiras habilmente direcionadas para ganhar o favor de Enlil, é breve, mas ainda ininteligível. Então

> Enlil responde a Emesh e Enten,
> "As águas produtoras de vida de todas as terras — Enten está no comando delas.
> Fazendeiro dos deuses — ele tudo produz,
> Emesh, meu filho, como você se compara ao seu irmão Enten?"
> A exaltada palavra de Enlil, com significado profundo,
> Cujo veredito é inalterável, quem ousa transgredi-la?
> Emesh dobrou o joelho diante de Enten, ofereceu-lhe uma oração,
> Para sua casa ele trouxe néctar, vinho e cerveja,
> Eles se saciaram alegrando o coração com néctar, vinho e cerveja,
> Emesh presenteia Enten com ouro, prata e lápis-lazúli,
> Em fraternidade e companheirismo eles derramam alegres libações . . . . .
>
> Na disputa entre Emesh e Enten,
> Enten, o fiel fazendeiro dos deuses, tendo provado ser o vencedor sobre Emesh,
> . . . Pai Enlil, seja louvado!

Em "A Disputa entre Gado e Grão", as duas protagonistas são a deusa do gado, Lahar, e sua irmã, a deusa do grão, Ashnan. Essas duas, de acordo com nosso mito, foram criadas na câmara da criação dos deuses para que os Anunnaki, os filhos do deus-céu, An, pudessem ter comida para comer e roupas para vestir. Mas os Anunnaki foram incapazes de fazer uso efetivo do gado e do grão até que o homem fosse criado. Tudo isso é contado em uma passagem introdutória que diz:

> Além da montanha do céu e da terra,
> An (o deus-céu) fez os Anunnaki (seus seguidores) nascerem,
> Porque o nome Ashnan não havia nascido, não havia sido modelada,
> Porque Uttu (a deusa da vestimenta) não havia sido modelada,
> Porque para Uttu nenhum *temenos* havia sido estabelecido,
> Não havia nenhuma ovelha, nenhum cordeiro foi derrubado,
> Não havia nenhuma cabra, nenhum cabrito foi derrubado,
> A ovelha não deu à luz seus dois cordeiros,
> A cabra não deu à luz seus três cabritos,
> Porque o nome de Ashnan, a sábia, e Lahar,
> Os Anunnaki, os grandes deuses, não sabiam,
> O grão *shesh* de trinta dias não existia,
> O grão *shesh* de quarenta dias não existia,
> Os pequenos grãos, o grão da montanha, o grão das puras criaturas vivas não existia.

Porque Uttu não havia nascido, porque a copa (da vegetação) não havia sido erguida,
Porque o senhor . . . não havia nascido,
Porque Sumugan, o deus da planície, não havia surgido,
Tal como a humanidade quando foi criada,
Eles (os Anunnaki) não sabiam comer pão,
Não sabiam vestir roupas,
Comiam plantas com suas bocas como ovelhas,
Bebiam água do fosso.

Naquela época, na câmara de criação dos deuses,
Em sua casa Duku, Lahar e Ashnan foram modeladas;
Os produtos de Lahar e Ashnan,
Os Anunnaki do Duku comem, mas permanecem insaciáveis;
Em seus imaculados currais leite de *shum*, o bom,
Os Anunnaki do Duku bebem, mas permanecem insaciáveis;
Por causa de seus imaculados currais, o bom,
O homem recebeu fôlego.

A passagem após a introdução descreve a descida de Lahar e Ashnan do céu para a terra e os benefícios culturais que elas conferem à humanidade:

Naquela época, Enki disse a Enlil:
"Pai Enlil, Lahar e Ashnan,
Aquelas que foram criadas no Duku,
Vamos fazê-las descer do Duku."

À palavra pura de Enki e Enlil,
Lahar e Ashnan descem do Duku,
Para Lahar eles (Enlil e Enki) montaram o curral,
Plantas e ervas em abundância eles apresentam a ela.

Para Ashnan eles estabelecem uma casa,
Arado e canga eles apresentam a ela.
Lahar em pé em seu curral,
Uma pastora aumentando a fartura do rebanho é ela;
Ashnan em pé entre as colheitas,
Uma donzela gentil e generosa é ela.

Abundância que vem do céu,
Lahar e Ashnan fizeram aparecer (na terra),
Na assembleia elas trouxeram abundância,
Na terra elas trouxeram o sopro da vida,
Os *mes* do deus elas comandam,
O conteúdo dos armazéns elas multiplicam,
Os armazéns elas enchem completamente.

Na casa dos pobres, abraçando a poeira,
Entrando elas trazem abundância;
As duas, onde quer que estejam,
Trazem grande aumento para a casa;
O lugar onde elas estão elas se sentam, o lugar onde elas se sentam elas suprem,
Elas fizeram bem o coração de An e Enlil.

Mas então Lahar e Ashnan beberam muito vinho, e então começaram a brigar nas fazendas e campos. Nas discussões que se seguiram, cada divindade exaltou suas próprias realizações e menosprezou as da outra. Finalmente, Enlil e Enki intervieram e declararam Ashnan a vencedora.

Há quatro composições do tipo disputa que de uma forma ou de outra dizem respeito à escola suméria e seu pessoal e graduados. Duas delas, "A Disputa entre Enkimansi e Girnishag" e "O Colóquio entre um *ugula* e um Escriba", são tratadas em detalhes no capítulo sobre educação (capítulo VI). A estas agora podem ser adicionadas "A Disputa entre Enkita e Enkihegal" e "A Disputa entre Dois Graduados da Escola".

A "Disputa entre Enkita e Enkihegal", que consiste em cerca de duzentas e cinquenta linhas, começa com a declaração um tanto surpreendente, "Companheiros, hoje não trabalhamos", e continua com uma série de cerca de vinte parágrafos, a maioria dos quais tem de quatro a cinco linhas de comprimento, repletos de insultos e provocações lançados pelos dois protagonistas um contra o outro. Aqui, por exemplo, encontramos um dizendo ao outro causticamente:

Onde está ele, onde está ele (esse sujeito), que compara sua linhagem com a minha linhagem? Nem do lado feminino nem do lado masculino ele pode comparar sua linhagem com a minha linhagem. Nem do lado do mestre nem do lado do escravo a sua linhagem é como a minha.

Ao que o outro retruca:

Espere agora, não se gabe tanto, você não tem futuro.

o que só coloca lenha na fogueira:

> O que você quer dizer com "não tenho futuro"? Meu futuro é tão bom quanto o seu futuro. Tanto do ponto de vista da riqueza quanto de linhagem, meu futuro é tão bom quanto o seu futuro.

Ou veja este parágrafo ácido em que um insulta o outro como um sujeito nada musical:

> Você tem uma harpa, mas não conhece música,
> Você que é o "menino da água" dos (seus) colegas,
> (Sua) garganta (?) não consegue emitir uma nota,
> Você gagueja (seu) sumério, não consegue fazer um discurso direto,
> Não consegue cantar um hino, não consegue abrir (sua) boca,
> E você é um sujeito talentoso!

Finalmente, depois que um dos antagonistas lançou calúnias sobre os membros da família de seu oponente, eles decidiram ir para sua "cidade" e fazer com que seus colegas decidissem entre eles. Mas, se entendi corretamente o texto um tanto obscuro e ambíguo neste ponto, eles foram aconselhados a irem até o *ugula*, "o supervisor (?)," na *edubba*, e ele, o *ugula*, decidiu que ambos estavam errados e os repreendeu por desperdiçarem seu tempo em brigas e disputas.

"A Disputa Entre os Dois Graduados da Escola" é uma composição de cerca de cento e quarenta linhas que começa com um discurso altamente arrogante de um dos protagonistas introduzido pela frase "Velho graduado, venha, vamos debater". O rival responde de acordo, e os insultos voam de um lado para o outro até o final da composição, que termina com uma explosão injuriosa de um dos antagonistas, consistindo de vinte e oito linhas cheias de abuso cáustico.

Finalmente, há uma disputa entre duas moças sem nome (não está escrita no dialeto sumério principal, mas no Emesal, o dialeto normalmente reservado nos textos literários sumérios para a fêmea da espécie) que é tão injuriosa e venenosa quanto aquela entre os escolásticos rivais. A composição consiste em mais de duzentas linhas divididas em cerca de vinte e cinco parágrafos que são cheios de insultos irônicos e comentários indecentes e sarcásticos.

Diferentemente do tipo de composição de disputa, o ensaio parece ter sido pouco apreciado entre os homens de letras sumérios; no momento, pelo menos, temos poucas composições que poderiam ser classificadas como ensaios. Há o documento poético semelhante a Jó, preocupado com o sofrimento e a submissão humana (ver o Capítulo IV); dois ensaios, parcialmente em forma de diálogo, relacionados com a vida na *edubba* e o valor da educação (ambos tratados em detalhes no capítulo VI); e um ensaio bastante breve inscrito em uma tabuleta na Coleção Hilprecht em Jena, que parece descrever um homem mau e odiado chamado Tani, que praticava violência, odiava a retidão e a verdade, era arbitrário na assembleia e, de fato, agia de forma abominável em todos os lugares. Há também, talvez, uma série de ensaios muito breves ou em miniatura sobre vários assuntos, mas no momento pouco pode ser dito sobre a verdadeira natureza de seu conteúdo.

Existem três coleções sumérias de preceitos e instruções: "O Almanaque do Agricultor" (ver o Apêndice I), "As instruções de Shuruppak para seu filho Ziusudra", que consiste em advertências práticas para comportamento sábio e eficaz, e uma terceira, que parece consistir em advertências morais e éticas, embora seja preservada apenas fragmentariamente. A segunda delas, "As instruções de Shuruppak para seu filho Ziusudra", é bastante interessante por causa de seu artifício estilístico de atribuir coleções inteiras de sabedoria a governantes presumivelmente muito sábios do passado distante, uma característica do Livro Bíblico de Provérbios. Pois embora esses preceitos tenham sido provavelmente compilados por volta de 2000 a.C., eles foram atribuídos ao Rei Shuruppak, que era o pai de Ziusudra, o Noé sumério, evidentemente um candidato adequado para a posição de sábio por excelência. O sabor bíblico desta composição é evidente até mesmo em suas linhas iniciais, que dizem em parte:

> Shuruppak deu instruções a seu filho,
> Shuruppak, filho de Ubartutu,
> Deu instruções a seu filho Ziusudra:
>
> "Meu filho, eu instruiria você, aceite minha instrução,
> Ziusudra, eu diria uma palavra a você, dê atenção a ela;

Não negligencie minha instrução,
Não transgrida a palavra que eu proferi,
A instrução do pai, a preciosa, execute diligentemente."

E assim chegamos ao último tipo de composição no gênero sabedoria, o provérbio. O total de provérbios sumérios relevantes existentes consiste em aproximadamente setecentas tabuletas e fragmentos, a grande maioria dos quais não foi identificada até 1953. Uma boa proporção das tabuletas continha originalmente coleções inteiras de provérbios ou extensos trechos dessas coleções. O restante eram tabuletas de prática escolar contendo trechos muito curtos das coleções ou, frequentemente, apenas um único provérbio. Edmund Gordon, meu antigo aluno e assistente, recentemente estudou cuidadosamente todo o material de provérbios existente; ele conclui que os antigos escribas sumérios produziram pelo menos quinze a vinte compilações diferentes de provérbios padrão, das quais cerca de dez a doze podem agora ser reconstruídas em grande parte. Elas contêm mais de mil provérbios ao todo. Em cerca de metade das coleções, os provérbios foram organizados em grupos de acordo com os sinais iniciais. Nas outras, os provérbios não foram organizados em grupos com base em palavras-chave e, embora provérbios com assunto semelhante ocasionalmente apareçam lado a lado, o critério para a ordem da organização não é aparente. Seja como for, os provérbios sumérios revelam uma avaliação perspicaz, embora nem sempre lisonjeira, do cenário humano e dos impulsos e motivos, das esperanças e anseios, e dos paradoxos e contradições que o permeiam. Aqui estão agora alguns dos provérbios mais inteligíveis selecionados, conforme traduzidos em grande parte por Edmund Gordon:

1. Que o que é meu fique sem uso; mas deixe-me usar o que é seu — isso (dificilmente) tornará um homem querido para a casa de seus amigos.

2. Você não me conta o que encontrou;
   você só conta o que perdeu.

3. Posses são pardais em voo que não conseguem encontrar lugar para pousar.

4. Não colha agora; mais tarde dará frutos.

5. Quem come muito não consegue dormir.

6. Não é o coração que leva à inimizade;
é a língua que leva à inimizade.

7. Diga uma mentira; então, se você disser a verdade, será considerada uma mentira.

8. Em uma boca aberta, uma mosca entra.

9. O viajante de lugares distantes é um mentiroso perene.

10. Construa como um senhor — viva como um escravo;
construa como um escravo — viva como um senhor.

11. De mão em mão — a casa de um homem é construída;
De estômago a estômago — a casa de um homem é destruída.

12. Mal alimentado — vivendo grandiosamente!

13. Ao caminhar, venha agora, mantenha os pés no chão.

14. A amizade dura um dia;
o parentesco dura para sempre.

15. Quem tem muita prata pode ser feliz;
quem tem muitos grãos pode ser alegre;
mas quem não tem nada pode dormir.

16. Uma palavra doce é amiga de todos.

17. Um coração amoroso constrói o lar;
um coração odioso destrói o lar.

18. A cantina do deserto é a vida de um homem;
o sapato é o olho de um homem;
a esposa é o futuro de um homem;
o filho é o refúgio de um homem;
a filha é a salvação de um homem;
a nora é o demônio de um homem.

19. Case-se com uma esposa de acordo com sua escolha;
tenha um filho como seu coração deseja.

20. Um “delinquente”, sua mãe nunca deveria tê-lo dado à luz, seu deus nunca deveria tê-lo moldado.

21. Um escriba que não conhece sumério, que tipo de escriba é ele?

22. Um escriba cuja mão se move tão rápido quanto a boca, esse é um escriba para você.

23. Um cantor cuja voz não é doce é um cantor ruim de fato.

24. Em uma cidade sem cães (de guarda), a raposa é o supervisor.

25. A raposa pisou no casco do boi selvagem, dizendo: “Não doeu?”

26. Um gato — por seus pensamentos!
Um mangusto — por suas ações!

Concluindo, precisamos dizer apenas uma palavra sobre os antigos catálogos literários sumérios que se desenvolveram, sem dúvida, a partir da necessidade de manusear, armazenar e registrar as milhares de tabuletas de formas e tamanhos variados que foram inscritas com centenas de composições literárias. Até hoje, sete catálogos datados do segundo milênio a.C. foram desenterrados e agora estão localizados da seguinte forma: um no Museu do Iraque em Bagdá; um no Louvre; um no Museu Universitário da Universidade da Pensilvânia; um no Museu de Berlim; dois na Coleção Hilprecht na Universidade Friedrich-Schiller em Jena; e um temporariamente no Museu Britânico. No total, esses sete catálogos listam os títulos de mais de duzentas composições sumérias, ou “livros”, o título geralmente consiste na primeira parte da primeira linha. Dois dos catálogos restringem suas listagens a hinos. Os cinco restantes não são tão limitados, mas contêm os títulos de vários tipos de composições. Os princípios que guiaram seus escritores não são de forma alguma claros; a priori, alguém poderia esperar que a natureza do conteúdo das composições fosse o critério determinante, mas isso raramente acontece. Um dos catálogos, o do Museu do Iraque, afirma especificamente que é uma lista de tabuletas reunidas em certos recipientes, e isso pode ser verdade para vários outros catálogos.

Só recentemente, um oitavo catálogo literário de um tipo bem diferente dos outros sete foi identificado pelos editores do Dicionário Assírio do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, que também traduziram algumas linhas dele. Este texto é de particular importância, já que, a julgar pelo roteiro, ele data da Terceira Dinastia de Ur, um período do qual quase nenhum documento literário foi recuperado até hoje. Infelizmente, o texto, só porque não tem paralelos posteriores, é muito difícil de interpretar, e a tradução a seguir, que deve muito ao meu antigo assistente Miguel Civil, deve ser tomada como um esforço pioneiro e preliminar:

Da tabuleta inicial (da composição intitulada) "Enki Ascendeu ao Refeitório" até (a tabuleta que começa com as palavras) "Zênite do Céu" (estão as quatro tabuletas seguintes que começam com as palavras):

Quem conhece os eclipses, a mãe daquele que conhece os encantamentos,
No canavial balançando,
Os . . . deuses da batalha,
Os gêmeos inimigos e lutadores;

(Todas essas tabuletas estão inscritas com) seções consecutivas de (a composição intitulada) "Enki Ascendeu ao Refeitório" (e são encontradas) dentro de um "poço".

Da tabuleta inicial (da composição intitulada) "O Deus Lilia" até (a tabuleta que começa com as palavras) "Os . . . da jornada são sete" (são as três tabuletas seguintes que começam com as palavras):

Nos sete . . . eu fiz entrar,
Que o jovem tenha (seus) braços presos,
Os . . . do grande . . . ;

(Todas essas tabuletas estão inscritas com) seções consecutivas de (a composição intitulada) "A Deusa Lilia" (e são encontradas) dentro de um "poço".

(Quanto à composição intitulada) "Os Pés do Homem de Palavras Confiáveis que . . .", (as tabuletas inscritas com) suas seções consecutivas não foram encontradas.

(As tabuletas inscritas com) as seções consecutivas de (a composição intitulada) "Quem Sai Contra a Cidade Inimiga."

É possível que este catálogo em particular tenha sido preparado para listar as tabuletas recuperadas de poços, onde elas podem ter sido escondidas por uma razão ou outra; a declaração perto do final de que uma das composições não foi encontrada, se a tradução estiver correta, parece corroborar esta suposição. Quanto às duas últimas linhas, estas

parecem ter sido deixadas no ar, e não há como saber o que os antigos escribas queriam dizer com esta notação.

CAPÍTULO VI

VI. EDUCAÇÃO: A Escola Suméria

Do ponto de vista da história da civilização, as realizações supremas da Suméria foram o desenvolvimento do sistema cuneiforme de escrita e o sistema formal de educação que foi seu resultado direto. Não é exagero dizer que, se não fosse pela inventividade e perseverança dos anônimos e práticos especialistas e professores sumérios que viveram no início do terceiro milênio a.C., dificilmente as realizações intelectuais e científicas dos tempos modernos teriam sido possíveis; foi da Suméria que a escrita e o aprendizado se espalharam pelo mundo. Certamente, os inventores dos primeiros sinais sumérios, os pictogramas, dificilmente poderiam ter previsto o sistema de escolaridade conforme se desenvolveu em tempos posteriores. Mas mesmo entre os documentos escritos mais antigos conhecidos — aqueles encontrados em Erech — consistindo em mais de mil pequenas tabuletas de argila pictográficas inscritas principalmente com pedaços de memorandos econômicos e administrativos, há vários que contêm listas de palavras destinadas ao estudo e à prática; isto é, já em 3000 a.C., alguns escribas já pensavam em termos de ensino e aprendizagem. O progresso foi lento nos séculos que se seguiram; mas em meados do terceiro milênio a.C., deve ter havido uma série de escolas por toda a Suméria onde a escrita era ensinada formalmente. Na antiga Shuruppak, a cidade natal do Noé sumério, um número considerável de “livros didáticos” escolares datados de cerca de 2500 a.C. foram escavados há cerca de cinquenta anos, consistindo em listas de deuses, animais, artefatos e uma variedade de palavras e frases.

No entanto, foi no curso da última metade do terceiro milênio que o sistema escolar sumério amadureceu e floresceu. Deste período, dezenas de milhares de tabuletas de argila já foram escavadas, e não há dúvida de que centenas de milhares a mais jazem enterradas no solo aguardando o futuro escavador. A grande maioria é de caráter administrativo e cobre todas as fases da vida econômica suméria. Aprendemos com elas que o número de escribas que praticaram seu ofício ao longo daqueles anos chegou aos milhares; havia escribas juniores e escribas "altos", escribas reais e do templo, escribas que eram altamente especializados para categorias particulares de atividades administrativas e escribas que se tornaram autoridades importantes no estado e no governo. Há todas as razões para supor, portanto, que numerosas escolas de escribas de tamanho e importância consideráveis floresceram por toda a terra.

Mas nenhuma dessas primeiras tabuletas trata diretamente do sistema escolar sumério, sua organização e método de operação. Para esse tipo de informação, precisamos ir até a primeira metade do segundo milênio a.C. Deste período posterior, escavadores descobriram centenas de tabuletas de prática cheias de todos os tipos de exercícios preparados pelos próprios alunos como parte de seu trabalho escolar diário; sua escrita varia dos rabiscos lamentáveis do aluno do "primeiro ano" aos sinais elegantemente feitos do aluno muito avançado prestes a se tornar um "graduado". Por meio de inferência, esses antigos cadernos nos contam muito sobre o método de ensino vigente na escola suméria e sobre a natureza do currículo. Melhor ainda, os antigos professores e instrutores gostavam de escrever sobre a vida escolar, e vários de seus ensaios sobre esse assunto foram recuperados, pelo menos em parte. De todas essas fontes, obtemos uma imagem da escola suméria, seus objetivos e metas, seus alunos e corpo docente, seu currículo e técnicas de ensino, o que é bastante singular para um período tão antigo na história do homem.

A escola suméria era conhecida como *edubba*, "casa das tabuletas". Seu objetivo original era o que chamaríamos de "profissional", ou seja, foi estabelecida primeiramente com o propósito de treinar os escribas necessários para satisfazer as necessidades

econômicas e administrativas da terra, principalmente, é claro, as do templo e do palácio. Este continuou a ser o principal objetivo da escola suméria ao longo de sua existência. No entanto, no decurso de seu crescimento e desenvolvimento, e particularmente como resultado do currículo cada vez mais amplo, ela se tornou o centro da cultura e do aprendizado na Suméria. Dentro de suas paredes floresceu o cientista acadêmico, o homem que estudava qualquer conhecimento teológico, botânico, zoológico, geográfico, matemático, gramatical e linguístico que fosse vigente em sua época e que, em alguns casos, acrescentava algo a esse conhecimento.

Além disso, bem diferente das instituições de ensino atuais, a escola suméria também era o centro do que poderia ser chamado de escrita criativa. Era aqui que as criações literárias do passado eram estudadas e copiadas; era aqui também que as novas eram compostas. Embora seja verdade, portanto, que a maioria dos graduados das escolas sumérias se tornaram escribas a serviço do templo e do palácio e entre os ricos e poderosos da terra, havia alguns que devotavam suas vidas ao ensino e ao aprendizado. Como o professor universitário de hoje, muitos desses antigos estudiosos dependiam para sua subsistência de seus salários de docência e se dedicavam à pesquisa e à escrita em seu tempo livre. A escola suméria, que provavelmente começou como um apêndice do templo, tornou-se com o tempo uma instituição secular; os professores eram pagos, até onde podemos ver, com as mensalidades cobradas dos alunos. O currículo também era amplamente secular em caráter.

A educação não era, é claro, nem universal nem obrigatória. A maior parte dos estudantes vinha de famílias mais ricas; os pobres dificilmente podiam arcar com o custo e o tempo exigidos por uma educação prolongada. Até recentemente, era assumido a priori que este era o caso. Mas cerca de uma década atrás, um cuneiformista luxemburguês chamado Nikolaus Schneider engenhosamente provou isso a partir de fontes contemporâneas. Nos milhares de documentos econômicos e administrativos publicados de cerca de 2000 a.C., cerca de quinhentos indivíduos se auto denominavam escribas e, para maior identificação, muitos deles acrescentam o nome de seu pai e sua

ocupação. Schneider compilou uma lista desses dados e descobriu que os pais dos escribas, ou seja, dos graduados da escola, eram governadores, "pais da cidade", embaixadores, administradores de templos, oficiais militares, capitães do mar, altos funcionários fiscais, sacerdotes de vários tipos, gerentes, supervisores, capatazes, escribas, arquivistas e contadores — em suma, todos os cidadãos mais ricos de uma comunidade urbana. Apenas uma única mulher é listada como escriba nesses documentos e, portanto, é provável que o corpo estudantil da escola suméria fosse composto apenas por homens.

O chefe da escola suméria era o *ummia*, "especialista", "professor", que também era chamado de "pai da escola", enquanto o aluno era chamado de "filho da escola" e o ex-aluno "o filho da escola dos dias passados". O professor assistente era conhecido como "irmão mais velho", e algumas de suas funções eram escrever as novas tabuletas para os alunos copiarem, examinar as cópias feitas pelos alunos e ouvi-los recitar seus estudos de memória. Outros membros do corpo docente eram, por exemplo, "o homem encarregado do desenho" e "o homem encarregado do sumério". Havia também monitores encarregados da frequência e fiscais especiais responsáveis pela disciplina. Nada sabemos sobre a hierarquia relativa dos funcionários da escola, exceto, é claro, que o diretor era o "pai da escola".

Se agora nos voltarmos para o currículo da escola suméria, temos à nossa disposição uma riqueza de dados das próprias escolas, o que é de fato único na história do homem primitivo. Pois neste caso não há necessidade de depender das afirmações feitas pelos antigos ou de inferências de pedaços dispersos de informação; temos os produtos reais escritos pelos próprios alunos, desde as primeiras tentativas do iniciante até as cópias do aluno avançado, que eram tão bem preparadas que dificilmente podiam ser distinguidas das do professor. É a partir desses produtos escolares que percebemos que o currículo da escola suméria consistia em dois grupos principais; o primeiro pode ser descrito como semicientífico e acadêmico e o segundo como literário e criativo.

Ao considerar o primeiro grupo de assuntos, ou semicientífico, é importante ressaltar que ele não surgiu do que podemos chamar de impulso científico, a busca da verdade pela verdade; em vez disso, ele

cresceu e se desenvolveu a partir do objetivo principal da escola, que era ensinar o escriba a escrever a língua suméria. Pois, para satisfazer essa necessidade pedagógica, os professores escribas sumérios criaram um sistema de instrução que consistia principalmente em classificação linguística; isto é, eles classificaram a língua suméria em grupos de palavras e frases relacionadas e fizeram os alunos memorizá-las e copiá-las até que pudessem reproduzi-las com facilidade. No curso do terceiro milênio a.C., esses livros didáticos se tornaram cada vez mais completos e gradualmente cresceram para serem mais ou menos generalizados e padronizados para todas as escolas da Suméria. Entre eles, encontramos longas listas de nomes de árvores e juncos, de todos os tipos de animais (incluindo insetos e pássaros), de países, cidades e vilas, e de todos os tipos de pedras e minerais. No geral, essas compilações revelam um conhecimento considerável do que pode ser chamado de conhecimento botânico, zoológico, geográfico e mineralógico, um fato que só agora está começando a ser percebido pelos historiadores da ciência.

Nossos escolásticos também prepararam todos os tipos de tabelas matemáticas e muitos problemas matemáticos detalhados, juntamente com suas soluções. E no campo da linguística, encontramos o estudo da gramática suméria bem representado; várias das tabuletas escolares são inscritas com longas listas de substantivos complexos e formas verbais que indicam uma abordagem gramatical altamente sofisticada. Além disso, como resultado da conquista gradual dos sumérios pelos acadianos semitas no último quarto do terceiro milênio a.C., nossos antigos professores prepararam o que são, sem dúvida, os dicionários mais antigos conhecidos pelo homem. Pois os conquistadores semitas não apenas tomaram emprestado a escrita suméria; eles também valorizavam muito as obras literárias sumérias e as estudaram e imitaram muito depois que o sumério se extinguiu como língua falada — daí a necessidade pedagógica de dicionários nos quais as palavras e frases sumérias fossem traduzidas para a língua acadiana. (Ver a Figura 5).

Sumerian	Sign	Akkadian Translation	Meaning
i l - a r		ti-il-pa-nu	throwing stick
t a - a l		ru-up-šum	width
n a - g á		e-si-tum	mortar
g a - a z		pa-ḫa-su-um	to break into pieces
"		da-a-ku-um	to kill
n i n - d a		mi-i-rum	bull
"		pa-ar-si-ik-tum	a measure
"		it-tu-ú-um	funnel of a seed-plow

Fig. 5 — Extrato de um vocabulário sumério-acadiano

Quanto aos aspectos literários e criativos do currículo sumério, eles consistiam principalmente em estudar, copiar e imitar o grande e diversificado grupo de composições literárias que devem ter se originado e se desenvolvido principalmente na segunda metade do terceiro milênio a.C. O número dessas obras antigas chegava a centenas; eram quase todas poéticas na forma e variavam em extensão de quase mil a menos de cinquenta linhas. Conforme recuperados até o momento, eles consistem principalmente nos seguintes gêneros: mitos e contos épicos na forma de poemas narrativos celebrando os feitos e façanhas dos deuses e heróis sumérios; hinos a deuses e reis; lamentações, isto é, poemas lamentando a destruição frequente das cidades sumérias; composições de sabedoria, incluindo provérbios, fábulas e ensaios. Das aproximadamente cinco mil tabuletas e fragmentos literários recuperados das ruínas da Suméria, muitas são das mãos imaturas dos próprios antigos alunos.

Pouco se sabe ainda sobre os métodos e técnicas de ensino praticados na escola suméria. De manhã, ao chegar à escola, o aluno

estudava a tabuleta que havia preparado no dia anterior. Depois disso, o "irmão mais velho", ou seja, o professor assistente, preparava uma nova tabuleta, que o aluno então copiava e estudava. Tanto o "irmão mais velho" quanto o "pai da escola" examinavam suas cópias para ver se estavam corretas. Sem dúvida, a memorização desempenhava um papel muito importante no trabalho do aluno. Então, também, o professor e auxiliares deviam complementar, com considerável material oral e explicativo, as listas simples, tabelas e textos literários que o aluno estava copiando e estudando. Mas essas "palestras", que sem dúvida seriam inestimáveis para nossa compreensão do pensamento científico, religioso e literário sumério, provavelmente nunca foram escritas e, portanto, estão perdidas para nós para sempre.

Embora a escola suméria não fosse de forma alguma "contaminada" pelo que poderíamos chamar de educação progressiva, o currículo era pedagogicamente orientado, pelo menos até certo ponto. Assim, o neófito iniciava seus estudos com exercícios silábicos bastante elementares, como tu-ta-ti, nu-na-ni, bu-ba-bi, zu-za-zi, etc. Isso era seguido pelo estudo e prática de uma lista de sinais de cerca de novecentas inscrições que forneciam sinais individuais juntamente com sua pronúncia. Então vinham listas contendo centenas de palavras que tinham sido escritas, por uma razão ou outra, não por um sinal, mas por um grupo de dois ou mais sinais. Estas eram seguidas por coleções contendo literalmente milhares de palavras e frases organizadas de acordo com o significado. Assim, no campo das "ciências naturais", havia listas das partes do corpo animal e humano, de animais selvagens e domésticos, de pássaros e peixes, de árvores e plantas, de pedras e estrelas. As listas de artefatos incluíam objetos de madeira — mais de mil e quinhentos itens variando de pedaços de madeira bruta a barcos e carruagens; objetos feitos de junco, pele, couro e metal; diversos tipos de cerâmica, vestimentas, alimentos e bebidas. Um grupo especial dessas listas lidava com nomes de lugares — terras, cidades e aldeias, bem como rios, canais e campos. Uma coleção das expressões mais comuns usadas em documentos administrativos e legais também foi incluída, bem como uma lista de cerca de oitocentas palavras denotando profissões, relações de parentesco, deformidades do corpo humano, etc.

Era somente quando o aluno se familiarizava bem com a escrita do complexo vocabulário sumério que ele começava a copiar e memorizar frases curtas, provérbios e fábulas, e também coleções de contratos "modelo", sendo este último essencial para a redação de documentos legais, que desempenharam um papel importante na vida econômica da Suméria. Junto com esse treinamento linguístico, o aluno também recebia instrução em matemática, que consistia em estudar e copiar tabelas metrológicas, com a equivalência de medidas de capacidade, comprimento e peso, bem como tabelas de multiplicação e recíprocas para fins de cálculo. Mais tarde, o aluno era colocado para resolver problemas práticos relacionados a salários, escavação de canais e trabalho de construção.

Em matéria de disciplina — e como será visto em seguida, a disciplina parece ter sido um grande problema na escola suméria — não havia como poupar a vara. Enquanto os professores sem dúvida encorajavam seus alunos a fazer um bom trabalho por meio de elogios e louvores, eles dependiam principalmente da vara para corrigir as falhas e inadequações do aluno. O aluno não tinha uma vida fácil. Ele frequentava a escola diariamente do nascer ao pôr do sol; ele devia ter algumas férias ao longo do ano, mas não temos informações sobre o assunto. Ele dedicava muitos anos aos seus estudos escolares; ele permanecia na escola desde sua infância até o dia em que se tornava um jovem adulto. Seria muito interessante saber se — e quando e em que extensão — era esperado que os alunos se especializassem em um estudo ou outro. Mas neste ponto, como de fato em muitos outros assuntos relacionados às atividades escolares, nossas fontes nos falham.

Para concluir, podemos dizer apenas uma palavra sobre o prédio da escola. No decorrer de várias escavações na Mesopotâmia, foram descobertos edifícios que, por uma razão ou outra, foram identificados como possíveis escolas; um em Nippur, outro em Sippar e um terceiro em Ur. Mas, exceto pelo fato de que um grande número de tabuletas foi encontrado nos cômodos, parece haver pouco para distingui-los dos cômodos de uma casa comum, e a identificação pode estar errada. No entanto, há cerca de quinze anos, os franceses que escavaram a antiga Mari, bem a oeste de Nippur, descobriram dois cômodos que

definitivamente parecem mostrar aspectos físicos que podem ser características de uma sala de aula; em particular, elas contêm várias fileiras de bancos feitos de tijolo cozido, capazes de acomodar uma, duas e quatro pessoas.

Pode haver uma referência à estrutura e ao formato do prédio da escola em uma charada enigmática que um antigo professor sumério inventou, que diz o seguinte:

> (O que é:)
> Uma casa que, como o céu, tem um arado,
> Que, como uma chaleira de cobre, é coberta de pano,
> Que, como um ganso, fica em uma base,
> Aquele cujos olhos não estão abertos entra nela,
> Aquele cujos olhos estão (bem) abertos sai dela?
>
> Sua solução é: É a escola.

Embora a primeira parte desta charada, encontrada em uma tabuleta ainda não publicada escavada em Ur e copiada por Cyril J. Gadd do Museu Britânico, seja completamente obscura, as duas últimas linhas resumem sucintamente o propósito da escola: transformar o ignorante e o analfabeto em um homem de sabedoria e aprendizado.

Como já observado, temos à nossa disposição um grande número de ensaios relacionados à educação que os próprios antigos educadores prepararam para a edificação de seus alunos, e estes dão um exemplo ilustrativo e vívido de vários aspectos da vida escolar, incluindo as inter-relações entre professores, alunos, pais e graduados. A seguir estão quatro dos ensaios mais bem preservados, que, a julgar pelo conteúdo, podem ser intitulados (1) “Dias de escola”, (2) “Baladas escolares (A disputa entre Enkimansi e Girnishag)”, (3) “Um escriba e seu filho perverso” e (4) “Colóquio entre um *ugula* e um escriba”.

O ensaio “Dias de escola”, que trata das atividades cotidianas do estudante, conforme relatado por um “velho graduado” com alguns dos detalhes nostálgicos que o ex-aluno moderno conta em sua reunião de classe, é um dos documentos mais humanos escavados no antigo Oriente Próximo. Originalmente composto por um professor anônimo que viveu

por volta de 2000 a.C., suas palavras simples e diretas revelam o quão pouco a natureza humana realmente mudou ao longo dos milênios. Encontramos nosso antigo estudante, não muito diferente de sua contraparte moderna, com muito medo de chegar atrasado à escola "para que seu professor não o castigue". Ao acordar, ele apressa sua mãe para preparar seu almoço. Na escola, ele se comporta mal e é castigado mais de uma vez pelo professor e seus assistentes; temos certeza da tradução "castigo", já que o signo sumério consiste em "vara" e "carne". Quanto ao professor, seu salário parece ter sido tão escasso naquela época quanto é agora; pelo menos ele ficava muito feliz em ganhar um "pequeno extra" dos pais para aumentar seus ganhos.

A composição, que foi sem dúvida a criação de um dos *ummias* da *edubba*, começa com uma pergunta direta a um antigo ex-aluno que diz: "Velho graduado, onde você foi (quando era jovem)?" Este último responde: "Eu fui para a escola." O professor-autor então pergunta: "O que você fez na escola?" Esta é a deixa para o velho graduado relembrar suas atividades escolares assim:

> Recitei minha tabuleta, almocei, preparei minha (nova) tabuleta, escrevi, terminei; então minhas tabuletas modelo foram trazidas para mim; e à tarde minhas tabuletas de exercícios foram trazidos para mim. Quando as aulas terminaram, fui para casa, entrei em casa e encontrei meu pai sentado lá. Expliquei (?) minha tabuleta de exercícios para meu pai, (?) recitei minha tabuleta para ele, e ele ficou encantado, (tanto assim) que o observei (com alegria).

O autor agora faz o estudante se virar para os empregados da casa (era evidentemente uma casa bem-sucedida) com estas palavras:

> Estou com sede, dê-me água para beber; estou com fome, dê-me pão para comer; lave meus pés, arrume (minha) cama, quero dormir. Acorde-me cedo de manhã, não devo me atrasar para que meu professor não me castigue.

Presumivelmente, tudo isso foi feito, pois em seguida encontramos nosso estudante dizendo:

> Quando me levantei cedo pela manhã, encarei minha mãe e disse a ela: "Dê-me meu almoço, quero ir para a escola!" Minha mãe me deu dois pães, e eu saí; minha mãe me deu dois pães, e eu fui para a escola. Na escola, o monitor encarregado da pontualidade disse: "Por que

você está atrasado”? Com medo e com o coração batendo forte, fiquei diante de meu professor e fiz uma reverência respeitosa.

Mas com reverência ou não, foi um dia ruim para nosso antigo pupilo — pelo menos como o velho graduado se lembrava com certa nostalgia — ele teve que levar surras de vários membros da equipe da escola. Ou, nas palavras que o autor coloca na boca do ex-aluno:

> Meu diretor leu minha tabuleta e disse:
> “Está faltando alguma coisa”, me deu uma surra.
> (Seguem-se duas linhas ininteligíveis)
> O funcionário encarregado da limpeza (?) disse:
> “Você ficou na rua e não ajeitou (?) suas roupas (?)”, me deu uma surra.
> (Seguem-se cinco linhas ininteligíveis)
> O funcionário encarregado do silêncio disse:
> “Por que você falou sem permissão”, me deu uma surra.
> O funcionário encarregado da assembleia (?) disse:
> “Por que você ‘ficou à vontade (?)’ sem permissão”, me deu uma surra.
> O funcionário encarregado do bom comportamento disse:
> “Por que você se levantou sem permissão”, me deu uma surra.
> O funcionário encarregado do portão disse:
> “Por que você saiu (do portão) sem permissão”, me deu uma surra.
> O funcionário encarregado do chicote disse:
> “Por que você pegou . . sem permissão”, me deu uma surra.
> O funcionário encarregado do sumério disse:
> “Por que você não falou sumério”, me deu uma surra.
> Meu professor (*ummia*) disse:
> “Sua mão é insatisfatória”, me deu uma surra.
> (E então) eu (comecei a) odiar a arte de escriba, (comecei a) negligenciar a arte de escriba.
> Meu professor não tinha prazer em mim; (até) [parou de me ensinar (?)] sua habilidade na arte de escriba; de forma alguma me preparou nas questões (essenciais) para a arte (de ser) um “jovem escriba”, (ou) a arte (de ser) um “irmão mais velho”.

Em desespero, de acordo com nosso antigo graduado, ele se voltou para seu pai, dizendo:

> Dê a ele um pouco mais de salário, (e) deixe-o se tornar mais gentil (?); deixe-o ficar livre (por um tempo) da aritmética; (quando) ele contar todos os assuntos escolares dos alunos, que ele me conte (também entre eles; isto é, talvez, deixe-o não me negligenciar mais).

A partir daí, o próprio autor assume, descrevendo os eventos como se ele tivesse estado lá e os tivesse testemunhado, assim:

Àquilo que o estudante disse, seu pai deu atenção. O professor foi trazido da escola e, depois de entrar na casa, sentou-se na "cadeira grande". O estudante o atendeu e o serviu, e tudo o que ele aprendeu sobre a arte de escriba, ele revelou a seu pai. Então o pai, na alegria de seu coração, disse alegremente ao diretor da escola: "Meu pequeno companheiro abriu (amplamente) sua mão, (e) você fez a sabedoria entrar ali; você mostrou a ele todos os pontos refinados da arte de escriba; você o fez ver as soluções dos (problemas) matemáticos e aritméticos, você (o ensinou como) tornar profunda (?) a escrita cuneiforme (?).

O autor agora faz o pai se virar para seus empregados domésticos, dizendo:

Despeje óleo de *irda* para ele, traga-o para a mesa para ele. Faça o óleo perfumado fluir como água em seu abdômen (e) costas; quero vesti-lo com uma vestimenta, dar-lhe algum salário extra, colocar um anel em sua mão.

Os empregados fazem o que lhes é ordenado, e então o professor fala com o estudante:

Jovem companheiro, (porque) você não odiou minhas palavras, não as negligenciou, (que você) complete a arte do escriba do começo ao fim. Porque você me deu tudo sem restrições, me pagou um salário maior do que meus esforços (merecem), (e) me honrou, que Nidaba, a rainha dos anjos da guarda, seja seu anjo da guarda; que seu estilete pontudo escreva bem para você; que seus exercícios não contenham falhas. De seus irmãos, que você seja o líder deles; de seus amigos, que você seja o chefe deles; que você seja o mais elevado entre os graduados da escola, satisfaça (?) todos os que andam (?) de e para dentro (?) dos palácios. Pequeno companheiro, você "conhece" (seu) pai, eu sou o segundo depois dele; que homenagem seja prestada a você, que você seja abençoado — que o deus de seu pai faça isso com mão firme; ele trará oração e súplica a Nidaba, sua rainha, como se fosse um assunto para seu deus. Assim, quando você colocar uma mão gentil sobre o . . . do professor, (e) na testa do "irmão mais velho", então (?) seus jovens camaradas lhe mostrarão favor. Você realizou bem as atividades da escola, você é um homem de conhecimento. Você exaltou Nidaba, a rainha do conhecimento; Ó Nidaba, louvada seja!

Do ensaio anterior não é fácil decidir se o corpo docente da escola suméria consistia em grande parte de sádicos ou se seu corpo estudantil consistia de arruaceiros e valentões. Que o último pode ter sido verdade, pelo menos em parte, parece ser corroborado pelo segundo de nossos ensaios, "A Disputa entre Enkimansi e Girnishag". De acordo com este documento, os antigos pedagogos parecem ter tido as mãos ocupadas

tentando controlar os pupilos que tinham prazer em empurrar, gritar, brigar e xingar.

Este ensaio sumério de cento e sessenta linhas foi recentemente reunido a partir de sete tabuletas e fragmentos por Cyril J. Gadd, professor emérito da Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres, e pelo autor deste livro. Duas delas foram escavadas em Ur por Sir Leonard Woolley há cerca de vinte e cinco anos; elas foram publicadas em parte pelo Professor Gadd em 1956, sob o título "Professores e Alunos nas Escolas Mais Antigas", como uma palestra inaugural na Escola de Estudos Orientais e Africanos. Mas essas duas tabuletas continham apenas o começo e o fim do ensaio. Um texto mais completo está agora disponível como resultado da identificação de cinco peças escavadas em Nippur, uma das quais, uma grande tabuleta de oito colunas contendo uma coleção inteira de ensaios sumérios, provou ser de particular importância para a restauração do texto do nosso ensaio. Escavado há cerca de sessenta anos, ela está agora na Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller de Jena, na Alemanha Oriental, e seu conteúdo só foi disponibilizado recentemente. Deve-se enfatizar, no entanto, que, apesar do texto mais completo agora disponível, muito do significado do ensaio e muitas de suas inferências ainda são bastante incertas, uma vez que muitas das passagens são apenas parcialmente preservadas. O esboço aqui apresentado deve, portanto, ser tomado como preliminar e provisório, e descobertas futuras podem modificar consideravelmente a interpretação.

Uma informação cultural comparativa um tanto inesperada e interessante fornecida por nosso ensaio diz respeito ao significado literal e às implicações depreciativas da palavra "sophomore", que é conhecida por ter sido usada pela primeira vez como uma palavra inglesa em Cambridge em 1688. Há razões para acreditar que esta palavra, "sophomore", é a forma inglesa de uma palavra composta grega "sophos-moros", que significa literalmente "tolo inteligente". Agora, como o Professor Gadd foi o primeiro a apontar, nosso ensaio sumério contém o equivalente exato do grego "sophos-moros". No curso das discussões amargas e abusivas entre os dois rivais escolares que constituem a parte principal do ensaio, um deles provoca o outro por ser

um "*galam-huru*", uma palavra composta suméria que significa literalmente "tolo inteligente", isto é, "sophomore". A composição consiste principalmente de uma disputa verbal amarga entre dois colegas de escola chamados Enkimansi e Girnishag, ambos muito avançados em seus estudos; na verdade, Girnishag pode ter atingido o auge de ser um "irmão mais velho", ou seja, um instrutor assistente na escola. No decorrer da disputa, cada um fala sobre suas próprias virtudes e talentos em termos brilhantes e menospreza seu oponente com escárnios fulminantes e insultos injuriosos. Assim, perto do início do documento, um desses dignitários se dirige ao outro da seguinte forma:

> Seu estúpido, seu idiota, seu parasita da escola, seu analfabeto, seu ignorante do sumério; sua mão é terrível; ela não consegue nem segurar a caneta direito; ela é inadequada para escrever e não consegue tomar ditados. (E ainda assim você diz que) você é um escriba como eu.

A isto o outro responde dignamente:

> O que você quer dizer com 'eu não sou um escriba como você'? Quando você escreve um documento, ele não faz sentido. Quando escreve uma carta, é ilegível (?). Você vai dividir uma propriedade, mas és incapaz de dividir a propriedade. Pois quando você inspeciona o campo, não consegue segurar a linha de medição. Não consegue segurar um prego na mão; você não tem bom senso. Não sabe como arbitrar entre as partes em disputa; agrava a luta entre os irmãos. É um dos mais incompetentes dos escritores de tabuletas. Para que você serve, alguém pode dizer (?)?

Ao que seu rival retruca:

> Ora, eu sou competente em tudo. Quando vou dividir uma propriedade, eu divido a propriedade. Quando vou inspecionar o campo, sei como segurar a linha de medição. Sei como arbitrar entre as partes em disputa. Sei como pacificar a luta entre os irmãos e acalmar seus sentimentos. Mas você é o mais preguiçoso (?) dos escribas, o mais descuidado (?) dos homens. Quando você faz multiplicação, ela está cheia de erros (?) . . . Em áreas (de cálculo) você confunde (?) comprimento com largura. Quadrados, triângulos, círculos (?) e setores — você os trata todos sem entender como se . . . Seu tagarela, canalha, zombeteiro e valentão, você (ousa dizer) que é o "coração" do corpo estudantil!

Tomando essa frase como uma deixa, seu oponente começa com a pergunta: "O que você quer dizer com 'eu não sou o coração do corpo

estudantil'?" Ele então continua com uma descrição de seus talentos como um guardião de contas e termina com estas linhas:

> Eu, fui criado em sumério, sou filho de um escriba. Mas você é um trapalhão, um falastrão. Quando você tenta moldar uma tabuleta, você não consegue nem alisar (?) a argila (?). Quando você tenta escrever uma linha, sua mão não consegue controlar (?) a tabuleta . . . Você "tolo inteligente", cubra seus ouvidos! cubra seus ouvidos! (Ainda sim) você (afirma conhecer) sumério como eu!

Neste ponto, segue-se uma longa passagem que está tão mal preservada que é difícil acompanhar até mesmo a mudança de falantes. Finalmente, alguém (provavelmente o *ugula*, isto é, um monitor de algum tipo) ficou tão indignado com um aluno — Enkimansi — que estava pronto para prendê-lo e acorrentá-lo, a julgar pela seguinte passagem perto do final da composição, que na seguinte tradução provisória diz:

> Por que vocês se comportam assim? Por que vocês empurram, xingam e insultam um ao outro? Por que vocês causam tumulto na escola? . . . . (Seguem quatro linhas ininteligíveis.) O tumulto chegou até ele! Por que você foi insolente (?), desatento (?), (por que você) xinga e insulta aquele que é seu "irmão mais velho" e lhe ensinou a arte de escriba para seu próprio benefício (?)? Até mesmo a *ummia* que sabe de tudo balançou a cabeça violentamente (?) (dizendo): "Faça a ele o que você quiser." Se eu (realmente) fizesse o que quisesse com você — a um sujeito que se comportasse como você (e) fosse desatento (?) com seu "irmão mais velho" — eu (primeiro) bateria em você com uma maça — o que é uma tábua de madeira (quando se trata de bater?) — (e) tendo colocado correntes de cobre em seus pés, trancaria você em casa (e) por dois meses não deixaria você sair para (o prédio da) escola.

Após quatro linhas ininteligíveis, a composição termina com as palavras: "Na disputa entre Girnishag e Enkimansi, o *ummia* deu o veredito".

Como pode ser deduzido dos dois ensaios anteriores, a escola suméria era bastante impressionante (?) e pouco convidativa; o currículo era "rígido", os métodos de ensino monótonos, a disciplina severa. Não é de se admirar, então, que pelo menos alguns dos alunos faltassem às aulas quando possível e se tornassem "crianças problemáticas" para seus professores e pais. O que nos leva ao terceiro de nossos ensaios escolares, "Um escriba e seu filho perverso", um texto reunido a partir de mais de uma dúzia de tabuletas e fragmentos. Este ensaio é digno de nota por ser um dos primeiros documentos na história do homem em que a palavra "humanidade" (sumério, *namlulu*) é usada não apenas para

designar o gênero humano, mas no sentido de conduta e comportamento próprios dos seres humanos.

A composição, que tem cerca de cento e oitenta linhas, começa com uma introdução que consiste em um diálogo mais ou menos amigável entre pai e filho, no qual o último é advertido a ir à escola, trabalhar diligentemente sem ficar vadiando pelas ruas e voltar para apresentar um relato. Para garantir que o rapaz prestou bastante atenção, o pai o faz repetir suas palavras literalmente.

A partir deste ponto o ensaio é um monólogo por parte do pai. Começa com uma série de instruções práticas para ajudar a fazer de seu filho um homem: não perambular pelas ruas e avenidas; ser humilde diante de seu monitor; ir à escola e aprender com a experiência do passado do homem. Segue-se uma repreensão amarga ao filho rebelde, que, afirma seu pai, o deixou doente de morte com seus medos perenes e comportamento desumano. Ele, o pai, está profundamente desapontado com a ingratidão do filho; ele nunca o fez trabalhar atrás de arado ou boi, nem nunca lhe pediu que trouxesse lenha ou o sustentasse como outros pais obrigam seus filhos fazerem. E, no entanto, seu filho acabou se tornando menos homem do que os outros.

Como muitos pais decepcionados de hoje, o pai parece estar especialmente magoado porque seu filho se recusa a seguir seus passos profissionais e se tornar um escriba. Ele o adverte a imitar seus companheiros, irmãos e amigos e a seguir sua própria profissão, a arte do escriba, apesar do fato de ser a mais difícil de todas as profissões que o deus das artes e ofícios pensou e trouxe à existência. É a mais útil, argumenta o pai, para a transmissão poética das experiências do homem. Mas de qualquer forma, ele continua, foi decretado por Enlil, o rei de todos os deuses, que um filho deve seguir a profissão de seu pai.

Após uma repreensão final pela busca do filho por sucesso materialista em vez de esforço humanístico, o texto se torna um tanto obscuro; parece consistir em ditos breves e concisos, com a intenção, talvez, de guiar o filho na verdadeira sabedoria. De qualquer forma, o ensaio termina com uma nota feliz, com o pai abençoando seu filho e

rezando para que ele encontre favor aos olhos de seu deus pessoal, o deus-lua, Nanna, e sua esposa, a deusa Ningal.

Aqui está uma tradução bastante literal, ainda que provisória, das partes mais inteligíveis do ensaio, omitindo apenas aqui e ali uma frase obscura ou uma linha quebrada. O pai começa perguntando ao filho:

"Para onde você vai?"

"Eu não vou a lugar nenhum."

"Se você não vai a lugar nenhum, por que você fica ocioso? Vá para a escola, fique diante do seu 'pai da escola' (professor), recite sua tarefa, abra sua mochila, escreva em sua tabuleta, deixe seu 'irmão mais velho' escrever sua nova tabuleta para você. Depois que você terminar sua tarefa e se relatar ao seu monitor, venha até mim e não fique vagando pela rua. Então, você entendeu o que eu disse?"

"Eu entendi, vou repetir para você."

"Então, repita para mim."

'Eu vou repetir para você."

"Diga isto para mim,"

"Eu vou lhe dizer."

"Então, diga para mim."

"Você me disse para ir à escola, recitar minha tarefa, abrir minha mochila, escrever minha tabuleta, enquanto meu 'irmão mais velho' escreve minha nova tabuleta. Depois de terminar minha tarefa, devo prosseguir com meu trabalho e vir até você depois de me relatar ao meu monitor. Foi isso que você me disse."

"Então, seja um homem. Não fique parado na praça pública ou perambule pelo bulevar. Ao andar na rua, não olhe ao redor. Seja humilde e demonstre medo diante do seu monitor. Quando você mostrar terror, o monitor vai gostar de você.

(Cerca de quinze linhas destruídas)

"Você que vagueia pela praça pública, você alcançaria sucesso? Então procure as primeiras gerações. Vá para a escola, isso será benéfico para você. Meu filho, procure as primeiras gerações, pergunte a elas.

"Perverso que tenho sob minha vigilância — eu não seria um homem se não vigiasse meu filho — falei com meus parentes, comparei seus homens, mas não encontrei nenhum como você entre eles.

"O que estou prestes a relatar a você transforma o tolo em um homem sábio, segura a cobra como se por encantos, e não permitirá que você aceite frases falsas.

"Porque meu coração estava farto de cansaço de você, eu me afastei de você e não dei ouvidos aos seus medos e resmungos — não, eu não dei ouvidos aos seus medos e resmungos. Por causa dos seus clamores, sim, por causa dos seus clamores, eu estava com raiva de você — sim, eu estava com raiva de você. Porque você não olha para a sua humanidade, meu coração foi levado como se por um vento maligno. Suas queixas acabaram comigo, você me trouxe até ao ponto de morrer.

"Eu, nunca em toda a minha vida, fiz você carregar juncos para o canavial. Os juncos que os jovens e os pequenos carregam, você, nunca em sua vida você os carregou. Eu nunca disse a você 'Siga minhas caravanas'. Eu nunca o enviei para trabalhar, para arar meu campo. Eu

nunca o enviei para trabalhar, para cavar meu campo. Eu nunca o enviei para trabalhar como um operário. 'Vá, trabalhe e me sustente', eu nunca em minha vida disse a você.

"Outros como você sustentam seus pais trabalhando. Se você falasse com seus parentes e os apreciasse, você os imitaria. Eles fornecem 10 *gur* de cevada cada — até os mais jovens forneciam 10 *gur* cada para seus pais. Eles multiplicavam a cevada para seus pais, os sustentam com cevada, óleo e lã. Mas você, você é um homem quando se trata de perversidade, mas comparado a eles você não é um homem de forma alguma. Você certamente não trabalha como eles — eles são filhos de pais que fazem seus filhos trabalharem, mas eu — eu não fiz você trabalhar como eles.

"Eu, noite e dia, sou torturado por sua causa. Noite e dia você desperdiça em prazeres. Você acumulou muita riqueza, expandiu-se por toda parte, tornou-se gordo, grande, largo, poderoso e inchado. Mas seus parentes esperam ansiosamente por seu infortúnio e se alegrarão com isso porque você não olhou para sua humanidade."

(Aqui segue uma passagem obscura de quarenta e uma linhas que parece consistir em provérbios e ditados antigos; o ensaio então conclui com a bênção poética do pai:)

Daquele que briga com você pode Nanna, seu deus, salvá-lo,
Daquele que ataca você pode Nanna, seu deus, salvá-lo,
Que você encontre proteção diante de seu deus,
Que sua humanidade o exalte, pescoço e peito,
Que você seja o chefe dos sábios de sua cidade,
Que sua cidade pronuncie seu nome em lugares honrados,
Que seu deus o chame por um bom nome,
Que você encontre proteção diante de seu deus Nanna,
Que você seja respeitado com proteção pela deusa Ningal.

Se, apesar do currículo pesado e nada emocionante, das punições severas de seus professores e da rivalidade amarga de seus colegas mais agressivos, o aluno ambicioso e perseverante que conseguisse se formar na escola, havia várias possibilidades de emprego abertas para ele; ele poderia, por exemplo, entrar para os serviços do palácio ou do templo, ou poderia se tornar o escriba gerente e contador de uma das maiores propriedades que pontilhavam a terra. No quarto dos ensaios escolares, "Colóquio entre um *ugula* e um escriba", encontramos o graduado da *edubba*, agora um escriba de pleno direito em uma dessas propriedades, tendo uma discussão com o *ugula* (provavelmente seu superintendente), que era um ex-aluno da *edubba*. A composição, que consiste em setenta e oito linhas reconstruídas a partir de uma dúzia de tabuletas e fragmentos, começa com um discurso do *ugula* que diz:

Velho graduado, venha aqui até mim (e) deixe-me contar o que meu *ummia* (o professor responsável pela *edubba*) me disse.

Eu também, como você, fui (uma vez) um garoto e tive um "irmão mais velho".

O *ummia* me dava trabalho (que era até demais) para um homem (adulto).

(Mas) eu me lançava como um junco lançado, me absorvia no trabalho, não negligenciava as palavras do meu *ummia*, não agia de acordo com meu próprio (espírito egoísta), (e como resultado) o "irmão mais velho" ficava satisfeito com meu desempenho.

Ele se alegrava porque eu me humilhava diante dele e falava (?) em meu favor (?).

Tudo o que ele traçava para mim eu fazia, colocava tudo em seu lugar — (até) um tolo poderia facilmente (?) seguir (?) suas instruções.

Ele guiou minhas mãos no barro, mostrou-me como me comportar corretamente, "abriu" minha boca com palavras, proferiu bons conselhos, focou (?) (meus) olhos nas regras que guiam o homem de realizações: a diligência é a própria essência (literalmente "terreno") da realização, perder tempo é tabu, o sujeito que vagueia (e) desperdiça tempo em sua tarefa falhou em sua tarefa.

Ele (o "irmão mais velho") não se gabou de seu conhecimento, suas palavras são contidas — se ele tivesse se gabado de seu conhecimento, seus olhos "saltariam".

Vá até ele (portanto) antes que o sol nasça (e) antes que a noite esfrie; não rejeite o prazer de estar ao lado do "irmão mais velho"; tendo chegado perto das "testas grandes", suas palavras se tornarão honradas.

Ele (o "irmão mais velho" (?)) não rejeitou uma segunda vez os olhos fechados . . . , ele amarrou em volta do seu pescoço uma guirlanda (?) de cortesia e respeito do homem (?).

O coração do aflito (?) tendo sido acalmado, ele está livre da culpa.

O homem (que traz) leite (?) sacrifica (?), tornou adequado (?) seu presente; o homem rico pressionou seu filho ajoelhado contra seu peito — então (?) você deve ser cortês com o homem, supervisor e dono, deve deixar seu coração contente.

Nada mais precisa ser dito sobre o discurso um tanto difuso e prolixo do *ugula*. Seguindo uma linha introdutória que diz; "O escriba erudito responde humildemente ao seu *ugula*", o texto continua com o que parece ser uma resposta nada humilde:

Você me contou . . como um . . , (mas) agora eu vou deixar você ter a resposta para isso; quanto ao seu rugido de boi, você não vai me transformar em um ignorante com sua falta de compreensão — eu vou responder completamente (?) (literalmente, talvez, "sessenta vezes").

Como um filhote (seus) olhos estão bem separados (?) (mesmo que) você aja (como) um ser humano.

Por que você estabelece regras para mim como se eu fosse um preguiçoso?

Qualquer um que ouvisse você abaixaria (?) suas mãos em desespero (?).

Deixe-me explicar a você cuidadosamente (literalmente, "deixe-me colocar em sua mão") a arte de ser um escriba já que (?) você mencionou isso.

Você me colocou no comando de sua casa (e) nunca deixei que você me encontrasse ocioso.

Eu mantive as escravas, os escravos e (o restante) da sua casa em suas tarefas; cuidei para que eles desfrutassem de seu pão, roupas e gordura (e) que trabalhassem corretamente (literalmente, "como é seu modo").

Você não (teve que) seguir seu escravo na casa de seu mestre; eu fiz a tarefa (?) desagradável (?) (e) o segui como uma ovelha.

Eu disse diariamente as orações de proteção (?) que você ordenou; suas ovelhas (e) seus bois são agradáveis (e) trazem alegria ao seu deus; no dia em que o barco do seu deus está atracado, eles (os sacerdotes (?)) colocam as mãos sobre você (em bênção). Você me atribuiu o peito (que é, talvez, a parte alta e não irrigada) do campo (e) eu fiz os homens trabalharem lá — uma tarefa desafiadora que não permite dormir nem à noite nem no calor do dia.

(Ainda) todos os . . . . (e (?)) os filhos dos fazendeiros acenam (?) com aprovação (?).

Eu apliquei a mão gentil em seu campo (e) as pessoas falaram bem de mim; eu fiz o boi trazer tudo que enchia (?) seu caminho (?), o fiz carregar (?) sua carga para você.

Desde a minha juventude você me criou, cuidou do meu comportamento, tratou-me gentilmente como prata boa, (e) não . . . . Eu (portanto) afastei (?) de você aquilo que "não anda em grandeza", como algo que é tabu para você; eu afastei de você os "pequenos ventos (?)" (e) não os deixei existir para você.

Levante agora sua cabeça, você que antes era um sujeito pequeno, você pode (agora) virar sua mão contra (?) (qualquer) homem, (então) aja (?) como for apropriado.

Aqui provavelmente termina a resposta do escriba, embora não haja uma linha introdutória para indicar uma mudança de orador. A resposta um tanto inesperadamente amável do *ugula*, que conclui a composição, diz o seguinte:

Você que me prestou homenagem (?) que me abençoou (?) que trouxe instrução ao meu corpo como leite comestível (e) gordura — porque (?) não ficou em ociosidade, obtive os favores da terra, não sofri os seus infortúnios. O *ummia*, os "conhecedores da palavra" acenam (?) com aprovação (?), contam (?) tudo sobre você nas suas casas (?), onde quer que estejam (?). O seu nome é pronunciado (apenas) para o bem, suas ordens são bem recebidas (?). Os condutores de bois (?) [param (?)] a sua luta com as suas doces canções; com as tuas doces canções os contendores (?) abandonarão (?) [(a sua) contenda (?)]. O *ummia* presta-lhe (?) homenagem com o coração alegre (dizendo): "Você que (como um) pequeno companheiro sentou-se às minhas palavras, agradou o meu coração — Nidaba (a deusa padroeira da *edubba*) deu em sua mão a honra de (ser um) *ummia*; você é o consagrado de Nidaba, que você possa subir alto no céu. Que você seja abençoado com um coração alegre, não [sofra] nenhuma mágoa; que você se [sobressaia (?)] em tudo o que estiver na *edubba*, a casa do aprendizado; [que] a altivez de Nidaba [lhe traga (?)] uma alegria [inigualável (?)]. Diante de sua sabedoria gentil, a luta [cessará (?)]; os pequenos companheiros abandonarão (?) [sua contenda (?) em] . . . . . Os artesãos pronunciarão [seu nome para o bem]; o . . . . contará [seu] . . . Na rua que ecoa canções (?), a rua onde . . . , você trouxe o inigualável *me*; você dominou (?) o caminho da conduta harmoniosa (?)".

Segue-se a típica frase de encerramento: “Ó Nidaba, louvada seja!” A tudo isso o professor e instrutor moderno poderia muito bem responder com um saudoso e invejoso “Amém!”.

CAPÍTULO VII

VII. CARÁTER: Impulsos, Motivos e Valores

De modo geral, os estudos dedicados à cultura e civilização sumérias abordam este assunto apenas do ponto de vista descritivo. Normalmente, eles dividem a cultura suméria em seus vários aspectos: social, político, econômico, administrativo, legal, religioso, tecnológico, artístico e literário. Cada uma dessas subdivisões é então descrita com tantos detalhes quanto os dados disponíveis permitem e o propósito particular do estudo exige. Raramente a cultura suméria é abordada do ponto de vista psicológico, isto é, de uma consideração do caráter e da personalidade do povo que a criou. Para ajudar a preencher essa lacuna, dediquei uma série de estudos nos últimos anos aos aspectos psicológicos da civilização suméria, especialmente conforme revelado em seus documentos literários. Em um artigo intitulado "Rivalry and Superiority: Two Dominant Features of the Sumerian Culture Pattern (Rivalidade e superioridade: duas características dominantes do padrão cultural sumério)"[50], tentei isolar e descrever uma das principais forças motivadoras do comportamento sumério, o impulso para superioridade e proeminência com sua grande ênfase na competição e no sucesso. Em um artigo intitulado "Love, Hate and Fear: Psychological Aspects of Sumerian Culture (Amor, ódio e medo: aspectos psicológicos da cultura suméria)"[51], esbocei o papel do amor, ódio e medo como impulsos emocionais motivadores na conduta suméria. Neste capítulo, tentarei resumir os resultados desses dois estudos. Nunca é demais enfatizar que as conclusões aqui apresentadas são de caráter preliminar e provisório; mesmo os documentos literários cujos textos estão completos não podem ser totalmente compreendidos, muito menos aqueles — e eles

são a maioria — que ainda têm inúmeras lacunas e quebras. No entanto, pode-se dizer com segurança que pelo menos alguns dos resultados esboçados neste capítulo são razoavelmente confiáveis e resistirão ao teste do tempo.

Vamos começar com os três impulsos emocionais que motivam muitos dos valores do homem: amor, ódio e medo. A palavra suméria para "amor" é um verbo composto que parece significar literalmente "medir a terra", "medir um lugar"; como isso se desenvolveu para o significado de "amor" é incerto.

Como é verdade para toda a humanidade, o amor entre os sumérios era uma emoção que variava em caráter e intensidade. Havia o amor apaixonado e sensual entre os sexos, que geralmente culminava em casamento; o amor entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre os vários membros da família; o amor entre amigos e íntimos; e o amor entre deuses, reis e pessoas. Podemos começar nosso esboço do amor na Suméria com o amor natural e apaixonado entre "homem e mulher".

É bem sabido que o casamento na antiga Suméria, e de fato no antigo Oriente Próximo em geral, era geralmente um arranjo prático no qual o shekel cuidadosamente pesado contava mais do que o desejo ardente do amor. No entanto, há evidências consideráveis de que não havia pouco cortejo e arrulho antes do casamento; muito disso era sem dúvida furtivo e muito mais doce por isso. Um exemplo muito esclarecedor é fornecido por um poema inscrito em uma tabuleta na Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller de Jena, que poderia muito bem ser intitulado "O amor encontra um caminho" ou "Enganando a Mãe". Os dois personagens principais do poema são Inanna, "Rainha do Céu", a Vênus suméria, e Dumuzi, seu amante e futuro marido. O poema, que é designado pelo próprio escriba antigo como um *tigi*, isto é, provavelmente uma canção recitada com o acompanhamento da lira, é dividido em duas estrofes. A primeira começa com um solilóquio de Inanna no qual ela relata que um dia, enquanto ela estava inocentemente cantando e dançando no céu, Dumuzi a encontrou, pegou sua mão e a abraçou; ela então implorou que ele a soltasse, pois não sabia como poderia manter esse amor clandestino de sua mãe Ningal, esposa do deus-lua, Sin. Então Dumuzi sugere que ela

engane sua mãe dizendo a Ningal que ela passava as horas com uma amiga em praça pública. E com isso como uma desculpa pronta, eles fazem amor sob a luz da lua. Aqui estão agora as próprias palavras do poeta:

> Ontem à noite, quando eu, a rainha, estava brilhando,
> Ontem à noite, quando eu, a rainha do céu, estava brilhando,
> Quando eu estava brilhando, estava dançando,
> Quando estava cantando enquanto a luz brilhante superava (?) a noite,
> Ele me encontrou, ele me encontrou,
> O senhor Kuli-Anna (Dumuzi) me encontrou,
> O senhor colocou sua mão na minha mão,
> Ushumgal-Anna (Dumuzi) me abraçou.

Segue-se então um tête-à-tête bastante envolvente, terno e amoroso entre os dois amantes, com Inanna implorando:

> Venha (?) agora (?), liberte-me, devo ir para casa,
> Kuli-Enlil, (Dumuzi) liberte-me, devo ir para casa,
> O que posso dizer para enganar minha mãe?
> O que posso dizer para enganar minha mãe, Ningal?

Mas isso não impede Dumuzi, que tem uma resposta pronta:

> Eu lhe direi, eu lhe direi,
> Inanna, a mais enganosa das mulheres, eu lhe direi,
> (Diga) “Minha amiga, ela me levou com ela para a praça pública,
> Lá um músico (?) nos entreteve (?) com dança,
> Seu canto doce, ele cantou para nós,
> Em doce regozijo ele fez o tempo passar para nós;”
> Assim, enganosamente, enfrente sua mãe,
> Enquanto nós, ao luar, nos fartamos de amor,
> Eu prepararei (?) para você uma cama pura, doce e nobre,
> O doce dia lhe trará alegre satisfação.”

A segunda estrofe consiste em um monólogo exultante de Inanna — e não é de se admirar — já que parece que depois de sua noite de prazer, Dumuzi concordou em se casar com ela. A primeira parte da estrofe está destruída; quando o texto retoma, Inanna está fazendo um anúncio alegre de que Dumuzi está prestes a falar com sua mãe, presumivelmente para pedir sua mão em casamento. O poema conclui,

naturalmente, com o elogio extático de Inanna a seu futuro marido, e futura vítima de sua terrível ira.

> Eu (Inanna) cheguei ao portão de minha mãe,
> Caminhando em alegria,
> Eu cheguei ao portão de Ningal,
> Caminhando em alegria,
> Para minha mãe ele (Dumuzi) dirá a palavra,
> Borrifará óleo de cipreste no chão,
> Para minha mãe Ningal ele dirá a palavra,
> Borrifará óleo de cipreste no chão,
> Aquele cuja morada é perfumada,
> Cuja palavra traz alegria.
>
> Meu senhor de membros puros e decentes,
> Ama-Ushumgal-Anna, o genro de Sin,
> Meu senhor, doce é seu crescimento,
> Saborosas são suas plantas e ervas na planície,
> Ama-Ushumgal-Anna, doce é seu crescimento,
> Saborosas são suas plantas e ervas na planície.

Embora, de acordo com este poema, Inanna e Dumuzi mantenham seu amor em segredo e estejam até mesmo preparados para enganar a mãe de Inanna, há outra versão do caso em que Dumuzi corteja sua noiva abertamente e com a aprovação total da mãe dela. De acordo com este mito, Dumuzi, o pastor, vai à casa de Inanna e pede para entrar. Seguindo o conselho de sua mãe, ela se banha e se unge, veste seus trajes de rainha, se adorna com pedras preciosas e abre a porta para Dumuzi. Eles se abraçam em alegria e provavelmente coabitam.

Em outra versão do namoro e casamento entre Dumuzi e Inanna, a permissão do pai de Inanna, o deus-lua, Sin, parece ser uma condição essencial. De acordo com este poema, que consiste em duas estrofes, Inanna, após enfeitar as várias partes de seu corpo com joias de metais e pedras preciosas, é recebida por Dumuzi no *gipar* do templo de Eanna em Erech. Ela está ansiosa para ir para a cama com ele imediatamente, mas evidentemente acha aconselhável obter o consentimento de seu pai; de qualquer forma, a encontramos enviando um mensageiro a seu pai com o pedido de que Dumuzi tenha permissão para flertar com ela.

Embora, de acordo com as três versões resumidas acima, o amor de Inanna por Dumuzi pareça tão caloroso e apaixonado quanto o de Dumuzi por ela — ainda mais em alguns aspectos — temos uma imagem bem diferente de outro poema sumério que pertence às obras literárias do gênero de disputa. De acordo com esse mito, que está na forma de uma peça teatral, Inanna na verdade ama o agricultor Enkimdu e não o pastor Dumuzi. Apesar dos esforços persuasivos de seu irmão, o deus-sol Utu, Inanna primeiro rejeita Dumuzi "de cara" e só muda de ideia depois de um discurso bastante raivoso e agressivo de Dumuzi, no qual ele enfatiza a superioridade de suas posses sobre as de Enkimdu. De fato, Dumuzi fica tão irritado com a preferência de Inanna que tenta brigar com seu rival, Enkimdu, e é somente depois que este último o apazigua com palavras e promessas amigáveis que os dois rivais se reconciliam.

Dumuzi e Inanna não foram as únicas divindades cujo casamento foi precedido por um caso de amor apaixonado. Enlil, a principal divindade do panteão sumério, o "jovem" de Nippur, apaixonou-se à primeira vista por Ninlil, a "jovem donzela" de Nippur, quando a viu na margem do riacho de Nippur, Nunbirdu, depois que ela se banhou em suas "águas puras". Quando ela recusou seus avanços ardentes, ele mandou seu mensageiro Nusku trazer um barco, onde ele a estuprou e a engravidou com a semente do deus-lua, Nanna. Por esse ato violento, ele foi punido pelos cinquenta grandes deuses com banimento para o mundo inferior, mas a fiel Ninlil o seguiu e teve mais três filhos com ele. Em algum momento, o casal deve ter se casado, pois Ninlil é conhecida em todos os documentos literários sumérios como a esposa digna e respeitável de Enlil.

O deus beduíno Martu, por outro lado, não tinha necessidade de estuprar a dama de sua escolha, Adnigkishar, filha de Numushda, a divindade tutelar da cidade de Kazallu. Quando em um banquete divino na cidade de Aktab, Martu expressou seu desejo de que ela se tornasse sua esposa, ela alegremente concordou, apesar de um amigo que tentou arduamente dissuadi-la porque Martu era conhecido como

Um morador de tenda [fustigada (?)] pelo vento e pela chuva, [ele não (?) conhece (?)] orações,
Com a arma ele [faz (?)] da montanha sua morada,
Contencioso ao excesso, ele se volta (?) contra as terras, não sabe se ajoelhar,
Come carne crua,
Não tem casa em sua vida,
Não é levado ao sepultamento quando morre.

Finalmente, o importante papel que o amor e o sexo desempenhavam antes do casamento, pelo menos em alguns casos, pode ser inferido das canções de amor supostamente cantadas por sacerdotisas selecionadas como noivas para o rei na ocasião do *hieros-gamos* celebrado no dia de Ano Novo. Duas dessas canções chegaram até nós, e elas ressoam com amor apaixonado e êxtase sexual. Aqui está, por exemplo, um desses poemas dirigidos ao rei Shu-Sin por sua amada "noiva":

Noivo, querido do meu coração,
Agradável é a sua beleza, doce como mel,
Leão, querido do meu coração,
Agradável é a sua beleza, doce como mel.

Você me cativou, deixe-me ficar tremendo diante de você,
Noivo, eu gostaria de ser levada por você para o quarto de dormir,
Você me cativou, deixe-me ficar tremendo diante de você,
Leão, eu gostaria de ser levada por você para o quarto de dormir.

Noivo, deixe-me acariciá-lo,
Minha preciosa carícia é mais saborosa que o mel,
No quarto, preenchido de mel,
Deixe-me desfrutar de sua agradável beleza,
Leão, deixe-me acariciá-lo,
Minha preciosa carícia é mais saborosa que o mel.

Noivo, você teve prazer comigo,
Diga à minha mãe, ela lhe dará iguarias,
Meu pai, ele lhe dará presentes.

Seu espírito, eu sei onde animar seu espírito,
Noivo, durma em nossa casa até o amanhecer,
Seu coração, eu sei onde alegrar seu coração,
Leão, durma em nossa casa até o amanhecer.

Você, porque me ama,

Dê-me, por favor, de suas carícias,
Meu senhor deus, meu senhor protetor,
Meu Shu-Sin, que alegra o coração de Enlil,
Dê-me, por favor, de suas carícias.

Seu lugar agradável como mel, por favor, coloque (sua) mão nele,
Traga (sua) mão sobre ele como uma vestimenta *gishban*,
Coloque (sua) mão sobre ele como uma vestimenta *gishban-sikin*.

Portanto, há razão para acreditar que nem todos os casamentos na Suméria eram por vantagens práticas e que, pelo menos em alguns casos, eram motivados por amor e desejo. Não é surpreendente, portanto, encontrar um provérbio sumério que diz:

Case-se com uma esposa de acordo com sua escolha;
tenha um filho como seu coração deseja!

Com certeza, o casamento não era um fardo leve para os sumérios, como fica evidente no provérbio:

Quem não sustentou uma esposa ou filho,
não carregou uma coleira.

Além disso, o marido sumério frequentemente se via negligenciado, ou como um deles coloca:

Minha esposa está no santuário ao ar livre,
minha mãe está perto do rio,
e aqui estou eu morrendo de fome.

De fato, o homem sumério pelo menos às vezes se arrependia de seu casamento, como pode ser visto no ditado:

Para seu prazer — casamento;
ao pensar sobre isso — divórcio.

Se havia amor ou não antes do casamento, uma vez casados, o casal se acomodava em uma existência monótona e cotidiana, na qual o amor ficava cada vez mais em segundo plano. Mesmo assim, isso não é

totalmente desconhecido, e frases como “amado marido” e “amada esposa” não são raras nos documentos sumérios. Assim, por exemplo, no poema “Gilgamesh, Enkidu e o Mundo Inferior”, encontramos Gilgamesh aconselhando seu leal servo Enkidu, que está prestes a descer ao mundo inferior para trazer de volta o *pukku* e o *mikku* de Gilgamesh:

> Não beije sua amada esposa,
> Não bata em sua odiada esposa,
> Não beije seu amado filho,
> Não bata em seu odiado filho.

Ou quando o rei Ur-Nammu, tendo morrido e ido para o mundo inferior, não encontra paz e inicia um longo e amargo lamento em parte por causa de sua esposa, a quem ele não pode mais apertar em seu peito, e seu filho, a quem ele não pode mais acariciar em seu joelho. O rei é frequentemente designado como o “amado marido” de Inanna. Nas inscrições votivas, o marido não raramente inclui sua esposa e filhos, isto é, ele dedica o objeto à divindade não apenas para sua própria vida, mas também para a de sua esposa e filhos.

Isso nos leva à família, a unidade básica da sociedade suméria. Que os membros da família eram unidos por amor, respeito e obrigações familiares fica claro no provérbio:

> A cantina do deserto é a vida de um homem; o sapato é o olho de um homem; a esposa é o futuro do homem; o filho é o refúgio de um homem; a filha é a salvação de um homem; a nora é o demônio de um homem.

E de uma passagem de lamentação como:

> A tempestade que não conhece a mãe, a tempestade que não conhece o pai,
> A tempestade que não conhece a esposa, a tempestade que não conhece o filho,
> A tempestade que não conhece a irmã, a tempestade que não conhece o irmão,
> A tempestade que não conhece o amigo, a tempestade que não conhece a amiga.

E desta passagem que descreve as lamentáveis condições que prevaleceriam na cidade de Ur de acordo com uma decisão tomada pelos deuses irados:

A mãe não cuidará de seu filho,
O pai não gritará, ó minha esposa,
A concubina não se alegrará no colo,
As crianças não serão acariciadas em seus joelhos.

Da mesma forma, quando o "Jó" sumério, afligido por sofrimento e dor terríveis, implora a seu próprio deus pessoal, seu "anjo da guarda", o pai que o gerou, por assim dizer, ele convoca sua família para ficar ao seu lado com lágrimas e lamentação:

Veja, não deixe minha mãe que me deu à luz cesse meu lamento diante de ti,
Que minha irmã não pronuncie a alegre canção e cântico,
Que ela expresse em lágrimas meus infortúnios diante de ti,
Que minha esposa expresse com pesar meu sofrimento,
Que o hábil cantor lamente meu destino amargo.

Reveladora, também, a este respeito, é a descrição mais ou menos estereotipada dos *galla*, os demônios desumanos, sem amor e cruéis do submundo, como seres que

Tiram a esposa do colo do homem,
Tiram a criança do seio da mãe que amamenta;

ou, mais amplamente, que

Não sentam com prazer no colo da esposa,
Não beijam as crianças bem alimentadas,
Tiram o filho do homem do seu colo,
Sequestram a nora da casa do sogro.

Passando da família como um todo para o relacionamento entre pais e filhos, fica claro nas passagens citadas anteriormente que era normal para os pais sumérios amarem e cuidarem de seus filhos e para os filhos amarem e darem ouvidos aos pais. Nos ensaios da *edubba* que tratam das escolas e escolásticos sumérios, o relacionamento entre pai e filho, em particular, é mostrado como próximo, íntimo e cheio de compreensão. Nos mitos sumérios, a advertência e o conselho dos pais para o benefício e o bem-estar de seus filhos são comuns e

estereotipados. A deusa Ninmah, a mãe do deus da tempestade, Ninurta, estava cheia de compaixão por seu filho, que havia realizado feitos perigosos e heroicos em sua luta com os monstros do Kur, a tal ponto que ela não conseguiu descansar e dormir até que tivesse viajado para o Kur, apesar do "medo e terror da batalha" que grassava por toda parte. Até mesmo os animais são considerados como amando profundamente seus filhos. O amor entre vaca e bezerro é proverbial em toda a literatura. O amor de uma cadela por seu filhote é admiravelmente expresso neste provérbio sucinto:

> Assim é que a . . . (?) cadela diz, "Quer eu os tenha castanhos ou quer eu os tenha malhados, eu amo meus filhotes!"

Até mesmo o monstruoso pássaro *Imdugud* e sua esposa soltam um grito amargo quando se aproximam do ninho e descobrem que seus filhotes estão desaparecidos.

Normalmente, também, deve ter havido um relacionamento próximo e caloroso entre irmão e irmã, bem como entre pais e filhos. O irmão, especialmente, parece ter tomado o lugar do pai em alguns aspectos. Inanna, por exemplo, recorre ao seu irmão, Utu, em busca de ajuda quando sua árvore sagrada em Erech é invadida pela serpente, o pássaro Imdugud e a cruel Lilith. Quando chega a hora de Inanna escolher um marido, é seu irmão, Utu, que tenta guiar sua escolha e persuadi-la, para seu próprio bem, a se casar com o pastor Dumuzi em vez do agricultor Enkimdu. Quando o jardineiro Shukalletuda tenta escapar da ira de Inanna, ele segue o conselho de seu pai e "fique perto das cidades de seus irmãos;" e enquanto a palavra "irmãos" aqui se refere ao povo "de cabeça preta" como um todo, o fato é que era porque eles eram vistos como "irmãos" que Shukalletuda se sentia seguro e protegido. Enmerkar, quando sitiado pelos Martu em sua cidade de Erech, envia Lugalbanda para sua "irmã" Inanna em Aratta para obter ajuda. Quando Dumuzi é tomado pelos demônios, ele implora a Utu para transformá-lo em uma gazela para que ele possa "levar sua alma" para sua irmã, a deusa Geshtinanna, que o ama profundamente e ternamente. Quando Enki adoece e a apaziguada Ninhursag prossegue

para curá-lo, ela pergunta repetidamente e ternamente: “Meu irmão, o que dói em você?”

A julgar pelo provérbio, “A amizade dura um dia; o parentesco dura para sempre”, o amor entre amigos não era tão forte e duradouro quanto o entre parentes de sangue. No entanto, amizade e lealdade eram altamente valorizadas na Suméria. A amizade entre Gilgamesh e Enkidu era lendária e proverbial em todo o antigo Oriente Próximo. Os amigos de Lugalbanda estavam profundamente preocupados com sua jornada prevista para Aratta, que envolvia a travessia de altas montanhas e o temido rio de Kur. Quando, no curso da marcha dos erechitas em Aratta, Lugalbanda ficou mortalmente doente no Monte Hurum, seus amigos enlutados o abandonaram somente depois de terem tentado de todas as maneiras reanimá-lo e acreditado que toda a esperança havia acabado — mesmo assim, eles prometeram a si mesmos pegar seu corpo e devolvê-lo a Erech em seu caminho de volta. A angústia e amargura do “Jó” sumério se devem em grande parte ao fato de que ele se vê traído por seus amigos e companheiros.

Quanto ao amor divino, o amor de deus pelo homem, é preciso ter em mente que, teoricamente pelo menos, os teólogos sumérios ensinavam que o homem foi criado pelos deuses somente para servi-los e cuidar deles e, presumivelmente, portanto, que o relacionamento entre deus e homem correspondia ao de mestre e escravo. Mas atitudes e práticas religiosas raramente concordam com a teoria e a teologia, e o amor de deus pelo homem no padrão de amor entre pais e filhos, bem como entre marido e mulher, é um fenômeno frequente nos documentos sumérios. Para começar, havia a doutrina do deus pessoal — o “meu deus” do adorador, a quem ele pensava como seu pai ou mãe. Foi o amor de Inanna por Erech e seu povo que a levou a ir a Eridu e levar os *mes*, as “leis divinas”, no “barco do céu”, por mais perigoso que isso fosse. Na literatura de lamentação, os deuses manifestam repetidamente seu amor e afeição. Ningal, a esposa do deus-lua, por exemplo, é retratada pelos autores de “A Lamentação sobre a Destruição de Ur” implorando, suplicando e chorando diante de An e Enlil para não destruir sua cidade e seu povo. De acordo com uma segunda lamentação de Ur, é o próprio Nanna que implora a Enlil para poupar sua cidade e seu povo. Quando o

dilúvio foi decretado, Nintu chora e Inanna faz um lamento pelo povo. Até mesmo Enlil, indiferente e inspirador, é concebido como uma divindade benevolente e paternal.

Em certas ocasiões, mortais individuais eram tratados com amor, afeição e compaixão pelos deuses. Tanto An quanto Enlil estimavam o herói do Dilúvio, Ziusudra, presentearam-no com a vida eterna e o levaram para morar entre os deuses no "lugar onde o sol nasce". Quando Enmerkar foi sitiado em Erech pelos Martu, ele enviou Lugalbanda com um pedido de ajuda para sua "irmã" Inanna em Aratta, que dizia em parte:

> Se ela (Inanna) ama a cidade (Erech), mas me odeia,
> Por que ela deveria ligar a cidade a mim?
> Se (por outro lado) ela odeia a cidade, mas me ama,
> Por que ela deveria me ligar à cidade?

Lugalbanda, doente de morte, abandonado e desamparado no Monte Hurum, levantou os olhos para o céu e chorou diante dos deuses Utu, Inanna e Sin, e em cada caso — mesmo no caso de Inanna — o poeta diz que chorou diante da divindade "como seu pai que o gerou". Quando Gilgamesh trouxe uma oferenda a Utu e implorou por seu apoio quando estava prestes a marchar para a "Terra dos Vivos", o poeta escreve:

> Utu aceitou suas lágrimas como uma oferenda,
> Como um "homem de misericórdia", ele lhe mostrou misericórdia.

De acordo com outro poema, Gilgamesh é "o príncipe amado de An". Gudea, o homem "a quem Ningirsu ama", implora à deusa Gatumdug:

> Eu não tenho mãe, você é minha mãe,
> Eu não tenho pai, você é meu pai.

O rei Shulgi é o amado de Ninlil. Seu filho, Shu-Sin, é "o amado de Enlil, a quem Enlil escolheu como o amado de seu coração". Finalmente, os reis da Suméria são conhecidos como os "amados maridos" de Inanna em todos os documentos sumérios desde a época de Enmerkar até os dias pós-sumérios, uma vez que eles parecem ter sido

misticamente identificados com Dumuzi, um antigo rei deificado da cidade de Erech, que de acordo com os mitógrafos sumérios havia realmente se casado com Inanna e, pelo menos de acordo com uma versão, havia sido entregue por ela aos demônios, que o levaram para o mundo inferior.

Patriotismo, amor ao país e, particularmente, amor à cidade natal, eram uma força motriz forte no pensamento e na ação sumérios. O amor à cidade-estado naturalmente veio primeiro no tempo e nunca foi completamente substituído pelo amor à Suméria como um todo. Os habitantes de uma cidade eram conhecidos como seus "filhos" e eram considerados uma unidade intimamente relacionada e integrada. Normalmente, eles se orgulhavam de sua cidade, deus e governante e estavam sempre prontos para pegar em armas em seu nome. A luta entre as cidades-estados, que em certo sentido provou ser a ruína da Suméria, foi amarga e persistente; e eles se recusaram teimosamente a abrir mão de sua independência. Em que época a Suméria começou a pensar em si mesma como uma entidade política consistindo de uma terra dividida em inúmeras cidades-estados é incerto; deve ter ocorrido alguns séculos antes de 2500 a.C. Como mostram os hinos reais, era dever sagrado e patriótico do rei defender a terra dos inimigos e trazer segurança e bem-estar para "a Terra", como a Suméria era frequentemente designada. Pelo menos desde a época da Terceira Dinastia de Ur, os sumérios, "os filhos da Suméria", são conhecidos como "os cabeças-pretas" e "irmãos". O amor do povo por sua cidade e estado se manifesta particularmente nas lamentações amargas comoventes nas quais os poetas sumérios lamentam a destruição tanto da cidade quanto do estado.

Onde há amor, há ódio, e Suméria não foi exceção a esse respeito. Gilgamesh contrasta a esposa amada e a esposa odiada, o filho amado e o filho odiado, nas quatro linhas seguintes, que foram citadas acima:

Não beije sua amada esposa,
Não beije seu amado filho,
Não bata em sua odiada esposa,
Não bata em seu odiado filho.

Enmerkar contrasta amor e ódio com efeito revelador em seu apelo a Inanna citado anteriormente. O deus Hendursag é um rei que "ama a justiça", mas "odeia a violência". De fato, se não estou enganado, o ódio desempenhou um papel bastante dominante no comportamento sumério. Como será mostrado adiante, as instituições políticas, econômicas e educacionais sumérias eram profundamente marcadas pela competição agressiva, por uma busca por prestígio e proeminência, o que deve ter inspirado um alto grau de ódio, desprezo e desdém.

Os deuses, também, não raramente demonstravam ódio e ira. O próprio Enlil, "com a testa franzida", mata "o povo de Kish" e esmaga "as casas de Erech em pó". Então, porque seu Ekur em Nippur foi saqueado e profanado, Enlil, "a inundação furiosa que não tinha rival", traz a destruição quase total de toda a Suméria ao trazer os bárbaros gutianos de suas montanhas. Todas as quatro principais divindades, An, Enlil, Enki e Nintu, são implacáveis em sua decisão de destruir Ur e a Suméria no reinado de Ibbi-Sin. Ninhursag pronuncia com raiva uma maldição de morte sobre Enki, que havia comido as oito plantas que ela havia criado. Ninurta amaldiçoa com raiva as pedras que agiram de forma hostil em relação a ele em sua luta com o demônio Asag. Ereshkigal, a rainha do mundo inferior, "mordeu sua coxa, ficou cheia de ira" quando seu principal porteiro, Neti, anuncia a chegada de sua irmã, Inanna, ao "palácio do mundo inferior".

Mas quem mais odiava na mitologia suméria, como poderia ter sido antecipado, também é quem mais amava: a cruel, ambiciosa, agressiva, mas evidentemente atraente, Inanna. Quando "Dumuzi vestiu um manto nobre" e "sentou-se alto do seu trono" em vez de rastejar diante de sua esposa, Inanna, que tinha acabado de ascender do mundo inferior, ela ficou furiosa e o entregou aos sete demônios do mundo inferior que a acompanhavam. Como o poeta coloca:

Ela fixou o olho nele, o olho da morte,
Falou a palavra contra ele, a palavra da ira,
Proferiu o grito contra ele, o grito da culpa.

Quando o jardineiro Shukalletuda se aproveitou da cansada Inanna e a estuprou, ela ficou tão enfurecida que enviou três pragas destrutivas contra a Suméria em um esforço vão para localizar seu agressor. Quando Gilgamesh rejeitou as propostas de amor de Inanna, ela enviou o cruel "touro do céu" para devastar a cidade de Erech de Gilgamesh. Mesmo na literatura de hinos, ela é retratada às vezes como uma deusa de ira amarga e destruição terrível.

O medo, assim como o ódio, tendia a influenciar profunda e sombriamente o modo de vida sumério. Do nascimento à morte, o sumério tinha motivos às vezes para temer seus pais, seus professores, seus amigos e concidadãos, seus superiores e governantes, o inimigo estrangeiro, a violência da natureza, animais selvagens, monstros e demônios cruéis, doenças, morte e esquecimento. Não é de se admirar, então, que a característica mais significativa da era de ouro do homem, de acordo com os pensadores sumérios, fosse a liberdade do medo, ou como o poeta coloca:

Naqueles dias, não havia serpente, não havia escorpião,
Não havia hiena, não havia leão,
Não havia cão selvagem, nem lobo,
Não havia medo, nem terror,
O homem não tinha rival.

Vamos agora passar dos impulsos e motivações emocionais para os valores que permeavam a vida suméria e começar com o que é básico e fundamental em todas as culturas, a vida em si e a importância atribuída a ela. O amor à vida permeia a civilização suméria em todas as suas formas e aspectos: social, político, econômico e religioso. Sobre os numerosos objetos votivos que os sumérios dedicaram a um deus ou outro, eles declaram franca e expressamente que o fazem para o prolongamento de sua própria vida ou para a vida daqueles próximos a eles. As orações do hinário real são repletas de orações especiais pela longa vida do rei. A busca vã e patética pela vida eterna é um tema

favorito do épico mesopotâmico. Enquanto todos os povos e culturas prezam a vida e a valorizam muito, os sumérios se apegavam a ela com tenacidade particular por causa de sua convicção teológica de que após a morte o espírito emasculado descia para o escuro e sombrio mundo inferior, onde a vida era, na melhor das hipóteses, apenas um reflexo sombrio e miserável da vida terrena. Não havia esperança de uma vida no paraíso que elevasse o coração e acalmasse a alma, embora, paradoxalmente, haja indícios de que os bons e merecedores tinham um destino mais feliz do que os perversos e malignos.

Intimamente aliado ao amor à vida estava o valor dado à prosperidade e ao bem-estar material. Os sumérios valorizavam muito a riqueza e posses, colheitas abundantes, celeiros bem abastecidos, currais e estábulos cheios de gado grande e pequeno, caça bem-sucedida na planície e boa pesca no mar. Os reis se vangloriavam constantemente em seus hinos de trazer prosperidade e bem-estar para a terra e seu povo. Os textos de disputa, como aqueles envolvendo Emesh e Enten, e Lahar e Ashnan, estão repletos de passagens exaltando os produtos da agricultura e da pecuária. Nas lamentações, os poetas reclamavam constantemente e em termos inequívocos a perda de posses materiais. Para dar apenas um exemplo, aqui está uma passagem reveladora de uma lamentação sobre a destruição de Ur:

> Minhas posses como um pesado enxame de gafanhotos foram levadas,
> Ó minhas posses, eu direi,
> Minhas posses, que vem das terras abaixo, para as terras abaixo foram levadas,
> Ó minhas posses, eu direi,
> Minhas posses, que vem das terras acima, para as terras acima foram levadas,
> Ó minhas posses, eu direi,
> Meu metal precioso, pedra e lápis-lazúli foram espalhados,
> Ó minhas posses, eu direi.

Os provérbios sumérios contêm muitas anedotas sobre a fraqueza, ineficácia e miséria dos pobres; por exemplo:

> Quando um pobre morre, não tente reanimá-lo.
> Quando ele tinha pão, não tinha sal, quando tinha sal, não tinha pão,
> Quando ele tinha carne, não tinha condimento, quando tinha condimento, não tinha carne.

> A riqueza é difícil de conseguir, mas a pobreza está sempre conosco.
> Os pobres não têm poder.
> Quão humilde é o pobre; a borda do forno é seu moinho.
> Sua roupa rasgada permanece sem conserto; o que ele perdeu permanece sem ser procurado.

Não parece haver nenhum vestígio de promessas consoladoras aos pobres sumérios tais como "herança da terra" em algum milênio vindouro ou "torta no céu", para usar uma frase americana. Portanto, podemos concluir que a busca por riqueza, sem dúvida, desempenhou um papel importante na vida dos sumérios.

Finalmente, no nível da ética e da moral, os documentos revelam que os sumérios estimavam e valorizavam a bondade e a verdade, a lei e a ordem, a justiça e a liberdade, a sabedoria e o aprendizado, a coragem e a lealdade — em suma, todas as virtudes e qualidades mais desejáveis do homem. Até mesmo a misericórdia e a compaixão eram valorizadas e praticadas, pelo menos na violação de direitos, a julgar pelas inúmeras referências ao tratamento protetor especial concedido a viúvas, órfãos e refugiados, bem como aos pobres e oprimidos. A evolução passo a passo desses valores éticos é tão difícil de rastrear para a antiga cultura suméria quanto para a nossa. Pelo menos em parte, eles devem ter crescido a partir da extensão do motivo do amor do indivíduo e sua família imediata para a comunidade em geral e até mesmo para a humanidade como um todo. Para os sumérios, os "cabeças pretas", como passaram a ser conhecidos, perceberam claramente que eram apenas parte de uma humanidade maior que habitava os quatro *ubdas*, ou seja, as quatro regiões nas quais dividiam o mundo como um todo. De fato, como recentemente apontado pelo jovem estudioso, J. J. A. Van Dijk, a palavra suméria para "humanidade", *namlulu*, passou a designar em sumério não apenas os humanos no sentido coletivo, mas toda conduta e comportamento característicos da humanidade e dignos dela. (Para as ideias sumérias do mundo sobre eles, ver o Capítulo VIII). Assim, por exemplo, no ensaio "Um escriba e seu filho perverso" citado anteriormente, o pai repreende seu filho não apenas por chocante ingratidão e por não seguir seus passos e se tornar um escriba, mas por ações não dignas de sua humanidade.

Mas, apesar de seus ideais elevados e ética sublime, as chances são de que os sumérios nunca poderiam ter chegado tão longe ou alcançado tanto, seja materialmente ou espiritualmente, se não fosse por um impulso psicológico muito especial que motivou muito de seu comportamento e marcou profundamente seu modo de vida — a ambição, competitividade, agressividade e o impulso aparentemente nada ético por proeminência e prestígio, por vitória e sucesso. A primeira vez que me deparei com a ideia de que a vontade de superioridade, a ambição pela vitória sobre um rival, era uma fonte de motivação impregnada no comportamento sumério, foi durante a montagem e tradução dos poemas e ensaios sumérios que os próprios antigos escribas categorizavam como "competições" ou "disputas". Um grande número desses debates literários desinibidos e briguentos chegaram até nós, e sua própria popularidade indica que eles refletem um padrão comportamental bem conhecido pelos sumérios e aprovado por eles. Para citar apenas alguns exemplos típicos do estilo usado nesses diálogos de competição, aqui está primeiro uma das partes mais inteligíveis de um discurso dirigido pelo Cobre para a Prata no debate "Cobre contra Prata":

Prata, somente no palácio você encontra uma posição, esse é o lugar para o qual você é designada. Se não houvesse palácio, você não teria nenhuma posição; seu lugar de moradia desapareceria . . . . (Quatro linhas ininteligíveis.) . . . . No lar (comum), você está enterrada em seus pontos mais escuros, seus túmulos, seus "lugares de fuga" (deste mundo). Quando chega a hora da irrigação, você não fornece ao homem a enxada de cobre que solta restolhos; é por isso que ninguém lhe dá atenção! Quando chega a hora do plantio, você não fornece ao homem a enxada de cobre que modela o arado; é por isso que ninguém lhe dá atenção! Quando chega o inverno; você não fornece ao homem o machado de cobre que corta lenha; é por isso que ninguém lhe dá atenção! Quando chega a época da colheita, você não fornece ao homem a foice de cobre para cortar grãos; é por isso que ninguém lhe dá atenção! . . . . (Quatro linhas ininteligíveis.) Prata, se não houvesse palácio, você não teria nem posição nem lugar de moradia; apenas o túmulo, o "lugar de fuga", seria sua posição. Prata, se não fosse por esses lugares, você não teria nenhum lugar para ser designada! . . . . (Uma linha e meia ininteligível.) . . . . Como um deus, você não coloca sua mão em nenhum trabalho (útil). Como você ousa então me atacar (?) como um lobo (?)? Entre em seus santuários escuros (?); deite-se em seus túmulos!

Assim termina o discurso de Cobre. O autor então continua:

As provocações que o poderoso Cobre lançou contra ela a fizeram (Prata) se sentir miserável; as provocações cheias de vergonha (?) e amargura a fizeram ficar esperta (?) e estremecer (?) como

água de um poço salgado . . . . (Uma linha ininteligível.) . . . . Então a Prata deu a réplica ao poderoso Cobre: . . . . (Segue-se o discurso amargo da Prata para Cobre, muito do qual é ininteligível até o momento.)

Ou, para pegar uma passagem da "Disputa entre Verão e Inverno":

Então o Verão deu a réplica ao Inverno, que havia lançado insultos contra ele: "Inverno, não se gabe de sua força extraordinária! Eu conheço seu covil (?). Deixe-me dizer onde você "se esconde" na cidade; você não consegue encontrar cobertura suficiente (?). Você é um sujeito doente (?) e de joelhos fracos! A lareira (?), a própria borda do fogo, o forno, essa é sua montanha (?)! Seus pastores com (seus) pesados (rebanhos de) ovelhas e cordeiros, os companheiros de joelhos fracos, correm diante de você como ovelhas da lareira (?) para o forno e do forno para a lareira (?). Durante o auge da tempestade, você os sentencia a tossir constantemente (?). Por sua causa, o povo da cidade estabeleceu um constante bater de dentes. Durante os dias encharcados (?), ninguém anda pelas ruas. O escravo se alegra com a lareira (?) e passa os dias dentro de casa. A escrava não sai para a chuva torrencial e passa o tempo com roupas. Durante o inverno, os campos não são trabalhados, seus sulcos não são cuidados . . . . (Três versos ininteligíveis.) . . . Não se vanglorie de sua força extraordinária; deixe-me mantê-lo informado sobre as regras e regulamentos (que o governam)!"

Finalmente, há um exemplo de um discurso de intimidação do deus-pastor, Dumuzi, cujo pedido de casamento acaba de ser rejeitado pela deusa Inanna em favor do deus-agricultor, Enkimdu.

O impulso competitivo por superioridade e proeminência desempenhou um grande papel na educação formal suméria, que envolvia muitos anos de frequência escolar e estudo. Junto com o chicote e a vara, era conscientemente utilizado por pais e professores para fazer o aluno se esforçar ao máximo para dominar o currículo complicado, mas nada emocionante, a fim de se tornar um escriba bem-sucedido e um estudioso culto. Assim, no ensaio "Dias de Escola" discutido no capítulo VI, encontramos o professor encorajando o aluno ambicioso com as seguintes palavras persuasivas: "De seus irmãos, que você seja o líder deles, de seus amigos, que você seja o chefe deles; que você seja o mais alto entre os graduados da escola." Ou, para tomar o ensaio "A Disputa de Enkimansi e Girnishag", os discursos dos estudantes rivais estão cheios de xingamentos insultuosos e injuriosos como "idiota", "cabeça-dura", "praga", "analfabeto", "trapalhão", "saco de vento", etc. Além disso, este ensaio em particular termina em uma

frase que provoca uma conjectura um tanto surpreendente, mas muito esclarecedora, sobre outra faceta importante da cultura suméria, a ênfase na lei e na legalidade, a propensão para compilar códigos de leis e escrever documentos legais, que há muito tempo é reconhecida como uma característica predominante da vida econômica e social suméria. Esta frase diz: "Na disputa entre Enkimansi e Girnishag, o professor dá o veredito." A palavra suméria usada aqui para 'veredito' é o mesmo termo usado para vereditos em julgamentos, e não se pode deixar de pensar que a extraordinária importância que os sumérios atribuíam à lei e aos controles legais se deve, pelo menos em parte, ao padrão comportamental litigante e agressivo que caracterizava sua cultura.

Voltando-se para a cena política, agora temos pelo menos dois contos épicos celebrando a vitória do chefe da cidade-estado suméria de Erech sobre um rival presunçoso que governava a cidade-estado de Aratta, que não estava situada na Suméria, mas talvez em algum lugar nas proximidades do Mar Cáspio. A julgar pelo conteúdo desses dois poemas, a ambição motivadora de cada um desses governantes era quebrar o moral de seu rival por meio de uma espécie de "guerra de nervos" e, assim, torná-lo vassalo submisso e seu súdito. Os contos estão repletos de provocações e ameaças levadas de um lado para o outro por mensageiros e arautos, bem como de desafios e disputas. Finalmente, é Enmerkar, o senhor de Erech, que emerge como vencedor e a quem, de acordo com um dos poemas, seu rival derrotado, o senhor de Aratta, oferece submissão abjeta nessas palavras bastante reveladoras:

> Você é o amado de Inanna, somente você é exaltado,
> Inanna realmente escolheu você para seu colo sagrado;
> Das terras mais baixas às mais altas, você é o senhor delas,
> Eu sou o segundo depois de você,
> Desde o (momento da) concepção, eu não era seu igual, você é o "irmão mais velho",
> Eu nunca poderei me comparar a você!

Bastante reveladores também do desejo sumério de vitória, prestígio e glória na frente política são os numerosos hinos reais autoelogiosos nos quais o rei sumério recita suas próprias virtudes e realizações sem pudor e desinibição, em uma linguagem um tanto hiperbólica e extravagante.

Portanto, é bastante óbvio que o impulso por superioridade e prestígio marcou profundamente a perspectiva de vida dos sumérios e desempenhou um papel importante em sua educação, política e economia. Isso sugere a hipótese provisória de que, não diferente da forte ênfase na competição e no sucesso na cultura americana moderna, a propensão agressiva para a controvérsia e o impulso ambicioso por proeminência forneceram nada menos que a motivação psicológica que desencadeou e sustentou os avanços materiais e culturais pelos quais os sumérios são justamente conhecidos: expansão da irrigação, invenção tecnológica, construção monumental, o desenvolvimento de um sistema de escrita e educação. É triste dizer, mas a paixão pela competição e superioridade carregava consigo a semente da autodestruição e ajudou a desencadear as guerras sangrentas e desastrosas entre as cidades-estados e a impedir a unificação do país como um todo, expondo assim a Suméria aos ataques externos que finalmente a dominaram. Tudo isso nos fornece apenas outro exemplo histórico da ironia pungente inerente ao homem e seu destino.

CAPÍTULO VIII

VIII. O LEGADO DA SUMÉRIA

Supondo que a civilização tenha algum valor para o homem, os sumérios há muito mortos podem muito bem apontar com orgulho "sem dedos" para as inúmeras inovações, invenções e instituições que ajudaram a originar. Certamente, pode-se dizer que elas teriam surgido em qualquer caso, com os sumérios ou sem eles. Mas isso dificilmente parece ser o ponto — os sumérios estavam lá primeiro, e parece justo dar crédito a quem o merece. Seja como for, neste capítulo tentarei esboçar de forma breve e hesitante algumas de suas contribuições mais palpáveis e significativas para a cultura do homem. No entanto, antes de nos voltarmos para o legado da Suméria para as gerações posteriores, vamos dar uma olhada no dar e receber entre os sumérios e seus vizinhos próximos e distantes nos dias em que estavam vivos e fazendo história em vez de serem transformados em história. E comecemos com Aratta, uma cidade-estado distante provavelmente situada no noroeste do Irã, perto do Mar Cáspio, que deve sua fama e nome não devido às suas próprias realizações, embora pareçam ter sido muitas, mas aos bardos e poetas da Suméria que, por alguma razão ainda não descoberta, cantavam sobre seus metais e pedras, seus artesãos e artifícies, seu *en* ousadamente desafiador, seu *mashmash* orgulhosamente confiante e sua amada deusa, que parece ser ninguém menos que Inanna da Suméria.

Em 1952, publiquei um poema sumério intitulado "Enmerkar e o Senhor de Aratta: Um Conto Épico Sumério do Iraque e do Irã"; ele consiste em mais de seiscentas linhas de texto razoavelmente bem preservadas, reunidas a partir de vinte tabuletas e fragmentos agora localizados no Museu de Istambul do Antigo Oriente e no Museu

Universitário da Universidade da Pensilvânia, na Filadélfia. Os dois principais protagonistas deste conto épico são Enmerkar, um senhor sacerdotal — ou *en*, para usar a palavra suméria — de Erech, uma antiga cidade suméria que os alemães têm escavado intermitentemente nos últimos trinta anos, e um *en* sem nome de Aratta, uma importante, mas ainda não identificada cidade-estado no antigo Irã. Resumidamente esboçado, o conteúdo deste conto épico sumério é o seguinte.

Certa vez, Enmerkar, filho do deus-sol, Utu, tendo determinado a fazer de Aratta um estado vassalo, implora à sua irmã, Inanna, a poderosa deusa suméria do amor e da guerra, para garantir que o povo de Aratta traga ouro, prata, lápis-lazúli e pedras preciosas e construa para ele vários santuários e templos, particularmente o Abzu, o templo marítimo de Enki, em Eridu.

Inanna, atendendo ao apelo de Enmerkar, aconselha-o a procurar um arauto adequado para cruzar as imponentes montanhas de Anshan e assegura-lhe que o povo de Aratta se submeterá a ele e realizará as operações de construção que ele deseja. Enmerkar seleciona seu arauto e o envia ao *en* de Aratta com uma mensagem contendo uma ameaça de destruir e desolar sua cidade, a menos que ele e seu povo tragam prata e ouro e construam e decorem o templo de Enki. Para impressioná-lo ainda mais, Enmerkar instrui seu arauto a repetir para ele o "feitiço de Enki", que relata como o deus Enki pôs fim à “era de ouro” do homem sob o domínio universal de Enlil sobre a terra e seus habitantes.

O arauto, depois de atravessar sete montanhas, chega a Aratta, repete adequadamente as palavras de seu mestre para seu *en*, e pede sua resposta. Este último, no entanto, se recusa a ceder a Enmerkar, alegando que ele é o protegido de Inanna e que ela o trouxe para Aratta como seu governante. Em seguida, o arauto o informa que Enmerkar havia levado Inanna para Erech e a havia feito rainha de seu templo, Eanna, e que a deusa prometeu a Enmerkar que Aratta se submeteria a ele.

O *en* de Aratta fica surpreso com essa notícia. Ele compõe uma resposta para o arauto levar de volta ao seu rei, na qual ele repreende Enmerkar por recorrer às armas e diz que prefere uma “competição”,

isto é, uma luta entre dois campeões selecionados. Ele continua dizendo que, uma vez que Inanna se tornou sua inimiga, ele está pronto para se submeter a Enmerkar somente se ele lhe enviar grandes quantidades de grãos. O arauto retorna a Erech imediatamente e entrega a mensagem a Enmerkar no pátio do salão de assembleia.

Antes de fazer seu próximo movimento, Enmerkar realiza vários atos aparentemente de caráter ritualísticos. Primeiro, ele se aconselha com Nidaba, a deusa suméria da sabedoria. Então ele carrega seus animais de carga com grãos. Eles são conduzidos a Aratta pelo arauto, que deve entregar ao seu senhor uma mensagem elogiando o cetro de Enmerkar e ordenando ao senhor que traga cornalina e lápis-lazúli para Enmerkar. Ao chegar, o arauto empilha os grãos no pátio e entrega sua mensagem. O povo, encantado com os grãos, está pronto para presentear Enmerkar com a cornalina desejada (nada parece ser dito sobre o lápis-lazúli) e fazer com que os "anciãos" construam uma "casa nobre" para ele. Mas o histérico *en* de Aratta, depois de elogiar seu próprio cetro, recusa e insiste, em palavras idênticas às de Enmerkar, que este último lhe traga cornalina e lápis-lazúli.

No retorno do arauto a Erech, Enmerkar parece consultar os presságios, em particular um envolvendo um junco *sushima*, que ele traz da "luz para a sombra" e da "sombra para a luz", até que ele finalmente o corta "depois que cinco anos, depois que dez anos se passaram". Ele envia o arauto mais uma vez para Aratta, desta vez apenas colocando o cetro em sua mão sem nenhuma mensagem que o acompanhe. A visão do cetro parece despertar terror no *en* de Aratta. Ele se volta para seu *shatam* e, depois de falar amargamente sobre a situação de sua cidade como resultado do desagrado de Inanna, parece pronto para ceder a Enmerkar. No entanto, ele mais uma vez lança um desafio a Enmerkar. Desta vez, ele exige que Enmerkar selecione, como seu representante, um de seus "guerreiros" para se envolver em combate individual com um de seus próprios "guerreiros". Assim, "o mais forte se tornará conhecido". O desafio, em termos de enigma, pede que o selecionado não seja nem preto nem branco, nem marrom, nem amarelo, nem malhado — o que parece fazer pouco sentido quando se fala de um homem.

Com a chegada do arauto a Erech com este novo desafio, Enmerkar ordena que ele retorne a Aratta com uma mensagem tríplice: (1) Ele (Enmerkar) aceita o desafio do *en* de Aratta e está preparado para enviar um de seus lacaios para lutar contra seu representante para uma contenda. (2) Ele exige que o *en* de Aratta acumule ouro, prata e pedras preciosas para a deusa Inanna em Erech. (3) Ele mais uma vez ameaça Aratta com destruição total, a menos que seu *en* e seu povo tragam "pedras da montanha" para construir e decorar o santuário de Eridu para ele.

Na primeira parte da mensagem, as palavras de Enmerkar parecem esclarecer os termos enigmáticos do senhor de Aratta sobre a cor do lacaio a ser selecionado. Enmerkar substitui a palavra "guerreiro" por "vestimenta". Presumivelmente, as cores tinham a intenção de se referir às vestimentas usadas pelos combatentes, e não aos seus corpos.

Segue-se uma passagem notável que, se interpretada corretamente, nos informa que Enmerkar foi, na opinião do poeta, o primeiro a escrever em tabuletas de argila e que ele o fez porque seu arauto parecia "pesado de boca" e incapaz de repetir a mensagem, talvez por causa de seu tamanho. O arauto entrega a tabuleta inscrita ao *en* de Aratta e aguarda sua resposta. Mas a ajuda agora parece chegar ao *en* de uma fonte inesperada. O deus sumério da chuva e da tempestade, Ishkur, traz para Aratta trigo e feijões selvagens e os amontoa diante do *en*. Ao ver o trigo, o *en* toma coragem. Com sua confiança recuperada, ele informa ao arauto de Enmerkar que Inanna de forma alguma havia abandonado Aratta ou sua casa e leito ali.

A partir daqui o texto se torna fragmentário e o contexto é difícil de entender, exceto pela afirmação de que o povo de Aratta trouxe ouro, prata e lápis-lazúli para Erech e os amontoou no pátio de Eanna para Inanna.

Em outro poema épico sumério, que consiste em quase trezentas linhas e que foi publicado apenas parcialmente até o momento, encontramos novamente Enmerkar, o *en* de Erech, em uma disputa amarga com um *en* de Aratta, mas, neste caso, com um que carrega o

bom nome sumério Ensukushsiranna. Seu enredo, muito resumidamente, é o seguinte.

Nos dias em que um certo Ennamibaragga-Utu era rei de um império presumivelmente incluindo a Suméria e partes do antigo Irã, Ensukushsiranna, o *en* de Aratta, lançou um desafio a Enmerkar, o *en* de Erech, exigindo que este o reconhecesse como seu suserano e que a deusa Inanna fosse trazida para Aratta. Enmerkar desdenha o desafio e em um longo discurso, no qual ele se descreve como o favorito dos deuses, declara que Inanna permanecerá em Erech e exige que Ensukushsiranna se torne seu vassalo. Ensukushsiranna reúne os membros de seu conselho e pergunta a eles o que fazer. Eles o aconselham a se submeter a Enmerkar, mas ele se recusa indignado a fazer isso. Então o sacerdote *mashmash* de Aratta vem em seu auxílio e vangloria-se de que subjugará Erech — na verdade, todas as terras "acima e abaixo, do mar à montanha de cedro" — por seu poder mágico. Ensukushsiranna fica encantado e dá a ele cinco minas de ouro e cinco minas de prata, bem como os suprimentos necessários. O *mashmash* chega a Erech no devido tempo, mas é enganado pelos dois pastores da deusa Nidaba e uma velha sábia chamada Sagburru, que finalmente o mata e joga seu cadáver no Eufrates. Quando Ensukushsiranna ouve o que aconteceu com seu *mashmash*, ele rapidamente envia um mensageiro a Enmerkar e rende-se completamente, admitindo abjetamente que Enmerkar é seu superior.

Outro conto épico sumério cujo conteúdo revela os contatos políticos, religiosos e culturais extraordinariamente próximos entre Erech e Aratta é aquele que pode ser intitulado "Lugalbanda e Enmerkar". Consiste em aproximadamente quatrocentas linhas, e os detalhes relevantes de seu enredo são os seguintes.

Lugalbanda, um dos heróis de Erech pertencente à comitiva militar de Enmerkar, acaba de retornar a Erech de uma jornada perigosa, apenas para encontrar seu senhor e soberano em grande aflição. Por muitos anos, os semitas Martu vinham devastando tanto a Suméria e quanto Uri (aproximadamente a posterior Acádia). Agora eles estão sitiando Erech, e Enmerkar descobre que precisa fazer um pedido de ajuda à sua irmã (ninguém menos que a deusa Inanna de Aratta). Mas

ele não consegue encontrar ninguém para empreender a perigosa jornada até Aratta para entregar a mensagem. Então Lugalbanda se aproxima de seu rei e corajosamente se oferece para a tarefa. Por insistência de Enmerkar em manter o segredo, ele jura que fará a jornada sozinho, desacompanhado de seus seguidores. Depois de receber de Enmerkar as palavras exatas de sua mensagem para Inanna, Lugalbanda corre até seus amigos e seguidores e os informa de sua jornada iminente. Eles tentam dissuadi-lo, mas sem sucesso. Ele pega suas armas, cruza as sete montanhas que se estendem de um extremo a outro de Anshan — ou, como diz o poeta, "do 'ombro' de Anshan à 'cabeça' de Anshan" — e finalmente chega com passos alegres ao seu destino.

Em Aratta, Lugalbanda é recebido calorosamente por Inanna. Ela pergunta o que o trouxe sozinho de Erech para Aratta, e ele repete literalmente a mensagem de Enmerkar e o pedido de ajuda. A resposta de Inanna é obscura; parece envolver um rio e seus peixes incomuns que Enmerkar deve pescar; também estão envolvidos certos vasos de água que ele deve moldar. Enmerkar faz como instruído, e o poema termina com um hino de louvor a Aratta, que parece ter fornecido a Enmerkar trabalhadores em metal e pedra.

O conteúdo dos três contos épicos sumérios esboçados acima é de significância incomum pela luz que eles lançam sobre a antiga cidade-estado iraniana de Aratta, praticamente desconhecida de outra forma; eles nos fornecem uma série de detalhes reveladores sobre a organização política, economia e religião de Aratta, todos os quais são bastante novos e inesperados. Assim, descobrimos, de acordo com nosso poeta sumério, que o chefe político de Aratta, assim como na cidade-estado suméria de Erech, era um líder militar e religioso conhecido como *en* e que ele tinha um nome sumério. Também descobrimos que havia outros altos funcionários políticos em Aratta com títulos sumérios como *ensi*, *sukkal*, *shatam*, *ragaba* e *ugula*; e que Aratta, como uma cidade-estado suméria, tinha uma assembleia consultiva, cuja opinião, no entanto, poderia ser ignorada pelo governante da cidade se ele se sentisse disposto a fazê-lo.

Em relação à religião, aprendemos que o panteão sumério era adorado em Aratta. Sua divindade tutelar era a deusa suméria Inanna

que, a julgar pelo primeiro dos nossos poemas épicos, “Enmerkar e o Senhor de Aratta”, só mais tarde foi feita a “Rainha de Eanna” em Erech por Enmerkar. Outra divindade favorita de Aratta era Dumuzi — há muito conhecido como um governante deificado de Erech — o pastor que, de acordo com os mitógrafos sumérios, se tornou o amado e condenado marido de Inanna. O deus Enki, por outro lado, cujo protegido especial parece ter sido Enmerkar, era bastante hostil a Aratta e seu *en*.

A riqueza econômica de Aratta, a julgar por nossos poemas, consistia principalmente em ouro, prata e todos os tipos de pedra; era notada, além disso, por seus habilidosos trabalhadores em metal e pedra, seus pedreiros e escultores. Foi por essa razão, sem dúvida, que os governantes de Erech, uma região destituída de pedras e metais, estavam ansiosos para adicionar Aratta ao seu domínio. Por outro lado, Aratta não era rica em grãos, que Erech tinha em excesso — daí, talvez, a prontidão por parte de seu povo em ceder a Erech, apesar dos desejos de seu governante.

Vamos agora nos voltar para as indicações geográficas em nossos poemas e tentar descobrir a provável localização de Aratta no mapa. Primeiro de tudo, estamos razoavelmente certos de que Aratta estava localizada no Irã, já que nossos poemas a descrevem como separada de Erech, no sul da Mesopotâmia, por toda a terra de Anshan, de seu “ombro” à sua “cabeça”, e Anshan, a maioria dos estudiosos concorda, está situada no sudoeste do Irã. Um problema surge, no entanto, ao tentar localizar Aratta em relação a Anshan. Deve ser buscada ao norte de Anshan na direção do Lago Urmia e do Mar Cáspio, ou a leste na direção do Baluchistão e da Índia, ou ao sul na direção do Laristão e do Golfo Pérsico? Mais uma vez, é um conto épico sumério que pode nos dar a resposta. Este poema, que pode ser intitulado “Lugalbanda e o Monte Hurum”, permaneceu em grande parte ininteligível até 1955, quando uma grande tabuleta de seis colunas da Coleção Hilprecht da Universidade Friedrich-Schiller em Jena ficou disponível; ela conta a seguinte história.

Enmerkar, o senhor de Erech, decidiu viajar para Aratta para torná-lo um estado vassalo. Acompanhado por uma vasta hoste de

erechitas sob o comando de sete heróis sem nome e Lugalbanda, que, para citar as palavras do poema, “era o oitavo deles”, ele chega ao Monte Hurum. Então, ali Lugalbanda adoece. Seus irmãos e amigos fazem tudo o que podem para reanimá-lo, mas sem sucesso. Tomando-o por morto, eles decidem que deixarão seu cadáver no Monte Hurum, prosseguirão sua jornada para Aratta e, ao retornarem da campanha, pegarão seu corpo e o levarão de volta para Erech. Mas Lugalbanda não está morto. Abandonado e desamparado, ele reza aos deuses do sol, da lua e da estrela Vênus, e eles restauram sua saúde. Ele vagueia por toda a estepe das terras altas, e lá devemos deixá-lo por enquanto, já que nossos textos disponíveis param neste ponto.

Fica claro neste poema que o Monte Hurum estava situado em algum lugar entre Erech e Aratta, e como é razoável supor que o Monte Hurum era o lar original do povo hurrita da vizinhança do Lago Van, podemos concluir que Aratta ficava nas proximidades do Lago Urmia ou talvez até mais a leste. De fato, a campanha de Enmerkar para Aratta pode ser comparada até certo ponto com a de Sargão II mais de dois mil anos depois (714 a.C.) para a terra dos Mannai, cujo relato, curiosamente, menciona a travessia de um rio chamado Aratta, um nome que lembra, talvez, a cidade de Aratta.

De Aratta, situada na montanha, perto do Mar Cáspio, vamos nos voltar para duas terras que frequentemente aparecem juntas nas inscrições, Magan e Meluhha; sua localização ainda é duvidosa, embora possam ser o Egito e a Etiópia. De fato, a maioria dos cuneiformistas concorda que, no primeiro milênio a.C., Magan e Meluhha correspondiam aproximadamente ao Egito e à Etiópia. É para os períodos anteriores — para os dias de Sargão, o Grande, Gudea e a Terceira Dinastia de Ur, por exemplo — que essa identificação tem sido geralmente considerada mais improvável, pois envolveria a suposição aparentemente inacreditável de que os povos daqueles primeiros dias tinham navios que podiam chegar à costa leste da África. Isso levou à hipótese de que ao longo dos milênios houve uma mudança na toponímia, ou seja, que no terceiro e segundo milênios a.C. os nomes Magan e Meluhha correspondiam às terras que faziam fronteira com as

costas leste e sudeste da Arábia, mas, por uma razão ou outra, esses nomes foram posteriormente transferidos para o Egito e a Etiópia.

Agora, metodologicamente falando, a verificação de uma hipótese envolvendo uma mudança de nome nos documentos cuneiformes para países de importância tão reconhecida como aqueles referidos pelos nomes Magan e Meluhha deve ser baseada em evidências que sejam razoavelmente seguras e decisivas. Mas, até hoje, não me parece haver esse tipo de evidência; ainda há uma forte possibilidade, como ficará evidente a partir do que se segue, de que não houve mudança toponímica e que Magan e Meluhha correspondem mais ou menos ao Egito e à Etiópia no terceiro milênio a.C., bem como no primeiro milênio.

Magan e Meluhha são mencionados em textos sumérios e acadianos desde pelo menos a época de Sargão, o Grande, até meados do primeiro milênio a.C. Sargão, o Grande, em suas próprias inscrições, escreve que os barcos de Magan, Meluhha e Dilmun estavam ancorados em sua capital, Agade. Seu neto, Naram-Sin, capturou Manium, o rei de Magan, trouxe de volta o butim de Magan e mandou extrair pedras de lá; vários vasos de alabastro dedicados por Naram-Sin e inscritos com as palavras “butim de Magan” foram escavados. Gudea escreve que obteve diorito para suas estátuas de Magan e madeira para a construção de seu templo Eninnu de Magan e Meluhha. Ur-Nammu, no prólogo de seu código de leis, fala sobre o retorno do barco Magan de Nanna na fronteira — uma declaração enigmática, mas que parece apontar para a importância atribuída às relações comerciais entre Magan e a Suméria. Documentos econômicos da época da Terceira Dinastia de Ur mencionam importações de Magan e Meluhha como cobre, marfim, cornalina e cebolas. Nos períodos pós-sumérios, encontramos Meluhha mencionada várias vezes como um lugar de “homens negros”, o que leva naturalmente a uma identificação de Meluhha com a Etiópia.

Há também uma série de referências a Magan e Meluhha nos textos literários sumérios, publicados e não publicados, que são altamente significativos da relação próxima entre Magan, Meluhha e Suméria e que apontam para a identificação de Magan e Meluhha com o Egito e a Etiópia[52]. As referências são as seguintes:

1. Uma passagem de três linhas no poema “Gilgamesh e a Terra dos Vivos” que diz:

> Depois que afundou, depois que afundou,
> Depois que o barco Magan afundou,
> Depois que o barco “O Poder de Magilum” afundou.

Essas linhas são parte de um discurso exortativo de Gilgamesh a Enkidu, que, aterrorizado pelo pensamento de encontrar Huwawa, o monstro guardião da “terra do cedro cortado”, está relutante em acompanhar seu mestre em sua perigosa jornada. As implicações da passagem são bastante incertas, mas prova que o tema do barco Magan e seu naufrágio era uma tradição corrente entre os sumérios. Além disso, há alguma possibilidade de que a terceira linha, que menciona um barco chamado “O Poder de Magilum”, na verdade se refira a Meluhha.

2. Uma linha perto do final do mito “Enki e Ninhursag” diz: “Que Nintulla seja o senhor de Magan”. Essas palavras são proferidas pelo deus Enki, que está decretando o destino de oito divindades nascidas da deusa Ninhursag para curar seus oito órgãos corporais que ficaram doentes e enfermos como consequência de sua ingestão de oito plantas proibidas. O nome Nintulla tem todas as características de um complexo sumério e tem o significado “o senhor de tul” em que a sílaba *tul* representa uma palavra desconhecida no momento. Aprendemos com essa linha, portanto, que um deus de Magan tinha um nome sumério e que os poetas e homens de letras sumérios não encontraram dificuldade em originar e propagar a ideia de que seu próprio deus Enki o havia nomeado como o deus de Magan. Isso fala de um relacionamento bastante próximo e íntimo entre as terras e os povos da Suméria e Magan.

3. Uma passagem de oito linhas de “A Maldição de Agade” diz o seguinte:

Os Martu das terras altas, que não conhecem grãos,
Trazem a ele (Naram-Sin) bois imaculados, crianças imaculadas;
Os meluhhaitas, os homens da terra negra,
Trazem a ele todos os tipos de mercadorias exóticas;
Os elamitas e subarianos carregam as cargas para ele como jumentos carregadores de carga;
Todos os *ensis* e os *sanga*s,
Os controladores da Guedinna,
Levam (seus) presentes diretamente (para Agade) mensalmente e no ano novo.

Aqui, então, encontramos os meluhhaitas listados como trazendo tributo a Naram-Sin em sua capital, Agade, ao lado dos Martu, elamitas e subarianos. Certamente, é bastante surpreendente que Magan não seja mencionado aqui, já que, de acordo com as inscrições votivas contemporâneas há muito conhecidas, Naram-Sin conquistou Magan e trouxe de volta o butim; na verdade, pareceria provável em termos gerais que — parafraseando um ditado eleitoral americano bem conhecido — "como foi Magan, assim foi Meluhha". Seja como for, o que é importante na passagem "A Maldição de Agade" é o fato de que os meluhhaitas são designados como "os homens da terra negra", uma frase que é muito paralela à expressão "os meluhhaitas negros" encontrada nas inscrições do primeiro milênio mencionadas acima. Pois essa semelhança tende a indicar que a terra conhecida pelo nome de Meluhha pelos autores daquele poema, que provavelmente viveram por volta de 2000 a.C., era idêntica àquela conhecida como Meluhha pelos escribas do primeiro milênio, e que não houve nenhuma mudança toponímica ao longo dos anos.

4. Uma passagem de duas linhas em um hino de Ninurta publicado como texto nº 61 em meus "Sumerian Literary Texts from Nippur" (Textos Literários Sumérios de Nippur), diz: "Cornalina e lápis-lazúli você trouxe (?) da terra de Meluhha." Esta declaração é parte de uma passagem que exalta o deus Ninurta como o "portador" de metais, pedras e minerais dos países em que são encontrados. A cornalina é de fato bem conhecida como um produto característico de Meluhha, mas é bastante surpreendente encontrar Meluhha notável também para lápis-lazúli.

5. Uma variante ainda não publicada de uma passagem do mito "Enki e Ninhursag", consistindo em grande parte de uma bênção proferida sem dúvida por Enki a Dilmun, diz o seguinte:

> Que a terra de Tukrish transporte a você ouro [de] Harali, lápis-lazúli, (e) . . ;
> Que a terra de Meluhha [traga (?)] a você a tentadora e preciosa cornalina, madeira *messhagan*, madeira fina "do mar" (?) (e) grandes barcos;
> Que a terra de Marhashi [traga (?)] a você pedra "preciosa" (e) cristal,
> Que a terra de Magan [traga (?)] a você cobre poderoso, a força de . . , diorito, pedra *u* e pedra *shuman*;
> Que a "Terra do Mar (?)" traga (?) a você ébano (?), o ornamento . . . do rei,
> Que a terra de Zalamgar transporte a você lã, (?), bom minério (?), (e) . . ;
> Que a terra de Elam transporte a você lã (?) . . , (e) pesado (?) tributo;
> Que Ur, o trono da realeza, a cidade . . . . , [traga (?)] a você grãos, óleo de gergelim, vestimentas nobres, vestimentas finas, (e) grandes barcos;
> Que o mar largo traga (?) a você sua abundância;
> A cidade — suas habitações são boas habitações,
> Dilmun — suas habitações são boas habitações;
> Sua cevada é uma cevada muito pequena,
> Suas tâmaras são tâmaras muito grandes,
> Suas colheitas trazem três . . . ,
> Suas árvores . . . . .

Aqui, então, Meluhha é retratada como uma terra notável por cornalina e dois tipos de madeira, enquanto Magan é retratada como notável por cobre e três tipos de pedra. Uma vez que vários desses produtos são conhecidos dos documentos econômicos como característicos de Magan e Meluhha, pareceria racional supor que os homens de letras sumérios tinham uma ideia moderadamente boa da importância econômica dos dois países e provavelmente de sua localização também. Além disso, embora esta passagem nos diga relativamente pouco sobre Magan e Meluhha, ela é inestimável para a imagem que desenha de Dilmun e pode até mesmo provar ser significativa para a localização daquele país.

6. Uma passagem do mito "Enki e a Ordem Mundial" diz:

> As terras Magan e Dilmun
> Olharam para mim, Enki,
> Atracaram (?) o barco Dilmun ao chão (?),

Carregaram o barco Magan alto;
O barco Magilum de Meluhha,
Transporta prata e ouro,
Leva-os para Nippur para Enlil, o rei de todas as terras.

Embora o significado de várias palavras e frases seja incerto, o sentido da passagem como um todo é bem claro: o povo de Magan e Meluhha é retratado trazendo seus produtos de barco — note que o barco Magilum é aqui claramente identificado com Meluhha — para o templo de Enlil em Nippur, ou seja, naturalmente, para a Suméria. É pouco provável que essa descrição das "relações internacionais" do terceiro milênio a.C. não fosse nada mais do que uma invenção por parte de nossos poetas; deve ter sido de conhecimento comum que esses três países supriam a Suméria com muitas de suas necessidades econômicas por meio de tributos forçados ou troca comercial ou ambos.

7. Uma segunda passagem relevante do mesmo mito, consistindo de dezesseis linhas, contém a bênção de Enki a Meluhha. Embora algumas das palavras e frases desta passagem ainda sejam obscuras, é óbvio que o poeta conhecia Meluhha (designada aqui também como "a terra negra") como um país próspero e populoso, rico em árvores, juncos, touros, pássaros *dar* — note que os pássaros *dar* de Meluhha também são conhecidos dos documentos econômicos, o que fornece prova adicional de que o poeta não inventou sua descrição do país — pássaros *haia* e metais diversos.

Todas essas evidências dificilmente resolvem de forma definitiva o problema da localização e identificação de Meluhha. Mas independente de sua localização, o fato de que os poetas e homens de letras sumérios terem sido tão favoráveis a ela tende a indicar que havia um relacionamento bastante próximo e íntimo entre Meluhha e a Suméria, muito mais próximo e muito mais íntimo do que até agora tem sido geralmente pensado.

A terra Dilmun, para a qual nos voltamos agora, parece ter sido ainda mais intimamente relacionada à Suméria do que Magan e

Meluhha. Dilmun é identificada pela maioria dos estudiosos com a ilha de Bahrein no Golfo Pérsico; uma grande e altamente competente expedição arqueológica dinamarquesa tem escavado lá nos últimos dez anos, em grande parte por causa de sua fé nessa identificação. Como a análise a seguir do material literário relevante mostrará, no entanto, há espaço considerável para ceticismo neste ponto. Na verdade, há até alguma possibilidade de que Dilmun possa acabar incluindo a região no Paquistão e na Índia onde uma notável cultura urbana e letrada floresceu no final do terceiro milênio a.C., a chamada cultura Harapeana, ou do Vale do Indo[53].

Uma pista bastante óbvia para a direção geral na qual Dilmun deve ser buscado é encontrada nas últimas linhas existentes do mito do dilúvio sumério, segundo o qual Ziusudra, o herói sumério do dilúvio, recebe vida eterna e é transplantado pelos grandes deuses An e Enlil para Dilmun, que é descrito como "o lugar onde o sol nasce". Agora, o epíteto "o lugar onde o sol nasce" dificilmente se encaixa na ilha de Bahrein, que abraça a costa árabe e fica quase diretamente ao sul da Suméria; é muito mais provável que se refira à região do rio Indo, ou talvez ao Baluchistão.

Na inscrição de Lugalannemundu (ver o Capítulo II), oito terras sobre as quais Lugalannemundu reivindica controle são nomeadas várias vezes na mesma ordem, assim: "A Terra do Cedro", Elam, Marhashi, Gutium, Subur, Martu, Sutium e Eanna. Na suposição racional de que esta lista é geograficamente orientada, "A Terra do Cedro" referida não seria idêntica ao Líbano a oeste, mas a uma terra a leste de Elam. Isso é confirmado pelo fato de que o deus-sol, Utu, é descrito na literatura suméria como o deus que "surge da terra dos aromáticos e do cedro". É provável que esta terra, que certamente deve ser procurada no leste, seja a mesma que a "Terra do Cedro" da inscrição de Lugalannemundu. Além disso, como a "Terra do Cedro" é o lugar de onde o sol nasce, não seria surpreendente descobrir que a "Terra do Cedro" e Dilmun, "o lugar onde o sol nasce", são aproximadamente idênticas. E, de fato, o cedro é mencionado como uma árvore nativa de Dilmun em uma passagem obscura e ainda enigmática em um lamento de Dumuzi que diz:

> Meu ombro é o cedro, meu peito é o cipreste,
> Meu . . . . é o cedro consagrado,
> O cedro, o consagrado de Hashur,
> A sombra de Dilmun.

Se a identificação da "Terra dos Cedros", o lugar onde o sol nasce, com Dilmun se mostrar correta, então a terra para a qual Gilgamesh e Enkidu fazem sua jornada perigosa e aventureira no conto épico "Gilgamesh e a Terra dos Vivos" também pode ser identificada com Dilmun, embora nunca seja explicitamente chamada assim no poema. Pois esta terra também é caracterizada como uma terra de cedros, e a divindade responsável por ela não é outra senão o deus-sol, Utu. Além disso, seu epíteto "a Terra dos Vivos" pode apontar para sua identificação com Dilmun; pois Dilmun, de acordo com o poema "Enki e Ninhursag: Um Mito do Paraíso Sumério", é descrito como uma terra onde

> O doente dos olhos não diz "estou doente dos olhos",
> O doente da cabeça não diz "estou doente da cabeça",
> Sua velha (de Dilmun) não diz "eu sou uma velha",
> Seu velho não diz "eu sou um velho".

linhas que parecem dizer indireta e obliquamente que Dilmun é uma terra de imortais e de imortalidade. Isso explicaria, é claro, por que Ziusudra foi transplantado para Dilmun uma vez que os deuses lhe concederam a imortalidade. Na verdade, ainda pode acontecer que Gilgamesh tenha viajado para "a Terra dos Vivos" em busca da imortalidade, apesar do fato de que as passagens iniciais no poema "Gilgamesh e a Terra dos Vivos" apontam para o desejo por glória e fama como a motivação propulsora.

Mas não importa onde Dilmun esteja localizado, fica claro, pelo que já foi dito, que era visto pelos sumérios como uma terra paradisíaca abençoada, intimamente relacionada à Suméria, especialmente no nível religioso e espiritual. De acordo com o mito "Enki e Ninhursag", parece ter sido o lar de Enki, por assim dizer, onde ele gerou um grande número de divindades. A grande deusa Ninhursag também parece ter se sentido em casa em Dilmun; de fato, parece ter sido o lugar onde todos os

deuses se encontram. Sua divindade tutelar era uma deusa com o bom nome sumério, Ninsikil, "a dama pura", e seu marido, a quem Enki gerou, era Enshag, "o belo senhor". Do poema "Enki e Ninhursag" citado anteriormente (ver o Capítulo IV), temos a impressão de que Dilmun era um dos países mais ricos e poderosos do mundo antigo.

Agora, Dilmun não é apenas uma ficção literária, uma terra do nunca criada pela imaginação fértil dos bardos e poetas sumérios. Ela tem uma longa história, a julgar pelos documentos votivos e econômicos, começando com Ur-Nanshe, que registra que "os navios de Dilmun trouxeram-lhe madeira como tributo das terras estrangeiras". Os barcos de Dilmun ancoravam nas docas de Agade ao lado dos de Magan e Meluhha na época de Sargão, o Grande. De acordo com os documentos econômicos da época da Terceira Dinastia de Ur e do período Isin-Larsa que se seguiu, as importações de Dilmun consistiam em ouro, cobre e utensílios de cobre, lápis-lazúli, mesas incrustadas com marfim, "olhos de peixe" (talvez pérolas), marfim e objetos de marfim (pentes, peitorais e caixas, bem como estatuetas em forma humana e animal e peças acabadas para móveis), contas de pedras semipreciosas, tâmaras e cebolas. "Cebolas de Dilmun", de fato, são mencionadas em textos econômicos que datam do século XXIV a.C. Muito depois que os sumérios deixaram de existir, ao longo do segundo e primeiro milênios a.C., encontramos Dilmun mencionado nos documentos acadianos. Há mensageiros e caravanas de Dilmun. O rei assírio Tukulti-Ninurta usa em seus títulos a expressão "rei de Dilmun e Meluhha", reminiscente, de certa forma, do bíblico "da Índia para a Etiópia" usado do rei Ahasuerus no Livro de Ester. Há um rei de Dilmun chamado Uperi, que pagou tributo a Sargão II da Assíria. Há outro rei chamado Hundaru, em cuja época o saque tirado de Dilmun consistia em bronze, objetos feitos de cobre e bronze, bastões de madeira preciosa e grandes quantidades de kohl, usado como tinta para os olhos. Nos dias de Senaqueribe, um grupo de soldados é enviada de Dilmun para a Babilônia para ajudar a arrasar aquela cidade, e eles trazem consigo pás e pontas de bronze que são descritas como um produto característico de Dilmun. Como interpretar a evidência literária suméria que trata Dilmun como um Elísio sumério à luz do Dilmun "pé no chão" dos documentos

econômicos e históricos deve permanecer mais ou menos um mistério até que documentos escritos inteligíveis sejam encontrados na própria Dilmun, seja na ilha de Bahrein ou na região do sul do Irã e do Vale do Indo.

Como é evidente pelo que foi dito anteriormente sobre Aratta, Magan e Meluhha, e Dilmun, a influência suméria, particularmente no nível religioso e espiritual, estendeu-se por milhares de quilômetros e em todas as direções. É óbvio, também, que ao longo dos séculos os sumérios acumularam muita informação sobre terras estrangeiras e povos alienígenas. Mercadores sumérios que perambulavam por toda parte por terra e mar trouxeram consigo relatos dos lugares estranhos que visitaram e das pessoas que os habitavam. Assim também, sem dúvida, fizeram os soldados que retornavam de expedições militares bem-sucedidas. Dentro das próprias cidades sumérias, havia um número considerável de estrangeiros: soldados capturados em batalha e trazidos de volta como escravos, bem como homens livres que tinham vindo se estabelecer na cidade por uma razão ou outra. No geral, portanto, os cortesãos, administradores, sacerdotes e professores sumérios tinham conhecimento considerável de países estrangeiros; sua localização geográfica e características físicas, seus recursos econômicos e organização política, suas crenças e práticas religiosas, seus costumes sociais e princípios morais. De fato, os sumérios não apenas sabiam muito sobre países e povos estrangeiros; eles também os julgavam, isto é, avaliavam sua conduta e caráter e avaliavam seu modo de vida de acordo com seus próprios padrões e valores sumérios.

A julgar pelas evidências disponíveis, tanto arqueológicas quanto literárias, o mundo conhecido pelos sumérios não se estendia além da Índia a leste; Anatólia, a região do Cáucaso e as partes mais ocidentais da Ásia Central ao norte; o Mar Mediterrâneo a oeste, embora talvez Chipre e até Creta possam ser incluídos; e Egito e Etiópia ao sul. Não há atualmente nenhuma evidência conhecida por mim de que os sumérios tiveram qualquer contato ou conhecimento de povos que viviam no norte da Ásia, China ou em qualquer lugar do continente europeu. Os próprios sumérios dividiram o mundo em quatro *ubdas*, ou seja, quatro regiões ou distritos, que parecem corresponder aproximadamente aos quatro

pontos cardeais. O mais antigo agrupamento conhecido desse tipo está na passagem da "era de ouro" do poema "Enmerkar e o Senhor de Aratta", cuja parte relevante diz o seguinte:

> Naqueles dias, as terras de Shubur e Hamazi,
> A Suméria de muitas (?) línguas, a grande terra das leis divinas da realeza,
> Uri, a terra tendo tudo o que é necessário,
> A terra de Martu, descansando em segurança,
> O universo inteiro, o povo em uníssono,
> A Enlil em uma só língua deu louvor.

Se esta passagem for traduzida corretamente, parece indicar que os sumérios pensavam que sua própria terra, Suméria, formava o limite sul da Terra; que o distrito de Uri, geralmente equiparado a Acádia, embora naquela época pudesse ter sido pensado para incluir um território muito maior, formava o limite norte da Terra; que o distrito oriental era composto por Shubur e Hamazi; e que a região ocidental era designada pelo nome da terra de Martu, uma palavra que na verdade veio a significar "oeste" na língua suméria. Na literatura de presságios acadiana de uma data posterior, que pode, é claro, remontar a uma contraparte suméria anterior, os quatro distritos são geralmente dados como Acádia (no lugar de Suméria) no Sul; Elam ou Gutium no Leste; Shubur no Norte (em vez do leste, como aparece na passagem da era de ouro); e Martu novamente no Oeste. Infelizmente, nem os escritores sumérios nem os acadianos entram em detalhes. Em nenhum lugar eles indicaram o que pensavam ser a extensão real dessas quatro regiões, que parecem deixar de fora países como Índia, Egito e Etiópia, por exemplo, países que certamente eram conhecidos tanto pelos sumérios quanto pelos acadianos. Em qualquer caso, de acordo com os pensadores sumérios, os limites desses distritos e das terras neles foram marcados pelos deuses na época da criação do universo e, pelo menos por volta de 2400 a.C., o credo era aceito em toda a Suméria de que o deus do ar, Enlil, era o rei de toda a terra habitada, "o rei de todas as terras", e não apenas da Suméria.

Habitando os quatro cantos da terra estavam os *nam-lulu*; esta é uma palavra composta suméria provavelmente consistindo de *lu*, "homem", reduplicada e a partícula *nam*, usada para formar substantivos

abstratos — portanto, corresponde em formação à palavra "humanidade". O povo sumério — os "cabeças-pretas", como eles se autodenominavam desde pelo menos 2000 a.C. em diante — eram apenas uma parte desta humanidade maior, mas, desnecessário dizer, uma parte muito importante. Na verdade, eles eram uma parte tão importante que, pelo menos em um caso, os "cabeças-pretas" parecem ser identificados com a humanidade como um todo. Assim, há uma passagem na primeira parte do mito sumério do Dilúvio, há muito conhecido, que diz:

> Depois que An, Enki e Ninhursag
> Tinham modelado o povo de cabeça preta,
> Vegetação floresceu da terra,
> Animais, (criaturas) quadrúpedes da planície foram habilmente trazidos à existência.

Aqui, então, os "cabeças pretas" parecem ser justapostos com plantas e animais, como se a palavra se referisse à humanidade como um todo. Novamente, de acordo com o mesmo mito do Dilúvio, quando os deuses decidiram enviar a "realeza" à terra, eles fundaram todas as cinco primeiras cidades reais na Suméria. E quando o Dilúvio veio "para destruir a semente da humanidade", foi o rei sumério Ziusudra de Shuruppak que foi salvo pelos deuses como "o preservador do nome da vegetação e da semente da humanidade".

Há pouca dúvida de que os sumérios se consideravam uma espécie de "povo escolhido", "o sal da terra", por assim dizer. No mito "Enki e a Ordem Mundial", que trata da criação e organização das entidades e processos naturais e culturais essenciais à sociedade civilizada pelo deus Enki, nós o encontramos abençoando a Suméria em palavras elevadas que revelam que os sumérios se consideravam uma comunidade bastante especial e sagrada, mais intimamente relacionada aos deuses do que a humanidade em geral — uma comunidade notável não apenas por suas riquezas e posses materiais, não apenas por seus reis poderosos, mas também por seus honrados líderes espirituais, os *ens* — uma comunidade que todos os deuses celestiais que decretam o destino, os Anunnaki, selecionaram como sua morada.

Naturalmente, nem todas as terras e povos estrangeiros eram vistos com tanto favor como Meluhha, Dilmun e Aratta. Amargura, desprezo e ódio, no entanto, eram acumulados principalmente sobre os inimigos em cujas mãos eles sofriam. Os gutianos, por exemplo, que nos dias da dinastia da Acádia trouxeram morte e destruição à Suméria e seu povo, foram descritos amargamente como "um povo que não tolera controle", "uma víbora pungente das montanhas", "um inimigo dos deuses". Os elamitas e subarianos são chamados de "homens da destruição" nas lamentações sumérias. Além disso, no caso dos elamitas, encontramos uma tentativa de caracterização sucinta de sua personalidade em dois ditados (de uma coleção de provérbios sumérios) que Edmund Gordon está preparando para publicação. O primeiro diz literalmente: "O elamita — uma casa para ele viver não é boa", ou seja, presumivelmente, o elamita não ficava satisfeito com apenas uma casa. Se essa interpretação estiver correta, fica claro que, certa ou erradamente, os sumérios viam os elamitas como extraordinariamente gananciosos e ambiciosos. O segundo provérbio diz literalmente: "O elamita está doente: seus dentes estão batendo". Se o significado é que o elamita não conseguia evitar estremecer de dor, então fica claro que os sumérios achavam que os elamitas eram "bebês chorões" e pouco másculos.

No caso de dois outros povos, os hurritas e os Martu, é provável que tenhamos uma caracterização desdenhosa em forma de cápsula envolta em uma palavra. Os hurritas, como é bem sabido, viviam originalmente no Monte Hurum, a região ao redor do Lago Van. Agora, uma palavra *hurum* é encontrada na literatura suméria com o significado de "rústico", "tolo". De fato, no ensaio da *edubba* "A disputa entre Enkimansi e Girnishag", a palavra *hurum* é combinada com a palavra *galam*, que significa "inteligente", para descrever um dos alunos como um "tolo inteligente", ou "sophomore". Agora, se a palavra *hurum*, "tolo", é idêntica à palavra *hurum* na frase *kur-hurum*, a "terra de Hurum", esta única palavra diria uma página inteira sobre o que os sumérios pensavam dos hurritas. Similarmente, no caso do povo conhecido como Martus, é a etimologia da palavra suméria *arad*, "escravo", que pode ser reveladora. Pois foi sugerido, e na minha opinião não sem razão, que a palavra *arad* deriva da palavra *(m)art(u)*; se isso

for verdade, indicaria que os sumérios caracterizavam os Martu como de disposição subordinada e servil.

No caso dos Martu, também, há um provérbio sumério de significado cultural; ele diz literalmente: "O trigo é preparado com (?) grãos *gu-nunuz* como um doce; os Martu o comem, mas não sabem o que ele contém." Este provérbio se encaixa bem com um epíteto de Martu bem conhecido dos documentos literários que diz: "Martu que não conhece grãos."

Os Martu, como é bem sabido, eram semitas. Mas se os sumérios falavam criticamente deles, era apenas em relação à sua cultura, não à sua origem étnica. Isso nos leva ao problema da relação entre os semitas — particularmente aqueles semitas que vieram a ser conhecidos como acádios — e os sumérios. Até recentemente, a história da Mesopotâmia primitiva era vista como uma luta amarga e mortal entre os dois grupos raciais. Alguns anos atrás, no entanto, Thorkild Jacobsen coletou algumas evidências bastante convincentes que o levaram à conclusão de que semitas e sumérios viviam "pacificamente lado a lado na Mesopotâmia". Isso, no entanto, só pode ser parcialmente verdade. Pois quando, por exemplo, o semita Sargão, o Grande, dedicou suas estátuas e estelas no mais sumério dos templos sumérios, o Ekur de Nippur, ele (e também seus sucessores Rimush e Manishtushu) as inscreveram tanto em sumério quanto em acadiano e principalmente neste último, o que indica, é claro, que Sargão e seus sucessores estavam bastante conscientes de sua origem e formação semítica. Da mesma forma, para manter as cidades sumérias conquistadas sob seu controle, Sargão e seus sucessores nomearam seus parentes acadianos para os postos administrativos mais altos e os guarneceram com tropas totalmente acadianas, a tal ponto, de fato, que documentos econômicos escritos na língua acadiana começaram a aparecer por toda a Suméria — tudo isso dificilmente os tornaria queridos pelos sumérios. Assim, é provável que houvesse considerável atrito e ressentimento entre os sumérios e os acadianos de língua semítica e conscientes de sua origem que, durante o período da dinastia Sargônica, estavam se esforçando para se tornarem os senhores e mestres da Suméria — uma situação bastante intolerável que pode explicar em parte a profanação e destruição do Ekur em

Nippur por Naram-Sin, conforme descrito com tanta amargura e desgosto pelo autor de “A Maldição de Agade”.

Em todo caso, foi um povo semita — os amoritas — que pôs fim aos sumérios como uma entidade política, étnica e linguística. Com certeza, os conquistados conquistaram os conquistadores, e os amoritas, comumente conhecidos como babilônios porque sua capital era a cidade da Babilônia, assumiram a cultura e a civilização sumérias de corpo e alma. Exceto pela língua, o sistema educacional, a religião, a mitologia e a literatura babilônicas são quase idênticos aos sumérios, excluindo, é claro, as mudanças e variações esperadas devido aos desenvolvimentos políticos e à passagem do tempo. E como esses babilônios, por sua vez, exerceram muita influência sobre seus vizinhos menos cultos, particularmente os assírios, hititas, hurritas e cananeus, eles, tanto quanto os próprios sumérios, ajudaram a plantar a semente cultural suméria em todos os lugares do antigo Oriente Próximo. E isso nos leva ao legado da Suméria através dos tempos, incluindo o nosso, embora em nossa época essa herança não seja mais uma fonte ativa e criativa de crescimento cultural, mas um tema um tanto melancólico, se não totalmente desanimador, para a história antiga.

O rastreamento do legado da Suméria pode muito bem começar com a instituição sociopolítica comumente conhecida como cidade-estado, que, na Suméria, se desenvolveu a partir da vila e da cidade na segunda metade do quarto milênio a.C. e foi uma instituição florescente ao longo do terceiro milênio. A cidade — com seus cidadãos e assembleias livres, seus nobres e sacerdotes, seus empregados e escravos, seu deus governante e seu sumo-sacerdote e representante na terra, o rei, seus fazendeiros, artesãos e mercadores, seus templos, muralhas e portões — é encontrada em todo o mundo antigo, do Indo ao Mediterrâneo ocidental. Algumas de suas características específicas podem variar de lugar para lugar, mas, em geral, ela tem uma forte semelhança com seu protótipo sumério inicial, e parece racional concluir que muitos de seus elementos e contrapartes remontam às raízes sumérias. Pode muito bem ser, é claro, que a cidade tenha surgido no mundo antigo, independentemente de a Suméria ter existido ou não. Mas isso não é de todo certo; no Egito, por exemplo, a cidade-estado nunca

criou raízes, e o mesmo pode ter acontecido em outras partes do mundo antigo.

Uma das características mais marcantes da cidade-estado suméria durante a maior parte do terceiro milênio a.C. foi a lei escrita, começando com a escrita de documentos legais, como vendas e escrituras, e culminando na promulgação de códigos de leis especialmente preparados. Documentos legais escritos e códigos de leis são encontrados em períodos posteriores por todo o antigo Oriente Próximo, e há pouca dúvida de que, embora possam diferir em detalhes, todos remontam a protótipos sumérios; mesmo a Grécia e Roma provavelmente nunca teriam suas leis escritas se não fosse pela propensão suméria de manter um registro de suas transações legais.

Em matéria de conquistas científicas, é provavelmente no campo da matemática que os sumérios fizeram sua maior contribuição para as gerações futuras ao inventar o sistema sexagesimal de notação posicional, que pode ter sido o precursor do sistema decimal hindu-arábico atualmente em uso. Traços do sistema sexagesimal sumério existem até hoje na medição do círculo e do ângulo em graus e em alguns dos pesos e medidas que eram atuais até tempos relativamente recentes.

No campo da tecnologia, a roda de oleiro, o veículo com rodas e o veleiro são provavelmente invenções sumérias. E embora a metalurgia certamente não seja de origem suméria, os produtos dos metalúrgicos sumérios foram dispersos por todo o antigo Oriente Próximo, e alguns chegaram até a Hungria e a Europa Central.

Arquitetura foi a principal arte da Suméria desde os primeiros tempos, em particular a construção de templos com suas fundações e plataformas de pedra, celas com nichos, paredes e altares pintados, colunas cobertas de mosaicos e fachadas impressionantes; parece provável que pelo menos algumas dessas técnicas arquitetônicas tenham sido difundidas pelo mundo antigo. Arquitetos sumérios também fizeram uso da cúpula, abóbada e arco, e é provável que o arco tenha chegado à Grécia e Roma a partir do contato com a Babilônia, que o herdou da Suméria. A escultura do Oriente Próximo, também,

particularmente a prática de moldar estátuas de deuses e homens, pode remontar às origens sumérias, uma vez que foram os teólogos sumérios que primeiro conceberam a ideia de que a estátua representava o governante, ou mesmo algum outro alto oficial, de pé diante de seu deus em oração incessante, por assim dizer, por sua vida. O selo cilíndrico sumério "rolou" seu caminho por todo o mundo antigo, da Índia a Chipre e Creta, e há muitas igrejas na Europa hoje cujos capitéis são ornamentados com motivos convencionalizados que remontam a cenas imaginadas e gravadas pela primeira vez pelo artista e artesão sumério.

As realizações dos sumérios nas áreas de religião, educação e literatura deixaram uma profunda impressão não apenas em seus vizinhos no espaço e no tempo, mas também na cultura do homem moderno, especialmente por meio de sua influência, indireta como foi, nos antigos hebreus e na Bíblia. A extensão da dívida hebraica com a Suméria se torna mais aparente a cada dia como resultado da gradual junção e tradução das obras literárias sumérias; pois, como pode ser visto agora, elas têm um grande número de características em comum com os livros da Bíblia. Este capítulo será encerrado, portanto, com um esboço dos paralelos bíblicos encontrados na literatura suméria, isolando e analisando as várias crenças, princípios, temas, motivos e valores que parecem ser comuns aos antigos hebreus e aos muito mais antigos sumérios.

A forma e o conteúdo das obras literárias sumérias foram discutidos e analisados detalhadamente no capítulo VI deste livro, não sendo necessária qualquer elaboração adicional neste ponto. É evidente que uma literatura escrita tão variada, abrangente e consagrada pelo tempo como a suméria deixou uma profunda marca na produção literária de todo o Oriente Próximo. Isso se deve principalmente ao fato de que, em algum momento, praticamente todos os povos da Ásia Ocidental — acadianos, assírios, babilônios, hititas, hurritas, cananeus e elamitas (para citar apenas aqueles para os quais há evidências positivas e diretas disponíveis no momento) — consideraram do seu interesse tomar emprestada a escrita cuneiforme para inscrever seus próprios registros e escritos. A adoção e adaptação desse sistema de escrita silábico e logográfico, desenvolvido pelos sumérios para escrever sua própria

língua aglutinativa e em grande parte monossilábica, exigiu um treinamento completo na língua e na literatura sumérias. Para esse fim, sem dúvida, professores e escribas eruditos foram importados da Suméria para as escolas das terras vizinhas, enquanto os escribas nativos viajavam para a Suméria em busca de instrução especial em suas academias mais famosas. O resultado foi uma ampla disseminação da cultura e da literatura sumérias. As ideias e os ideais dos sumérios — sua cosmologia, teologia, ética e sistema de educação — permearam, em maior ou menor grau, os pensamentos e os escritos de todos os povos do antigo Oriente Próximo. O mesmo ocorreu com as formas e os temas literários sumérios — seus enredos, motivos, recursos estilísticos e técnicas estéticas. E os hebreus da Palestina, a terra onde os livros da Bíblia foram compostos, redigidos e editados, não foram exceção.

Certamente, mesmo as partes mais antigas da Bíblia, como geralmente aceito, não foram escritas em sua forma atual muito antes de 1000 a.C., enquanto a maioria dos documentos literários sumérios foi composta por volta de 2000 a.C. ou não muito tempo depois. Portanto, não há dúvida que houve algum empréstimo contemporâneo das fontes literárias sumérias. A influência suméria penetrou na Bíblia através das literaturas cananeia, hurrita, hitita e acadiana — particularmente através desta última, visto que, como é bem sabido, a língua acadiana era usada em toda a Palestina e seus arredores no segundo milênio a.C. como a língua comum de praticamente todo o mundo literário. As obras literárias acadianas devem, portanto, ter sido bem conhecidas pelos homens de letras palestinos, incluindo os hebreus, e muitas dessas obras literárias acadianas podem ser rastreadas até protótipos sumérios, remodelados e transformados ao longo dos séculos.

No entanto, há outra possível fonte de influência suméria na Bíblia, muito mais direta e imediata do que a que acabamos de descrever. De fato, ela pode muito bem remontar ao próprio Pai Abraão. A maioria dos estudiosos concorda que, embora a saga de Abraão, conforme contada na Bíblia, contenha muito de lendário e fantasioso, ela contém um importante núcleo de verdade, incluindo o nascimento de Abraão em Ur dos Caldeus, talvez por volta de 1700 a.C., e sua infância ali com sua família. Ur foi uma das cidades mais importantes da antiga

Suméria; de fato, foi a capital da Suméria em três períodos diferentes de sua história. Possuía uma *edubba* impressionante; e nas escavações conjuntas anglo-americanas realizadas ali entre os anos de 1922 e 1934, foram encontrados diversos documentos literários sumérios. Abraão e seus antepassados podem muito bem ter tido algum conhecimento de produtos literários sumérios copiados ou criados na academia de sua cidade natal. E é de forma alguma possível que ele e os membros de sua família tenham trazido consigo parte dessa sabedoria e conhecimento sumérios para a Palestina, onde gradualmente se tornaram parte das tradições e fontes utilizadas pelos homens de letras hebreus na composição e redação dos livros da Bíblia.

Seja como for, aqui estão alguns paralelos bíblicos da literatura suméria que inquestionavelmente apontam para traços de influência suméria:

1. *Criação do Universo* — Os sumérios, assim como os antigos hebreus, acreditavam que um mar primordial existia antes da criação. O universo, segundo os sumérios, consistia em um céu e uma terra unidos, gerados de alguma forma nesse mar primordial, e foi o deus-ar, Enlil — talvez não muito diferente do *ruach-elohim* do Gênesis — que separou o céu da terra.

2. *Criação do Homem* — O homem, segundo os hebreus e os sumérios, foi concebido como tendo sido moldado em barro e imbuído do "sopro da vida". O propósito para o qual ele foi criado era servir aos deuses — ou somente a Javé, no caso dos hebreus — com orações, súplicas e sacrifícios.

3. *Técnicas de Criação* — A criação, de acordo com escritores bíblicos e sumérios, foi realizada principalmente de duas maneiras: por ordem divina e por meio de "fazer" ou "moldar". Em ambos os casos, a criação real foi precedida por planejamento divino, embora isso não precisasse ter sido explicitamente declarado.

4. *Paraíso* — Ainda não foram encontrados paralelos sumérios com a história do Jardim do Éden e da Queda do Homem. Existem, no entanto, vários motivos do paraíso significativos para fins comparativos, incluindo um que pode ajudar a esclarecer o episódio da costela em

Gênesis 2:21-23. Além disso, há alguma razão para acreditar que a própria ideia de um paraíso divino, um jardim dos deuses, seja de origem suméria (ver o Capítulo IV).

5. *O Dilúvio* — Como há muito se reconhece, as versões bíblica e suméria da história do Dilúvio apresentam inúmeros paralelos óbvios e próximos. É digno de nota também o fato de que, segundo pelo menos uma tradição mesopotâmica, houve dez governantes antediluvianos, cada um com uma vida extraordinariamente longa, o que lembra alguns dos patriarcas antediluvianos bíblicos.

6. *O motivo de Caim e Abel* — O motivo de rivalidade retratado no episódio Caim e Abel, sem dúvida muito abreviado da Bíblia, era um grande favorito dos escritores e poetas sumérios (ver o Capítulo V para mais detalhes sobre as composições de disputa).

7. *A Torre de Babel e a Dispersão da Humanidade* — A história da construção da Torre de Babel originou-se, sem dúvida, de um esforço para explicar a existência dos zigurates mesopotâmicos. Para os hebreus, essas estruturas imponentes, frequentemente vistas em estado de ruína e decadência, tornaram-se símbolos do sentimento de insegurança do homem e do desejo pelo poder não alcançado, que lhe traz humilhação e sofrimento. Portanto, é provável que um paralelo para essa história seja encontrado entre os sumérios, para quem o zigurate representava um elo entre o céu e a terra, entre deus e o homem. Por outro lado, a ideia de que houve um tempo em que todos os povos da Terra "tinham uma só língua e as mesmas palavras" e que esse estado feliz foi encerrado por uma divindade irada pode ter um paralelo em uma passagem da "era de ouro" que faz parte do conto épico sumério "Enmerkar e o Senhor de Aratta" (ver o Capítulo VII).

8. *A Terra e sua organização* — O mito sumério "Enki e a ordem mundial: a organização da Terra e seus processos culturais" (ver o Capítulo V) fornece um relato detalhado das atividades de Enki, o deus sumério da sabedoria, na organização da Terra e no estabelecimento do que poderia ser chamado de lei e ordem nela; este poema tem seus ecos bíblicos em, por exemplo, Deuteronômio 32:7-14 (observe especialmente o versículo 8) e Salmo 107.

9. *Deus Pessoal* — A julgar pela aliança entre Deus e Abraão — observe também a referência a um "deus de Nahor" em Gênesis 31:53 — os antigos hebreus estavam familiarizados com a ideia de um deus pessoal. A crença na existência de um deus pessoal foi desenvolvida pelos sumérios pelo menos já em meados do terceiro milênio a.C. Segundo os mestres e sábios sumérios, todo homem adulto e chefe de família tinha seu "deus pessoal", ou uma espécie de anjo bom a quem ele considerava seu pai divino. Esse deus pessoal foi provavelmente adotado pelo "pai de família" sumério como resultado de um oráculo, sonho ou visão envolvendo um entendimento ou acordo mútuo, não muito diferente da aliança entre os patriarcas hebreus e Javé.

Certamente, não poderia haver nada de mutuamente exclusivo na aliança entre o sumério e sua divindade tutelar e, nesse aspecto, portanto, diferia significativamente daquela entre Abraão e seu deus. Tudo o que o sumério esperava de seu deus pessoal era que ele falasse em seu nome e intercedesse por ele na assembleia dos deuses sempre que a ocasião exigisse, assegurando-lhe assim uma vida longa e boa saúde. Em troca, ele glorificava seu deus com orações, súplicas e sacrifícios especiais, embora, ao mesmo tempo, continuasse a adorar as outras divindades do panteão sumério. No entanto, como indica o documento literário sumério "O Homem e Seu Deus", existia uma relação próxima, íntima, de confiança e até mesmo terna entre o sumério e seu deus pessoal, uma relação que guarda grande semelhança com aquela entre Javé e os patriarcas hebreus e, posteriormente, entre Javé e o povo hebreu como um todo.

10. *Código de Leis* — Praticamente todos os estudiosos da Bíblia reconhecem que as leis bíblicas e o conhecido código de leis de Hamurabi apresentam inúmeras semelhanças em conteúdo, terminologia e até mesmo em sua estrutura. Mas o próprio código de Hamurabi, como demonstrado nos últimos anos, é uma compilação acadiana de leis baseada em grande parte em protótipos sumérios (ver o Capítulo III). De fato, há boas razões para inferir que o extraordinário crescimento e desenvolvimento de conceitos, práticas, precedentes e compilações jurídicas no antigo Oriente Próximo remontam em grande parte aos

sumérios e sua ênfase bastante unilateral na rivalidade e na superioridade (ver o Capítulo VII).

11. *Ética e Moral* — Os conceitos éticos e ideais morais desenvolvidos pelos sumérios (ver o Capítulo IV) eram essencialmente idênticos aos dos hebreus, embora lhes faltasse a sensibilidade ética e o fervor moral quase palpáveis, especialmente como essas qualidades são exemplificadas na literatura profética bíblica. Psicologicamente, o sumério era mais distante e reservado do que o hebreu — mais contido emocionalmente, mais formal e metódico. Ele tendia a olhar para seus semelhantes com certa suspeita, receio e até apreensão, o que inibia em grande medida o calor humano, a simpatia e o afeto tão vitais para o crescimento espiritual e o bem-estar. E, apesar de suas elevadas realizações éticas, o sumério nunca alcançou a elevada convicção de que um "coração puro" e "mãos limpas" eram mais dignos aos olhos de seu deus do que longas orações, sacrifícios profusos e rituais elaborados.

12. *Retribuição Divina e Catástrofe Nacional* — A ira de Javé e a humilhação e destruição do povo que a ela incorre constituem um tema frequentemente repetido nos livros bíblicos. Normalmente, a catástrofe nacional surge por meio de um ataque violento de algum povo vizinho, especialmente selecionado como flagelo e chicote de Javé. O documento historiográfico "A Maldição de Agade" oferece um paralelo bastante interessante a esse tema: Enlil, a principal divindade do panteão sumério, profundamente irritado pelo ato blasfemo de um governante de Agade, ergueu os olhos para as montanhas e trouxe os bárbaros e cruéis gutianos, que destruíram não apenas Agade, mas também quase toda a Suméria.

13. *O motivo da peste* — O mito sumério "Inanna e Shukalletuda: o pecado mortal do jardineiro" (ver o Capítulo IV) contém um motivo de peste que se assemelha, até certo ponto, ao motivo bíblico da peste na história do Êxodo: em ambos os casos, uma divindade enfurecida pelos erros e obstinação de um indivíduo envia uma série de pragas contra uma terra inteira e seu povo.

14. *Sofrimento e Submissão: O Motivo de "Jó"* — Há bem pouco tempo, tornou-se disponível um ensaio poético sumério de significado

bastante incomum para os estudos bíblicos comparativos. Seu tema central, o sofrimento e a submissão humanos, é idêntico ao tratado com tanta sensibilidade e pungência no Livro Bíblico de Jó. Até mesmo o enredo introdutório é o mesmo: um homem — sem nome no poema sumério — que fora rico, sábio, justo e abençoado com amigos e parentes é um dia dominado, sem razão aparente, pela doença, sofrimento, pobreza, traição e ódio. É certo, porém, que o ensaio sumério, que consiste em menos de cento e cinquenta linhas, não se compara de forma alguma ao livro bíblico em amplitude, profundidade e beleza; é muito mais próximo, em ânimo, temperamento e conteúdo, dos salmos mais lacrimosos e melancólicos do Livro dos Salmos.

15. *Morte e o Mundo Inferior* — O Sheol bíblico e, aliás, o Hades dos gregos, tem sua contrapartida no Kur sumério. Assim como o Sheol hebraico, o Kur era a morada escura e terrível dos mortos. Era uma terra sem retorno, da qual apenas excepcionalmente a sombra de uma figura outrora proeminente poderia ser invocada para interrogatório. Nos documentos literários sumérios, há vários outros paralelos interessantes com as ideias hebraicas relacionadas ao mundo inferior: sua representação como o lar lamentável de antigos reis e príncipes; a ressurreição das sombras dos mortos; e o aprisionamento nele do deus Dumuzi, o Tamuz bíblico, por quem as mulheres de Jerusalém lamentavam até os dias do profeta Ezequiel.

Nada mais precisa ser dito sobre alguns dos paralelos bíblicos mais óbvios e significativos da literatura suméria. Desnecessário dizer que esta lista apenas arranha a superfície. Assim, ao revisar a tradução do “Almanaque dos Agricultor” para este livro, fiquei impressionado com dois paralelos bíblicos de caráter ético que a tradução anterior havia omitido: a comovente exortação ao agricultor para que demonstrasse compaixão pelos “respingadores” durante a colheita e pelos bois durante a debulha. Nos próximos anos, à medida que mais e mais documentos literários sumérios se tornarem disponíveis, o número de paralelos sumérios crescerá e se multiplicará — particularmente para livros como Salmos, Provérbios, Lamentações e Cântico dos Cânticos. Essas considerações nos levam a uma questão que talvez já tenha ocorrido ao leitor: se os sumérios eram um povo de tão notável importância literária

e cultural para o antigo Oriente Próximo como um todo, a ponto de terem deixado sua marca indelével nas obras literárias dos homens de letras hebreus, por que parece haver poucos vestígios deles na Bíblia? Em Gênesis, capítulos 10 e 11, por exemplo, encontramos listas de um grande número de epônimos, terras e cidades. Mas, exceto pela palavra um tanto obscura "Shinar", que os estudiosos geralmente identificam com a Suméria, mas que na verdade representa o equivalente sumério da palavra composta "Sumério-Acádia", parece não haver menção aos sumérios em toda a Bíblia, fato dificilmente conciliável com sua suposta proeminência e influência.

Curiosamente, uma solução para este enigma um tanto intrigante foi sugerida há mais de um quarto de século por meu professor e colega, Arno Poebel, na forma de um breve comentário em um artigo publicado no *American Journal of Semitic Languages* (LVIII [1941], 20-26). A sugestão de Poebel não encontrou eco entre os orientalistas e parece ter sido relegada ao esquecimento acadêmico. É minha convicção, no entanto, que ela resistirá ao teste do tempo e, no devido tempo, será reconhecida como uma contribuição significativa para as interconexões hebraico-sumérias.

Antes de avaliar a explicação de Poebel, no entanto, o leitor terá que ter em mente uma lei fonética suméria bastante curiosa, mas bem fundamentada e geralmente aceita, essencial para uma abordagem inteligente dos problemas envolvidos. Essa lei, cuja formulação representou um marco no estudo da língua suméria, pode ser enunciada da seguinte forma: consoantes finais sumérias eram omissíveis e não eram pronunciadas na fala a menos que fossem seguidas por uma partícula gramatical que começasse com, ou consistisse em, uma vogal. Assim, por exemplo, a palavra suméria para campo, *ashag*, era pronunciada *asha* (sem o "*g*" final). Mas quando essa mesma palavra apareceu no complexo sumério *ashag-a*, "no campo", no qual o "*-a*" é um elemento gramatical equiparado ao português "em", ela era pronunciada *ashag*, e não *asha*. Da mesma forma, a palavra suméria para "deus", *dingir*, era na verdade pronunciada *dingi*, com o "*r*" final mudo. Mas no complexo, *dingir-e*, "por deus", em que o "*-e*" representa o português "por", a palavra era pronunciada *dingir*, não *dingi*.

Voltando ao nosso problema e à busca pela palavra “Suméria”, ou melhor, “Shumer”, para usar a forma encontrada nos documentos cuneiformes, Poebel ficou impressionado com a semelhança da palavra com o nome “Shem”, o filho mais velho de Noé e ancestral distante de epônimos como Assur, Elam, Aram e, acima de tudo, Eber, o epônimo dos hebreus.

A equivalência entre “Shem” e “Shumer”, no entanto, apresentou duas dificuldades: a troca das vogais “*e*” e “*u*” e a omissão do “*er*” final. Ora, a primeira delas não apresenta dificuldade alguma; o “*u*” cuneiforme frequentemente torna-se “*e*” em hebraico — um exemplo particularmente pertinente é o acadiano *shumu*, “nome”, e o hebraico *shem*. Quanto à segunda dificuldade — a omissão do “*er*” final de “Shumer” em sua contraparte hebraica “Shem” — isso pode agora ser explicado pela aplicação da lei suméria de amissibilidade de consoantes finais. Pois a palavra “Shumer” era pronunciada *Shumi* ou, ainda mais provavelmente, *Shum* (o “*i*” final é uma vogal muito curta, semelhante a *shewa*), e os hebreus, portanto, a adotaram do sumério como “Shem”.

“Shem” também não é o único exemplo de um nome hebraico emprestado de uma palavra suméria sem sua consoante final. O nome da cidade onde Abraão nasceu é escrito como Ur na Bíblia. Mas o nome sumério, como se sabe há muito tempo, não é *Ur*, mas *Urim*; “em Ur”, por exemplo, é *urim-a*, não *ur-a*. Também neste caso, portanto, os autores bíblicos tomaram emprestado o nome como realmente pronunciado em sumério, quando não seguido por um elemento gramatical que comece com uma vogal.

Se a hipótese de Poebel se revelar correta, e “Shem” for idêntico a “Shumer” (Suméria), devemos supor que os autores hebreus da Bíblia, ou pelo menos alguns deles, consideravam os sumérios os ancestrais originais do povo hebreu. Linguisticamente falando, eles não poderiam estar mais enganados: o sumério é uma língua aglutinante, sem relação com a família de línguas semíticas flexionadas, da qual o hebraico faz parte. Mas pode muito bem ter havido considerável sangue sumério nos antepassados de Abraão, que viveram por gerações em Ur ou em algumas outras cidades sumérias. Quanto à cultura e civilização sumérias, não há razão para duvidar que esses proto-hebreus tenham

absorvido e assimilado grande parte do modo de vida sumério. Em resumo, os contatos entre sumérios e hebreus podem ter sido mais íntimos do que se suspeitava até então, e a lei que saiu de Sião (Isaías 2:2)[54] pode ter tido muitas de suas raízes no solo da Suméria.



Foto 1 — O zigurate de Eridu

O zigurate de Eridu, a cidade de Enki (parcialmente escavado). As ruínas do templo podem ser vistas aos pés do zigurate (Fotografia, Museu do Iraque).



Foto 2 — Ur-Nanshe, rei de Lagash

Ur-Nanshe, rei de Lagash, com seus filhos e cortesãos (placa de calcário). No registro superior, ele carrega uma cesta cheia de terra para a construção de um templo; no inferior, ele celebra sua conclusão (Louvre).

(Fonte: https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010121762, acesso em: 14/04/25). (N.T.)



Foto 3 — Estela dos Abutres

Estela dos Abutres (calcário). Eannatum liderando os lagashitas na batalha. A inscrição sobre as cabeças dos soldados registra sua vitória sobre os ummaitas (Louvre).

(Fonte: https://en.wikipedia.org/wiki/File:Stele_of_the_vultures_(war).jpg, acesso em: 14/04/25). (N.T.)



Foto 4 — Estátua de Ur-Nammu

Estátua de Ur-Nammu. Figura fundida em cobre e provavelmente colocada sob as fundações de um templo em Nippur. A inscrição na saia do homem nos diz que a estatueta representa "Ur-Nammu, Rei de Ur, Rei da Suméria e da Acádia, que reconstruiu o templo de Enlil". Vestindo-se como um sacerdote, o rei é representado com a cabeça raspada e o torso nu, segurando uma cesta que contém o barro para fazer os tijolos do templo. O templo do deus Enlil, em Nippur, onde a estatueta foi encontrada em 1905, é um dos vários templos erguidos ou reconstruídos pelo Rei Ur-Nammu.

(Fonte: https://www.themorgan.org/seals-and-tablets/214067, acesso em: 16/04/25). (N.T.)



Foto 5 — Gudea, *ensi* de Lagash

Gudea, *ensi* de Lagash (diorito) (Metropolitan Museum of Art).

(Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Statue_of_Gudea_-_MET_-_59.2.jpg, acesso em: 14/04/25). (N.T.)

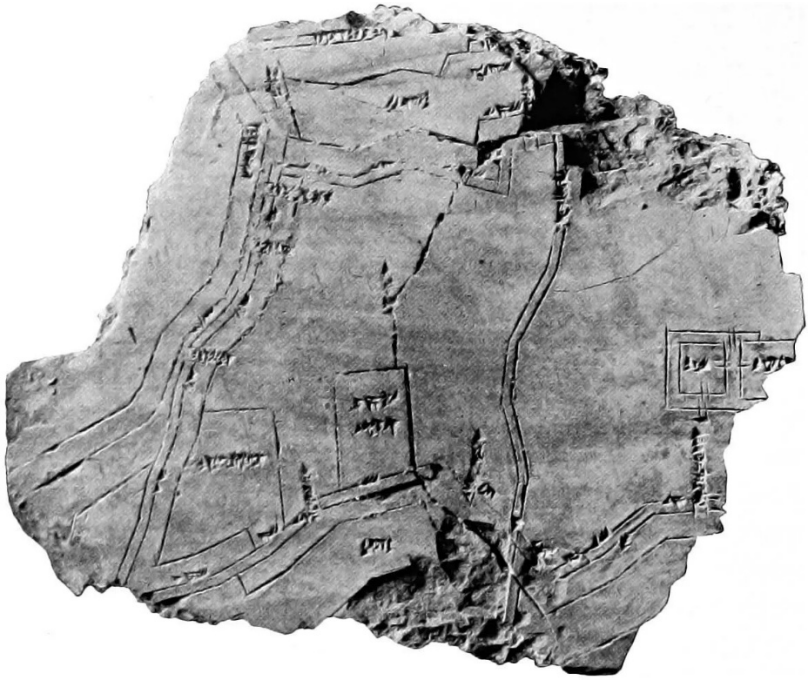
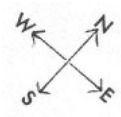


Foto 6 — Mapa da cidade de Nippur

Mapa da cidade de Nippur inscrito em uma tábua de argila datada de aproximadamente 1500 a.C. A escrita no mapa fornece os nomes de vários edifícios, rios e portões e está em sumério e acadiano (Coleção Hilprecht, Universidade Friederich-Schiller, Jena). O mapa foi orientado não de norte a sul, mas mais ou menos em um ângulo de 45 graus, assim:



(Fonte: https://medium.com/@jtobia/ancient-map-of-nippur-1-600-b-c-4257e0b45cd0, acesso em: 15/04/25). (N.T.)

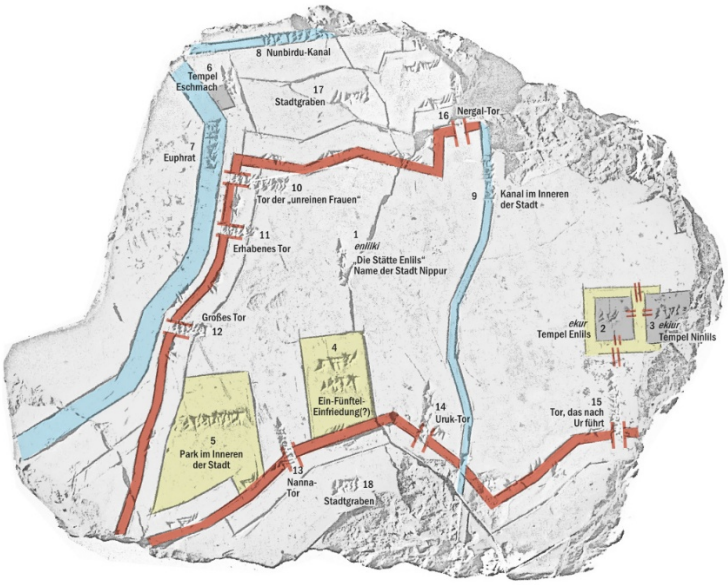


Foto 7 — Cópia manuscrita do mapa da cidade de Nippur

Cópia manuscrita do mapa da cidade de Nippur. No centro, o nome da cidade (1). Os edifícios mostrados no mapa são: o *Ekur* (2), o templo mais famoso da Suméria; o *Kiur* (3), um templo adjacente ao *Ekur*; o *Anniginna* (4), um recinto de algum tipo; e, bem longe, nos arredores da cidade, o *Eshmah* (6), "Santuário Sublime". No canto formado pelas muralhas sudeste e sudoeste, encontra-se o "Parque Central" (5) de Nippur, o *Kirishauru*. O rio Eufrates forma a fronteira sudoeste da cidade (7). A noroeste, a cidade é delimitada pelo canal *Nunbirdu* (8). O *Idshauru*, "Canal Central" (9), flui pelo meio da cidade. Há três portões na muralha sudoeste (10, 11, 12); três na muralha sudeste (13, 14, 15); mas apenas um na parede noroeste (16). Por fim, há um fosso paralelo à parede noroeste (17) e outro paralelo à parede sudeste (18). (Coleção Hilprecht, Universidade Friederich-Schiller, Jena. Cópia manuscrita de Inez Bernhardt, curadora assistente da Coleção).

(Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Antiker_Stadtplan_von_Nippur_mit_%C3%9Cbersetzungen.jpg#, acesso em: 15/04/25). (N.T.)

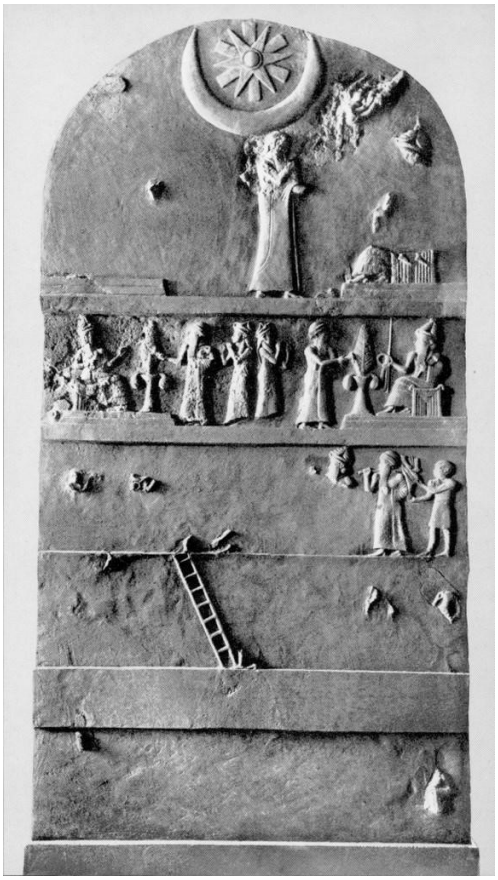


Foto 8 — Estela de Ur-Nammu

Estela de Ur-Nammu (calcário). Os dois registros inferiores representam a construção do templo (Museu da Universidade).

(Fonte: https://panoply.org.uk/worshipping-gods, acesso em: 15/04/25). (N.T.)



Foto 9 — Tabuleta médica

Tábua médica (ca. 2200 a.C.). Quinze prescrições estão inscritas nesta tabuleta. (Museu da Universidade.)

(Fonte: https://www.penn.museum/collections/object/218008, acesso em: 15/04/25).



Foto 10 — Estátua feminina

Estátua Feminina. Estátua de uma mulher em pé, com as mãos entrelaçadas à frente do peito, encontrada no reboco de um banco de tijolos de barro localizado em uma das celas do templo de Inanna, em Nippur (Nível VIIB). Uma incrustação de concha e lápis-lazúli sobrevive em seu olho esquerdo. As estátuas mais bem preservadas de Nippur são aquelas que foram colocadas dentro do mobiliário do templo, como este exemplo.

(Fonte: https://www.metmuseum.org/art/collection/search/329080, acesso em: 16/04/25). (N.T.)

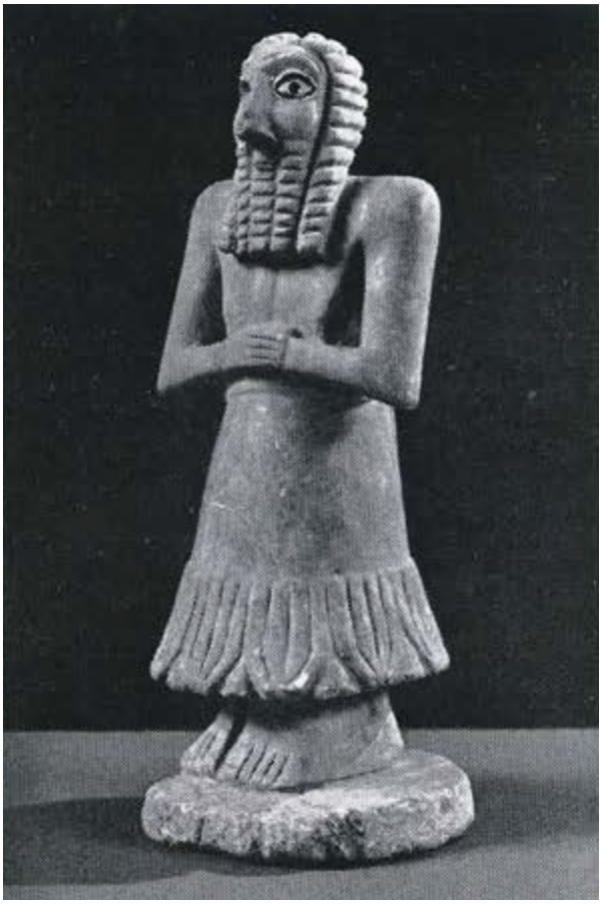


Foto 11 — Estatueta barbada de Khafaje

Estatueta barbada de Khafaje (ca. 2600 a.C.) (Museu da Universidade).

(Fonte: https://www.penn.museum/sites/bulletin/2621/, acesso em: 14/04/25).



Foto 12 — Cabeça de touro

Cabeça de touro feita de lápis-lazúli e ouro. Detalhe de uma lira encontrada no Cemitério Real de Ur (ca. 2500 a.C.) (Museu da Universidade).

(Fonte: https://www.penn.museum/collections/object/9347, acesso em: 15/04/25).

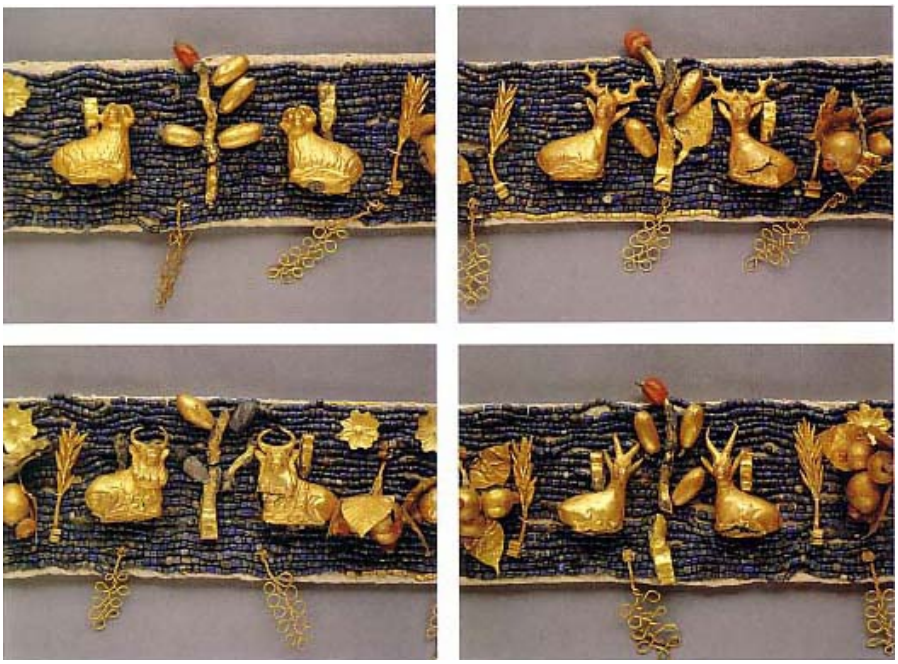


Foto 13 — Diadema da rainha Shubad

Diadema da Rainha Shubad (detalhes), do Cemitério Real de Ur (ca. 2500 a.C.). Contas de lápis-lazúli montadas com pequenas folhas, frutas, flores e figuras de ouro (Museu da Universidade).

(Fonte: https://www.penn.museum/collections/object/33852, acesso em: 15/04/25).



Foto 14 — Taça canelada e vaso de ouro com bico

Taça canelada e vaso com bico de ouro do Cemitério Real de Ur (ca. 2500 a.C.) (Museu da Universidade).

(Fonte: https://www.penn.museum/sites/bulletin/2567/, acesso em: 15/04/25).



Foto 15 — Condutor e carruagem puxada por quatro jumentos

Condutor e carruagem puxada por quatro jumentos (cobre), encontrado no Templo Shara em Tell Agrab (ca. 2700 a.C.). A carruagem é de construção leve. O condutor fica em pé sobre dois degraus acima do eixo e segura com as pernas uma peça central de madeira coberta com lã. O conjunto é guiado por anéis fixados nos lábios superiores dos jumentos e por um chicote, agora perdido. (O.I.P., LX, Placa 58, No. 310).

(Fonte: https://oi-archive.uchicago.edu/OI/IRAQ/dbfiles/objects/30.htm, acesso em: 15/04/25). (N.T.)

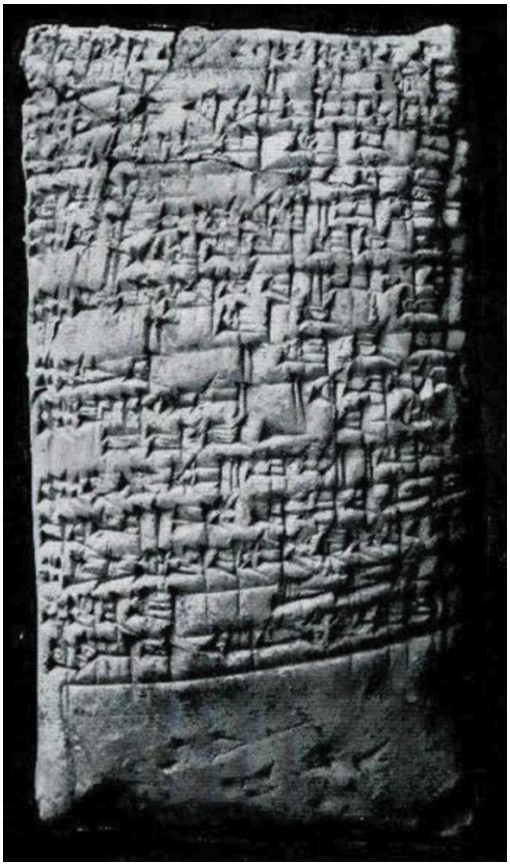


Foto 16 — Almanaque do agricultor

Almanaque do Agricultor. Verso da placa que fornece instruções para um ciclo anual de atividades agrícolas (Museu da Universidade).

(Fonte: https://www.penn.museum/sites/bulletin/3462/, acesso em: 15/04/ 25).

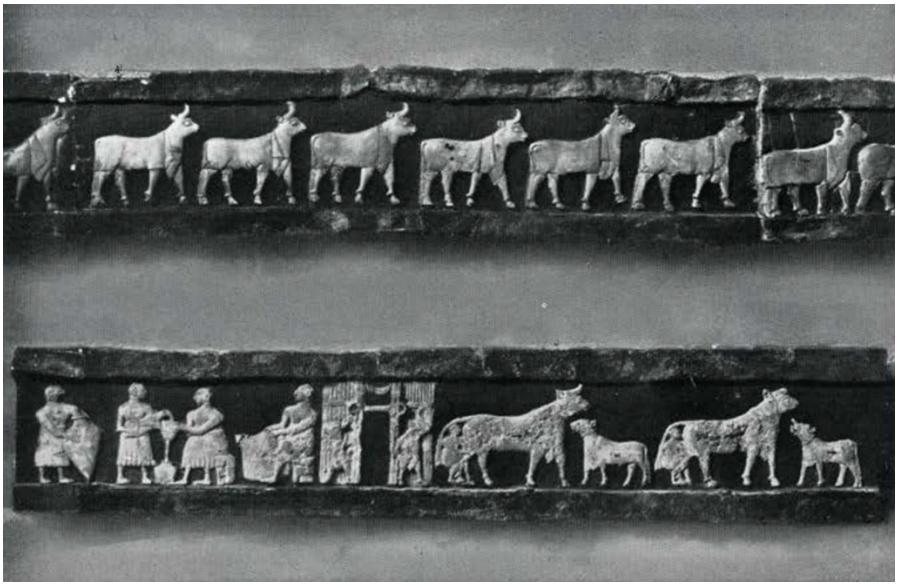


Foto 17 — Baixo-relevo de várias atividades de laticínios

Baixo-relevo mostrando um rebanho de vacas e várias atividades leiteiras do templo em Al Ubaid (ca. 2500 a.C.). Na parte inferior, à direita do estábulo central, um homem está ordenhando uma vaca; diretamente à esquerda do estábulo, um homem está batendo manteiga; enquanto mais à esquerda, três homens estão preparando e armazenando "*samn*", ou manteiga clarificada, que ainda é o principal produto da população pastoril do Iraque (original no Museu do Iraque; molde no Museu da Universidade).

(Fonte: https://www.penn.museum/sites/bulletin/2583/, acesso em: 15/04/25).



Foto 18 — Cena mitológica em selo cilíndrico

Cena mitológica em selo cilíndrico. O deus-sol erguendo-se da montanha. No centro, Utu, o deus-sol, ergue-se da montanha, com raios nos ombros e uma serra na mão. À direita de Utu está Enki, o deus da água e da sabedoria, acompanhado por seu ministro de duas faces, Isimud. À esquerda de Utu está uma deusa da vegetação, e ao lado dela um caçador (ca. 2200 a.C.) (Museu Britânico).

(Fonte: https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_1891-0509-2553, acesso em: 15/04/25). (N.T.)

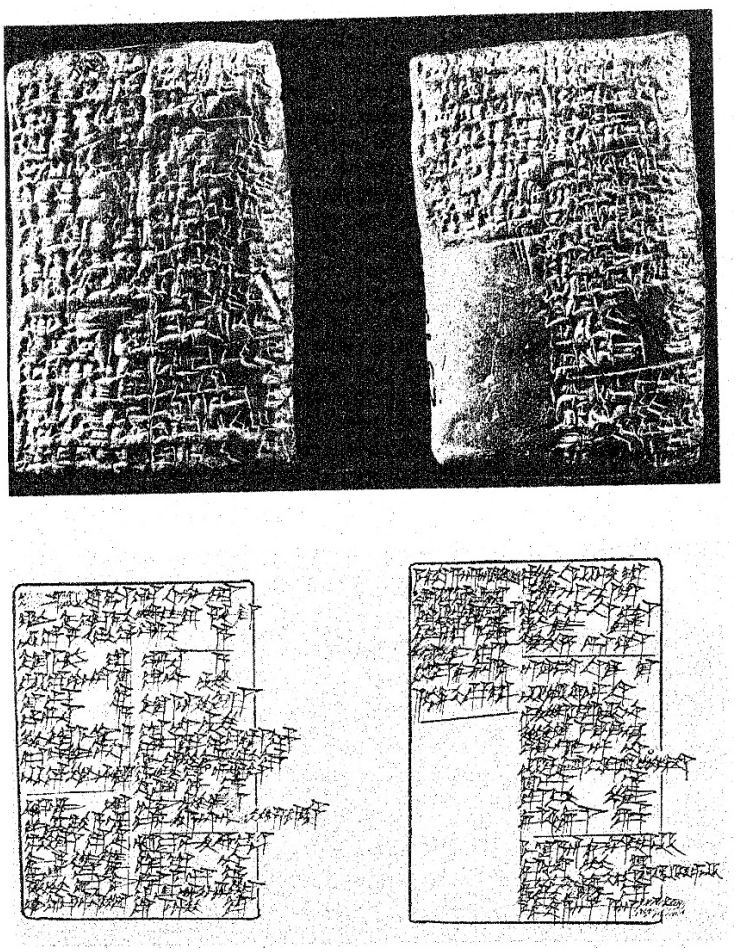


Foto 19 — Catálogo literário

Catálogo literário. Tabuleta e cópia manuscrita do autor com os títulos de sessenta e duas obras literárias (Museu da Universidade).



Foto 20 — A criação do homem

A criação do homem. Tabuleta, montada a partir de três fragmentos, relatando a criação do homem a partir do “barro que está sobre o abismo” (Museu da Universidade).

(Fonte: https://www.penn.museum/collections/object/348678, acesso em: 15/04/25).

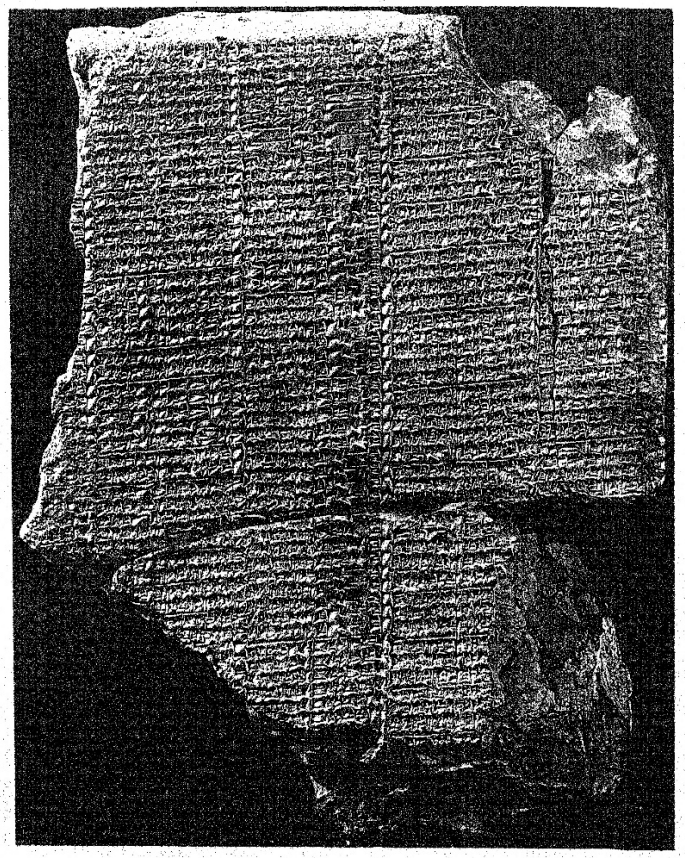


Foto 21 — Texto gramatical de Nippur

Texto gramatical de Nippur. Esta tabuleta continha originalmente dezesseis colunas, cada uma subdividida em duas. A metade esquerda contém uma unidade gramatical suméria, como um substantivo ou complexo verbal, enquanto a metade direita apresenta sua tradução semítica (Museu da Universidade).



Foto 22 — Casal sentado

Casal sentado. Escultura em gesso que expressa afeição doméstica e contentamento conjugal (Expedição conjunta a Nippur do Instituto Oriental e das Escolas Americanas de Pesquisa Oriental).

(Fonte: https://ancient-mesopotamia.tumblr.com/post/39148084179, acesso em: 15/04/25). (N.T.)



Foto 23 — Lista dos reis sumérios

Lista dos reis sumérios do prisma Weld-Blundell. Entre todos os exemplares da Lista de Reis Sumérios, o prisma Weld-Blundell, na coleção cuneiforme do Museu Ashmolean, em Oxford, representa a versão mais extensa, bem como a cópia mais completa da Lista de Reis Sumérios. O prisma de 20 cm de altura contém quatro lados com duas colunas em cada lado. Ele lista governantes desde as dinastias antediluvianas (“antes do dilúvio”) até o décimo quarto governante da Dinastia de Isin (ca. 1763 a 1753 a.C.).

(Fonte: https://www.ancient-origins.net/artifacts-ancient-writings/sumerian-king-list-001287, acesso em: 30/04/25). (N.T.)

APÊNDICES

Os Apêndices A e B foram preparados para dar ao leitor uma ideia da escrita e da língua sumérias.

O Apêndice C inclui traduções de trinta e cinco inscrições votivas baseadas em grande parte em um manuscrito inédito de Arno Poebel, preparado em conexão com a *Grundzuege Der Sumerischen Grammahk*. Os Apêndices F (1) e G (1-3) também são baseados neste manuscrito. Para referências ao texto original das inscrições votivas, ver em especial *Die Sumerischen Und Akkadischen Königsinschrtften*, de Thureau Dangin; *Royal Inscriptions Of Summer And Axkad*, de George Barton; e o valioso compêndio *Corpus Des Inscriptions "Royales" Présargoniques De Lagash*, de Edmond Sollberger.

O Apêndice D inclui exemplos de fórmulas de datação de diversas fontes.

O Apêndice E é uma versão revisada da Lista de Reis Sumérios baseada na "King List" de Thorkild Jacobsen, em "Zur Liste der aelteren Koenige von Babylonien" de F. R. Kraus e nas cópias do autor dos fragmentos relevantes publicadas no *University Museum Bulletin* (ver Seção II da Bibliografia).

As Seções 2 a 4 do Apêndice F baseiam-se em um estudo preliminar do material da tabuleta relevante realizado pelo autor.

Apêndice G (ver acima no Apêndice C).

O Apêndice H baseia-se em "O Código De Lipit-Ishtar", de Francis R. Steele.

O Apêndice I é uma tradução do "Almanaque do Agricultor", preparado em colaboração com Thorkild Jacobsen, Benno Landsberger e Michel Civil.

APÊNDICE A

A. ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA CUNEIFORME DE ESCRITA

O sistema cuneiforme de escrita provavelmente foi originado pelos sumérios. As inscrições mais antigas descobertas até hoje — mais de mil tabuletas e fragmentos de cerca de 3000 a.C. — são provavelmente escritas na língua suméria. Quer tenham sido os sumérios que inventaram a escrita ou não, foram certamente eles que, no terceiro milênio a.C., a transformaram em uma ferramenta de escrita eficaz. Seu valor prático foi gradualmente reconhecido pelos povos vizinhos, que a tomaram emprestada dos sumérios e a adaptaram às suas próprias línguas. Por volta do segundo milênio a.C., ela já era comum em todo o Oriente Próximo.

A escrita cuneiforme começou como uma escrita pictográfica. Cada sinal era uma imagem de um ou mais objetos concretos e representava uma palavra cujo significado era idêntico ou intimamente relacionado ao objeto representado. Os defeitos de um sistema desse tipo são duplos: as formas complicadas dos sinais e o grande número de sinais necessários o tornam muito difícil de manejar para uso prático. Os escribas sumérios superaram a primeira dificuldade simplificando e padronizando gradualmente as formas dos sinais até que suas origens pictográficas não fossem mais aparentes. Quanto à segunda dificuldade, eles reduziram o número de sinais e os mantiveram dentro de limites, recorrendo a vários recursos úteis. O recurso mais significativo foi a substituição de valores ideográficos por fonéticos. A Figura 6 foi preparada para ilustrar esse desenvolvimento.

Nº 1 é a imagem de uma estrela. Representa principalmente a palavra suméria *an*, "céu". O mesmo sinal é usado para representar a palavra *dingir*, "deus".

Nº 2 representa a palavra *ki*, "terra". Obviamente, pretende ser uma imagem da Terra, embora a interpretação do sinal ainda seja incerta.

Nº 3 é provavelmente uma imagem estilizada da parte superior do corpo de um homem. Representa a palavra *lu*, "homem".

Nº 4 é uma imagem da vulva. Representa a palavra *sal*, "vulva". O mesmo sinal é usado para representar a palavra *munus*, "mulher".

Nº 5 é a imagem de uma montanha. Representa a palavra *kur*, cujo significado original é "montanha".

Nº 6 ilustra um engenhoso dispositivo desenvolvido anteriormente pelos inventores do sistema sumério de escrita, por meio do qual eles foram capazes de representar pictoricamente palavras para as quais a representação pictográfica comum envolvia certa dificuldade. O sinal para a palavra *geme*, "escrava", é na verdade uma combinação de dois sinais – o de *munus*, "mulher" e o de *kur*, "montanha" (sinais 4 e 5 em nossa tabela). Literalmente, portanto, este sinal composto expressa a ideia de "mulher da montanha". Mas como os sumérios obtinham suas escravas principalmente das regiões montanhosas ao seu redor, este sinal composto representava adequadamente a palavra suméria para "escrava", *geme*.

Nº 7 é a imagem de uma cabeça. Representa a palavra suméria *sag*, "cabeça".

Nº 8 também é a imagem de uma cabeça. Os traços verticais sublinham a parte específica da cabeça a que se destina – isto é, a boca. O sinal, portanto, representa a palavra suméria *ka*, "boca". O mesmo sinal representa naturalmente a palavra *dug*, "falar".

Nº 9 é provavelmente a imagem de uma tigela usada principalmente como recipiente para comida. Representa a palavra *ninda*, "comida".

Nº 10 é um sinal composto que consiste dos sinais para boca e comida (sinais 8 e 9 em nossa tabela). Representa a palavra *ku*, “comer”.

Nº 11 é uma imagem de um fluxo de água. Representa a palavra *a*, “água”. Esse sinal fornece uma excelente ilustração do processo pelo qual a escrita suméria gradualmente perdeu seu caráter pictográfico desajeitado e se tornou um sistema fonético de escrita. Embora a palavra suméria “*a*” representada pelo sinal nº 11 fosse usada principalmente para “água”, ela também tinha o significado de “em”. Esta palavra “em” é uma palavra que denota relacionamento e representa um conceito que é difícil de expressar de forma pictográfica. Para os criadores da escrita suméria veio a ideia engenhosa de que, em vez de tentar inventar um sinal pictórico complicado para representar a palavra “em”, eles poderiam usar o sinal de *a*, “água”, já que ambas as palavras soavam exatamente iguais. Os primeiros escribas sumérios perceberam que um sinal pertencente a uma determinada palavra poderia ser usado para outra palavra com um significado totalmente não relacionado, se o som das duas palavras fosse idêntico. Com a difusão gradual desta prática, a escrita suméria perdeu seu caráter pictográfico e tendeu cada vez mais a se tornar uma escrita puramente fonética.

Nº 12 é uma combinação dos sinais de “boca” e “água” (sinais 8 e 11). Representa a palavra *nag*, “beber”.

Nº 13 é uma imagem da parte inferior da perna e do pé na posição de caminhar. Representa a palavra *du*, ‘ir” e também a palavra *gub*, “ficar de pé”.

Nº 14 é a imagem de um pássaro. Representa a palavra *mushen*, “pássaro”.

Nº 15 é a imagem de um peixe. Representa a palavra *ha*, “peixe”. Este sinal fornece outro exemplo do desenvolvimento fonético da escrita suméria. A palavra suméria *ha* não apenas significava “peixe”, mas também “poder” – isto é, os sumérios tinham duas palavras *ha* que eram idênticas em pronúncia, mas não relacionadas em significado. E assim, no início do desenvolvimento da escrita, os escribas sumérios começaram a usar o sinal para *ha*, “peixe”, para representar *ha*, “poder”.

Nº 16 é uma imagem da cabeça e chifres de um boi. Representa a palavra *gud*, “boi”.

Nº 17 é uma imagem da cabeça de uma vaca. Representa a palavra *ab*, “vaca”.

Nº 18 é a imagem de uma espiga de cevada. Representa a palavra *she*, “cevada”.

Os sinais na primeira coluna são do período mais antigo conhecido no desenvolvimento da escrita suméria. Pouco depois da invenção da escrita pictográfica, os escribas sumérios acharam conveniente girar a tabuleta de forma que os pictogramas ficassem deitados. Com o desenvolvimento da escrita, essa prática se tornou padrão, e os sinais eram girados regularmente em 90 graus. A segunda coluna da tabela apresenta os sinais pictográficos nessa posição. A coluna seguinte representa a escrita “arcaica” vigente por volta de 2500 a.C. A coluna IV representa as formas dos sinais de cerca de 1800 a.C., nas quais a maioria dos documentos literários foi escrita. As formas mais simplificadas representadas na última coluna eram os sinais usados pelos escribas reais da Assíria no primeiro milênio a.C.

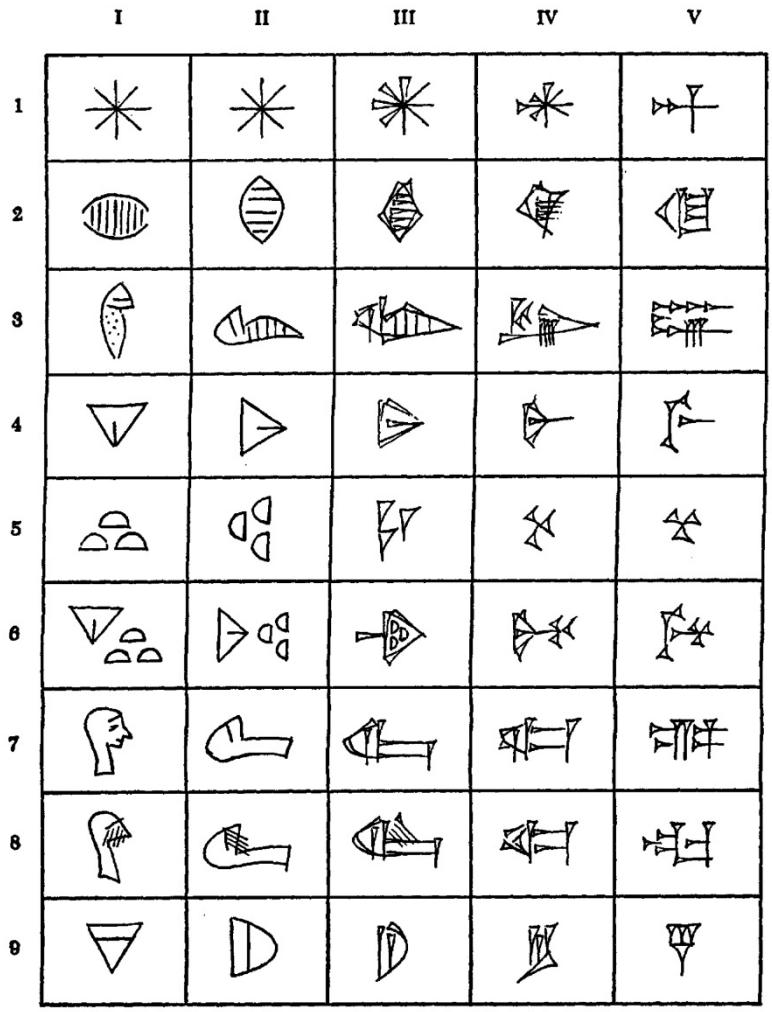


Fig. 6 — Origem e desenvolvimento do sistema cuneiforme de escrita.

A tabela mostra as formas de dezoito sinais representativos de cerca de 3000 a.C. até cerca de 600 a.C.

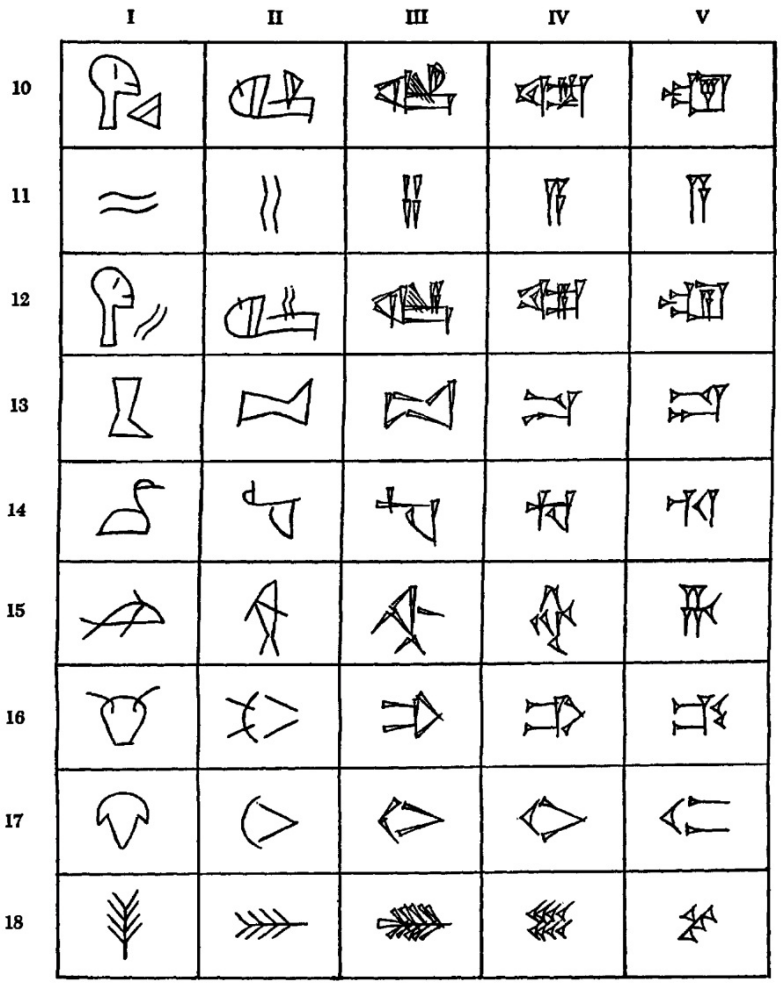


Fig. 6 — Origem e desenvolvimento do sistema cuneiforme de escrita.

(Continuação)

APÊNDICE B

B. A LÍNGUA SUMÉRIA

O sumério é uma língua aglutinante, não flexionada como o indo-europeu ou o semítico. Suas raízes, em geral, são invariáveis. Sua unidade gramatical básica é o complexo de palavras, e não a palavra individual. Suas partículas gramaticais tendem a manter sua estrutura independente, em vez de se tornarem inextricavelmente ligadas às raízes das palavras. Em estrutura, portanto, o sumério assemelha-se bastante a línguas aglutinantes como o turco, o húngaro e algumas das línguas caucasianas. Em vocabulário, gramática e sintaxe, no entanto, o sumério ainda se destaca e parece não ter relação com nenhuma outra língua, viva ou morta.

O sumério tem seis vogais: três vogais abertas, *a*, *e*, *o*, e três vogais fechadas correspondentes, *ä*, *ê*, *u*. As vogais não eram nitidamente articuladas e eram frequentemente modificadas de acordo com uma lei de harmonia vocálica. Isso era especialmente verdadeiro para as vogais em partículas gramaticais, que eram curtas e sem acento. No final de uma palavra, ou entre duas consoantes, elas eram frequentemente omitidas.

O sumério tem quinze consoantes: *b, p*, *t*, *d*, *g* (forte), *k*, *z*, *s*, *sh*, *ch* (como no escocês "Loch"), *r*, *l*, *m*, *n* e *g* (como no inglês o *ng* em "lung"). As consoantes eram amissíveis; elas não eram pronunciadas no final de uma palavra, a menos que fossem seguidas por uma partícula gramatical que começasse com uma vogal.

As raízes sumérias são monossilábicas em grande parte, embora haja um número considerável de palavras polissilábicas. A reduplicação de raízes é usada para indicar pluralidade de objetos ou ações. Os

substantivos frequentemente consistem em palavras compostas: *lu-gal*, “rei” (“grande homem”); *dubsar*, “escriba” (“escritor de tabuletas”); *di-ku*, “juiz” (“determinador de julgamento”). Os substantivos abstratos são formados com a ajuda de *nam* (no inglês “-ship”, ou português “-dade ou -ria”): *lu-gal*, “rei ou monarca”; *nam-lu-gal*, “realeza ou monarquia”. Os substantivos não têm gênero gramatical. Em vez disso, eles são divididos em duas categorias, animados e inanimados. Os animais pertencem à categoria inanimada, gramaticalmente falando.

A frase suméria consiste em (1) uma série de complexos substantivos relacionados ao predicado, seja como sujeito, objeto indireto, objeto dimensional ou objeto direto; (2) as partículas gramaticais que expressam essas relações; (3) o predicado que consiste na raiz verbal precedida por uma partícula temática e uma série de infixos que recapitulam a relação entre a raiz e os complexos substantivos. O complexo substantivo pode consistir em um substantivo sozinho ou em um substantivo e todos os seus modificadores, como adjetivos, genitivos, orações relativas e pronomes possessivos. As partículas de relacionamento sempre vêm no final de todo o complexo substantivo e, portanto, são conhecidas como posposições.

O sumério é bastante pobre em adjetivos e frequentemente usa expressões genitivas. Cópulas e conjunções raramente são usadas[55]; as palavras, complexos e orações relevantes são geralmente organizados assindeticamente. Não há pronome relativo em sumério; em vez disso, uma partícula nominalizante é usada no final das orações. As orações relativas, além disso, são usadas apenas de forma limitada; seu lugar é frequentemente ocupado por um particípio passivo cuja forma é idêntica ao infinitivo.

Além do dialeto sumério principal, provavelmente conhecido como *Emegir*, “a língua principesca”, havia vários outros menos importantes. Um deles, o *Emesal*, era usado principalmente em discursos proferidos por divindades femininas, mulheres ou eunucos.

APÊNDICE C

C. INSCRIÇÕES VOTIVAS

1. AANNEPADA DE UK (tabuleta)

Aannepada, o rei de Ur, filho de Mesannepada, o rei de Ur, construiu uma casa para Ninhursag.

2. LUGALKIGINNEDUDU DE ERECH E UB (vaso)

Quando Enlil, o rei de todas as terras, dirigiu um firme apelo a Lugalkiginnedudu e lhe concedeu a *en*-dade juntamente com a realeza — a *en*-dade que ele exerceu em Erech e o reinado em Ur. Então, Lugalkiginnedudu, por sua vida, com grande alegria, dedicou (este vaso) a Enlil, seu amado rei.

3. LUGALKIGINNEDUDU (feito a partir de três grandes blocos de granito vermelho bruto e mármore branco)

Lugalkiginnedudu dedicou (este bloco) a Enlil.

4. ENSHAKUSHANNA (texto reunido a partir de dois vasos)

Enshakushanna, o *en* da Suméria, o rei da Terra, quando os deuses o ordenaram, fez guerra a Kish e fez prisioneiro Enbi-Ishtar, o rei de Kish. (Então) o povo de Akshak e o povo de Kish [imploraram-lhe] que não devastasse também as cidades [mas que tomasse] suas posses (em vez disso) . . . . . Ele devolveu-lhes suas cidades (como eles pediram), (mas) dedicou em Nippur suas estátuas (isto é, de Akshak e Kish), seus

metais preciosos, pedras preciosas e suas posses de madeira a Enlil, o rei das terras.

5. ENSHAKUSHANNA (vaso)

Enshakushanna dedicou a Enlil as posses de Kish, contra a qual ele havia travado guerra.

6. UB-NANSHE DE LAGASH (encaixe da porta)

Ur-Nanshe, rei de Lagash, filho de Gunidu, filho de Gurmu, construiu a casa de Ningirsu; construiu a casa de Nanshe; construiu a casa de Gatumdug; construiu o harém; construiu a casa de Ninmar. Os navios de Dilmun lhe traziam madeira como tributo de terras estrangeiras. Ele construiu o Ibgal; construiu o Kinir; construiu a casa do cetro (?).

7. UB-NANSHE DE LAGASH (tabuleta)

Ur-Nanshe, rei de Lagash, filho de Gunidu, filho de Gurmu, construiu a casa de Nanshe; moldou (a estátua de) Nanshe, rainha e *en*; construiu o recinto do templo de Girsu; moldou (a estátua de) Shulshagga; construiu o Ibgal; moldou (a estátua de) Lugalur. . . . . ; moldou (a estátua de) Lugaluru; construiu o Kinir; moldou (a estátua de) Ninab . . . ; moldou (a estátua de) Ningidri; construiu a casa de Gatumdug; moldou (a estátua de) Gatumdug; construiu o Bagara; construiu o harém; construiu o Abzu dos canais; construiu o Tirash.

8. UR-NANSHE DE LAGASH (porta de entrada)

Quando Ur-Nanshe, rei de Lagash, filho de Gunidu, construiu Girsu, a morada de Ningirsu, dedicou-lhe (esta porta de entrada). Ele (também) construiu a casa de Nanshe; construiu o Ibgal; construiu o Bagara; construiu o harém; construiu a casa de Gatumdug; construiu o Tirash.

9. EANNATUM DE LAGASH (tijolo)

Eannatum, o *ensi* de Lagash, a quem Enlil concedeu poder, que é constantemente nutrido por Ninhursag com (seu) leite, cujo nome Ningirsu pronunciou, que foi escolhido por Nanshe em (seu) coração, filho de Akurgal, o *ensi* de Lagash, conquistou a terra de Elam; conquistou Urua; conquistou Umma; conquistou Ur. Naquela época, ele construiu um poço de tijolos cozidos para Ningirsu no amplo pátio de seu templo. Seu deus (de Eannatum) é Shulutula. Então Ningirsu amou Eannatum.

(Aqui termina o texto; mas este é provavelmente um trecho de uma inscrição mais longa que conta o que Ningirsu fez por Eannatum por causa de seu amor por ele).

10. EANNATUM DE LAGASH (rocha)

PARA NINGIRSU — Eannatum, o *ensi* de Lagash, cujo nome Enlil havia pronunciado, a quem Ningirsu havia dado força, a quem Nanshe havia escolhido em (seu) coração, a quem Ninhursag havia constantemente nutrido com (seu) leite, a quem Inanna havia chamado por um bom nome, a quem Enki havia dado entendimento, o amado de Dumuzi-Abzu, o confiável de Hendursag, o amigo amado de Lugaluru, o filho de Akurgal, o *ensi* de Lagash — seu avô (de Eannatum) era Ur-Nanshe, o *ensi* de Lagash — restaurou Girsu para Ningirsu; construiu para ele o muralha da “cidade sagrada”; (e) construiu Nina para Nanshe.

Eannatum conquistou Elam, a alta montanha, (e) amontoou seus túmulos (isto é, dos elamitas). Ele conquistou os *ensi* de Urua, que havia fincado o estandarte da cidade (Urua) em sua cabeceira (isto é, na cabeceira do povo de Urua), (e) amontoou seus túmulos. Ele conquistou Umma (e) amontoou seus vinte túmulos; devolveu Guedinna, seu amado campo, a Ningirsu. Ele conquistou Erech; conquistou Ur; conquistou Kiutu; devastou Uruaz (e) matou seu *ensi*; devastou Mishime; destruiu Adua.

Com Eannatum, cujo nome Ningirsu havia pronunciado, as terras estrangeiras lutaram. No ano em que o rei de Akshak se levantou (para a batalha), Eannatum, cujo nome Ningirsu havia pronunciado, derrotou Zuzu, o rei de Akshak, desde a Antasurra de Ningirsu até Akshak, e o destruiu. Naquela época, ele (Eannatum) cavou um novo canal para Ningirsu (e) o chamou de Lummagimdug, em homenagem ao seu nome Tidnu, Lumma — Eannatum era seu nome sumério.

Para Eannatum, o *ensi* de Lagash, a quem Ningirsu concebera (em sua mente), Inanna, por amá-lo, deu o reinado de Kish, além do reinado de Lagash.

Com Eannatum, (o povo de) Elam lutou; ele (Eannatum) expulsou (o povo de) Elam de volta para sua terra. Kish lutou com ele; ele expulsou o rei de Akshak de volta para sua terra.

Eannatum, o *ensi* de Lagash, que submete as terras estrangeiras a Ningirsu, derrotou Elam, Shubur, (e) Urua do canal Asuhur. Ele derrotou Kish, Akshak e Mari da Antasurra de Ningirsu.

Ele reforçou (as paredes do canal) Lummagimdug para Ningirsu e o presenteou. (Então) Eannatum, a quem Ningirsu havia dado força, construiu o reservatório (do canal) Lummagimdug contendo (?) 3.600 *gur* de 2 *ul* (provavelmente cerca de 57.600 galões, ou 218 metros cúbicos).

Eannatum, que Ningirsu havia concebido (em sua mente), (e) cujo deus (pessoal) é Shulutula, construiu para ele (Ningirsu) o palácio de Tirash.

11. EANNATUM DE LAGASH (trechos da inscrição na Estela dos Abutres)

a) *Favores divinos concedidos a Eannatum*

Em [Eannatum] . . . . Inanna se alegrou; Inanna agarrou (seu) braço (e) o chamou pelo nome de Eanna-Inanna-Ibgalkakatum (isto é, Aquele-que-é-digno-da-Eanna-de-Inanna-do-Ibgal). (Então) ela o sentou no joelho direito de Ninhursag, (e) Ninhursag [estendeu] seu seio direito para ele.

Em Eannatum, a semente implantada no útero por Ningirsu, Ningirsu se alegrou. Ningirsu mediu (para ele) (um palmo extra), mediu (para ele) côvados até 5 côvados, (perfazendo assim) 5 côvados e 1 palmo. Ningirsu com grande alegria . . . .

b) *O juramento da aliança*

Eannatum lançou a rede de *shushgal* de Enlil sobre o ummaíta, (e) este (o ummaíta) jurou a ele (Eannatum). (E isto é) o que o ummaíta jurou a Eannatum: "Pela vida de Enlil, o rei do céu e da terra! Os campos de Ningirsu comerei (apenas) até um *karu*, (e somente) até o antigo dique reivindicarei (como meu direito); mas nunca, por toda a eternidade, violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais; nem arrancarei suas estelas. (No entanto), se eu violar (os limites), então que a rede de *shushgal* de Enlil, pela qual jurei, seja lançada sobre Umma do céu".

Eannatum, além disso, agiu com muita sabedoria. Duas pombas, sobre cujos olhos ele havia colocado especiarias (e) sobre cujas cabeças ele havia espalhado cedro (?), ele fez comê-las para Enlil em Nippur (com o seguinte apelo): "Enquanto os dias existirem (e) enquanto as palavras forem ditas, se o ummaíta, não importa sob cujo comando ou a pedido de quem, quebrar (sua) palavra dada ao meu rei Enlil, o rei do céu e da terra, (então), no dia em que ele violar essa palavra, que a rede de *shushgal* de Enlil, pela qual ele (o ummaíta) jurou, seja lançada sobre Umma do céu".

Eannatum (então) lançou a rede de *shushgal* de Ninhursag sobre o Ummaíta, (e) este (o Ummaíta) jurou a ele (Eannatum). (E isto é) o que o Ummaíta jurou a Eannatum: "Pela vida de Ninhursag! Os campos de Ningirsu comerei (apenas) até um *karu*, (e somente) até o antigo dique reivindicarei (como meu direito): mas nunca, por toda a eternidade, violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus (limites) diques (e) canais, nem arrancarei suas estelas. (No entanto), se eu violar (os limites), então que a rede de *shushgal* de Ninhursag seja lançada sobre Umma do céu."

Eannatum, além disso, agiu com muita sabedoria. Duas pombas, sobre cujos olhos ele havia colocado especiarias (e) sobre cujas cabeças

ele havia espalhado cedro (?), ele fez comê-las para Ninhursag em Kesh (com o seguinte apelo): "Enquanto os dias existirem (e) enquanto as palavras forem ditas, se o Ummaíta, não importa a quem ou a pedido de quem, quebrar (sua) palavra dada à minha mãe Ninhursag, (então), no dia em que ele violar essa palavra, que a rede de *shushgal* de Ninhursag, pela qual ele (o Ummaíta) jurou, seja lançada sobre Umma do céu."

Eannatum (então) lançou a rede de *shushgal* de Enki, o rei do Abzu, sobre o ummaíta, (e) este (o ummaíta) jurou a ele (Eannatum). (E isto é) o que o ummaíta jurou a Eannatum: "Pela vida de Enki, o rei do Abzu! Os campos de Ningirsu comerei (apenas) até um *karu*, (e somente) até o antigo dique reivindicarei (como meu direito); mas nunca, por toda a eternidade, violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais; nem arrancarei suas estelas. (No entanto), se eu violar (os limites), que a rede de *shushgal* de Enki, o rei do Abzu, pela qual jurei, seja lançada sobre Umma do céu".

Eannatum, além disso, agiu com muita sabedoria. Ele libertou . . . no . . . . de Ningirsu, (e) o peixe *suhur* do Abzu ele o mordeu em pedaços (com o apelo): "Enquanto os dias existirem (e) enquanto as palavras forem ditas, se o Ummaíta, não importa sob cuja ordem ou a pedido de quem, quebrar (sua) palavra dada ao meu rei Enki, (então), no dia em que ele violar essa palavra, que a rede de *shushgal* de Enki, o rei do Abzu, pela qual ele jurou, seja lançada do céu sobre Umma".

Eannatum (então) lançou a rede *shushgal* de Sin, o jovem touro impetuoso de Enlil, sobre o Ummaíta, (e) este (o Ummaíta) jurou a ele (Eannatum). (E isto é) o que o Ummaíta jurou a Eannatum: "Pela vida de Sin, o jovem touro impetuoso de Enlil! Os campos de Ningirsu comerei (apenas) até um *karu*, (e somente) até o antigo dique reivindicarei (como meu direito); mas nunca, por toda a eternidade, violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais, nem arrancarei suas estelas. (No entanto), se eu violar (os limites), que a rede *shushgal* de Sin, o jovem touro impetuoso de Enlil, pela qual jurei, seja lançada do céu sobre Umma".

Eannatum, além disso, agiu com muita sabedoria. (De) quatro pombas em cujos olhos ele colocou especiarias (e) em cujas cabeças ele

espalhou cedro (?), duas [ele fez com que fossem comidas] em Ur [para Nanna (?), duas ele fez com que fossem comidas em Gaesh (?) para] Sin (com o apelo): “Enquanto os dias existirem e enquanto as palavras forem ditas, se o Ummaíta, não importa sob cujo comando ou a pedido de quem, quebrar (sua) palavra ao meu rei Sin, o jovem touro espirituoso de Enlil, (então), no dia em que ele violar essa palavra, que a rede *shushgal* de Sin, o jovem touro espirituoso de Enlil, pela qual ele jurou, seja lançada do céu sobre Umma”.

Eannatum (em seguida) lançou a rede *shushgal* de Utu, o rei de . . . , sobre o Ummaíta, (e) ele (o Ummaíta) jurou a ele (Eannatum). (E isto é) o que o Ummaíta jurou a Eannatum: “Pela vida de Utu, o rei de . . . Eu comerei os campos de Ningirsu (apenas) até um *karu*, (e apenas) até o antigo dique reivindicarei (como meu direito); mas nunca, por toda a eternidade, violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais, nem arrancarei suas estelas. (No entanto) se eu violar (os limites), então que a rede *shushgal* de Utu, o rei de . . . , pela qual jurei, seja lançada do céu sobre Umma”.

Eannatum, além disso, agiu com muita sabedoria. Duas pombas, em cujos olhos ele havia colocado especiarias (e) em cujas cabeças ele havia espalhado cedro (?), ele fez comê-las para Utu, o rei de . . . , (em) Larsa no . . . Ebabbar (com o apelo): “Enquanto os dias existirem e enquanto as palavras forem ditas, se o Ummaíta, não importa sob cujo comando ou a pedido de quem, quebrar (sua) palavra ao meu rei Utu, (então), no dia em que ele violar essa palavra, que a rede de *shushgal* de Utu, o rei de . . . , pela qual ele jurou, seja lançada sobre Umma do céu”.

Eannatum (então) [colocou (?)] a serpente de Ninki [diante (?)] do Ummaíta, (e) ele (o Ummaíta) pronunciou o nome de (isto é, “jurou por”) Ninki. (E isto é) o que o Ummaíta jurou a Eannatum: “Pela vida de Ninki! Os campos de Ningirsu comerei (apenas) até um *karu*, (e somente) até o antigo dique reivindicarei (como meu direito); mas nunca, por toda a eternidade, violarei os limites de Ningirsu, nem infringirei seus diques (e) canais, nem arrancarei suas estelas. (No entanto) se eu os violar (os limites), (então) que Ninki, cujo nome eu pronunciei, faça com que a serpente (se erguendo) da terra crave suas

presas no pé de Umma; (no momento) que Umma cruzar aquele dique, que Ninki arrebate seu pé da terra".

Eannatum, além disso, agiu com muita sabedoria. . . . ([56]) (com o apelo): "Enquanto os dias existirem e enquanto as palavras forem ditas, se o Ummaita, não importa sob cujo comando ou a pedido de quem, quebrar (sua) palavra à minha mãe Ninki; (então), no dia em que ele violar essa palavra, que Ninki, por quem ele jurou, faça com que a serpente (se erguendo) da terra crave suas presas no pé de Umma; (no momento) que Umma cruzar aquele dique, que Ninki arrebate seu pé da terra".

c) *O nome da estela*

O nome da estela é Ningirsu, Senhor-da-Coroa-Frutífera, Vida-do-Canal-Ugedinna — este não é o nome de um homem; em vez disso, é o nome (da estela); o nome (isto é) da estela de Guedinna, o amado campo de Ningirsu, que Eannatum devolveu a Ningirsu.

d) *Inscrição acima do ombro de Eannatum*

Eannatum, o prostrador de Ningirsu nas terras inimigas.

12. ENANNATUM I DE LAGASH (argamassa de diorito)

PARA NINGIRSU, O MAIOR GUERREIRO DE ENLIL — Enannatum, o *ensi* de Lagash, o prostrador de Ningirsu nas terras inimigas, o filho de Akurgal, o *ensi* de Lagash, mandou fazer um pilão para esmagar cebolas (e) dedicou-o para (prolongar) sua vida a Ningirsu no Eninnu.

13. ENANNATUM I DE LAGASH (cabeça de maça de pedra)

Barakisumun (?), o servo de Enannatum, o *ensi* de Lagash, o *sukkal*, dedicou-a (esta cabeça de maça) a Ningirsu do Eninnu pela vida de seu rei Enannatum.

14. ENTEMENA DE LAGASH (cones)

Enlil, o rei de todas as terras, o pai de todos os deuses, demarcou a fronteira para Ningirsu (e) Shara com sua palavra firme, (e) Mesilim, o rei de Kish, mediu-a de acordo com a palavra de Sataran (e) ergueu uma estela ali. (Mas) Ush, o *ensi* de Umma, violou (tanto) o decreto (dos deuses) (quanto) a palavra (dada de homem para homem), arrancou sua estela (da fronteira) e entrou na planície de Lagash.

(Então) Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, lutou contra (os homens de) Umma de acordo com sua (de Enlil) palavra direta; pela palavra de Enlil, ele lançou a grande rede sobre eles (e) amontoou suas pilhas de esqueletos (?) na planície em seus (vários) lugares. (Como resultado) Eannatum, o *ensi* de Lagash, tio de Entemena, o *ensi* de Lagash, marcou a fronteira com Enakalle, o *ensi* de Umma; fez sua vala (de fronteira) se estender do (canal de) Idnun até o Guedinna; inscreveu (várias) estelas ao longo dessa vala; restaurou a estela de Mesilim em seu (antigo) lugar; (mas) não entrou na planície de Umma. Ele (então) construiu lá o Imdubba de Ningirsu, o Namnunda-kigarra, (assim como) o santuário de Enlil, o santuário de Ninhursag, o santuário de Ningirsu, (e) o santuário de Utu.

(Além disso, após o acordo de fronteira), os Ummaítas podiam comer a cevada da (deusa) Nanshe (e) a cevada de Ningirsu até a quantia de um *karu* (para cada Ummaíta e somente) como juros; (também) ele (Eannatum) cobrou um imposto sobre eles (e assim) arrecadou para si (como receita) 144.000 *karu* "grandes".

Porque esta cevada permaneceu sem pagamento — (além disso) Ur-Lumma, o *ensi* de Umma, privou de água a vala de fronteira de Ningirsu (e) o a vala de fronteira de Nanshe; arrancou suas estelas (da vala de fronteira) (e) as incendiou; destruiu os santuários dedicados (?) aos deuses que haviam sido construídos no Namnunda-kigarra; obteve (a ajuda das) terras estrangeiras; e (finalmente) cruzou a vala de fronteira de Ningirsu-Enannatum lutou com ele no Gana-ugigga, (onde) os campos e fazendas de Ningirsu (estão), (e) Entemena, o filho amado de Enannatum, o derrotou. Ur-Lumma (então) fugiu, (enquanto) ele (Entemena) matava (as forças Ummaítas) até (a própria) Umma; (além disso) sua força de elite (de Ur-Lumma) (composta por) sessenta soldados ele exterminou (?) na margem do canal Lummagirnunta.

(Quanto a) seus homens (de combate de Umma), ele (Entemena) deixou seus corpos na planície (para os pássaros e animais devorarem) (e então) amontoou suas pilhas de esqueletos (?) em cinco lugares (separados).

Naquela época, porém, Il, o chefe do templo de Zabalam, devastou (?) (a terra) de Girsu a Umma. Il tomou para si o domínio de Umma; privou de água a vala de fronteira de Ningirsu, a vala de fronteira de Nanshe, o Imdubba de Ningirsu, aquela extensão (de terra arável) das extensões de Girsu que fica em direção ao Tigre, (e) o Namnunda-kigarra de Ninhursag; (e) pagou (não mais que) 3.600 *karu* da cevada (devida) a Lagash. (E) quando Entemena, o *ensi* de Lagash, repetidamente enviou (seus) homens a Il por causa daquela vala (de fronteira), Il, o *ensi* de Umma, o saqueador de campos e fazendas, o orador do mal, disse: "A vala de fronteira de Ningirsu, (e) a vala de fronteira de Nanshe são meus"; (de fato) ele (até) disse: "Eu exercerei controle desde o Antasurra até o templo de Dimgal-Abzu". (No entanto) Enlil (e) Ninhursag não lhe concederam isso.

Entemena, o *ensi* de Lagash, cujo nome Ningirsu havia pronunciado, fez esta vala (de fronteira) do Tigre ao Idnun de acordo com a palavra direta de Enlil, de acordo com a palavra direta de Ningirsu, (e) com a palavra direta de Nanshe, (e) a restaurou para seu amado rei Ningirsu e para sua amada rainha Nanshe (depois) de ter construído de tijolos a fundação do Namnunda-kigarra. Que Shulutula, o deus de Entemena, o *ensi* de Lagash, a quem Enlil deu o cetro, a quem Enki deu entendimento, a quem Nanshe escolheu em (seu) coração, o grande *ensi* de Ningirsu, o homem que recebeu as palavras dos deuses, permaneça para sempre (literalmente, "até dias distantes") diante de Ningirsu e Nanshe (e implore) pela vida de Entemena.

O Ummaíta que (em qualquer momento futuro) cruzar a vala de fronteira de Ningirsu (e) a vala de fronteira de Nanshe para tomar para si campos e fazendas à força — seja ele (realmente) Ummaíta ou um estrangeiro — que Enlil o destrua; que Ningirsu, após lançar sua grande rede sobre ele, faça descer sobre ele sua mão altiva (e) seu pé altivo; que o povo de sua cidade, tendo se levantado em rebelião, o derrube no meio de sua cidade.

15. ENTEMENA DE LAGASH (tijolo)

Para Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, Entemena, o *ensi* de Lagash, a quem Nanshe havia escolhido em (seu) coração, o grande *ensi* de Ningirsu, fez o Emah da fronteira que foi estabelecida por Enlil para Ningirsu; para Ningirsu, seu rei que o amava, Entemena fez (o Emah) estender-se do Idnun ao Mubikur (?); (e) as estelas dos campos (e) fazendas das fronteiras de Ningirsu ele ergueu para ele (ali). O deus de Entemena, que construiu o Emah de Ningirsu, é Shulutula.

16. ENTEMENA DE LAGASH (tomada da porta)

Para Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, Entemena construiu a casa da carruagem. O deus de Entemena, que construiu a casa da carruagem, é Shulutula.

17. ENTEMENA DE LAGASH (tijolo)

Que Shulutula, deus de Entemena, a terra de Lagash, a quem Nanshe escolheu em (seu) coração, permaneça para sempre (literalmente, "em dias distantes") diante de Ningirsu — Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil — no Eninnu (e implorou) por sua (de Entemena) vida.

18. ENTEMENA DE LAGASH (prego de argila)

Para Nanshe da E-engurra, Entemena, o *ensi* de Lagash, a quem Nanshe havia escolhido em (seu) coração, o grande *ensi* de Ningirsu, filho de Enannatum, o *ensi* de Lagash, construiu a E-engurra (a "casa das profundezas"), o "pomar" de tâmaras, (e) o decorou para ela com ouro e prata. Ele o trouxe (o prego de argila) para (a E-engurra) (e) o depositou (lá) para ela (Nanshe).

19. ENTEMENA DE LAGASH (pedra)

PARA NINGIRSU, O PRINCIPAL GUERREIRO DE ENLIL — Entemena, o *ensi* de Lagash, filho de Enannatum, o *ensi* de Lagash, construiu o palácio de Antasurra para Ningirsu (e) o decorou com ouro e prata. Construiu para ele o jardim (e) instalou poços de tijolos queimados nele. Naquela época, seu servo Dudu, o *sanga* de Ningirsu, construiu a muralha *dasila* do Guedinna (e) a chamou de E-igi-il-edinna (a "casa-que-eleva-os-olhos-da-planície"). Construiu as muralhas do cais para as balsas de Girsu (e) a chamou de Enzishagal ("O-senhor-que-dá-o-sopro-da-vida"). Que seu deus Shulutula se prostre (em oração) diante de Ningirsu no Eninnu pela vida de Entemena.

20. ENTEMENA DE LAGASH (vaso de prata)

PARA NINGIRSU, O MAIOR GUERREIRO DE ENLIL — Entemena, o *ensi* de Lagash, a quem Nanshe havia escolhido em (seu) coração, fez para Ningirsu, o rei que o amava, um vaso de prata pura (e) pedra (?) do qual Ningirsu bebe, (e) o trouxe para Ningirsu do Eninnu em troca de sua vida.

Naquela época, Dudu era o *sanga* de Ningirsu.

21. DUDU (pequeno bloco quadrado de pedra)

Para Ningirsu do Eninnu, Dudu, o velho *sanga* de Ningirsu, trouxe (esta pedra) de Urua (e) a transformou no topo de (sua) maça.

Dudu, o principal *sanga* do Ningirsu. (Inscrição perto da escultura do homem.)

22. ENANNATUM n OF LAGASH (soquete da porta)

PARA NINGIRSU, O MAIOR GUERREIRO DE ENLIL — Enannatum, a *sanga* de Lagash, a quem Nanshe havia escolhido em (seu) coração, restaurou para Ningirsu sua cervejaria. O deus de Enannatum, o homem que restaurou a cervejaria de Ningirsu, é Shulutula.

23. URUKAGINA DE LAGASH (rótulo de argila em forma de azeitona)

O nome (deste rótulo de argila) é — Ningirsu falou (favoravelmente) com Bau no templo de Erech sobre o bem-estar de Urukagina.

24. URUKAGINA DE LAGASH (cones)

Para Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, Urukagina, o rei de Lagash, construiu o palácio Tirash; construiu o Antasurra para ele; construiu a casa de Bau para ela (Bau); construiu o Bursag, sua casa *sadug* para ele (Ningirsu); construiu o estábulo de tosquia de ovelhas na "Cidade Santa" para ela (Bau); cavou para Nanshe o Idninadu ("o-canal-que-vai-para-Nina"), seu amado canal, (e) fez seu reservatório semelhante ao meio do oceano para ela; construiu a muralha de Girsu para ele (Ningirsu).

Antigamente, desde os dias de outrora, desde o dia em que a semente (do homem) surgiu, o homem encarregado dos barqueiros apoderou-se dos barcos. O pastor-chefe apoderou-se dos jumentos. O pastor chefe apoderou-se das ovelhas. O homem encarregado da pesca apoderou-se da pesca. As rações de cevada dos sacerdotes *guda* eram medidas (em seu prejuízo) no Ashte (presumivelmente o armazém do *ensi*). Os pastores das ovelhas de lã tinham de pagar prata (ao *ensi*) pela tosquia das ovelhas brancas. O homem encarregado dos agrimensores, o chefe *gala*, o *agrig*, o homem encarregado dos cervejeiros (e) todos os *ugulas* tinham de pagar prata pela tosquia dos cordeiros *gaba*. Os bois dos deuses aravam as plantações de cebola do *ensi*, (e) os campos de cebola (e) pepino do *ensi* estavam localizados nos melhores campos do deus. Os jumentos *birra* (e) os bois premiados do *sanga* eram levados (presumivelmente como impostos para o *ensi*). Os atendentes do *ensi* dividiam a cevada do *sanga* (em detrimento do *sanga*). As vestimentas (aqui segue uma lista de quinze objetos, principalmente vestimentas, a maioria das quais não identificáveis) do *sanga* eram levadas como imposto (para o palácio do *ensi*). O *sanga* (encarregado) de (fornecer)

alimentos derrubava as árvores no jardim da mãe indigente e levava os frutos.

Aquele que trazia o morto ao cemitério (para sepultamento) — sua cerveja (ou seja, a cerveja que recebia em troca) era de 7 jarros (e) seus pães (de forma) eram 420. O . . (um oficial não identificado) recebia 2 *ul* de cevada *hazi*, 1 vestimenta, 1 suporte de cabeça (e) 1 cama. O *ludimma* recebia 1 (*ul*) de cevada.

Aquele que trazia um cidadão para descansar entre os juncos de Enki — sua cerveja era de 7 jarros (e) seus pães (de forma) eram 420. O . . (um oficial não identificado) recebia 2 *ul* de cevada, 1 cama (e) 1 cadeira. O *ludimma* recebia 1 (*ul*) de cevada.

Os artesãos tinham que mendigar por seu pão (literalmente, "pegavam o pão da súplica"). Os aprendizes tinham que levar as sobras de comida (?) do grande portão.

As casas do *ensi* (e) os campos do *ensi*, as casas do harém (do palácio) e os campos do harém (do palácio), as casas do berçário (do palácio) (e) os campos do berçário (do palácio) aglomeravam-se lado a lado. Das fronteiras de Ningirsu até o mar, havia o cobrador de impostos.

Se o servo do rei cavasse um poço na parte mais alta de seu campo, ele capturava um cego (para tirar água e, presumivelmente, não lhe fornecia comida e bebida adequadas). Ele (o servo do rei) capturava um cego para obter a água do *mushdu* que havia no campo (presumivelmente para drená-la, se necessário, e não lhe fornecia comida e bebida adequadas).

Essas eram as práticas (sociais) de antigamente.

(Mas) quando Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, entregou o reinado de Lagash a Urukagina, (e) sua mão (de Ningirsu) o agarrou dentre a multidão (literalmente, "36.000 homens"); então ele (Ningirsu) ordenou (literalmente, "estabeleceu para") ele os decretos (divinos) de antigamente.

Ele (Urukagina) manteve-se fiel à palavra que seu rei (Ningirsu) lhe disse. Ele proibiu (literalmente, "expulsou") o homem encarregado

dos barqueiros de (apreender) os barcos. Ele proibiu os pastores-chefes de (apreender) os jumentos e as ovelhas. Ele proibiu o homem encarregado da pesca de (apreender) os peixes. Ele proibiu o homem encarregado do armazém de (medir) a ração de cevada dos sacerdotes *guda*. Ele proibiu o oficial de justiça de (receber) a prata (paga pela tosquia) das ovelhas brancas e dos cordeiros *gaba*. Ele proibiu os oficiais de justiça de receberem o imposto (isto é, cobrado) dos *sangas* que (costumavam) ser levados (para o palácio).

Ele fez de Ningirsu rei das casas do *ensi* (e) dos campos do *ensi*. Ele fez de Bau rainha das casas do harém (do palácio) (e) dos campos do harém (do palácio). Ele fez de Shulshaggana rei das casas do berçário (do palácio) (e) dos campos do berçário (do palácio). Das fronteiras de Ningirsu até o mar, não havia cobrador de impostos.

Aquele que trazia os mortos ao cemitério (para enterro) — sua cerveja era (apenas) 3 jarros (e) seus pães (de forma) eram (apenas) 80. O . . (um oficial não identificado) recebia (apenas) 1 cama (e) 1 suporte de cabeça. O *ludimma* recebia (apenas) 3 *ban* (½ de um *ul*) de cevada. Aquele que trazia um cidadão (para descansar) entre os juncos de Enki — sua cerveja era (apenas) 4 jarros e seus pães (de forma) eram (apenas) 240. O . . (um oficial não identificado) recebia (apenas) 1 *ul* de cevada. O *ludimma* recebia (apenas) 3 *ban* de cevada. O *nindingir* recebia 1 faixa de cabeça de mulher e 1 *sila* de manteiga.

(Neste ponto, o texto registra uma reforma que parece ser uma inovação e não uma retificação de um abuso anterior: várias quantidades e tipos de pão e cerveja deveriam ser dados como uma ração permanente a pessoas como o sacerdote *gala* de Girsu e o sacerdote *gala* de Lagash, bem como aos outros sacerdotes *gala*, às guildas de artesãos, a funcionários não identificáveis da cidade de Nina, a certos trabalhadores cegos e a outros trabalhadores. Em seguida, o texto continua com as reformas de abusos anteriores:)

Ele dispensou (a necessidade de) os aprendizes (de pegar) as sobras de comida (?) do portão. Dispensou (a necessidade de) os artesãos mendigarem por seu pão. O *sanga* (encarregado) de (fornecer)

alimentos não (ousava) entrar no jardim da mãe indigente (com o propósito de derrubar as árvores e levar os frutos).

Ele (Urukagina) (também) promulgou (estas duas ordenanças): (1) Quando um bom jumento nasce de um servo do rei, (e) seu supervisor lhe diz: "Quero comprá-lo de você", e quando ele (o supervisor) está prestes a comprá-lo dele, ele (o servo do rei) diz a ele (o supervisor): "Pague-me o quanto eu achar justo" (literalmente, "Pese para mim a prata que agrada ao meu coração"), então quando ele se recusa a vendê-lo (literalmente, "não deixa que seja comprado dele"), o supervisor não deve coagi-lo a fazê-lo (literalmente, "ele não deve bater nele" para forçar seu consentimento). (2) Quando a casa do servo de um rei estava próxima da casa de um "grande homem" (e) esse "grande homem" lhe dissesse: "Quero comprá-la de você", e se quando ele (o "grande homem") estivesse prestes a comprá-la, ele (o servo do rei) dissesse: "Pague-me o quanto eu achar justo" ou "Pague-me em cevada equivalente à minha casa", então quando ele se recusasse a vendê-la, esse "grande homem" não deve coagi-lo a fazê-lo.

Ele (Urukagina) anistiou os "cidadãos" (literalmente, "os filhos") de Lagash que (estavam presos por causa das) dívidas (que eles) haviam contraído, (ou por causa das) quantias (de grãos reivindicadas pelo palácio como suas) devidas, (ou por causa da) cevada (reivindicada pelo palácio para seus) estoques, (ou por causa de) roubo (ou) assassinato, e os libertou.

(Finalmente) Urukagina fez um pacto com Ningirsu de que um homem poderoso não deveria cometer (injustiça) contra um órfão ou uma viúva.

Durante este ano, ele (Urukagina) cavou para Ningirsu o pequeno canal pertencente (?) a Girsu (literalmente, talvez, "que Girsu tem"); deu-lhe seu antigo nome (ou talvez, inversamente, deixou de lado seu antigo nome), chamando-o de "Ningirsu-que-é-poderoso-de-Nippur". Ele o uniu ao canal Ninadu, (dizendo) "Que o canal puro, cujo 'coração' é brilhante, traga água limpa para Nanshe".

25. URUKAGINA DE LAGASH (cone)

(Esta inscrição começa com uma lista das atividades de construção realizadas por Urukagina em Lagash para suas numerosas divindades. Após a lista, ela continua com as reformas dos numerosos abusos praticados na Suméria antes de sua época.)

Naquela época, quando Ningirsu, o principal guerreiro de Enlil, entregou o reinado de Girsu a Urukagina, (e) sua mão (de Ningirsu) o agarrou dentre a multidão (literalmente, "36.000 homens"), então ele (Urukagina) [libertou] os lagashitas (dos seguintes abusos):

O homem encarregado do barqueiro costumava apreender os barcos. O pastor chefe costumavam apreender os jumentos e as ovelhas. O homem encarregado da pesca costumava apreender a pesca. As rações de cevada dos sacerdotes *guda* costumavam ser medidas (em seu desfavor) em Ashte. Os pastores das ovelhas de lã costumavam pagar em prata pela tosquia das ovelhas brancas. Todos os funcionários, como o encarregado dos agrimensores, o chefe *gala*, o encarregado dos cervejeiros, o *agrig* e os *ugulas*, costumavam pagar em prata pela tosquia dos cordeiros *gaba*.

(Após uma pequena lacuna, a inscrição continua da seguinte forma:)

O *sanga* (encarregado) de (fornecer) alimentos não (ousou) entrar no jardim da mãe indigente, não derrubou as árvores de lá, (e) não levou os frutos.

Aquele que trazia o morto ao cemitério (para sepultamento) — sua cerveja era (apenas) 3 jarros (e) seus pães (de forma) eram (apenas) 80. O . . (um oficial não identificado) recebia (apenas) 1 cama (e) 1 suporte de cabeça. O *ludimma* recebia (apenas 1) *ban* de cevada. Aquele que trazia um cidadão (para descansar) entre os juncos de Enki — sua cerveja era (apenas) 4 jarros e seus pães (de forma) eram (apenas) 240. O . . (um oficial não identificado) recebia (apenas) 1 *ul* de cevada. O *ludimma* recebia (apenas) 3 *ban* de cevada.

Das casas do *ensi*, dos campos do *ensi*, (e) das posses do *ensi* — Ningirsu era (agora) o rei. Das casas do harém (do palácio), dos campos do harém (do palácio), (e) das posses do harém (do palácio) — Bau era (agora) a rainha. Das casas do berçário (do palácio), dos campos do

berçário (do palácio), (e) das posses do berçário (do palácio) — Shulshaggana era (agora) o rei.

(Aqui segue a inovação descrita no documento anterior. Em seguida, o texto continua com a reforma dos abusos anteriores:)

Ele dispensou (a necessidade de) os aprendizes (de pegar) as sobras de comida (?) do portão. Dispensou (a necessidade de) os artesãos mendigarem seu pão.

Os "cidadãos" (literalmente, "filhos") de Lagash que (foram presos por causa) das dívidas (que) haviam contraído, (ou por causa) das quantidades (de grãos reivindicadas pelo palácio como suas) devidas, (ou por causa) da cevada (reivindicada pelo palácio para seus) estoques, (ou por causa) de roubo (ou) assassinato — Urukagina, que havia recebido o reinado de Girsu, os libertou.

26 URUKAGINA DE LAGASH (placa oval)

(Após uma grande lacuna, o texto começa com a descrição de um abuso cujo significado é bastante obscuro. Diz o seguinte:)

Se ovelhas fossem compradas, o homem (influente) costumava levar consigo as melhores delas.

(O texto então continua:) as rações de cevada dos sacerdotes *guda* eram medidas (em seu desfavor) no Ashte. (De fato) seus depósitos de ração de cevada eram construídos no Ashte, (e) eram . . .

Se os *agrigs*, os *ugulas*, (e) os *galas*, os lavradores, (e) os homens encarregados da cervejaria trouxessem ovelhas com lã para o palácio (e) as tosquiassem lá, (e) se as ovelhas fossem brancas, eles tinham que pagar 5 shekels de prata pela lã da ovelha (literalmente, "sua lã") que havia sido trazida ao palácio.

Os bois dos deuses aravam as plantações de cebola do *ensi*, (e) os campos de cebola e pepino do *ensi* estavam localizados nos melhores campos do deus.

(Grande lacuna)

Se o servo de um rei capturasse um cego pela água de *mushdu* que está no campo, ele lhe daria para comer (nada além) das sobras de comida (?); nem lhe daria água para beber; nem daria água para beber ao jumento (usado pelo cego).

Se o filho de um homem pobre construísse um viveiro de peixes, o homem (influente) tiraria os peixes, (e) esse homem ficaria impune.

Se um homem se divorciasse de sua esposa, o *ensi* receberia 5 shekels de prata e o *sukkalmah* receberia 1 shekel de prata. Se um perfumista (?) preparasse um óleo para a "cabeça" (?), o *ensi* receberia 5 shekels de prata, o *sukkalmah* receberia 1 shekel de prata, (e) o *abgal* receberia 1 shekel de prata.

(Segue-se a descrição de um abuso que é obscuro porque o texto é fragmentário. Em seguida, após uma grande lacuna, o texto continua com as reformas que podem ser restauradas em parte da seguinte forma:)

Se um homem se divorciasse de sua esposa, nem o *ensi* nem o *sukkalmah* recebiam prata (em pagamento). Se um perfumista (?) preparasse um óleo para a "cabeça" (?), nem o *ensi*, nem o *sukkalmah*, nem o *abgal* recebiam prata (em pagamento).

Se o filho de um homem pobre construísse um viveiro de peixes, o homem (influente) não (ousava) roubar os peixes.

O ladrão era apedrejado com pedras (nas quais estava inscrita sua má intenção). Os pertences perdidos (quando encontrados ou recuperados de um ladrão) eram pendurados no grande portão (onde poderiam ser reclamados pelo legítimo dono).

Se uma mulher dissesse a um homem ". . . ." (infelizmente, o texto é ininteligível neste ponto crucial), seus dentes eram esmagados com tijolos queimados, (e) esses tijolos queimados (nos quais sua culpa estava inscrita) eram pendurados no grande portão (para todos verem). As mulheres de antigamente costumavam ter dois maridos, (mas) as mulheres de hoje (se tentassem isso) eram apedrejadas com pedras (nas quais estavam inscritas suas más intenções).

(Após uma reforma relacionada a vários tipos de videntes e adivinhos cujo texto é fragmentário e ininteligível, há uma grande lacuna. O texto continua em meio à recapitulação da luta entre Umma e Lagash, conforme narrada no cone de Entemena [ver inscrição votiva nº 14] e conclui com um resumo das atividades de construção de Urukagina (?).)

27. UKUKAGINA DE LAGASH (tabuleta)

O Ummaíta incendiou a Ekisurra. Incendiou a Antasurra, roubou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Colocou as mãos no palácio Tirash. Colocou as mãos no Abzubanda. Colocou as mãos no santuário (ou talvez, "palácio") de Enlil (e) no santuário (ou talvez, "palácio") de Utu. Colocou as mãos no Ahush, roubou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Colocou as mãos no Ebabbar, roubou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Colocou as mãos na *giguna* (da deusa) Ninmah do bosque sagrado, roubou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Colocou as mãos no Bagara, roubou seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele incendiou o Dukuru, levou consigo seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Colocou as mãos no Abzu dos canais. Ele incendiou a casa de Gatumdug, levou consigo seu metal precioso (e) lápis-lazúli, destruiu suas estátuas. Ele incendiou o Ibgal-Eanna de Inanna, levou consigo seu metal precioso (e) lápis-lazúli, destruiu suas estátuas. Colocou as mãos em Shapada, levou embora seu metal precioso (e) lápis-lazúli. No Henda ele derrubou o . . . Colocou as mãos em Kiab (e) a casa de Nindar, levou embora seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele incendiou Kinunir (e) a casa de Dumuzi-Abzu, levou embora seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Ele incendiou a casa de Lugaluru, levou embora seus metais preciosos (e) lápis-lazúli. Colocou as mãos em E-engurra de Nanshe, levou embora seu metal precioso (e) lápis-lazúli. Colocou as mãos em . . (e) a casa de Amageshtin — da (estátua) da (deusa) Amageshtin ele levou embora seu metal precioso (e) lápis-lazúli, jogou-a (a estátua) em seu poço (isto é, o poço da casa de Amageshtin). Ele arruinou a cevada do campo de Ningirsu, tanto quanto havia sido arada.

Como o Ummaíta destruiu os tijolos de Lagash, ele cometeu um pecado contra Ningirsu; ele (Ningirsu) cortará as mãos que foram levantadas (?) contra ele. Esse não é o pecado de Urukagina, o rei de Girsu. Que Nidaba, a deusa (pessoal) de Lugalzaggesi, a *ensi* de Umma, faça com que ele (Lugalzaggesi) carregue todos (estes) pecados.

28. LUGALZAGGESI (vaso)

Enlil, o rei de todas as terras — para Lugalzaggesi, o rei de Erech, o rei da Terra (isto é, Suméria), o *ishib* de An, o *lumah* de Nidaba, o filho de Uu, o *ensi* de Umma (e) o *lumah* de Nidaba, para quem An, o rei de todas as terras, olhava fixamente, o grande *ensi* de Enlil, a quem Enki deu entendimento, cujo nome Utu havia pronunciado, o grande *sukkal* de Sin, o *shakannak* de Utu, o sustento de Inanna, filho nascido de Nidaba, que é constantemente nutrido por Ninhursag com (seu) leite, o "homem" de (o deus) Messanga-Unugga, o filho adotivo de (a deusa) Ninabuhadu, a rainha de Erech, o sublime *agrig* dos deuses.

Quando Enlil, o rei de todas as terras, deu a realeza da Terra a Lugalzaggesi, dirigiu a ele os olhos (de todo o povo) da Terra de leste a oeste (literalmente, "do nascer do sol ao pôr do sol"), prostrou-se (todo o povo) para ele — então (todo o povo) do mar inferior, ao longo do Tigre (e) Eufrates até o mar superior dirigiu seus pés em sua direção; de leste a oeste, Enlil não lhe deu rival; (o povo de) todas as terras jazem (pacificamente) no prado sob seu governo (literalmente, "sob ele"); a Terra se alegrou sob seu governo; todos os chefes da Suméria (e) os *ensis* de todas as terras estrangeiras se curvaram diante dele em Erech de acordo com o *me* do principado.

Naquela época, Erech passava seus dias em grande alegria. Ur, como um touro, erguia a cabeça para o céu. Larsa, a amada cidade de Utu, soltava gritos de alegria. Umma, a amada cidade de Shara, "ergueu o braço altivo". Zabalam fazia as muralhas ecoarem (com gritos de alegria) como a ovelha cujo cordeiro lhe foi devolvido. Der "ergueu o pescoço para o céu".

Lugalzaggesi, o rei de Erech, o rei da Terra, dedicou, por sua vida, vários vasos a Enlil, seu amado rei; nestes ele trouxe grandes oferendas

de alimentos a Enlil, seu rei, em Nippur, (e) deles ele derramou libações de água doce — com (esta) inscrição: "Que Enlil, o rei das terras, implore por mim diante de An, seu amado pai; que ele adicione 'vida à minha vida'; sob meu governo (literalmente, "sob mim") que as terras fiquem pacificamente nos prados; que toda a humanidade prospere como plantas e ervas; que os currais de An aumentem; que (o povo da) Terra olhe para uma 'terra justa'; a boa fortuna que (os deuses) decretaram para mim, que eles nunca se alterem; (e) por toda a eternidade que eu seja o principal (?) pastor."

29. SARGÃO (tabuleta)

Sargão, rei da Acádia, o *mashkim* de Inana, rei de Kish, o sacerdote *guda* de An, rei da Terra, o grande *ensi* de Enlil, devastou a cidade de Erech, destruiu suas muralhas; lutou com os homens de Erech e os conquistou; lutou com Lugalzaggesi, rei de Erech, fez dele prisioneiro (e) o trouxe num tronco pelo pescoço até o portão de Enlil.

Sargão, rei da Acádia, lutou com os homens de Ur, os conquistou, devastou sua cidade e destruiu suas muralhas; devastou E-Ninmar, destruiu suas muralhas e devastou seu território desde Lagash até o mar; lavou suas armas no mar; lutou com os homens de Umma, os conquistou, devastou sua cidade e destruiu suas muralhas.

A Sargão, o rei da Terra, Enlil não deu rival; (de fato) Enlil lhe deu todo o território, desde o mar de cima até o mar de baixo. Os acadianos (literalmente, "filhos de Acádia") dominavam a *ensi*-dade (em todos os lugares), desde o mar baixo até o mar de cima; os homens de Mari (e) os homens de Elam serviam a Sargão, o rei da Terra (como seu senhor).

Sargão, o rei da Terra, restaurou Kish (e) deu aquela cidade a eles (os homens de Kish) como morada.

Quem destruir esta inscrição — que Utu arranque seus alicerces (debaixo dele); que o despoje de sua semente.

A INSCRIÇÃO DO PEDESTAL (DA ESTÁTUA)

30 SARGÃO (tabuleta)

Sargão, o rei de Kish, triunfou em trinta e quatro batalhas (sobre as cidades) até a beira do mar (e) destruiu suas muralhas. Ele fez os navios de Meluhha, os navios de Magan (e) os navios de Dilmun atracarem no cais de Agade.

Sargão, o rei, prostrou-se diante de Dagan (e) suplicou-lhe; (e) ele (Dagan) lhe deu as terras altas, (ou seja) Mari, Yarmuti (e) Ibla, até a Floresta de Cedros (e) até a Montanha de Prata.

Sargão, o rei, a quem Enlil não permitiu rival — 5.400 guerreiros comiam pão diariamente diante dele.

Quem destruir esta inscrição — que An destrua seu nome; que Enlil extermine sua semente; que Inana . . . ..

31. RIMUSH (tabuleta)

[Desde os dias de outrora] ninguém havia feito uma estátua de chumbo, (mas) Rimush, o rei de Kish, mandou fazer uma estátua sua de chumbo. Ela estava diante de Enlil; (e) recitou (?) suas virtudes (de Rimush) no *idu* dos deuses.

Quem destruir esta inscrição — que Enlil (e) Utu arranquem seus alicerces (debaixo dele); que o despojem de sua semente.

A INSCRIÇÃO DE . . . .

32. NAMMAHNI DE UMMA (prego de argila)

Naquela época em que Yarlagan era rei de Gutium, Nammahni, o *ensi* de Umma, construiu para (a deusa) Ninurra, a mãe de Umma, sua antiga casa e a restaurou.

33. UTUHEGAL (tabuleta)

ENLIL — Enlil, o rei de todas as terras, encarregou Utuhegal, o homem poderoso, o rei de Erech, o rei dos quatro cantos (do mundo), o rei cujo comando ninguém pode contestar, de destruir o nome de Gutium, a serpente (e) o escorpião da montanha, que ergueu o braço contra os deuses, que levou o reinado da Suméria para a terra (estrangeira), que encheu a Suméria de inimizade, que separou a esposa daquele que tinha uma esposa, que separou o filho daquele que tinha um filho, (e) estabeleceu inimizade (e) rebelião na Terra.

(Então) ele (Utuhegal) foi até Inanna, sua rainha, (e) suplicou a ela: “Minha rainha, leoa em batalha, que ataca todas as terras (estrangeiras)! Enlil me encarregou de trazer de volta a realeza da Suméria. Seja minha aliada (nisso)! Tirigan, o rei de Gutium, repartiu

(?) o . . de . . . .. (Embora) ninguém tenha marchado contra ele, ele tomou o Tigre e o litoral. Na Suméria, ele fechou os campos abaixo, fechou as estradas acima. Ele fez as ervas daninhas crescerem nas estradas da Terra."

Utuhegal, o rei a quem Enlil concedeu poder, a quem Inanna havia escolhido em seu coração, o homem poderoso, marchou de Erech para a batalha contra ele (Tirigan). Na casa de (o deus) Ishkur, ele fez uma oferenda (?) (e) disse à sua cidade: "Enlil me deu Gutium; Inanna, minha rainha, como minha aliada, entregou meu destino aos cuidados de Dumuzi, o *ama-ushumgal* do céu, e me deu Gilgamesh, o filho de (a deusa) Ninsun, como um *mashkim*."

Os cidadãos de Erech (e) os cidadãos de Kullab (um distrito de Erech) estavam cheios de alegria. Como um só homem, (o povo de) sua cidade o seguiu, (e) ele comandou as tropas escolhidas (?) (dentre eles).

Depois de partir da casa de Ishkur, ele fez uma oferenda (?) no quarto dia no *nagsu* do (o rio) Iturungal; no quinto dia, ele fez uma oferenda (?) no santuário da deusa Ilitabba. Ele capturou Ur-Ninazu (e) Nabi-Enlil, os *shakannaks* de Tirigan, que ele havia enviado à Suméria como embaixadores, (e) colocou "troncos" de madeira em suas mãos.

Depois que ele (Utuhegal) partiu do santuário de Ilitabba, no sexto dia ele fez uma oferenda (?) em Muru; ele foi até Ishkur (e) suplicou a ele: "Ishkur, Enlil me deu armas. Seja meu aliado (nisso)!"

Naquela mesma noite, ... ; ele foi até Utu (e) suplicou a ele: "Utu, Enlil me deu Gutium. Seja meu aliado (nisso)!"

Naquele (?) lugar, Gutium reuniu (?) suas (?) forças (?) (e) enviou tropas contra ele. Utuhegal, o homem poderoso, os conquistou (e) fez os seus *shakannaks* prisioneiros.

Então Tirigan, o rei de Gutium, fugiu sozinho de volta (para Gutium). Em Dubrum, onde se refugiou, foi tratado com gentileza (?). (Mas) como os homens de Dubrum sabiam que Utuhegal era o rei a quem Enlil havia concedido poder, não libertaram Tirigan. O enviado de Utuhegal fez Tirigan (e) sua família prisioneiros em Dubrum, colocou "troncos" de madeira em suas mãos, (e) vendou (?) seus olhos. Ele

(Tirigan) foi (então) levado perante Utuhegal, jogou-se a seus pés, (e) ele (Utuhegal) colocou o pé em seu pescoço. Ele (então) prostrou-se (?) e . . . . Gutium, o escorpião (e) a serpente da montanha, removeu (?) o . . . . de (?) seu território, (e assim) devolveu a realeza à Suméria.

34. UB-BAU DE LAGASH (estátua)

Para Ningirsu, o poderoso guerreiro de Enlil, Ur-Bau, o *ensi* de Lagash, filho de Ninagal, a quem Nanshe escolheu em seu coração, a quem Ningirsu concedeu poder, a quem Bau chamou por um bom nome, a quem Enki deu entendimento, a quem Inanna concebeu (em sua mente), o amado servo de Lugaluru, o amado de Dumuzi-Abzu —

Eu, Ur-Bau, cavei para Ningirsu, meu rei, o . . solo até . . *ells* de profundidade; seu monte (isto é, o monte da terra escavada), eu esmaguei (?) como pedra, queimei (?) como metal, espalhei (?) para fora (literalmente, "transformei-o em 'terra ampla'") como *ninda*, devolvi aquela terra (escavada) ao seu meio (isto é, à área que havia sido escavada), (e) amontoei a fundação de terra. Sobre esta (fundação) construí uma plataforma de 10 *ells* de altura, (e) na plataforma que construí para ele (Ningirsu) o Eninnu-Nigibarbar de 12 *ells* (de altura).

Para Ninhursag, a mãe dos deuses, construí sua casa Girsu. Para Bau, a graciosa dama, filha de An, construí sua casa Urukuga. Para Inanna, a sagrada e principesca rainha, construí sua casa Uru. Para Enki, o rei de Eridu, construí sua casa Girsu. Para Nindara, o rei (e) *en*, construí sua casa. Para Ninagal, sua deusa, construí sua casa. Para Ninmar, a graciosa dama, a filha mais importante de Nanshe, construí o Eshgutur, a casa que ela escolheu em seu coração. Para Ensignun, o pastor de jumentos de Ningirsu, construí sua casa "jumento premiado". Para Geshtinanna, o todo-poderoso (?) (literalmente, talvez, "maior que o ar"), construí sua casa Girsu. Para Dumuzi-Abzu, o senhor de Kinunir, construí sua casa Girsu.

35. SINGASHID DE EBECH (prego de argila)

Para Lugalbanda, seu deus, (e) para Ninsun, sua mãe, Singashid, rei de Erech, rei de Amnanum, sustento de Eanna, na época em que construiu Eanna, (também) construiu o Ekikal, sua casa de habitação, na qual seus corações se alegraram.

Durante seu reinado — seus anos foram anos de grande prosperidade — 3 *gur* de cevada, 12 *minas* de lã, 10 *minas* de cobre (e) $^{1}/_{10}$ de *gur* de óleo, cada um vendido por 1 shekel de prata, de acordo com o (extraordinariamente baixo) preço de mercado (vigente) em sua terra.

APÊNDICE D

D. AMOSTRA DE FORMULAS DE DATA

“Ano (em que) Sargão destruiu Adab (?)”	Sargão, número do ano desconhecido.
“Ano (em que) Naram-Sin destruiu Sabum”	Naram-Sin, número do ano desconhecido.
“Ano (em que) Pirig-midashu, filha do rei, foi elevada à soberania de Marhashi”	Naram-Sin, número do ano desconhecido
“Ano (em que) os cidadãos de Ur foram organizados como lanceiros”	Shulgi, ano 17.
“Ano (em que) Ganhar foi destruída”	Shulgi, ano 19.
“Ano (em que) Simurum foi destruída”	Shulgi, ano 25.
“Ano (em que) Simurum foi destruída pela segunda vez”.	Shulgi, ano 26.
“Ano (em que) Simurum e Lulubum foram destruídos pela nona vez”	Shulgi, ano 27.
“Ano (em que) Kimash, Humurtu e a região circundante foram destruídas em um dia”	Shulgi, ano 45.
“Ano (em que) Shu-Sin, o rei de Ur, construiu o muro ocidental (chamado de) ‘Muriq-Tidnim’”	Shulgi, ano 47.
“Ano (em que) Ibbi-Sin, o rei de Ur, devastou como uma tempestade Susa, Adamdun e a terra de Awan, subjugando-as em um dia e levou seus *ens* cativos”	Shu-Sin, ano 4.

APÊNDICE E

E. LISTA DOS REIS SUMÉRIOS

Depois que a realeza desceu do céu, Eridu tornou-se (a sede) da realeza. Em Eridu, Alulim reinou por 28.800 anos como rei; Alalgar reinou por 36.000 anos — dois reis reinaram por 64.800 anos. Eridu foi abandonada (e seu reinado foi levado para Bad-tibira).

Em Bad-tibira, Enmenluanna reinou por 43.200 anos; Enmengalanna reinou por 28.800 anos; Dumuzi, o pastor, reinou por 36.000 anos — três reis reinaram por 108.000 anos. Bad-tibira foi abandonada, (e) seu reinado foi levado para Larak.

Em Larak, Ensipazianna reinou por 28.800 anos — um rei reinou por 28.800 anos. Larak foi abandonada, (e) seu reinado foi levado para Sippar.

Em Sippar, Enmeduranna reinou por 21.000 anos como rei — um rei reinou por 21.000 anos. Sippar foi abandonada, (e) seu reinado foi levado para Shuruppak.

Em Shuruppak, Ubartutu reinou por 18.600 anos como rei — um rei reinou por 18.600 anos.

(Total) cinco cidades, oito reis reinaram por 241.200 anos.

O dilúvio então varreu (a terra). Depois que o dilúvio varreu (a terra) e a realeza desceu do céu (pela segunda vez), Kish tornou-se (a sede) da realeza. Em Kish, Gaur reinou 1.200 anos como rei; Gulla-Nidaba-annapad reinou 960 anos; Palakinatim reinou 900 anos; Nangishlishma reinou . . . . anos; Bahina reinou . . . . anos; Buanum reinou 840 anos; Kalibum reinou 960 anos; Galumum reinou 840 anos; Zukakip reinou 900 anos; Atab reinou 600 anos; Mashda, filho de Atab,

reinou 840 anos; Arurim, filho de Mashda, reinou 720 anos; Etana, o pastor, aquele que ascendeu ao céu, que tornou firmes todas as terras, reinou 1.560 anos como rei; Balih, filho de Etana, reinou 400 anos; Enmenunna reinou 660 anos; Melam-Kish, filho de Enmenunna, reinou 900 anos; Barsalnunna, filho de Enmenunna, reinou 1.200 anos; Meszamug, filho de Barsalnunna, reinou 140 anos; Tizkar, filho de Meszamug, reinou 305 anos; Ilku reinou 900 anos; Iltasadum reinou 1.200 anos; Enmebaraggesi, aquele que feriu as armas da terra de Elam, reinou 900 anos como rei; Agga, filho de Enmebaraggesi, reinou 625 anos. (Total) vinte e três reis reinaram por 24.510 anos, 3 meses e 3 dias e meio. Kish foi derrotada (em batalha), (e) seu reinado foi levado para Eanna.

Em Eanna, Meskiaggasher, o filho do (deus-sol) Utu reinou (tanto) como *en* (e) rei por 324 anos — Meskiaggasher entrou no mar (e) subiu as montanhas; Enmerkar, o filho de Meskiaggasher, o rei de Erech que construiu Erech, reinou 420 anos como rei; Lugalbanda, o pastor, reinou 1.200 anos; Dumuzi, o pescador, cuja cidade era Kua, reinou 100 anos; Gilgamesh, cujo pai era um nômade (?), reinou 126 anos; Urnungal, o filho de Gilgamesh, reinou 30 anos; Udulkalamma, o filho de Urnungal, reinou 15 anos; Labasher reinou 9 anos; Ennundaranna reinou 8 anos; Meshede reinou 36 anos; Melamanna reinou 6 anos; Lugalkidul reinou 36 anos. (Total) doze reis reinaram por 2.310 anos. Erech foi derrotada (em batalha), (e) seu reinado foi levado para Ur.

Em Ur, Mesannepadda reinou por 80 anos; Meskiagnunna, filho de Mesannepadda, reinou por 36 anos; Elulu reinou por 25 anos; Balulu reinou por 36 anos. (Total) quatro reis reinaram por 177 anos. Ur foi derrotada (em batalha), (e) seu reinado foi levado para Awan.

(Em Awan, houve três reis que reinaram por 356 anos, mas seus nomes foram em grande parte destruídos; o texto continua:) Awan foi derrotada (em batalha), (e) seu reinado foi levado para Kish.

Em Kish . . . . reinou (mais de) 201 anos como rei; Dadasig reinou . . . . anos; Mamagal reinou 420 anos; Kalbum, filho de Mamagal, reinou 132 anos; Tuge reinou 360 anos; Mennumna reinou 180 anos; Lugalmu reinou 420 anos; Ibbi-Ea reinou 290 (?) anos. (Total) oito reis reinaram

por 3.195 anos. Kish foi derrotada (em batalha), (e) seu reinado foi levado para Hamazi.

Em Hamazi, Hadanish reinou 360 anos. (Total) um rei reinou por 360 anos. Hamazi foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Erech.

Em Erech . . . . reinou 60 anos como rei; Lugalure reinou 120 anos; Argandea reinou 7 anos. (Total) três reis reinaram por 187 anos. Erech foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Ur.

Em Ur (os nomes dos governantes da Segunda Dinastia de Ur, que eram quatro e provavelmente reinaram por 116 anos, foram destruídos). Ur foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Adab.

Em Adab, Lugalannemundu reinou 90 anos como rei. (Total) um rei reinou por 90 anos. Adab foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Mari.

Em Mari, Ilshu reinou 30 anos como rei; . . , o filho de Ilshu reinou 17 anos; . . reinou 30 anos; . . reinou 20 anos; . . reinou 30 anos; . . reinou 9 anos. (Total) seis reis reinaram por 136 anos. Mari foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Kish.

Em Kish, Ku-Bau, o estalajadeiro, aquele que firmou os alicerces de Kish, reinou 100 anos como "rei". (Total) um rei reinou 100 anos. Kish foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Akshak.

Em Akshak, Unzi reinou 30 anos como rei; Undalulu reinou 12 anos; Urur (talvez possa ser lido como Zuzu) reinou 6 anos; Puzur-Nirah reinou 20 anos; Ishu-Il reinou 24 anos; Shu-Sin, filho de Ishu-Il, reinou por 7 anos. (Total) seis reis reinaram por 99 anos. Akshak foi derrotada (e) seu reinado foi levado para Kish.

Em Kish, Puzur-Sin, filho de Ku-Bau, reinou por 25 anos; Ur-Zababa, filho de Puzur-Sin, reinou por 400 anos. Simudarra reinou por 30 anos; Usiwatar, filho de Simudarra, reinou por 7 anos; Ishtar-Muti reinou por 11 anos; Ishme-Shamash reinou por 11 anos; Nannia, o pedreiro, reinou por 7 anos. (Total) sete reis reinaram por 491 anos. Kish foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Erech.

Em Erech, Lugalzaggesi reinou por 25 anos. (Total) um rei reinou por 25 anos. Erech foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Agade.

Em Agade, Sargão, cujo pai (?) era um jardineiro, o copeiro de Ur-Zababa, o rei de Agade que construiu Agade, reinou 56 anos como rei; Rimush, filho de Sargão, reinou 9 anos; Manishtushu, o irmão mais velho de Rimush, filho de Sargão, governou 15 anos; Naram-Sin, filho de Manishtushu, reinou 56 anos; Sharkalisharri, filho de Naram-Sin, reinou 25 anos. Quem era rei? Quem não era rei? (isto é, um período de anarquia). Igigi, o rei; Nanum, o rei; Imi, o rei; Elulu, o rei — os quatro foram reis (mas) reinaram (apenas) 3 anos. Dudu reinou 21 anos; Shudurul, filho de Dudu, reinou 15 anos. (Total) onze reis reinaram 197 anos. Agade foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Erech.

Em Erech, Urnigin reinou por 7 anos; Urgigir, filho de Urnigin, reinou por 6 anos; Kudda reinou por 6 anos; Puzur-Ili reinou por 5 anos; Ur-Utu reinou por 6 anos. (No total) cinco reis reinaram por 30 anos. Erech foi ferida com armas, (e) seu reinado foi levado pelas hordas de Gutium.

Nas hordas de Gutium, (primeiro reinou) um rei sem nome; (então) Imta reinou 3 anos como rei; Inkishush reinou 6 anos; Sarlagab reinou 6 anos; Shulme reinou 6 anos; Elulumesh reinou 6 anos; Inimbakesh reinou 5 anos; Igeshaush reinou 6 anos; Iarlagab reinou 15 anos; Ibate reinou 3 anos; . . . reinou 3 anos; Kurum reinou 1 ano; . . reinou 3 anos; . . . reinou 2 anos; Irarum reinou 2 anos; Ibranum reinou 1 ano; Hablum reinou 2 anos; Puzur-Sin, filho de Hablum, reinou 7 anos; Iarlaganda reinou 7 anos; . . . reinou 7 anos; . . . reinou 40 dias. (Total) vinte e um reis reinaram 91 anos e 40 dias. As hordas de Gutium foram derrotadas, (e) seu reinado foi levado para Erech.

Em Erech, Utuhegal reinou por 7 anos, 6 meses e 15 dias. (Total) um rei reinou por 7 anos, 6 meses e 15 dias. Erech foi ferida com armas, (e) seu reinado foi levado para Ur.

Em Ur, Ur-Nammu reinou por 18 anos; Shulgi, filho de Ur-Nammu, reinou por 48 anos; Amar-Sin, filho de Shulgi, reinou por 9 anos; Shu-Sin, filho de Amar-Sin (um erro para “filho de Shulgi”), reinou por 9 anos; Ibbi-Sin, filho de Shu-Sin, reinou por 24 anos. (Total) cinco reis reinaram por 108 anos. Ur foi derrotada, (e) seu reinado foi levado para Isin.

Em Isin, Ishbi-Erra reinou 33 anos como rei; Shuilishu, filho de Ishbi-Erra, reinou 10 anos; Idin-Dagan, filho de Shuilishu, reinou 21 anos; Ishme-Dagan, filho de Idin-Dagan, reinou 20 anos; Lipit-Ishtar, filho de Ishme-Dagan, reinou 11 anos; Ur-Ninurta reinou 28 anos; Bur-Sin, filho de Ur-Ninurta, reinou 21 anos; Lipit-Enlil, filho de Bur-Sin, reinou 5 anos; Erraimitti reinou 8 anos; Enlilbani reinou 24 anos; Zambia reinou 3 anos; Iterpisha reinou 4 anos; Urdukuga reinou 4 anos; Sinmagir reinou 11 anos. (Total) quatorze reis reinaram por 203 anos.

APÊNDICE F

F. CARTAS

1. CARTA DE LUENNA PARA ENETARZI

Diga a Enetarzi, o *sanga* de Ningirsu: Assim diz Luenna, o *sanga* da (deusa) Ninmar —

Luenna, o *sanga*, lutou com 600 elamitas que estavam levando despojos (literalmente, "bens removíveis") de Lagash para Elam. Ele derrotou os elamitas e (fez) 540 elamitas (prisioneiros). Ur-Bau, o homem encarregado dos escravos *shubur* (?) e Niglunutum, o *ugula* dos ferreiros, estavam entre eles, (e) eles estão em Eninmar. Ele [Luenna (?) recuperou (?) deles] 5 vasos (?) de prata pura, 20 . . . . , 5 vestes reais, (e) 15 peles de ovelhas para alimentação (isto é, ovelhas criadas para serem comidas em vez de tosquiadas para lã).

Enquanto . . o *ensi* de Lagash viver (e) enquanto Enannatum-sipad-zi, o *agrig*, viver, seus . . . . serão trazidos a Ninmar.

2. CARTA DE ARADMU PARA SHULGI

Fale ao meu rei; assim diz seu servo Aradmu:

O senhor me comissionou para manter em boas condições as estradas da expedição para a terra de Subur, para estabilizar as fronteiras do seu país, para fazer conhecer os costumes do país, para aconselhar os sábios da assembleia contra (?) a "semente imunda (?)" (e) para fazer todos obedientes — para que a palavra do dia pudesse ser trazida às suas bocas. Quando cheguei ao portão do palácio, ninguém pediu a "paz" do meu rei. Aqueles que estavam sentados não se levantaram (e) não se

prostraram. Quando me aproximei (descobri que) ele tinha . . . "a casa da expedição" que havia sido ornamentada com "pentes", "pontas de lança" de ouro e prata, cornalina, (e) coberto de (?) lápis-lazúli . . . ; ele "glorificava" constantemente a prata e o ouro; ele se sentava em um trono colocado altivamente sobre um estrado; Ele colocou o pé sobre um escabelo de ouro (e) não tirou o pé dele. Os oficiais de justiça encarregados (?) de seus escravos (?) — cada um encarregado de 5.000 (homens) — estavam à sua direita (e) à sua esquerda. Ele [serviu-se com (?)] . . . como uma refeição (e) obteve . . . Então fui levado para . . . [Quando entrei] uma cadeira de ouro com um apoio para os pés foi trazida a mim, (e) me disseram para sentar. De acordo com a ordem do meu rei, eu disse: "Permanecerei de pé, não me sentarei". Trouxeram-me 1 boi gordo, 6 ovelhas gordas, (e) . . . ; quando o . . . (e) os oficiais de justiça do meu rei viraram minha mesa, fiquei com medo (e) aterrorizado. O quinto dia do mês de Ezen-Ninazu passou, (e) enviei a você um . . . homem. (Agora) o primeiro dia do mês de Ubiku passou. Meu rei, você me comissionou, (mas) em meio mês (?) . . . se aproxima. Meu rei Shulgi, que você saiba (disso).

3. CARTA DE SHULGI PARA ARADMU

Fale a Aradmu; assim diz seu rei Shulgi:

O homem que você enviou não o lhe serve de auxílio; ele não aceita as instruções de sua mão. Quanto a mim, rogo-lhe, como se estivesse em meu lugar, que estabilize o país, oriente o povo, torne-o obediente e tome (firmemente) o controle das cidades do país. Faça saber a palavra dos seus "grandes homens". Que o meu terror cubra todas as terras estrangeiras. Que o meu grande poder, "o poder do heroísmo", caia sobre as terras estrangeiras. Que o meu Vento Sul cubra a terra. Faça fugir todos os supervisores da planície e todos os vigias (?) dos campos. Enquanto essa "semente imunda (?)" não . . . seu (?) sábio da assembleia. Traga-o diante de você (?), que ele entre diante de você. Se o sábio da assembleia — como eu — não tivesse permanecido em silêncio (?), ele (a "semente imunda (?)") não teria se sentado em um trono colocado altivamente em um estrado; ele não teria colocado o pé

em um escabelo de ouro; ele não teria aterrorizado o *ensi* junto com a *ensi*-dade, o supervisor real com o supervisor real, e não os faria servir (a ele); ele não feriria (e) não machucaria ninguém; o homem para quem ele olha (com favor) não se tornaria forte. É assim que você consolida a terra? Se você me ama, não se junte a ele. Você está envaidecido; você não conhece (meus) oficiais de justiça; tenha em mente a humanidade deles (dos oficiais de justiça) e meu heroísmo. Se você é meu pai e minha mãe, deve falar diante de seus pais . . . Faça-os (o povo de Subur) obedientes; torne firme os alicerces da terra. Isto é urgente.

4. CARTA DE ISHBI-ERRA PARA IBBI-SIN

Fale a Ibbi-Sin, meu rei; assim diz seu servo Ishbi-Erra:

O senhor me encarregou de uma expedição a Isin e Kazallu para comprar grãos. Os grãos atingiram o preço de 1 *gur* por cada (shekel), . . . (e até agora) 20 talentos de prata foram gastos na compra de grãos. Mas agora, tendo ouvido a notícia de que os hostis Martu entraram em seu país, trouxe para Isin os 72.000 *gur* de grãos — todos eles. Agora os Martu — todos eles — entraram no meio da terra (Suméria) (e) tomaram as grandes fortalezas, uma após a outra. Por causa dos Martu, não sou capaz de transportar (?) esses grãos; eles são fortes demais para mim, (e) estou imobilizado. Que meu rei tenha 600 barcos calafetados (com capacidade de) 120 *gur* cada; que ele (?) . . . um barco (de?) 72 . . . ; que ele (?) . . . 50 . . (e) 1 porta (e) . . . barco; e que ele (busque ?) todos (estes) barcos. (Então) que sejam trazidos para o estreito (?) . . . pelo (caminho do) rio, "o rio da montanha", e pelos canais escavados; e eu irei . . . diante dele. Coloque-me no comando dos lugares onde os barcos devem ser atracados, (e) . . . todo o grão será armazenado (?) em boas condições. Se você tiver falta de grão, eu lhe trarei o grão. Meu rei, os elamitas foram enfraquecidos na batalha; seu grão . . . chegou ao fim. Não enfraqueça. Não concorde em se tornar seu escravo, e não ande atrás deles. Eu tenho (suficiente) grão para 15 anos (para saciar) a fome de seu palácio e suas cidades. Meu rei, coloque-me no comando para cuidar de Isin (e) Nippur.

5. CARTA DE PUZUR-NUMUSHDA PARA IBBI-SIN

Fale a Ibbi-Sin, meu rei; assim diz seu servo Puzur-Numushda:

O mensageiro de Ishbi-Erra . . pôs os olhos em mim (dizendo): "Meu rei Ishbi-Erra enviou a (seguinte) mensagem:

'Meu rei Enlil (por) seu comando me deu o pastoreio da terra, (e) Enlil me ordenou que trouxesse diante da deusa Ninisinna as cidades, os deuses e os acampamentos das margens do Tigre e Eufrates, das margens do canal Nunme e as margens do canal Me-Enlil, da terra de Hamazi até o mar de Magan; para estabelecer Isin como o barco *ganun* de Enlil; para fazer com que ele tenha um (grande) nome; para fazer . . ; e para fazer com que suas cidades (da Suméria) sejam habitadas. Por que agora você me resiste? Juro pelo nome de Dagan, meu deus, não tenho nada além de intenções pacíficas para Kazallu. (Quanto às) cidades (e) a terra que Enlil me ordenou (tomar conta), no meio de Isin eu construirei seu . . . ; Eu os farei celebrar suas festas; (e) erguerei em seu *gipar* minha estátua, meu emblema, meu sumo sacerdote, (e) minha alta sacerdotisa. Diante de Enlil no Ekur (e) diante de Nanna (no) Ekishnugal, os filhos de . . . proferirão suas orações. E porque fiz você . . . seu fiel servo de sua terra? Eu construirei a muralha de Isin, (e) chamarei (seu) nome Idilpashunu.'"

Foi exatamente como ele disse; ele construiu a muralha de Isin (e) chamou (seu) nome Idilpashunu. Ele tomou Nippur, colocou guardas sobre ele, e pronunciou (?) todas as ordens (?) — ele tomou Nippur. Ele tomou Zinnum, o *ensi* de Subur, como prisioneiro; saqueou Hamazi; (e) devolveu Narahi, o *ensi* de Eshnuna, Shu-Enlil, o *ensi* de Kish, (e) Puzur-Tutu, o *ensi* de Badzi-Abba, (cada um) ao seu lugar. Ishbi-Erra ficou à frente de suas tropas, tomou as margens do Tigre, do Eufrates, dos canais Nunme e Me-Enlil; e Idil-Malgi entrou . . . (Quando) Girbubu, o *ensi* de Girkal, resistiu, ele (Ishbi-Erra) cortou . . . (e) o agarrou. Seu terror pesa sobre mim; Ele pôs os olhos em mim. Que meu rei saiba que não tenho aliado, ninguém para caminhar ao meu lado; e (que) desde que seu . . . me alcançou, eu caminho sozinho.

6. CARTA DE IBBI-SIN PARA PUZUR-NUMUSHDA

Fale a Puzur-Numushda, governador de Kazallu; assim diz seu rei, Ibbi-Sin:

Visto que selecionei para você . . . tropas (e) as coloquei à sua disposição como governador de Kazallu, não são, como no meu caso, suas tropas a sua fama? Por que me enviou assim: "Ishbi-Erra está de olho em mim, e (somente) depois que ele me deixar eu virei". Como é que não sabia quando Ishbi-Erra retornaria à (sua) terra? Por que não marchou, juntamente com Girbubu, o governador de Girkal, com as tropas que haviam sido colocadas em suas mãos antes dele? Como é que demora a fazer recuar o . . . ? . . . Enlil enviou o mal sobre a Suméria. Seu inimigo descendo da terra . . . ele o elevou ao pastoreio da terra. Enlil entregou o reinado a um homem sem valor, a Ishbi-Erra, que não é de descendência suméria. Eis que, na assembleia dos deuses, a Suméria foi prostrada. Pai Enlil, cujos mandamentos são . . . , verdadeiramente ordenou assim: "Enquanto houver malfeitores em Ur, Ishbi-Erra, o homem de Mari, derrubará seus alicerces e medirá a Suméria." E (assim) quando você foi nomeado governador das diversas cidades, eles se voltaram para Ishbi-Erra de acordo com a palavra de Enlil. (Mesmo) depois que você, como um . . . . , entregou a cidade ao inimigo e se tornou um servo fiel, Ishbi-Erra não o conhece. Agora, traga sua (ajuda) para cá, a fim de restaurar a boa palavra e pôr fim à falsidade; deixe-os realizar . . . entre seu povo. Não se afaste; não vá contra mim. Sua mão não alcançará a cidade; o homem de Mari não exercerá domínio de acordo com (seu) plano inimigo. (Pois) agora Enlil incitou os Martu de sua terra; eles derrotarão os elamitas e capturarão Ishbi-Erra. Com a restauração da terra ao seu (antigo) lugar, (seu) poder se tornará conhecido em todas as terras. Isto é urgente, não . . .

APÊNDICE G

G. *DITILLAS* (Decisões Judiciais)

1. Sheshkalla, filho de Ur-Lamma, declarou: "Não sou escravo de Ur-Sahar-Bau." (Mas o fato era que) Ur-Lamma, pai de Sheshkalla, foi dado como escravo por Alla, o escriba, à casa de Ur-Sahar-Bau, filho de Namu, (em troca de) uma pensão (?) de cevada e lã. Além disso, Ludugga e Dudima juraram que Ur-Lamma gerou Sheshkalla, o escravo, na casa de Ur-Sahar-Bau. (Portanto) o escravo foi confirmado (como pertencente aos) herdeiros de Ur-Sahar-Bau.

Tiemahta — o *mashkim*

Lu-Shara — o juiz

2. Akalla, filho de Luninshubur, (e) Urshuanna foram testemunhas (do fato de que) Kaku, filho de Ninshubur, havia comprado 12 grandes mudas de tamareira de Lunanna, pai de Urabu, por 3 shekels de prata (como) seu preço integral. Urabu (no entanto) repudiou as testemunhas. (Em seguida) Kaku jurou (que havia realmente comprado as mudas do pai de Urabu, Lunanna). (Portanto) o jardim foi confirmado (como pertencente a) Kaku.

Tiemahta — o *mashkim*

Lu-Shara (e) Ur-Sataran — os juízes

3. Innashagga, esposa de Dudu, filho de Titi, comprou uma casa de $2\ {}^{5}/_{6}$ *sar* com seu próprio dinheiro. Enquanto Dudu viveu, Ur-Eninnu, filho de Dudu, teve posse de sua casa. Como Innashagga havia

comprado a casa, ele (Ur-Eninnu) fez com que a tabuleta (registrando) a compra da casa lhe fosse entregue por Innashagga. Innashagga jurou que comprou a casa com seu próprio dinheiro (e) não com a propriedade de Dudu.

Dudu havia dado Ninana, filho de Niza, o ourives, (como escravo) a Innashagga, sua esposa. Após a morte de Dudu, os herdeiros de Dudu, através de Arad-Nanna, o *ensi* (e) *sukkalmah*, reivindicaram o título (do escravo) dela. Urgula, filho do *sanga* de Ninshubur, Nammah, o *guzala* de Gizi, (e) Alul, o cantor, testemunharam que Dudu havia dado o escravo a Innashagga; (e) os herdeiros de Dudu confirmaram esse testemunho. Como (suas declarações) foram confirmadas pelas declarações dos herdeiros, as testemunhas não foram obrigadas a prestar juramento.

(Portanto) Ninana, filho de Niza, (e) a casa foram então confirmados (como pertencentes a) Innashagga, esposa de Dudu.

Geme-Tirash, Magina (e) Sag-Bautuku, filhas de Ninana, filho de Niza, foram libertadas por Innashagga, esposa de Dudu, perante os juízes. Os herdeiros de Dudu juraram em nome do rei que não mudariam a palavra de sua mãe.

Urbagara, filho de Ur- . . . — o *mashkim*

Lu-Shara, Ludingirra (e) Ur-Sataran — seus juízes

(ou seja, dos processos aqui registrados)

APÊNDICE H

H. CÓDIGO DE LEIS DE LIPIT-ISHTAR

PRÓLOGO

Quando o grande An, o pai dos deuses, (e) Enlil, o rei de todas as terras, o senhor que determina as ordenanças, deram . . a Ninisinna, filha de An, o . . . por sua . . . (e) a alegria . . . por sua testa brilhante; quando lhe deram o reinado da Suméria (e) da Acádia (e) um reinado favorável em sua (cidade de) Isin, o . . . estabelecido por An; quando An (e) Enlil chamou Lipit-Ishtar — Lipit-Ishtar, o sábio pastor, cujo nome foi pronunciado por Nunamnir — para o reinado da terra, a fim de estabelecer a justiça na terra, banir reclamações, fazer recuar a inimizade (e) a rebelião pela força das armas, (e) trazer bem-estar aos sumérios e acádios, então eu, Lipit-Ishtar, o humilde pastor de Nippur, o robusto fazendeiro de Ur, que não abandona Eridu, o senhor adequado de Erech, rei de Isin, rei da Suméria e da Acádia, que sou adequado ao coração de Inanna, estabeleci a justiça na Suméria e na Acádia de acordo com a palavra de Enlil. Em verdade, naquela época eu obtive . . . a liberdade dos filhos e filhas de Nippur, dos filhos e filhas de Ur, dos filhos e filhas de Isin, dos filhos e filhas da Suméria e da Acádia, sobre os quais . . . a escravidão . . . havia sido imposta. Em verdade, de acordo com . . . , eu fiz o pai sustentar seus filhos, (e) eu fiz os filhos apoiarem seu pai; eu fiz o pai ficar ao lado de seus filhos, (e) eu fiz os filhos ficarem ao lado de seu pai; na casa do pai (e) na casa do irmão, eu . . . . Em verdade, eu, Lipit-Ishtar, filho de Enlil, trouxe serenidade para a casa do pai (e) para a casa do irmão; para a casa do solteiro, eu trouxe . . . por dez meses . . . a esposa de um homem, . . . o filho de um homem . . . . .

AS LEIS

1. . . . que havia sido estabelecido . . . . .

2. . . . a propriedade da casa paterna de seu . . . . .

3. . . . o filho do funcionário do estado, o filho do funcionário do palácio, o filho do supervisor . . . . .

4. ... um barco . . . um barco ele deverá . . . . .

5. Se um homem alugou um barco (e) o colocou em uma . . . jornada para ele . . . . .

6. . . . o presente . . . ele deverá . . . . .

7. Se ele deu seu pomar a um jardineiro para cultivar . . . (e) o jardineiro . . . ao dono do jardim . . . . .

8. Se um homem cedeu terra nua a (outro) homem para plantar um pomar (e este último) não terminou de plantar essa terra nua como pomar, ele deverá dar ao homem que plantou a terra nua que ele negligenciou, como parte de sua partilha.

9. Se um homem entrou no pomar de (outro) homem (e) foi preso lá por furto, ele deverá pagar 10 shekels de prata.

10. Se um homem cortar uma árvore no jardim de (outro) homem, ele deverá pagar ½ mina de prata.

11. Se, adjacente à casa de um homem, a terra nua de outro homem tiver sido negligenciada e o dono da casa tiver dito ao dono da terra nua: “Porque a sua terra foi negligenciada, alguém pode invadir a minha casa; fortifique a sua casa”, (e) este acordo tiver sido confirmado por ele, o dono da terra nua deverá restituir ao dono da casa qualquer um dos seus bens que tenha perdido.

12. Se uma escrava ou um escravo de um homem tiver fugido para o centro da cidade (e) for confirmado que ele (ou ela) habitou na casa de outro homem por um mês, ele deverá pagar escravo por escravo.

13. Se não tiver escravo, deverá pagar 15 shekels de prata.

14. Se o escravo de um homem tiver compensado a escravidão ao seu senhor (e) for confirmado (que ele compensou) o seu senhor em dobro, esse escravo será libertado.

15. Se um *miqtum* for uma concessão do rei, ele não será levado embora.

16. Se um *miqtum* foi para um homem por sua própria vontade, esse homem não o reterá; ele (o *miqtum*) poderá ir para onde desejar.

17. Se um homem, sem autorização, obrigar outro homem a um assunto do qual ele (este último) não tinha conhecimento, esse homem não é confirmado; ele (o primeiro homem) deverá arcar com a penalidade referente ao assunto ao qual o vinculou.

18. Se o dono ou a dona de uma propriedade não pagar o imposto da propriedade (e) um estranho o tiver pago, durante três anos ele (o proprietário) não poderá ser despejado. (Posteriormente) o homem que pagou o imposto da propriedade possuirá essa propriedade, e o (antigo) dono da propriedade não poderá apresentar nenhuma reclamação.

19. Se o dono de uma propriedade . . . . .

20. Se um homem dentre os herdeiros se apoderar de . . . . .

21. [Se] . . . . a casa do pai . . . ele casou, a herança da casa de seu pai, que lhe foi apresentada a ela como herdeira, ele a receberá.

22. Se o pai estiver vivo, sua filha, seja ela *nindingir*, *lukur* ou hierodula, morará na casa como uma herdeira.

23. Se a filha estiver na casa de seu pai vivo . . . . .

24. Se a segunda esposa com quem ele se casou lhe deu filhos, o dote que ela trouxe da casa de seu pai pertence aos seus filhos; (mas) os filhos da (sua) primeira esposa e os filhos da (sua) segunda esposa dividirão igualmente os bens de seu pai.

25. Se um homem se casou com uma esposa (e) ela lhe deu filhos (e) esses filhos estão vivos, e uma escrava também deu filhos para seu senhor (mas) o pai concedeu liberdade à escrava e a seus filhos, os filhos da escrava não dividirão os bens com os filhos de seu (antigo) senhor.

26. Se a sua primeira esposa morrer (e) depois dela (morrer) ele tomar a sua escrava como esposa, os filhos da sua primeira esposa serão seus herdeiros; os filhos que a escrava deu à luz ao seu senhor serão como . . . , sua casa eles serão . . . . .

27. Se a esposa de um homem não lhe deu filhos, (mas) uma prostituta (da) praça pública lhe deu filhos, ele deverá fornecer cereais, óleo e roupas para essa prostituta; os filhos que a prostituta lhe deu serão seus herdeiros, e enquanto sua esposa viver, a prostituta não viverá na casa com sua esposa.

28. Se um homem se afastar de sua primeira esposa . . . (mas) ela não tiver saído de casa, e a esposa com quem ele se casou como sua favorita é uma segunda esposa; ele deverá continuar a sustentar sua primeira esposa.

29. Se um (futuro) genro tiver entrado na casa de seu sogro (e se) ele fez seu noivado (mas) depois o fizeram sair (de casa) e deram sua esposa ao seu companheiro, eles lhe apresentarão os presentes de noivado que ele trouxe (e) essa esposa não poderá se casar com seu companheiro.

30. Se um jovem se casar com uma prostituta (da) praça pública (e) os juízes o ordenarem que não a visite, (mas) depois ele se divorciar de sua esposa, dinheiro . . . . .

31. [Se] . . . . ele lhe tiver dado, após a morte de seu pai, os herdeiros dividirão a propriedade de seu pai, (mas) não dividirão a sucessão da propriedade; eles não “cozinharão a palavra de seu pai em água”.

32. Se o pai, enquanto vivo, tiver reservado um presente de noivado para seu filho mais velho (e) na presença do pai que ainda estava vivo, ele (o filho) se casou com uma esposa, após a (morte) do pai, o herdeiro . . . . .

33. Se for confirmado que . . . não dividiu a herança, ele pagará 10 shekels de prata.

34. Se um homem alugou um boi (e) machucou a carne na argola do nariz, ele pagará um terço do (seu) preço.

35. Se um homem alugou um boi (e) danificou seu olho, ele pagará metade do (seu) preço.

36. Se um homem alugou um boi (e) quebrou seu chifre, ele pagará um quarto do (seu) preço.

37. Se um homem alugou um boi (e) danificou sua cauda, ele pagará um quarto do (seu) preço.

38. [Se] . . . . ele pagará.

EPÍLOGO

Em verdade, de acordo com a verdadeira palavra de Utu, fiz com que a Suméria e a Acádia praticassem a verdadeira justiça. Em verdade, de acordo com o pronunciamento de Enlil, eu, Lipit-Ishtar, filho de Enlil, aboli a inimizade e a rebelião; tornei o choro, as lamentações e os clamores . . . tabu; fiz com que a retidão e a verdade existissem; trouxe bem-estar aos sumérios e aos acádios . . . .

Em verdade, quando estabeleci a riqueza da Suméria e da Acádia, ergui esta estela. Que aquele que não cometer qualquer ato maligno em relação a ela, que não danificar minha obra, que não apagar sua inscrição, que não escrever seu próprio nome nela — seja presenteado com a vida e o sopro de longos dias; que ele se eleve alto no Ekur; que a testa brilhante de Enlil o olhe de cima. (Por outro lado) aquele que cometer algum ato maligno em relação a ela, que danificar minha obra, que entrar no depósito (e) mudar seu pedestal, que apagar sua inscrição, que escrever seu próprio nome nela, (ou) que, por causa desta maldição, substituir alguém por si mesmo — esse homem, quer seja ele um . . . , ou seja ele um . . . , que ele tire dele . . (e) traga a ele . . . em seu . . . seu . . . quem quer que seja; que Ashnan e Sumugan, os senhores da abundância, tirem dele . . . seu . . . que ele abolir . . . . Que Utu, o juiz do céu e da terra . . . tire . . . seu . . . sua fundação . . . como . . . que ele seja contado; que a fundação de sua terra não seja firme; seu rei, quem quer que seja, que Ninurta, o poderoso herói, o filho de Enlil . . . .

APÊNDICE I

I. ALMANAQUE DO AGRICULTOR

Antigamente, um agricultor instruía seu filho (da seguinte forma):

Quando você estiver prestes a tomar posse do seu campo (para cultivo), observe atentamente a abertura dos diques, valas e montes (para que), quando você inundar o campo, a água não suba muito nele. Depois de esvaziá-lo, observe o solo encharcado do campo para que ele permaneça terreno fértil para você. Deixe que bois ferrados (isto é, bois cujos cascos são protegidos de uma forma ou de outra) o pisem para você; (e) depois que as ervas daninhas forem arrancadas (por eles) (e) o campo for nivelado, prepare-o uniformemente com machados estreitos pesando (não mais do que) dois terços de uma libra cada. (Em seguida) deixe que o portador da picareta arranque os cascos do boi para você (e) os alise; faça com que todas as fendas sejam trabalhadas com um arrasto e que ele passe a picareta por todas as quatro bordas do campo (linhas 1-12).

Enquanto o campo estiver secando, que sua (família) obediente prepare suas ferramentas, fixe a barra do jugo, pendure seus chicotes novos em pregos e que os cabos pendurados dos seus chicotes velhos sejam consertados pelos artesãos. Que o bronze . . . . suas ferramentas "atendam ao seu braço"; que o couro "amarre a cabeça", o aguilhão, o "abridor de bocas" (e) o chicote o sustentem (em assuntos que exijam disciplina e controle); que seu cesto *bandu* estale; (tudo isso) lhe trará uma grande renda (linhas 13-21).

Quando seu campo estiver abastecido com o necessário, mantenha um olhar atento sobre seu trabalho. Depois de adicionar um boi extra ao arado — quando um boi é atrelado a outro boi, o arado deles é maior do

que um arado (comum) — faça para eles . . . . um *bur*; eles farão para você um . . . . como uma tempestade, de modo que três *gur* de cevada serão plantados naquele *bur*. O sustento está no arado! (Assim) tendo trabalhado o campo com o arado *bardil* — (sim) o arado *bardil* — (e então) tendo-o trabalhado com o arado *shukin*, repita (o processo). (Depois) de tê-lo (o campo) gradeado (e) rastelado três vezes e pulverizado finamente com um martelo, deixe o cabo do seu chicote sustentá-lo; não tolere a ociosidade. Fique sobre eles (os trabalhadores do campo) durante o trabalho, (e) não tolere interrupções. Não [distraia] seus trabalhadores do campo. Como eles devem continuar de dia (e pelas) estrelas do céu por dez (dias), suas forças devem ser gastas no campo, (e) eles não devem dançar na sua presença (linhas 22-40).

Quando estiver prestes a arar seu campo, deixe seu arado quebrar o restolho para você. Deixe sua "tampa de boca" do arado . . . . , (e) deixe seu . . . . em um prego estreito. Deixe suas aivecas[57] se estenderem para o lado, prepare seus sulcos — em um *garush*, faça oito sulcos. Sulcos que foram cavados profundamente — sua cevada crescerá longa (versos 41-47).

Quando estiver prestes a arar seu campo, fique de olho no homem que coloca a semente de cevada. Deixe-o despejar o grão uniformemente a dois dedos de profundidade (e) use um shekel de cevada para cada *garush*. Se a semente de cevada não afundar corretamente, troque sua parte, a "língua do arado". Se o . . . . , (então) are sulcos diagonais onde você arou sulcos retos, (e) are sulcos retos onde você arou sulcos diagonais. Deixe seus sulcos retos fazerem suas bordas em bordas *tulu*; deixe os sulcos *lu* fazerem suas bordas retas; (e) are sulcos *ab* onde . . . . (Então) deixe todos seus torrões serem removidos; todos seus pontos altos serem transformados em sulcos; (e) todas suas depressões serem transformadas em sulcos baixos — (tudo isso) será bom para o broto (linhas 48-63).

Após o broto romper (a superfície) do solo, faça uma prece à deusa Ninkilim, (e) afaste os pássaros que voam. Quando a cevada preencher o fundo estreito do sulco, regue a semente de cima. Quando a cevada se erguer como (a palha de) uma esteira no meio de um barco,

regue-a (uma segunda vez). Regue (uma terceira vez) sua cevada real. Se a cevada regada ficar vermelha, o que você diz é: "Ela está doente com a doença *samana*". Mas se ela tiver conseguido produzir cevada rica em grãos, regue-a (uma quarta vez), (e) ela lhe renderá uma medida extra de cevada a cada dez (linhas 64-72).

Quando estiver prestes a ceifar seu campo, não deixe que a cevada se curve sobre si mesma, mas colhe-a no momento da sua plena força. Um ceifeiro, um homem que junta a cevada ceifada e um homem que [armazena os feixes] diante dele — estes três (como uma equipe) farão a colheita para você. Os respigadores não devem causar dano; eles não devem rasgar os feixes. Durante sua colheita diária, como em "dias de necessidade", faça com que a terra forneça o sustento dos jovens e dos respigadores de acordo com o seu número (isto é, presumivelmente, ele deve deixar os grãos caídos no chão para as crianças necessitadas e os respigadores colherem), (e) deixa-os dormir (no seu campo) como (no) pântano (aberto). (Se fizer isso), seu deus mostrará favor eterno. Depois de ter obtido . . . . , não . . . . , (mas) torre (um pouco da) cevada ceifada (para que) a "oração da cevada ceifada" seja dita para você diariamente (linhas 73-86).

Quando estiver prestes a joeirar a cevada, deixe que aqueles que pesam sua cevada [preparem] para você (silos de) trinta *gur*. Faça com que sua eira fique nivelada (e) coloque em ordem os silos de *gur* (prontos para) a estrada. Quando suas ferramentas estiverem [preparadas] para você (e) suas carroças em ordem para você, faça com que suas carroças subam os montes (de cevada) — sua "debulha nos montes" (deve levar) cinco dias. Quando estiver prestes a "abrir o monte", *asse* pão *arra*. Quando "abrir" a cevada, fixe os dentes dos seus trenós debulhadores com couro e deixe que o betume cubra os . . . . . Quando estiver prestes a atrelar os bois (ao trenó debulhador), deixe que seus homens que "abrem" a cevada fiquem por perto (dos seus — isto é, dos bois) com a comida (linhas 87-99).

Quando tiver amontoado a cevada, reze a "oração da cevada (ainda) impura". Quando joeirar a cevada, preste atenção aos homens que a levantam do chão — dois "levantadores de cevada" devem levantá-la para você. No dia em que a cevada for limpa, coloca-a sobre varas e

reze uma oração à tarde e à noite. (Então) faça com que a cevada seja "desprendida" (da palha) como (com) um vento impetuoso, (e) a cevada "desprendida" será armazenada para você (linhas 100-108).

(Estas são) as instruções de Ninurta, filho de Enlil. Ó Ninurta, fiel agricultor de Enlil, seu louvor é bom (linhas 109-11)!

BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

EM GERAL

Braidwood, Robert J. *The Near East and the Foundations of Civilization*. Eugene, Ore., 1952.

Chiera, Edward. *They Wrote on Clay*. 2d ed. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

Childe, Vere Gordon. *New Light on the Most Ancient Near East*. 4th ed. New York: Frederick Praeger, 1953.

Gadd, Cyril J. "The Cities of Babylonia" in *The Cambridge Ancient History* (rev. ed.; Cambridge: University Press, 1962), I, chap, xiii, 1-60.

Jacobsen, Thorkild. "Mesopotamia," in *The Intellectual Adventure of the Ancient Man*. By H. Frankfort *et al*. Chicago: University of Chicago Press, 1946.

Kramer, Samuel N. *From the Tablets of Sumer*. Indian Hills, Colo.: The Falcon's Wing Press, 1956. (Reprinted in 1959 as *History Begins at Sumer*. New York; Doubleday & Co., Inc.)

Pallis, S, A. *The Antiquity of Iraq*. Copenhagen: Einar Monksgaard, 1956. A rather capricious but not unuseful book which contains a comprehensive bibliography of the more important Sumerological publications up to 1954.

Pritchard, James B. (ed.). *Ancient Near Eastern Texts*. 2d ed. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1955.

Rowton, M. B. "Chronology: Ancient Western Asia," in *The Cambridge Ancient History* (rev. ed.; Cambridge: University Press, 1962), I, chap, vi, 23-69.

Saggs, H. W. F. *The Greatness That Was Babylon*. New York: Hawthorn Books, 1962.

I. ARQUEOLOGIA E DECIFRAÇÃO

Fossey, Charles. *Manuel d'Assyriologie*. Vol. I. Paris: Leroux, 1904.

Parrot, André. *Archéologie mésopotamienne*. Vols. I (1946) and II (1953). Paris: Albin Michel.

—— *Tello. Vingt campagnes de fouilles* (1877-1933). Paris: Albin Michel, 1948.

II. HISTÓRIA

Edzard, Dietz Otto. Die *"Zweite Zwischenzeit" Babyloniens*. Wiesbaden: Otto Harrossowitz, 1957.

—— "Enmebaragesi von Kis," in *Zeitschrift für Assyriologie*, LIII (1959), 9-26.

Jacobsen, Thorkild. *The Sumerian King List*. Chicago: University of Chicago Press, 1939.

—— "Early Political Development in Mesopotamia," in *Zeitschrifb für Assyriologie*, LII (1957), 91-140.

Kramer, Samuel N. "A 'Fulbright' in Turkey," *University Museum Bulletin*, XVII/2 (1952).

Kraus, F. R. "Zur Liste der aelteren Koenige von Babylonien," in *Zeitschrift für Assyriologie*, L (1952), 29-60.

—— "Nippur und Isin nach altbabylonischen Rechtsurkunden," in *Journal for Cuneiform Studies*, HI (1951).

Lambert, Maurice. "La période présargonique. Essai d'une histoire sumérienne," in *Sumer*, VIII (1952), 57-77, 198-216.

Landsberger, Benno. "Die Anfaenge der Zivilisation in Mesopotamien," in *Journal of the Faculty of Languages, History, and Geography of the University of Ankara*, II (1944), 431-57.

Sollberger, Edmond. "Sur la chronologie des rois d'Ur," in *Archiv für Orientforschung*, XVII (1955), 10-48.

Speiser, E. A. *Mesopotamian Origins*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1930.

Woolley, C. Leonard. *Excavations at Ur*. London: Ernest Benn, Ltd., 1954.

—— *The Sumerians*. Oxford: Clarendon Press, 1929.

III. SOCIEDADE

Diakonoff, N. M. *Sumer: Society and State in Ancient Mesopotamia*. Moscow: Academy of Sciences, U.S.S.R., 1959. In Russian with English résumé.

Falkenstein, Adam. *Die neusumerische Gerichtsurkunden*, Vols. I-III. Munich: Verlag der Bayerischen Akademie der Wissenschaften, 1956-57.

—— "La cité-temple sumérienne," in *Journal of World History*, I (1954), 784-814.

Forbes, R. J. *Metallurgy in Antiquity*. Leiden: Brill, 1950.

—— *Studies in Ancient Technology*, 6 vols. Leiden: Brill, 1955-58.

Frankfort, Henri. *The Art and Architecture in the Ancient Orient*. Baltimore: Penguin Books, Inc., 1955.

Hallo, William W. *Early Mesopotamian Royal Titles*. New Haven: American Oriental Society, 1957.

Lenzen, H. *Die Sumerer*. Berlin: Gebr. Mann, 1948.

Lloyd, Seton. *The Art of the Ancient Near East*. New York: Frederick Praeger, 1961.

Neugebauer, O. *The Exact Sciences in Antiquity*. 2d ed. Providence, R.I.: Brown University Press, 1957.

Neugebauer, O., and Sachs, A. *Mathematical Cuneiform Texts*. New Haven, Conn.: American Oriental Society and the American Schools for Oriental Research, 1945.

Oppenheim, A. L., and Hartman, Louis F. *On Beer and Brewing Techniques in Ancient Mesopotamia*. (Supplement No. 10 to the *Journal of the American Oriental Society*, December, 1950.)

Parrot, André. *Sumer*. New York: Golden Press, 1961.

Steele, Francis R. *The Code of Lipit-Ishtar*. Philadelphia: University Museum, 1949.

Woolley, C. Leonard. *The Art of the Middle East*. New York: Crown Publishers, 1961.

IV. RELIGIÃO

Dhorme, E. *Les religions de Bahylonie et Assyrie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1945.

Falkenstein, Adam, and Soden, W. von. *Sumerische und akkadische Hymnen und Gebete*. Zurich: Artemis Verlag, 1953.

Gadd, Cyril J. *Ideas of Divine Rule in the Ancient Near East*. London: Oxford University Press, 1948.

Jean, Ch.-F. *La religion sumérienne*. Paris: Paul Geuthner, 1931.

Labat, René. *Le caractère religieux de la royauté assyro-babylonienne*. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1939.

Moortgat, A. *Tammuz*. Berlin: W. de Gruyter, 1949.

Sjoberg, Ake. *Der Mondgott Nanna-Suen*. Vol. I. Stockholm: Almquist and Wiksell, 1960.

V. LITERATURA

Falkenstein, Adam. *Sumerische Goetterlieder*. Vol. I. Heidelberg: Carl Winter, 1959.

Gordon, Edmund I. *Sumerian Proverbs*. Philadelphia: University Museum, 1960.

Kramer, Samuel N. *Sumerian Mythology*. New York: Harper & Bros., 1961.

Van Dijk, J. J. A. *La sagesse suméro-accadienne*. Leiden: Brill, 1953.

VI. EDUCAÇÃO

Falkenstein, Adam. "*Der Sohn des 'Tafelhauses'*," in Die Welt des Orients, III (1948), 172-86.

Gadd, Cyril J. *Teachers and Students in the Oldest Schools*. London: School of Oriental and African Studies, University of London, 1956.

Kramer, Samuel N. *Schooldays*. Philadelphia: University Museum, 1949.

Landsberger, B. *Die Fauna des alten Mesopotamiens*. Leipzig: S. Hirgel, 1934.

VII. CARÁTER

Kramer, Samuel N. "Love, Hate and Fear; Psychological Aspects of Sumerian Culture," in *Eretz-Israel*, V (1958), 66-74.

—— "Rivalry and Superiority: Two Dominant Features of the Sumerian Cultural Pattern," in *Selected Papers of the Proceedings of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences* (1956), 287-91.

VIII. LEGADO DA SUMÉRIA

Baltrushaitis, M. *Art sumérien, art roman*. 1934.

Kramer, Samuel N. "Sumerian Literature and the Bible," in *Analecta Biblica*, XII (1959), 185-204.

SOBRE O AUTOR

Dr. Samuel Noah Kramer (1897 – 1990), nascido *Simcha Kramer* em Zhashkiv, na governadoria de Kiev, no Império Russo, migrou para os Estados Unidos em 1906. Recebeu seu Ph.D. pela Universidade da Pensilvânia em 1929. Foi um historiador, filólogo e assiriólogo, particularmente renomado como especialista na língua e história da Suméria, pois sua pesquisa e as extensas viagens em busca de textos literários sumérios foram fundamentais na reconstrução da literatura suméria. Foi Professor Emérito de Assiriologia da Cátedra Clark Research na Universidade da Pensilvânia, onde também foi Curador Emérito das Coleções de Tabuletas. O Dr. Kramer é frequentemente creditado pela criação da literatura cuneiforme suméria como campo acadêmico, na qual escreveu vários livros para o público acadêmico e popular. Foi membro da Sociedade Oriental Americana, do Instituto Arqueológico da América, da Sociedade de Literatura Bíblica e da Sociedade Filosófica Americana, que lhe concedeu o Prêmio John Frederick Lewis.

Notas

[←1]

Posteriormente reeditado e ampliado, ver: Kramer, Samuel Noah – *History Begins at Sumer: Thirty-Nine Firsts in Recorded History*. Third Revised Edition. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1981. (N.T.)

[←2]

O “Museu Universitário da Universidade da Filadélfia”, local onde o autor foi Curador da Coleção das Tabuletas desta instituição, é citado algumas vezes ao longo do livro de forma abreviada como “Museu da Universidade”. (N.T.)

[←3]

Fonte: https://isac.uchicago.edu/research/computer-laboratory/ancient-near-east-site-maps, acesso em: 14/04/25. (N.T.)

[←4]

Detalhe retirado do mapa representando a civilização suméria de 4300 a 2335 a.C. (Fonte: https://www.worldhistory.org/image/15299/sumerian-civilization-c-4300---2335-bce/, acesso em: 14/04/25.) (N.T.)

[←5]

Na Wikipedia o tamanho de Massachusetts é indicado como aproximadamente 27.340 km^2, e o estado de Alagoas no Brasil é indicado como 27.850 km^2, portanto a área da Suméria na verdade seria um pouco menor que estes estados. (N.T.)

[←6]

Ver o Capítulo VIII para uma descrição das primeiras tabuletas pictográficas de Erech.

[←7]

Para uma das mais importantes, a chamada Lista de Reis Sumérios, ver o Apêndice E.

[←8]

Para uma tradução da Lista de Reis, ver o Apêndice E.

[←9]

Para traduções de cinco dessas cartas, ver o Apêndice F.

[←10]

Para detalhes completos, ver mais a frente neste capítulo.

[←11]

Gutianos (ou Gútios): Um povo bárbaro das montanhas a leste que dominou a Suméria no final do segundo milênio a.C. (N.T.)

[←12]

Para uma tradução deste poema, ver o Apêndice C.

[←13]

Para uma tradução do poema, ver o Capítulo V.

[←14]

Para uma tradução deste documento, ver o Apêndice C.

[←15]

Geographical Journal, CXVIII, 24-30.

[←16]

Dil ve Tarih-Cografya Dergisi, 1/5, II/3, III, 2 (1943-45).

[←17]

Ver D. O. Edzard in *Zeitschrift für Assyriologie*, LIII (1959), 9-26.

[←18]

Para relatos dessa luta, ver o conto épico “Gilgamesh e Agga” no Capítulo V.

[←19]

"Publications of the Babylonian Section of the University Museum of the University of Pennsylvania." Vol. IV, No. 1.

[←20]

Nas traduções citadas ao longo deste livro, dois pontos representam a omissão de uma palavra, três pontos para a omissão de duas palavras, quatro pontos para a omissão de três ou mais palavras. Os colchetes incluem restaurações duvidosas; os parênteses incluem palavras úteis para o significado, mas não estão no texto original. As palavras sumérias são colocadas em itálico. Quando nenhum significado é dado, ele é desconhecido.

[←21]

Nome Sumério para a terra de Subartu (em acádio: *Šubartum/Subartum/ina Šú-ba-ri*; em assírio: *mât Šubarri*) ou Subar (em sumério: *Su-bir$_4$/Subar/Šubur*). Foi uma pequena cidade-estado na Alta Mesopotâmia, ao longo do rio Tigre, fundada na Idade do Cobre. (Fonte: Wikipedia, acesso em: 28/02/25) (N.T.)

[←22]

Três inscrições selecionadas podem ser encontradas no Apêndice C.

[←23]

Para a localização de Dilmun, ver o Capítulo VIII.

[←24]

Para a tradução do documento contendo essas informações, ver o Apêndice C.

[←25]

Para uma tradução do documento, ver o Apêndice F.

[←26]

Para uma tradução do documento completo, ver o Apêndice C.

[←27]

Para uma tradução completa da inscrição, ver o Apêndice C.

[←28]

Para a identificação dessas terras, ver o Capítulo VIII.

[←29]

Para uma tradução deste documento, ver o Apêndice C.

[←30]

Ver o Capítulo IV.

[←31]

Edmond Sollberger, "*Sur la Chronologie des Rois d'Ur*," Archiv für Orientforschung, XVII, 17-18.

[←32]

Journal for Cuneiform Studies, VII, 41.

[←33]

Para detalhes adicionais sobre a arquitetura do templo, ver o Capítulo IV.

[←34]

Diakanoff, *Sumer: Society and State in Ancient Mesopotamia* (Moscow, 1959; em Russo com resumo em Inglês).

[←35]

O leitor encontrará uma tradução completa e cuidadosamente revisada de todas as três versões, baseada em grande parte, mas não totalmente, em um dos manuscritos ainda não publicados de Arno Poebel, no Apêndice C.

[←36]

Para o texto completo do código Lipit-Ishtar, veja o Apêndice H.

[←37]

Journal of World History, IV (1957), 246-47.

[←38]

Revue d'Assyriologie, LIV (1960), 59-72. Ver Também *Ciba Journal*, No. 12, pp. 1-7.

[←39]

Ver, por exemplo, “O amor encontra um caminho”, no Capítulo VII.

[←40]

Trabalho de arte decorativa executado no avesso de metal, couro ou outro material maleável, com efeito de relevo na parte externa; repuxado. (Fonte: dicionário Michaelis, https://michaelis.uol.com.br, acesso em: 04/03/25). (N.T.)

[←41]

Pó grosso que se obtém pela trituração das folhas, flores e cascas de uma planta arbustiva de grande porte (*Rhus coriaria*), da família das anacardiáceas, usado em curtume, tinturaria e na indústria farmacêutica. (Fonte: dicionário Michaelis, https://michaelis.uol.com.br, acesso em: 04/03/25). (N.T.)

[←42]

Jumento (*Equus onager*), da família dos equídeos, que vive em estado selvagem nos desertos asiáticos. (Fonte: dicionário Michaelis, https://michaelis.uol.com.br, acesso em: 04/03/25). (N.T.)

[←43]

Levítico 19: 9-10: Quando também fizerdes a colheita da vossa terra, o canto do teu campo não segarás totalmente, nem as espigas caídas colherás da tua sega. Semelhantemente não rabiscarás a tua vinha, nem colherás os bagos caídos da tua vinha; deixá-los-ás ao pobre e ao estrangeiro. Eu sou o Senhor vosso Deus.
Rute 2:3: E Rute, a moabita, disse a Noemi: Deixa-me ir ao campo, e apanharei espigas atrás daquele em cujos olhos eu achar graça. E ela disse: Vai, minha filha. Foi, pois, e chegou, e apanhava espigas no campo após os segadores; e caiu-lhe em sorte uma parte do campo de Boaz, que era da família de Elimeleque. (Fonte: https://www.bibliaonline.com.br, acesso em: 21/04/25). (N.T.)

[←44]

Não atarás a boca ao boi, quando trilhar. (Fonte: https://www.bibliaonline.com.br, acesso em: 21/04/25). (N.T.)

[←45]

Uma variedade de trigo, *Triticum dicoccum*, cultivada nas regiões montanhosas da Europa como cereal e para alimentação animal: acredita-se que seja um ancestral de muitas outras variedades de trigo. (Fonte: dicionário Collins, https://www.collinsdictionary.com/pt, acesso em: 04/03/25). (N.T.)

[←46]

Carneiro selvagem (*Ovis musimon*) da família dos ovídeos, dotado de cornos recurvados e grossos na base. (Fonte: dicionário Michaelis, https://michaelis.uol.com.br, acesso em: 04/03/25). (N.T.)

[←47]

On Beer and Brewing Techniques in Ancient Mesopotamia. Supplement No. 10 to the Journal of the American Oriental Society (1950).

[←48]

A palavra no original é “snake”, ou seja, cobra, mas isto não faz sentido, pois cobras não tem membros, assim, uma descrição melhor seria lagarto. (N.T.)

[←49]

Jacobsen and Kramer, “The Myth of Inanna and Bilulu,” *Journal of Near Eastern Studies*, XII, 165-66; Leo Oppenheim, “The Interpretation of Dreams in the Ancient Near East,” *Transactions of the American Philosophical Society*, 1956, p. 246.

[←50]

Artigo selecionado do “Fifth International Congress of Anthropological and Ethnological Sciences” (1960), pp. 287-91.

[←51]

Eretz-Israel, V (1958), 66-74.

[←52]

Os textos sumérios, bem como referências detalhadas, podem ser encontrados em meu “Magan and Meluhha according to the Sumerian Literary Texts”, preparado para o Huitieme Rencontre Assyriologique.

[←53]

Para uma discussão sobre esta cultura, veja *Early India and Pakistan* (1959), de Sir Mortimer Wheeler.

[←54]

Isaías 2:2: “E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações”. (Fonte: https://www.bibliaonline.com.br/acf/is/2/2, acesso em: 09/04/25).

[←55]

A conjunção “e” deveria, portanto, estar regularmente entre parênteses, mas as traduções ao longo do livro não foram coerentes a esse respeito.

[←56]

Nesta quebra espera-se uma descrição de algum ato ritual de Eannatum, correspondendo, por exemplo, ao envio de pombas como em algumas das passagens semelhantes anteriores.

[←57]

Peça que sustenta a relha do arado e serve para levantar a terra e alargar o sulco, quando se lavra. (fonte: https://michaelis.uol.com.br, acesso em: 14/04/25). (N.T.)